PAULO AFRANIO SANT'ANNA

**AS IMAGENS NO CONTEXTO CLÍNICO DE ABORDAGEM
JUNGUIANA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE TEORIA E
PRÁTICA**

*Tese apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade
de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do
título de Doutor em Psicologia*

**São Paulo
2001**

PAULO AFRANIO SANT'ANNA

**AS IMAGENS NO CONTEXTO CLÍNICO DE ABORDAGEM
JUNGUIANA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE TEORIA E
PRÁTICA**

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo como parte
dos requisitos para obtenção do
grau de Doutor em Psicologia*

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof. Dra. Therezinha Moreira Leite

São Paulo

2001

**AS IMAGENS NO CONTEXTO CLÍNICO DE ABORDAGEM
JUNGUIANA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE TEORIA E
PRÁTICA**

PAULO AFRANIO SANT'ANNA

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: ____/____/____

Ao Luiz Otávio.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Therezinha Moreira Leite pela orientação segura que me guiou no desenvolvimento desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Walter José Martins Migliorini e Prof. Dra. Vera Paiva pelas valiosas sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação.

À Jette e Leon Bonaventure, que tão sabiamente souberam despertar as minhas imagens, pela sua participação constante nesse trabalho.

À Denise Gimenez Ramos, Maria Ruth Gonçalves Pereira, Marion Rauscher Gallbach e Joya Eliezer, “cumplices” de imagens, pela generosidade com que compartilharam de suas experiências e reflexões tornando possível esse trabalho.

Ao Professor e amigo Geraldo A Andreasi Fantin pela esmerada revisão do texto.

À Prof. Dra. Cleusa Kazue Sakamoto, pelo apoio e auxílio na estruturação da metodologia.

Aos professores e alunos da Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie pelo apoio constante e pela oportunidade de discussão de muitas das idéias constantes neste trabalho.

À CAPS pelo período de apoio financeiro.

E finalmente a todos colegas e amigos que colaboraram direta ou indiretamente com este trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
ABSTRACT.....	ii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 A IMAGEM NA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	10
2.1 A questão da imagem para a psicologia	10
2.2 A questão da imagem em Jung.....	21
2.2.1 A formação da imagem.....	21
2.2.2 A imagem como recurso terapêutico.....	32
2.2.2.1 O processo psicoterápico.....	32
2.2.2.2 Trabalho com sonhos.....	38
2.2.2.3 Imaginação ativa.....	46
2.2.3 Amplificação: o método junguiano de interpretação.....	53
2.2.4 Teoria psicológica: conceituação ou imaginação?.....	61
2.3 A imagem e os novos desenvolvimentos da psicologia analítica.....	70
2.3.1 Neumann e o modelo desenvolvimentista.....	72
2.3.1.1 A gênese da consciência.....	76
2.3.1.2 O problema da dissociação do instinto no homem moderno.....	88
2.3.2 Hillman e a psicologia arquetípica.....	93
2.3.2.1 Criando imagens no processo terapêutico.....	108

3	INTERLOCUÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	116
3.1	Entrevistas sobre imagens com psicoterapeutas de orientação junguiana: estratégias metodológicas.....	116
3.2	Introduzindo a interlocução: uma breve reflexão sobre o desenvolvimento da psicologia analítica no Brasil.....	123
3.3	Indicadores sobre o processo imagético resultantes da prática clínica e reflexiva dos entrevistados.....	130
3.4	Amplificando a discussão à luz dos indicadores.....	193
3.4.1	Primeira leitura.....	193
3.4.2	Síntese final.....	247
4	ANEXOS.....	266
A.	Roteiro de entrevista	266
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	268
6	APÊNDICES.....	273
	Apêndice 1:Transcrição das entrevistas.....	273
	Apêndice 2: Recorte das entrevistas por eixo temático.....	310

RESUMO

SANT'ANNA, Paulo Afranio. **As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana**: uma interlocução entre teoria e prática. São Paulo, 2001. 341p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Na psicologia analítica o desenvolvimento da discussão sobre a natureza da imagem, suas manifestações e aplicações clínicas manifesta-se, primeiramente, na reflexão teórica e, posteriormente, na identificação de práticas clínicas que refletem a operacionalização e a constante atualização desses postulados. Esse estudo busca identificar no exercício da psicoterapia de que modo diferentes profissionais dialogam com as questões teóricas e as transformam em práticas clínicas efetivas, validando, operacionalizando e enriquecendo as mesmas. Investigou-se a evolução da questão da imagem na psicologia analítica sob quatro aspectos: o desenvolvimento do conceito de imagem nas três principais vertentes da psicologia analítica – clássica, desenvolvimentista e arquetípica–; a operacionalização e a atualização dessa discussão na prática clínica de terapeutas junguianos; a formação do psicoterapeuta e a capacitação para o trabalho clínico com imagens; e a viabilidade de uma psicologia pautada por imagens. Mediante a discussão teórica identificou-se questões que, agrupadas em seis eixos temáticos, serviram como base para a interlocução com psicoterapeutas de orientação junguiana. Realizaram-se seis entrevistas que foram analisadas qualitativamente. Os resultados indicam que a questão da imagem vem sendo atualizada e ampliada. Destacaram-se, entre outros, os aspectos funcionais da imagem e seu potencial clínico, a tendência da abordagem imagética não interpretativa da imagem, as peculiaridades e dificuldades do processo de formação do psicoterapeuta e a possibilidade de metaforização da reflexão em psicologia.

ABSTRACT

SANT'ANNA, PAULO AFRANIO. **Images in the junguian clinical context:** an interlocution between theory and practice. São Paulo, 2001, 341p. PhD Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

The development of the discussion about the nature of image in Analytical Psychology, its manifestations and its clinical applications manifest firstly in theoretical reflection and subsequently in the identification of clinical practices that reflect the execution and the constant updating of these principles. This present study aims to identify in psychotherapy how different professionals interchange ideas with theoretical issues and transform them into effective clinical practices, validating, executing and enriching them. The evolution of image in Analytical Psychology has been categorized under four aspects: the development of the concept of image in the three main schools of Analytical Psychology – Classical, Developmental and Archetypal, the execution and the updating of this discussion obtained at clinical practices of Jungian therapists, the professional development of psychotherapists and their training for clinical work using images and the viability of a psychology based on images. Through theoretical discussion, some issues have been identified and grouped into six thematic axis which have served as basis for the interlocution with Jungian psychotherapists. Six interviews have been conducted and analyzed qualitatively. The results show that the image issue has been updated and amplified. Functional aspects of image and its clinical potential, the tendency of a non-interpretative imagetic approach, the peculiarities and difficulties found in the psychotherapists' development process and the possibility of building metaphors for reflection in psychology among others have been highlighted in this study.

No começo, o Mundo deu origem ao Pai.
 Um fantasma, nada mais existia no começo;
 O Pai tocou uma ilusão e compreendeu algo misterioso:
 Nada existia.
 Através da ação de um sonho nosso Pai Nai-um-ena
 (aquele que é ou teve um sonho) manteve a miragem de seu
 corpo.
 Ele ponderou longamente e pensou profundo.
 Nada existia,
 Nem um graveto para manter a visão.
 Nosso Pai atou a visão ao fio de um sonho e o manteve pela
 ajuda de sua respiração.
 Ele parecia ter alcançado o fundamento de uma aparência,
 Mas nada havia,
 Nada existia.
 Então o Pai investigou de novo o fundo do mistério.
 Ele amarrou a ilusão vazia ao fio do sonho e espremeu a
 substância mágica sobre ela.
 Então pela ajuda de seu sonho ele a sustentou como um fio
 de algodão cru.
 Então ele segurou o fundo da miragem e pisou sobre ela
 repetidamente, sentando finalmente em sua terra sonhada.

Mito da Criação. Tribo Uitoto, Colômbia.

1. Introdução

A discussão sobre a natureza da imagem, suas manifestações e aplicações clínicas tem ocupado consideravelmente a reflexão da psicologia analítica. De Jung e da primeira geração de analistas junguianos aos mais contemporâneos teóricos da psicologia analítica, essa questão vem sendo discutida, ampliada e enriquecida. Às premissas estabelecidas por Jung, acrescentaram-se valiosas contribuições, que vêm comprovando o potencial terapêutico e criativo da atividade imagética.

À psicologia analítica, não interessa a imagem do ponto de vista do ego, como produzi-la, controlada e direcionada do ponto de vista egóico, como usá-la para propósitos definidos, como despotencializá-la, controlá-la ou modificá-la mediante uma interpretação racional; menos ainda interessa o caráter estético dela. À psicologia analítica interessa sim entender a imagem do ponto de vista fenomenológico e psicodinâmico e da função compensatória da psique. A imagem é um fenômeno espontâneo, que se dá **entre** as duas polaridades básicas da psique, consciente e inconsciente, razão pela qual não pode ser reduzido nem a um, nem a outro.

Para Jung, a formação de imagens ocorre no seio da constelação ou da ativação de fatores interiores que, em conjunção com fatores exteriores registrados pela percepção, recebem forma e sentido. Aqueles, antes denominados “imagens primordiais” e, depois, “arquétipos”, são a própria essência da psique e têm um caráter funcional, na medida em que possibilitam a contínua transformação da libido, da esfera psicóide – impulso – para a esfera psíquica – imagem. A realização e assimilação do impulso acontece

(...) não pela imersão no domínio do impulso, mas só pela assimilação da imagem, que se apresenta e evoca, simultaneamente, o impulso, numa forma todavia inteiramente diversa daquela em que encontramos no nível biológico... [O impulso] apresenta dois aspectos, por um lado: é vivenciado como dinâmica fisiológica e, por outro, as suas múltiplas formas entram como imagens e encadeamentos de imagens no consciente e desenvolvem efeitos numinosos, que estão na mais estrita oposição ao impulso fisiológico ou parecem estar (...) O arquétipo, como imagem do impulso, é, do ponto de vista fisiológico, um objetivo espiritual para o qual o homem é impelido pela natureza (Jung apud Jacobi, 1986, p.42).

A psicologia analítica clássica concentra-se na observação e no estudo das imagens oníricas e na relação direta delas com os complexos inconscientes mediante a técnica de imaginação ativa. Sem se ater muito às causas das imagens, prefere uma perspectiva finalista, procurando identificar nelas potencialidades que podem ser desenvolvidas. Além de no contexto psíquico individual, busca nas imagens análogas

das religiões, da mitologia, do folclore e da psicologia dos primitivos símbolos, mediante os quais possa estabelecer paralelos e fazer comparações elucidativas¹.

Pesquisas posteriores da psicologia analítica enfatizam outros aspectos da vida psíquica que determinam um enfoque diferente sobre o material imagético. Para Samuels (1989), a corrente desenvolvimentista enfatiza o processo de desenvolvimento da personalidade e da consciência, e as imagens são entendidas sob a ótica da história do indivíduo; de que modo a natureza transpessoal ou arquetípica do processo de desenvolvimento psíquico se atualiza no processo de desenvolvimento do indivíduo.

A atividade imagética está relacionada ao movimento compensatório e manifesta diferentes qualidades ao longo das etapas de maturação psíquica reguladas pela “centroversão” (Neumann, 1995). A ativação da esfera arquetípica pela regressão da libido é vista como uma “regressão criativa”, mediante a qual se pode restabelecer uma conexão criativa com o *self* e seu potencial curativo.

A psicologia arquetípica, por sua vez, vê nas imagens a matéria-prima da psique e parece caminhar cada vez mais no sentido da construção de uma “psicologia de imagens”.

(...) viver psicologicamente significa imaginar coisas (...) Estar na alma é experimentar a fantasia em todas as realidades e a realidade básica da fantasia (...) No princípio, há imagem: primeiro a imaginação e depois a percepção; primeiro a fantasia, depois a realidade (...) O homem é, basicamente um criador de imagens, e nossa substância psíquica consiste de imagens, e nossa existência é imaginação. Somos de fato, de igual matéria da qual os sonhos são feitos (Hillman apud Avens, 1993, p.49)

Para essa corrente, questiona-se e substitui-se a tendência da psicologia analítica clássica de favorecer a transferência de grande parte da libido para o campo espiritual mediante a simbolização das experiências, por uma tentativa de retorno à concretude da alma, mediante uma atitude que favoreça a evocação, a criação, o cultivo e a

¹ “É absolutamente necessário prover essas imagens fantásticas que surgem tão estranhas e ameaçadoras na mente, com algum tipo de contexto de modo a torná-las mais inteligíveis. A experiência mostrou que o melhor modo de fazê-lo é por intermédio de material mitológico comparativo” (Jung, 1994, p.43, @38).

observação de imagens, com o objetivo de “criar”, “alimentar” e libertar a alma do cativeiro do pensamento racional (Stein, 1978). Em vez de uma atitude reflexiva, segundo a qual predominam a compreensão racional e a organização lógica das vivências e situações psíquicas, propõe-se uma atitude imaginativa, segundo a qual é possível ter acesso e ativar a base instintiva da psique. Ao observar o fluxo das imagens, observa-se também o desenvolvimento da vida psíquica, seus direcionamentos e necessidades, o que possibilita uma relação consciente com esse processo bem como a cura da cisão consciente/inconsciente, instinto /razão.

Em outras palavras, é preciso recuperar de certo modo a consciência mítica, que não visa interpretar conceitualmente a experiência, mas, sem perder a unidade da história do sujeito, recordar o sentido originário dela, que se multiplica e se diferencia . Transposto o mito para o conceito, que interpreta as palavras míticas como signos, sempre há perda; perde-se o tempo originário do mito, consequentemente, o seu sentido.

Em menor ou maior grau, parece consenso entre as diferentes correntes da psicologia analítica a necessidade de substituir a interpretação, que traduz, decodifica e atribui significados fixos, pela fluência própria da psique em sua natureza paradoxal. Em virtude desse caráter paradoxal, o desafio consiste em estabelecer um diálogo efetivo entre o ego e o inconsciente, que consiste na necessidade de fazer com que o ego aprenda a vivenciar e a se expressar por meio de paradoxos sem reduzi-los a conceitos e explicações. A consciência tem de sofrer uma certa desliteralização em favor de uma abordagem mítica ou poética. “O tratamento poético e sensível das imagens nutre a intuição, que se relaciona mais diretamente com a emoção e com as reações do comportamento do que a interpretação racional. Como benefício adicional, as imagens permanecem intactas” (Moore, 1993, p.148-149).

O desenvolvimento da discussão sobre a questão da imagem manifesta-se, primeiramente, na reflexão teórica que a psicologia analítica vem realizando desde sua fundação até a atualidade e, posteriormente, na identificação de práticas clínicas que refletem a operacionalização e a constante atualização desses postulados. É importante identificar, portanto, na prática analítica de que modo diferentes profissionais dialogam com as questões teóricas e as transformam em práticas

clínicas efetivas. Como o conceito é validado, operacionalizado, enriquecido ou mesmo transformado na relação terapêutica.

Apesar da importância da questão da imagem e suas aplicações clínicas, a formação do psicólogo não lhe oferece oportunidades para que ele desenvolva habilidades para trabalhar com imagens. O currículo do curso de psicologia prioriza a formação teórica, generalista e tecnicista (Rocha Jr, 1996). Procura-se desenvolver uma relação objetivada e distanciada com a psique e um tipo de entendimento pautado pela interpretação psicológica dos fatos segundo um modelo causal e positivista. Não há espaço para uma “reflexão imagética”, à luz da qual se desenvolva a habilidade de criar, contrastar, amplificar, relacionar, transformar e sobrepor imagens como forma de cultivar a alma.

Os alunos de psicologia são treinados a aplicar técnicas e a relacionar seus resultados de forma redutiva às teorias psicológicas. Se bem em certas áreas de atuação do psicólogo isso não constitua um problema, na prática clínica, cujo instrumento de atuação é a psique, a falta de formação e habilidade para trabalhar com imagens constitui um sério obstáculo para a realização de seus objetivos.

Um terapeuta incapaz de criar imagens perde o contato com a realidade psíquica do paciente, uma vez que a individualidade que se revela ao longo do processo psicoterápico exige dele sobretudo criatividade mais do que teorias e técnicas. De fato, durante o período de formação, não são desenvolvidas as habilidades necessárias a um terapeuta para que ele use a teoria de forma plástica e fluida de modo que ela se insira no contexto do indivíduo.

Por isso é relevante levar em consideração essa questão no processo de formação dos psicoterapeutas seja qual for sua abordagem. A título de sugestão, alunos de psicologia deveriam ter acesso a linguagens não-verbais – expressões plásticas, música, dança – ou a formas poéticas e míticas da linguagem por intermédio das disciplinas de história e estética da arte, mitologia, contos de fadas, poesia, expressão corporal, estudo comparado das religiões, estudo dos sonhos, recursos imaginativos, entre outras.

A nosso ver, a formação e a prática do psicólogo clínico suscitam questões sobre a imagem que mereceriam uma investigação mais profunda:

- Qual a verdadeira importância da “linguagem imagética” para a prática clínica?

- Como a linguagem imagética vem sendo entendida e aplicada ao longo do desenvolvimento da psicologia?
- Quais as relações e as diferenças entre as visões estético-filosófica e psicológica das imagens?
- Como se dá o processo de aprendizado dos psicoterapeutas sobre a linguagem imagética?
- De que forma as imagens podem contribuir para o processo de diagnóstico e prognóstico?
- Qual a relação entre o discurso imagético de contar histórias, próprio da tradição oral, e o discurso do paciente ao construir a própria história?
- Ao longo do processo psicoterápico, nasce um “personagem” da história do paciente e da relação terapêutica, que, no entanto, não corresponde à totalidade da personalidade do sujeito. De que forma a imagem que o terapeuta constrói do cliente interfere e/ou contribui para melhor entendê-lo?
- De que modo as reações contratransferenciais podem se apresentar por meio de imagens ou fantasias?
- Como as imagens corporais – doenças, postura, sensações, biotipo, etc. – podem ser integradas na elaboração psicoterápica?
- Como o método de amplificação das imagens pode contribuir para o desenvolvimento de uma consciência imagética? E que contribuições ele pode dar para outros campos do saber?
- De que forma a linguagem imagética pode ser um instrumento importante e eficaz para trabalhar com pessoas pouco capazes de elaboração verbal – crianças, deficientes mentais ou físicos, pessoas com baixa escolaridade ou habilidade verbal muito reduzida? Que repercussões essa linguagem pode ter para a realidade social brasileira, uma vez que grande parte da população sequer priva de um mínimo grau de escolaridade?
- Até que ponto o fluxo das imagens configura um discurso que dispensa qualquer tipo de interpretação?

Essas questões constituem um amplo campo de pesquisa, se bem ultrapassem os limites de um único estudo. O objetivo deste estudo é averiguar a evolução da questão da imagem na psicologia analítica sob quatro aspectos:

- refletir sobre o desenvolvimento do conceito de imagem nas três principais vertentes da psicologia analítica;
- refletir sobre a operacionalização e a atualização dessa discussão na prática clínica de terapeutas junguianos, sediados na cidade de São Paulo;
- refletir sobre a formação do psicoterapeuta e as possibilidades de capacitação para o trabalho clínico com imagens; e
- refletir sobre a viabilidade de uma psicologia pautada por imagens, que reflita melhor a natureza do psíquico.

A reflexão teórica parte de uma breve revisão bibliográfica que busca situar a questão da imagem na psicologia como um todo. Os dados pesquisados deram origem ao capítulo 2.1. Eles sugerem que a discussão sobre os aspectos teóricos e práticos do uso da imagem no contexto clínico tem sido realizada por psicólogos das diferentes abordagens psicológicas. Essa discussão aponta para uma revisão do papel da interpretação bem como de novas tentativas de aproximação do psíquico pelo caminho das imagens.

No capítulo 2.2 são discutidas as principais idéias de Jung sobre a imagem em seus aspectos conceituais e clínicos. A partir da visão junguiana de psique, questiona-se a formação e a função da imagem na dinâmica psíquica. Na sequência, discutem-se as idéias de Jung sobre psicoterapia e o papel da imagem como recurso terapêutico.

Em relação à metodologia da psicologia analítica, o ponto de interesse está voltado para a amplitude e as limitações da amplificação; e, por último, a possibilidade da construção teórica apoiada na atividade imagética.

Com vistas a identificar os desenvolvimentos dessas questões na psicologia analítica como um todo, recorre-se à classificação de Samuels (1989), que propõe, a partir das diferenças teórico-práticas, a existência de três vertentes ou escolas. A escola clássica, mais fiel às idéias originais de Jung; a escola desenvolvimentista, cuja preocupação é identificar padrões de desenvolvimento psíquico; e a escola arquetípica, mais voltada para uma aproximação fenomenológica dos fatos psíquicos.

No capítulo 2.3.1 apresentam-se as idéias de Neumann sobre o desenvolvimento da consciência e no capítulo 2.3.2, as idéias de Hillmann sobre a realidade da alma, sempre buscando examinar como esses autores trabalham com a questão da imagem.

Levantadas teoricamente as questões, formulou-se um questionário que serviu de base para a realização de uma discussão com seis diferentes interlocutores sobre os

aspectos teóricos e práticos do uso clínico da imagem, que constitui a segunda parte desse trabalho: “Interlocução entre teoria e prática em psicologia analítica”. Graças à participação desses profissionais, foi possível ampliar e atualizar a reflexão sobre a imagem e situá-la na realidade do psicólogo brasileiro, da sua formação à vivência prática e reflexiva dessa questão.

Discutiram-se:

- como o conceito de imagem vem sendo constituído na teoria e na prática da psicologia analítica;
- como a intervenção analítica tem sido ou pode ser constituída por meio de imagens;
- quais autores da psicologia analítica têm influenciado os terapeutas junguianos em sua reflexão sobre a imagem;
- quais atitudes, métodos e técnicas favorecem a ocorrência de uma linguagem imagética, não-verbal, no processo psicoterápico;
- como a formulação teórica, em vez de conceitos, pode se valer de imagens para descrever os processos psíquicos e
- tendo em vista a realidade brasileira, como a habilidade imagética pode ser desenvolvida no processo de formação do psicólogo e do analista.

Essa discussão privilegiou como entrevistados psicoterapeutas sediados na cidade de São Paulo cujo referencial é a psicologia analítica. Sem preocupação com a garantia de representatividade desse universo, procurou-se identificar nas diferentes experiências, referências que pudessem contribuir para a discussão daquelas questões.

Com o objetivo de contextualizar essa interlocução, realizou-se um breve mapeamento do desenvolvimento da psicologia analítica no Brasil para identificar as influências das diferentes correntes e as tendências específicas dos terapeutas junguianos brasileiros. Para isso, foi feito um levantamento das instituições formadoras mais representativas do universo junguiano, à luz de cujas história e produção procura-se identificar fatores indicativos de contribuições para essa discussão. Esses dados estão apresentados no capítulo 3.2.

O questionário foi organizado em seis eixos temáticos, que serviram de base para a análise das entrevistas. Transcritas literalmente, as respostas foram recortadas e agrupadas por eixo temático cuja íntegra constam de apêndice (6). À luz dessa

organização foi possível identificar os indicadores que nortearam a análise, discutir e sublinhar aspectos significativos para esta reflexão.

As estratégia metodológicas estão apresentadas no capítulo 3.1, os indicadores de análise, no 3.3, e a discussão e a amplificação desses indicadores, no 3.4.1. No capítulo 3.4.2, com vistas a uma síntese, relacionam-se os aspectos pinçados das entrevistas com as questões iniciais do trabalho.

Com os resultados obtidos, este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento e o enriquecimento da discussão teórica sobre as imagens no contexto clínico de abordagem junguiana bem como identificar e apresentar alternativas que favoreçam a operacionalização das questões levantadas na formação e na prática do psicoterapeuta.

2. A IMAGEM NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

2.1 A questão da imagem para a psicologia

**As imagens de natureza – essas ontologias assistemáticas
que orientam a atividade científica criadora- podem
ser (e são), a longo prazo, revistas ou substituídas,
especialmente se os programas de pesquisa que as pressupõem se
mostrarem incapazes de se adequar e prever a experiência.
Desse modo, as imagens de natureza também passam, indiretamente,
pelo crivo da experiência, por meio das teorias
e dos programas que as pressupõem
(Abrantes, Imagens da natureza, imagens de ciência).**

Se a psicologia tem como objeto de estudo a psique ou o psiquismo, é preciso recuperar o significado deles subjacente à própria natureza do psíquico. A alma, como a psicologia analítica prefere denominar, é um fenômeno extremamente resistente a qualquer tipo de definição, uma vez fundada em leis que procedem muito mais da experiência e da manifestação do que do entendimento e do conceito. Em face das dificuldades que a psicologia encontra para atingir e delimitar seu objeto, muitas propostas acabam por destituir a alma desse universo. Em diferentes desenvolvimentos da psicologia, há uma tentativa de reduzir o psíquico ao comportamento, ao sintoma, ao símbolo, ao relacional, ao fisiológico, ao cognitivo, ao intrapsíquico, entre outros fenômenos, que, de fato, resultam dele e do qual são expressões parciais.

Para que a psique possa ser mais bem entendida, conviria observá-la, em vez de a partir de outros fenômenos, a partir dela mesma, da sua própria ótica; uma vez que ela é o único fenômeno imediato “percebido por nós e por isto mesmo a condição indispensável de toda experiência em relação ao mundo” (Jung, 1986, p.77, @283-284). Estudar a psique por meio do comportamento ou da cognição não seria o mesmo que estudar música servindo-se apenas da leitura de notas ou da análise das estruturas harmônicas em partituras sem fazê-las soar num instrumento ou na voz? E

para que seu objetivo fosse alcançado com mais precisão, não conviria que, ao estudá-la, a própria alma fosse refletida e evocada?

Na medida em que reflete a experiência imediata do homem com a natureza e consigo mesmo, a ótica do pensamento mítico sugere uma forma de tratamento para a realidade da alma. Contrariamente ao conceito, o mito não descreve, não delimita, não interpreta a experiência, mas evoca, revela e torna-a presente. No universo mítico não há distanciamento entre sujeito e objeto ou uma objetivação do mundo, mas, pelo contrário, há uma relação de participação e continuidade, da qual a unidade da experiência se corporifica e se consolida nos *mythoi* – a palavra concreta.

O mito (...), quando ligado à tarefa de esclarecer a existência-humana-no-mundo, representa uma *forma* autônoma de pensamento, persistente e resistente às invectivas de liquidação feitas pelo saber filosófico e científico. É conhecimento que contém o imediato da experiência numa unidade *fantástica* de difícil acesso. Só o pensamento o alcança, nunca o discurso de filosofia nem o de ciência (Buzzi, 1987, p.45).

Consideráveis tendências da psicologia moderna estão fundamentadas em pressupostos positivistas e em modelos de entendimento que, para compreendê-la, segmentam a experiência humana. É dessa fragmentação que inúmeros sistemas psicológicos procuram, cada um a seu modo, explicar e delimitar o psíquico. Dentre eles, há uma forte tendência que identifica a psique com o intelecto ou, mesmo admitindo os componentes instintivos ou irracionais dela, trata-os – em vez de a partir de sua própria dinâmica – da perspectiva e em função do intelecto, conferindo-lhes, portanto, uma conotação desviante ou patologizante.

O fenômeno psíquico não se revela pelo caminho do pensamento, do comportamento ou do sintoma, mas sobretudo por intermédio do fluxo de imagens – fonte desses pensamentos, comportamentos ou sintomas. Essa questão já inquietava os pioneiros da psicologia científica.

As teorias sobre imaginação e imagens mentais exerceram papel considerável na história da psicologia e filosofia (p. ex., J. Locke, D. Hume, G. W. Leibniz, G. F. Herbart). Em alguns sistemas mais antigos, um conteúdo mental mais ou menos “perceptível” era caracterizado como imagem (idéia). Mais tarde, houve freqüentes

tentativas, para fundamentar-se toda vida intelectual na imaginação e para serem reconhecidas as leis da associação e as regularidades das imagens mentais como princípios categoriais essenciais da inteligência. F. Galton foi o primeiro a estabelecer uma abordagem da investigação empírica sobre modos e funções da imaginação (Arnold et al., 1982, p.203).

Naquele contexto, a palavra imagem era empregada para designar uma representação mental mnemônica, elaborada na ausência de estimulações sensoriais correspondentes, ou seja, uma representação consciente de objetos ou de processos anteriormente percebidos pelos sentidos. Nesse caso, que entende a imagem apenas em relação aos processos perceptivos dos quais deriva, atribui-se a ela uma conotação secundária em face do papel que ela desempenha na psique.

Na concepção psicanalítica, além de representações mentais mnemônicas derivadas da percepção consciente, as imagens adquirem uma função dinâmica, uma vez que, para Freud, elas possibilitam a transferência da energia instintiva que não encontra seu objeto no campo da fantasia. “Os conteúdos das imagens mentais podem, mesmo sem intenção consciente da vontade, provocar o impulso à realização do que foi proposto em forma ideal ou imaginária” (Arnold et al., 1982, p.204).

Para a psicologia analítica, a imagem não é apenas uma representação visual, resultado da percepção sensorial, da atividade mnemônica ou da transferência da energia psíquica, mas a linguagem básica da psique, criativa e auto geradora em si mesma. Assim, a imagem é também resultado da capacidade inerente da psique de agrupar elementos, de natureza perceptiva ou não, em gestalts — imagem primordial —, que lhe atribuem forma, significado e dinamismo específicos. A imagem primordial é “um organismo de vida própria, ‘dotado de força geradora’, pois é uma organização herdada de energia psíquica, sistema sólido que não é somente expressão, mas também possibilidade de desencadear o processo energético” (Jung, 1991, p. 422, @841). A mera percepção não é o fato que constitui o psíquico do mesmo modo que o ato puro não passa de um sistema reflexo de ação e reação, ambos mais próprios à esfera biológica. No entanto, o que é percebido pelos sentidos — cheiro, gosto, textura, cor ou som —, ou as potencialidades instintivas inatas — arquétipos —, que se constelam² no campo psíquico, fazem-no por meio de imagens.

² O termo constelar é usado pela psicologia analítica para designar a ativação de um arquétipo.

A imagem interna é uma grandeza complexa que se compõe dos mais diversos materiais e da mais diversa procedência. Não é um conglomerado, mas um produto homogêneo, com sentido próprio e autônomo. A imagem é uma *expressão concentrada da situação psíquica como um todo* e não simplesmente ou sobretudo dos conteúdos inconscientes. É certamente expressão de conteúdos inconscientes, não de todos os conteúdos em geral, mas apenas dos momentaneamente constelados. Esta constelação é o resultado da atividade espontânea do inconsciente, por um lado, que sempre estimula a atividade dos materiais subliminares relevantes e inibe os irrelevantes. A imagem é, portanto, expressão da situação momentânea, tanto inconsciente quanto consciente. Não se pode, pois, interpretar seu sentido só a partir da consciência ou só do inconsciente, mas apenas a partir de sua relação recíproca” (Jung, 1991, p.418, @829).

A investigação das imagens psíquicas é, portanto, de fundamental importância para a psicologia em geral e para o seu objeto de estudo em particular: a alma humana. Apesar disso, até a década de setenta, a psicologia moderna se ocupou muito pouco dessa questão. Pope & Singer (1978) afirmaram que a psicologia tem “uma estranha relutância em reconhecer, em descrever, ou estudar seriamente esta sempre mutável constelação da memória, dos sentidos, antecipações, fantasias, pensamentos racionais e imagens que constituem nossa consciência de cada momento ao longo de nossas vidas (p.3).

Presentemente, questões referentes às imagens psíquicas bem como às possibilidades de favorecimento de um cultivo das imagens na psicoterapia vêm sendo cada vez mais discutidas. Pode-se dizer mesmo que todas as tendências terapêuticas atuais fazem uso, mais ou menos consciente, de uma abordagem clínica que inclui o trabalho com imagens. Das terapias behavioristas, que acreditam nas possibilidades transformadoras do poder de representação por meio de imagens – visualização –, às terapias que trabalham com a vivência e interpretação de sonhos, recorre-se às imagens como possibilidade de acesso e de intervenção nos processos inconscientes. Dependendo da proposta terapêutica, como a de Desoille (1945), Leuner (1985) e Silveira (1982), que privilegia exclusivamente a produção de imagens, bem como

aquelas que utilizam técnicas imagéticas como um recurso terapêutico, atribui-se um maior ou menor grau de importância ao fluxo das imagens.

McMahon e Sheikh (1984) propõem classificar as múltiplas abordagens da imagem em quatro categorias:

1. abordagens que se baseiam nos modelos de Pavlov e Skinner e tratam da relação entre imagens e reações emocionais e de seu uso como estímulos nos métodos de condicionamento;
2. abordagens que utilizam a produção de imagens como instrumento para aperfeiçoar a compreensão das distorções perceptivas e emocionais do paciente; contrariamente à categoria anterior, elas não trabalham com os princípios condicionantes;
3. abordagens que trabalham com pesquisas na área da saúde física e mental e que partem do pressuposto de que imagens “saudáveis” levam gradualmente a uma “realidade saudável” sem, contudo, oferecerem interpretações ou teorias; e
4. abordagens que trabalham com técnicas profundas de produção de imagens – imaginação ativa, sonho guiado, jogo de areia, etc. – e prognosticam a cura pela transformação psíquica que se serve de processos irracionais em oposição às terapias racionais e reflexivas.

As novas abordagens terapêuticas de orientação cognitivo-comportamental cujo foco é a análise e modificação dos padrões de comportamento fundamentam suas técnicas na habilidade imaginativa. O behaviorismo, que surgiu em franca reação à psicologia introspectiva, parece, ao final do século XX, voltar sua atenção para a natureza da imaginação em detrimento das observações diretas das conexões entre estímulos e respostas. “A dessensibilização sistemática proposta por Wolpe, talvez a mais efetiva e certamente a mais pesquisada corrente da terapia comportamental, caracteriza-se por basear-se fundamentalmente na produção privada de imagens dos pacientes, mais do que no comportamento aberto do mesmo” (Pope & Singer, 1978, p.23). Trata-se da aproximação gradual do objeto ou da situação fóbica por meio da produção de imagens ou visualização, que possibilitam uma experiência prévia delas mesmas. Assim, é possível explorar as imagens em busca de estratégias adaptativas que favoreçam a remissão dos sintomas.

Graças à eficácia da imaginação nos procedimentos terapêuticos auto-reguladores, eles vêm ganhando aceitação e têm sido aplicados em diferentes situações, como

mudança e aquisição de comportamentos, tratamento de estresse, disfunções sexual e alimentar, depressão, incremento de percepção afetiva, entre outros. São possibilidades que vêm sendo amplamente investigadas pela medicina comportamental, notadamente para o tratamento e controle da hipertensão. Por intermédio do uso de técnicas imaginativas como o *biofeedback*, o paciente aprende a controlar os sintomas e a mudar comportamentos desencadeantes dos mesmos (Schwartz, 1973).

Segundo Samuels & Samuels (1993), a terapia pela imagem pode ser eficaz de várias formas.

Em primeiro lugar, as pesquisas demonstraram que as técnicas de relaxamento e de terapia pela imagem afetam a fisiologia do corpo. Elas podem estimular o sistema imunológico que defende o organismo dos vírus e bactérias e até mesmo das células cancerígenas. A terapia pela imagem pode baixar a pressão sanguínea e o ritmo dos batimentos cardíacos, o que é útil no tratamento e na prevenção da doença cardíaca. A terapia pela imagem pode diminuir a dor e minimizar os efeitos colaterais de diversas drogas, inclusive da quimioterapia. Em segundo lugar, a terapia pela imagem afeta profundamente a atitude. Ela pode aumentar a sensação de confiança, controle e força e diminuir a desesperança, a depressão e o medo. Essas mudanças de atitude também são capazes de estimular a cura. Há evidências, ainda, de que o apoio pode estender o tempo de vida dos pacientes com câncer. Finalmente, a terapia pela imagem é uma ferramenta antiquíssima para o desenvolvimento pessoal e espiritual” (p. 16-17).

A psicanálise, por sua vez, tem na origem o método de associações por imagens utilizado pelo próprio Freud no tratamento por hipnose. Posteriormente, este recurso resultará no método de livre associação verbal. Pope & Singer (1978), no entanto, argumentam que, mesmo que tenha atraído a

(...) atenção no sentido da “parte de baixo” do pensamento – os aspectos irracionais, fantasiosos e “egoístas” da experiência privada – [a psicanálise] falha ao dirigir-se plenamente ao fluxo de nossa experiência. Freud, tão consciente do modo como materiais mágicos,

infantis, fundados na fantasia intrometem-se nos processos mentais do adulto, tendeu a assumir que o adulto bem analisado apóia-se principalmente no processo secundário de pensamento. A qualidade adaptativa, prazerosa ou enriquecedora do pensamento fantasioso, baseado na imagem, foi subvalorizada a favor do pensamento lógico-diretivo (p.5).

Apesar de reconhecer a importância funcional dos processos primários, Freud parece privilegiar os processos secundários, considerando aqueles estados regressivos, o que sugere um retorno a um estágio mais primitivo de pensamento. É nesse sentido que Pope & Singer (1978) continuam argumentando.

É possível que Freud estivesse de alguma forma desconfiado da imaginação pura e, devido a sua grande ênfase na racionalidade, tendeu a ver a imagem visual ou puramente auditiva que caracterizava os sonhos e fantasias, como um fenômeno regressivo que necessitava por último ser traduzido em formulações verbais. Entretanto, estava claro para Freud que só era possível atingir o inconsciente através de manifestações concretas de imagens, como representadas em sonhos ou na análise das fantasias de transferência (p.14).

Em relação à atividade imagética, a abordagem da psicanálise clássica também pode estar relacionada com a fantasia da figura do analista, que, por sua vez, está relacionada à imagem do cientista do final do século XIX. O analista seria aquele que, com absoluta racionalidade e neutralidade, pode desvendar, interpretar e controlar todos os mistérios da natureza, a qual é um grande inimigo que precisa ser dominado e vencido pelo entendimento. Essa compreensão gerou uma atitude extremamente negativa em relação aos produtos da natureza, particularmente em relação à psique, à sua base instintiva e irracional. É possível perceber nos primeiros psicanalistas uma preocupação detetivesca em desvendar e entender os aspectos irracionais do homem, que, uma vez traduzidos para à consciência de forma racional, pudessem ser vencidos e despotencializados.

Hoje, essa é uma visão bastante ingênua. Ao discutir o desenraizamento do pensamento científico, Buzzi (1987) afirma:

A ciência e a técnica são um perigoso *vaguear*, quando duvidam do concreto e quando, sobretudo, querem ultrapassá-lo. A gramática e a

lógica, com suas proposições significativas e explicativas, com dificuldade traduzem a solidariedade íntima dos entes sobre os quais discorremos. Por debaixo da gramática e da lógica formal em que domesticamos a realidade, corre o *mythos*, cuja força nos solidariza a todos, selvagens e civilizados, modernos e primitivos (...) (p.47-48).

No século XX, a ciência deparou-se frequentemente com a necessidade de reformular seus paradigmas para que pudesse compreender de forma mais efetiva os paradoxos da natureza. A natureza deixa de ser um inimigo a ser vencido e dominado e passa a ser um parceiro com quem é preciso estabelecer uma relação de cooperação mútua. Em outras palavras, a natureza passa a ser ouvida e considerada em sua especificidade, reflexo de uma tendência que busca apreender e respeitar a linguagem própria dos fenômenos em vez de decodificá-la e traduzi-la para um campo de referência alheio. Por mudança de paradigma também vem passando os mais recentes desenvolvimentos da psicoterapia, o que deverá trazer implicações profundas para a psicologia do futuro (Capra,1989).

Segundo Pope & Singer (1978), esses novos desenvolvimentos parecem sinalizar uma revisão da atitude clássica em relação à imagem. Reyer defende períodos mais extensos de pura associação de imagens, seja pelo fato de elas se apresentarem mais livres de defesas, seja, sobretudo, pela possibilidade do paciente incrementá-las emocionalmente e de envolver-se com elas. Ernest Kris reconhece benefícios numa “regressão a serviço do ego”.

Winnicott ressalta a importância dos processos não-verbais no trabalho psicoterápico com crianças e adolescentes e desenvolve várias técnicas de intervenção clínica pelo caminho das imagens. O fluxo delas é manifestação do potencial criativo do sujeito, mediante o qual ele pode se adaptar ao mundo. Assim, perdem ênfase os aspectos patológicos dos processos primários atribuídos pela psicanálise clássica.

Outros teóricos da psicanálise têm salientado, dentre outras situações, a importância das fantasias do terapeuta para o entendimento das relações contratransferenciais, mediante as quais suas defesas tornam-se inibidoras do processo. Ao focalizar as imagens do paciente, cabe ao terapeuta aproximar-se empaticamente delas, de modo que elas se reconstituam em sua mente, auxiliando a esclarecer possíveis experiências entre ele e o paciente, mesmo sob o risco de, ao reconstituir a imagem a

partir de um contexto de memória diferente, ele vir a falhar na captura das imagens do paciente.

Em alguns casos, como indicado por Tauber e Green, o terapeuta pode gerar uma fantasia totalmente original ou um devaneio que pode ser em si mesmo revelador de algo que o paciente está comunicando implicitamente, ou de uma dificuldade de interação entre paciente e terapeuta (Pope & Singer, 1978, p.18).

As psicoterapias de orientação reichiana e gestáltica também trabalham com imagens produzidas por meio de registros corporais. No entanto, a tradução dessas imagens para um sistema verbal é minimizada, uma vez que o objetivo do tratamento é incrementar a experiência direta mais do que compreender ou decodificar lingüísticamente essas imagens (Pope & Singer, 1978).

Dentre os autores da gestalt, Janie Rhyne (1973) discute a questão da expressão da imagem em linguagem artística. Fazer arte para a gestalt tem o objetivo de tornar disponível a experiência criativa, mediante a qual os conflitos podem ser mais bem percebidos, vivenciados e reorganizados. Enfatizam-se a vivência do presente, a atenção total ao momento e a percepção do “fazer consciente”.

Nessa mesma linha situam-se a arteterapia e as terapias expressivas, que trabalham com as várias possibilidades de expressão plástica da imagem.

Margaret Naumburg foi a primeira a sistematizar a arteterapia, em 1941. Reconhece e coloca em prática a própria observação de Freud, em “Novas Lições Introdutórias de Psicanálise”: que segundo relato dos pacientes seria mais fácil, muitas vezes, desenhar um sonho do que contá-lo. As imagens viriam antes das palavras, por serem mais diretas e inteiras; completas. A autora começa a desenvolver seu trabalho e sua teoria a partir de suas concepções educacionais e associações livres em trabalhos realizados espontaneamente por seus pacientes. Em princípio, o conteúdo objetivado pelo trabalho expressivo serviria como espelho, o qual reflete informações e pode estabelecer um diálogo entre consciente e inconsciente. Seu trabalho é denominado de arteterapia de orientação dinâmica” (Andrade, 1993, p.46-47).

Outra vertente da arteterapia inaugurada por Edith Kramer, em 1958, prioriza o processo de fazer arte, sem a necessidade de verbalização, sobre o produto artístico. A função do terapeuta desloca-se da interpretação do produto para a compreensão do meio expressivo e da linguagem plástica.

Natalie Rogers, filha de Carl Rogers, recorre aos princípios da teoria “centrada na pessoa” por meio das várias possibilidades expressivas: pintura, dança, teatro, modelagem, entre outras. Denomina seu trabalho de “conexão criativa” e tem por objetivo não interpretar, mas facilitar a verbalização e a compreensão do próprio cliente.

Outros métodos, como o “sonho guiado” de Desoille (1945), propõem a tradução das manifestações verbais em imagens como eixo principal do método terapêutico. O objetivo é observar apenas as mudanças nas representações simbólicas subjacentes à experiência que, por sua vez, produzirão modificações não só da experiência como do comportamento e do relacionamento interpessoal. As “viagens imaginárias” são consideradas o método segundo o qual não se espera nenhuma tentativa de reelaboração verbal ou léxica das imagens.

Das diferentes abordagens descritas, há sinais evidentes de um reconhecimento do valor adaptativo, criativo e terapêutico da produção de imagens psíquicas em detrimento de um sentido regressivo, patológico ou perturbador que a visão inicial da psicologia lhe atribuía. Por isso muda também a forma de abordar os produtos imagéticos no contexto clínico, que passa de uma atitude interpretativa, reducionista e despotencializante para uma atitude não-interpretativa, amplificadora e potencializadora. Em vez de uma orientação interpretativa, que visa à tradução ou à explicação das imagens, prioriza-se o estabelecimento de uma conexão emocional e vivencial com elas, provavelmente o modo mais eficaz de se aproximar da realidade psíquica do paciente.

Umas das principais funções do sistema imaginário é que ele permite uma diretividade de comunicação entre pessoas frequentemente livre da abstração excessiva das formulações verbais. A tão chamada atenção flutuante que foi a que Freud defendeu para o psicanalista durante a sessão parece envolver, na sua melhor forma, uma tentativa de traduzir em imagens as experiências descritas pelo paciente. Acreditamos que quando um terapeuta está traduzindo o material do

paciente em formulações verbais tais como “um típico conflito de ego e superego” ou “um deslocamento prematuro do conflito oral”, o terapeuta pode estar perdendo contato com a realidade da experiência do paciente. Ao invés, parece ser mais útil para a orientação do terapeuta a produção de imagens que tentam, da melhor forma possível, concretizar o que o paciente está descrevendo (Pope & Singer, 1978, p.17).

Para enfatizar o potencial terapêutico do trabalho com imagens, Kast (1997) afirma que retrabalhar as imagens pode aumentar as perspectivas de experiência e de ação dos analisandos, uma vez que, em vez de representações fixas, surgem diferentes possibilidades de experiência e, conseqüentemente, de ação. “No processo da imaginação, ganha-se proximidade às emoções, e é quando sentimos verdadeiramente uma emoção que surge a energia para a ação” (p.29).

Esta breve discussão sobre processos imagéticos no contexto clínico revela que essa questão tem permeado o desenvolvimento da psicologia e da psicoterapia, dos empiristas ingleses aos teóricos contemporâneos. Nesse processo, os diferentes prismas por que foi submetida a imagem carregou-lhe reformulações e transformações que determinaram diferentes formas de compreendê-la e abordá-la. Nos últimos anos houve mesmo uma tendência de ampliar, no contexto psicoterápico, o espaço para a expressão não-verbal e para a intervenção clínica não-interpretativa de caráter vivencial e potencializador.

2.2 A questão da imagem em Jung

Por obra da imaginação o homem sacia o seu infinito desejo
 e converte-se ele mesmo em um ser infinito.
 O homem é uma imagem na qual ele mesmo se encarna.
 O êxtase amoroso é essa encarnação do homem em sua imagem:
 uno com o objeto de seu desejo, uno consigo mesmo.
 Portanto a verdadeira história do homem
 é a história de suas imagens.
 (Otávio Paz, Signos em rotação)

2.2.1 A formação da imagem

Jung entende a psique à luz do modelo energético, segundo o qual os fenômenos físicos podem ser entendidos mediante dois modelos: o mecanicista e o energético. O primeiro é meramente causal, vê o fenômeno como resultado de uma causa cujas substâncias imutáveis alteram sua relação umas com as outras de acordo com leis fixas. Já o modelo energético

(...) é essencialmente de caráter finalista, e entende os fenômenos, partindo do efeito para a causa, no sentido de que na raiz das mutações ocorridas nos fenômenos há uma energia que se mantém constante, produzindo, entropicamente, um estado de equilíbrio geral no seio das mutações. O desenrolar do processo energético possui uma direção (um objetivo) definida, obedecendo invariavelmente (irreversivelmente) à diferença de potencial. A idéia de energia não é a de uma substância que se movimenta no espaço, mas um conceito abstraído das relações de movimento. Suas bases não são, por conseguinte, as substâncias como tais, mas suas relações, ao passo que o fundamento do conceito mecanicista é a substância que se move no espaço (Jung, 1987, p 3, @3).

Esse ponto de vista revela a importância da relação dinâmica entre os vários componentes psíquicos pelos quais a energia circula, estabelecendo tensões e relações que possibilitam a transformação psíquica. Jung vê a psique como um

“sistema relativamente fechado que tende ao equilíbrio”. Nesse sentido, todo movimento é provocado pelo desequilíbrio de energia gerado por uma nova situação que absorve uma certa quantidade de energia. Pode-se tratar de um evento externo ou interno, fisiológico ou espiritual, basta que demande um acréscimo de energia originando um novo processo adaptativo.

O princípio de conservação da energia apóia-se em dois outros princípios: o da equivalência e o da constância. Segundo aquele, qualquer intensidade de energia utilizada num ponto qualquer, para se produzir uma determinada condição, manifesta-se noutro ponto com igual intensidade da mesma ou de outra forma de energia.

Segundo o princípio da constância, a energia total permanece sempre igual a si mesma, por isso incapaz de aumentar ou diminuir a própria intensidade. Desse modo, o *quantum* de energia de um sistema ou não se altera, ou se altera minimamente. O que por certo se altera é a relação dos componentes do sistema em consequência da distribuição dessa energia.

É à luz dessa relação energética que Jung explica a existência de conteúdos inconscientes:

Podemos classificar adequadamente os conteúdos psíquicos como subliminares, na suposição de que todo conteúdo psíquico deve possuir um certo valor energético que o capacita a se tornar consciente. Quanto mais baixo é o valor de um conteúdo consciente, tanto mais facilmente ele desaparece sob o limiar. Daqui se segue que o inconsciente é o receptáculo de todas as lembranças perdidas e de todos aqueles conteúdos que ainda são muito débeis para se tornarem conscientes. Estes conteúdos são produzidos pela atividade associativa inconsciente que dá origem também aos sonhos. Além destes conteúdos devemos considerar também todas aquelas repressões mais ou menos intencionais de pensamentos e impressões incômodas. À soma de todos estes conteúdos dou o nome de inconsciente pessoal. Mas afora esses, no inconsciente encontramos também as qualidades que não foram adquiridas individualmente mas são herdadas, ou seja,

os instintos³ enquanto impulsos destinados a produzir ações que resultam de uma necessidade interior, sem uma motivação consciente. Devemos incluir também as formas a priori, inatas, de intuição⁴, quais sejam os arquétipos da percepção e da apreensão que são determinantes necessárias e a priori de todos os processos psíquicos. Da mesma maneira como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, assim também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especificamente humanos. Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo. Chamo-o de “coletivo”, porque, ao contrário do inconsciente acima definido, não é constituído de conteúdos individuais, isto é, mais ou menos únicos, mas de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram. O instinto é essencialmente um fenômeno da natureza coletiva, isto é, universal e uniforme, que nada tem a ver com a individualidade do ser humano. Os arquétipos têm esta mesma qualidade em comum com os instintos, isto é, são também fenômenos coletivos (Jung, 1986, p.69-70, @270).

Quando em estados patológicos observa-se uma drenagem da energia psíquica da consciência para o inconsciente ou vice-versa, é provável que haja intensificação de certos sintomas ou o aparecimento de um novo sintoma, ou mesmo a ocorrência de sonhos especiais ou de fragmentos estranhos e fugidios de fantasia. Nesses casos, a energia transferida da consciência para o inconsciente também pode ser vista do ponto de vista finalista. A regressão vista como causa é condicionada pela “fixação materna” já numa perspectiva finalista é a libido que regride à *imago* da mãe favorecendo assim o nascimento de uma nova situação psíquica.

³ Segundo Jung, o instinto. (...) *é todo fenômeno psíquico que ocorre sem a participação intencional da vontade, mas por simples coação dinâmica, podendo esta nascer diretamente da fonte orgânica, portanto extrapsíquica, ou ser condicionada essencialmente por energias simplesmente liberadas pela intenção voluntária, e neste caso, com a restrição de que o resultado obtido ultrapasse o efeito intencionado pela vontade. Sob o conceito instinto estão, a meu ver, todos os processos psíquicos cuja energia a consciência não controla* (Jung, 1991, p 428-429, @859).

Ao denominar o conceito de energia psíquica de “energia vital”, Jung procura compreendê-lo numa ótica mais ampla, que favoreça o estabelecimento de relações quantitativas⁵ entre os processos do corpo e da alma. Propõe também que a energia vital seja chamada de “libido”, seja tendo em vista o uso desse conceito em psicologia, seja para diferenciá-lo do conceito de energia universal. (Jung, 1987)

Em seu estado natural, a libido compreende tanto a dimensão psíquica quanto a biológica. Ao nascer, o homem encontra-se num estado de plena inconsciência e de completa indiferenciação psíquica. Ele “é” o seu corpo e pela primeira vez se experimenta em relação a algo que “não é”: o corpo da mãe e o meio ambiente. Nesse momento, não há uma unidade psíquica – ego – que possibilite a consciência do eu. A criança se experimenta como um corpo e ele é o seu veículo de relação com o mundo.

Na primeira infância, a ação é determinada pelos impulsos instintivos que se traduzem em modos típicos de reação aos estímulos do ambiente. Não há um eu que deseja, mas um corpo que reage. Os instintos têm um caráter adaptativo oferecendo os recursos básicos para que o indivíduo sobreviva, se defenda, se reproduza, etc. São prontidões, modos característicos de reagir a situações próprias de toda humanidade – nascimento, infância, puberdade, consciência do eu, casamento, maternidade e paternidade, envelhecimento, menopausa, morte, etc.

A esse conjunto de prontidões Jung (1986) denomina “esfera psicóide”, ou seja, anterior ou semelhante à psique, na qual a energia psíquica se encontra em potência, em estado de vir-a-ser, completamente indiferenciada. Às prontidões mesmas, Jung denomina “arquétipo em si”. Em princípio, essa dimensão é incognoscível, uma vez que sua natureza é anterior à psique, portanto, como a energia elétrica, só perceptível de modo parcial mediante suas manifestações. A corrente elétrica é invisível, perceptíveis são a luz e o movimento dos motores que ela produz.

À medida que o aparelho psíquico se desenvolve, a libido se desloca gradativamente da esfera psicóide polarizando-se entre psique e corpo, entre consciente e inconsciente. Jung compara essa polarização aos aspectos infravermelho e ultravioleta da luz. Ambos são manifestações de uma mesma realidade. No campo

4 Para Jung a intuição decorre de uma idéia ou conteúdo inconsciente que irrompe na consciência de forma súbita. A intuição é um processo de percepção inconsciente que difere da atividade consciente dos sentidos e da introspecção. A intuição é um processo análogo ao instinto com a diferença de que enquanto o instinto é um impulso predeterminado que leva a uma atividade, a intuição é a apreensão teleológica de uma situação.

somático, a libido se traduz em comportamentos típicos, instintivos e compulsivos ou em sintomas físicos; na esfera psíquica, em imagens típicas que servirão de base para o desenvolvimento de todos os processos psíquicos. A essas imagens Jung atribui primeiramente os termos “imagem primordial”, “imagem protótipo” ou “imagem originária” e, posteriormente, “imagem arquetípica” ou “símbolo”.

As imagens primordiais ou arquetípicas são potencialidades estruturantes inerentes a todo ser humano. Assim como o coração, o fígado, os rins exercem funções específicas no funcionamento do corpo, as imagens arquetípicas são como órgãos da psique que regulam a dinâmica psíquica. Como os instintos, elas oferecem possibilidades inatas de adaptação à vida.

A constituição dada do organismo é produto das condições externas, por um lado, e das condições inerentes ao vivente, por outro lado. Segue disso que a imagem primordial está sempre relacionada, por um lado com certos processos da natureza, perceptíveis aos sentidos, em constante renovação e sempre atuantes e, por outro lado, também sempre relacionada com certas condições internas da vida do espírito e da vida em geral. O organismo confronta a luz com um novo órgão: o olho; o espírito confronta o processo da natureza com a imagem simbólica que o apreende tão bem quanto o olho apreende a luz. Assim como o olho é um testemunho da atividade criativa, específica e autônoma da matéria viva, também a imagem primordial é a expressão da força criadora, única e incondicionada do espírito (1991, p.420, @833).

A consciência parece constituir-se de fora para dentro, da introjeção das percepções sensoriais. É de ver, cheirar, apalpar e ouvir o mundo que se toma consciência dele. A percepção sensorial, no entanto, apenas informa que existe algo fora de nós, mas não o que esse algo é em si mesmo. O processo de apreensão psíquica é chamado de processo de apercepção para cuja estrutura, altamente complexa, contribuem diversos processos psíquicos, dentre eles os processos volitivos e os instintivos.

Os primeiros são definidos como impulsos dirigidos, resultantes de processos aperceptivos cuja natureza fica à disposição do chamado

5 Quando Jung usa o termo “quantitativa”, está se referindo à quantidade de energia contida em um sistema. No caso da energia vital, inclui tanto a esfera psíquica quanto a biológica, bem como a circulação da energia entre elas.

livre-arbítrio. Os segundos são impulsos que se originam no inconsciente ou diretamente no corpo e se caracterizam pela ausência de liberdade ou pela compulsividade (Jung, 1986, 79-80, @293).

Transferida para a esfera psíquica, a libido põe à disposição do sujeito a possibilidade de compreensão e controle de suas ações. O que originalmente era uma ação reflexa, na qual o sujeito é movido pelo instinto, transforma-se, pela capacidade imaginativa, em imagens que vão possibilitar a percepção e uma relação consciente com ela.

Ao nascer, a criança reage à mãe de forma puramente instintiva. Ela sabe instintivamente que ao sugar o bico do seio vai saciar-se e reage ao toque do bico do seio com a ação de sucção. Aos poucos ela passa a procurar o seio também para se tranquilizar, para receber carinho e calor, para brincar, para ouvir a voz da mãe, ampliando desse modo a experiência da nutrição de algo meramente biológico para uma experiência afetiva mais complexa que ficará relacionada à imagem da mãe.

Ao longo do desenvolvimento, a criança dependerá cada vez menos da mãe para se nutrir biologicamente. A experiência da nutrição é transferida gradativamente para o âmbito espiritual e vivenciada de outras formas. Mas ela permanecerá sempre relacionada à imago materna, que, dentre outras possibilidades, é a capacidade inerente de todo indivíduo nutrir-se. O que originalmente é vivenciado mediante a figura da mãe aos poucos pode ser reconhecido e integrado como uma potencialidade do próprio indivíduo agora mediante suas imagens internas.

A maneira como o homem retrata interiormente o mundo apresenta as mesmas uniformidade e regularidade que o seu comportamento instintivo apresenta.

Da mesma forma como somos obrigados a formular o conceito de um instinto que regula ou determina o nosso comportamento consciente, assim também, para explicar a uniformidade e regularidade de nossas percepções, precisamos de um conceito correlato de um fator que determine o modo de apreensão. É precisamente a este fator que eu chamo de arquétipo ou imagem primordial. A imagem primordial poderia muito bem ser descrita como a percepção do instinto de si mesmo ou como o auto-retrato do instinto, à semelhança da consciência que nada mais é, também, do que uma percepção interior do processo vital objetivo. Do mesmo modo como a apreensão

consciente imprime forma e finalidade ao comportamento, assim também a apreensão inconsciente determina a forma e a destinação do instinto, graças ao arquétipo (Jung, 1986, p.72, @277).

Noutra passagem Jung afirma:

A imagem primordial é, portanto, expressão condensada de todo processo vivo. Dá um sentido ordenado e coerente às percepções sensoriais e às percepções interiores do espírito que parecem, a princípio, desordenadas e incoerentes e liberta, assim, a energia psíquica da vinculação à pura e incompreendida percepção. Mas vincula, ao mesmo tempo, as energias liberadas pela percepção dos estímulos a um sentido determinado que dirige a ação dentro dos parâmetros condizentes com este sentido. Libera energia acumulada e sem aplicação, conduzindo o espírito para a natureza e dando uma forma espiritual ao instinto puramente natural (Jung, 1991, p.420, @834).

Portanto, as imagens primordiais, apesar de apresentarem estruturas típicas, não são representações estáticas e estereotipadas; típica é a estrutura dinâmica que possibilita a organização dos elementos para a formação das imagens, mas não as imagens em si. Esses elementos que formam a imagem são fruto da relação com o meio e da percepção, que, juntos, atualizam e plasmam as formas estruturais básicas de representar certas experiências – arquétipo em si.

A imagem primordial

(...) é um organismo de vida própria, “dotado de força geradora”, pois é uma organização herdada da energia psíquica, sistema sólido que não é apenas expressão, mas também possibilidade do desencadear do processo energético... Constitui, portanto, a necessária contrapartida do instinto, que é um agir teleológico, mas que pressupõe também uma apreensão da situação momentânea. Esta apreensão da situação dada é garantida pela imagem existente *a priori*. Representa a fórmula aplicável e sem a qual impossível seria a apreensão de uma nova situação (Jung, 1991, p.422, @841).

O aspecto dinâmico da imagem primordial ou arquetípica é de fundamental importância para a compreensão e a diferenciação do que se entende por

representação e/ou conceito. Nesse contexto, Jung compara a imagem primordial à “idéia” de Schopenhauer:

O conceito se parece a um recipiente inanimado que guarda lado a lado o que nele colocamos e dele não podemos retirar mais do que colocamos: a idéia, ao contrário, desenvolve, naquele que a concebeu, representações que são novas em relação ao conceito do mesmo nome: ela se parece a um organismo vivo, que se desenvolve, é dotado de força geradora que produz o que nele não foi depositado (Schopenhauer, apud Jung, 1991, p.421, @839).

Responsável pela forma dada aos conteúdos ainda inconscientes, Jung vai falar de uma “apresentação” e não de “representação”, uma vez que se trata de algo novo apresentado à consciência.

De acordo com sua definição, os arquétipos são “fatores e motivos que coordenam elementos psíquicos no sentido de determinadas imagens (que devem ser denominadas de arquetípicas) e isso sempre de maneira que só é reconhecível pelo efeito” (Jung apud Jacobi, 1986, p.37).

Jung enfatiza a necessidade de distinguir o “arquétipo em si”, a estrutura dinâmica que funciona como uma órbita energética e atrai para seu núcleo elementos análogos que lhe imprimem forma, das imagens arquetípicas, expressões parciais dessas estruturas. O arquétipo em si se integra à estrutura psíquica como possibilidades latentes que vão sendo atualizadas de acordo com as condições proporcionadas pela vida exterior e interior do indivíduo; depois de ganhar forma, são “apresentadas” à consciência como imagens arquetípicas.

A constelação de um arquétipo está sempre condicionada, de forma compensatória e complementar, à situação consciente. Ele se apresenta à consciência por meio de imagens arquetípicas, como reação instintiva à uma determinada situação que demanda um novo processo adaptativo. As mudanças a que o indivíduo está sujeito não são de variedade infinita, mas apresentam variações de certos tipos de acontecimentos.

O número desses tipos é limitado. No caso de uma situação de emergência, constela-se no inconsciente um tipo correspondente a essa emergência. Como este é numinoso, isto é, possui uma energia

específica, atrai os conteúdos do consciente, quer dizer, as apresentações conscientes, graças aos quais se torna perceptível e, dessa forma, capaz de consciência. Quando ele passa para o consciente, é sentido então como inspiração e revelação ou como idéia salvadora (Jung, 1986B, p.286, @450).

A propósito da função adaptativa da psique, também é possível estabelecer uma comparação com o corpo. Embora varie de indivíduo para indivíduo, todo corpo guarda os mesmos traços essenciais básicos, mediante os quais revela-se o processo evolutivo da espécie humana. Se, para entender esse processo, é necessário considerar as relações do homem com o meio em que vive, do mesmo modo, para entender a organização psíquica, é necessário relacioná-la às suas condições ambientais. Tanto o desenvolvimento físico como o psíquico atendem a uma necessidade de adaptação ao meio.

Espera-se que a consciência reaja e se adapte ao presente, porque a consciência é, por assim dizer, aquela parte da alma que tem a ver sobretudo com fatos do momento, ao passo que do inconsciente coletivo, como psique atemporal e universal, esperaríamos reações às condições mais universais e permanentes, de caráter psicológico, fisiológico e físico. (Jung, 1986, p.89-90, @324).

É somente no encontro dos arquétipos com a consciência, cuja luz incide sobre eles trazendo da escuridão contornos que completam seus conteúdos individuais, que os arquétipos adquirem a qualidade de diferenciabilidade e se tornam passíveis de ser apreendidos, compreendidos, digeridos e assimilados pela consciência. “É lógico que algo psíquico só pode se tornar conteúdo do consciente após a sua apresentação, isto é, quando possui apresentabilidade, o que é precisamente uma imagem” (Jung apud Jacobi, 1986, p.66).

Quando o conteúdo universal, puramente humano, oferecido pelo inconsciente coletivo, se relaciona com o caráter formativo da consciência, o arquétipo recebe corpo, matéria, forma plástica, etc. e torna-se apresentável mediante a imagem arquetípica ou símbolo. Toda vez que um arquétipo se atualiza e se apresenta no espaço e no tempo e pode ser percebido pela consciência, para a psicologia analítica se trata de um “símbolo”. Do ponto de vista funcional, “poderíamos dizer que o ‘arquétipo em si’ é, essencialmente, energia psíquica aglomerada, mas o símbolo é

agregado pelo modo como a energia aparece e se torna justamente constatável. Neste sentido, Jung define o símbolo também como ‘índole e retrato da energia psíquica’. Por esta razão *nunca se pode encontrar o arquétipo de maneira direta*, mas apenas *indiretamente*, quando se manifesta no símbolo ou no sintoma ou no complexo” (Jacobi, 1986, p.73).

Um símbolo não é puramente abstrato, mas sempre e ao mesmo tempo materializado na forma. As situações e idéias mais abstratas da psique são traduzidas pela alma em processos retratáveis ou em eventos expressos por imagens. Jung emprega o termo “símbolo” no sentido original da palavra grega *symbolon*, que significa a presença de um “aglomerado” de um “trançado”, de duas partes que, unidas, criam uma unidade. Do ponto de vista psíquico, o símbolo é a estrutura capaz de gerar uma nova unidade a partir da dualidade inconsciente e consciente, desconhecido e conhecido, instinto e idéia, invisível e visível, imaterial e material. Apesar de acessível ao consciente, o símbolo guarda sempre um sentido desconhecido ainda não formulado.

Jung faz uma nítida distinção entre alegoria, signo e símbolo.

Toda concepção que explica a expressão simbólica como analogia ou designação abreviada de algo conhecido é semiótica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como a melhor formulação possível, de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica, é *simbólica*. Uma concepção que explica a expressão simbólica como uma perífrase ou transformação intencional de algo conhecido é *alegórica* (1991, p.444, @904). (...) Uma expressão que é usada para designar uma coisa conhecida continua sendo apenas um sinal e nunca será um símbolo. Por isso, é inteiramente impossível criar um símbolo vivo e carregado de sentido a partir de relações conhecidas (1991, p.445, @906).

Na maioria das vezes, a palavra símbolo é utilizada para designar um signo, ou seja, uma abstração ou representação de algo já conhecido. O símbolo, pelo contrário, é sempre resultado de uma constelação inconsciente, de uma manifestação puramente espontânea da psique cuja qualidade é o mistério. Por isso só é possível delimitar o que é ou não simbólico do ponto de vista do consciente que o contempla. O que para uns é um símbolo, para outros pode ser simplesmente um signo.

Graças à sua conexão direta com o arquétipo, a experiência do símbolo tem caráter numinoso, prenhe de mistério e de vida. A relação da consciência na qual o símbolo emerge com a imagem simbólica é caracterizada pelo envolvimento, pelo vivenciado, pelo evocado, pelo vislumbre, mas não pelo distanciamento, pela compreensão, pela objetivação. Para Jung, o símbolo só é vivo enquanto for a melhor expressão de algo que não pode ser expresso de outra forma. “Ele só é vivo, enquanto está prenhe de sentido. Mas, após o nascimento do sentido, isto é, depois que este tenha encontrado a expressão que formula ainda melhor a coisa procurada, esperada ou intuída, o símbolo está morto e, dessa forma, passa a ser um mero signo convencional” (Jung, 1991, p.444, @905).

Em virtude de sua natureza dual, o símbolo, como capacidade de transpor o concreto-real para o psíquico-simbólico, representa e contém ambas as realidades; não se trata apenas de um fator distintivo do homem mas do caminho para a solução e a cura de muitas perturbações psíquicas. Além de favorecer a dissolução de tensões, na medida em que apresenta de forma perceptível as configurações energéticas da psique, o símbolo também realiza uma síntese capaz de transformar constantemente a libido e pô-la a serviço da consciência. A “sublimação” passa a ser vista como um processo bipolar, resultado do processo contínuo de unir e separar dois elementos opostos em forma de síntese e antítese e passa a ser entendida como um processo de transformação da libido. Jacobi (1986) sugere uma síntese desse processo à luz da visão de Jung:

1. Condicionado estruturalmente à esfera psicóide, o arquétipo jaz no inconsciente coletivo como um elemento nuclear sem forma, como suporte potencial de significado.
2. Por meio de uma constelação adequada, individual ou coletiva, ele recebe um acréscimo de energia desencadeando um processo energético. A constelação individual é consequência da situação consciente do indivíduo, e a coletiva, da situação psíquica dos grupos.
3. Mesmo antes de ser reconhecida, a carga energética do arquétipo se apresenta como uma forte atração magnética sobre a consciência. Percebida como uma atividade emocional indistinta, pode crescer a perturbações avassaladoras.
4. Atraída pela carga energética do arquétipo, a luz da consciência incide sobre ele possibilitando-lhe o ingresso na esfera psíquica, onde então pode ser percebido.

5. Na esfera biológica, em contato com a consciência, o arquétipo em si pode tornar-se manifesto e receber uma forma como expressão ou dinâmica de impulso ao passo que, na esfera psíquica, o faz como imagem, idéia ou símbolo. A vestimenta mediante a qual ele se torna visível varia e se modifica ao sabor das circunstâncias interiores e exteriores ao homem e ao tempo. Em contato com a consciência de uma coletividade e sua problemática, nascem os símbolos coletivos, como a mitologia. Na esfera individual, entretanto, nascem os símbolos individuais, como a imagem do papa com as feições do pai da pessoa, por exemplo.

6. O símbolo confronta a consciência com certa autonomia.

7. Uma vez prenhe de significado e energia, o símbolo força a consciência a estabelecer uma relação com ele, ora mediante a contemplação, ora a representação, a interpretação, etc.

8. A relação do símbolo com a consciência pode se dar :

- a. mediante a aproximação do consciente que o compreende e o torna sentido e reconhecido como pertencente ao eu sem, contudo, desvendá-lo totalmente, de modo que permaneça vivo e ativo;
- b. mediante a completa investigação e exploração, em condições, portanto, de ser plenamente integrado e assimilado pela consciência; assim, porém, perde sua vitalidade e eficácia e transforma-se numa simples alegoria, signo ou conteúdo sensorialmente unilateral da consciência;
- c. mediante a oposição ao símbolo, que, completamente incompreendido e rejeitado, associa-se a um complexo e separa-se da consciência do “eu” dando origem a uma dissociação psíquica. Caso ele se torne uma psique parcial autônoma, pode se manifestar na forma de “espíritos”, alucinações, isto é, reais sintomas neuróticos e psicóticos.

2.2.2 Imagem como recurso terapêutico

2.2.2.1 O processo psicoterápico

Segundo Jung (1981), a psicoterapia é um processo dialético entre dois sistemas psíquicos: o do analisando e o do analista. É o encontro significativo de duas pessoas

que resulta na transformação de ambas as partes. Nesse contexto, a figura do analista como “portador do saber”, aquele que tem o poder de compreender e, graças ao entendimento, alterar a realidade psíquica do outro, desaparece. O ideal positivista de distanciamento absoluto do objeto de estudo não cabe ao processo psicoterápico, uma vez que nele o que importa é a capacidade de relacionamento humano e a entrega incondicional do terapeuta ao processo de desenvolvimento psíquico do outro.

Na relação terapêutica estão presentes não só a dimensão consciente mas sobretudo a inconsciente do terapeuta e do paciente. Jung refere-se a uma relação quaternária entre ambos: o ego do terapeuta e o ego do paciente; o ego do terapeuta e o inconsciente do paciente; o ego do terapeuta e o seu inconsciente; e, por fim, o inconsciente do terapeuta e o inconsciente do paciente. É nesse âmbito que ocorrem as constelações arquetípicas favoráveis ao estabelecimento do vínculo terapêutico, da transferência e da contratransferência.

Na esfera da consciência, a relação terapêutica pode ser estabelecida mediante o discurso, a organização lógica, a compreensão racional e causal dos fatos e as experiências do paciente. Na esfera do inconsciente, entretanto, a intuição substitui a razão e a percepção toma consistência na observação das imagens que fluem do inconsciente para a consciência por intermédio de fantasias, sonhos, sensações corporais, delírios, etc. São essas imagens que possibilitam o acesso àquilo que está constelado no inconsciente, fenômeno que estabelece a relação entre aquelas duas dimensões da psique.

Como discutido anteriormente, para Jung o inconsciente tem caráter criativo. Ele é a base dinâmica e a fonte de toda a vida psíquica e não apenas um conjunto de conteúdos indisponíveis à consciência. O inconsciente coletivo, por sua vez, como totalidade dos arquétipos, é a prefiguração instintiva do desenvolvimento e a adaptação do indivíduo à vida. É o conjunto de possibilidades adaptativas que a humanidade acumulou ao longo da história e que estão registradas na psique coletiva como sistemas vivos de reação e aptidões que determinam a vida individual. Porém,

(...) o inconsciente não é, por assim dizer, apenas um preconceito histórico gigantesco; é também a fonte dos instintos, visto que os arquétipos mais não são do que formas através das quais os instintos se expressam. Mas é também da fonte viva dos instintos que brota

tudo o que é criativo; por isto, o inconsciente não é só determinado historicamente, mas gera também o impulso criador (Jung, 1986, p.94, @339).

Se o inconsciente é a origem de toda vida psíquica, seria um erro admitir a possibilidade de reduzi-lo à consciência graças ao entendimento e à estruturação da experiência psíquica mediante a palavra. Caso isso ocorra, o material psíquico fica empobrecido, uma vez reduzido a conceitos estéreis. Contrariamente ao que foi proposto no início da psicanálise, os processos ditos “primários” não precisam ser “traduzidos” para uma linguagem discursiva a fim de integrá-los à consciência. Se mantidos em sua forma natural, podem aos poucos revelar os múltiplos e singulares significados que encerram bem como sua aplicabilidade às várias dimensões da vida. Nesse caso, é a consciência que se enriquece, amplia seu ponto de vista e assimila fértil e dinamicamente a complexidade da vida psíquica.

Contrariamente ao inconsciente coletivo, a consciência é um fenômeno efêmero responsável por todas as adaptações e orientações momentâneas. Sua função é análoga à dos sistemas de orientação no espaço e corresponde às formas arquetípicas de organização da realidade. Todas as idéias e representações da consciência remontam aos arquétipos que lhe determinam a estrutura dinâmica. Isso ocorre notadamente com as idéias religiosas, filosóficas, científicas e morais. Em sua forma atual, são variantes atualizadas das idéias primordiais, resultado da adaptação consciente dessas idéias à realidade. A função da consciência não é apenas reconhecer e introjetar o mundo exterior pela porta dos sentidos, mas sobretudo traduzi-lo criativamente para a realidade psíquica.

Segundo Jung, a causa dos conflitos psíquicos está na cisão da consciência com a base instintiva da psique, o inconsciente coletivo. Por isso ele propõe que o esforço terapêutico seja no sentido de estabelecer uma ponte entre o ego e o *self*, estabelecer uma “função transcendente”, segundo sua própria denominação, que tem origem na função compensatória complementar da psique.

A resposta, evidentemente, consiste em suprimir a separação entre consciência e o inconsciente. Não se pode fazer isto, condenando unilateralmente os conteúdos do inconsciente, mas, pelo contrário, reconhecendo a sua importância para a compensação da unilateralidade da consciência e levando em conta esta importância. A

tendência do inconsciente e a da consciência são os dois fatores que formam a função transcendente. *É chamada de transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente* (Jung, 1986, p.5-6, @145).

No processo psicoterápico, o cultivo das imagens pode franquear uma passagem da relação puramente egóica para a integração da dimensão inconsciente; uma saída da *persona* do analista, “que sabe e que cura”, para a dimensão instintiva da psique, que, por sua vez, pode produzir um redimensionamento da situação psíquica na sua totalidade. A famosa afirmação de Freud que “os sonhos são a via régia para o inconsciente” parece ser um reconhecimento de que o processo de integração do inconsciente só é possível se tiver origem nas imagens do próprio paciente.

A psicologia do desenvolvimento e a psicanálise têm se preocupado basicamente com o desenvolvimento da consciência da infância ao início da fase adulta. Nesse período espera-se a constituição de um ego que possibilite a adaptação do jovem à vida adulta, processo esse que envolve um afunilamento das múltiplas possibilidades presentes na criança cujo resultado é a constituição da identidade. A poliformia infantil é abandonada e espera-se que o jovem se apresente sabedor de suas escolhas, convicções, ideais, atitudes, etc. Para a psicologia analítica, no entanto, é preciso considerar o desenvolvimento ulterior do ego. Contrariamente a muitas teorias psicológicas, o desenvolvimento do ego é um processo contínuo cuja tendência é constituir não uma personalidade monolítica e absoluta, mas relativizá-la em favor da dimensão instintiva da psique, que é capaz de constituir uma personalidade mais ampla, fluida e criativa.

Há duas maneiras básicas de se adaptar à realidade, afirma Jung: uma neurótica e outra psicótica. Na primeira, há um ego estruturado que tende à cristalização e ao empobrecimento, prejudicado pela falta de contato com os movimentos adaptativos e criativos do inconsciente. No exercício de sua função compensatória, o inconsciente pressiona o ego com sonhos, fantasias, atos compulsivos e sintomas neuróticos. Na adaptação psicótica, no entanto, o ego é uma estrutura fluida, pouco continente, permeada de conteúdos do inconsciente – pessoal e coletivo. Neste caso, prejudicada é a função egóica de distinção e delimitação, que atribui à fantasia caráter de realidade.

No caso da neurose, a atitude terapêutica deve favorecer a flexibilização do ego através da relação com a base instintiva da psique de onde podem emergir novas possibilidades de desenvolvimento psíquico. A observação das imagens assume papel terapêutico de grande importância, na medida em que estabelece uma ponte com o inconsciente permitindo que o ego seja alimentado de novas perspectivas de desenvolvimento. As imagens interiores têm um apelo imediato com a vantagem de dificilmente serem manipuladas defensivamente pelo ego por meio do discurso. Neste caso, as imagens são um expediente, um elo, um elemento facilitador para que a relação consciente e inconsciente se estabeleça.

Caso não haja produção espontânea de fantasias, é recomendável o recurso a alguma técnica facilitadora. Jung sugere partir do estado afetivo inicial.

A atenção crítica deve ser reprimida. Os tipos visualmente dotados devem concentrar-se na expectativa de que se produza uma imagem interior. De modo geral, aparece uma imagem da fantasia – talvez de natureza hipnagógica –, que deve ser cuidadosamente observada e fixada por escrito. Os tipos audioverbais em geral ouvem palavras interiores. De início, talvez sejam apenas fragmentos de sentenças, aparentemente sem sentido, mas que devem ser também fixados de qualquer modo (1986, p.15-16, @170).

Caso se trate de pessoas com facilidade de expressão por desenho, pintura ou escultura, ele sugere que elas expressem concretamente os conteúdos inconscientes por meio de “imagens”. Às capazes de expressar seu inconsciente com movimentos do corpo, é necessário que eles sejam minuciosamente registrados para que não se percam da memória. Outro recurso também é a escrita automática, que igualmente oferece material rico para a análise.

No tratamento da psicose, entretanto, o fluxo das imagens deve ser objetivado e despotencializado, para que a estrutura egóica possa se organizar e fortalecer. Jung afirma ser possível

(...) levar a mente do paciente, através de medidas terapêuticas comuns, a uma distância segura de seu inconsciente, por exemplo, induzindo-o a representar sua situação psíquica num desenho ou num quadro. Com isso, o caos que nos parece impossível compreender e formular é visualizado e objetivado, podendo então

ser observado à distância, analisado e interpretado pela consciência. O resultado desse método parece residir no feito de a impressão originariamente caótica e amedrontadora ser substituída pela imagem que dela se faz (...) Quando o paciente se vê ameaçado pelos afetos da experiência originária, as imagens por ele projetadas servirão para aplacar o terror (1986C, p.249, @562).

Mediante técnicas expressivas ou estudo de mitos e contos de fadas, a fantasia se corporifica e se distancia do sujeito favorecendo uma relação consciente com ela. Nesse caso, o movimento compensatório do inconsciente é no sentido da estruturação mediante a constelação do arquétipo do *self*. Formas estruturantes como as mandalas podem indicar se a base instintiva da psique está reagindo compensatoriamente à desestruturação psíquica.

Para Jung (1981), o processo psicoterápico se dá em diferentes estágios: confissão ou cartase, entendimento, educação e transformação. A confissão ou cartase ocorre no início do processo, desde que um segredo perturbador, causa do conflito psíquico, seja partilhado com o terapeuta. O efeito dela sobre a consciência é de alívio, uma vez que o que estava reprimido pôde ser revelado numa confissão consciente. O segundo estágio é a elaboração consciente desse conflito e a compreensão de suas possíveis causas e implicações. No terceiro estágio, a educação, trata-se de buscar a reeducação do indivíduo em face de uma nova adaptação ao meio. Esses três primeiros estágios atendem às necessidades terapêuticas do indivíduo socialmente orientado cuja consciência se adapta ao sistema coletivo em que está inserido, uma vez que eles conduzem-no a uma readaptação que nasce da dissolução do conflito.

No caso de indivíduo psiquicamente diferenciado cujo sistema de adaptação não se ajusta ao modo coletivo, é necessária a transformação – quarto estágio –, que deve conduzi-lo ao desenvolvimento de um sistema adaptativo individual. É nesse estágio que o conflito tem de ser integrado mediante o confronto intenso com o inconsciente, o que vai proporcionar o nascimento de uma nova ordem psíquica. Jung compara esse processo à fusão de dois elementos químicos que se alteram depois de ocorrida a reação. Em outras palavras, esse estágio compreende a transformação profunda da personalidade consciente e inconsciente.

Se os efeitos terapêuticos dos três primeiros estágios são facilmente observáveis por meio das atitudes e do acréscimo de consciência do paciente, os do processo de

transformação só podem ser identificados mediante a observação do fluxo e desenvolvimento das imagens psíquicas tanto do paciente como do analista. Nele, o foco é deslocado da consciência e da adaptação ao coletivo para o processo de individuação subjacente. A elaboração e compreensão cedem lugar ao “cultivo da alma”, que visa muito mais à remetaforização da consciência do que à literalização do inconsciente. Para transformar-se, a consciência deve abranger os paradoxos, que só adquirem expressão mediante a linguagem metafórica ou simbólica. É necessária uma aproximação efetiva do discurso imagético para que as transformações mais profundas da psique se realizem.

Nos três primeiros estágios, pode-se adotar predominantemente uma interpretação redutiva dos fenômenos psíquicos, recomenda Jung, uma vez que as questões giram em torno da história pessoal do indivíduo e de sua adaptação ao meio; no quarto estágio, entretanto, a amplificação e a imaginação ativa devem substituir a interpretação, para que os desdobramentos naturais da psique se revelem no sentido da individuação.

Samuels (1989) levanta a hipótese de que a grande importância que Jung confere à amplificação deve-se ao fato de sua clientela ter sido composta em sua maioria por pessoas na segunda metade da vida e que já haviam passado por um processo redutivo de análise. Se comprovado, é possível supor que ele tenha exercitado mais a transformação, que ele denominou o quarto estágio da análise.

2.2.2.2 Trabalho com sonhos

Historicamente, a atividade onírica tem sido fonte de inspiração e orientação para o homem. Das primeiras civilizações à atualidade, não faltam registros do recurso aos sonhos e visões como veículos de contato com o transcendente e o espiritual. O homem parece reconhecer no sonho possibilidades de localização e sentido para sua experiência de vida.

O fenômeno onírico, entretanto, não está limitado ao sonho. Apesar de suas peculiaridades, uma série de fenômenos análogos vêm sendo descritos como manifestações da dimensão não-pessoal da psique. Embora diferentes, esses fenômenos são percebidos e vivenciados como manifestação de uma ordem interior,

de um sentido de destino, que tradicionalmente foi descrito como a “voz de Deus”. Tanto na Bíblia como em incontáveis textos religiosos, é freqüente a idéia de que Deus ou seres divinos se comunicam com o homem por meio de sonhos ou visões.

A atual abordagem dos fenômenos oníricos obedece a uma tendência fragmentadora da abordagem científica e descreve esses fenômenos como manifestações psíquicas distintas. No entanto, consoante à intuição das culturas tradicionais e apesar das diferenças na forma de apresentação, sua função psíquica parece ser a mesma: estabelecer uma ponte criativa entre o consciente e o inconsciente.

Segundo Kelsey (1996), tais fenômenos podem ser delimitados em:

1. sonho: conjunto de imagens e sensações inseridas ou não numa estrutura dramática, que nascem espontânea e independentemente do ego durante o sono. Estão relacionadas a fenômenos fisiológicos descritos como estágios REM.
2. atividade conceitual ou pensamento presente durante o sonho, que Jung denomina ego onírico. Essa atividade parece estar relacionada às partes do cérebro que não adormecem e aos períodos chamados de NREM. Alternam-se aos sonhos e transformam as percepções em pensamentos e idéias. Juntos constituem o que se chama “atividade de processo primário” e “mentação de processo secundário”, bases do pensamento e da atividade consciente.
3. imagens hipnagógicas ou hipnopômicas: imagens e visões espontâneas que emergem na fronteira do estado de vigília e de sono. De quadros rápidos, geralmente sobre uma única impressão, podem variar para cenas mais prolongadas. O sujeito não consegue discernir se está sonhando ou não bem como o grau de sua participação emocional é bem reduzido; ele mais observa do que participa.
4. visões: imagens oníricas que invadem espontaneamente a consciência sem que o sujeito perca a referência da realidade. É experienciada como algo real, mas de fato distingue-se da realidade; não se trata de alucinação, por exemplo, fenômeno mediante o qual o indivíduo toma a imagem como parte do mundo exterior.
5. fantasia: ato de observar o fluxo de imagens interiores sugerido por alguns métodos meditativos ou pela imaginação ativa. Aproxima-se da visão, com a diferença de que o próprio sujeito é quem cria a situação psicológica necessária para que as imagens ocorram.

6. sonhar acordado: fluxo de idéias não espontâneo, mas dirigido pelo centro consciente da personalidade, que pode ser criado e modificado segundo a vontade do sujeito.

Em todas essas atividades, há uma confluência de duas modalidades de atividade psíquica: a atividade conceitual, lógica, espaço-temporal e a atividade simbólica, irracional, atemporal, que predomina. Portanto o fenômeno onírico é perceptível em qualquer manifestação psíquica com as características da atividade simbólica: atemporalidade, circularidade, fluidez, ambigüidade, plasticidade, totalidade, etc.

Jung aborda todos esses fenômenos de forma análoga, como manifestações espontâneas do inconsciente que buscam compensar a atitude consciente. Portanto, ao tratar do sonho, pode também estar se referindo a qualquer tipo de manifestação psíquica em que haja atividade onírica nos seus diferentes graus. A peculiaridade do sonho é que nele a participação do ego é praticamente inexistente e o sujeito é mais objeto do que agente da ação. Dentre os vários fenômenos oníricos, o sonho é aquele cuja função compensatória da psique se apresenta de forma mais autêntica e pode ser mais facilmente identificada.

Embora manifeste uma tendência ou sentido inconsciente, o sonho é um fenômeno da consciência, uma vez passível de ser apreendido pelo ego (Jung, 1986). O sonho é a região de interseção da imagem, que dá forma à energia psíquica, com a consciência, que encerra o conteúdo psíquico.

Durante o sono, as funções da consciência passam ao segundo plano em razão do que se altera o estado de percepção do indivíduo no qual a noção do eu se dilui em tramas complexas de situações e personagens. Diminui a capacidade de discriminação, distanciamento, controle, racionalização, localização espaço-temporal, etc. em favor de um estado de “participação mística”, no qual a experiência é vivenciada sem a percepção da relação sujeito e objeto, tempo e espaço. No sonho, a atividade simbólica oferece um vislumbre da realidade unitária, que guarda em si os potenciais que precisam ser integrados à consciência.

(...) Como o sonho se origina no sono ele contém todas as características do *abaissement du niveau mental* (Janet), ou seja, da baixa tensão energética: descontinuidade lógica, caráter fragmentário, formações de analogias, associações superficiais de natureza verbal, sonora ou visual, contaminações, irracionalidade de expressão,

confusão, etc. Com o aumento da tensão energética, os sonhos adquirem um caráter mais ordenado, tornam-se dramaticamente compostos, revelam uma conexão clara de sentido, cresce o valor de suas associações (Jung, 1986, p.10, @152).

Em geral, os sonhos apresentam estruturas dramáticas em que se desenvolve uma ação. São imagens visuais, sonoras, olfativas, táteis ou mesmo gustativas que dão forma a sentimentos, idéias, percepções, desejos ou comportamentos. A imagem onírica não é um produto estático, pelo contrário, é fluida, dinâmica, desdobra-se indicando movimento e direção.

Para Jung, a estrutura dinâmica dos sonhos parece obedecer a um padrão de desenvolvimento comparável à estrutura do drama. Primeiramente há a “exposição”, na qual se apresenta uma situação de ação, do local onde ela ocorre, dos personagens que dela participam e dos sentimentos deles. Depois há o “desenvolvimento”: graças ao desenvolvimento da ação, altera-se a situação inicial que vai culminar num momento de grande tensão, “ápice” ou “peripetéia”; segue uma “resolução” ou *lysis* na qual o conflito manifestado no desenvolvimento da ação pode encontrar uma solução.

Nem todos os sonhos apresentam todas as partes dessa estrutura, mas ela é extremamente útil para a identificação do desenvolvimento da situação psíquica comentada pelo sonho. Mediante esse referencial, pode-se acompanhar como a energia psíquica se movimenta entre as imagens e que direção ela toma; quais as mudanças de qualidade, valor ou polaridades estão ocorrendo; em que ponto do processo de desdobramento a imagem está bloqueada; ou qual é o conflito central discutido pelo sonho.

Freqüentemente, uma mesma situação não se desdobra, da apresentação à resolução, num único sonho, mas numa série deles. Durante o processo analítico é possível observar nos sonhos e fantasias do paciente a confirmação de certos temas que vão sendo comentados e transformados ao longo das sessões.

(...) Quando examinamos séries extensas, podemos identificar, com surpreendente clareza, a continuidade do fluxo inconsciente de imagens. A continuidade manifesta-se na repetição dos chamados motivos. Estes podem referir-se à pessoas, animais, objetos ou situações. Portanto a continuidade da sequência de imagens é expressa

pelo fato de o motivo em questão sempre reaparecer numa longa série de sonhos (Jung, 1981, p.9, @13).

Num primeiro momento, quando se apresenta uma situação, o sujeito parece ter necessidade de reconhecê-la, de constata-la. As imagens parecem explorar o tema das mais diversas formas e perspectivas, porém nada acontece em termos de desenvolvimento do mesmo.

Posteriormente, as imagens iniciais vão sofrendo transformações: o que era escuro começa a clarear, o que era estático passa a se movimentar, o que era planta vira animal, enfim, o movimento instaurado vai se intensificando até o ponto de tensão. Nele, as imagens buscam se contrapor à perspectiva do ego expondo de forma cada vez mais intensa o conflito subjacente, conflito que deve ser levado às últimas conseqüências até que o inconsciente passe a esboçar uma solução para ele. Nesse contexto, são as imagens que parecem indicar saídas ou soluções possibilitando, desse modo, uma nova perspectiva consciente que compreenda a polaridade do conflito.

Esse movimento de desdobramento de imagens é cíclico, razão pela qual pode-se repetir várias vezes durante o processo analítico. Os temas se alternam entre os vários aspectos da vida, mas, cada vez que eles reemergem nas imagens oníricas, parecem sinalizar novos desenvolvimentos e diferentes graus de conscientização.

A psicologia analítica considera a observação, o registro e a discussão dos sonhos ferramentas de fundamental importância na prática clínica, seja do ponto de vista do favorecimento da função compensatória, seja do da possibilidade de orientação do processo analítico (Jung, 1986).

O simples fato de prestar atenção à atividade onírica constitui uma atitude terapêutica, faz com que a sujeito fixe na consciência as imagens que emergem do inconsciente, mesmo que, em princípio, elas não revelem nenhum sentido. Aos poucos, as imagens oníricas vão se integrando ao repertório de representações do sujeito e passam a influenciar sua atitude consciente. Ao comentar certas situações da vida do sonhador, ao desencadear emoções e idéias jamais concebidas, ao contrapor-se à visão do ego ou simplesmente em virtude de seu caráter fantástico ou bizarro, o sonho perturba as “certezas” do ego, possibilitando que ele assimile novos elementos e se flexibilize. Porém, sem a participação ativa do ego, o processo de destilação do sentido das imagens pode ser muito lento senão ineficaz.

No contexto clínico, é possível ir além do mero registro e observação, uma vez que, com o objetivo de explorar, amplificar e aproximar as imagens da consciência, o analista induz o sonhador a estabelecer um diálogo ativo com elas. Esse processo segue algumas etapas: 1. recuperação da imagem, que consiste na reconstrução pormenorizada do sonho; 2. amplificação pessoal ou associações, que permite o estabelecimento de pontes entre o sonhado e a vida do sujeito; e 3. exploração do sentido, que procura identificar possíveis significados para o sonho.

Em geral, se as duas primeiras etapas forem cumpridas, o sentido do sonho revela-se automaticamente para o sonhador. A propósito disso, Jung preconiza uma atitude não-interpretativa; o significado deve brotar do diálogo entre o ego e as imagens oníricas, não de uma explicação teórica ou racional, mas de uma metáfora viva, que possibilite uma nova perspectiva consciente. Desse modo, a imagem favorece tanto a compreensão quanto a experiência emocional necessária para integração dos conteúdos inconscientes.

A chamada metaforização no trabalho com os sonhos postulada por Jung é ratificada por Bosnak (1994).

Procuro criar novas imagens a partir dos elementos simultâneos que se me apresentam. Enquanto as misturo como um maço de cartas, vagas impressões começam a se desenvolver. O significado simbólico das imagens, a metáfora, começa a se precisar; é o tratamento do texto bruto até a produção de uma metáfora. Por isso é importante trazer para a superfície as qualidades específicas de cada componente da imagem pedindo que o sonhador faça associações (...) Dessa forma criam-se conjuntos associativos, direta ou tangencialmente em relação com a imagem do sonho (...) O pedido de associações é uma das partes essenciais do trabalho com os sonhos. Ajuda a estabelecer conexões com o cotidiano do sonhador (p.26).

Para os casos em que as associações não despertem o sentido do sonho, é necessário ajudar o paciente a adotar uma atitude indagadora ou manter por um certo período a imagem aberta como uma questão a ser refletida. Outras vezes, formular questões sugeridas das próprias imagens oníricas pode conduzi-lo ao significado delas – “o sonho parece fazer um comentário sobre a sua atitude profissional, como você recebe

esse comentário? Como uma crítica? Como um elogio? Como uma tentativa de correção? Para onde esse comentário te leva? Quem poderia tê-lo feito?”, etc.

Em sonhos cuja situação ainda é muito nebulosa e cujas pistas ainda são muitos tênues, é preferível deixar a imagem aberta para a reflexão. Nesse caso, comentários como “no teu sonho você recebe um presente do qual nada sabemos. Durante uma semana tente desembrulhá-lo nas diversas situações de sua vida e tente ver o que lhe está sendo dado” mantêm a imagem totalmente aberta, passível de metaforização para várias situações, que aos poucos poderá revelar seu significado.

No trabalho com sonhos, o importante não é chegar a conclusões definitivas ou a significações unívocas, mas conseguir levar as imagens oníricas a reverberar na consciência do paciente para que possam ser portadoras dos possíveis sentidos para ele. Trata-se de um processo lento e delicado que não deve ser atropelado pela necessidade de entendimento racional, seja do paciente, seja do terapeuta.

A maioria dos sonhos tratados na análise é de natureza compensatória e dizem respeito à situação imediata do indivíduo. Para eles, essas etapas cumprem satisfatoriamente a tarefa de compreendê-los e a função terapêutica.

Os sonhos que emergem de camadas mais profundas do inconsciente, formulações arcaicas de certas experiências de vida, a que Jung denomina “grandes sonhos” ou “sonhos arquetípicos”, em virtude do impacto que exercem sobre a consciência e do caráter impessoal de sua formulação, exigem uma abordagem que possibilite a aproximação do sentido deles (Jung, 1986).

Primeiramente, é preciso ter em mente que sonhos arquetípicos ocorrem em situações que exigem uma profunda transformação da personalidade ou quando há uma considerável ameaça psíquica ou à vida. Num ou noutro caso, o sentido do sonho não será apreendido de imediato; eles indicam um processo de longa duração que pode levar anos durante os quais o conteúdo arcaico vai sendo depurado e conectado com a dimensão pessoal do sonhador. Por isso, qualquer tentativa de interpretação pode prejudicar o desdobramento natural e o processo de integração das imagens.

Nessas circunstâncias, o terapeuta pode oferecer ao cliente recursos como a amplificação, materiais culturais análogos – mitos, lendas, contos de fada, textos religiosos, etc. –, nos quais possa encontrar uma referência coletiva para sua experiência, o que deve ser feito de forma bastante criteriosa, para evitar que o

excesso de material coletivo leve o indivíduo a um estado de identificação e inflação impedindo-o de se relacionar diretamente com o sonho. Jung denomina esse procedimento de amplificação arquetípica e o recomenda tão-somente depois de esgotados todos os recursos de associação pessoal. Apesar dessas restrições, convém ao terapeuta, sempre que necessário, recorrer à amplificação arquetípica como meio de se localizar em face do material do cliente. As imagens contidas nos produtos culturais oferecem uma espécie de anatomia comparada da vida simbólica, que, como mapas, favorecem a identificação de situações típicas e seus desenvolvimentos. Além da função compensatória, individual e arquetípica, os sonhos são fonte importantíssima de informação tanto sobre a vida psíquica do paciente quanto da relação terapêutica. Jung recomenda que os primeiros sonhos de uma análise devem ser considerados em seus aspectos diagnósticos e prognósticos, ou seja, que além de oferecer um retrato da situação psíquica atual do indivíduo eles sinalizam as possibilidades de desenvolvimento dela. (Jung, 1986)

Outro fator de particular importância para a prática clínica é o papel norteador dos sonhos sobre as intervenções do terapeuta bem como na relação com ele – transferência/contratransferência – ao longo do processo analítico. A esse propósito, é fundamental levar em consideração os comentários que as imagens oníricas fazem sobre a relação analítica e acolher suas indicações.

Como reações instintivas da psique, os sonhos geralmente estabelecem um ritmo natural de desenvolvimento para o processo analítico, permitindo por isso ao terapeuta caminhar com certa segurança entre as questões que eles vão sugerindo. Cabe-lhe apenas respeitar esse ritmo como garantia de que não haja uma intervenção invasiva ou prematura em certos campos da experiência do cliente, uma vez que as questões vão brotando naturalmente de sua psique. Isso tanto favorece a vinculação imediata do sujeito com o conteúdo emergente, dado que as imagens oníricas são produções dele e não do terapeuta, como favorece o reconhecimento de que o indivíduo está vivendo um processo independentemente do analista, o que facilita a constelação de um vínculo terapêutico caracterizado pela não-dependência da figura do analista e do seu saber.

2.2.2.3 Imaginação ativa

A técnica da imaginação ativa foi desenvolvida por Jung da sua própria experiência interior. Em *Memórias, Sonhos e Reflexões* (Jung, 1989), ele relata que, depois do rompimento com Freud, em 1913, passou a viver um período que ele denominou “confronto com o inconsciente”, em que foi invadido por fantasias, visões e sonhos de forma avassaladora. Ameaçado de desestruturação psíquica, Jung procura formas de manter sua orientação que o ajudem a entrar em contato com as fortes emoções contidas nessas fantasias. A lembrança de um período da infância, quando se dedicava a construir casinhas e castelos de pedra e areia, vem acompanhada de uma emoção que lhe permite reconectar-se com sua criatividade interior. “Ah, ah! Disse a mim mesmo, aqui há vida! O garoto anda por perto e possui uma vida criativa que me falta. Mas como chegar até ela?” (p.154). Depois de muita resistência entrega-se diariamente ao jogo:

Todos os dias depois do almoço, se o tempo permitia, eu me entregava ao brinquedo de construção. Mal terminava a refeição, “brincava” até o momento em que os doentes começavam a chegar; à tarde, se meu trabalho tivesse terminado a tempo, voltava às construções. Com isso meus pensamentos se tornavam claros e conseguia apreender de modo mais preciso fantasias das quais até então tivera apenas um vago pressentimento (p.155).

Levado por essa experiência, Jung percebe que o ato lúdico possibilita o fluxo de uma outra modalidade de pensamento no qual a fantasia toma forma e pode ser elaborada conscientemente. Além desse jogo, procura registrar sem nenhum julgamento suas fantasias e emoções; ao fazê-lo, percebe que a pressão interna diminui:

Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior. Se tivesse permanecido no plano das emoções, eu possivelmente teria sido dilacerado pelos conteúdos inconscientes. Ou, talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo modo. Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de

vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por trás das emoções (Jung, 1989, p.158).

O registro contínuo de suas fantasias o fez perceber que elas iam se modificando e sugerindo movimentos e direções; que ele precisava mudar sua atitude em relação a elas, entrando na imaginação como se entrasse num espaço real, onde ele poderia interagir ativamente com as pessoas e objetos e não apenas deixar que as fantasias se desenvolvessem passivamente. Quando, em 1913, vê-se mergulhado na fantasia de um mundo subterrâneo de natureza mítica e obscura e em alguns sonhos de grande impacto emocional, decide entregar-se sem resistência às imagens sugeridas e descobre que, ao dar vida própria a elas, é possível estabelecer um diálogo direto e ativo com o inconsciente.

Para apreender as fantasias, eu partia muitas vezes da representação de uma descida. Certa vez, fiz várias tentativas antes de penetrar nas profundidades. Na primeira vez, atingi, por assim dizer, uma profundidade de trezentos metros. Na seguinte já se tratava de uma profundidade cósmica. Parecia uma viagem à lua ou uma descida no vácuo. Surgiu em primeiro lugar a imagem de uma cratera e senti como se estivesse no país dos mortos. Ao pé de um alto muro rochoso vi duas figuras: a de um homem idoso de barba branca e a de uma bela jovem. Reunindo toda minha coragem, abordei-os como se fossem seres reais. Escutei com atenção o que me diziam. O homem idoso declarou que era Elias, isto me abalou. Quanto à moça, desconcertou-me ainda mais dizendo que se chamava Salomé! Era cega. Que estranho casal: Salomé e Elias! Entretanto, Elias assegurou-me que ele e Salomé já estavam ligados por toda uma eternidade e isto aumentou ao máximo minha confusão. Vivia com eles uma serpente negra que manifestava uma evidente inclinação por mim. Preferi dirigir-me a Elias, porque se afigurava o mais razoável dos três, parecendo dispor de uma boa compreensão. Salomé inspirava-me desconfiança. Mantive com Elias uma longa conversa, cujo sentido não consegui compreender (1989, p.161).

Essa fantasia deu início a um longo diálogo que durou vários anos, no qual as figuras se personificavam orientadas para o seu interior possibilitando-lhe redirecionar sua

personalidade. Num de seus relatos, Jung se refere a um inevitável sentimento de derrota e humilhação, uma vez que o ego é confrontado com outras instâncias psíquicas indescartáveis, o que lhe impõe uma certa relativização e diminuição de valor na economia psíquica.

Apesar de começar a se servir desse método com seus pacientes desde 1916, Jung só traz a público suas primeiras conclusões uma década mais tarde. Com este cuidado foi-lhe possível analisar criteriosamente a validade e aplicação da imaginação ativa, permitindo que qualquer sugestão fosse evitada na medida em que pôde se distanciar de suas primeiras experiências.

Anos mais tarde, Jung encontraria na alquimia um paralelo histórico para essa modalidade de imaginação: ao manipular os metais, as pedras e as plantas no vaso alquímico, o alquimista parecia realizar uma espécie de imaginação ativa à qual ele denominava *imaginatio* ou *meditatio*. A partir de uma afirmação de Ruland, Jung comenta:

A palavra *meditatio* é usada quando ocorre um diálogo interior com alguém invisível que tanto pode ser Deus, quando invocado, como a própria pessoa ou seu anjo benigno.” Este “diálogo interior” é familiar ao psicólogo – por constituir uma parte essencial da técnica do diálogo com o inconsciente. A definição de Ruland prova sem dúvida alguma que os alquimistas, ao falarem de *meditari*, não se referem a uma simples reflexão, mas a um diálogo interior e portanto a uma relação viva com a voz do “outro” em nós que responde, isto é, com o inconsciente. O conceito de meditação no *dictum* (dito) hermético: “E como todas as coisas vêm do Uno, através da meditação do Uno” deve ser entendido na acepção alquímica de um diálogo criativo mediante o qual as coisas passam de um estado potencial inconsciente para um estado manifesto (Jung, 1994, p.286, @390).

A imaginação ativa pode ser descrita, de forma bastante genérica, como *um estado especial de consciência que permite o desencadeamento do fluxo de imagens e fantasias provenientes do inconsciente, com as quais é possível estabelecer um contato ativo*. Embora não haja uma formulação muito clara dos procedimentos adotados para se atingir esse estado, uma vez que eles dependem de fatores muito

específicos de indivíduo para indivíduo, há etapas deles que podem ser identificadas e delimitadas.

O primeiro passo da imaginação ativa é criar um estado favorável de consciência que permita a observação das fantasias latentes por meio de imagens, sensações corporais e sentimentos que emergem na consciência sem interferência da atividade racional. Para isso, é importante que haja uma predisposição psíquica do indivíduo, ou seja, uma constelação arquetípica ou fantasia latente que favoreça a ação espontânea da atividade imaginativa; que se atinja um estágio em que o pensamento explicativo ou valorativo seja suficientemente neutralizado, possibilitando assim que a consciência perceba as imagens tal qual se apresentam sem julgá-las, censurá-las ou rotulá-las.

Jung (1998) observa que

(...) quando nos concentramos num quadro mental, ele ganha movimento, a imagem se enriquece de detalhes, se dinamiza e desenvolve. Naturalmente sempre sentimos desconfiança, julgando que, ao produzirmos a imagem, ela não passe de nossa invenção. Mas tem-se que ultrapassar a dúvida, pois ela não é verdadeira. Através de nossa mente consciente podemos produzir muito pouco. Durante todo tempo dependemos de coisas que literalmente caem em nossa consciência (...) Consequentemente estou convencido de que não podemos fazer grande coisa por meio da invenção consciente. Nós superestimamos a força da intenção e da vontade. E assim, quando nos concentramos num quadro interior e tomamos cuidado de não interromper o fluxo natural dos acontecimentos, o inconsciente produzirá uma série de imagens que farão uma história completa (177, @ 398).

Para favorecer essa disposição, é preferível que o indivíduo esteja num lugar tranquilo, sem estímulos externos, como luz, som, burburinho, etc. e em estado de relaxamento.

À medida que a imaginação ativa vai se tornando familiar, cria-se um espaço interior pelo qual fica mais fácil entrar num estado de consciência que favoreça o desenvolvimento dela, como uma chave ou uma espécie de “rito de entrada” – a imagem de um lugar, de um personagem ou um determinado estado de espírito, um sentimento, ou até mesmo uma sensação corporal. Esse contexto possibilita a

realização da imaginação ativa em outras oportunidades, como andando, cozinhando, bordando, etc.

Uma vez criada a disposição interior para que ocorra a fantasia, é necessário manter uma tensão adequada, para que a imagem se desenvolva no campo perceptivo interior; observá-la atentamente com o cuidado de concentrar-se nela sem carência de atenção, para que não se disperse com facilidade, uma vez fluida ou fugidia, bem como sem atenção excessiva, de quem decide “caçar a imagem”, o que pode paralisá-la e fixá-la prematuramente antes do processo dinâmico desvelar-se enquanto se desenvolve.

As pessoas com dificuldade de entrar nesse estado contemplativo podem recorrer a instrumentos externos facilitadores da produção de imagens, como a pintura espontânea ou o jogo na areia (*sandplay*), com a desvantagem de que ele vai utilizar formas de representação preestabelecidas (miniaturas), freqüentemente um fator limitador da imaginação e da interação ativa do indivíduo com as imagens (Von Franz, 1993).

A esse estágio de produção de fantasia Jung denomina “imaginação passiva”, que a alquimia, por sua vez, denomina *imaginatio fantastica* em oposição a *imaginatio vera* (Jung, 1994). Nesse processo não há interação entre o ego e as imagens produzidas na fantasia, que se materializam na consciência de forma autônoma sem nenhuma participação ou sugestão do ego.

O passo seguinte é o registro, recurso pelo qual as imagens internas ganham forma escrita, pictórica, de desenho, de escultura, de música ou de dança. A tarefa é buscar uma objetivação da fantasia que possibilite o estabelecimento de um diálogo direto e ativo entre o ego e as fantasias do inconsciente. Nesse estágio é preciso evitar que ocorram ou excesso de preocupação estética, ou interesse precipitado pelo significado.

No primeiro caso, se a representação da imagem for muito direcionada por valores estéticos externos, a forma pode matar o conteúdo; a elaboração estética acaba aprisionando e esvaziando o fluxo da fantasia e se transforma numa atividade que tende mais a satisfazer às exigências e tendências do ego do que a realizar um diálogo entre ele e o inconsciente (função transcendente).

No segundo caso, se, depois de registrada a imagem, se busca de imediato o sentido ou significado dela, do mesmo modo o processo imaginativo é paralisado e

esvaziado; a imagem fica aprisionada graças a uma explicação racional que satisfaz facilmente ao ego, mas o diálogo interior é interrompido em prejuízo da tensão necessária que alimenta o confronto entre o consciente e o inconsciente.

A forma como a fantasia se materializa pode variar muito de indivíduo para indivíduo em virtude da personalidade de cada um. Pessoas do tipo pensamento poderão ter mais facilidade com registros escritos, as do tipo sentimento ou intuição, com formas plásticas, as do tipo sensação, com escultura ou fantasias corporais. Em cada um dos casos, a imaginação ativa pode tomar forma do diálogo com uma parte ou órgão do corpo ao qual é dada a possibilidade de se manifestar sobre determinado assunto.

O quarto e último passo da imaginação ativa consiste no estabelecimento de um diálogo vivo e honesto com as imagens registradas com vistas a um confronto moral com o material produzido. Dos outros métodos de imaginação, este é o aspecto pelo qual a imaginação ativa difere; nela, as imagens adquirem vida própria e podem se manifestar como entidades que personificam sentimentos, opiniões, conflitos, valores morais, entre outros, com os quais é possível estabelecer uma relação dialética. E desse confronto espera-se que ambas as partes, ego e figuras internas, saiam transformadas, o que pode ocorrer se os elementos apresentados por elas se integrarem.

Jung pondera sobre a dificuldade de se alcançar essa etapa, uma vez que ela exige do indivíduo uma atitude de plena abertura e honestidade para com as imagens da fantasia. Há sempre o perigo de o indivíduo imergir na imaginação ativa com uma atitude de ego falseada, procurando mascarar uma situação ou conflito, o que certamente bloqueia um confronto verdadeiro e transformador. É preciso reagir às imagens interiores do mesmo modo como realmente reagir-se-ia no mundo exterior, não procurar “agradar” ou “corresponder” às exigências que se apresentarem por intermédio da fantasia. Se não houver tensão emocional, não poderá haver transformação. O inconsciente só pode indicar um caminho de saída para a crise se for mantida a consciência dos opostos.

O confronto consciente com as várias tendências psíquicas situa o indivíduo em face de uma tarefa moral: como fazer para integrar as polaridades que se apresentam no conflito? Reconhecidas essas tendências, o mais importante é deixar de ser possuído por elas, como se estivesse inconsciente delas. Se o indivíduo tomar conhecimento

das múltiplas facetas da sua psique e assumir a responsabilidade por elas ouvindo o que elas têm a dizer e considerando suas indicações, ele passa a ser capaz de fazer opções e avaliar de que modo e quando pode aplicá-las ou não na vida cotidiana. O afeto que antes agia autonomamente pode ser integrado e direcionado pela consciência.

Para Jung esse tipo de atividade imaginativa permite que o próprio afeto ou impulso, que estão na base formativa dos símbolos, sejam transformados dando origem a um novo estado psíquico. O impulso psíquico ultrapassa da transposição de um meio de expressão para outro (sublimação); ele é transformado em sua essência dando origem a uma nova configuração, que integra as polaridades presentes no conflito (integração).

Apesar da legitimidade e eficácia do método, Jung parece tê-lo utilizado bastante criteriosamente:

Usei o método durante longo tempo com muitos pacientes e tenho grande coleção dessa “obra”. O processo é interessantíssimo de ser observado. Logicamente não uso a imaginação ativa como panacéia e deve haver um número suficiente de indicações de que o método é indicado para o paciente. E há um grande número de clientes com os quais seria errado o uso (Jung, 1998, p.177, @ 399).

Está claro que não é possível trabalhar com imaginação ativa com qualquer tipo de paciente. Antes é necessário avaliar as condições egóicas do indivíduo. Para quem o ego trabalha de forma muito frágil ou fragmentada (*boderline*), o diálogo aberto com as figuras do inconsciente pode ter um efeito destrutivo; ele pode facilmente identificar-se com essas figuras e absorver um potencial energético com conseqüências desastrosas para a dinâmica psíquica (inflação). Uma psicose que se encontre em estado latente pode ser ativada e a função egóica destruída.

Para haver um diálogo criativo e construtivo com o inconsciente, é preciso que o ego participe como um parceiro efetivo desse processo. É somente por intermédio da consciência que o potencial inconsciente pode se realizar construtivamente, nunca em seu detrimento. Jung ressalta que o objetivo último do confronto com o inconsciente é o alargamento da consciência, razão pela qual é fundamental que todas as intuições recebidas em forma de imagens de fantasia, desde que traduzidas

em atitudes, valores, formas de reagir às situações, em sentimentos ou idéias, possam ser integradas na vida consciente..

Contrariamente a outras técnicas de imaginação, não é recomendável a participação do terapeuta durante o processo da imaginação ativa. Cabe a ele explicar e orientar o paciente sobre como entrar no processo, mas não persuadi-lo nem mesmo levá-lo a realizar a imaginação por meio de sugestões durante a consulta, evitando desse modo que ocorresse um processo de imaginação dirigida graças à estimulação contínua do terapeuta. A imaginação ativa ocorre tão-somente se houver uma constelação arquetípica que possibilite a formação de imagens nascida de uma predisposição do inconsciente que se traduz em imagens, sentimentos ou sintomas espontaneamente manifestos na mente do paciente.

Oportunamente estimulado a realizar a imaginação a sós, cabe a ele trazer os registros para discussão com o terapeuta. À luz desses registros é possível avaliar se o paciente entrou ou não na imaginação ativa, se sua atitude consciente foi ou não adequada e propor correções. Convém que o terapeuta se abstenha de indicar significados, que devem emergir como uma resposta espontânea do inconsciente para a situação psíquica do momento. Caso contrário, em vez de facilitar, ele pode interromper ou paralisar o processo natural de desenvolvimento e desdobramento das fantasias.

Delegar ao paciente a responsabilidade pelo confronto interior parece ser a atitude mais indicada, o que certamente não vai gerar dependência inadequada dele pelo terapeuta e pela psicoterapia. “Segundo Jung, o resultado mais importante da Imaginação Ativa é possibilitar ao analisando tornar-se independente de seu analista. Por esta razão, não se deve interferir (com exceção nos casos de correções do método)” (Von Franz, 1993, p.173).

Em alguns textos Jung (1981), parece sugerir que a imaginação ativa seja usada numa fase adiantada da terapia, quando os conflitos não podem mais ser explicados de forma redutiva segundo os eventos e a história de vida do paciente. Nesse caso, é preciso favorecer o movimento compensatório da psique estabelecendo com sua base instintiva um canal de comunicação para que se configure uma solução individual e espontânea. “Freqüentemente, no final da análise, a objetivação das imagens substitui os sonhos. As imagens os antecipam e assim o material onírico começa a diminuir. O

inconsciente se ‘desinfla’ assim que a mente consciente se relaciona com ele. O processo de maturação é acelerado” (Jung, 1998, p.177, @ 399).

2.2.3 Amplificação: o método junguiano de interpretação

Segundo Von Franz (1990), a interpretação psicológica do material arquetípico serve de ponte entre consciente e inconsciente, razão pela qual, seja para o processo psicoterápico, seja para o simples enriquecimento da consciência, é necessário interpretar os sonhos e outros conteúdos simbólicos. No entanto toda interpretação é parcial e momentânea, nunca definitiva e consiste na tradução das imagens para uma linguagem psicológica, o que, segundo alguns autores, resultaria em substituir um mito por outro. Corre-se o risco de reescrever o material simbólico “janguianamente” dando origem a uma nova mitologia, o que, segundo Von Franz, não é um problema, desde que seja assumido conscientemente como um grau de compreensão possível para um determinado estágio de consciência transitório num dado momento histórico.

Interpretação psicológica é o nosso modo de contar histórias, pois ainda necessitamos delas e ainda aspiramos à renovação que advém da compreensão de imagens arquetípicas. Nós sabemos muito bem que a interpretação é o nosso mito. Nós explicamos X por Y, porque Y corresponde melhor ao nosso espírito atual (Von Franz, 1990, p.55).

Essas afirmações levantam questões que precisam ser mais bem discutidas. Até que ponto a linguagem psicológica é necessária para o processo psicoterápico ou de autoconhecimento? Nomear as experiências a partir do léxico psicológico tem realmente alguma eficácia terapêutica? Que uso faz o paciente do discurso psicológico e como isso interfere no seu processo de desenvolvimento psíquico? A interpretação como tradução não seria mais um instrumento para o terapeuta do que um recurso eficaz para o paciente? A tradução da linguagem do inconsciente para a linguagem conceitual do consciente não corresponderia à sobreposição de um sobre o outro, em vez de desenvolver uma zona intermediária – função transcendente – entre os mesmos? Não estaria a imagem imbuída de uma consciência própria que precisa ser apreendida como tal em vez de decodificada?

Uma vez que se apresenta de forma metafórica, a imagem é um campo aberto para reflexão e não deve ser esvaziada se não morta pela conceituação, que lhe subtrai o poder mediador para transformá-la numa mera representação. O caráter paradoxal da imagem precisa ser mantido, ele é a base para o estabelecimento de uma atitude consciente mais flexível e criativa do sujeito. A expectativa inicial da psicanálise em despotencializar o inconsciente mediante uma dissecação meticulosa e prolongada já se mostrou perigosa, bem como a dissecação interpretativa que pode representar um empobrecimento da consciência. A psicologia analítica recomenda que é preciso aprender a conviver com as manifestações do inconsciente e não esvaziá-las.

No contexto clínico, a imagem e as questões em torno dela suscitam inevitavelmente questões em torno da interpretação. Já é tradicional que interpretar é criar a possibilidade de traduzir, relacionar ou transpor as imagens ou sintomas psíquicos para uma linguagem psicológica. Na obra de Jung, entretanto, há uma insistente necessidade de diferenciar o método de interpretação do método psicanalítico.

Segundo Freud, o método caracteriza-se por uma visão analítico-redutiva, que, a partir da decomposição dos sonhos ou fantasias nos componentes de reminiscências e nos processos instintivos que lhe constituem a base, busca estabelecer uma causalidade das imagens simbólicas com fatos ou pessoas da vida do sujeito.

O método junguiano, por sua vez, que ele denominou “método construtivo”, tem um caráter sintético-hermenêutico e consiste em enfatizar o sentido prospectivo ou finalista da imagem. Nele, há dois aspectos a considerar: primeiro, a análise nascida da decomposição deve ser seguida de uma síntese, e, segundo, se um material psíquico for simplesmente decomposto, na prática parecerá desprovido de sentido, ao passo que revelará uma riqueza de significados, se for confirmado e ampliado por todos os meios conscientes.

Os valores das imagens ou símbolos do inconsciente coletivo só aparecem quando submetidos a um tratamento *sintético*. Como a análise decompõe o material simbólico da fantasia em seus componentes, o processo sintético integra-o numa expressão conjunta e coerente (Jung, 1980, p.73, @ 122).

O método construtivo, por sua vez, ao tratar do símbolo deixa de perguntar o “porquê” e passa a se preocupar com o “para quê” da imagem.

(...) o método construtivo de interpretação não se preocupa com as fontes ou elementos originais que estão na base do produto inconsciente, mas procura exprimir o produto simbólico de forma geral e compreensível. As associações livres a propósito do produto inconsciente são consideradas mais no sentido de sua orientação finalista e não tanto sob o aspecto de sua procedência. São vistas sob o ângulo do fazer ou do deixar fazer futuros; é cuidadosamente levada em conta sua relação com o estado atual da consciência, pois, segundo a concepção compensatória do inconsciente, a atividade do inconsciente tem um significado sobretudo de equilíbrio ou de complementação para a situação consciente. Como se trata de orientação prévia, a verdadeira relação com o objeto entra bem menos em questão do que o procedimento redutivo que se ocupa com relações objetais realmente acontecidas. Trata-se mais da atitude subjetiva em que o objeto significa apenas um indício das tendências do sujeito. A intenção do método construtivo é, pois, estabelecer um sentido do produto inconsciente em vista da atitude futura do sujeito.” (Jung, 1991, p.403, @783).

O método construtivo baseia-se na apreciação das imagens, não mais do ponto de vista semiótico, como sinal dos processos instintivos elementares, mas do ponto de vista simbólico. Levando em consideração que o símbolo é a melhor formulação possível de uma determinada situação, experiência ou conteúdo psíquico, “a imagem e a significação são idênticas, e à medida que a primeira assume contornos definidos, a segunda se torna mais clara. A forma assim adquirida, a rigor não precisa de interpretação, pois ela própria descreve seu sentido” (Jung, 1986, p.141, @402).

O sentido de um símbolo só pode ser reconhecido do contexto psíquico em que se manifestou. Não há sentidos predeterminados que possibilitem uma tradução segura e unívoca da imagem simbólica. O significado individual do símbolo emerge da relação dialética entre paciente e terapeuta, no *modus faciendi* analítico. A “ parte individual é única, imprescindível e não interpretável. O terapeuta deve renunciar neste caso a todos os pressupostos e técnicas e limitar-se a um processo puramente dialético, isto é, evitar todos os métodos” (Jung, 1981,p.5,@6). O estabelecimento de

um diálogo com as imagens favorece a ativação de cadeias associativas que podem levar aos seus respectivos possíveis significados.

A atividade interpretativa deixa de ser baseada na busca de um significado psicológico para enfatizar o estabelecimento das várias conexões possíveis entre as imagens. Não busca atribuir um valor ou conceito psicológico à imagem, mas conduzir a imagem para as várias manifestações psíquicas.

Jung diz que a imagem não “representa”, mas “apresenta” algo, é uma realidade em si mesma. Por isso não necessita de uma tradução ou interpretação, mas de uma clarificação e amplificação que a façam cumprir sua função dinâmica: dar forma a conteúdos que penetram na esfera psíquica. Enquanto é mantida como imagem, a imagem psíquica é capaz de compreender e sinalizar uma quantidade imensa de percepções que seriam reduzidas, caso ela fosse traduzida ou interpretada. A imagem de uma pessoa que tem uma fantasia, na qual se vê dirigindo um carro em alta velocidade e termina por batê-lo contra um muro, pode sugerir que sua atitude na vida reflete uma situação de risco; que dirige de forma suicida ou ainda que está prestes a enfrentar obstáculos em sua vida.

Essas afirmações são interpretações com o intuito de desvendar ou atribuir um sentido para as imagens e para as atitudes do sujeito em questão. Mas como fazer afirmações sobre situações que ainda não se configuraram na consciência? Se, pelo contrário, a imagem fosse explorada de forma a tornar-se mais presente para o sujeito, ela própria serviria de elemento catalisador de uma variedade de situações e acabaria revelando à consciência formas que lhe favoreceriam sentido.

No caso comentado acima, poderia ser explorada a imagem do carro: qual a cor e marca dele; quem é seu proprietário; como é andar nesse carro; o caminho percorrido; andar nele em alta velocidade; onde o sujeito já viu um carro como esse; ele está só ou acompanhado; enfim, amplificar a imagem de modo a fixá-la na consciência e a relacioná-la à vida da pessoa. Feito isso, o sujeito poderá perceber essa imagem em várias situações de sua vida, que antes podiam passar despercebidas e que a partir dessa fantasia receberam uma forma que favorece uma relação consciente com elas. Em outras palavras, o sujeito poderá aperceber-se “em um carro em alta velocidade” em seu trabalho, ou no seu casamento, ou na maneira como ele se relaciona consigo mesmo, etc.

Em *Memórias, Sonhos e Reflexões*, Jung (1989) defende a adoção de uma atitude não-interpretativa. Refere-se à necessidade de desenvolver uma nova atitude com seus pacientes, depois do rompimento com Freud, primeiramente evitando despejar teoria em cima deles, para esperar e ver o que lhe diriam por conta própria.

Pus-me, então, à escuta do que o acaso trazia. Constatei logo que [os pacientes] relatavam espontaneamente seus sonhos e fantasias; eu apenas formulava algumas perguntas, tais como: “O que pensa disso?” ou: “Como compreende isso? De onde vem esta imagem?” Das respostas e associações apresentadas por eles, as interpretações decorriam naturalmente. Deixando de lado todo ponto de vista teórico, apenas ajudava a compreender por si mesmos suas imagens (p.152).

Clinicamente, Jung e seus primeiros seguidores dão ênfase à elucidação dos padrões arquetípicos mediante a amplificação dos dados comparativos ou mediante a imaginação ativa, com o objetivo de identificar o sentido dos materiais psíquicos presentes na consciência. A amplificação consiste no enriquecimento da imagem simbólica originada dos processos associativos. Para amplificar um símbolo, acrescentam-se a ele materiais individuais e coletivos que possibilitarão o estabelecimento de uma ponte entre consciente e inconsciente.

No âmbito individual, as amplificações têm origem nas associações que o sujeito faz com as próprias imagens. São conexões que ele estabelece e dizem respeito à sua história e experiência de vida. No âmbito coletivo ou arquetípico, a amplificação

é uma forma desenvolvida de analogia na qual o conteúdo ou a história de um mito, um conto de fadas ou uma prática ritualista já conhecidos são usadas para elucidar ou “ampliar” o que não seria mais do que um fragmento clínico – uma única palavra, uma imagem de um sonho ou uma sensação corporal. Se o fragmento clínico desperta no analista ou no paciente o conhecimento que já existe, então pode-se entender o material (Samuels, 1989, p.28).

A razão para a amplificação de uma imagem pode ter origem na sensação de contratransferência do analista muitas das quais se manifestam por meio de imagens geralmente arquetípicas. Nesse caso, podem surgir situações históricas, contos, mitos, que, de forma análoga, se relacionam com a situação psíquica do paciente.

Kast (1997) afirma que:

É importante entender cada aspecto da contratransferência como expressão da relação entre o inconsciente do analisando e o inconsciente do analista, que se comunicam; é essencial compreender que, por vezes, uma pessoa pode estimular em outra a criação de uma imagem que é a expressão precisa de sua situação e que detém em si uma possibilidade de desenvolvimento (p.62).

Apesar de ser um valioso instrumento para o analista, a amplificação arquetípica não deve ser utilizada indiscriminadamente, sobretudo no contexto clínico. Não há razão nenhuma para a amplificação assumir a forma de uma alimentação forçada de imagens para o paciente. O terapeuta pode amplificar silenciosamente, a partir de paralelos histórico-culturais que servem como um mapa de orientação para certas situações psíquicas gerais e ajudam o analista a situar-se em relação ao contexto psíquico do paciente, notadamente se ele manifestar-se caótico. Os paralelos arquetípicos apontam possíveis desenvolvimentos para uma situação específica como se afirmassem: para esta situação, o homem em geral tem tais e tais soluções e desenvolvimentos. Mais instrumentado, o analista pode identificar o sentido prospectivo e estabelecer o fio terapêutico.

Outro cuidado é não reduzir o símbolo a uma referência arquetípica, confundindo o “mapa” com o fato psíquico em si; cair numa atitude estética que transforma os eventos psíquicos em entidades separadas da experiência subjetiva do sujeito. Indiscriminadamente, tudo passa a ser “simbólico”, “arquetípico” em detrimento da experiência simbólica e/ou arquetípica que é esvaziada uma vez reduzida a um conceito.

O perigo da tendência estética consiste na supervalorização do formal ou do valor “artístico” dos produtos da fantasia que afastam a libido do objeto fundamental da função transcendente, desviando-a para os problemas puramente estéticos da formulação artística. O perigo do desejo de entender o sentido do material tratado está em supervalorizar o aspecto do conteúdo que está submetido a uma análise e a uma interpretação intelectual, o que faz com que se perca o caráter essencialmente simbólico do objeto (Jung, 1986, p.17, @176).

Em situações nas quais o paciente não consegue estabelecer relações pessoais com as imagens simbólicas, a sobreposição de imagens paralelas de caráter histórico-cultural

podem auxiliar a desencadear o processo associativo levando-o a estabelecer as relações necessárias. As imagens paralelas servem de um fio condutor e não de um fim em si mesmas. Elas não são o significado da imagem, mas podem ser as condutoras dos desdobramentos da energia psíquica que vai formulá-lo. De uma imagem psíquica individual, seguida de um ou mais paralelos arquetípicos, o significado retornará incontestavelmente para o sujeito. Em outras palavras, a amplificação arquetípica sobrevive até o momento em que se desencadeia o processo associativo, momento em que o material coletivo apresentado pode e deve ser contextualizado na dimensão específica da situação psíquica individual da qual emergiu.

Em relação ao seu significado, Jung estabelece um outro parâmetro para a interpretação do material simbólico. Ele pode estar relacionado a fatos, objetos e pessoas reais ou a componentes psíquicos subjetivos do sujeito. Naquele caso ele vai falar de “interpretação a nível do objeto” e no segundo, de “interpretação ao nível do sujeito”.

A interpretação ao nível do objeto é *analítica*, pois decompõe o conteúdo do sonho em complexos de reminiscências que se referem a situações externas. A interpretação ao nível do sujeito, ao invés, é *sintética*, pois desliga das circunstâncias externas os complexos de reminiscências em que se baseia e os interpreta como tendências ou partes do sujeito, incorporando-os novamente ao sujeito (Jung, 1980, p.76, @130).

A análise pode caminhar até certo ponto sob uma perspectiva analítica, uma vez que os conflitos estão ligados às experiências de vida do indivíduo que determinam a tonalidade afetiva dos complexos subjacentes a eles. Portanto uma interpretação a nível do objeto é indicada para a oportunidade de identificar e esclarecer os complexos. No entanto, para diminuir o impacto de um complexo sobre a economia psíquica, não basta identificar a causa ou a origem dele. Em princípio, um complexo nasce da polarização do arquétipo que lhe deu origem, cuja tarefa é ativar o movimento compensatório do inconsciente, o qual, por sua vez, procura integrar uma nova perspectiva transformando a situação psíquica anteriormente subjugada pelo complexo. Uma vez tratar-se de fatores ainda potenciais, não é possível abordá-los de modo reduutivo ou do ponto de vista do objeto. Nesse caso, é preciso adotar o

ponto de vista do sujeito e reconhecer a potencialidade emergente e sua finalidade na dinâmica psíquica.

2.2.4 Teoria psicológica: conceituação ou imaginação?

Tanto a obra de Jung como os mais recentes desenvolvimentos da psicologia analítica procuram construir uma linguagem mais adequada para descrever e discutir o fenômeno psíquico. A categorização e delimitação dos fenômenos e os conceitos delas resultantes demonstram-se ineficazes e empobrecedores. É necessário encontrar uma maneira de descrever o fato psíquico sem destituí-lo de sua natureza dinâmica e singular; evocar o fenômeno para que ele possa ser compreendido mais profundamente tanto do ponto de vista intelectual quanto emocional.

Embora a psique possa ficar aprisionada em certos conceitos ou imagens, jamais pode ser totalmente apreendida (Jaffé, 1989).

Quando o inconsciente coletivo participa do jogo, as declarações conceituais do psicólogo são válidas como verdades definitivas, somente dentro de certos limites. Além destes, trata-se freqüentemente apenas de aproximações e paradoxos. É por isso que as formulações figuradas e até artísticas com que nos deparamos constantemente na obra de Jung são às vezes mais apropriadas e mais próximas da verdade do que as definições verbalmente claras. “A psique pertence ao âmago do mistério da vida.” Qualquer afirmação que não atente para o mistério da psique é falsa do ponto de vista científico (p.31).

Desse aspecto, a autora sugere uma metaforização da linguagem em busca de uma descrição pictórica do fenômeno psíquico. Ao adotar denominações carregadas de sentido histórico-vivencial, como alma, espírito, *anima*, *animus*, *persona*, arquétipo, vaso, pedra filosofal, etc., Jung parece subentender outros sentidos que esses termos podem suscitar sugerindo, assim, tanto o reconhecimento dos limites de um conceito teórico sobre a realidade psíquica quanto a necessidade de fazê-lo ressoar psiquicamente à luz de seu substrato metafórico.

Jung salienta as limitações da teoria a respeito dos aspectos irracionais da psique:

Acho que qualquer teoria científica, por mais sutil que seja, tem em si menos valor, do ponto de vista da verdade psicológica, do que o dogma religioso, pela simples razão de que uma teoria é, necessariamente muito abstrata e essencialmente racional, ao passo que o dogma expressa muito do irracional através de imagens. Isto garante uma representação muito melhor de um fato irracional como é a psique (CW11, @181).

Na tentativa de compreender o aspecto irracional da psique, Jung acaba produzindo um gênero de explicação em que as próprias categorias são saturadas de imprecisão e permeáveis ao metafórico. Para ele:

(...) a antinomia deve resolver-se em um *postulado antinômico*, por menos satisfatório que isto possa ser para o concretismo do ser humano e por mais que repugne ao espírito da ciência natural admitir que a assim chamada realidade se concretiza por uma irracionalidade misteriosa a qual, entretanto, resulta necessariamente do postulado antinômico (Jung, 1987, p.22, @ 41).

(...) A linguagem com que me exprimo deve ser equívoca, isto é, de duplo sentido, se quiser levar em conta a natureza da psique e seu duplo aspecto. É conscientemente e com deliberação que procuro a expressão de duplo sentido: para corresponder à natureza do ser, ela é preferível à expressão unívoca. Minhas predisposições naturais me levariam a ser muito claro. Isso não é difícil, mas iria de encontro à verdade. Permito voluntariamente que todas as gamas sonoras ressoem visto que, por um lado, existem de fato e, por outro, podem dar uma imagem mais fiel da realidade. A expressão unívoca só tem sentido quando se trata de constar fatos e não quando se trata de interpretação, pois o sentido não é uma tautologia, mas inclui em si sempre mais do que o objeto concreto enunciado (Jung, 1989, p.322).

Embora Jung tenha se preocupado em desenvolver um corpo teórico, ele atribui à teoria um papel secundário no processo analítico. Mais importante é que o terapeuta possa integrar a teoria à sua experiência de vida, de modo que ela deixe de ser um assunto artificial, imposto, técnico e externo. É preciso evitar o que ele chama de

conhecimento não-integrado, ou seja, a dissociação entre o conhecimento teórico-técnico e a personalidade. Conhecida a teoria, ela deve tornar-se pessoal, especificamente mediante a análise, a auto-análise e a introspecção. Nesse processo, os conceitos passam a ser imagens vivas interiorizadas à luz das quais o analista pode fazer reverberar a realidade psíquica do paciente.

Quanto ao uso da teoria, Jung (1988) afirma:

No campo da psicologia as teorias podem ter efeitos extremamente devastadores. Precisamos, com certeza, de alguns pontos de vista teóricos, por causa de seu valor heurístico e de orientação, mas devem sempre ser considerados meros modelos auxiliares, que podem ser abandonados a qualquer momento (p.9).

Deve-se portanto evitar o uso da teoria de modo defensivo, que bloqueia os sentimentos, ou de forma mágica, à busca de respostas fáceis, ou ainda de forma puramente lógica, na tentativa de construir um diagnóstico.

Para se entender a obra de Jung, é importante entender qual o processo de construção teórica que ele sugere. Sobre isso Jaffé (1989) afirma:

Com frequência Jung examinava os problemas durante anos, até sentir que encontrara o caminho para a sua resposta final e o problema lhe parecesse ordenado e esclarecido. “Em primeiro lugar, eu fazia observações e só então formulava penosamente os conceitos sobre o problema.” Este é o modo de agir do pioneiro. Falando estritamente, as observações não ocupavam o primeiro lugar. Por trás delas pairava uma imagem, um arquétipo, eu quase diria uma visão, que, passo a passo, era trazida para mais perto da realidade. Jung não poupava esforços no trabalho intelectual e de ampliação dos estudos e da observação, até que a imagem no seu espírito estivesse objetivamente apoiada e fosse corrigida e corroborada pelos fatos da realidade externa e interna. Esse método é característico do intuitivo, cuja “intuição” inicial se torna um conhecimento criativo, ao ser aplicada também à percepção e à observação dos fatos empíricos pelo sentimento (p.29).

Assim como outros autores, Jung recorre continuamente à analogia, como a proposito do conceito de libido ou energia psíquica que ele estabelece paralelo com a física. Para Samuels (1989):

(...) a elaboração de analogias é uma atividade mental fundamental e imaginativa, mais do que simplesmente um instrumento de compreensão. De fato, as próprias imagens são uma forma de analogia porque se relacionam com estímulos que não estão, geralmente, ativos. Contudo, (..) a intenção de Jung ao fazer analogias é tanto demonstrar quanto utilizar a idéia de que o mundo pode ser uno, o chamado *unus mundus*, uma visão holista na qual tudo está, de algum modo, interligado. A analogia nos conduz a uma camada mais profunda da experiência de compreensão. Isto é reforçado pelo papel que desempenham pressentimentos, suposições e intuições na descoberta científica. Uma intuição, como uma analogia, pode juntar duas idéias que não tinham sido antes relacionadas. (...) Na analogia, Jung às vezes via algo que antes não vira, ou via algo de um ângulo diferente. Às vezes a analogia está mais próxima da psique do que a realidade observada; muitas vezes a analogia é o oposto da reificação (p.24).

Tanto a psique como a matéria são estruturadas ou organizadas segundo leis análogas, por fatores irrepresentáveis: o arquétipo em si. A idéia de uma natureza psicóide suscita uma visão de mundo unitária, onde matéria e espírito estão interligadas e relacionadas como partes de uma mesma unidade. Constatações como essa têm levado a ciência a buscar novos paradigmas que superem a cisão cartesiana entre matéria e espírito. A noção de inconsciente coletivo e arquétipo proposta por Jung reafirma a natureza paradoxal da psique porque pressupõe as polaridades matéria e espírito. O inconsciente coletivo é um princípio autônomo que atua “fora de nós”, isto é, fora da consciência, num “campo-primordial-de-espaco-tempo” (Jaffé, 1989). É a esfera oculta e transcendental do ser, aquilo que, em tese, é incognoscível e só pode ser percebido indiretamente por meio de seus efeitos. Uma vez autônomo e fora de controle do homem, é percebido como forças irresistíveis, o que lhe confere certa numinosidade, razão pela qual o homem é levado a designá-lo como “divinos”.

Ciente de que essas manifestações não nascem de sua personalidade consciente, o homem comum dá a esses poderes nomes como “mana”, “Demônio” ou “Deus”. A ciência usa o termo “inconsciente” como forma de admitir sua ignorância sobre essa dimensão com a justificativa de que qualquer conhecimento sobre ela ultrapassa os limites do psíquico. Jung (1989) discute a validade do emprego das diferentes terminologias:

O conceito de inconsciente inclui o plano das coisas experimentáveis, isto é, a realidade cotidiana, tal como é conhecida e abordável. O inconsciente é um conceito demasiado neutro e racional para que, na prática, possa se mostrar de grande ajuda à imaginação. Ele foi forjado precisamente para o uso científico; portanto, é mais apto para uma abordagem das coisas sem paixão e sem exigências metafísicas, do que conceitos transcendentais que são passíveis de crítica e que podem desviar para um fanatismo.

Daí, prefiro o termo “inconsciente”, sabendo perfeitamente que poderia também falar de “Deus”, ou de “Demônio” se quisesse me exprimir de maneira mítica. À medida que me explico miticamente, “mana”, “Demônio”, “Deus” são sinônimos de inconsciente, pois sabemos a respeito dos primeiros tanto ou tão pouco quanto do último. Acreditamos simplesmente saber mais sobre os primeiros, o que na verdade, para certos fins, é muito mais útil e muito mais eficaz do que recorrer a um conceito científico.

A grande vantagem dos conceitos “Demônio” e “Deus” está em permitir uma objetivação bem melhor do defrontar-se, ou seja, da personificação deles. Suas qualidades emocionais lhes conferem vida e eficácia. Ódio e amor, medo e veneração surgem no teatro da confrontação e a dramatizam em grau supremo. Dessa forma o que era simplesmente ‘exposto’ torna-se “atuado” (p.291)

Se Jung usa esses termos como analogias, ele não pretende com isso reduzir ou substituir um pelo outro, o que, muito frequentemente, é um dos grandes equívocos de leitores de sua obra que chegam a atribuir-lhe, às vezes, uma conotação mística. Jung não presumia a identidade entre Deus e inconsciente. No entanto, o caráter

indistinguível refere-se tão-somente à experiência e não àquilo que é experienciado. Mesmo que sob a perspectiva da experiência subjetiva Deus e o inconsciente não possam ser diferenciados, não é possível admitir de antemão que eles sejam idênticos. A semelhança entre os dois está na insondabilidade da dimensão de um e de outro.

Jung seguiu sua consciência quando aceitou as experiências religiosas não exclusivamente pela fé, mas as examinou pelo seu conteúdo arquetípico e submeteu-as à sua reflexão. Isso custou-lhe com frequência a acusação de “psicologismo”. A censura só teria sido justificada se ele estivesse falando do próprio Deus. De conformidade com o pensamento platônico, o seu trabalho científico se ocupava apenas com as declarações do homem sobre Deus e o divino. Elas lhe proporcionaram uma visão profunda da natureza da psique (Jaffé, 1989, p.52).

O uso de uma linguagem mítica parece ter também uma finalidade terapêutica na medida em que estabelece uma conexão emocional imediata entre o indivíduo e sua experiência. Atrás da terminologia há uma imagem viva que precisa ser conectada à consciência e não apenas explicada ou substituída por outro conceito. Reduzir a experiência psíquica a uma explicação psicológica pode resultar num completo distanciamento emocional do sujeito e sua experiência interior, o que, em última instância, impossibilita a redistribuição da energia psíquica entre os complexos. Só há transformação na medida em que os conflitos resultantes do movimento compensatório da psique são trazidos à consciência tanto no plano racional como emocional. Portanto a explicação deve ser acompanhada de uma vivência emocional. Samuels (1989) chama a atenção para o perigo da reificação na psicologia analítica:

A linguagem afeta a compreensão e a compreensão alicerça a linguagem. O problema principal causado pela linguagem de Jung e, por conseguinte, até certo ponto, pela dos pós-junguianos, é a tentação de reificá-la, isto é, tornar concreto, literal e verdadeiro aquilo que é mutável, fluido e vivencial de uma teoria predeterminada, como por exemplo, o inconsciente. A reificação não só induz à aplicação de uma teoria predeterminada, como ignora o papel da psique na psicologia. Foram propostas diversas maneiras de se contornar esse problema.

Lambert (1981a) sugere que deveria ser feita uma distinção entre linguagem metafórica e científica, a linguagem da imaginação e a linguagem do intelecto. A primeira tende a se expressar em imagens visuais ou auditivas; a segunda, usa abordagem racional ou conceitual (...) Mas, como via Jung, é possível conceber uma complementaridade ou parceria, na qual as partes mais racionais e lógicas da mente passam a trabalhar sobre um material imaginário bruto (p.23).

Uma das fontes de metáforas amplamente explorada por Jung para a descrição dos processos psíquicos foi a alquimia. Como a astrologia e a medicina medieval, a alquimia constitui uma tentativa de conhecimento pré-científico, caracterizado pela falta de modelos que possibilitem uma explicação objetiva dos fatos. Sempre que o homem se depara com o desconhecido tende a preencher a escuridão com formas vivas, o que é próprio das experiências primordiais. Ao deparar-se com a imensidão do universo e seus movimentos, o homem enxerga suas divindades e suas qualidades dinâmicas; ao se deparar com o corpo, percebe as influências de espíritos bons e maus e sua relação com deuses e anjos; e ao deparar-se com os mistérios da matéria, vê a “Criação” em andamento.

Após demorados estudos de textos alquímicos, Jung percebeu que, desde os tempos mais remotos, a alquimia parece apresentar um duplo aspecto: um, o trabalho experimental no laboratório, e outro, um processo psicológico em parte consciente e psíquico, em parte inconsciente, projetado nos processos de transformação da matéria. Esses dois aspectos juntos constituíram a base de um tipo de reflexão filosófica vivencial permeado pela produção de imagens que os alquimistas denominavam de *vera imaginatio*. Ela pressupunha a participação total do alquimista na Obra (*opus*), que, ao manipular a matéria, tinha visões, alucinações e até sonhos tidos como fonte de revelação sobre ela. Dessa forma “o *opus* alquímico não concerne em geral unicamente aos experimentos químicos, mas a algo semelhante aos processos psíquicos, expresso em uma linguagem pseudoquímica” (Jung, 1994, p.254, @ 342).

No contexto psicológico, pode-se dizer que a exuberante produção dos alquimistas constitui um produto da projeção de conteúdos anímicos sobre a matéria.

O alquimista desconhecia a verdadeira natureza da matéria. Ele a conhecia unicamente através de alusões. Na medida em que procurava

investigá-la, projetava o inconsciente na escuridão da matéria, a fim de clareá-la. Na tentativa de explicar o mistério da matéria, projetava outro mistério, isto é, projetava seu próprio fundo psíquico desconhecido no que pretendia explicar (Jung, 1994, p.256, @345).

Os textos alquímicos constituem uma fonte inesgotável de metáforas e símbolos que podem servir à compreensão e explicação dos processos psíquicos bem como do processo analítico. Os tesouros que os alquimistas procuravam sem jamais encontrar – o ouro, a pedra filosofal ou da sabedoria, o elixir da vida, o escravo vermelho, a dama branca, etc. – não devem ser entendidos como produtos materiais, mas como imagens arquetípicas e numinosas da psique.

A alquimia é extremamente valiosa para a psicoterapia graças às suas imagens, que concretizam as experiências de transformação ocorridas no processo de individuação e constituem uma espécie de anatomia do processo de desenvolvimento psíquico.

Cedo percebi que a psicologia analítica coincidia de modo bastante singular com a alquimia. As experiências dos alquimistas eram, num certo sentido, as minhas próprias experiências, assim como seu mundo era meu mundo. Foi, com efeito, uma descoberta marcante: eu encontrara a contraparte histórica da minha psicologia do inconsciente. A possibilidade de comparação com a alquimia, bem como a cadeia intelectual ininterrupta que remonta ao Gnosticismo, davam-lhe substância. Quando me debrucei sobre aqueles antigos textos, tudo encontrou seu lugar: as imagens-fantasia, o material empírico que recolhera em minha prática e as conclusões que deles retirara. Eu começara entender o significado desses conteúdos psíquicos a partir de uma perspectiva histórica (Jung apud Edinger, 1990, p.22).

A imagem central da alquimia é a realização do *opus* (obra) cujo objetivo é atingir um valor supremo e essencial: a “pedra filosofal”, o “elixir da vida” ou o “remédio universal”. É um processo marcado por etapas, que, embora não encontrem consenso entre os autores, podem ser delimitadas genericamente. Primeira, é a descoberta da *prima materia*, da qual se origina o processo de transformação constituído por *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio* e *coniunctio*. Cada uma dessas etapas é codificada por um elaborado sistema de símbolos que

estabelecem as categorias básicas para a compreensão da vida psíquica, ilustrando praticamente uma enorme gama de experiências que constituem a individuação.

Certas características do *opus* podem ser relacionadas analogamente ao processo psicoterápico configurando nele metáforas orientadoras. O *opus* é um processo realizado por um indivíduo sob a orientação de Deus. É uma busca solitária e secreta de caráter religioso, desencadeada pela natureza, mas que só pode ser concluída com a ajuda e o esforço humanos. Do ponto de vista psicológico, pode-se dizer que o processo de individuação é orientado pelo arquétipo central do *self* e trata-se de uma busca individual, solitária, de caráter transcendente. É desencadeado por constelações arquetípicas inconscientes que precisam ser relacionadas e integradas à consciência à custa do esforço e da participação do ego.

2.3 A imagem e os novos desenvolvimentos da psicologia analítica

O desenvolvimento da psicologia analítica nasceu com as idéias iniciais de Jung e tomou direções que precisam ser identificadas. Segundo Samuels (1989), apesar de não haver na prática uma cisão entre as diversas tendências, de fato há orientações que desencadeiam práticas analíticas distintas bem como distintos focos sobre o material apresentado pelo paciente.

Adler propõe uma classificação do desenvolvimento da Psicologia Analítica em três escolas: ortodoxa, de centro e neojunguiana (Samuels, 1989). A escola ortodoxa é representada pelos analistas fieis à proposta metodológica de Jung, com ênfase nos elementos prospectivos e teleológicos do material psíquico do paciente mediante recursos como a amplificação e a imaginação ativa, que se fundamentam na confiança da atividade dinâmica e curativa do *self*.

A escola neojunguiana procura integrar conceitos de psicanálise de autores como Erikson, nos EUA, e Klein e Winnicott, na Inglaterra. Enfatiza o material infantil e a repetição do padrão dele na vida adulta, privilegiando a criança histórica do paciente. Esse enfoque conduz à concentração mais acentuada nos aspectos transferenciais, uma vez que, em parte, eles se constituem de desejos e impulsos infantis e de mecanismos de defesa primitivos. A interpretação redutiva é favorecida em detrimento da amplificação e da imaginação ativa.

A escola de centro busca combinar as duas tendências anteriores, atribuindo à transferência um sentido mais amplo e um recurso entre outros à disposição do analista. Além de seu aspecto regressivo, a transferência também é entendida pelos centristas como a projeção de potenciais inconscientes do paciente sobre o terapeuta. Essa escola prioriza ainda a análise dos sonhos em detrimento da imaginação ativa e da amplificação.

Samuels (1989) sugere uma nova classificação da psicologia analítica baseada em três aspectos teóricos – definição de arquétipo, conceito de *self* e desenvolvimento da personalidade – e em três aspectos clínicos – análise da transferência e da contratransferência, ênfase na experiência simbólica do *self* e exame de imagens muito diferenciadas. A combinação desses fatores resulta na concepção de três escolas: a clássica, a de desenvolvimento e a arquetípica.

A escola clássica, que obedece ao modelo originalmente proposto por Jung, enfatiza o conceito e a experiência simbólica do *self*. A escola do desenvolvimento, por sua vez, privilegia o desenvolvimento da personalidade e a análise da transferência e da contratransferência. E a escola arquetípica salienta a definição do arquétipo e o exame de imagens muito diferenciadas.

À luz dessa classificação, o autor propõe o seguinte quadro representativo dos autores junguianos cujo grau de distanciamento da psicologia analítica clássica está indicado em colunas de 1 a 3.

Desenvolvimento			Clássica	Arquetípica	
3	2	1	0	1	2
Carvalho, R.	Abenheimer, K.	Blum, F.	Adler, G.	Güggenbuhl, A.	Avens, R.
Davidson, D.	Blomeyer, R.	Bradway, K.	Binswanger, H.	Shorter, B.	Berry, P.
Fordham, M.	Clark, G.	Detloff,	Castillejo, I.C.	Stein, R.	Casey, E.
Gordon, R.	Dieckmann, H.	Edinger, E.	Fierz, H.		Corbin, H.
Jackson, M.	Fiumara, R.	Hall, J.	Frey-Rohn, L.		Giegerich, W.
Kay, D.	Goodheart, W.	McCurdy, A.	Groesbeck, C.		Grinnell, R.
Lambert, K.	Hobson, R.	Neumann, E.	Hannah, B.		Hillman, J.
Ledermann, R.	Jacoby, M.	Perry, J.	Harding, E.		Lopez-Pedraza, R.
Lyons, J.	Newton, K.	Schwartz, N.	Henderson, J.		Miller, D.
Maduro, M.	Moore, N.	Ulanov, A.	Humbert, E.		Stein, M.
Paut, A.	Redfearn, J.	Whitmont, E.	Jacobi, J.		Moore, T. ⁶
Stein, I.	Samuels, A.	Wileford, W.	Jaffé, A.		
Strauss, R.	Seligman, E.		Jung, E.		
Zinkin, L.	Williams, M.		Matton, M.		
			Layard, J.		
			Meier, C.		
			Perera, S.		
			Singer, J.		
			Stevens, A.		
			Van de Heydt, V.		
			Von Franz, M.L.		
			Weaver, R.		
			Wheelwright, J.		
			Wolff, T.		
			Woodman, M.		

No Brasil, os autores mais traduzidos estão concentrados na escola clássica, seguidos da escola arquetípica e de desenvolvimento, respectivamente, o que, por certo, é um

⁶ Autor acrescentado por mim ao quadro por considerá-lo representativo da escola arquetípica sobretudo no tocante a sua visão sobre a imagem e imaginação.

indicador do grau de inserção de cada escola no âmbito da psicologia analítica no Brasil.

Para discutir os novos desenvolvimentos da psicologia analítica e suas contribuições para a questão da imagem, adotei a classificação sugerida por Samuels, seja porque é mais atualizada, seja porque está baseada em pressupostos teórico-práticos mais bem delimitados. Primeiramente, será feita uma revisão da teoria do desenvolvimento da personalidade, proposta por Neumann, e suas implicações para o entendimento das imagens. Em seguida será discutida a visão da psicologia arquetípica sobre a imaginação, à luz das propostas feitas por Hillman.

2.3.1 Neumann e o modelo desenvolvimentista

Acima destes demônios momentâneos que vêm e vão,
aparecendo e desaparecendo
como as próprias emoções subjetivas que os originam,
ergue-se agora uma nova série de divindades,
cujas fontes não residem no sentimento momentâneo,
mas no atuar ordenado e duradouro do homem
(Cassirer, Linguagem e Mito)

A obra de Jung padece uma lacuna a respeito do processo de desenvolvimento da personalidade na primeira etapa da vida, decorrente, entre outras razões, da ênfase à finalidade dos processos psíquicos em detrimento de sua causalidade. Samuels (1989) acredita que a veemência da reação de Jung contra a obra de Freud o tenha impedido de refletir mais satisfatoriamente sobre a psicologia do desenvolvimento e suas implicações para a prática da análise.

Erich Neumann (1905-1960), poeta, romancista, filósofo, médico, discípulo e colaborador de Jung, estabelece as bases para uma reflexão profunda sobre o processo de amadurecimento da psique e a gênese da consciência na sua dimensão individual e coletiva, reparando, consideravelmente, as lacunas deixadas por Jung. Nascido em Berlim, onde vive até 1933, quando conclui sua formação em medicina, em 1934, Neumann muda-se para Tel Aviv, onde mora até a morte. De 1934 a 1936

estabelece com Jung uma duradoura e frutífera relação de estudo e cooperação. Graças à sua vasta cultura e erudição, fortalece o enfoque histórico-cultural da psique e seu desenvolvimento em franco confronto com o enfoque clínico enfatizado pelas escolas inglesas e americanas.

Ao contrário de outros sistemas de pesquisa, possíveis e necessários, que consideram o desenvolvimento da consciência em sua relação com o fatores ambientais exteriores, a nossa investigação se preocupa mais com fatores interiores, psíquicos e arquetípicos, que determinam o curso desse desenvolvimento (Neumann, 1995, p.13).

A preocupação de Neumann com o desenvolvimento da personalidade, que ocorre *pari passu* ao desenvolvimento do ego, estabelece uma abordagem evolutiva dividida em estágios nos quais as polaridades psíquicas se diferenciam para dar origem à estrutura egóica.

A questão da origem do universo e do homem está associada ao seu próprio aparecimento. “De onde viemos?” é uma pergunta invariável que toda cosmogonia e mitos de criação sempre procuram responder. A questão da origem do mundo e das coisas é simultânea à da origem do homem, da consciência e do ego, justificativa da inquietação do ser humano desde que ele atinge o limiar da autoconsciência.

As respostas mitológicas a essas interrogações são simbólicas, como todas que as vêm das profundezas da psique, do inconsciente. A natureza metafórica do símbolo expressa que “isto é semelhante a isto, aquilo é semelhante àquilo”. Jamais uma resposta simbólica deve ser entendida concretamente ou tomada ao pé da letra, porque seria com a resposta matematicamente lógica da consciência que diz: “isto é isto, aquilo é aquilo”. A declaração de identidade – e a da lógica da consciência, erigida sobre ela – não tem valor para a psique nem para o inconsciente. A psique, como o sonho, mistura, fia e tece, combinando cada coisa com cada outra coisa. O símbolo é, por conseguinte, uma analogia; é mais uma equivalência do que uma equação; nisso reside a sua riqueza de significados, mas, da mesma maneira, o seu caráter instável. Apenas o grupo simbólico, um compacto de analogias parcialmente contraditórias, pode fazer que

algo desconhecido e incompreensível para a consciência se torne mais inteligível e conscientizável (Neumann, 1995, p.27).

Diversamente da consciência, o inconsciente não tenta apreender e explicar seus objetos mediante explicações discursivas ou análises lógicas. A ação do inconsciente é distinta; ela tenta compreender os fenômenos na pluralidade de seus aspectos, circunscrevendo-os e descrevendo-os das mais diversas perspectivas. Cada novo símbolo desvela um lado essencial do objeto percebido, conferindo-lhe outros significados. Apenas um conjunto de imagens simbólicas congregadas num centro comum podem revelar o que os símbolos tentam expressar. “As imagens e símbolos têm sobre as formulações filosóficas paradoxais de unidade infinita e de totalidade não imaginada a vantagem de a sua unidade ser percebida como tal num relance” (Neumann, 1995, p.29).

Os arquétipos manifestos nos mitos guardam entre si uma relação orgânica; os estágios em que eles se sucedem determinam o crescimento da consciência (Neumann 1995). Na esfera individual, o ego passa pelos mesmos estágios arquetípicos que determinaram a evolução da consciência ao longo da história da humanidade. É desse modo que as imagens arquetípicas oferecem uma forma natural de desenvolvimento e maturação da personalidade e por isso podem ser comparadas aos componentes hormonais e biológicos da constituição física.

Além do caráter eterno, o arquétipo também é dotado de uma significação histórica de importância semelhante:

A consciência do ego se desenvolve mediante a passagem por uma série de “imagens eternas”, e o ego, transformado nessa passagem, experimenta constantemente uma nova relação com os arquétipos. A relação do ego com a natureza eterna das imagens arquetípicas é um processo de sucessão temporal, isto é, ocorre em estágios. A capacidade de compreender e de interpretar essas imagens se transforma à medida que a consciência do ego muda, no decorrer da história ontogenética e filogenética do homem; para a consciência do ego em evolução, o caráter relativo da imagem eterna se torna, em consequência, cada vez mais pronunciado (Neumann, 1995, p.14).

Neumann aprofunda suas idéias mediante o método de amplificação proposto por Jung, razão pela qual suas obras constituem uma fonte copiosa de possibilidades

desse método. À luz de imagens mitológicas e pictóricas de diversas culturas, Neumann faz profundas incursões sobre a natureza arquetípica da psique e revela aspectos que não haviam sido abordados pela psicologia analítica até então.

Tradicionalmente, o método comparativo relaciona o material simbólico e coletivo manifesto na psique individual com o material correspondente manifesto na história da religião, na arte, na psicologia primitiva, etc., e oferece uma interpretação levando em consideração o contexto oferecido pelo sujeito.

Neumann suplementa esse método pelo viés evolutivo, que avalia o material em relação ao estágio de desenvolvimento alcançado pelo ego e das suas relações com o inconsciente. Os estágios arquetípicos são etapas do desenvolvimento da consciência, o que lhe permite interpretar a figura mitológica da criança, do adolescente e do herói como figurações dos estágios de transformação e desenvolvimento do ego.

Esses estágios, com os seus vários graus de consciência do ego, têm caráter arquetípico, isto é, são demonstráveis como “presença eterna” e operante na psique do homem moderno e como parte da sua estrutura psíquica. A natureza constitutiva desses estágios da psique vai se desvelando na sequência histórica do desenvolvimento individual, mas é muito provável que, inversamente, a estrutura psíquica do indivíduo também tenha sido construída na sequência histórica do desenvolvimento humano (Neumann, 1995, p.194).

Para delimitar os estágios arquetípicos, é preciso estabelecer uma distinção entre os fatores pessoais e transpessoais. Aqueles pertencem a uma personalidade individual e não são compartilhados por outro indivíduo; estes são coletivos, suprapessoais e extrapessoais, elementos estruturais internos partilhados por toda a humanidade; são sobretudo independentes da esfera pessoal uma vez coletiva e individualmente resultado da evolução.

No início da história da humanidade como no do desenvolvimento do indivíduo preponderam os aspectos transpessoais. Apenas numa etapa posterior de desenvolvimento o domínio pessoal alcança autonomia. Situações em que a consciência ainda não se diferenciou suficientemente do inconsciente deixam o indivíduo à mercê do grupo e das constelações inconscientes. Desde que predominem estruturas pré-consciente e pré-individual, as reações racionais e individuais cedem às reações míticas e coletivas, estado psíquico típico da criança e

do homem primitivo, que experimentam o mundo não objetiva mas mitologicamente, mediante imagens e símbolos arquetípicos. Reagem ao mundo arquetípica, instintiva e inconscientemente, não individual e conscientemente.

A interdependência entre o coletivo e o individual refletem a natureza do psíquico:

De um lado, a história primitiva do coletivo é determinada por imagens primordiais interiores cujas projeções se manifestam no exterior como poderosos fatores – deuses, espíritos ou demônios – que se convertem em objetos de culto. De outro, os simbolismos coletivos do homem também aparecem no indivíduo, e o desenvolvimento, ou mau desenvolvimento, psíquico de cada indivíduo é regido pelas mesmas imagens primordiais que determinam a história coletiva do homem (Neumann, 1995, p.16).

Segundo Neumann, o reconhecimento do papel que o estrato coletivo da psique desempenha na esfera individual tem importância terapêutica tanto para o indivíduo como para a coletividade. A integração dos fenômenos psíquicos pessoais aos símbolos transpessoais correspondentes possibilita o desenvolvimento e a síntese da consciência mediante a personalidade ou a cultura. Uma vez associados os fatos puramente pessoais aos dados transpessoais, a dimensão humana coletiva é redescoberta e adquire novo dinamismo. À estreita formação da personalidade individual, marcada pelo “personalismo doentio” do homem moderno, acrescentam-se novas percepções e possibilidades.

2.3.1.1 A gênese da consciência

À luz da análise de mitos de diferentes culturas, Neumann identifica certos padrões que sugerem o processo de desenvolvimento da consciência ao longo da história e procura relacionar esses padrões com o processo de desenvolvimento da consciência na criança. Opta pelo método comparativo em suas reflexões, pautado sobretudo pela amplificação, o que lhe valeu críticas dentre outros de Fordham, que aponta a falta de dados empíricos e clínicos que sustentem suas afirmações. Apesar disso, muitas das suposições de Neumann, desde que foram apresentadas, têm encontrado

considerável respaldo empírico, o que convalida e ratifica o método de amplificação proposto por Jung.

Os estágios de desenvolvimento do ego têm servido como ponto de referência clínico nos procedimentos de diagnose e psicoterapia. Identificar o padrão de desenvolvimento relativo ao momento de vida do paciente favorece um enfoque terapêutico mais adequado sobretudo em casos em que haja necessidade de adaptação ou de auto-realização.

Neumann descreve os estágios de desenvolvimento em:

1. Centroversão e formação do ego:

fase urobórica

fase da grande mãe

fase da separação dos pais primordiais.

2. Centroversão e diferenciação:

fase da separação dos pais do mundo e renascimento

fase heróica

3. A auto-realização da centroversão na segunda metade da vida:

fase da deflação do mundo

fase da integração e do símbolo unificador

fase da transformação e experiência do *self*

O conceito de centroversão de Neumann refere-se à função da totalidade, que, na primeira etapa da vida, leva à formação de um centro de consciência gradualmente assumido pelo complexo do ego e, na segunda metade da vida, no processo de individuação, é transferido do ego para o *self*. Esse conceito se aplica portanto à relação entre os centros da personalidade, o ego e o *self* cuja unidade é mantida graças à centroversão, que, mediante movimento compensatório, possibilita ao todo se tornar um sistema autocriador e em expansão.

(...) além da tendência de desenvolvimento, há outra, igualmente legítima, que é auto-relacionada ou “centrovertida”. Essa tendência ajuda a desenvolver a personalidade e a realização individual. Esse desenvolvimento pode derivar os seus conteúdos tanto de fora como de dentro, sem distinção, sendo alimentado igualmente pela introversão e pela extroversão. O seu centro de gravidade, no entanto, não reside nos objetos, sejam eles internos ou externos, nem na

relação com eles, mas na autoformação, isto é, na emersão e elaboração de uma personalidade que, como núcleo e centro do posicionamento na vida, usa os objetos do mundo interior e exterior como material para o desenvolvimento de sua integralidade. Essa integralidade é um fim em si mesmo, é autárquica; ela é sobremodo independente de todo valor utilitário que possa ter, quer para o exterior coletivo ou para as forças psíquicas interiores (Neumann, 1995, p.44).

A primeira etapa da vida psíquica da criança é caracterizada por uma experiência que guarda as mesmas qualidades da vida uterina: plenitude, indiferenciação, identidade, sentimento circular, não-delimitação, etc. É chamada fase urobórica uma vez associada à imagem do uroboros, serpente circular que morde e engole a própria cauda; representa a unidade sem opostos, característica da realidade psíquica do recém-nascido.

(...) o uroboros , como o Grande Círculo em cujo centro, à maneira de um útero, o germe do ego repousa protegido, é o símbolo característico da situação uterina na qual não existe ainda uma criança com uma personalidade delimitada de forma suficientemente clara para permitir o confronto com um meio ambiente humano e extra-humano (Neumann, 1991, p.11).

No fase urobórica, em que o ego e a consciência se encontram em estado embrionário, a centroversão está fundamentada num simbolismo corporal primitivo; nele, o corpo representa a totalidade e a unidade geral e sua reação absoluta ao mundo torna-se uma totalidade criativa genuína. A sensação do corpo é a base natural para a sensação da personalidade.

Aos poucos a criança vai se separando do corpo da mãe e se percebendo uma totalidade corporal. Não há ainda um ego que permita relação de eu-tu com seu corpo ou com o corpo da mãe, mas há uma consciência corporal que Neumann denomina *self* corporal que não é fundamentada na imagem delimitada de um corpo, mas numa experiência ilimitada na qual a criança se sente parte integrante do mundo e da natureza. Portanto, nos relatos mitológicos do princípio do mundo – mitos de criação –, a unidade mundo e psique está presente.

Não há ainda um ego reflexivo e autoconsciente capaz de remeter tudo a si mesmo, isto é, de refletir. A psique não apenas se encontra aberta ao mundo, mas ainda é idêntica e indistinta do mundo; ela conhece a si mesma como mundo e no mundo, experimentando seu próprio vir-a-ser como o vir-a-ser do mundo; ela experimenta as suas próprias imagens como os céus estrelados e os seus próprios conteúdos como os deuses criadores do mundo (Neumann, 1995, p.26).

O esquema corporal tem origem no arquétipo do homem original e serve de imagem plasmadora do mundo – símbolo básico dos sistemas míticos – cujas partes são coordenadas por regiões do corpo. Assim como Deus, o mundo também é criado e representado à imagem e semelhança do homem, relação que deriva da auto-sensação corporal impregnada do mana da fase de consciência urobórica.

A fase urobórica, é o estágio mais inferior e inicial da história do ego, caracteriza-se a. pela ausência de polaridades masculino/feminino, eu/tu, dentro/fora, etc.; b. pelo caráter auto-erótico e autogerador; e c. pelo caráter autofágico. A fixação ou regressão nessa fase prejudicam o indivíduo sujeito doente bem como podem beneficiar o sujeito criativo.

O caráter regressivo e destrutivo ou progressivo e criativo do incesto urobórico depende do alcance e da firmeza da consciência e da fase evolutiva do ego. A uroboros possui também um significado criativo, porque seu mundo é, ao mesmo tempo, o mundo primordial da origem e da regeneração, de onde a vida e o ego renascem constantemente, como o dia da noite (Neumann, 1995, p.203).

Esse movimento de mergulho que a consciência realiza continuamente às fontes primordiais da psique é uma questão de fundamental importância para a discussão do papel das imagens simbólicas no processo de reequilíbrio e desenvolvimento psíquico. Também chamada de “regressão criativa”, a introversão da libido ganha uma conotação positiva e criativa; o inconsciente não é apenas o dragão que tem de ser destruído e subjugado pela consciência, ele também é o útero da grande mãe de onde provém toda vida.

Na esfera do inconsciente coletivo da grande mãe existe uma sabedoria natural infinitamente superior à do ego que, mediante os instintos e os arquétipos, representa a sabedoria da espécie. “Os impulsos e instintos, arquétipos e símbolos, são muito

mais adaptados à realidade e ao mundo exterior do que a consciência nos seus estágios iniciais” (Neumann, 1995, p.208). Portanto as imagens que aparecem na atividade fantasiosa ou que se revelam no comportamento constituem a via de acesso para essa sabedoria.

A participação corporal nessa experiência é de natureza fisioquímica sem nenhuma representação psíquica. Os instintos e impulsos, como vetores de ação, têm natureza psíquica, embora não estejam representados centralmente. A totalidade corpo-psyque responde a eles por meio da ação regulada pelo sistema nervoso.

A orientação do indivíduo é consequência da estimulação da matéria orgânica sobre os sentidos; graças a essa estimulação, o sistema nervoso se diferencia e os sistemas perceptivos dos órgãos dos sentidos se desenvolvem. Alinhado ao desenvolvimento desses sistemas está o desenvolvimento da consciência como sistema de controle da centroversão cuja função essencial é o registro e a combinação de estímulos interiores e exteriores e a reação compensatória e o armazenamento respectivos por meio de padrões.

Ao longo do desenvolvimento da espécie, criam-se relacionamentos cada vez mais complexos no interior da estrutura orgânica acompanhados por uma progressiva necessidade de registro, controle e compensação. Parte considerável das estruturas de compensação é inconsciente e incorporada, isto é, faz parte da estrutura do sistema corporal. Com o aumento da diferenciação, entretanto, as zonas sob controle cada vez mais vão sendo representadas no órgão de controle da consciência através de imagens, que passam a ser os equivalentes psíquicos dos processos físicos.

A consciência do ego é um órgão sensível que percebe o mundo e o inconsciente através de imagens, mas essa capacidade de formação de imagens é em si mesma um produto psíquico e não uma qualidade do mundo. Só ela torna possível a percepção e a assimilação. É verdade que o mundo que não possa ser imaginado, como, por exemplo, o dos animais inferiores, não deixa de ser um mundo vivo; há instintos nele e o organismo, como um todo, responde a ele mediante a ação inconsciente. Contudo, um mundo destes jamais é representado num sistema psíquico que o reflita e lhe dê forma. A psyche, aqui, é construída através de uma série de reflexos; responde a estímulos com reações inconscientes, mas sem nenhum órgão central onde estímulo e

reação sejam representados. Somente à medida que se desenvolve a centroversão, dando origem a sistemas de alcance e gradações crescentes, forma-se a representação do mundo em imagens e o órgão que o percebe, isto é, a consciência. Como qualquer símbolo o demonstra, esse mundo psíquico de imagens é uma síntese das experiência nos mundos interior e exterior (Neumann, 1995, p.214).

A centroversão tanto está presente na função primária da psique, que leva os conteúdos inconscientes a se apresentarem como imagens à consciência, como também, num momento seguinte, produz a reação do ego a essas imagens. Para Neumann, tanto a produção de imagens como as reações da consciência são expressões da centroversão, porque ajudam a manter o equilíbrio e a unidade psicofísica. A imagem como representação central na consciência possibilita ao indivíduo melhor percepção dos mundos internos e externos e orientação mais eficaz em todos os campos da vida.

Na fase original, quando a consciência é ainda um “órgão sensível”, predominam as funções perceptivas – intuição e sensação – sobre as racionais – pensamento e sentimento.

A percepção de imagens é resultado de uma ação reflexa, uma vez que a consciência apenas tem precedência passiva sobre o órgão executivo do corpo, mas não tem controle sobre ele. Graças ao estado de *participation mystique*, não é possível a percepção de “fora” e de “dentro”. As duas imagens se sobrepõem razão pela qual a experiência do mundo coincide com a experiência interior.

Ao longo do seu desenvolvimento, a percepção do ego evolui para uma posição intermediária entre o que vem de dentro e o que vem de fora; gradativamente, o ego se torna um sistema de registro entre o mundo interior e exterior. Essa posição de distanciamento e o fortalecimento dela é a condição essencial para o desenvolvimento do órgão de registro e controle que é a consciência.

Na medida em que se estabelecem as polaridades, o movimento compensatório gera tensões entre os impulsos inconscientes e conscientes que são experienciados pelo ego como temor de dissolução. Passado o confronto e vencidos os temores, cresce a capacidade de controle e autopreservação do ego, que, por sua vez, desencadeia novos movimentos compensatórios sempre em busca da realização de totalidades mais amplas e complexas, possibilitando o crescimento progressivo do mundo

experimentado e experimentável. Portanto seu objetivo não é apenas a autoregulação como a produção criativa.

O sistema da consciência não é apenas um comutador central destinado ao estabelecimento de relações entre interior e exterior; ele é, ao mesmo tempo, a manifestação da tendência do organismo vivo a criar experimentos novos (...) A cultura humana é um produto dessa tendência criadora de experimentos inovadores (Neumann, 1995, p.219).

A cada estágio de desenvolvimento muda a percepção que o sujeito tem do mundo bem como variam os arquétipos e símbolos, os deuses e mitos, que não são apenas uma expressão de si mesmos, mas instrumento dessa mudança.

A superação do medo de dissolução na fase urobórica é típica do perfil psicológico do herói, que ousa sempre dar um passo evolutivo em direção ao próximo estágio e opõe-se à tendência à inércia e ao conservadorismo do inconsciente maternal.

Por meio do ato heróico da criação do mundo e de divisão entre oposto, o ego sai do círculo mágico da uroboros e entra num estado que sente como solidão e discórdia. Com o surgimento do ego, a situação paradisíaca é abolida; a situação infantil, na qual algo maior e mais amplo ordenava a vida e a dependência com relação a ele era natural, terminou (Neumann, 1995, p.94-95).

O desenvolvimento ulterior da personalidade é determinado pela crescente separação da unidade primordial consciente/inconsciente e de sua delimitação em dois sistemas. A formação da personalidade continua obedecendo à tendência à centroversão que, unindo, sistematizando e organizando, possibilita a estruturação do ego. No decurso desse desenvolvimento, o ego avança além da autodefesa para aumentar sua capacidade de conquista e de orientação da libido para a atividade.

Na fase inicial, a consciência do ego do adolescente é passiva e mais do que capaz de impor resistência à carga energética do arquétipo, é sufocada por ela. Paulatinamente, o adolescente experimenta que parte da força destrutiva do inconsciente é constituinte de sua pessoa e passa a incorporar essa tendência, digerindo-a, assimilando-a, tornando-a mais e mais consciente. Transformada, essa tendência pode ser separada de seu antigo objeto, o ego, do qual se torna função.

A função analítica é resultado da tendência destruidora do inconsciente, incorporada benéficamente pela consciência, que permite ao ego distinguir-se e distanciar-se do inconsciente, bem como exprime sua capacidade criativa mediante a decomposição contínua do mundo em objetos e sua reorganização e assimilação em novas unidades assimiláveis pela consciência. Nesse processo, em oposição à tendência do inconsciente de dizer sim, de unir, abranger e fundir tudo, está enfatizada a capacidade da consciência de dizer não, de distinguir, discriminar e excluir.

Mediante sua função analítico-redutiva, a consciência pode ser vista como um órgão de decomposição, digestão e reconstrução dos objetos do mundo e do inconsciente. A seu modo, a consciência do ego, que incorpora agressivamente o objeto depois de reconhecê-lo, reproduz a tendência urobórica do inconsciente de reabsorver tudo que é criado para restituí-lo renovado e transformado.

Segundo Neumann (1995), a separação entre consciência e inconsciente, veículo de formação de um sistema de personalidade cujo representante superior é a consciência do ego, ocorre mediante:

1. a fragmentação ou cisão dos arquétipos ou complexos;
 2. a deflação do inconsciente;
 3. a personalização secundária de conteúdos originalmente transpessoais;
 4. a exaustão de componentes emocionais que podem assumir o controle da consciência; e
 5. a ocorrência dos processos abstratos que, partindo da representação pictórica do inconsciente, chegam à formulação da idéia e, graças à racionalização, ao conceito.
- Ao longo do processo de desenvolvimento da consciência ocorre uma transição da fase “não-configuradora” para a fase “configuradora” na qual o inconsciente é cindido e torna-se um mundo pictórico de imagens arquetípicas. Nesse mundo, os próprios arquétipos são fragmentados, uma vez que, para a consciência, o arquétipo primordial se decompõe num amplo grupo de arquétipos e símbolos inter-relacionados.

O entrelaçamento interno e a indiferenciação, o estado fluídico e inapreensível são o que determina a primeira atuação do arquétipo primordial da Grande Mãe. Só mais tarde se destaca, desse fundo unitário, o caráter pictórico e simbólico, formando um grupo de arquétipos e símbolos interligados em volta desse centro indescritível.

A abundância de imagens, qualidades e símbolos citados já é o produto da decomposição da “fragmentação”. Essa fragmentação ocorre através da consciência, que, a partir da sua distância, percebe, reconhece e registra. (...) À multiplicidade de imagens corresponde uma multiplicidade de atitudes possíveis e de possíveis reações da consciência, ao contrário da reação total-unitária que originalmente se apossava do homem primitivo. (...) A insuportável radiância branca da luz primordial é decomposta pelo prisma da consciência num multicolorido arco-íris de imagens, símbolos e aspectos (Neumann, 1995, p.233).

A fragmentação dos arquétipos, no entanto, não pode, de modo algum, ser concebida como um processo analítico consciente. De preferência é uma atividade espontânea do inconsciente e constelada pela manifestação da atividade diferenciadora na consciência. Quanto mais nítida é a sistematização da consciência, mais nitidamente são constelados os conteúdos inconscientes pelos símbolos e arquétipos diferenciados.

A decomposição do inconsciente amorfo em imagens arquetípicas possibilita à consciência a representação e a percepção delas, o que, por sua vez, possibilita ao ego uma reação. Os impulsos e instintos antes controladores absolutos da totalidade da psique, depois de assimilados e compreendidos pelos símbolos que os representam, passam agora a ser controlados pelo ego. À medida que o mundo se torna mais delimitado, a orientação mais possível e a consciência mais ampla, o ego deixa de ser subjugado.

A reação reflexa antes desencadeada pela percepção agora pode ser retardada, dirigida e redirecionada. Paralelamente ao processo de fragmentação do arquétipo, portanto, ocorre também um retardamento e uma “desemocionação” da ação, o que contribui para diminuir o caráter inconsciente e compulsivo dele.

À limitação da consciência deve-se, sobretudo, a fragmentação da experiência unitária. Analogamente ao olhar, a consciência focaliza tão-somente um campo bastante reduzido da realidade, razão pela qual deve decompô-la em partes que lhe permitam experimentá-las paulatinamente e, mediante comparação e abstração, desenvolver uma visão sinóptica do todo.

Em se tratando da fragmentação de conteúdos bivalentes, isto é, de conteúdos que se expressam em polaridades, esse mecanismo de separação é particularmente importante. O estado de ambivalência característico da psique primitiva e/ou infantil é marcado por conteúdos bivalentes, que impossibilitam a orientação consciente porque levam à fascinação. Para o bom desenvolvimento da consciência, é necessária a decomposição da bivalência numa estrutura de propriedades opostas. Se houver distinção entre bom e ruim, positivo e negativo, a consciência conseguirá orientar-se, optar, fazer exclusões e, assim, sair do estado de fascinação.

Reforçada pelos processos de racionalização, a tendência à clareza e unilateralidade assim como a abstração e a “desemocionação” são expressões da vocação “devoradora” da consciência em busca da assimilação progressiva dos símbolos, que, decompostos em conteúdos da consciência, perdem significado e seus efeitos compulsivos juntamente com sua carga de libido.

A formação de símbolos e grupos de símbolos teve amplo papel de auxiliar da consciência na compreensão e interpretação do inconsciente; e, para o homem primitivo, o componente racional de um símbolo tem particular importância. O efeito do símbolo atinge a totalidade da psique e não apenas a consciência, mas o desenvolvimento que leva à ampliação da consciência traz consigo também a diferenciação e transformação do efeito do símbolo. O conteúdo complexo do símbolo continua a “possuir” a consciência, mas em vez de ser dominada, esta se ocupa dele. Enquanto o seu efeito arquetípico original levava, por assim dizer, a um “nocaute” da consciência e a uma reação total inconsciente, de caráter primário, o efeito posterior do símbolo é estimulante e revigorante. O seu significado intrínseco se dirige à mente e leva à reflexão e ao entendimento, justamente porque ativa alguma coisa além do sentimento e da emocionalidade (Neumann, 1995, p.237).

Embora a experiência da psique primitiva seja total, não-fragmentada, ela não está associada a um ego, o que a impede de se tornar uma experiência pessoal passível de ser recordada e apreendida. Por isso tanto a psicologia infantil quanto a do homem primordial são de natureza mais transpessoal do que pessoal.

Na psique do homem primitivo, que vive um estado de *participation mystique*, há uma fusão ou identidade dos componentes dinâmicos do inconsciente e seus

respectivos conteúdos; isto é, a emergência da imagem – componente material – e a reação instintiva que afeta todo o organismo – componente dinâmico-emocional – ligam-se reflexivamente. E é dessa relação que se produzem de forma instantânea reações de fuga ou ataque, de ira ou paralisia, etc.

Para que o ego se desenvolva, faz-se cada vez mais imperativo evitar situações nas quais o componente dinâmico-emocional da imagem inconsciente ou arquétipo leve o sujeito a uma reação puramente instintiva que subjugue sua consciência. Em contrapartida, se não levada a extremos, a tendência antiemocional da consciência é necessária e benéfica ao homem. Só assim a consciência sai do estado primitivo de aprisionamento na imagem primordial e evolui para outro em que a deflação do inconsciente possibilite que uma idéia seja considerada um conteúdo consciente. Em vez de posseção pelo arquétipo passa a existir busca por uma idéia.

A fragmentação dos arquétipos e a exaustão dos componentes emocionais são, por conseguinte, tão necessárias ao desenvolvimento da consciência e à despotencialização real ou imaginária do inconsciente como os processos de abstração e a personalização secundária (...) Esses processos de abstração não devem ser identificados com a tendência abstrata do pensamento científico, nem com a racionalização da consciência; eles se instalam mais cedo. O desenvolvimento do pensamento pré-lógico para o lógico representa uma mutação básica que luta por estabelecer a autonomia do sistema ego-consciência com o auxílio desses mesmos processos de abstração. Dessa forma, o arquétipo é substituído pela idéia da qual é precursor. Nesse processo, a idéia é o resultado de uma abstração. É a “expressão do sentido de uma imagem primordial que, ao ser subtraída do concretismo da imagem, foi abstraída”. Ela é um “produto do pensamento” (Neumann, 1995, p.241).

O fortalecimento da ego-consciência e a simultânea deflação do inconsciente evoluem para o processo de “personalização secundária”, que consiste na tendência da consciência de reduzir os conteúdos primários e transpessoais a fatores pessoais. É desse processo que se constituem a esfera psíquica pessoal e a personalidade.

Fator importante da “personalização secundária” é o processo de introjeção, mediante o qual os conteúdos projetados no meio, nos símbolos, no mito e nos ritos,

são incorporados à psique individual como conteúdos seus. A assimilação deles possibilita que a psique construa a si mesma, com o sujeito e a personalidade consciente centrados no ego, o que lhe garante cada vez mais consistência.

Reflexo desse processo é a interrupção do efeito regressivo do conteúdo transpessoal e a criação antropomórfica de imagens nas quais as divindades passam a ser representadas em forma humana e os animais-totem em espíritos domésticos.

(...) há uma “psiquização” do mundo. Deuses, demônios, céu e inferno são, como forças psíquicas, retirados do mundo objetivo e incorporados à esfera humana, que, a partir daí, sofre uma crescente expansão interior. Quando damos nome de “sexualidade” àquilo que fora experimentado antes como divindade ctônica ou denominamos “alucinação” o que outrora era revelação, e quando os deuses do céu e do mundo inferior são reconhecidos como dominantes do inconsciente do homem, vemos que uma imensa esfera do mundo penetrou no interior da psique humana. A introjeção e a psiquização são o outro lado do processo de tornar visível um mundo cósmico-físico de objetos, que já não é tão modificável por projeções como antes (Neumann, 1995, p.243).

Os estágios de desenvolvimento da consciência descritos por Neumann – que vão do “Grande Redondo” ao nexos dos arquétipos, do arquétipo isolado para o grupo de símbolos e da idéia para o conceito (racionalização) – representam uma transferência de parte da libido original do conteúdo para a consciência, o que constitui simultaneamente uma ascensão e uma limitação. Paralelamente ao enriquecimento da consciência, a cisão do conteúdo pode provocar uma ativação do inconsciente, que se alimenta da energia que não pode ser absorvida pelo ego.

O ciclo constante de constelação de conteúdos inconscientes absorvidos pela consciência garante a continuidade da atividade criativa cujos componentes são sempre preparados, transmitidos e produtivamente enriquecidos pelo inconsciente. Essa mesma continuidade se manifesta em toda série de imagens, sonhos, visões e fantasias.

Da mesma forma que nos estados patológicos a ativação do inconsciente se manifesta como distúrbios ou sintomas, no sujeito criativo, os conteúdos emergentes combinam-se espontaneamente com a consciência e se exprimem na criatividade – que consiste na capacidade do ego de conduzir voluntariamente a consciência e a

libido disponível para um foco de fascínio, que pode ser percebido como imagem, sonho, fantasia, idéia, inspiração ou projeção. É nesse caso que, além de enriquecer a consciência, a assimilação dos conteúdos inconscientes também enriquece a libido, sentido subjetivamente como estimulação, mobilidade, alegria ou êxtase e se traduzido objetivamente, como aumento de interesse, de atenção e capacidade de trabalho.

Apesar da tendência à cisão e diferenciação, os processos de fortalecimento do ego descritos anteriormente – fragmentação dos arquétipos, exaustão de componentes emocionais, personalização secundária, deflação do inconsciente e racionalização – são todos eles desencadeados pela centroversão cuja expressão máxima se encontra na consciência como capacidade de síntese do ego. O movimento reintegrador da centroversão é que possibilita ao ego reconstruir sinteticamente das partes decompostas no processo analítico uma nova totalidade. E nesse caso o caráter consciente da síntese revela um aspecto inovador, uma vez que a unidade não se apresenta mais na dimensão biológica mas na psíquica.

Alcançado o seu desenvolvimento máximo, a crescente auto-objetivação da consciência permite que a egocentração ceda em favor da reintegração na totalidade da psique – *self*. Esse processo, descrito por Jung como processo de individuação, ocorre mais acentuadamente na segunda etapa da vida. O restabelecimento da unidade psíquica só é possível desde quando a separação da personalidade nos sistemas da consciência e do inconsciente possa ser superada em virtude da capacidade sintética da consciência do ego.

2.3.1.2 O problema da dissociação do instinto no homem moderno

O processo de introjeção e hierarquização dos objetos interiores e exteriores dependem prioritariamente do cânone cultural mediante o qual a consciência se desenvolve e é condicionada. As tendências compensatórias da cultura manifestam-se sobretudo nas esferas da vida nas quais o inconsciente coletivo se manifesta: religião, arte, guerras, festas, rituais, etc. Elas têm um papel fundamental na manutenção do equilíbrio cultural, uma vez que garantem a unidade das funções psíquicas mediante prevenção da cisão entre consciência e inconsciente.

(...) devemos elucidar o papel do símbolo para a consciência. O mundo dos símbolos forma uma ponte entre a camada da consciência em vias de se emancipar e sistematizar e o inconsciente coletivo, com os seus conteúdos transpessoais. Enquanto esse mundo existir como mundo operante no ritual, no culto, no mito, na religião e na arte, não haverá ruptura entre as duas camadas; isso porque, por meio do mundo operante dos símbolos, um lado do sistema psíquico influencia o outro e o força a posicionar-se (Neumann, 1995, p.261).

Nas primeiras organizações culturais, em que predominam os estados de participação mística, o hábito cotidiano é uma expressão direta do inconsciente. A ritualização dos atos diários –a simbolização deles – permite que a libido seja liberada e canalizada para a consciência e para a realização de uma atividade. O símbolo funciona como um transformador energético de libido mediante o qual o homem primitivo pode chegar a uma ação direcionada. Por isso toda atividade, seja ela lavrar a terra, pescar ou cozinhar, é iniciada com uma série de ações simbólicas e ritualísticas, que exercem sobre a consciência um considerável fascínio possibilitando que a libido seja direcionada conscientemente para essas atividades. “Somente com a ajuda do efeito fascinante, captador de libido e ego-absorvente do símbolo, pode a ‘atividade incomum’ ser apreendida” (Neumann, 1995, p.262).

Apesar de um maior grau de consciência, essas condições ainda permeiam a personalidade do homem moderno. Mediante a invocação de símbolos culturais – Deus, rei, pátria, liberdade, democracia, cientificismo, etc. –, o sujeito pode ser conduzido a mudanças radicais de personalidade; um pacífico camponês pode se transformar num guerreiro sanguinolento.

Do mesmo modo que o símbolo individual, o símbolo social – válido para o grupo – tem uma dimensão racional, que atende à razão, e uma irracional, inacessível a ela, uma vez que se constitui de princípios irracionais de pura percepção interior e exterior. A dimensão sensível e figurativa do símbolo, cuja origem está na sensação e na intuição, só pode ser apreendida emocionalmente e não pela razão.

Animado por projeções, o símbolo exerce fascínio sobre a libido, o que a predispõe, levando o homem inteiro ao movimento mediante a comoção. É justamente essa dimensão emocional que revela a capacidade do símbolo de transformar a energia desviando-a de suas vias habituais.

Paralelo ao aspecto comovedor do símbolo está o aspecto do significado, do sentido, que aponta direções, insinua e pede interpretação. A dimensão “espiritual” que se revela no aspecto diretivo e formativo do símbolo é fundamental para o desenvolvimento da consciência, na medida em que ela fala à compreensão exigindo dele consciência e reflexão e não apenas sentimento e comoção.

O caráter antagônico desses dois fatores do símbolo distingue a natureza dele e o diferencia da natureza do signo ou da alegoria cuja peculiaridade são seus significados fixos determinados pelo conteúdo. Desde que vivo e ativo, o símbolo exerce duplo apelo: emocional e racional – efeito atraente e inquietante que obriga a consciência a voltar-se sempre para ele na meditação ou na contemplação e a espreitá-lo em circumbulação.

(...) na “vida simbólica”, o ego não toma um conteúdo, mediante o lado racional da consciência, a fim de analisá-lo, isto é, decompô-lo e, dessa forma, digeri-lo, mas, em vez disso, a totalidade da psique se expõe ao efeito do símbolo e se deixa “co-mover” por ele. Essa permeabilidade afeta toda a psique e não unicamente a consciência (...). Imagem e símbolo são, como produtos criativos do inconsciente, manifestações do aspecto espiritual existente na alma humana. Na imagem emergente se exprime o significado e a tendência atribuidora de sentido do inconsciente, quer numa visão, sonho ou fantasia, quer numa imagem interior, que surge externamente, como, por exemplo, na aparição de um deus (Neumann, 1995, p.263-264).

O símbolo capacita espiritualmente a consciência do homem. Outorgado pela consciência humana, por intermédio da arte, do mito, da religião e da linguagem, o espírito criador se torna objeto perceptível e adquire autoconsciência. É por intermédio do símbolo que o mundo dos arquétipos penetra a esfera da cultura e da consciência, fecundando, transformando e ampliando-a e, dessa forma, fundamentando a vida do coletivo e do indivíduo, o que lhe possibilita uma existência plena de sentido.

Portanto o papel da religião e da arte é benéfico tanto para culturas primitivas como para a nossa, na medida em que oferece um canal de expressão para conteúdos e componentes emocionais suprimidos mantendo desse modo a cultura em equilíbrio.

A “revelação” de um novo aspecto do arquétipo se dá por intermédio de um sujeito criativo, o “herói” ou o “grande indivíduo”, capaz da experiência interior direta, que como vidente, artista, profeta ou revolucionário, vê, formula, representa ou realiza novos valores ou conteúdos, isto é, traz à tona novas imagens; sua orientação vem da “voz” que se manifesta como exigência direta do *self*, que uma vez revelada ao grupo pode constelar uma nova orientação do cânone cultural.

A natureza do cânone ocidental é menos conservadora, uma vez que traz consigo um componente revolucionário derivado da aceitação do arquétipo do herói. A ênfase conferida ao indivíduo e à consciência impulsiona um movimento compensatório em direção à recoletivização da sociedade por meio da massificação.

O processo que resultou na separação e diferenciação dos sistemas da consciência e do inconsciente foi necessário para o próprio desenvolvimento do pensamento humano. Toda diferenciação, no entanto, pode resultar em unilateralidade: a firmeza do ego, em rigidez; a autonomia da consciência, em isolamento do inconsciente; e a auto-estima em presunção ou megalomania. Perdida a relação com o todo, a consciência perde sua função integradora e adoece; o ego se converte num complexo psíquico como outro qualquer e perde seu caráter de órgão da centro versão.

A exaustão dos componentes emocionais e o afastamento do ego em relação às imagens do inconsciente resultam na indisposição da consciência para reagir às imagens psíquicas, fato muito evidente no homem moderno. O confronto com uma imagem inconsciente ou mesmo com uma situação inesperada encontra-o imune à situação e a reação é agora extremamente prolongada, se é que há reação (Neumann, 1995, p.275).

No extremo, a diferenciação da consciência e a tendência repressora das emoções na cultura ocidental resultam na improdutividade e no bloqueio dos processos criativos ampliadores de consciência. Neles, é imprescindível o componente emocional que, por intermédio da comoção, estabelece uma conexão criativa do ego com o conteúdo inconsciente. Tão-somente a reunião do sistema da consciência do ego com as camadas mais profundas do inconsciente, as de tonalidade emocional, podem resultar num processo produtivo e renovador.

A cisão consciente-inconsciente, que tanto pode levar a uma vida egóica vazia de sentido como a uma ativação da camada profunda do inconsciente, torna-se

perigosamente destrutiva manifestando-se em irrupções transpessoais, epidemias coletivas e psicose de massa. O movimento compensatório deve ser cuidadosamente considerado, uma vez que a perda do instinto e a ênfase exagerada no ego podem provocar tanto uma crise no indivíduo quanto na cultura.

Uma cultura cujo cânone se despontencializou não oferece mais proteção necessária contra as irrupções do inconsciente e um sujeito, que carece da orientação de um processo compensatório interior, deixa de encontrar apoio do nexo ordenador da cultura, o que se traduz na deterioração da experiência do transpessoal, no estreitamento da visão de mundo e na perda da segurança e do sentido da vida. Atropelados pelo colapso do cânone arquetípico, os arquétipos isolados se apossam do indivíduo e o consomem destrutivamente.

Trata-se aqui de um caso típico em que o indivíduo ou recorre à Grande Mãe, procurando identificar-se com as massas numa busca inconsciente de uma nova experiência transpessoal que lhe restitua a segurança e traga um novo ponto de vista, ou recorre ao grande pai, ao encontro do isolamento da consciência e do individualismo.

Sair desse impasse significaria retomar a relação consciente-inconsciente e o posicionamento responsável da consciência humana em confronto com os poderes do inconsciente coletivo. Trata-se de um diálogo possível tão-somente com o reconhecimento da importância da dimensão instintiva da psique, que se manifesta, sobretudo, em forma de imagens simbólicas, nos sonhos e fantasias do sujeito ou da humanidade.

As imagens do nosso tempo buscam a unidade perdida, a reconexão com o fluxo natural da vida e o nascimento de um novo mito capaz de orientar, melhor ainda, reorientar o desenvolvimento da humanidade. Elas são o portal para a cura da ferida da dissociação psíquica que nos ameaça de forma avassaladora.

2.3.2 Hillman e a psicologia arquetípica

Em lugar de medir o conteúdo,
o sentido e a verdade das formas intelectuais por algo alheio,
que deva refletir-se nelas mediatamente,
cumpre descobrir, nestas próprias formas, a medida e o critério
de sua verdade e significação intrínseca.
Em lugar de tomá-las como meras reproduções, devemos reconhecer,
em cada uma, uma regra espontânea de geração,
um modo e tendência originais de expressão,
que é algo mais que a mera estampa de algo de antemão dado
em rígidas configurações do ser.
(Cassirer, *Linguagem e Mito*)

O termo psicologia arquetípica foi adotado por Hillman, em 1970, com o objetivo de dar mais ênfase ao conceito de arquétipo. Segundo ele, os termos “psicologia junguiana”, “psicologia analítica” ou “psicologia complexa” não expressam exatamente a base da psicologia proposta por Jung.

O primeiro, “psicologia junguiana”, reduz a teoria ao seu criador: “O epônimo junguiano é mais do que um adjetivo comum; evoca ligação emocional a um homem, uma história, um corpo de pensamento e, especialmente, a uma experiência” (Hillman, 1981, p.161). Esse termo pode aprisionar essa psicologia e sua prática a uma libido familiar e suas conseqüências: rivalidades, transferência, agressividade, etc.

O segundo termo, “psicologia analítica”, dá ênfase ao processo analítico racional.

Fica evidente que o termo [psicologia analítica] refere-se à prática da terapia enquanto busca de soluções para problemas, e à análise enquanto ampliação do campo da consciência. Quando é a expressão “analítica” que define nosso campo, isto significa que estamos lidando principalmente com o que se convencionou chamar de “intelecto prático” (Hillman, 1981, p.164).

E por último, “psicologia complexa” enfatiza a natureza empírica desse conceito, levando a uma ênfase exagerada em direção aos modelos das ciências naturais e suas fantasias de objetividade.

As expressões junguiana, analítica e complexa nunca foram escolhas felizes nem adequadas à Psicologia que tentavam designar. Parece necessário ao dotar uma palavra que reflita a abordagem característica de Jung, tanto em relação à teoria e ao que de fato tem lugar na prática, como em relação à vida em geral. Chamar esta psicologia hoje de “arquetípica” é uma decorrência de seu desenvolvimento histórico. De certo modo os termos iniciais foram superados pelo conceito de arquétipo, que Jung ainda não tinha elaborado ao tempo em que deu nome à sua psicologia. O arquétipo é o mais ontologicamente fundamental dos conceitos de Jung, com a vantagem da maior precisão, além de ser, por definição, sempre indefinível e aberto. Os arquétipos são órgãos em que se situa a vida psíquica, agentes operativos da idéia que Jung tinha de terapia. O próprio Self inclui-se, conceitualmente, entre os arquétipos. Essa designação reflete um aprofundamento teórico na parte final da obra de Jung, uma tentativa de solucionar problemas em um nível além dos modelos científicos e da terapia no sentido usual, pois os problemas da alma já não são problemas no sentido usual. Em vez disso, vão-se buscar as fantasias arquetípicas existentes no interior dos ‘modelos’, da ‘objetividade’, dos ‘problemas’. Já em 1912, Jung dispôs a análise num esquema arquetípico, libertando com isso o arquetípico do confinamento ao analítico. A análise pode ser um instrumento para a compreensão dos arquétipos, mas não pode dar conta inteiramente deles. É dando prioridade ao arquetípico sobre o analítico que propiciamos à psique uma oportunidade de sair para fora dos consultórios. O próprio consultório com isso ganha uma perspectiva arquetípica. Afinal a análise também é uma fantasia arquetípica” (Hillman, 1981, p. 165).

Há dois modos de operar com o termo “arquetípico”, o descritivo e o valorativo, que podem determinar duas direções de trabalho: o aspecto descritivo dos arquétipos, à

luz de uma psicologia dos arquétipos, ou o aspecto valorativo dele, segundo o qual pode-se avançar cada vez mais na revisão da psicologia.

A psicologia arquetípica, mais revisionista, evoca os arquétipos como um instrumento metafórico amplo, rico e profundo, mais de acordo com os valores da alma que se pretende exaltar.

O risco do enfoque descritivo é que ele pode tornar-se literal e desencadear uma tipologia baseada em deuses da mitologia; o do enfoque valorativo é tornar-se um exercício fenomenológico, segundo o qual tudo se reduz ao movimento de palavras em torno de um vácuo existencial. Na melhor hipótese, a fenomenologia e a psicologia arquetípica complementam-se uma à outra. Aquela carece do senso e dos valores profundos das estruturas míticas, esta, a arquetípica, do senso metafórico desliteralizante (Hillman, 1997).

Mesmo sem acrescentar aspectos descritivos, o termo arquetípico acrescenta um valor, uma qualidade que sugere fecundidade e profundidade. Portanto, quando se aplica esse termo, pretende-se direcionar o sentido desse valor.

A psique é imagem, e toda imagem é arquetípica, razão pela qual a psicologia também pode ser chamada de psicologia arquetípica, desde que isenta de superficialidade, vista, portanto, pelo prisma de seus aspectos ocultos. O termo arquetípico expressa mais um movimento, uma atitude do que propriamente um conceito, o que autoriza a nomear a psicologia arquetípica em vez de uma psicologia dos arquétipos.

Além de Hillman, R. Stein, M. Stein, Lopez-Pedraza, Giegerich, Berry, Moore e Avens, de reconhecida importância, partilham desse enfoque arquetípico da psicologia. Fora do círculo dos analistas, merecem atenção a idéia de *mundus imaginalis*, de Henri Corbin (1972) filósofo mulçumano e a de “dimensão extrapessoal”, de Casey (1974), dimensão fora da consciência humana na qual se dá o “imaginar arquetípico”: a imaginação está situada entre os sentidos e a cognição, ocupando uma posição intermediária entre corpo e intelecto.

Na filosofia, Hilman busca em Plotino, Ficino e Vico idéias que dão sustentação e vitalidade à psicologia arquetípica. Em Plotino, filósofo neoplatônico do século III a.C., encontram-se temas paralelos importantes com a psicologia analítica: raiva, suicídio, universalidade e unidade da alma, mobilidade e multiplicidade da consciência, imaginação. Em Ficino, filósofo florentino renascentista, preexiste a

idéia das três dimensões da alma: mente ou intelecto racional, imaginação ou fantasia e corpo. À relação entre fantasia e corpo corresponde a idéia junguiana da relação entre imagem arquetípica e instinto. Em Vico, filósofo napolitano do século XVIII, estão as imagens universais – *univerli fantastici* – nos mitos como estruturas fundamentais da experiência humana, que possibilitam uma visão politeísta tão defendida pela psicologia arquetípica (Hillman, 1981).

Em síntese, a psicologia arquetípica se caracteriza por privilegiar o enfoque conceitual no arquétipo, o interesse pelas imagens, a utilização operacional dos mitos, a perspectiva pluralista e politeísta e a busca de profundidade e expressão da alma.

Na psicologia arquetípica, o imaginal resulta numa concepção segundo a qual as imagens são vistas não como representações, sinais, símbolos, alegorias ou comunicações mas como fenômenos originais peculiares à psique. Ela propõe portanto um tratamento direto e vivencial da imagem segundo o qual a explicação ou a interpretação egóicas são substituídas pela vivência, pelo tratamento lúdico e pela conexão emocional.

Para Hillman, a consciência a ser desenvolvida é a consciência da alma, não a consciência do ego, razão pela qual nem todas as experiências necessitam ser integradas por intermédio do ego; muitas podem simplesmente permanecer no campo vivencial. Consciente não é necessariamente aquilo que foi compreendido e assimilado pelo ego e suas funções, mas tudo aquilo que foi transformado em experiência.

A atividade básica da alma é transformar, por meio de imagens e idéias, eventos em experiência, que ela gera sobre eles mesmos.

Simplesmente participar de eventos, ou sofrê-los intensamente, ou acumular uma variedade deles não diferencia ou aprofunda a capacidade psíquica do que é geralmente chamado de sábio ou alma velha. Eventos não são essenciais para a experiência da alma. Não são necessários muitos sonhos ou muitos amores ou luzes de cidades. (...) Mas deve haver sim uma visão sobre o que está acontecendo; idéias profundas para criar experiência. De outro modo têm-se os eventos sem experienciá-los, e a experiência do que aconteceu vem somente mais tarde, quando se

adquire uma idéia sobre eles – quando isto pode ser visualizado através de uma idéia arquetípica (Hillman, 1989, p.54).

A base da alma são as imagens arquetípicas que permeiam todas as experiências conscientes e inconscientes. Por intermédio das imagens, a psique estabelece uma conexão e o aprofundamento entre elas. É esse aprofundamento que transforma eventos em experiências e gera alma. Portanto, a palavra-chave para o tratamento da alma é a profundidade, não o significado, e o objetivo da psicoterapia não é curar a alma, mas facilitar a formação da alma como campo psíquico de experiência; não é lidar com problemas profundos, mas possibilitar que eles se tornem mais profundos.

Para a escola arquetípica, portanto, o objeto da psicologia não é o corpo nem o espírito, é a alma. “A psicologia arquetípica detecta (e está precavida contra) o espírito na ciência, tanto como na teologia, no racionalismo e no aparente bom senso, como na metafísica. Não se está negando o espírito, mas ele é contestado como objeto da psicologia” (Samuels, 1989, p.189). À realidade da alma, Hillman contrapõe a realidade do espírito; aquela está relacionada com os sonhos, com a visão ou a perspectiva interior; esta, com o desejo, com a perspectiva exterior, que procura disciplinar e aprisionar a alma por meio da interpretação e do entendimento.

A alma é uma perspectiva, um ponto de vista do qual é possível que o sujeito e os eventos ou ações permutem entre si. Ela se apresenta de modo paradoxal, é simultaneamente um modo de ser e de perceber e um dado. Assim como não se manifesta num fenômeno isolado não pode ser apreendida divorciada dos fenômenos. Afirma-se ainda que a alma depende do homem para “encarnar-se” assim como o homem depende dela para tornar-se profundo.

A linguagem básica e irreduzível dos padrões arquetípicos que constituem a alma emana do discurso metafórico dos mitos por meio dos quais é possível ter uma experiência produtiva com as imagens. Como pretendia a psicologia analítica da escola clássica, não há uma tentativa de explicação graças à mediação do mito – reducionismo mitológico –; há sim uma potencialização do mito como possibilidade de aproximação da experiência humana. O mito oferece portas, ou melhor, oferece olhos que privilegiam diferentes aspectos, perspectivas e a abertura necessária para uma visão que Hillman denomina de “politeísta”.

A primazia que Jung atribui ao *self* em detrimento dos outros arquétipos mereceu críticas da escola arquetípica segunda a qual gerou-se uma visão monoteísta da

psique em detrimento da riqueza e do ilimitado poder da imaginação bem como da diversidade cultural contemporânea.

O politeísmo envolve criar, ver e viver uma pluralidade de padrões de comportamento, e não constituir uma moralidade a partir do mito (como é na tradição junguiana clássica e, mesmo, nas idéias freudianas sobre trabalho e genitalidade). (...) o politeísmo permite a vivência do não-ego, isto é, um desafio à nossa noção convencional da necessidade de um ego que vivencie. O politeísmo permite uma abordagem do mundo imaginal que leva ao surgimento da formação individual de símbolos, que Jung sempre asseverou que poderia saudavelmente suceder ao colapso do cristianismo. Existem muitos modos de percepção e experiência na psique, e cada pessoa precisa descobrir por si própria se o conteúdo representa o “bem” ou o “mal” (Samuels, 1989, p.287-288).

Em relação à abordagem do mito, a psicologia arquetípica também se distancia da escola desenvolvimentista de Neumann. Segundo Giegerich (1975), Neumann tenta impor ao mito uma lógica genética de desenvolvimento por estágios que não lhe pertence. Embora lógico e satisfatório, esse processo não passa de uma fantasia especulativa sem nenhuma base empírica; ele só seria possível se os padrões de estágios mitológicos pudessem ser correlacionados com estágios de desenvolvimento cultural de natureza filogenética, o que de fato não é possível.

(...) falar de uma filogenia no campo psíquico é ainda mais radicalmente rejeitado por nós. Pois, se tomássemos o termo filogenia para nos referirmos à história cultural, até o ponto que é conhecida por nós, seria o mesmo se quiséssemos basear a representação da ontogenia somente no nosso conhecimento do desenvolvimento mental de adultos em idade avançada. O desenvolvimento cultural, até aonde nos é acessível, não é mais filogenia. O último precede a história cultural em milhares de anos, assim como o desenvolvimento mental de um filósofo ou artista de modo algum segue leis fixas de sequência no senso da ontogenia, mas é, em cada caso individual, diferente e novo Assim também deve a história intelectual da humanidade não ser confundida com a filogenia. Se, entretanto,

percebermos que a história da cultura conhecida por nós é uma história tardia, então qualquer especulação no sentido da filogenia se torna impossível em vista da nossa total ignorância no que concerne a situação psíquica do início da humanidade (Giegerich, 1975, p.5)

A explicação à luz da filogenia é uma fantasia e, como toda fantasia, é uma “auto-representação” de um arquétipo. É o caso da fantasia arquetípica de desenvolvimento genético que remete à idéia de filogenia e de uma diferenciação progressiva do estado urubórico indiferenciado ao estágio diferenciado do herói solar. Se projetada na biologia, na história ou na psicologia, essa fantasia, bem como todo conteúdo arquetípico, tende a se impor como verdade absoluta, dogma de fé, que simultaneamente busca a todo custo se sustentar em evidências empíricas.

Não é da natureza da psicologia basear-se em fatos biológicos ou históricos, tampouco em verdades empíricas, mas tão-somente em verdades psicológicas. É nas imagens, ou melhor, na atividade imagética que a psicologia deve buscar o seu conhecimento. A busca de evidências empíricas, de verdades e sistematizações científicas mantém a psicologia dissociada de sua orientação psicológica e torna o seu conhecimento não-psicológico. Entrelaçar o imaginal com o empírico resulta, para a psicologia, em reducionismo.

Além de definir os arquétipos como categorias de imaginação, Jung lhes atribui a natureza de “figuras divinas”, e como tal, eternas, irreduzíveis, portanto, a categorias espaço-temporais. Descrever uma cronologia consistente de eventos baseada em mitos, como tenta fazer Neumann, seria impossível, uma vez que, em princípio, os mitos não se sucedem um ao outro como no tempo empírico, mas são imagens que se justapõem e se contaminam umas às outras. Postular uma natureza histórica para o arquétipo é reduzi-lo a condições empíricas temporais, transformá-los em mecanismos programados dotados de um relógio, prontos para despertar num momento determinado e desencadear, como um autômato, tal ou qual ação.

Quando Jung escreve sobre a criança, ele não está preocupado com a infância real, mas com o motivo arquetípico da criança, que não se confundem. Se é que existe, a evolução pertence à própria dimensão do fenômeno e só pode ser explicada *a posteriori* a partir dele próprio, de condições empíricas, não do conceito de arquétipo. Se fosse baseada nos arquétipos, uma psicologia do desenvolvimento preocupada com as idades e suas ocorrências acabaria literalizando o imaginal.

Opor-se à idéia de uma ontogenia arquetípica não significa rejeitar a idéia de que a psique da criança também é estruturada por arquétipos.

O que eu quero questionar é a infeliz fusão do arquetípico com o genético, que traz consigo um tipo de automação mecânica e condena tanto a criança a poucas possibilidades arquetípicas rigidamente definidas, como os arquétipos, a um limitado número de estágios. Ainda mais, ela literalmente confina o imaginal no fatual, ao passo que os arquétipos deveriam, ao contrário, nos habilitar a amplificar na direção da alma o meramente natural, os instintos, a realidade fatual e prosseguir além da monotonia e da fatualidade, além da “mono”-interpretação daquilo que é dado. Também, uma psicologia com uma orientação genética não pode estar interessada em um entendimento diferenciado das imagens arquetípicas. Prefere reconhecer o uroboros no paraíso, no útero, no túmulo, na mandala, na coabitação do Céu e da Terra, em Oceano e Purusha, e então diagnosticar uma certa fase da consciência, no lugar de elaborar significados específicos para cada imagem individual. (Giegerich, 1975, p.11)

A psicologia arquetípica procura confirmar a perspectiva da alma e do indivíduo contra qualquer tentativa de reducionismo, seja ele teórico, científico, religioso ou mesmo simbólico. A revelação da alma se dá em imagens que devem ser abordadas em sua natureza fenomenológica, o que significa a própria imagem e o contexto psíquico no qual ela emerge. É necessário, portanto, diferenciar imagem de símbolo, lembra Hillman (1977), para que não se reduzam imagens a símbolos. Imagem é uma expressão particularizada, individual, de um determinado contexto psíquico, humor, sentimento ou situação, nunca uma convenção universal deles todos. O símbolo, pelo contrário, condensa uma série de convenções que se voltam em direção ao universal, convencionalidade essa que é a chave para o reconhecimento dos símbolos e de sua profundidade histórica e cultural.

Todo símbolo compreende pelo menos uma idéia principal conectada a uma imagem, o que permite a abordagem das imagens por intermédio do símbolo ou, *vice-versa*, do símbolo por intermédio das imagens. Caso se privilegie a generalidade – “sempre que” – e a convencionalidade – “onde quer que” – da imagem, tratar-se-á de um

enfoque simbólico; caso se privilegie a particularidade e especificidade – “como” –, o enfoque será “imagético”.

O símbolo é exterior à atmosfera, ao cenário ou ao campo fenomenológico da imagem, uma vez que ele a objetiva, destituindo-a portanto de sua sintaxe, de sua tonalidade, de sua integridade relacional com aquilo que a cerca. Este, no entanto, é o enquadramento que distingue o símbolo, favorecendo sua análise e amplificação bem como seu isolamento da imagem como um todo. A tendência da abordagem simbólica é tornar-se iconoclasta, rompendo com a integridade da imagem, que se desmembra em partes, e decodificando essas partes por meio da interpretação. A abordagem imagética, por sua vez, considera cada aspecto do sonho como imagens intra-relacionadas, impedindo assim que uma imagem possa ser trabalhada separadamente das outras, uma vez que a clarificação de uma necessariamente traz luz sobre as outras.

Segundo Hillman (1977), é comum em terapia adotar-se o enfoque simbólico, que permite ao analista, na busca de compreensão, preencher os vazios com associações pessoais baseadas em conhecimento que ele detém dos símbolos. Apesar de expressivas desvantagens, esse enfoque tem seus méritos, seja porque possibilita localizar uma imagem no contexto da imaginação tradicional, seja porque amplia essa imagem libertando-a de sua estreita e opressora perspectiva individual religando-a à memória imagética cultural, seja porque, graças à amplitude e vibração do símbolo, um evento que é observado simbolicamente ganha dimensão, universalidade, vibração e transcendência.

Na medida em que não se pode afirmar que haja símbolo sem imagem, as abordagens simbólica e imagética parecem não constituir por completo duas alternativas excludentes. Em Jung, todo processo psíquico é uma imagem, de modo que todo símbolo nasce de uma imagem ou como imagem, uma vez que cada símbolo é articulado, vivificado ou atenuado pela imagem que o apresenta.

O contrário, porém, não é verdadeiro: nem toda imagem é símbolo; se uma imagem for generalizada e convencionalizada, ela será destituída de suas características peculiares.

Qualquer imagem que ao ser elevada à dimensão universal é tomada como um símbolo não é mais uma imagem. A abordagem simbólica contraria a imagética, principalmente porque a abordagem simbólica

oferece generalidade a custa de precisão. (...) um sonho é uma imagem devido ao seu contexto, humor e cenário específico. Não é um símbolo. Isso é evidente pelo fato de que não se pode amplificar um sonho como tal, somente os seus símbolos. Eles podem ser retirados do sonho, pesquisados, pintados, interpretados – mas tudo isso não é o sonho nem a imagem. Em outros termos: um sonho é uma imagem inteira, não importa o quão fragmentária, o quão equivocadamente se intra-relacionam suas próprias imagens, que por sua vez podem conter símbolos. Um símbolo pode ser um elemento de uma imagem, mas pode haver imagens sem nenhum símbolo (Hillman, 1977, p.66).

A conduta clínica adotada por Hillman transfere a atenção que a escola clássica outorga às imagens culturais para as imagens do próprio cliente e defende uma atitude irrestritamente não-interpretativa. As imagens não devem ser reduzidas a explicações, sejam elas de natureza teórica, mitológica ou relacionadas aos sentimentos do sujeito. As imagens não são mensagens em código de conteúdos psíquicos; elas têm valor em si mesmas como imagens porque são a própria psique. De acordo com a proposta de Jung, a personificação de conteúdos favorece uma relação direta com o que denominamos emoções, lembranças, atitudes e motivos; e nesse caso, essa relação se dá com a imagem do conteúdo e não com o significado dele.

Na psicologia analítica, Hillman pontua uma certa discrepância entre a teoria e a prática da abordagem do símbolo. A teoria junguiana afirma que os símbolos são a melhor expressão do que ainda é desconhecido pela consciência; na prática, os significados deles são freqüentemente esclarecidos pelo terapeuta. Ora, se assim é, não se confirma na prática a teoria junguiana dos símbolos cujos significados já não são mais desconhecidos. Esse procedimento se deve ao desenvolvimento progressivo da simbologia, que foi alimentada pela grande necessidade de conhecimento da “linguagem esquecida” dos símbolos decorrentes do nascimento da psicanálise.

Ao escreverem sobre certas imagens, os autores junguianos da primeira e segunda geração não conseguiram permanecer circunscritos ao âmbito da imagem, graças ao intuito de procurarem exaustivamente pelo valor simbólico dela. A psicologia moderna, por sua vez, reconhece amplamente as mais variadas formas de símbolos, enquanto a terceira geração de junguianos parece estar tentando voltar ao

desconhecido mediante a exploração da imagem. A propósito, em vez do símbolo e da imagem, o destino último da terapia não seria o desconhecido?

A “operacionalização” do conceito de símbolo na prática clínica pressupõe a apreensão do fenômeno imagético mediante a fidelidade a ele. Em vez de descrever ou definir o fenômeno, por que não apontá-lo, apresentá-lo e indicá-lo por intermédio da imagem? Mostrá-lo bem como indicar com o que ele “parece ser” em vez de tentar definir o que ele “é”. Esse método de “apontar para” busca voltar ao fenômeno, ao símbolo em “operação” mais do que ao símbolo em “definição”.

A prática com os sonhos enquanto imagem suspende a teoria que se apóia na abordagem simbólica. Não queremos privar a experiência fenomenológica de seu mistério e de nossa inconsciência, ao afirmar antecipadamente que eles são mensagens, dramas, compensações, indicações prospectivas ou função transcendente. Queremos ir em direção à imagem sem as defesas do símbolo (Hillman, 1977, p.68).

Do mesmo modo que qualquer fenômeno psíquico, o sonho é imagem e como tal é completo na forma como se apresenta e pode ser elaborado e aprofundado sem, contudo, desprezar a totalidade da imagem presente desde o início. Trata-se de “aderir à imagem” em sua forma precisa de apresentação, uma vez que tudo o que está expresso faz parte dessa precisão. Precisão aqui não significa refinamento descritivo ou delimitativo da imagem, mas o que ela apresenta de fato, suas reais qualidades, o que também pode compreender indiferença, falta de clareza, obtusidade ou mesmo imprecisão. Quanto mais precisa a imagem mais verdadeiro o *insight*.

“Aderir à imagem” implica aproximar-se cada vez mais de sua realidade fenomenológica, evocá-la, lê-la e relê-la, cantar seus versos como os de um cânone ou fuga até que comece a ressoar um significado mais profundo. Graças ao retorno contínuo à própria imagem, ela pode amplificar-se sem necessidade da amplificação, favorecendo cada vez mais a manifestação de conexões e a emersão de padrões psíquicos. Nesse contexto, a psique pode emergir, graças não a mensagens estreitas obtidas pela interpretação, mas à consciência da nossa falta de orientação diante da imagem, ela sim capaz de revelar o seu real valor.

Contrariamente à perspectiva simbólica, que tende a classificar as imagens em arquetípicas ou não a partir de sua forma – mais ou menos universais –, a perspectiva imagética da escola arquetípica propõe também a operacionalização desse conceito:

o que torna uma imagem arquetípica é o modo como se a toca, não a forma dela. Recorre-se ao sentido dado por Jung segundo o qual os arquétipos são portadores de significado, razão pela qual o que determina o caráter arquetípico de uma imagem é sua capacidade de evocar significado, não sua forma. Qualquer imagem pode tornar-se arquetípica na medida em que, ao ser trabalhada, passa a significar algo para o sujeito, revelando-se preche de emoção, de mistério e de sentido.

O “arquetípico”, neste caso, é o resultado de uma operação, dada não com a imagem mas com o que acontece com a imagem – uma função do *fazer* mais do que uma função do *ser*. (...) A imagem cresce em valor, tornando-se mais profunda e envolvente, ou seja, torna-se mais arquetípica na medida em que sua configuração é elaborada. Segue-se estritamente o que Jung diz: “Imagem e significado são idênticos; e assim que o primeiro adquire forma o segundo torna-se claro. Na realidade, a forma não necessita interpretação: ela retrata o seu próprio significado”⁷ (Hillman, 1977,p.75).

Os critérios axiomáticos de classificação daquilo que é arquetípico – estrutura dramática, universalidade simbólica e forte intensidade emocional – deixam de ser necessários no âmbito operacional com as imagens no qual se percebe que uma qualidade arquetípica pode emergir mediante: a) um retrato preciso da imagem; b) a permanência na imagem enquanto ela fala metaforicamente ao sujeito; c) a descoberta da necessidade no interior da própria imagem; e d) a experiência da inesgotável riqueza de analogias de uma imagem.

Permanecer na imagem até que seja ativado seu potencial arquetípico subjacente e conectá-lo emocionalmente é mais indicado e eficaz do que interpretar ou amplificar agregando outros materiais. A atitude não-interpretativa, base da abordagem imagética, só é possível na medida em que a imagem se auto-apresenta e se auto-retrata. Quando sua forma emerge, junto emerge seu significado, por isso fazer imagem é criar significado. O significado emerge da imagem e deve retornar a ela.

A atitude imagética, não-interpretativa, contrariamente à abordagem simbólica:

1. não amplifica símbolos;
2. não destaca ou valoriza nenhuma imagem em particular, criando um centro em torno do qual as outras imagens se organizam;

⁷ Jung,C.G. CW 8, @ 402

3. não lê simbolicamente as imagens, o que pode levar a interpretações e distorções da imagem;
4. não utiliza um modelo de desenvolvimento, atribuindo às imagens funções psicodinâmicas;
5. não atribui sentimento ou emoção à imagem – sonho de medo, sonho de prazer, antes procura deixar o sentimento da imagem ficar na imagem e na atmosfera da cena;
6. não aprisiona a imagem numa narrativa de seqüências dramáticas; uma imagem não tem *lysis* porque não é drama, ela continua sempre se desenvolvendo sem se resolver;
7. não atribui ao sonhador um papel central de protagonista ou herói; ele se dilui no padrão e na forma específica da imagem;
8. não moraliza a imagem, atribuindo-lhe sentidos positivos ou negativos, progressivos ou regressivos;
9. não deriva da imagem um curso de ações como se nelas houvesse mensagens ou instruções para o sonhador;
10. não patologiza a imagem, buscando nela figurações de distúrbios psíquicos;
11. não personifica a imagem, identificando-a com as figuras do sonhador e das pessoas que o circundam;
12. não tenta corrigir a imagem do sonho, apontando outras possibilidades não-presentes nela; e
13. não mitifica a imagem, designando a ela uma condição de arquétipo.

No ímpeto de fazer o sonho tornar-se significativo, o analista pode cair em interpretações reducionistas que resultam numa psicologia ingênua, materializando, concentrando e condensando sonhos num significado único como se desse modo eles pudessem ser reduzidos ao essencial e tornar-se mais tangíveis. Um sonho também pode vir a ser significativo por meio de analogias, que obedecem a uma outra noção de importância, a da extensão. Ao se expandir, o sonho ativa conexões por toda parte fazendo com que a imagem ganhe peso e concretude.

Uma vez que se atinja a alma da imagem, muito dos outros movimentos interpretativos (...) tornam-se desnecessários. Eles podem ser vistos como meios de dar à imagem alma através da conexão literal com a pessoa do sonhador. Mas, como disse Heráclito, as

conexões ocultas são melhores, e isto porque as conexões são o *a priori* da pessoa do sonhador... As conexões não devem ser forçadas à literalidade da vida externa através de associações pessoais ou interpretações personalistas. Pode-se fazer o sonho ser “importante” sem ter que reduzi-lo ao pessoal. (...) Assim, todas estas distinções entre interno e externo, pessoal e arquetípico, subjetivo ou objetivo são heurísticas, na melhor das hipóteses. Quando se trabalham as imagens por meio de analogias metafóricas, as conexões ocultas se ramificam em todos os níveis e em todos os lugares. Estas conexões também previnem operacionalmente as separações em tais pares teóricos (Hilman, 1977, p.81).

A analogia mantém a imagem viva e a ela retorna cada vez que necessita de um novo e revitalizante senso a respeito dela. A interpretação, pelo contrário, transforma a imagem num significado. Em anatomia comparada, o termo analogia é usado para designar uma similaridade de **função**, não de **origem**. À luz da psicologia, ela pode ajudar o psicólogo a manter-se na operação funcional da imagem e seus padrões de similaridade.

Ainda no campo fenomenológico da imagem, é possível aprofundar-se nela, seja para identificar cada vez mais sua coerência, sua economia interna e sua interdependência; seja para verificar que, paradoxalmente, ela se torna cada vez mais misteriosa e nebulosa. Para Hillman, há uma coerência inerente a qualquer imagem que é a sua alma. “Se Jung afirma que ‘imagem é psique’, então por que não dizer que as ‘imagens são almas’ e o nosso trabalho com elas é encontrá-las no nível da alma” (1977, p.81). Cria-se portanto a possibilidade de confrontá-las diretamente, de “tornar-se amigo” delas ou tratá-las como entes por meio da imaginação ativa.

Há dois princípios básicos que devem ser respeitados no trabalho com imagens: primeiro, evitar perguntas estratégicas como uma operação tática e, segundo, permanecer na imagem. Ao interpretar, o sentido nasce do interesse do intérprete sobre uma parte da imagem, não da própria imagem; esse interesse nasce das suposições que ele faz das imagens, por meio das quais tenta enxergar o que as produziu, ou das suposições que ele faz da problemática do paciente, a qual procura identificar nas imagens do sonho. Sonho e sonhador são interdependentes.

Pressupor que no trabalho com sonhos o objetivo é fazer com que o sonhador estabeleça uma relação consciente com a imagem pode levar a uma interpretação a serviço do ego e de seus desejos. Como se buscasse encaixar o sonho numa situação ou sentido específico até que o paciente tenha um clique, um *insight*. Que um sonho ao “clicar” torna-se realidade não passa de uma suposição projetiva do intérprete. A interpretação correta olha para o que o sonho em si está dizendo sem suposições sobre os problemas do paciente e seu desejo de resolvê-los bem como sem a preocupação de fazer o sonho “clicar”.

O “clique” é sinal de um significado único, e de fato ele interrompe o processo de analogia, resultando em literalismo: “Ah, isto é o que o sonho realmente significa.” Mas é preciso perguntar: significa para quem ou para quê? E a resposta será para o ego que quer um significado que possa ser usado como uma chave. Desconfio das interpretações que “clicam” porque elas implicam um mecanismo já preestabelecido no qual o sonho se encaixa. Uma boa interpretação não “clica”, mas sim “fermenta” ou “tinge” ou “ilumina” ou “fere”. Os únicos “cliques” que se referem à interpretação de sonhos são aquelas conexões do tipo *quando-então* que mostram onde o sonho se mantém unido e como ele se insere na nossa psique. É o “clique” do sonho com ele mesmo. É sua necessidade de entrelaçamento que é importante, e não o “clique” com a situação mental do paciente (Hillman, 1978, p.157).

Uma boa interpretação é a que leva o sonho a ser “resonhado” tornando-o mais vivo e pleno a cada reapresentação. O processo de criar analogias não precisa chegar a um ponto específico, uma vez que esse processo sempre aprofunda a imagem e a psique. Desse modo a interpretação é uma revisão imaginativa que realça e amplifica o sonho tornando-o realidade a partir das verdades que emergem dele por meio de analogias. Se as analogias perduram e se aprofundam, as verdades que elas revelam são muitas, mas sempre relativas às imagens do sonho.

Em face da multiplicidade de sentidos inerentes à imagem, não é mais possível forçá-la a se encaixar numa explicação unívoca. Mesmo um sonho simples é polissêmico e oferece muitas possibilidades de abordá-lo sem que uma seja melhor ou mais correta do que outra; certamente, o caminho errado é tomar um caminho

único. É imprescindível que cada enfoque seja visto como uma “imagem sobre a imagem”, uma possibilidade entre outras.

Em último caso, a melhor interpretação de um sonho é o próprio sonho. Ele encerra uma combinação de imagens que precisa ser explorada de tal modo que cada parte estabeleça conexões com as outras e revele sua própria perspectiva. Em vez de traduzir as imagens, amplificá-las, para que falem por intermédio de suas múltiplas reapresentações. São elas que revelam nuances, geralmente despercebidas num primeiro momento, e favorecem a relação do sonho com uma imagem maior, que é a própria vida do sonhador. Não se trata de distanciar nem de opor o sonho à vida tampouco de traduzi-lo totalmente em face da vida do sujeito. Trata-se de aprofundar a vida desse sujeito em face das analogias metafóricas que o sonho oferece, possibilitando uma imagem da vida que recupera seu sonho.

2.3.2.1 Criando imagens no processo terapêutico

A maneira usual como se utiliza a linguagem verbal cria uma barreira que impede a escuta do que a imagem tem a dizer. Para atingir a intensidade de uma imagem, seu volume, sua amplificação, é necessário penetrar nas múltiplas possibilidades da palavra, rompendo com as regras sintáticas e gramaticais que a aprisionam ao literalismo do discurso.

Trabalhar com imagens, portanto, exige mais do que simbologia, mais do que psicologia no sentido psicodinâmico e analítico e mais do que uma “arquetipologia”; é preciso também penetrar no campo estético e submeter a uma investigação minuciosa a imaginação verbal: a poesia.

Este movimento no sentido da estética parece ser uma consequência inevitável de Jung ter baseado a realidade psíquica nas imagens-fantasias, um termo que ele afirma ter retirado do uso poético. (...) Sua teoria da imagem anuncia uma base poética da mente, e a imaginação ativa coloca isto em prática, mesmo quando Jung segue utilizando a linguagem científica ou teológica em suas explicações. Parte do que a psicologia arquetípica está tentando fazer é seguir Jung por campos que ele abriu, mas não perseguiu. Um destes campos é a poesia: a

exploração do “fazer imagem” através de palavras (Hillman, 1978, p.162-163).

Para romper a abordagem simbólica e retomar a vitalidade da imagem, conviria alterar os símbolos, libertando-os da linguagem descritiva. A nomeação e a classificação que hoje se atribui aos deuses da mitologia é um artificialismo moderno muito remoto da imaginação politeísta. Levando em consideração que as diferentes partes da imagem podem ser vistas em diferentes ordens, por que as várias partes do discurso não podem ser reordenadas buscando novos sentidos? Para Hillman, o mais relevante não é o fato de que as imagens possam ser invertidas, mas que o ato de inverter é um passo importante para se criarem imagens.

A inversão do discurso pode ser feita mediante o “jogo de palavras” ou trocadilhos. Altera-se a estrutura gramatical dos termos do período, buscando libertá-los de sua fixidez, transmutando-os de funções – substantivo, adjetivo, verbo, advérbio. Desde que um substantivo possa reverberar numa ação verbal, numa qualidade adjetivada ou ainda num modo adverbial, dissolve-se sua propriedade nominativa numa metáfora que ecoa na própria palavra. Senão vejamos: uma flor – substantivo; florear – verbo; florido – adjetivo; floridamente – advérbio . A imagem “uma flor num vaso azul sobre a mesa” poderia se apresentar de diversos modos: “sobre a mesa um vaso azul que a floreia”, em que o vaso com uma flor passa a ter uma qualidade e um comportamento; ou então, “um vaso azul florido por uma flor sobre a mesa”; ou, “floridamente sobre a mesa há um vaso azul”; ou ainda, “florida, a mesa, por um vaso azul”, etc. As diferentes construções permitem que as várias partes da imagem ressoem no discurso exercendo diferentes papéis e indicando sua multiplicidade de sentidos.

Enquanto a abordagem simbólica tende a substantivar, uma vez que necessita de conceitos para interpretar, a abordagem imagética procura dissolver os substantivos em qualidades e ações. Uma sintaxe do imaginal se alcança mediante a libertação da palavra de sua obrigatoriedade narrativa que a aprisiona à seqüência lógica e temporal. Por isso as principais palavras de uma imagem não podem ficar presas à gramática, a um raciocínio lógico, a uma definição operacional.

Uma vez livre das amarras gramaticais, a palavra não pode mais limitar a leitura dos sonhos a uma perspectiva causal, favorecendo a leitura da imagem como uma afirmação imagética, como se faz com um poema lírico ou metafísico. Em vez da

gramática ou da sintaxe determinarem sentido ao sonho, ganham sentido as palavras dos sonhos inerentes à própria inteligibilidade e ao contexto da imagem. Portanto, o primeiro passo para dissolver a gramática é deixar-se levar pelas palavras apoiando-se em seus desdobramentos.

Transformar o discurso em imagem tem um considerável valor terapêutico: contrariamente aos conceitos que se dirigem à consciência, as imagens, porque mais inconscientes, falam mais diretamente ao inconsciente. Além disso, o discurso imagético propicia mais analogias e mais envolvimento emocional.

O trabalho clínico com imagens distancia-se do ponto de vista da ciência tradicional. Ela busca na quantificação, na padronização e na generalização os referenciais necessários para atribuir sentido aos fatos, o que, por sua vez, leva aos conceitos, aos substantivos e aos símbolos. Do ponto de vista clínico, no entanto, os fatos científicos se tornam informações psíquicas na medida em que carregam valor terapêutico, o que de fato ocorre tão-somente se os fatos se transformarem em imagens. Conceitos generalizam, despersonalizam e divorciam-se da experiência; as imagens singularizam-se, personalizam-se e expandem seu significado a partir da ressonância que emana do sujeito. Uma palavra/conceito faz referência a algo, a um objeto, a um fato externo; a imagem refere-se a si mesma e o sentido dela emerge das múltiplas formas como a palavra opera em seu contexto, uma vez que não faz referência a nada externo. Quanto mais possibilidades tanto mais rico seu significado.

Esta distinção entre palavras como conceito e imagem é também a base para a diferença entre a compreensão científica e poética dos sonhos. No discurso científico, as palavras adquirem seu significado a partir daquilo a que se referem. A ciência trabalha nos conceitos e até as suas imagens são utilizadas conceitualmente. E a visão científica lê as palavras nos sonhos como descrições de correlações objetivas: o texto do sonho é uma elaboração secundária sobre um processo primário natural que é invisível e incognoscível e somente representado pelo sonho. Em contrapartida, a compreensão poética não considera o sonho como um relator ou portador de uma mensagem que dá informação sobre algo além de, ou mais importante que, o [próprio] sonho. Pelo contrário, o sonho é como um poema ou

uma pintura que não se refere a nada, nem mesmo ao poeta ou ao pintor. Os limões no prato em uma pintura não precisam estar se referindo aos limões no prato que o pintor utilizou como modelo; os limões pintados podem ser experienciados em seu todo sem referências a estes limões, ou a qualquer limão, em qualquer lugar. (Nem tampouco se referem a uma essência arquetípica e invisível de limão (...) como também não se referem a limões físicos ou metafísicos). Os limões podem fazer analogias com eles mesmos e evocar todos os tipos de experiências “limoninas”; mas a imagem transcende tais referências evocativas – isto é, pode-se comprar um quadro, não porque ele representa tão bem limões em um prato, mas sim porque ele fala tão bem sobre e para a nossa alma (Hillman, 1978, p. 170).

Não cabe à visão poética dos sonhos postular uma psique objetiva à qual as imagens se refiram e da qual são portadoras de uma mensagem. A psique se encontra na imagem mesma, simplesmente no modo como ela se apresenta; portanto, engajar-se nela é o caminho correto para permanecer no campo psíquico. E para sentir uma imagem, seria necessário sair do sonho, recorrer ao simbolismo, a associações pessoais ou a outros sonhos? Não, basta jogar no próprio contexto das “palavras-sonhos” fluindo pelas analogias, trocadilhos e transformações até que sua dimensão particularizada possa emergir na própria imagem. Então sim, com a imagem vibrante, os outros sonhos, as associações pessoais e o simbolismo podem ecoar.

Se abandonada, a perspectiva simbólica deixa de correr o risco de literalizar os conceitos. Mesmo afirmando que o significado de um símbolo é sempre desconhecido, a psicologia analítica tenta imprimir à análise dos sonhos, primeiro, um certo literalismo e, segundo, uma tonalidade teológica, metafísica e científica próprios de uma tendência conceitualizante da qual ela ainda não se libertou.

Hillman alerta para o perigo da conceitualização também na personificação de conteúdos psíquicos. Se os personagens forem vistos como agentes psíquicos que desempenham determinadas funções – “complexos”, “deuses”, “arquetipos”, etc. –, eles serão compreendidos literalmente como tais uma vez apresentados pelos substantivos “a *anima*”, “o *animus*”, “o sábio”, etc. Assim, perde-se de vista a oportunidade de apreender essas figuras, desde que experienciadas como visões ou

vozes, mediante imagens, nas imagens ou como imagens; apreendê-las fora de suas qualidades imagéticas seria abstraí-las de seu contexto, de sua atmosfera e especificidade, transformando as em entidades portadoras de mensagens literais.

Do mesmo modo, ao se falar em objetos interiores, recorre-se a um substantivo para designar algo de natureza interior. A lógica dos objetos interiores é a mesma dos objetos exteriores: vê a imagem como derivação de um referente – “imagem de um objeto”. Mas as imagens não são imagens de nada, são imagens de si mesmas.

Objetos internos são analogias ulteriores da imagem. Estas analogias aparecem na consciência somente devido à imagem. De fato, a idéia de minha irmã ou carro interior vem depois da ocorrência do sonho, de modo que o objeto interno é uma idéia derivada da imagem e não o contrário. O conceito de objeto interno é uma construção teórica usado para se referir à imagem, embora na realidade seja resultado da imagem (Hillman, 1978, p.173).

A desliteralização dos símbolos e dos conteúdos psíquicos leva consigo a desliteralização da transformação deles. A perspectiva simbólica da análise clínica está impregnada da fantasia desenvolvimentista que postula a existência de elementos fixos passíveis de transformação, que é possível graças à ação de mecanismos psíquicos descritos por conceitos como tipos, funções, instintos, arquétipos, superego, energia, símbolo, etc. e pode ser observada graças ao desenvolvimento desses elementos fixos.

A perspectiva imagética procura ver o processo de transformação onde ele ocorre. Ao jogar com as “palavras-sonhos” fazendo-as ressoar em outras partes do seu discurso, a transformação ocorre diante do analista. É assim que um sonho pode ser chamado de transformador, graças à sua capacidade de transformar sua própria formulação à custa da polivalência da imagem. “Um sonho está sempre aprofundando e diferenciando a si mesmo. Não é necessário ir além do sonho no sentido de uma teoria desenvolvimentista ou energética da transformação psíquica” (Hillman, 1978, p.175).

Se uma imagem não precisa ir além de si mesma para ganhar significado, tampouco precisa a terapia que trabalha com e a partir de imagens. O “fazer da alma” não necessita referências externas. A atividade da terapia recebe seu significado e valor da sua própria

atividade. Procura-se terapia pela terapia e não para desenvolvimento, ajustamento, cura ou individuação – processos aos quais a terapia tem sido geralmente referida em seu significado assim como as imagens têm sido referidas aos objetos externos. Se a psique é imagem, então o trabalho psicológico ou o “fazer alma” é trabalho com imagem, criação de imagem, poesia, e o objetivo da terapia não pode ser diferenciado do modo como é realizada (Hillman, 1978, p.176).

Hilman sugere algumas ações que contribuem para a criação de imagens.

Eternalizar – trata-se de um movimento de valor e não da postulação de um fato. Faz a imagem ganhar em extensão privilegiando afirmações como “sempre que” em vez de “quando então” cuja perspectiva estreita se amplia revelando conexões inerentes e constantes na vida do sujeito. “Sempre”, no entanto, é uma metáfora, isto é, não significa literalmente que o sonho está ocorrendo sempre e em qualquer lugar, mas que há uma sincronicidade permanente na imagem indício de um padrão imutável da alma.

Contrastar – imagens muito familiares ou muito estranhas podem bloquear a fantasia; nesse caso, contrastar uma imagem com outras favorece novamente a fluência da fantasia. Contrastar difere de associar, cujo desenvolvimento está mais voltado para as memórias pessoais, bem como de amplificar, cujo desenvolvimento está voltado para o simbolismo universal. Em vez de “o que você associa a esta casa?” ou “em quais lugares ou culturas esta casa aparece?”, a pergunta passa a ser “por que esta casa e não uma caverna uma barraca, ou um prédio?” Confrontar uma imagem com outras é permanecer na própria imagem atribuindo-lhe movimentar a partir da diferença.

Singularizar – contrariamente a “eternizar”, singularizar significa trazer de volta a imagem para uma esfera mais restrita, substituindo as construções do tipo “quando então” por “somente quando”. É fundamentalmente um benefício porque favorece a localização de uma ação em si mesma, no seu contexto e extremamente útil quando o sonhador manifesta-se ainda contaminado pelo efeito simbólico da imagem, ou seja, em estado de inflação. Nesse caso, o “somente” ajuda a preservar o sonhador naquela imagem específica, prevenindo que o sonho se torne simbolizado como um portador de mensagens para a vida inteira.

Manter imagens – é preservar a imagem na consciência até que sua opacidade e falta de clareza se dissipem. É tão-somente observá-la, dar-lhe atenção e crédito não em nome da consciência ou da análise, mas pelo simples prazer de contemplá-la e observar o comportamento dos processos psíquicos, desfrutando do reconhecimento e dos *insights* na medida em que eles se revelam.

Identificar o hiato da imagem – é prestar atenção ao(s) ponto(s) em que o sonho apresenta uma ruptura e muda de direção como se fosse composto de duas ou mais partes, geralmente indicado(s) por advérbios ou conjunções como de repente, então, até, entretanto, somente, assim mesmo, mais tarde, mas. No meio de uma imagem criam um hiato, que pode expressar desconexão ou justaposição de fatores levando a consciência a flutuar no vazio, assim como revelam um ponto nodal que, se explorado, pode revelar conexões com a própria imagem.

Diferenciar a imagem de um quadro – a idéia de que as imagens provêm de quadros presentes na mentes, confundindo-se portanto um fenômeno com outro, pode gerar problemas no processo terapêutico assim como a falsa idéia de que a terapia imagética é puramente visual, estética e intelectualmente distante.

Uma imagem percebida tão-somente como um quadro, que pode ser observado estética ou intelectualmente, tende a afastar o sujeito. Se, no entanto, ela for percebida como uma cena, além de ganhar profundidade e dinamismo adquire a qualidade de um espaço no qual é possível entrar e agir; se percebida como atmosfera emocional, ela pode penetrar e envolver emocionalmente o sujeito. Considerando, portanto, as múltiplas possibilidades, contexto, cena e atmosfera da imagem, ela deixa de ficar circunscrita ao que se apresenta à retina do sujeito, mas ganha em profundidade e envolvimento.

A semelhança entre imagem e quadro consiste na qualidade que ambos têm de se auto-apresentarem. Desse ponto de vista pode-se dizer, por analogia e não por identidade, que a imagem é parecida com o quadro, analogia que pode dar indicações de como olhar para a imagem. Primeiro, que não há para onde olhar senão cada vez mais e mais dentro da imagem, preservando desse modo a atenção ao presente, àquilo que é apresentado à consciência. Um segundo ganho é perceber que o mutismo da imagem é essencial para alterar a forma habitual de experienciar histórias por meio da linguagem constituída de sentenças, fincada no tempo, baseada em palavras e no literalismo. Do mesmo modo que um quadro interrompe a sintaxe

da linguagem a imagem interrompe o tempo. A visão imagética desloca o indivíduo para fora da visão temporal, não porque as imagens são eternas, mas porque como na pintura todas as suas partes estão presentes e seguem simultaneamente o próprio curso. Não antes nem depois: a imagem está sempre presente, desenvolvendo-se, eternamente presente.

Vistos como quadros, os sonhos tornam-se auto-retratos emoldurados cujo testemunho silencioso possibilita a reflexão contínua sobre a natureza do sonhador mais do que mensagens que ajudam a programar sua vida.

O método de Hillman pode ser aplicado por qualquer pessoa, independentemente de seu conhecimento de símbolos ou de psicologia. Deixar as imagens falarem por si próprias revela que as palavras e seus arranjos sintáticos são “fontes de alma” às quais qualquer pessoa pode ter acesso. Hillmann, porém, adverte que esse não deve ser visto como o único método a ser utilizado no tratamento com as imagens, mas como uma das muitas possibilidades de fazê-lo.

3 INTERLOCUÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA

3.1 Entrevistas sobre imagens com psicoterapeutas de orientação junguiana: estratégias metodológicas

O presente estudo foi desenvolvido em duas etapas: primeiro realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a questão da imagem na psicologia analítica, da qual surgiram questões que serviram como base para a realização da segunda etapa, uma pesquisa de campo que procurou discutir essas questões à luz da prática clínica e reflexiva de psicoterapeutas de orientação junguiana atuantes na cidade de São Paulo. Buscou-se evidenciar uma interlocução entre a teoria e a experiência profissional desses psicoterapeutas, sobretudo em relação à operacionalização, transformação e atualização das questões em discussão.

Utilizou-se o método clínico ou dialético com o objetivo de criar um espaço de interlocução no qual o intercâmbio de opiniões fosse possível e permitisse alcançar um grau de reflexão, que refletisse as questões do pesquisador como as do entrevistado. Esse método é caracterizado pelo estabelecimento de uma relação imediata e dialética, entre observado e observador, entre paciente e terapeuta, ou entre entrevistado e entrevistador. Relação que inclui reações tanto de um como de outro, de modo que a situação que se estabelece pode ser descrita como um par com dois atores que desempenham, alternativamente, seus papéis.

A atitude dialética, fator central no método clínico, favorece a captação complexa e contraditória do singular e do sintomático, da idiossincrasia e do síndrome. Esse método permite que a colocação de problemas e a formulação de hipóteses possam variar de acordo com as condições que se apresentam, colocando-as sempre em verificação a partir das reações evidenciadas no diálogo entre entrevistador e entrevistado. O investigador clínico ao mesmo tempo que dirige, também se deixa guiar pela totalidade do contexto, evitando cair em erros sistemáticos comuns aos experimentadores puros.

A orientação clínica apoia-se no método holista, considerando sempre o funcionamento do organismo como um todo. A prioridade não é explicar o homem,

mas sim compreendê-lo. No lugar da explicação causal dos eventos, procura uma compreensão por meio da observação e descrição em termos de totalidades dadas na experiência vivida. O método clínico depende portanto, de uma epistemologia humanista pautada na intuição diferentemente da epistemologia das ciências naturais, pautada no método experimental.

Apesar da necessidade epistemológica do controle dos fatos e das hipóteses, única maneira de verificá-los, não se justifica a exigência de uma explicação controlável do processo intuitivo, que leva o psicólogo clínico a preferir agir de determinada maneira, em relação ao sujeito examinado. Nesse caso, basta que suas modalidades de ação demonstrem ser suficientemente justificadas, em conjunto, por dados colhidos de maneira controlável. (Campos, 1973, p.123)

Nesse estudo, o conjunto de entrevistados foi composto por seis psicoterapeutas de orientação junguiana, sendo cinco mulheres e um homem, que vivem e atuam na cidade de São Paulo. O critério central para a seleção dos entrevistados foi a proximidade dos mesmos com a questão da imagem dentro do referencial teórico da psicologia analítica. Devido a natureza exploratória desse estudo não houve a preocupação de se garantir que esse grupo fosse representativo do universo estudado. Buscou-se profissionais que por intermédio de sua experiência clínica e reflexiva pudessem ampliar a discussão sobre a imagem sem necessariamente representar ou demarcar tendências nessa área.

A escolha dos entrevistados deu-se também, segundo a possibilidade de acesso ao mesmos e a sua disponibilidade em participar da entrevista. Eles foram contatados diretamente pelo pesquisador que depois de expor os objetivos da pesquisa fez o convite para uma entrevista. A adesão ao tema foi imediata e todas as pessoas contatadas atenderam positivamente ao convite.

A experiência profissional dos mesmos caracteriza-se pela prática clínica como também pela prática em pesquisa clínica ou acadêmica, o que indica a existência de um diálogo entre a teoria e a prática. A maioria exerceu ou exerce atividade didática e quatro deles estão envolvidos em atividades de publicação e divulgação da psicologia analítica.

Todos os entrevistados são graduados em psicologia, sendo quatro doutores em psicologia clínica, um em psicopedagogia e um mestre em psicologia clínica. As instituições presentes na formação acadêmica destes profissionais foram: USP, PUC,

Sorbone (Paris) e New School for Social Research (New York). As instituições citadas na formação em psicologia analítica foram a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA), o Instituto C. G. Jung de Zurique e o Instituto Sedes Sapientiae. Destacou-se também no processo de formação dos mesmos, a análise pessoal.

Nenhum dos entrevistados se identifica com escolas ou correntes da psicologia analítica descritas na literatura (Samuels, 1989). Entre eles, dois são membros do SBPA e da IAAP, um somente da IAAP, dois não são filiados a nenhuma sociedade e um deles é filiado a uma associação não diretamente ligada a psicologia analítica.

A coleta de dados desse trabalho foi realizada por intermédio de entrevistas e o que define uma entrevista são seus objetivos e métodos, sendo que os primeiros, sempre presentes, necessitam ser explicitados (Cunha, 1993). No presente estudo a entrevista foi aplicada com o objetivo de pesquisa, visando explorar na trajetória profissional de cada entrevistado a inserção da concepção junguiana de imagem e buscar nesta, referências para uma interlocução entre os elementos teóricos discutidos e a prática analítica dos entrevistados.

O método de entrevista pode variar segundo os pressupostos teóricos do entrevistador e seus objetivos. Nesse caso podem ir da mera coleta de um repertório de informações, na qual a relação entrevistador e entrevistado não é levada em consideração, às modalidades mais livres e complexas que procuram investigar o campo dinâmico que se constitui entre entrevistado e entrevistador e seus determinantes psíquicos.

Há três modos de estruturar a entrevista segundo seus objetivos: estruturada, semi-estruturada e aberta. Segundo Shea, há ainda um quarto tipo de estrutura de entrevista: “a entrevista flexivelmente estruturada”, que consiste em áreas de investigação padronizadas, com base nas quais o entrevistador tem total liberdade para estruturar as perguntas e sua sequência. Busca-se configurar uma situação única para atender as necessidades específicas da díade entrevistador-entrevistado (Apud Cunha, 1993).

Optou-se nesse estudo pelo modelo “flexivelmente estruturado” de entrevista devido a amplitude de expressão que favorece e por permitir adaptações de acordo com as singularidades de cada interlocutor e de cada entrevista.

Utilizou-se um roteiro para as entrevistas (Anexo- A) estruturado em dois campos:

- dados gerais: informações sobre o interlocutor e sua formação profissional
- dados específicos: questões que foram sendo levantadas ao longo da pesquisa teórica agrupadas em seis áreas ou eixos temáticos a saber:
 - conceito de imagem
 - processo de aprendizagem do trabalho com imagens
 - indicações sobre a questão da imagem na formação profissional
 - inserção da imagem na prática clínica
 - formulação teórica por imagens
 - imagens dos entrevistados sobre o processo analítico.

O roteiro serviu como base para as entrevistas, porém foi utilizado de forma bastante flexível priorizando a espontaneidade e a fluência do discurso. Perguntas foram suprimidas e outras acrescentadas de acordo com o desenvolvimento de cada entrevista.

Em pesquisa qualitativa o envolvimento com o entrevistado não é visto como uma falha ou risco comprometedor da objetividade, ao contrário é um elemento que possibilita o aprofundamento de uma relação intersubjetiva. Portanto durante as entrevistas o entrevistador adotou uma postura totalmente participativa, não se restringindo somente à coleta e registro de respostas. Buscou-se criar um espaço no qual o entrevistado assumisse o papel de interlocutor com quem o entrevistador pudesse dialogar a partir das suas questões. Observou-se que a discussão aberta sobre os temas possibilitou a emersão de aspectos significativos para o presente estudo, o que de outro modo talvez não tivesse ocorrido.

As entrevistas, no total de seis, duraram em média 80 minutos obedecendo ao movimento de cada interlocutor e a quantidade de informações que tinham para oferecer. Foram realizadas nos seus consultórios em dia e hora marcados, somente com a presença do entrevistado e do entrevistador. Foram registradas por meio de gravação em fita K7 com exceção de uma entrevista, cujo entrevistado solicitou que fossem feitos registros somente após a mesma. Algumas anotações como nome de autores e lugares foram feitas durante as entrevistas para garantir a grafia correta.

A análise das entrevistas seguiu o modelo qualitativo de tradição compreensiva, que pressupõe que as pessoas agem das suas crenças, percepções, sentimentos e valores.

Portanto seus comportamentos têm sentido e significado que não podem ser apreendidos de imediato, precisando ser desvelados.

Segundo Bardin (1995), a busca de sentido por meio da análise de conteúdo do discurso deve atender à algumas etapas: a. a pré-análise, b. a exploração do material, c. o tratamento dos resultados, d. a inferência e a interpretação. A pré-análise é a fase de organização do material coletado que parte de intuições para chegar a operacionalização e sistematização das idéias iniciais. Esta etapa pode ser subdividida em cinco atividades:

- leitura flutuante dos documentos ou registros coletados
- seleção de documentos ou partes do mesmo que serão submetidos à análise
- formulação das primeiras hipóteses sobre material a ser analisado
- identificação de índices e elaboração de indicadores que poderão orientar o recorte e a análise do material
- preparação final do material para a análise (organização dos registros, transcrições de fitas, redação dos indicadores, etc.)

A fase de exploração do material é a administração sistemática das decisões tomadas na pré-análise. Consiste em operações de codificação ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.

Tratar o material é codificá-lo. A *codificação* corresponde a uma transformação—efetuada segundo regras precisas—dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices. (Bardin, 1995, p.103)

Nessa etapa é preciso identificar qual unidade de significação ou segmento de conteúdo a ser considerado como unidade base para a análise, que pode variar da palavra ou frase, a temas específicos. No primeiro caso, todas as palavras do texto podem ser levadas em conta ou pode-se fazer distinções entre palavras plenas e vazias, palavras-chaves ou temáticas, ou dividi-las por categorias: substantivo, verbo, adjetivo, etc. No segundo, o tema é a unidade de significação que emerge naturalmente de um texto segundo critérios apoiados na teoria que serve de guia à leitura. É “uma afirmação acerca de um assunto. Quer dizer, uma frase, ou uma frase

composta, habitualmente um resumo ou uma frase condensada, por influência da qual pode ser efetuado um vasto conjunto de formulações singulares” (Berelson apud Bardin, 1995, p.105).

O recorte do discurso por temas

(...) é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas às questões abertas, às entrevistas (não-diretivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são freqüentemente, analisados tendo o tema como base (Bardin, 1995, p.106).

Proceder uma análise por temas consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e sua relação com o objetivo da análise em questão. Estes só podem ser estabelecidos por meio de regras de recorte do sentido e não da forma, de modo que dependem do nível de análise e não das manifestações formais. É impossível existir uma definição de análise temática sem que esta esteja contextualizada nas questões específicas de uma discussão.

O tema pode ser delimitado, entre outras possibilidades, com base no “objeto ou referente”, constituído por temas eixo entorno do qual o discurso se organiza. Assim, o recorte e agrupamento decorre destes eixos temáticos.

Realizada a organização do material é possível iniciar o tratamento dos resultados que tem como objetivo fazer o material “falar”, tornar-se significativo a partir de um modelo (qualitativo, quantitativo ou ambos) que favoreça a inferência e a interpretação do mesmo.

O material coletado nas entrevistas realizadas para este trabalho foi transcrito em sua totalidade⁸, para que o contexto das falas possa ser recuperado quando necessário (APÊNDICE).

Na etapa de pré-análise, cada entrevista foi lida e recortada tendo como referência os seis eixos temáticos que nortearam a construção do roteiro: conceito de imagem, processo de aprendizagem do trabalho com imagens, indicações sobre a questão da imagem na formação profissional, a inserção da imagem na prática clínica, a

⁸ Exceto uma das entrevistas que foi transcrita de memória pelo entrevistador.

formulação teórica por imagens e imagens do processo analítico. Estes eixos constituem os índices entorno dos quais as falas foram agrupadas. O resultado dessa etapa se encontra no apêndice desse trabalho.

Na etapa seguinte, os recortes realizados nas entrevistas foram tratados, transformados em afirmativas, despersonalizados, reorganizados e reagrupados em torno de unidades de sentido que deram origem aos indicadores de análise. Para cada eixo temático identificou-se vários indicadores que foram apresentados na forma de enunciados, destacados em *itálico*, seguidos dos recortes que lhe deram origem. Esta etapa constitui o capítulo 3.3, “Indicadores do processo imagético resultantes da prática clínica e reflexiva dos entrevistados”.

Uma vez delimitados os indicadores de análise, realizou-se uma discussão buscando inferir dos mesmos pontos relevantes para as questões apresentadas em cada eixo temático. Nessa etapa, o objetivo foi evidenciar as contribuições e as perspectivas dos entrevistados partindo dos dados obtidos nas entrevistas. Essa discussão constitui o capítulo 3.4.1, “Primeira leitura”.

Por último buscou-se sintetizar o resultado da discussão anterior e estabelecer uma relação entre as questões estudadas na literatura e a experiência clínica dos entrevistados de modo que essa fosse incorporada à discussão como amplificações da mesma. Essa etapa teve como objetivo identificar e indicar desenvolvimentos e direcionamentos teórico-práticos e sugerir alternativas que ampliem a discussão, a aplicação clínica e a formação do psicólogo no campo da imagem.

3.2 Introduzindo a interlocução: uma breve reflexão sobre o desenvolvimento da psicologia analítica no Brasil.

O objetivo deste capítulo é traçar um breve panorama dos desenvolvimentos mais significativos da psicologia analítica no Brasil com ênfase nas tendências mais relevantes para este estudo. A proposta é apresentar dados que auxiliem o leitor a situar as influências e a orientação teórico-prática implícitas na fala dos entrevistados. Por essa razão, não se pretende construir aqui um panorama histórico e crítico definitivo – análise em profundidade de todas essas tendências ou revisão teórica da produção científica brasileira no campo da psicologia analítica –, o que é objeto de um outro estudo. Desse modo, possíveis omissões ou falta de aprofundamento não pretendem minimizar ou aligeirar a importância das referências dos diferentes profissionais que têm contribuído para a consolidação da psicologia analítica no Brasil.

De acordo com a classificação de Samuels (1989), a psicologia analítica no Brasil, em geral, e as instituições formadoras, em particular, são consideravelmente influenciadas pela escola desenvolvimentista. As idéias de Neumann são expressivas nos programas de formação de analistas, na produção teórica e na formulação de práticas clínicas apoiadas em modelo desenvolvimentista, na observação do movimento inconsciente de cura, na interpretação da transferência e na integração psique-corpo. Em proporção também considerável aparecem a escola clássica e, em menor grau, a escola arquetípica. Embora grande parte dela tenha sido traduzida para o português – o que pode indicar o seu grau de inserção na comunidade de terapeutas junguianos brasileiros –, a literatura da psicologia arquetípica parece influenciar mais grupos de psicoterapeutas independentes, não-associados a instituições formadoras. Foi durante as décadas de 1960 e 1970 que a psicologia analítica se instalou no Brasil primeiramente no eixo Rio de Janeiro–São Paulo. Esse processo ocorreu graças a quatro fatores principais:

1. o intercâmbio e a formação de profissionais brasileiros junto ao Instituto C. G. Jung, em Zurique;
2. a criação de grupos de estudo e pesquisa em psicologia analítica;
3. a imigração de analistas junguianos europeus para o Brasil; e

4. a análise pessoal de um grupo de profissionais que constituíram o primeiro grupo de analistas brasileiros.

Precursora da psicologia analítica no Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira desde 1946 utiliza técnicas expressivas e ocupacionais com pacientes do Hospital Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Ela observa que a possibilidade de expressão favorece a reorganização psíquica em indivíduos com distúrbios psicóticos e pode ser utilizada tanto como recurso terapêutico como preventivo. Apoiada originalmente na teoria da terapêutica ocupacional, desenvolve um trabalho pioneiro no tratamento psiquiátrico. Em 1956 funda a Casa das Palmeiras, que hoje funciona como hospital-dia e onde o trabalho terapêutico é realizado por intermédio de oficinas de arte. Foi nesse período que Nise entrou em contato com as idéias de Jung e a psicologia analítica na qual encontra as bases teóricas para muitas de suas evidências empíricas.

Não concebemos, na literatura junguiana, estudos especiais sobre TO. Entretanto, o método psicoterapêutico de Jung está intimamente impregnado de atividade. E parece-nos mesmo que a terapêutica ocupacional encontrará na psicologia analítica inspiração para um trabalho mais profundo e mais eficiente que em qualquer outra posição psicológica (Silveira, 1997, p.5).

Ao tomar conhecimento do trabalho no Engenho de Dentro, Jung prontamente se interessa em conhecer o material clínico compilado por Nise com evidências sobre sua teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo. Em 1957, convidada a participar do II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, no qual Jung estava sendo homenageado, Nise se encontra com ele e é convidada a fazer um estágio de especialização no Instituto C.G. Jung. De volta ao Brasil inicia na Casa das Palmeiras um grupo de estudos junguianos do qual participam futuros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.

O trabalho de Nise ganhou dimensão nacional e internacional, sobretudo pelo seu empenho em humanizar as instituições psiquiátricas e o tratamento da psicose. Em 1952 ela funda o Museu de Imagens do Inconsciente e nos anos seguintes escreve vários livros relatando seu trabalho, que hoje são referência para o estudo de imagens psíquicas e levam para o grande público uma visão mais humana e poética do tratamento de doenças mentais. O acervo do museu é indiscutivelmente uma das melhores fontes no mundo para a pesquisa da imagem e do símbolo.

O trabalho de Nise é marcado pelo uso intensivo da amplificação cultural freqüentemente em detrimento do relato do desenvolvimento clínico e da história do paciente. Ao descrever os desdobramentos das imagens por meio de padrões míticos, deixa em segundo plano o contexto psíquico do indivíduo no qual essas imagens ocorreram, que fica diluído no emaranhado complexo de associações e reflexões sobre o simbolismo presente nas imagens expressas nas pinturas, desenhos e esculturas. Na tentativa de evidenciar os padrões arquetípicos de desenvolvimento, revela-se uma forte influência de Neumann.

Por vezes, esse enfoque privilegia uma atitude estética em relação à atividade imagética em detrimento da dimensão terapêutica dessa abordagem. Nos relatos de casos, às evoluções observadas nas imagens falta à tradução delas o respectivo incremento de consciência e de interação com o mundo. Frequentemente parecem ocorrer dois processos paralelos: processos exuberantes das imagens no inconsciente e consciência de certo modo permanentemente inalterada. Os relatos de melhora no estado psíquico dizem respeito mais à diminuição da intensidade do fluxo imagético, objetivado e despotencializado por meio da atividade expressiva, do que à integração dos conteúdos ativados na crise psicótica pelo caminho do ego.

Um trabalho sintético que reúna interpretação intelectual e emocional, de regra na prática com neuróticos, torna-se enormemente difícil com psicóticos. Nestes as imagens vêm de estratos muito profundos do inconsciente, extremamente distantes do consciente, revestem formas demasiado estranhas e trazem consigo uma grande carga energética. Antes de serem despotencializadas, pelo menos em parte, de suas cargas energéticas não haverá condição para apreendê-las por meio de interpretações. Isso só será possível depois que passem por um processo de transformação emocional e que se aproximem do consciente (Silveira, 1982, p.135).

A ênfase que Nise atribui à despotencialização e objetivação da imagem parece não ter favorecido o desenvolvimento de uma outra forma de interação consciente do sujeito com suas imagens interiores. A descrição de seu método não oferece a discussão da possibilidade de um diálogo direto e ativo com as imagens. A participação dos terapeutas ou monitores é predominantemente passiva: receptividade, encorajamento ou orientação técnica. O paciente produz livremente

um trabalho que é guardado e, em outro momento, é discutido pelo grupo de estudos do museu sem a participação do sujeito, que desse modo desperdiça a oportunidade de interagir com ele pelo caminho da imagem e de favorecer o desenvolvimento de um campo relacional consciente.

Há passagens em que Nise justifica essa atitude seja pela carência da estrutura hospitalar na qual o contato mais personalizado e contínuo com o paciente nem sempre é viável (1997), seja pelo apoio à ação terapêutica no movimento natural de cura da psique mobilizado pela expressão artística e não pela ampliação da consciência ou pela ressocialização (Silveira, 1982).

Nossa surpresa foi a verificação de que o ato de pintar podia adquirir, por si mesmo, qualidades terapêuticas. (...) O símbolo é o mecanismo psicológico que transforma energia. Assim, a objetivação de imagens simbólicas na pintura poderia promover transferências de energia de uns conteúdos para outros conteúdos psíquicos (Silveira, 1997, p.13).

Nesse caso, em favor da observação do processo de autocura em curso no inconsciente, o tratamento parece deixar em segundo plano a questão adaptativa, o desenvolvimento da capacidade relacional e o restabelecimento das funções egóicas.

Na década de sessenta, um grupo de médicos e psiquiatras iniciam análise com o analista belga Leon Bonaventure, que acabara de se radicar no Brasil. Juntamente com Carlos Byington e outros membros do grupo da Casa das Palmeiras, no Rio de Janeiro, é desse grupo que nasce o primeiro núcleo de estudos originário da SBPA.

Em 1975, repercutem bastante no Brasil os eventos organizados por membros do grupo de São Paulo e do Rio de Janeiro em comemoração ao centenário do nascimento de Jung. Em 1977, a convite desses grupos, vêm ao Brasil o analista americano Robert Stein e o presidente da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica, IAAP, Adolph Guggenbühl-Craig, de Zurique. Eles proferem uma série de palestras e credenciam o grupo brasileiro a fundar a primeira sociedade de psicologia analítica no Brasil (*Junguiana*, 1983), que foi reconhecida e aprovada no V Congresso Internacional de Psicologia Analítica, em 1977. Em março de 1978 foi fundada em São Paulo a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, SBPA, que desde então vem formando analistas junguianos e divulgando a psicologia analítica

por meio de cursos, eventos científicos e publicações. Em maio de 1994 foi fundada no Rio de Janeiro a regional da SBPA.

O direcionamento teórico-prático da Sociedade está francamente alinhado com a visão desenvolvimentista de Neumann e Fordham e com a leitura simbólica de Carlos Byington. Dentre outros aspectos, são destacados na formação do analista e na produção teórica dos seus membros relação transferencial, amplificação cultural, experiências da infância, fases do desenvolvimento psíquico, perspectiva simbólica. Essa tendência tem gerado controvérsias e causado dissidências. Afirma-se que a SBPA tem se distanciado dos fundamentos teórico-práticos de Jung e da natureza mesma do processo de formação do analista, muito mais voltada para o modelo acadêmico do que para o seu processo de desenvolvimento individual. Some-se a isso forte influência da psicanálise sobretudo da escola inglesa.

Do grupo original da SBPA houve alguns desmembramentos: parte mantém-se como um grupo de analistas independentes sem filiação institucional e parte associou-se às idéias de Sandor, concentrado na Faculdade de Psicologia da PUC e no Instituto Sedes Sapientiae, ambos em São Paulo.

Pethö Sandor, médico de origem húngara, desenvolve um método terapêutico de base corporal, que se serve de técnicas de relaxamento com vistas à livre expressão de conteúdos inconscientes. Dentre elas destaca-se a *calatonia*, que consiste numa seqüência de toques sutis na planta dos pés para induzir, por meio da estimulação cutânea, o relaxamento e o fluxo imagético.

A *calatonia* possibilita uma afirmação e apresentação de problemas, em forma de imagens, seqüências delas ou cenas, se o paciente não as reprime e o terapeuta não as força em esquemas interpretativos. Deve-se tomá-las como informações, conceitualizações ou até mesmo fantasias ou sonhos (sem estimular ou fomentar a sua ocorrência), permitindo simplesmente que se manifestem (Sandor, 1982, p.108).

O método de Sandor é visto com ressalva por alguns profissionais, uma vez que ele permite induzir o sujeito a estados psíquicos desestruturantes. Ao promover a produção de imagens e fantasias pelo caminho da estimulação corporal, pode-se menosprezar o movimento natural auto-regulador da psique e desencadear processos que possivelmente não encontrem uma estrutura egóica capaz de abarcá-los. Graças

ao fluxo de imagens que ocorre como uma invasão do inconsciente, o sujeito pode ser levado a um estado psicótico.

Apesar dessas ressalvas, a abordagem corporal defendida por Sandor encontra bastante aceitação entre os psicoterapeutas junguianos de São Paulo bem como fundamenta o curso de especialização em psicologia analítica oferecido pelo Instituto Sedes Sapientiae.

Em 1991, um grupo de analistas dissidentes da SBPA fundam a Associação Junguiana do Brasil que hoje tem sedes em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Campinas. Filiada à IAAP, seus objetivos são divulgar o pensamento de Jung por meio de encontros científicos, publicações, pesquisas e formar novos analistas. A proposta desse grupo defende a tentativa de imprimir à formação do analista um caráter mais humanista de tal modo que ela se pautasse mais no processo de individuação e numa estrutura acadêmica menos rígida e formal. No plano teórico, busca retomar como eixo central o pensamento de Jung e da escola clássica sem deixar de lado a leitura dos neojunguianos (Instituto Junguiano de São Paulo, 2001, p.1).

No meio acadêmico, a psicologia analítica começou a ser introduzida na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na década de 60 em cuja área, desde então, vem se caracterizando como importante núcleo de pesquisa e ensino. Muitos de seus professores receberam sua formação na SBPA e da qual continuam sendo membros ativos bem como tiveram contato direto com o trabalho de Sandor. Graças a essas tendências, origina-se o Núcleo de Psicossomática em Psicologia Hospitalar, que trabalha com o modelo analítico junguiano em pacientes de doenças orgânicas. Esse núcleo está desenvolvendo técnicas de terapia breve pelo caminho das imagens em busca de uma interlocução entre corpo e psique com vistas à alteração, também pelo caminho da imagem, do funcionamento bioquímico do organismo.

No Instituto de Psicologia da USP, embora ainda não exista um núcleo junguiano no departamento de psicologia clínica, na produção científica já existem trabalhos expressivos sobre sonhos na visão da psicologia analítica bem como sobre a abordagem corporal de Sandor.

Outras universidades públicas e particulares, como a Unicamp, em Campinas-SP, e a IBMR, no Rio de Janeiro, já oferecem, se bem ainda em fase de implementação, programas de pós-graduação em psicologia analítica.

Além das instituições formadoras vinculadas ao IAAP e das instituições acadêmicas, o Grupo de Estudos C. G. Jung, em Juiz de Fora-MG, o grupo Estudos Junguianos de Curitiba-PR e a Sociedade do Pensamento Junguiano de Fortaleza-CE oferecem cursos e formação em psicologia analítica.

A literatura junguiana – seja em publicações periódicas, livros ou teses – produzida no Brasil ainda é bastante tímida. Desde 1983, a SBPA vem publicando anualmente a revista *Junguiana*, único periódico brasileiro específico em psicologia analítica no qual se encontram artigos de autores brasileiros e estrangeiros. No mercado editorial, entretanto, nos últimos cinco anos, é expressivo o aumento das publicações de autores brasileiros e, na mídia virtual, é crescente o número de *sites* nacionais relacionados à psicologia analítica.

3.3 Indicadores sobre o processo imagético resultantes da prática clínica e reflexiva dos entrevistados

A. Indicadores sobre o conceito de imagem

- *A imagem é a matéria prima da psique*

A linguagem da psique são as imagens.

Freud com relação a imagem de sonho, vai pensar no sonho como aquilo que é reprimido, aquela noção do inconsciente do reprimido. Na psicologia analítica tem o aspecto criativo também, o aspecto prospectivo, o aspecto da linguagem própria da alma.

A imagem é o concreto que se tem, é o fenômeno. O símbolo ou a imagem, é o fenômeno psíquico com o qual se trabalha.

A única forma de conhecer a alma é através das imagens, dos pensamentos que emergem. Então a imagem sem dúvida é a via régia, como falava Freud e depois Jung, para o inconsciente. Para o inconsciente e para o mundo. O mundo externo também é o inconsciente. Tudo aquilo que se desconhece vem através de imagens, através de pensamentos. Não há outra forma de conhecimento.

- *A imagem é uma forma de comunicação própria que tem valor em si*

A imagem tem valor em si.

A imagem é a unidade primeira, primária, e *oneiros* em grego significa imagem. Então o sonhar é imagem, é a produção de imagem e a imagem, ela é um todo, ela é uma melhor forma, ela é uma expressão por si própria. Ela é completa. Completa, corporal. Ela não é imagem de outra coisa. Fazer essa distinção, que o Jung também

faz, da percepção, de estar significando outra coisa, ela é fechada em si mesma. É uma inscrição própria, válida, dessa forma específica no contínuo.

A noção sincrônica da imagem, democrática da imagem, onde todos os aspectos são igualmente importantes.

A imagem como uma forma comunicativa válida em si própria. É preciso permanecer mais tempo com a imagem, em toda a sua composição, em todos os seus detalhes.

A visão do Jung que a imagem é completa em si mesma e ela própria contém seus significados é um pressuposto válido. Igualmente, explorar de todas as maneiras, as várias maneiras possíveis de se observar, de se reagir, de viver, de vivenciar, de imaginar, atuando no sonho, a imagem no sonho, e então realmente se comunicar com essa alta forma de comunicação.

A imagem em si pode ser tudo, pode ser nada. Noventa por cento dos sonhos são esquecidos, uma produção de imagens fantástica e vai tudo por água abaixo. Mas ela tem um efeito por si mesmo que a acaba contendo, pelo impacto. Tem uma função.

- *A imagem é um fenômeno da consciência*

A percepção é permeada pela imagem.

Imagem faz tanto parte da consciência que é quase impossível defini-la. Tem-se a imagem que cai sobre a retina a qual pode-se dar uma definição muito psico-fisiológica. É a imagem que se forma através da incidência da luz solar, qualquer tipo de luz, na retina, ativando as cores e os bastonetes, indo para o sistema nervoso central e isso é uma imagem e decorre um pouco do fenômeno da projeção. E tem uma imagem que vêm para a consciência, que emerge, que aparece, vem não se sabe de onde. Pode-se dizer que vem do inconsciente e aparece. Tem-se essa imagem formada no cérebro. Então a imagem é um fenômeno, que aparece na consciência.

Ou ela vem do mundo externo ou pelo mundo interno, mas ela aparece na mente sem que se tenha qualquer controle sobre o seu surgimento.

Primeiro há a percepção de que vive-se em um mundo de projeções. Vê-se aquilo que se tem capacidade neurológica, fisiológica, psicológica para perceber. Vive-se em um mundo de imagens. Enquanto a psique determina as imagens que se vê, determina também a percepção.

- *Imagem é um dos níveis da manifestação do real*

É tudo. Em tudo há imagem.

As imagens estão em tudo, em um concerto, em uma descrição ou teoria. Sempre há uma imagem.

A imagem é uma forma pictórica, é uma manifestação pictórica, no plano das imagens. Ela pode ser verbal, pode ser concreta, corporal, ela é um dos níveis de manifestação real.

- *Imagem é um processo involuntário*

É um processo involuntário. Posso até provocá-lo voltar à mente. Mas em grande parte é involuntário.

A imagem é um fenômeno, que aparece na consciência. Ou ela vem do mundo externo ou pelo mundo interno, mas ela aparece na mente sem que se tenha qualquer controle sobre o seu surgimento.

- *A imagem está vinculada ao discurso e à palavra*

O discurso é imagem. Ele é imagem quando ele aponta para dimensões que não são as que estão aqui. É imagem quando ele faz ultrapassar o próprio fato, embora esteja falando do fato, de um concreto. Ele é imagem quando se é capaz de através dele

juntar passado, presente, futuro no mesmo instante. Ele é imagem quando ele alerta sobre uma situação que ainda vai ocorrer.

Os teóricos da comunicação dizem que o verbo vem por último, primeiro sempre surge uma imagem. Assim quando falamos, falamos a partir de imagens.

A linguagem poética ou metafórica favorece a imaginação, portanto está mais próxima da alma.

O discurso sempre é uma imagem. O discurso é uma imagem verbal. Ao ouvi-lo a imagem sonora já é uma imagem.

O discurso associativo é o que permite a formação de imagens.

Discurso é outro plano de expressão. A imagem é um plano de expressão, o discurso é outro plano de expressão. É uma produção em outro plano. Tudo que está no discurso, que tem uma imagem, tem uma imagem subjacente. Pode-se estar expressando através da imagem ou através do discurso.

Às vezes, uma palavra... ela funciona como uma imagem... Uma metáfora, um símbolo que dá um grande insight para a pessoa.

A imagem vem vinculada à palavra, junto com a palavra vem o significado. É preciso ter a palavra para dar um significado à imagem, poder integrá-la à consciência. Só a imagem desvinculada do significado, não promove a cura. À imagem tem-se que dar um significado, uma palavra para poder vinculá-la à consciência, integrá-la e ter isso como conhecimento assegurado. Imagem por imagem só, ela fica solta no espaço, como os pacientes psicóticos que fazem imagens lindíssimas e não curam, não se curam, não há o desenvolvimento da consciência. Então, tem que integrá-las na consciência através da palavra.

Ao ver um filme, uma imagem do filme causa um impacto. Aquilo fica reverberando dentro da pessoa, mas ela vai precisar da palavra para unir a imagem ao seu mundo interno, a outros elementos, para poder integrar essa imagem à sua consciência.

- *A imagem está relacionada à memória*

Ao ouvir o relato de um sonho imediatamente cria-se imagens. Pode ser que não seja as imagens do sonho do outro, mas tem-se essas imagens que são guardadas na memória extremamente forte, já as palavras não. Estas são esquecidas, mas a imagem fica forte. O sonho pode causar uma imagem que pode permanecer trinta ou quarenta anos, inteira. Por isso que está muito ligada à memória.

- *Imagem é relação.*

A imagem é a relação homem-meio. Não tem outra coisa.

A imagem é onde se capta a relação. Não fica nem no sujeito e nem no objeto. Os psicólogos têm a relação para trabalhar, o que não for isso, não é o seu campo.

Fala-se em produto artístico, tanto que a palavra imagem é pouco usada, mas o que importa é desenvolver a parte da relação, a imagem é onde se capta a relação.

Tudo que é vivido é vivido a partir de uma imagem. Cria-se uma imagem. Quando se conversa com alguém tem-se uma imagem que é determinada pela maneira como se vê a pessoa, que está tingida por imagens de certas situações daquele que vê. Tudo é uma mistura de imagens e é com isso que se lida muito mais com a realidade. Qual realidade? Objetivamente, não se sabe, o que se sabe é que vive-se uma relação e que esta é transformada em imagens. As imagens que se tem de uma pessoa, sonhos por exemplo, não podem estar desvinculadas no momento que se está com ela.

A imagem é um certo tipo de metáfora que está por trás de um relacionamento.

Relação é a palavra chave. As imagens favorecem a relação, pois através delas é possível se relacionar consigo e com o mundo.

Todos têm um mito a partir do qual se relacionam com o mundo.

- *A imagem tem um potencial curativo possibilitando a integração de paradoxos*

Os contos de fadas ou os mitos têm sido de uma riqueza inacreditável. É como se através da imagem, fosse possível juntar aquela coisa de ser uma borboleta, de merecer ter muitas coisas e o incômodo de parecer que nada é aprofundado através da imagem. Conseguir juntar dá uma sensação muito gostosa de aprofundamento, de ter acertado. As coisas não são disparatadas. Assim como em um quadro moderno no qual aparecem muitas coisas, estas formam uma realidade. No trabalho com sonhos, ver que tudo isso forma uma imagem geral da pessoa, que faz parte dela, é muito rico. Não é disparate. Estamos em tudo.

A imagem cósmica. Antes o psicólogo tinha medo do que tinha fora, ficava só no psíquico. Hoje se o psicólogo não captar o mundo externo mesmo e colocá-lo nos materiais, na música, quer dizer, se não fizer ciência disso, ele vai ficar por fora. Steiner lançou a questão da cosmogonia. Se o psicólogo não aproveitar isso, ele vai dançar no ano 2000, porque o ano 2000 é a integração da materialidade na clínica. E aí surgem imagens cosmogônicas que não são necessariamente criações, mas são *per si*. E isso é o grande *boom*, agora tem-se que voltar para a física, para a mecânica quântica.

Pode-se usar a imagem como um remédio, alopático ou homeopático, mas funciona. Ou na expressão do mundo interno, ou na captação de imagens que vão equilibrar.

A imagem é curativa.

Quando trabalha-se com imagens, trabalha-se com o estrutural, trabalha-se com a essência e daí vão se revertendo as múltiplas manifestações no palco da vida. A

própria imagem já é um pouco esse movimento de cura, da alma, do corpo, do todo dessa pessoa.

Só a imagem desvinculada do significado, não promove a cura.

Imagem por imagem só, ela fica solta no espaço, como os pacientes psicóticos que fazem imagens lindíssimas e não curam, não se curam, não há o desenvolvimento da consciência. Então, tem-se que integrá-las à consciência através da palavra.

- *Imagem é um meio ampliador da experiência imediata*

A imagem surge da realidade concreta e a partir do divagar com ela e junto com ela ir para dimensões que não ficam presas ao concreto, para coisas que levam para o mais amplo.

O mundo imaginal tem sempre essa idéia: sair dos aprisionamentos, sair de uma perspectiva concreta, ir para um mundo que ultrapassa os conceitos de causalidade, tempo e espaço. Então tudo que faça reflexões nesse nível pode-se chamar de mundo imaginal, de mundo que vai para os padrões arquetípicos, para os princípios cósmicos.

Imagem é um delírio que você faz, de olho aberto e com consciência.

O homem sofre de várias ilusões visuais.

- *As imagens são indicadoras dos movimentos psíquicos facilitando a captação do seu sentido*

Qual é o indicador que a imagem está fornecendo como finalidade? Para onde ela está conduzindo e qual é o chamado do processo atualmente? As imagens são sempre auxiliares nesse sentido.

Muito mais importante é aquilo com que a alma vem. Agora com o que é que a alma vem? Sabe-se o que a pessoa vai ser através de como a pessoa está se comportando no mundo, de como ela está se expressando e das imagens que ela vai trazendo. Através do in-printing que o ser traz, que forma uma imagem para ela e para os outros.

Freud, em relação à imagem do sonho, vai pensar como aquilo que é reprimido, com aquela noção do inconsciente do reprimido; na psicologia analítica tem também o aspecto criativo, o aspecto prospectivo, o aspecto da linguagem própria da alma.

Às vezes a imagem aponta algumas coisas que demorariam muito tempo para serem captadas se não tivesse uma imagem. Então, a imagem é sempre um facilitador. Ela é um caminho que reduz tempo. Ela é uma perspectiva que vai direto ao tema em questão. Então não interpreta-se, pega-se a imagem direto no que ela fornece. Ela é uma abertura bem ampla nesse sentido.

- *A imagem tem uma base corporal*

Pode-se trabalhar a doença orgânica como um símbolo, pois toda a imagem tem um substrato bioquímico. Se muda um, muda o outro. Se a pessoa toma um remédio pode ter uma alteração das imagens; o que come, altera as imagens. Tanto faz de que modo vai-se abordar. Ao tomar um calmante, muda-se a imagem. Ao tomar um excitante, tem-se outra imagem; tem-se uma imagem que excita. Pode-se provocar uma excitação orgânica. Então nessa interlocução, é que se está trabalhando a duras penas, é difícilimo!

O símbolo mais do que imagem é o grande veículo de auto-conhecimento. A percepção do corpo é absolutamente simbólica, o corpo só existe na medida que eu percebo.

B. Indicadores sobre o processo de aprendizagem do trabalho com a imagem

- **O processo de aprendizagem de trabalho com a imagem ocorre:**
- *Mediante o trabalho com as próprias imagens*

Na minha análise pessoal. No contato com as imagens do meu inconsciente. Deixando as minhas imagens falar. Para se aprender a fazer pão é preciso por a mão na massa.

Eu sou bailarina. Eu comecei com arte desde os 8 anos e para resolver as minhas questões pessoais, eu entrava no quarto, desenhava, pintava, dançava e fazia esse tipo de coisa.

Eu tinha medo. Eu dizia: “Gente, eu não vou passar nesse negócio”. E como eu sou artista, eu sou bordadeira, o doutor Sandor dizia: “Continue o teu trabalho”. Eu dizia: “Que o bordado tem a ver com esse monte de coisas?” E aí houveram as revelações, porque através do trabalho artístico pessoal, eu elaborei as minhas imagens pessoais. Então eu falava de boca cheia, porque eu sabia que era ter uma imagem, de vivência própria expressar através da arte e ver um produto que eu não sei se é arte.

A psicologia analítica contribuiu em primeiro lugar pelo fato que comecei a mexer com os meus sonhos, mexer com contos de fada, a desentupir meus próprios canais, porque na realidade isso não era uma coisa que eu vivia muito. Quando era mais jovem, eu era professora de escola de crianças problema. Eu contava contos, mas várias vezes me falavam que era muito monótona, que tinha dificuldade de por a minha fantasia para fora. Eu tinha canais entupidos. Com a minha própria terapia, eu trabalhava com contos e aquilo soltou. Agora sou uma pessoa que cria continuamente imagem, com tudo, tudo. Até imagens divertidas de qualquer coisa estapafúrdia. Tudo tem assim uma imagem. De modo que a psicologia analítica me ajudou.

Eu me submetia a muitas técnicas através de imagens, também baseadas em outras teorias, aprendendo como paciente.

Uma parte de minha sensibilidade acordou quando eu estava grávida quando fiz sensibilização do corpo para me preparar fisicamente para o parto. A pessoa, que não é ao meu ver nada sensível, despertou minha sensibilidade. Falava: “como é que você vê o céu de sua boca, como é que é o interior de seu corpo, ela deu um clique e começou a vir um monte de imagens.” Essa pessoa despertou e não sabia que ia despertar. Às vezes, vai-se a um concerto no topo da montanha, aquilo lá é lindo, tem um por do sol, a sua sensibilidade é acordada. Nos cursos universitários não.

- *Durante a formação acadêmica:*

Não no meio acadêmico, onde você vai ter só a visão da imagem como centro do deslocamento, da deformação, noções mais freudianas.

Na USP só tive uma visão mais psicanalítica. De deformação, de noção de censura, que favorece a uma interpretação no sentido de relacionar com o sistema conceitual. Relacionar com toda a teoria psicanalítica, com as questões de Édipo e as relações primárias.

Durante a graduação foi mais conhecer, eu não conhecia Jung, então foi conhecer, foi entrar em contato.

Na faculdade, o lado forte na época era a teoria da percepção. Fiz vários cursos de teoria da percepção e fiquei fascinada, por exemplo, pela questão das ilusões visuais. Isso abriu um campo muito grande para mim porque percebi o quanto somos enganados pela nossa percepção que parece uma fonte de referência muito segura. Nós sofremos várias ilusões visuais.

Quando entrei na faculdade, eu queria ir embora, quer dizer, ver rato, ver aquelas coisas, eu dizia: “Isso prá mim é uma morte”. O que me fez ficar na faculdade foram os testes psicológicos, e um instrumento belíssimo o Rorschach, é a imagem, e a

noção de engrama do Rorschach que é como entra toda a parte da neurologia, da fisiologia, na constituição da imagem. Então essa foi a contribuição da academia.

- *Por meio de cursos ou experiências extra acadêmicas*

Em toda a formação junguiana, tem que estar constantemente trabalhando com imagem, com amplificação, com alguma forma de leitura simbólica.

Fiz o curso de relaxamento que o Sandor dava, de extensão cultural, com as várias técnicas de relaxamento, deu para sentir um pouco a questão do corpo. Na época da faculdade, fiz terapia com uma pessoa que era cria direta dele, tinha feito análise com ele, gostava muito dele, passava muita coisa de corpo, relaxamento, massagem, num trabalho mais integrado, no qual a integração do corpo se dava.

A academia sozinha não resolvia. Eu tinha que fazer Sociedade Rorschach e fazer um dispêndio grande de energia. E a parte da arte não tinha na faculdade, não se falava em arte. Eu tinha um trabalho de arte educadora, de criatividade. Fiz o curso de arte educação fora da faculdade; onde eu tinha mestres que iam me ensinando o que era imagem. Aprendi imagem plástica, sonora, kinestésica, etc., com professores de imagem de arte. Então o Rorschach, através da sociedade, em conjunto com essa questão das obras artísticas e o estudo da imagem na arte, mais a questão do Jung com o imaginário, imagem e tudo isso, essa trilogia é que me deu base. Mas saindo desse circuito, eu não tinha com quem falar de imagem. Não tinha na universidade outras fontes, outro espaço. Então o que fiz: fui estudar antroposofia para aprender as imagens cosmogônicas. Estudei cor, forma, movimento, som dentro de um enquadre mesmo físico, psicofísico, isso me ajudou muito. De volta à vida acadêmica, eu vi que o meu know-how não cabia. Então o que eu fiz na academia: aprofundei Jung e a fenomenologia, porque não tinha outro jeito de você, dentro dos nossos mestres, desenvolver.

Fiz um curso na USP, com a Therezinha. Um grupo com pessoas muito variadas, desde educador físico, psicólogo, médico. Nesse grupo, caminhávamos em imagens,

trazíamos sonhos e íamos pesquisando no próprio campo das imagens. Essa foi uma experiência muito rica durante a pós-graduação.

Na formação com a Ione e com o Byington, os sonhos foram para mim o meu maior treino, tanto que as minhas duas teses são sobre sonhos. O sonho é um elemento muito interessante e a partir do trabalho com o sonhos fui indo.

Não, no contexto acadêmico, é verdade, foi mais na formação fora do contexto acadêmico que tive contato com a questão da imagem.

Junto com a formação acadêmica mais formal, teve uma contribuição enorme do informal. Dos workshops que eu fazia, uma ou duas vezes por ano, especialmente nos Estados Unidos que era uma formação mais informal, mas era muito prática.

Eu fiz isso a partir dos grupos de estudo com contos de fada. Me encantei tanto com a Von Franz e fiz quatro meses de curso com ela, seminários, uma vez por semana. Não era muito, então trabalhei muito sozinha. Comecei a ler contos, trabalhar com cada um, pegar cada símbolo, olhar nos dicionários de simbolismo qual é o sentido e tentar dar um sentido; o que podia dentro dos meus limites.

Nos Estados Unidos, têm muita gente que trabalha com workshops de sonhos. Na Suíça, não tinha na época em que eu estava lá. Não tinha quase nada. Hoje em dia, já tem mais. Tinha só mais a questão de se trabalhar com os moldes tradicionais, eminentemente interpretativos, no setting individual, com amplificação, isso teve demais lá.

- *Do contato com os referenciais da psicologia analítica*

A psicologia analítica me permitiu trabalhar com a noção de arquétipo. E esse é o grande presente das minhas pesquisas. Eu trabalho há 13 anos pesquisando ecologia, arte, mitos, lendas, contos de fadas em arteterapia, usando a noção de arquétipo. Então o grande presente da psicologia analítica foi a noção de arquétipo. Sem dúvida.

A minha aproximação da imagem se deu dentro da psicologia analítica, ela contribuiu em tudo. Não tem nem como destilar, porque não tenho outras referências nesse sentido.

Encontrei uma perspectiva de trabalhar simultaneamente em vários planos ao mesmo tempo. Sempre senti vontade de ter uma referência concreta, egóica, mas não ficar presa a uma referência. Então Jung trouxe uma conceitualização que me permitia caminhar e longe. Depois uma visão espiritual que hoje eu carrego e que me traz toda essa possibilidade de um ponto de vista de ciência, objetivo, sem perder o pé dos comportamentos, da realidade concreta. Eu tinha um pouco de receio dessa espiritualidade meio solta, meio transcendente demais.

- *Com a contribuição de vários autores junguianos*

No meu trabalho, eu fui para outro lado com a idéia de fazer grupos, com a idéia do enfoque não-interpretativo, com o foco em vivência de imagens, neste sentido eu me escorei muito mais em autores americanos do que propriamente europeus. Sei que quando fui, a um congresso junguiano em 95 em Zurique, vi que mesmo no programa do Instituto Jung, essa questão do corpo já tinha entrado. Trabalho muito com o conceito de imaginação corpo-ativa. Vincular a imagem com a vivência corporal, vi que isto estava começando lá e que tinham muitas coisas neste sentido. Era o momento que estava mais fechado, estava mais ortodoxo, depois foi abrindo para o trabalho com corpo. Isto na época de formação no Instituto que foi de 78 a 81.

Os autores que mais contribuíram para esta questão foram Hillman, Henri Corbin, Thomas Moore

Hillman é uma pessoa muito importante, o Byington é uma pessoa muito importante. Os que escrevem sobre Jung são todos interessantes, mas o que me moveu mesmo, foi o Hillman, o personagem mais interessante.

Eu tinha uma noção de Melanie Klein e tinha uma noção da Anna Freud, das defesas e tudo, mas esse tipo de trabalho era difícil para mim. Já com a noção do Fordham e

com a noção da escola inglesa, eu me senti mais à vontade para trabalhar. Então eu trabalhei com criança carente, com criança deficiente mental, deficiente física, criança psicótica e sempre Fordham, com a questão do sonho na infância, com o conceito de deintegração, foi me deixando um caminho um pouco mais fácil. Aí isto com a arte, com o desenvolvimento da arte na criança, foi possível criar um paradigma novo de trabalho.

Além do Jung, gosto muito do James Hillmann. Ele atribuiu um valor à imagem, até mais preciso, mais definido do que Jung. Ele é mais purista com o valor da imagem e diminui muito o valor das influências ambientais sobre o ser, quase acabando com o mito da influência dos pais sobre a formação da personalidade.

Von Franz, também quando ela trabalha com sonhos, com as imagens da alquimia, com os contos de fada. Sem dúvida. No Brasil, a Nise da Silveira, trabalha brilhantemente com a questão da imagem.

Para mim, Marie Von Franz foi a primeira. Frequentei suas aulas sobre os contos de fada e fiquei encantada com o que ela podia ver nas imagens. No decorrer do tempo, descobri que ela interpreta. Ela coloca um sentido que as vezes me incomoda, ela coloca a idéia dela nas imagens. Então o conto é um pretexto para ela expor as suas idéias. Ela às vezes foge da imagem que o conto simplesmente traz. Hillman depois me trouxe a idéia de que em todo sonho se pode explorar mais a imagem, o sentido, as cores que estão lá, o cheiro se sente, como isso toca. Ele me colocou os sentidos e isso me ajudou a abrir. Depois eu mesma comecei a trabalhar com os contos de uma maneira muito mais fenomenológica. Simplesmente o que imagem tem. Por conjugar as imagens, percebi que de lá se tira o sentido. Não é preciso interpretar.

- *Com a contribuição de outros referenciais teóricos*

Bom, essa minha visão de imagem não veio da psicologia analítica. Essa visão de imagem veio de anos e anos de estudo de fenomenologia. Eu estudei profundamente o método fenomenológico. Começando do estruturalismo, depois a fenomenologia, depois a fenomenologia existencial.

Quem contribuiu para a visão de imagem? A Gestalt, Roger, Medar Boss, todos os teóricos, Jenny Rhyne, que é uma arte terapeuta americana gestáltica, todas essas pessoas preocupadas em chegar a uma abordagem científica do uso das imagens. Quais? Corporais, kinestésicas, táteis, olfativas, enfim, plásticas. Tinha que formar uma resenha teórica. Que jeito? Observando. Observando e constatando.

A minha concepção de imagem não vem só da psicologia analítica, teve outras contribuições. A teoria da percepção e todas as correntes de psicologia de uma forma ou outra vão trabalhar a imagem. Umas valorizando mais, outras menos. Jung sem dúvida fez uma enorme contribuição. Ele ampliou a questão do estudo da imagem e do símbolo, supervalorizando-os. Penso que Jung dimensionou corretamente a questão do símbolo. Mas todas as correntes vão discutir sobre isto até mesmo as cognitivas.

Tudo o que aprendi com a teoria da percepção, teorias sobre memória, isso é importante. Toda a psicologia profunda que eu aprendi tanto na formação da Sociedade e nos cursos que fiz foram me habilitando.

- *Em função de necessidades que se evidenciam na prática clínica*

Comecei a trabalhar com o corpo, eu era reichiana de princípio, ensinava técnicas de relaxamento e Reich. Comecei a perceber que quanto mais você mexe no corpo, mais imagens vê. A técnica reichiana clássica trabalhava com imagens, mas os bionergéticos, como Alexandre Lowen, realmente não se importavam com as imagens que surgiam. Surgiam muitas imagens e não tinha onde trabalhar com elas. Por isso é que eu acabei indo para a linha mais junguiana, onde tinha um lugar para compreender e interpretar essas imagens.

Eu trabalhava com terapia de crianças. Inventei meu jeito de fazer terapia com crianças, porque não tinha tido formação. Só depois que fui para Londres conhecer o Fordham, falei do jeito que eu trabalhava, queria ver a opinião dele. Fui para Zurique

onde me incentivaram muito. Acharam interessante o meu jeito de trabalhar com imagens, com desenhos, mas isso você tem que criar.

- *Por intermédio da reflexão teórica sobre as imagens*

A minha contribuição foi juntar a psicologia clássica em todas as tendências: junguianas, neo-freudianas, lacanianas, com a imagem verbal. Estudei muito Lacan com a análise de sonhos, a questão da imagem verbal, metáfora, metonímia. Fui vendo como é que ele trabalhava essas imagens e criava um espaço na psicologia, no qual a arte poderia ser encaixada também dentro do conhecimento científico para que os alunos e a universidade pudessem ter ciência. Uma ciência do desenho, uma ciência da pintura, uma ciência da modelagem, uma ciência da dança, uma ciência das construções.

Eu teorizei sobre a interseção e o que acontece em cada uma das linguagens. E essa é a contribuição de um novo campo que é a arte no contexto terapêutico, tanto no diagnóstico quanto na psicoterapia.

No grupo de pesquisa que coordeno estamos estudando a relação de doenças orgânicas, principalmente neoplasias, artirrimatóticos e esquizofrenia; vendo como as imagens das doenças aparecem nestes três tipos de pacientes. Estamos desenvolvendo toda uma técnica para trabalhar em hospitais, técnica de terapia breve trabalhando com imagens

C. Indicadores sobre a questão da imagem na formação profissional

- **Durante a formação profissional do psicólogo pode-se aprender a trabalhar com imagens:**
- *Por intermédio de um curso que priorize a experiência imediata*

Na faculdade não é o momento de se aprender a entrar no mundo das imagens. Lá é o momento do ego, dos conceitos. O contexto acadêmico é momento de formação da persona e do ego. É a mesma situação entre uma faculdade de teologia e um monastério. São duas possibilidades de aprendizado, uma prioriza o teórico a outra a experiência. Talvez fosse possível pensar uma faculdade que priorizasse a experiência imediata com o psíquico, onde se buscasse educar a sensibilidade através da prática com orientação de um mestre.

Está havendo muitos cursos onde já se trabalha com contos de fada, caixa de areia, sonhos, mas o curso acadêmico tem a pretensão de fazer com que o aluno pense, que o aluno tenha conceitos fixos. Talvez seja essa a proposta da faculdade. Não sei se a proposta da faculdade é também de abrir. Pode ser contraditório porque deixar a imagem falar por si, pode levar a divagar longe e não sei se essa é a função da faculdade.

- *Cursando disciplinas específicas na própria universidade:*

Na academia cursos onde a imagem é um tema, é um assunto, faz parte do programa. Dentro do programa, existe imagem, símbolo, sonhos, mitos, lendas e contos de fadas. É um programa que o MEC autorizou e já faz parte do currículo da formação do arte terapeuta. Então é um trabalho que no começo é quase insano, de luta mesmo, para a penetração desse conteúdo. Ensinar fazendo os alunos terem a prática das imagens. Por exemplo: pintura, modelagem, som e dança, são as diferentes imagens.

A universidade, a vida acadêmica precisa abrir também espaço para o estudo da comunicação extra-sensorial, porque as imagens acontecem, as percepções acontecem, existem captações de outras ondas que antes não se tinha, não se observava e ainda não há na psicologia clínica uma metodologia ou mesmo conselhos ou mesmo orientações de como lidar com isso. É possível, Jung falava, mas o método para se entrar com essas percepções nas sessões, exige mais estudo.

A arteterapia é um treino bárbaro para o psicólogo que fez psicologia clássica entrar em contato com o mundo das imagens de uma forma bem estruturada.

Os alunos hoje não têm nada do que se tinha antes. Eles recebem isso com a maior simplicidade. Nós é que passamos por problemas para romper. Hoje, eles assistem aulas e vão embora: “ah, que legal, que legal!”

- *Por meio de atividades que despertem a sensibilidade*

A sensibilidade é uma coisa que as pessoas têm, mas às vezes não sabem que têm e não usam. Então pode-se criar situações onde isso desperta. Há tantas coisas de sensibilização do corpo, sensibilização disso e daquilo. Tudo isso é válido.

A fonte de aprendizado das imagens, que é o que tenho para oferecer é a arte. É a integração da imagem em si, dentro do contexto artístico.

A imagem abre para a descoberta da intuição, da percepção. Os sonhos são interessantes, mas não só por eles mesmos, mas como desenvolvimento de algumas funções que naturalmente, na escola não se desenvolve, na faculdade não se desenvolve. Por exemplo, poderia se trabalhar com sonhos em escolas com crianças, pra que elas pudessem desenvolver a intuição por aí.

A imagem pode ser utilizada a serviço do desenvolvimento de funções de captação direta.

- *Fazendo exercícios de amplificação*

Pode-se trabalhar como se trabalha junguianamente, a imagem em termos de amplificação. Pegar os paralelos na mitologia, na literatura, fazer uma amplificação. Uma ampliação, deixar ela ressonar, soar no contexto coletivo. Daí pode-se perceber o aspecto arquetípico da imagem. Mas também pode-se pegar a imagem, como um momento subjetivo da pessoa. Na formação é possível, trabalhar tanto essa questão

de amplificação, trabalhar com imagens culturais, culturalmente como, mais em termos da pessoa trabalhar as próprias imagens.

Voltando para a contribuição dos junguianos e dos teóricos, do Edinger e de todas as pessoas que trabalharam com imagem no contexto do imaginário pessoal e coletivo, a análise de sonhos, dos mitos, das lendas, dos contos é uma fonte de estudo das imagens. É uma outra fonte.

- *Fazendo pesquisa ou exercícios com imagens expressas*

No âmbito acadêmico estou tentando fazer algumas pontes. Por exemplo, estou usando muito material de filmes e rituais na especialização. A partir da experiência concreta, sair da experiência e ir transformando aquilo em uma possibilidade simbólica. A tendência que tenho é de não ficar presa, por exemplo, aos mitos, às lendas. É interessante conhecer tudo, mas não gosto do trabalho direto nisso. Jamais faria pontes por aí.

Na PUC damos uma aula prática, teórico-prática, onde os alunos vão atrás de imagens. Têm que trazer notícias retiradas de revistas atuais, jornais, onde a imagem que apareça reflita simbolicamente um arquétipo. Então os alunos estão o tempo todo pesquisando imagens, símbolos atuais e vendo quais são as determinantes do inconsciente coletivo hoje, como as imagens estão influenciando, quais imagens que emergem que estão refletindo o comportamento simbólico. Eles estão fazendo pesquisa constantemente, em cima da imagem.

Os alunos têm que trabalhar com as próprias imagens, pedimos que eles lembrem e que escrevam os seus sonhos e vejam como as imagens que aparecem nos sonhos refletem uma problemática, um complexo, por exemplo. E depois eles vão buscar isso no coletivo. Então analisam, por exemplo, um filme. Foi brilhante o último semestre que tivemos uma aula muito rica em cima de um filme super moderno.

Trabalhamos muito com filmes.

Por exemplo quando se trabalha com ânimus e ânima, eles têm que trazer imagens de ânimus da atualidade, imagens de ânima da atualidade. Eles têm que recortar, trazer e fazer uma análise. Pesquisa bem simples, aparentemente simples, mas que trabalha com imagem. Peço recortes, parece trabalho de criança, parece. Mas vê-se o que as imagens estão trazendo, quais estímulos eidéticos se está recebendo.

- *Trabalhando com as próprias imagens em grupos de vivências*

Através da vivência das próprias imagens, que pode até ser feito em grupo de vivências de sonhos, desde que todo mundo esteja disposto a estar compartilhando as suas imagens. O grupo de vivência de sonhos, de certa forma, trabalha com sonhos e imagens. Acaba-se aprendendo sobre as próprias imagens, mas também sobre o processo de imagens em si, porque acompanha-se como um espectador, vários outros processos de imagens e várias pessoas vão ajudando a acompanhar o seu processo.

Tem certas pessoas frente as quais não se tem certos problemas, dificuldades, outras sim. Com outras é preferível ficar na persona e quando se está trabalhando com sonhos, com imagens, se está com a alma exposta. Então tem que garantir uma confiança para que isso possa aparecer, senão fica frio, tem que garantir o calor.

Vivência com imagens. Pode ser que facilitaria, ao mesmo tempo causa um certo medo abrir as comportas para a fantasia e as imagens ruírem de qualquer jeito e aí entrar num esoterismo, numa coisa muito fácil, encanto, quer dizer, ficar encantado, enfeitiçado pelas imagens e não ter a capacidade de trazer a imagem para a realidade. Esta era a minha grande crítica ao Sandor, porque ele levantava muitas imagens e não tinha capacidade de lidar quando eram imagens muito fortes. Criava às vezes crises psicóticas e as pessoas queriam ir embora com as imagens e ele não sabia segurar.

Pode-se fazer através de vivências de imagens. Mas como instrumentalizar isso para escola?

É preciso pensar se dá para conjugar com a relação de colega de trabalho, porque através de um sonho, pode-se ter um mapa inteiro de uma pessoa e suas questões mais essenciais. Então, é preciso pensar se dá para conjugar nessa outra relação, nesse outro contexto. Agora não necessariamente as pessoas têm que fazer isso em sala de aula, se estão participando com outras pessoas ou de outros grupos é possível que se tenha essa abertura. Isto faria realmente a turma se conhecer profundamente.

Como uma terapia de grupo, a questão se coloca da mesma maneira. Talvez fosse um pouquinho incestuoso, as pessoas poderiam entrar em um nível conhecimento um do outro que não necessariamente desejassem. Talvez como disciplina optativa porque elas podem entrar numa vivência que não necessariamente querem estar compartilhando com aquelas pessoas, com aquele chato da classe. Obrigatório seria a mesma coisa que querer tirar a roupa de todo mundo em público.

Talvez se fosse uma disciplina optativa em que as pessoas pudessem escolher também os grupos. Que os grupos fossem formados de acordo com a escolha.

- *Na supervisão de atendimentos clínicos:*

Estamos trabalhando em estágio, em supervisão e criamos o que chamo de reflexão. É um momento onde se pega as situações fazendo os alunos retomarem a sua própria vivência das situações. Aí os alunos se desnorteiam, porque pega-se os parâmetros da situação, caminha-se com aqueles parâmetros e a conceituação vem só como elaboração após a experiência, após a vivência. No núcleo de diagnóstico, tem-se trabalhado assim. Tem-se feito tentativas de ser um estágio onde na supervisão não se olha só o caso, mas a pessoa no caso. Descobrimos como a vida dela está sendo alterada por aquela fala, por exemplo, ela faz um relato e aí discute-se “bom, mas isso na tua vida deve estar assim”. E aí a pessoa tem que ir a sua própria vida se quiser atender o caso. Então, essa ponte entre o caso e a vida do terapeuta, é uma coisa que tem me interessado bastante. Não acredito mais em supervisão que se foca no caso. As imagens dos pacientes, a forma como se imaginou uma situação que o cliente contou, é aí que tem-se trabalhado bastante em supervisão.

- *Estudando os testes projetivos*

Através dos testes: do HTP, do teste da árvore, dos testes que incluem a avaliação da imagem visual de forma instrumental, objetiva. O psicólogo ao estudar os testes gráficos e estudar o instrumento sonoro, a musicoterapia, os testes musicais, ao entrar na questão da testificação, ele objetiva a imagem. Os psicólogos têm nos testes, na psicometria, um instrumental poderoso para lidar com a imagem. Todos esses testes permitem transformar o imagético em objetivação, quer dizer, aí um presente da psicometria.

- *Lendo os autores que escreveram sobre imagens*

O psicólogo pode chegar a captar o mundo das imagens lendo Nise da Silveira que pesquisou a imagem plástica de uma forma belíssima. É um caminho aberto.

- *Adquirindo uma formação cultural global*

Deveria fazer parte da bagagem cultural de qualquer psicólogo ter contato com a mitologia, história da arte e das religiões. Acho que mais do que entender melhor a imagem, é entender a psique, porque a psique se manifesta na arte, nas religiões, nos mitos, nos contos. Como também ela se manifesta na vida cotidiana andando nas ruas de São Paulo. Basta ter uma educação cultural e também poder enxergar que ela está na vida de todo dia. Essa é ao meu ver a grande dificuldade, porque de repente, tem-se a sensação de ser eclético, de cheirar um pouco de tudo, de não conseguir trazer isso para a vida e aí tem que ser um bom professor, um professor que tenha mais experiência para poder trazer isso para a vida das pessoas.

- *Trabalhando com as próprias imagens em terapia*

Aprende-se a lidar muito com imagem na própria análise quando se trabalha as próprias imagens. A forma mais rica é trabalhar com as próprias imagens. Vai-se percebendo, o antes e o depois dessa relação prospectiva, este fator da criatividade atuando que vai sendo sentido na pele. A forma mais eficaz é aquela em que a pessoa

tem uma relação viva com a imagem, percebendo o símbolo vivo atuante e não simplesmente sair interpretando, sair projetando em cima das imagens dos outros.

Passar do conceitual, do teórico, para a imagem às vezes se dá em um clique. Pode vir com um sonho na primeira sessão. De repente tem-se a sorte de poder trabalhar durante uma hora com a pessoa sobre um sonho e ela percebe que na linguagem dos sonhos tem uma coisa que realmente a toca.

É a mesma coisa que estudar mitologia. De repente a pessoa tem uma experiência e diz “ah! isso aqui é interessante, eu quero saber mais”. Acho que não é tão difícil.

Pode ser uma proposta de análise didática, como um instrumento eficaz para a pessoa estar aprendendo a trabalhar sonhos e imagens.

D. A inserção da imagem na prática clínica

- **Inserção da imagem:**
- *A maneira de trabalhar com imagens é resultado da experiência direta com imagens e não da aplicação de formulações teóricas.*

Com amplificação, com alguma forma de leitura simbólica, mas não é por aí que faço meu trabalho. O terapeuta junguiano está direto trabalhando com imagens. Trabalha com os próprios sonhos, trabalha com as próprias imagens. Eu criei os grupos de sonhos sem ter participado de um, por que não existia. Fui criando uma forma. Então meio que pega aqui, pega ali, pega experiência própria, pega o que foi importante, fundamental e básico; não é tão referido em autores, mas também, não é uma coisa completamente própria.

Já está tão automatizado que nem lembro mais como é que trabalho com imagem. No consultório verifica-se primeiro como foi o cotidiano que é a primeira questão que se faz com o paciente: “Como foi a tua semana?”. Então o que é que vem: vêm as

imagens do cotidiano. Às vezes, é necessário um diagnóstico que pode ser baseado mais em testes. Aplica-se as provas, vai-se ter as imagens de um Rorschach ou de um HTP, enfim, são imagens gráficas ou mesmo projetivas, projetadas, um outro tipo de imagem.

- *O trabalho com as imagens exige uma atitude imaginativa caracterizada por um campo mental aberto que favoreça a insegurança e a instabilidade do processo associativo imagético.*

Tem que ser um psicólogo imaginativo para lidar com imagem, senão não consegue. Não é todo mundo. Isso tem um ponto negativo, porque o psicólogo imaginativo, tem dificuldade de lidar com as coisas práticas. Enquanto que um teórico da comportamental ou da psicanálise já tem tudo pronto, os imagéticos deixam a fluência da imagem acontecer. Se não tiver isso, é muito difícil trabalhar com imagem. Tem que ter uma indução, um campo mental aberto que lhe dá a insegurança e a instabilidade do processo associativo imagético. É um delírio que se faz, de olho aberto e com consciência. Está aí o teste das palavras, toda a associação livre que o Jung propõe. É uma ferramenta inicial importante, depois o desiderativo e outras técnicas que favorecem a fluência da imagem. Isso é fundamental. O psicólogo que não for criativo, tem dificuldades, porque fluência faz parte do processo da criação, então tem que ter um canal aberto para isso. E isso é muito próximo à loucura. O que é a loucura? Loucura é quando não se controla mais o pensamento e as imagens tomam conta. Então tem que ser um psicólogo que saiba lidar com o limite da saúde e da loucura no mundo imagético. Tem que ter esse tecido interno essa tessitura.

Gosto de trabalhar imaginação, imaginar através da realidade concreta, nunca ficar presa nela mas divagar com ela, solta.

- *As imagens precisam ser conectadas com a realidade concreta para que seja efetivada uma conexão com a consciência. A pura observação do fluxo de imagens envolve um perigo, podendo fomentar um estado de alienação.*

O terapeuta tem que ser preciso para que o receptor capte as imagens com objetividade. Então pode brincar na sessão, pode ser carinhoso, pode ter o seu estilo, mas medir palavras é uma obrigação.

Fazer uma ponte com a realidade é a minha grande busca. Sempre a ponte, esse concreto, é a vida espiritual no dia a dia, é a noção de *self* na realidade concreta, bem chão. Não gosto muito do trabalho só intelectual, de ficar desenvolvendo isso, sabendo de onde vem. Trabalho muito no concreto. Não faço muita diferença do meu dia a dia com o meu trabalho clínico. Tenho interesse de ensinar as pessoas com quem trabalho a lidarem com as suas próprias imagens, a lidarem com as suas fantasias. Então uma das pretensões que tenho é que as pessoas leiam e usem as suas imagens como referenciais. Todo o trabalho é dirigido a isso, quer dizer, vem dirigido à conexões. Gosto muito de fazer conexões, ligações, de ver um pouco além da realidade. Não fico muito presa aos comportamentos, gosto de caminhar no sentido de ver qual é o indicador que a imagem está fornecendo como finalidade, para onde ela está conduzindo, qual é o chamado do processo da pessoal naquele momento. Então, as imagens são sempre auxiliares nesse sentido.

A relação terapêutica é mais fundamental do que ficar no fluxo de imagens, mas se alio as duas, tenho uma abordagem bem global da pessoa, do processo e do que está ocorrendo entre a gente. Não ficaria, como Hillman faz, mais no mundo interior. Ficar só nos padrões arquetípicos, isso para mim é um risco. Falta ponte. Como sou muito do concreto, acho que mesmo essa espiritualidade que tira o indivíduo do mundo e da realidade física é arriscada. Tenho visto muitas pessoas chegarem, depois de terem voado longe e aí a gente tem que começar um caminho e depois de um tempo, todo esse aprendizado pode virar uma coisa boa.

É um risco trabalhar só com imagem, como a Nise da Silveira mostra no trabalho dela, aqueles psicóticos que trabalham com imagens belíssimas mas continuam psicóticos. Então como ligar a consciência às imagens? Fazer a ponte. Porque não adianta só a imagem. Há um show de imagens e a pessoa continua tão psicótica quanto antes, tão doente quanto antes. Como transformar a imagem, como trabalhar com a imagem?

A mera observação das imagens cria um perigo. Em vez de assistir a televisão ou o video-game, a pessoa vira o olho prá dentro e fica num telão interno. Cuidado, porque pode estar indo na direção de uma pré-psicose. Pode estar fomentando uma alienação. Então, a observação das imagens internas pode ajudar o processo de individuação se o analista, o terapeuta tiver claramente para si os passos do processo de individuação, de desenvolvimento humano e tomar para si a tarefa de clarificar isso para o cliente, senão cuidado.

Mexer com imagens não é brincadeira. É mexer com o mundo interior mais profundo da pessoa.

O processo só de leitura simbólica de amplificação, fica num plano muito mental e muito associativo e não integra. Se trabalha mais o corpo fica do mesmo jeito. Uma transformação tem que ser concreta. Ela tem que se manifestar também no concreto, na vida, noutra sensação, em outros sentimentos, senão fica aquela coisa muito desconectada que se vê muito em análise: “Ah! eu entendi, agora o que eu faço com isso?”. Bom então não entendeu, entendeu mas não compreendeu. Compreender verdadeiramente é uma compreensão onde a mudança já ocorre, a coisa já é posta em prática, já é efetivada. Sei lá, o significado fica claro através da prática, através de uma execução de mudança. Depois, ele pode ser nomeado. Trabalho pelo outro lado, ou seja, mais com uma execução, para depois nomear. Não nomear para depois viver, o que eu vou me propor a fazer. Fica num plano muito mental.

A imagem é o veículo central da cura e da ampliação de consciência, mas tem que ser ligada com a palavra, porque nós somos seres da palavra. A imagem tem que vir vinculada à palavra para poder dar um significado, para poder integrá-la à consciência. Só a imagem desvinculada do significado, não promove cura. A imagem por imagem só, fica solta no espaço, como nos pacientes psicóticos que fazem imagens lindíssimas e não se curam pois não há desenvolvimento da consciência. Então tem que integrar à consciência através da palavra.

- *As imagens que vêm por intermédio do corpo podem ser um meio de integração entre a dimensão corporal e espiritual possibilitando uma atuação que não reduza nem a um nem a outro.*

Vê-se pelos títulos essa preocupação com a integração. É geral essa preocupação com a integração psico-físico. É aí onde os brasileiros têm muito a contribuir. Talvez seja até por causa do Sandor, que foi um dos pioneiros aqui no Brasil, que os junguianos estão muito mais próximos desta questão corporal, menos desconectados, menos se refugiando em uma esfera mental. O Sandor contribuiu muito, senão diretamente através de cursos, através de quem fez cursos com ele, o gérmen está aí na comunidade junguiana brasileira. No estudo das técnicas expressivas, as pessoas estão muito mais preocupadas com a mobilização da técnica expressiva. O Sandor punha a mão no corpo. As crias do Sandor estão por aí, muita gente põe a mão, vivencia, suscita imagens através da calatonia e dá uma olhada na imagem.

Para o psicólogo, o caminho é realmente o trabalho com imagens, o trabalho com os símbolos, senão ele vai ficar secretário de médico. Há uma psicologia a ser feita para que não se reduza ao fenômeno orgânico de forma alguma e também não se reduza às velhas teorias psicanalíticas. Estamos num caminho novo que tem que ser melhor estruturado. Um caminho mais encarnado. A psicanálise começou com a neurologia, se desencarnou e agora percebe que o símbolo é uma coisa muito concreta.

A própria doença pode ser uma imagem, uma configuração do próprio processo da pessoa. Se for possível trabalhar em um outro plano essa configuração talvez possa liberar um pouco os aspectos de expressão corporal. Isso que é ampliação da consciência e então pode-se falar em cura. As coisas andam meio assim de mãos dadas.

- *As imagens favorecem a potencialização de aspectos da personalidade da pessoa.*

Mesmo não interpretando, pode-se potencializar a imagem como manifestação de um aspecto da pessoa. Você pode potencializar, trabalhar em cima e chegar mais longe

ainda, o que se poderia fazer também com outros conteúdos. A partir da imagem, pode-se estar trabalhando com as situações de vida aonde essas imagens são dramatizadas e como elas são configuradas na vida da pessoa.

Há correntes modernas que enfatizam muito o trabalho com a imagem para moldar a personalidade. A pessoa planeja através de imagens o que você vai ser e então pode mudar o seu planejamento pela imagem, se transformando numa pessoa de sucesso, mais realizada. É muito importante a imagem que projeto para mim mesmo.

- *O valor que a imagem adquire depende da forma como o terapeuta trabalha e da importância que dá a ela.*

Qual o valor que se dá pra imagem? Muito do que se faz com a imagem tem a ver com o valor que se dá para ela, por exemplo quem é racional, super racional acha que isso não está com nada.

Quando se dá crédito à imagem, já se deu crédito. Se a pessoa lhe dá um copo de leite para beber e fala que esse leite é bárbaro e vai lhe ajudar a sentir melhor, você vai ficar bem com ele, as vitaminas vão penetrar nos teus ossos, no teu sangue, você vai ficar dez, é diferente de um copo de leite servido assim: “toma aí, vai matar a tua sede rápido”. Então é o debruçar religioso, do religar-se a uma questão. Se falo que as imagens não estão com nada, ou que não trabalho com sonhos, então o paciente não pode dizer nada. De modo que tem muito a ver com a interação que a gente tem com a imagem.

O fato de você levar algo a sério, o torna sério. É a relação que se estabelece. Porque se a pessoa não dá atenção nenhuma e julga tão descartável, vai realmente ser descartável, ela não vai fazer nada com aquilo. Em análise, é a mesma coisa. A pessoa não dá atenção e daí na medida em que isso é solicitado, é estimulado e ela tem o que fazer com isso, tem um “para que”, pois lhe é conferido um significado. A coisa começa a acontecer, começa a adquirir significado, mesmo aquilo que antes, a vida toda, nunca teve significado. É outra relação que se estabelece.

Favoreço ou crio espaço para a imagem. É a maneira como se vê o mundo que pode despertar no outro uma nova possibilidade. Se vejo o mundo através de imagens, ou a partir delas posso levar o outro a despertar suas próprias imagens. A filha do Jung sugeria que é bom ter sempre uma imagem inicial que no caso dela vinha através da carta astrológica. Começar do nada é sempre muito difícil para o analista. É preciso fazer a imagem reverberar no outro e na relação analítica.

Pode-se verificar o processo de individuação através da imagem ou não. Depende da relação que se estabelece, quer dizer, se olhar a imagem sobre o prisma da individuação, vai ver os seus elementos. Se olhar sobre o prisma dos elementos psíquicos você vai ver elementos psíquicos, se olhar sobre o prisma construtivo, idem. Se olhar com o prisma do sonho, do ponto de vista prospectivo, vai conseguir ver. Ou se olhar sobre o ponto de vista da conjunção do princípio arquetípico, vai ver isso. Ou ainda se olhar como lixo não vai ver nada.

- *As imagens favorecem uma visão holística por isso é importante abordá-las em todos os seus aspectos para que se estabeleça contato com essa forma de comunicação.*

Nesta perspectiva de imagem o importante é você realmente estar pegando todos os aspectos: pegar a noção sincrônica da imagem, democrática da imagem, onde todos os aspectos são igualmente importantes. Pegá-la em todo o seu contexto físico, não só no contexto da sua existência, mas no sentido como é o tradicional, de você pegar o contexto de vida, o contexto de passagens de vida das pessoas, o contexto cultural e neste sentido pegar a imagem como uma forma comunicativa válida em si própria. Se permanecer mais tempo com a imagem, em toda a sua composição, em todos os seus detalhes é possível você sair interpretando, sair fazendo um vínculo com situações da tua vida. A visão do Jung de que a imagem é completa em si mesma e ela própria contém seus significados é um pressuposto válido. Como igualmente, explorar de todas as formas as várias maneiras possíveis de se observar, de se reagir, de se viver, de se vivenciar, de se imaginar, atuando no seu sonho; a imagem no seu sonho e então realmente se comunicar com essa alta forma de comunicação.

- **Dificuldade dos paciente em relação à imagem**

- *As dificuldades no trabalho com imagens podem surgir em decorrência do tipo de personalidade da pessoa.*

Tem pessoas que têm uma facilidade com o mundo das imagens muito alta. Então quando se fala disso, há uma linguagem comum. Tem outras pessoas mais lógicas, mais racionais que se fecham muito inicialmente. Então, aí uso mais a imagem como referência para dizer coisas à pessoa do que forçar a entrada dela nesse mundo. Trago mais para mim, uso e traduzo numa linguagem até que ela vá se acostumando sem trabalhar diretamente com as imagens.

Há pessoas que não têm vida interior. Vivem tudo no externo, no concreto, com estas é mais difícil. Há outras que vivem dentro das imagens, vivem a partir de uma perspectiva interior. Neste caso é mais fácil.

Não é dificuldade, é resistência. Tenho um paciente por exemplo que fala: “Se eu for na areia, eu vou me sujar inteirinho”. Ele vem de branco, porque é médico, então ele não pode se sujar inteirinho. O que seria impossível, pode-se sujar quando muito um pouco as pontas dos dedos. Aliás, se quiser, nem põe a mão na areia, põe as miniaturas na areia sem por a mão na areia. Então, o fato de ele achar por exemplo que ele vai se sujar inteirinho com areia, quer dizer, que há um medo que o inconsciente invada ao trabalhar com imagens. Tem outras pessoas que acham que é infantil, que é bobo, se recusam, são muito rígidos, “como é que eu vou brincar com isso, que bobagem, isso não serve prá nada”. Na verdade, há um medo de trabalhar com a imagem e perder o controle da consciência que a palavra nos dá. Então, tenho alguns pacientes que têm resistência e se recusam.

As pessoas que têm um mecanismo de defesa muito rígido, muito bloqueado, que estão estruturadas rigidamente, são pessoas que não lembram de sonhos, raramente trazem conteúdos do inconscientes, querem ficar falando, falando, falando e se justificando. Falando como elas estão certas e o mundo está errado, querendo

controlar tudo e vêm só para mostrar como elas estão certas e são vítimas. Tem-se que ir com muito cuidado, pois são pessoas que não dá para forçar. Faço o convite, mas não posso forçá-las pois elas podem se desestruturar. É muito delicado, mas só a negativa é bom porque já mostra, já é um dado sobre a estrutura da pessoa.

A pessoa pode ter uma dificuldade, mas por outro lado, é lá que vai se manifestar o mundo criativo. Quando ela consegue sair dessa esfera, pode fazer uma integração mais holística, mais global, mais rica. Como ela também pode se assustar um pouco, porque alguns aspectos são meio mobilizadores e ela pode até refrear.

- **Cura e ampliação de consciência**

- *O conceito de cura pode levar a uma atitude que está relacionada ao modelo médico no qual os fenômenos são entendidos como patologia.*

Não trabalho muito com o conceito de cura porque está dentro de um modelo médico que fecha como doença o que talvez seja uma expressão de um momento de vida. Muda um pouco a perspectiva. O que é cura ou doença? A doença faz parte da vida. Às vezes a doença é um diálogo que tem que ser lembrado.

O conceito de cura é para médicos, não sou médico. A ampliação da consciência não significa maior equilíbrio psíquico ou resolução dos problemas e conflitos. Há pessoas com um enorme campo de consciência, mas que não se relacionam consigo mesmas e com os outros. Nesse sentido a terapia deve promover relacionamento.

- *As imagens podem conectar a pessoa à sua disfunção e às tendências curativas presentes na psique e favorecer uma relação consciente com as mesmas.*

Pode-se pegar uma imagem que acompanha uma doença como foco e realmente perceber tendências curativas ou perceber na imagem, tanto o diagnóstico como o prognóstico, como o caminho da cura. Pode-se pegar uma imagem que explique. O que muitas vezes acontece no grupo, é que a pessoa não está sabendo ou não está relacionando uma doença com alguma disfunção. E a coisa está se manifestando na

imagem e através da imagem, ela chega a sua disfunção. Às vezes, até física, às vezes até corporal. A imagem é que está falando isso apesar da pessoa estar meio desconectada disso.

Quanto melhor o indivíduo estabelecer uma relação com o seu próprio corpo e saber ler o que o indicador de um sintoma está dizendo, mais próximo estará da cura. Gosto mais da leitura simbólica. Assim, se tenho um sintoma, já entro e quero ver o sentido que ele traz e muitos sintomas se desfazem. Então a cura é este diálogo com o organismo. Quanto mais o indivíduo for dialogando, mais ele entende.

A cura é polivalente: o que você come, como você dorme, o que você fala, os ambientes que você frequenta, como você atua, a tua integração endopsíquica, a tua integração ectopsíquica, quer dizer, cura é muito mais. Agora, os insights podem ocorrer através da ampliação de consciência.

A ampliação de consciência é poder não ficar restrito aos parâmetros que se tem. Então a cura seria o mesmo que a ampliação. Seria a hora em que o indivíduo não fica preso ao sintoma, mas que ele pega o sintoma como uma porta de entrada, e aí vai, e aí descobre um monte de coisas e desfaz o próprio sintoma.

- *A cura está vinculada à integração dos múltiplos aspectos do indivíduo e não somente à ampliação da sua consciência. Junto com o entendimento tem que vir a emoção.*

Ampliação e cura, uma está a serviço da outra. Mas depende o que se entende por consciência, que ampliação de consciência é essa? Se ficar no plano mental já não acredito que ela esteja vinculada a cura, mas se pegar a consciência de uma forma mais ampla, consciência integral, integrada em toda a realidade, então ela está acoplada, associada com tudo. Quando se cura a dissociação, amplia-se a consciência quando se amplia a consciência através da percepção do que está inconsciente, reprimido e dissociado, uma coisa dá mão a outra.

Pode-se pegar qualquer pessoa e ampliar a consciência dela e ela se torna hiperconsciente. Não tem nada a ver com cura. Trabalhei nos anos 75 a 78 com expansão

de consciência. Gestalt, corpo, Gaiarça, isso não tem a ver com a cura, isso é um método ou um conjunto de técnicas que levam a um maior conhecimento de si mesmo. A cura é a integração de múltiplos fenômenos que fazem o sujeito resgatar o equilíbrio. Então ampliação de consciência é um método. Da ampliação de consciência com a constituição de um fluxo de imagens, pode-se ter um pouco mais a noção de si mesmo, de auto-percepção, um monte de coisas, mas isso é uma estratégia. Isso é um método, uma técnica. A cura é muito mais.

Para haver cura, tem que haver ampliação da consciência? É uma questão meio complexa, por que o que é ampliação da consciência? Tem que vir com as emoções, ampliar a consciência não é só conhecer mais. Você pode se conhecer mais e não ter se curado.

O que é cura? A questão da cura é tão controversa que dá para conversar muitas horas, não é? Sem dúvida, existe uma ampliação da consciência, mas consciência aqui junto com emoção. Emoção vai junto. Os complexos vão juntos. Ampliar a consciência não é ampliar o conhecimento intelectual. É ampliar o conhecimento sobre si mesmo, sobre a vida, sobre o que se está fazendo nesse planeta.

- **Observação do fluxo de imagens**
- *As imagens podem indicar os desdobramentos do processo de individuação, podendo auxiliar tanto o analista quanto o analisando a se localizarem diante do mesmo.*

As imagens favorecem a relação com o processo de individuação.

A observação do fluxo de imagens facilita o contato com o processo de individuação. Facilita para o analista saber onde o paciente está dentro do processo, qual é a seqüência, em qual momento que ele está, como que está o ego dele. Há uma seqüência, se pegar um caderno de sonhos de um paciente, (anoto os sonhos dos meus pacientes pois é impossível guardar tudo), e ao reler a seqüência de sonhos dos

pacientes, ela está lá. Quer dizer, há uma evolução, há uma lógica, embora a gente esqueça se não se toma nota. Então, às vezes, a gente pensa que não tem seqüência, porque não toma nota, mas se observar bem, tem. Às vezes, percebe-se um pequeno símbolo que está lá, escondido no sandplay, isso vai reaparecer em vários sandplays e vai evoluindo. Agora tem que ter registro disso, senão você não vai saber.

Observar o fluxo das imagens ajuda no sentido de que ao abordar uma problemática, esta costuma parecer primeiro como um bicho extremamente primitivo e depois pode ir se transformando em um mamífero, mais próximo do ser humano, depois vira uma figura humana e até às vezes vira uma figura sábia dentro da pessoa. Aí parece que um dinamismo, uma parte do ser humano vai realmente amadurecendo. Através das imagens, dá para perceber este processo.

O fluxo de imagens faz parte do processo de individuação, porque tem uma lógica, não é por acaso, tem um padrão comum a todos os pacientes. No sandplay começam com uma situação mais vegetativa e é comum as pessoas porem pedras e porem plantas e vão se desenvolvendo até chegar nos heróis, nos seres humanos, até chegar em níveis mais conscientes. Nesse fluxo, nessa seqüência no sandplay, há uma seqüência de imagens.

Depende, se olho as imagens como um filme, besteira, mas se tenho com o paciente uma noção do que é o ser humano, do que é o processo de individuação e se explico a ele: “Você está tendo essa imagem, porque a tua fase de vida é essa e isto tem a ver com este processo”, eu clarifico o paciente, eu torno o paciente menos dependente e ele mesmo pode se auto-analisar, se auto-conhecer.

- **Amplificação**

- *Amplificar uma imagem é circular ao seu redor enriquecendo-a com associações pessoais ou culturais, tornando-a cada vez mais presente.*

Amplificar é circular em volta da imagem. Penso mais em “entrar” na imagem, torná-la o mais real possível, viva. A amplificação arquetípica às vezes ajuda, mas o mais importante é estar na imagem.

Amplificação é poder divagar um pouco sobre a imagem a partir de conhecimentos que se tem de história da religião, mitologia, de contos de fadas, enfim, tudo que se tem como lembrança. A pessoa também, deve buscar quais são as lembranças que tem. Então a imagem não fica só “a pequena imagem do sonho”, mas está ligada a imagens que o ser humano teria a respeito daquela imagem específica. Espero também que a pessoa continue ela mesma ampliando, não necessariamente com a sua cultura mitológica, histórica, mas inclusive com as vivências que teve na vida. Hoje, cada vez mais, prefiro ficar nesse nível. Saber o que ela sentiu, o que ela experienciou, como a imagem que ela teve mexeu com ela. Então cada vez mais, amplio dentro da esfera pessoal. Estou interessada em saber qual é experiência dela. Apesar de que tudo pode ser interessante, não é necessário que se encontre nas amplificações dos dicionários o sentido de que a imagem quis dizer.

É você pegar um signo, um símbolo, um sinal e trazê-lo à consciência. Isso é amplificação. Utilizo muito.

- *Amplificar uma imagem é fazê-la ressoar em um plano mais amplo por intermédio de outros parâmetros.*

Amplificação, em termos junguianos, é deixar ecoar a imagem, deixá-la ressoar num âmbito mais amplo, é trazer um paralelo aonde ela ecoe. Paralelos mitológicos, dos contos de fada, ou de outros modelos de desenvolvimento arquetípico. Isso seria uma amplificação que é também uma atividade associativa. Só que ao invés de se fazer uma associação no plano pessoal, se faz uma associação com outras imagens no plano coletivo, na área da mitologia, da história, da religião.

Amplificação é pegar uma situação e usar outros parâmetros mais amplos para ler a mesma situação e ampliar a consciência. A pessoa tem dez parâmetros, eu trago mais uns cinco que a desnorream e ela começa a ver a realidade por outros pontos.

- *Amplificar culturalmente uma imagem serve como referencial para o terapeuta se situar diante do processo do paciente, porém não deve ser usado diretamente com o mesmo pois pode favorecer um estado de inflação.*

Amplificação é circuambular ao redor. Circuambular um símbolo. Vê-se o símbolo em diferentes culturas, como é que ele aparece. Tira-se do contexto pessoal e coloca-se no contexto mais cognitivo. Uso rarissimamente, quase nunca para o paciente, embora para mim seja um referencial constante. Pode-se inflar o ego do paciente e ele perde mais o contato consigo mesmo e aí o seu cotidiano fica muito banal, perde o sentido. Ele se acha muito importante e isso não ajuda em nada. Então a amplificação, tem que ser usada na terapia em doses muito homeopáticas e em situações muito especiais. Muitas vezes, para contextualizar o paciente no processo que ele está. Mas uso muito mais para entender os fenômenos coletivos, quando eu vou interpretar uma situação política, cultural, etc. Então amplificação é um método muito útil, principalmente para entender os fenômenos coletivos.

A amplificação é útil para o analista se localizar frente ao paciente ou também frente a sua função no mundo que está mudando tanto.

Quando coloco uma lenda ou um mito, faço a pergunta: “Que direito tenho de colocar o imaginário coletivo na sala de sessões de uma pessoa que chegou pura aqui? Por que vou contar os doze trabalhos de Hércules?” “Por que Jung fez?” Então cada vez mais sou muito purista na sessão. Não deixo que as minhas imagens invadam o contexto e deixo as imagens dos pacientes fluírem bem respeitosamente, porque eu sei que se permitir penetrar, pode criar confusão. Não tenho contado muitas estórias ultimamente, só mostro o livro de arte com as imagens quando o paciente sozinho não se resolve. A história da arte entra como uma muleta.

- *Quando trabalhada em um contexto grupal a imagem pode ser amplificada pelo próprio grupo.*

Não amplifico, ou melhor amplifico no grupo, em um momento do grupo que tem quatro momentos. O momento do relato, o momento de fazer os trabalhos e depois os momentos de discussão e de fechamento. No último momento, de fechamento, pode entrar a amplificação cultural, arquetípica, mítica, associação, mais isso quando a pessoa já teve uma resposta própria da imagem fazendo um trabalho de vivência.

Pode-se amplificar a imagem no próprio grupo. O próprio grupo é um amplificador da imagem na medida que ela ressoa e ecoa em todo mundo. A coisa está indo bem, quando uma bate com a outra. Quando uma amplificação pessoal ou do grupo, inerente ao grupo, confere com a amplificação arquetípica, cultural pode-se dizer que as coisas estão indo na direção correta para a compreensão daquele caso que aconteceu. A amplificação cultural é pertinente, importantíssima, é uma ferramenta aberta e útil. Ela é ótima, num quarto momento ela é ótima. O quarto momento é um fechamento, é a totalidade. É fechar. É realmente tentar compor um todo.

- **Interpretação**

- *Interpretar uma imagem é reduzi-la a algo que não lhe pertence: a teoria.*

Interpretação é ficção científica. É colocar algo que não está na imagem, que não lhe pertence. É falar sobre.

Interpretação é pegar a realidade com óculos de um teórico. Isso é interpretar. Não interpreto.

Interpretar é assim: “eu acho que...,eu penso que...”, por exemplo, não sou uma pessoa que fala: “eu acho que...”, digo o que vejo, a pessoa diz se concorda ou não e aí nós vamos trocando essa realidade. Pouco falo assim: “isso me parece que, a partir disso eu diria que”... essas coisas são muito interpretativas.

Não descarto interpretação, aliás, adoro interpretar, a coisa mais gostosa. Só que aí tem que ter mais cuidado para não forçar alguma coisa ou ficar numa brincadeira mental.

- *Interpretar uma imagem é tentar fazer uma ponte com algo conhecido ou com uma teoria, em busca de lógica ou de significado. Apesar de oferecer alívio pode distanciar o indivíduo da experiência imediata e mobilizadora da imagem.*

Entendo por interpretação, fazer uma ponte. Quando se interpreta, vai-se estar buscando um sentido mediado, não intermediado, não imediado. Se intermedeia ou com um sistema teórico, ou com idéias ou com a vida da pessoa. Vai-se estar fazendo uma ponte com uma coisa ou com um fato que se manifesta imediatamente com todo um outro conhecimento, com uma idéia. Então é isso que realmente tem importância. Tem gente que diz que nem existe não-interpretação. Realmente não existe não-interpretação pois a maneira como se relaciona é sempre interpretativa, é sempre pessoal, subjetiva ou seja sempre se vê a interpretação dos fatos. Mas pode-se fomentar mais uma atitude interpretativa ou pode-se fomentar menos uma atitude interpretativa. Tendo a trabalhar mais, principalmente nos grupos, numa abordagem não-interpretativa, onde vai-se vivendo, o contato imediato e não com uma interpretação via significado, através da relação com um sistema de significados, como por exemplo, relacionar com o complexo de Édipo, ou com algumas idéias, ou com um sistema ou outro.

Interpretação é traduzir, é “transduzir”⁹ (uso a palavra “transdução”) o que o paciente está falando numa teoria coerente que faça lógica para o terapeuta. Tenta-se encaixar o que o paciente diz dentro de uma teoria fazendo uma leitura teórica daquilo que ele diz, dando uma coerência ou sentido, àquilo que ele fez. Uso no sentido de ter uma lógica e compreender o que o paciente está dizendo e espero com isso também, que ele compreenda o que está acontecendo com ele. É uma leitura sobre aquilo que o paciente passa, dando uma lógica, uma coerência. Esse referencial para o paciente é importante porque o situa. Às vezes o paciente diz: “estou vendo

⁹ Transduzir: transformar um tipo de sinal em outro, com objetivo de transformar uma forma de energia em outra, possibilitar o controle de um fenômeno ou processo, realizar uma mediação.

um caos, estou na confusão, não entendo nada”. Então quando se faz uma interpretação, dá-se uma lógica, uma luz: “o que está acontecendo com você, acontece, está dentro de um contexto, é normal, tem um desenvolvimento, vai passar...” É uma referência. A teoria ajuda a aliviar a angústia, também do terapeuta.

Qualquer ser humano interpreta. É muito difícil de sair disso, porque faz parte da pessoa no fundo se sentir mais segura. Se você pode dar um nome aos bichos, às coisas, dizer o que eles significam, isso acalma. É como ir ao médico e ele dá um diagnóstico, diz “isso e isso você tem, os sintomas querem dizer isso, isso e isso” e aí fica-se mais calmo. Então interpretação é uma maneira de dar um significado ao comportamento, às imagens, às fantasias suas e da pessoa, mas inevitavelmente coloca-se uma coisa subjetiva, interpreta-se, isso fecha. Ao dar uma interpretação de um sonho, de uma realidade, você diz: “Bom, é isso que significa”, você fecha, você não dá possibilidade de outras maneiras de ver o mesmo assunto. Então tenho uma resistência a interpretar, porque, por exemplo, no consultório o cliente sai e diz: “Já sei o que quer dizer, o que eu tenho” e ele fica preguiçoso, dizendo que está tudo resolvido. Prefiro que ele saia perturbado. Que ele saia e diga: “bom, eu não sei o que quer dizer tudo isso”, mas que saia com um monte de imagens e que continue se questionando sobre ele mesmo, sobre o que ele está percebendo e sobre o que ele está vivendo. Mobilizá-lo. Interpretação é para crítico de arte, crítico de música que finalmente faz com que se passe ao lado da experiência de ser emocionalmente mexido.

- *Interpretar uma imagem às vezes é necessário para não deixar o indivíduo se distanciar demais da realidade.*

Agora tem algumas pessoas que divagam tanto nas imagens que aí é preciso ser interpretativo, para dar um chão, para dar uma estrutura. As pessoas que gostam de voar é preciso trazer para a terra.

- *Uma boa interpretação tem que ser coerente com todos os aspectos da imagem e não excluir outras possibilidades de interpretá-la.*

Não tem o importante nem o decorrente, tudo é parte integrante, tudo é igual, então nada é absoluto. Para realmente se fazer uma interpretação, uma boa interpretação ela tem que ser coerente com todos os aspectos da imagem. Tem que se respeitar essa coerência interna nos sonhos e na verdade só se tem isso quando você entende os sonhos. Na hora que compreender, na hora que perceber que tudo é importante significativo na composição do todo, aí pode-se falar que captou o seu sentido. Mas desde que se perceba essa coerência que permeia o sonho, tem-se a ordenação mais profunda do self se manifestando. Ao captar o sentido, algo já se fez, algo já se transformou, já não é mais a mesma coisa, nem a imagem do sonho, já é outra coisa e aí entra-se um pouco na comunicação. Isso não exclui outras leituras, outras interpretações, não exclui porque é a noção do símbolo de Jung: uma expressão. Então, como ele mesmo fala, se você exaure o símbolo ele morre. Mata-se o símbolo, pois ele já não está mais prenhe de significado. No limite da ação, não é mais um regulador da psique, um instrumento de síntese diante da vida da pessoa.

- **Não-interpretação**

- *Trabalhar as imagens de modo não-interpretativo é favorecer a mobilização e a vivência direta em detrimento do entendimento.*

Uma visão do setting seria de atuação, onde o terapeuta tem uma atitude de fazer as mobilizações, proporcionar, propiciar alguma técnica expressiva, então pode-se falar que o terapeuta está saindo de sua atitude interpretativa.

É poder vivenciar, experienciar a imagem. Não falar sobre. É claro que sempre interpretamos num certo sentido, na medida que atribuímos valores e sentido às imagens. Não interpretar seria priorizar a vivência das imagens.

É interessante entrar mais em contato com a realidade da pessoa, ver como é que a pessoa ou o seu inconsciente produziu certa imagem, de chegar mais próximo à história da pessoa e de suas experiências, porque muitas pessoas não têm lembranças de como elas mesmas construíram sua história e qual a sua educação. Cada um tem

uma maneira própria de ver, então tem de buscar o que é que faz ela vibrar, que cheiro sente com essa imagem, que cores, etc.

- *Trabalhar as imagens de modo não-interpretativo é adotar uma atitude fenomenológica na qual o fenômeno é levado a falar por si próprio.*

Como não interpreto, pego a imagem direto no que ela fornece. Ela é uma abertura bem ampla nesse sentido.

A abordagem não-interpretativa é uma abordagem que fica nos fatos, ouve a fala do fato, busca o significado no fato e os referenciais no momento presente. Mas uma leitura que também pode pegar uma situação atual e dizer “nossa, você precisa ir por aqui”. Vai longe no futuro.

A abordagem não interpretativa é a abordagem onde se pega o símbolo, a imagem tal como ela é e brinca-se com ela. Deixa-se que as associações venham, sem tentar fazer qualquer redução a qualquer outro fenômeno. Fica-se com o símbolo como ele é, o que às vezes, gera angústia, outras vezes, gera alívio. Angústia porque se quer logo dar uma explicação, alívio porque se não há explicação, pode-se usufruir do símbolo como ele é, ficar com ele, com a emoção que ele traz, por si só. Ponto. Sem explicar nada. Às vezes é um alívio não precisar explicar.

- *Trabalhar as imagens de modo não interpretativo é não reduzi-las aos conceitos ou aos fatos concretos.*

Uma abordagem não-interpretativa deixa que os mapas fiquem na cabeça e deixa o fenômeno aparecer. É aquela que tem as teorias Jung, Freud, Gestalt, Rogers, o holismo, etc., como mapas. Em nenhum momento, o teórico não-interpretativo justifica a realidade como um mapa. Em todo momento, o teórico não-interpretativo tenta compreender o que acontece e depois, para consumo interno, ele pode dizer: “Ah, isso aqui é o Totem do Freud”. Ou: “Isso aqui é o processo de deintegração do Fordhan”. Ou: “Isso aqui é uma amplificação de consciência”. Mas em nenhum

momento, ele devolve ao paciente através de fala, o que ele aprendeu na escola. Acho que esse é o grande analista.

Não fico numa interpretação, numa leitura do tipo: “então este é o lado da sua psique, animus” e não sei o quê.

Não interpreto de jeito nenhum, evito na maior parte das vezes isso. Também não gosto dessas associações que se faz assim do conceito: “então é a sua anima se rebelando...”

A técnica do sandplay é não interpretativa. Não se pode interpretar. Então, depois que faz o seu cenário, o paciente conta uma história e eu trabalho com os símbolos que emergem como tal, dentro da história. Posso no máximo pedir mais explicação sobre a história, mas não as interpreto. Então, o símbolo não é reduzido a nada. Raramente se faz uma ponte com a situação de vida quando o paciente termina o sandplay. Em outras sessões eu posso fazer referências ou o próprio paciente faz. Mas toma-se todo o cuidado possível para não fazer nenhuma ligação muito lógica, muito consciente. É um método construtivo e não redutivo.

- *Trabalhar as imagens de modo não-interpretativo favorece uma atitude mais criativa.*

Trabalho o símbolo onde ele amplia, onde ele leva a coisas novas, onde ele diz assim: “olha, vamos quebrar o teu caminho, você está indo numa direção, agora vamos experimentar outra.” Gosto da experiência com o símbolo e não de ficar lendo e interpretando. É tudo voltado para fazer da vida uma experiência mais criativa, eu tenho esta perspectiva.

O trabalho de amplificação e não interpretação é ver as aberturas pelas quais o processo te encaminha. E aí então, eu entro mesmo, arrisco. Gosto do trabalho assim que fica em constante ousadia. Vai indo. E aí quando a pessoa está instalada, digo “não, agora mudou isso, mudou o ponto”. Aí parte para outra.

- **Imaginação ativa**

- *Observar imagens pode ser comparado a certos modos de meditação.*

Observar as imagens é um tipo de meditação. É estar diante de algo e se deixar levar pelo seu movimento e desenvolvimento.

- *A imaginação ativa é favorecer que a imagem siga o seu fluxo dinâmico e possa estabelecer um diálogo direto e ativo com o ego, desentupindo os canais perceptivos sem perder o referencial da realidade.*

A imaginação ativa, é um conceito junguiano, é a produção de imagens a partir de um estímulo, seja um sonho ou alguma outra imagem. São afetos se transformando em imagens e dessa maneira se dá livre expressão para essa produção de imagens. Eu utilizo na forma mais pura ou na forma mais composta como na forma da imaginação corpo ativa. A imaginação ativa é muito propiciadora da função transcendente. Uso muito, senão numa forma pura, numa forma composta ou em um exercício de imaginação.

Pode-se fazer uma distinção entre fantasia, fantasiar e imaginação ativa. Numa há um processo passivo de expressão, fantasias e já na imaginação ativa, há sempre a relação, o confronto. O quanto a imaginação ativa está ou não está carregada de desejo, o quanto ela está fluindo livremente? É como falar em intuição. Tem-se falado muito em intuição e o que é intuição? / não tem nada de intuição, você toma consciência de uma coisa que tem limpando e destilando o canal de percepção. A imaginação também tem isso, a imaginação ativa também tem isso, é ir limpando um canal de comunicação profunda que vem turvado, turvado pelas emoções, pelas empatias, pelas antipatias e daí a coisa fica mais como expressão do emocional.

Imaginação ativa é o que o próprio termo diz: deixar a imagem falar, se manifestar, se deslocar, deixar seguir o seu fluxo. São poucas pessoas que conseguem ou podem

realmente entrar na imaginação ativa. É preciso uma certa pré-disposição. Jung dizia que somente 5% das pessoas realmente conseguem.

Imaginação ativa é, sem perder o pé da consciência, penetrar numa imagem e explorá-la, ir adiante, fazê-la falar. É a mesma coisa que faço com os fatos, é pegar a imagem e fazer a pessoa dialogar com essa imagem, fazer a pessoa caminhar nesse mundo e ver o que ela descobre; mas com o cuidado de não perder o pé da realidade e poder voltar. Por isso ela tem que ser cuidadosa no fazer, para ter alguém que garanta a referência. Seria como um caminho via droga, só que situado aqui, com uma pessoa ajudando para ficar dentro de uma dimensão que se possa compreender. O inconsciente é rico, mas tem que ser cuidadoso com tudo isso.

A Imaginação Ativa é um jogo, um brincar com imagens, deixar que elas façam o caminho delas, com a mínima intervenção possível do nosso ego, da nossa consciência. É como entrar num filme onde deixo as personagens falarem por si mesmas, sem querer dirigir nada. Uso rarissimamente, porque a pessoa tem que estar muito bem. A pessoa tem que estar com o ego bem estruturado, bem forte. Uso, às vezes, para dar um fim a um sonho. O paciente tem um sonho, não consegue terminar o sonho, peço para ele entrar no sonho e deixar que as imagens terminem o sonho. Na imaginação ativa, a pessoa nunca pode transcender os limites humanos, não pode sair voando, não pode fazer o que o ser humano não faça. É uma forma de segurar o ego. Eu acho que a imaginação ativa ajuda muito talvez na resolução de conflitos, quando a pessoa tem um ego bem estruturado, ajuda muito a criatividade quando está bloqueada. Às vezes trabalho com pessoas que têm bloqueio para escrever teses, bloqueio na profissão, neste caso a imaginação ativa ajuda muito a desbloquear. Então é se deixar guiar pelas imagens, assim como elas emergem.

Uso pouco imaginação ativa. Desde que enxergue que dentro da pessoa existe uma dicotomia, por exemplo, um lado que gosta de ter dinheiro e um lado que está mais para o pobre, que desvaloriza o dinheiro, aí tento começar um diálogo entre as duas partes. Às vezes, sou um dos lados e a outra pessoa é o outro e deixo um pouco a fantasia correr. Às vezes, falo para as pessoas tentarem um diálogo escrevendo uma estória. É para, no fundo, um lado poder aceitar o ponto de vista do outro. E quando a

pessoa escreve a dinâmica é dela, porque dentro dela os dois lados tem uma resposta. Vivemos continuamente em tensão, então a imaginação ativa ajuda muito a você dizer: “Bom, mas vou ter que criar um diálogo dentro de mim”. Isso é um tipo de imaginação ativa. Uma vez ou outra quando a pessoa me diz: “estou assim, assim e não entendo nada”. Pergunto: “você pode me dar uma imagem desta situação?” E a partir dessa imagem a pessoa pode dizer como sair disso ou como é que seria isso. Há uma coisa muito tênue entre imaginação ativa e uma imaginação mais passiva.

- *A imaginação ativa pode ser realizada partindo de uma vivência corporal com imagens.*

Trabalho muito com o conceito de imaginação corpo-ativa. Vincular a imagem com a vivência corporal...

A idéia de imaginação corpo-ativa é de uma imaginação ativa onde o corpo esteja consciente e ativado, na qual se está constantemente integrando a dimensão corporal, sem desconectar-se, sem ficar no plano mental. São imagens que vêm do corpo, ou imagens que repercutem no corpo ou também imagens estimuladas através do corpo. Pode-se fazer essa ponte nos dois sentidos.

- **Trabalho com sonhos individual**

- *Por meio das imagens dos sonhos é possível levar as pessoas, mesmo as que têm muita dificuldade, a desenvolver um trabalho imaginativo.*

Trabalho muito com o sonho. Pego como ponto de partida o sonho, que é uma imagem mais pura. O trabalho é imaginativo, mas a partir do estímulo inicial da imagem do sonho.

As pessoas que não sonham, que prestam muito pouca atenção às fantasias, ou que dizem que não têm nem sonhos nem fantasias demoram muito mais tempo para entrar em contato. Mas não por muito tempo, na realidade depois de um certo tempo

pergunto: “você nunca teve um pesadelo, lá no passado?” E aí começa sair uma coisa, vêm as lembranças e parece que desencadeia um processo. Na semana seguinte a pessoa já tem uma série de lembranças de sonhos sonhados na semana. Não utilizo recursos para facilitar o sonho. Se durante uma terapia, tem uma fase que não sonha, então bom, não tem problema.

Mesmo quando a pessoa relata o sonho e diz: “é uma bobagem, é o dia a dia, não vai acrescentar nada, mas se você quer saber...”; e neste “você quer saber”, pego e vou traduzindo numa linguagem para a pessoa e aí aos poucos a pessoa vai entrando. Agora, tem pessoas que são mais difíceis de penetrar nesse sentido do que outras.

- *É importante registrar as imagens dos sonhos para poder avaliar o seu sentido prospectivo.*

O sonho tem um sentido prospectivo, por isso é importantíssimo, fundamental o registro dos sonhos, o registro das imagens.

Muitos sonhos, se for ver, quase que estão mostrando o caminho que a pessoa vai desenvolver, uma seqüência, o problema é que a gente não sabe. Mas os sonhos quase que mostram o que vai acontecer com a pessoa. Porque ela está fazendo esse caminho, que logicamente vai redundar naquilo. Só que como se pega um sonho aqui, outro lá não se percebe este aviso.

- *O contato com as imagens arquetípicas nos sonhos ou estados comatosos pode gerar uma ampliação da percepção consciente que vai além das questões cotidianas.*

Posso dizer que quando uma pessoa começa a ter sonhos com imagens mais arquetípicas, tenho uma sensação de que ela está se ampliando, de que ela não está só voltada para uma problemática pessoal. Percebo que realmente há um desabrochar, há uma capacidade de estar atenta a muito mais coisas que seus problemas cotidianos. Isso me dá uma impressão de um desenvolvimento e que aí, uma vez que

a pessoa está um pouco mais habituada a isso, é só continuar a vida mesmo que pare a terapia.

Tenho visto em jovens que tiveram uma problemática muito severa que de repente eles dão a impressão de um amadurecimento muito grande. Pode ser que cedo estiveram perto da morte e rapidamente entraram em contato com um mundo arquetípico, uma coisa mais árdua. Se uma pessoa passou por uma situação que está entre a vida e a morte, em coma, e intimamente diz: “não, eu quero viver”, uma decisão que parece ser do inconsciente. Essa pessoa depois se questiona “mas qual é o sentido disso?” A problemática da vida quotidiana passa a ser absolutamente secundária na vida dessa pessoa e agora ela quer a vida com muito sentido. Não sei se é uma resposta do inconsciente, entrar rapidamente em contato com experiências mais profundas, o que não quer dizer que depois ela não volte a uma experiência mais pessoal, complexos pessoais. Mas por um tempo imediatamente depois permanecem muito em contato com o sentido da vida, o sentido da morte, o sentido do que existe além; questionamentos que muitos jovens fazem, mas não tão profundamente.

- *Trabalhar com as imagens dos sonhos desde a primeira sessão pode levar o paciente a perceber que o verdadeiro foco da terapia é a sua experiência e não o que a cerca.*

A imagem pode vir com o sonho na primeira sessão e de repente se tem a sorte de poder trabalhar durante uma hora com a pessoa sobre um sonho e ela percebe que na linguagem dos sonhos, tem algo que realmente a toca.

Na primeira sessão já peço um sonho. Explico que temos uma percepção consciente de nossos problemas, mas como é que nós vamos descobrir o que tem por trás? Existe uma outra metade nossa, assim como numa moeda. E é como se tivesse uma parede e apesar de não enxergarmos o outro lado ele não deixa de existir, então como é que se pode entrar em contato com isso? O sonho traz uma mensagem, só que a linguagem é complicada e eu não entendo ainda, então preciso aprender. Na primeira sessão vejo o que diz o sonho para não ficar apenas com o que já se sabe e o que a

pessoa quer me transmitir. Não conheço a pessoa, não sei se é casada, se tem filhos, se tem pai e mãe, não sei, mas tenho um sonho e de repente me interessa realmente pela alma da pessoa, não tanto pelas circunstâncias exteriores. É a melhor introdução. A pessoa percebe que o que interessa é ela, a vivência dela, não são os fatos, sobre estes eu vou pouco a pouco perguntando. Mas falo para as pessoas: “não estranhe, não vou perguntar, não anoto nada, esse é meu jeito”.

- **Trabalho com sonhos em grupo**

- *O trabalho com imagens oníricas em grupo exige cumplicidade, confidencialidade e calor, para que os participantes possam expor a sua intimidade.*

No grupo de vivência de sonhos no consultório, muitas vezes têm pessoas que são amigas. Pessoas que trazem uma amiga, e a primeira questão que se coloca: “e aí tudo bem você estar falando de sua intimidade, em tal tipo de grupo, com tal pessoa?” Tem gente que elas querem, tem gente que não. “Põe ela em um outro grupo, não no meu.” Tem certas pessoas frente as quais sente-se certos problemas, dificuldades. Outras é preferível ficar na persona e quando se está trabalhando sonhos e imagens se está com a alma exposta. Então tem que garantir uma confidência para que isso possa aparecer, senão fica frio, tem que garantir o calor.

Nos grupos é importante que as pessoas queiram, que haja essa simpatia, essa comunhão.

- *Nos grupos de sonho primeiro é necessário que o sonhador tenha uma resposta pessoal da sua imagem para depois poder amplificá-la no próprio grupo ou culturalmente.*

Através da primeira parte dos trabalhos, já se tem respostas para efetivamente estabelecer um diálogo com o outro e não ser um captador das projeções do outro, a partir de seus próprios pontos cegos.

Tentar fechar o sonho no sentido de que nesse quarto momento vale tudo: vale interpretação, vale associação livre dos outros membros do grupo e isso é muito enriquecedor. Apesar da própria vivência com a imagem, tem certas coisas que são os outros que conseguem ver e conseguem ajudar a perceber. Mas no momento em que se está compartilhando, beneficiando da percepção do grupo, já se tem uma resposta própria, já há um referencial. A imagem do sonho não é mais um grande ponto de interrogação que deixa a pessoa completamente aberta à projeção do outro. Neste sentido ela pode estar munida de certas vivências para poder estar estabelecendo um diálogo dentro do grupo, senão fica muito a mercê da projeção dos outros.

Já teve uma aproximação direta e então há uma tentativa de utilizar todos os recursos. Por isso, eu não me filio a uma escola, acho que todos têm algo a contribuir. Você vê de um ângulo, você vê de outro ângulo, e assim tenta compor várias maneiras de abordar. Não descarto também uma leitura, mas isso em um segundo momento, ou melhor, num quarto momento.

- *O trabalho com sonhos em grupo não tem técnicas pré-estabelecidas, de modo que é preciso discriminar da natureza do sonho e do sonhador qual é o melhor recurso.*

As pessoas relatam suas histórias e vai-se abordando de várias formas. Como eu pesquisei formas de trabalhar o sonho, então há “n” abordagens, “n” discussões, “n” exercícios possíveis de fazer.

No trabalho com sonhos e grupos de vivências, começo a discriminar certo tipo de sonho que seria mais facilmente abordado por certo tipo de técnica ou um certo tipo de pessoa que responde melhor a uma técnica. Começo a discriminar, só que isso ainda está mais no plano intuitivo. Mais do que poder falar tal personalidade “é isto ou aquilo”, percebo certas incursões que algumas pessoas fazem naturalmente, porque é o natural delas e outras nem quando se dá instruções, elas fazem. Pode-se propor uma imaginação corpo ativa e a pessoa continua mental do mesmo jeito,

pode-se propor uma abordagem não-interpretativa e a pessoa não consegue se desvincular dessa tendência interpretativa do seu ego, aquela coisa treinada. Ela nem consegue sair disso as vezes. Então não consigo colocar isso em termos de “tal personalidade é...”, aí funciona muito mais pela intuição. O trabalho que vou propor, vai depender da rodada de sonhos que está rolando, então sinto que mais isso ou mais aquilo. Não tem uma sistematização: tal pessoa de tal tipologia, de tal tipo.

- **Recursos facilitadores de expressão da imagem**

- *Quando não há produção espontânea de imagens deve-se respeitar o movimento do paciente, pois suas defesas podem indicar uma situação crítica. Neste caso não é indicado usar recursos que estimulem a produção de imagens.*

Não utilizo recursos que facilitem a expressão de imagens

Para uma paciente com síndrome de pânico que é uma pessoa muito controlada, desenhar, pintar, modelar é muito difícil e é preciso respeitar e ficar no nível verbal. Quando ela conseguir um resgate orgânico é que ela vai devagarinho conseguir uma expressão.

Nunca utilizo algum tipo de recurso que estimule a produção de imagens porque a fluência imagética é parte de cada um de nós e terapia não é para fazer isso. Isso se faz em aula de arte para tornar alguém mais criativo, alguém mais fluente. A terapia deve sempre receber o paciente como ele está dentro do estilo dele, dentro do tipo dele e equilibrá-lo. Mas não fazer desenvolvimento pelo desenvolvimento, porque é um crime. Então se é uma pessoa muito sisuda, muito ligada ao real, muito racional, pode-se desenvolver a fantasia dentro do trabalho. Agora, não fazer como uma aula de arte e usar técnicas de criatividade, de elaboração de fluência, etc., porque se você faz isso, pode romper o equilíbrio e uma defesa protetora. Então é melhor não fazer terapia, é melhor fazer um grupo de criatividade ou de expansão de consciência ou de dramatização. A terapia lida com o sujeito como um indivíduo, então tem que

respeitar a sua tipologia. E se o terapeuta fizer gracinha, quiser cutucar onde não deve, o paciente, se estiver saudável resiste.

- *A relação analítica enquanto espaço de captação pode ser um recurso de produção de imagens.*

Não uso recursos, o recurso é o encontro, é a relação analítica. Trabalho muito do ponto de vista relacional direto, com a captação. Por exemplo, capto alguma imagem, dou um indicador e aí a pessoa vê acontecer na realidade e diz: “Da onde saiu isso?” e aí ela traduz do seu sonho ou do significado de uma situação.

Não, eu não uso recursos, não sou uma pessoa muito ligada às técnicas, então qualquer técnica como a caixa de areia, acho interessante, mas não é uma coisa que eu lide. Lido com fato e a partir do fato vou caminhando, vou descobrindo aonde que ele leva. Assim não tenho nenhum desses instrumentos. Acho todos muito interessantes, até supervisiono gente que trabalha com eles, mas gosto de tê-los como referências

- *Oferecer recursos expressivos no contexto terapêutico pode favorecer a formulação via imagens da situação vivida pelo paciente e de possíveis soluções para a mesma.*

Na arteterapia, tem-se uma mesa de trabalho onde se tem todos os instrumentos: tem o lápis, a tinta, a borracha, o barro, a música, a sucata, etc. Então o paciente pode entrar no que lhe interessa: a expressão do mundo interno ou do sonho ou de uma fantasia ou de um desejo através de uma expressão plástica. Vou desenhar, vou modelar, vou cantar, vou dançar, vou fazer qualquer coisa de uma imagem interna. Ou não, ou ele está necessitando de uma outra colocação: ele necessita se abastecer de imagens. Então pode-se apresentar uma imagem, um mito, uma lenda, um conto, que é uma sucessão de imagens arquetípicas ou um livro de história da arte. Ele olha uma imagem que um artista fez e se reabastece das qualidades formais dessa imagem que dentro da arteterapia é como um medicamento.

Observo muito com os meus pacientes que quando fica muita conversa, muito blá-blá-blá, chega uma hora que nem eu nem eles sabemos mais e acabamos ficando no mundo do palavrório, da verborréia, absolutamente perdidos numa ilusão. Então, comecei a trabalhar cada vez mais com imagens através do sandplay que é riquíssimo. Percebo nos meus pacientes, principalmente aqueles muito intelectualizados e que falam muito, quando eles vão trabalhar com imagens eles entram em uma outra dimensão muito mais profunda, mais rápida e mais eficiente. Tenho estimulado muito o desenho ou o sandplay. A vantagem do sandplay sobre o desenho é que não é preciso ter habilidade para desenhar. Pode-se expressar dimensões que com o desenho, por falta de habilidade técnica ou tempo durante uma consulta, a pessoa pode deixar de expressar. O sandplay vai dando um diagnóstico através de imagens muito interessante. Fotografo as imagens que o paciente faz e então fico com um roteiro de tudo o que ele fez.

Em certos momentos proponho os desenhos, até com uma certa insistência, porque quando uma pessoa, por exemplo, está muito deprimida, ela não tem vontade de fazer nada. Neste caso é preciso ser incisivo. Eu proponho: “Você tem que trabalhar consigo mesmo.” Às vezes, a pessoa prefere escrever. É quase uma tarefa.

Uso desenho em fases em que a pessoa parece não conseguir achar uma saída. Quando pinta, parece que no trabalho de pintar, a saída vai surgindo.

Faz parte da técnica pedir para o paciente desenhar ou trazer uma imagem da sua doença. Trabalho com essa imagem, vendo o que é que emerge, como o paciente vê a sua doença e modificando a imagem da doença. Acredito na hipótese que pode-se mudar o funcionamento do organismo em termos biológicos: mudar o funcionamento do sistema vegetativo, do sistema nervoso-central e daí o sistema imunológico e com isso há uma alteração bioquímica. Então através da imagem, pretendo chegar a uma alteração bioquímica.

- **Discurso enquanto imagem**

- *O discurso associativo permite a formação de imagens e metáforas que podem produzir insights.*

Ao usar uma linguagem mais metafórica, se pautando numa imagem para estar inclusive fazendo uma interpretação, ou às vezes construir o próprio discurso enquanto analista, você começa a ter uma linguagem mais fantasiosa, mais metafórica.

As vezes a palavra funciona como uma imagem, como uma metáfora ou um símbolo que dá um grande insight para a pessoa. A pessoa traz uma imagem e ela vai ver que essa imagem se repete e aí ela vai falando sobre, faz a ligação das suas imagens: “Isso aconteceu comigo, isso está acontecendo comigo e por isso que essa imagem ficou tão forte em mim”.

O discurso associativo é o que permite a formação de imagens. Agora, na psicose não. Na psicose, é preciso tomar cuidado porque às vezes o psicótico nem condição de associar tem. Então tem que ir muito devagarinho. Já na neurose, nos casos do dia-a-dia, permitir a livre-associação é o que permite uma fluência imagética maior.

- **Transferência e contratransferência**

- *A transferência e a contratransferência são imagens oníricas, corporais, mentais, grupais, etc., que permeiam a relação terapêutica e que não devem ser interpretadas, mas sim utilizadas como referências sobre a relação.*

Tanto a transferência quanto a contra-transferência estão sempre presentes, o próprio Jung falava disso do quaternio enquanto um sistema de comunicação inconsciente. Um dos capítulos da minha tese chama “Sincronicidade como fator de coesão grupal”, pois a sincronicidade nos grupos é uma coisa muito freqüente. Acontece até de todo mundo sonhar com o mesmo tema, mesmo em um grupo que nunca se

encontrou Todos vêm através de uma entrevista prévia, seja pessoal ou por telefone, sabendo que irá se discutir um sonho, e de repente todo mundo escolhe um sonho com a mesma temática e aí você percebe o símbolo grupal atuando. Tanto a transferência quanto a contra-transferência estão sempre atuantes.

Pode-se tomar consciência da contratransferência através de uma imagem, de um sentimento, de uma emoção, de uma idéia ou sensação corporal, através de tudo. Só que não me preocupo em interpretar contratransferência em termos freudianos. A contratransferência é a mobilização daquilo que está dissociado, daquilo que está inconsciente e que pode ser captado pelo outro. Muitas vezes se fala de contratransferência e já se está pensando em todo um aparato, em toda uma explicação, em toda postura mais diretiva de ver. Mas não é preciso interpretar por aí, pois ela está sempre lá, viva, aqui, agora, em qualquer situação.

Não trabalho com a transferência e a contratransferência e sim com a relação. Em toda relação há uma imagem que permeia o relacionamento

Na arteterapia, não se lida muito com transferência e contratransferência, porque a atividade absorve. Então Jung dizia: “trata-se apesar da transferência”. Na arteterapia, como o paciente é muito independente, ele constrói, ele faz as suas próprias imagens, ele muda, ele risca e acontece, o analista é um partejador, ele fica mais de lado. Portanto depende da posição do analista para que a transferência não transborde. Então o que o analista tem que fazer? Ele situa, ele fixa o trabalho nas imagens produzidas. Se dentro dessas imagens, houver uma relacionada à relação, ele brinca, ele pode se colocar, mas ele nunca cutuca para que isso aconteça. Então a relação transferencial, contratransferencial ocorre no trabalho artístico. Às vezes, brinco. Faço um jogo que aprendi só com mais idade. Então é uma coisa assim que é até difícil: me coloco na citação. Às vezes, ficava muito chato, ouvir o paciente falar e lá... sei, sei, sei. Então hoje conto vivências pessoais na terapia. E quando conto vivências pessoais, sempre pergunto se estou fazendo um *acting-out*, se não estou em alguma atuação. Mas sempre uso uma vivência pessoal para trazer o outro para relação, porque às vezes o outro está tão embotado no problema dele que ele não percebe que nós estamos no mundo dos vivos.

As imagens são um grande facilitador da percepção da relação contratransferencial, mesmo que através de captações diretas que às vezes se tem nos próprios sonhos. Uso tudo como referente, as imagens trazem muitas pistas da sua ocorrência, do que está se passando, dos cuidados com a situação. Para mim, isso vem muito através de imagens de sonhos. Então, muitos processos se clareiam através das imagens de sonhos.

As reações de transferência e contratransferência podem vir através de imagens. Pode vir num sonho. O paciente sonha comigo, por exemplo. Ai está claro, ou sonha com a sessão, que está sendo invadido, na sessão esse é um sonho muito comum Às vezes o paciente sente que chega na sessão e tem outra pessoa que está invadindo e não está sendo atendido. Ou o que o paciente projeta sobre mim quando pergunta, porque você está bravo? Porque você está triste? Porque você está cansado? ou Porque você está alegre? Uma vez segurei um espirro e o paciente perguntou; “Porque você está bocejando? Eu devo estar muito chato” A imagem que ele projetou sobre mim é de alguém não agüentava mais. Na verdade, eu segurei um espirro. Então, essa questão de eu estar bocejando, era uma imagem e nós trabalhamos muito em cima desta imagem de rejeição.

O visual do paciente, a imagem dele, causa um impacto sobre mim. É preciso estar muito consciente. Tive um paciente, muito perfeccionista, um decorador famoso, e toda vez que ele chegava na sessão, eu me lembrava que a ponta da cortina tinha caído um pedacinho. Era uma contratransferência. Ele criava em mim, como podia criar em muitas pessoas, um sentimento de inferioridade quanto à estética, pois ele era hiper-perfeccionista, chiquérrimo. Ele gerava imagens, que eu ficava absolutamente inconsciente, ele ia embora e eu esquecia da cortina completamente.

Na realidade, cada pessoa que entra me admiro como posso mudar de uma hora para outra. Certamente que a pessoa que vem traz uma imagem. Se uma pessoa é extremamente cerebral, mas se vejo uma imagem dessa pessoa cheia de sentimentos, o meu discurso se torna muito afetivo, cheio de sentimento, como para ajudar a outra pessoa a ter uma maneira de ser e de abordar as coisas não tão cerebral, tão mental,

para facilitar um outro tipo de discurso. O meu discurso muda a partir da imagem que tenho da pessoa.

Tem algumas pessoas que no seu discurso, nas suas preocupações me pedem para entrar numa visão mais religiosa da vida. Parece que a coisa transcorre, quer dizer, às vezes num confessionário, às vezes dentro de uma igreja, às vezes na natureza numa dimensão maior. Essa imagem é um certo tipo de metáfora. Ela está por trás do relacionamento que a gente tem. Isso pode atrapalhar, mas geralmente não me atrapalha muito. Poderia atrapalhar, se não fosse possível em outras horas estar no prostíbulo.

Realmente trabalho muito pouco com o conceito de transferência e contratransferência. Não sei se é justamente por isso que é mais fácil de acabar uma terapia, porque não vejo que isso seja o ponto principal. Sei que há, de ambas as partes, mas para mim é uma coisa justaposta a uma teoria. Agora acontece com frequência de uma pessoa ter sonhos sobre o que se passa aqui no consultório, e às vezes acontece de eu ter um sonho com uma pessoa, e aí eu conto. Conto porque acredito que tem que haver uma honestidade, uma troca. Então o terapeuta vê qual é a reação da outra pessoa.

E. Formulação teórica por imagens

- *Não é possível fazer uma psicologia só baseada na imagem. Em algum momento é necessário fazer a conexão via palavra ou teoria.*

Sem um modelo teórico, não consigo conceber uma psicologia como ciência. Então é preciso integrar as imagens num todo coerente, teórico, que se possa ensinar aos outros tecnicamente.

Hillman trabalha muito com a imagem, é um purista da imagem. A imagem pela imagem. Mas é impossível você fazer a ponte com a consciência a não ser pela palavra. Acho que você vai ter que falar.

Precisamos de teoria, não tem como, pelo menos por enquanto. Não consigo imaginar. Se tem uma sequência de imagens, mas é inevitável que querer entender essa sequência de imagens. E quando se quer entender, dá-se uma coerência a essas imagens, procura-se um padrão, verifica-se se existe um padrão de desenvolvimento nessas imagens. Aí já se está fazendo uma teoria, dando uma lógica.

A lógica pode vir através de outras imagens, mas dá-se palavras a essas imagens; vai-se falar sobre elas e tentar explicá-las pela consciência. Então aí pode-se pegar um paciente e fazer um estudo só através das imagens, mas já se estará fazendo uma leitura sobre isso e aí vai-se estar usando uma teoria. Mas mesmo dentro da psicologia junguiana, há três ramos: um que é o purista da imagem, o outro extremo que foram os junguianos tipo Fordham que já são quase kleinianos, e tem a linha do meio. Então tem uma diversidade dentro de Jung. Mas acho impossível não se usar um referencial teórico. Tem-se que ter um modelo teórico para conversar com os outros. Senão, você é só artista. Artista é que trabalha imagem pela imagem e não explica coisa nenhuma. Mas se a gente está fazendo ciência, é impossível não teorizar. É preciso uma teoria para poder conversar com os outros e comparar fenômenos.

Acho que é um desafio, porém não ficaria presa em construir uma teoria diferente porque acredito que se transformaria imagem em conceito em algum momento. Um trabalho que gosto de fazer é pegar slides, ou pegar imagens e traduzir conceitualmente a partir do que vejo. Mas não faria uma psicologia só via imagens. Sempre gosto de ir juntando coisas, não iria só via imagens.

- *Se as imagens são a linguagem da psique pode-se esperar que um dia a ciência chegue a uma formulação da psique via imagem, mas seria necessário um novo paradigma.*

Pode-se esperar que sim, porque a psicologia é o trato da psique. A linguagem da psique são as imagens. Então pode-se esperar que um dia se chegue a usar a linguagem das imagens como ciência, mas estamos longe. Na realidade, estamos falando como pessoas de ciência, usando uma linguagem de fora que não é uma linguagem da psique. Por isso que acho que tem tantas teorias diferentes. Por isso que tem tantas coisas no fundo chutadas em todos os sentidos: “vamos usar os testes”, “vamos fazer dinâmicas de grupo”, “fazer psicodrama” e vai-se tentando, engatinhando, mas parece que não se chega realmente à psique. Teoria, por exemplo, a teoria da psique, Jung tentou. Em certos livros, ele vai, vai e tenta, mas ele tem atrás o medo dos homens da ciência do seu tempo. Medo de não ser um homem de ciência e o tempo todo ele tem que dizer, “sou científico”, e até cansa, não?

No final da vida, Jung se permitiu ficar um pouco mais no plano das imagens. Hillman se permite, às vezes tem um lado muito cerebral querendo contestar o tempo todo, mas quando ele está solto, ele realmente parece que entra e te pega. Será que se pode fazer uma teoria, não sei... um método talvez. Teoria tem que ter conceitos têm que ter uma linha lógica. A lógica do inconsciente, da psique, não, não é lógica racional. Tem lógica, mas não é a lógica racional. Teria que ter um outro paradigma. Tem que ter.

- *Ao contrário dos conceitos e teorias que são necessários como referências, as imagens devem ser abordadas em seu aspecto funcional, como veículo de aproximação ao psíquico.*

Os conceitos e teorias são necessários como referência, não como veículo de aproximação com o psíquico. Falar através de imagens sem dúvida atinge mais o psíquico, é mais próximo de sua natureza. O problema é que sempre acabamos fechando em conceitos, a idéia é deixar aberto.

Tem que tomar cuidado, hoje em dia, todo mundo quer ter uma teoria. Tem a teoria das multi-inteligências, a teoria de “não-sei-o-quê”, a teoria... etc. Tudo isso é interessante, mas acredito é que é preciso limpar a psicologia. Tem que depurar, como Lacan fez com a psicanálise, tem dar uma limpezinha, jogar fora o que não

serve. O outro milênio já está aí, já se está em um outro nível. Então, o que vejo é que é melhor trabalhar com imagem do ponto de vista da utilidade que ela tem no tratamento, do ponto de vista funcional.

Utilizar imagens para descrever o psíquico isso já é feito. Jung já fez, Freud já fez, nós fazemos, isso já existe. Quer dizer, tornar visível, o invisível, já é uma coisa feita há muitos anos. Agora, a limpeza tem que ser assim: tudo isso já se conhece, já se faz. Vamos limpar. Vamos limpar. Vamos ficar nas relações funcionais da imagem no tratamento. É aí que há um campo interessante.

- *Jung trabalha muito no plano das imagens, do símbolo vivo tentando fazer uma aproximação de linguagens. Permanece entre o fenômeno manifesto e sua abstração sem reduzir nem a um nem a outro.*

Quando Jung fez a sua teoria, ele foi em cima do símbolo, da imagem, como no seu primeiro livro de peso, Símbolos de Transformação, onde ele trabalha só em cima da imagem. Ele pega a Ms Miller, que ele nem conhecia, e vai em cima das suas imagens e vai vendo todo o seu caminho psicológico. Trabalha as imagens que ela trouxe.

Quando se trabalha com imagens trabalha-se num plano mais vivo, mas ao mesmo tempo eu percebo as conceituações junguianas mais como símbolos do que como conceitos e é isso que constitui uma grande riqueza em Jung. Quando ele vai falar de anima, de animus, não é um conceito, é um símbolo, no sentido que é a melhor expressão de uma coisa e que está além do mais, em evolução. Não é fechado, não é sinal para dizer alguma coisa. É uma denominação de uma série de fatos e fatores e de realidades vivas, na alma, na psique, da mulher ou do homem, que se expressa dessa maneira, daquela maneira, que sofre influência histórica, que está de certa forma em evolução e em transformação. Isso é anima. Isso é animus. Não é um conceito no sentido de ser uma denominação, uma abstração. Quer dizer, Jung se move já no plano das imagens. Já se move num plano mais próximo à realidade, não por meio de abstrações. Jung já faz isso. Ele trabalha através de imagens, com uma aproximação de linguagens: linguagem abstrata com linguagem de imagens.

Jung vai escapando cada vez mais, vai saindo e para poder delimitar um pouco o que ele vai percebendo ele vai usando cada vez mais a amplificação, a referência à imagem. Acho que isso às vezes, é mal interpretado, por uma ciência positivista, racionalista, que acaba não dando valor científico e se preza por não respeitar a natureza da psique. Jung respeita, tenta respeitar. Ele não só respeita, mas ele consegue conceituar isso, consegue falar disso, tem uma passagem muito bonita quando ele fala dessa perda do símbolo. Se não se tem essa relação com o símbolo, perde-se o significado da vida, o sentido de vida. Ele fala de uma maneira muito bonita. Ele consegue fazer essa integração e consegue transitar nessas várias formas de expressão, para estar justificando a imagem, buscando a realidade em si, sem cair numa metade, numa coisa mais mental. Nesse sentido Jung é um gênio, sabe se colocar e não ficar divagando. Tenta fazer constantemente essa ponte, estar explicando, raciocinando sobre isso, refletindo sobre isso, acho que isto ele faz de uma forma muito legal.

Acho que já existe, trabalhar com imagem do jeito que a gente trabalha, já constituiu uma teoria.

Escrevo muito e a tese que fiz, foi por meio de sonhos. Muitos trechos da tese são sonhos.

- *O conceito limpa a imagem de seu aspecto mítico, subjetivo e vivencial, tornando-a uma abstração mental, porém perde-se a realidade da alma.*

O conceito estaria tirando um pouco o aspecto do mito. Mas ao mesmo tempo o conceito é uma abstração pura que de certa forma limpa um pouco. Ele é menos real, ele limpa um pouco as impurezas da imagem, da subjetividade da imagem, mas ao mesmo tempo ele marca, ele resseca, ele não fala à alma, ele fala mentalmente. Neste sentido a imagem está uma oitava a baixo, está num outro plano, fala mais próxima da alma, da realidade da alma. Acho que muita gente entende Jung como conceito, mas muita gente entende o Jung mais no plano de imagens.

F. Imagens do processo analítico

- ***Pérola:*** *Transformação das feridas*

O processo analítico vai trabalhar com tantas situações de vida que eu acho que cada situação de vida, que cada momento dele, tem uma imagem, portanto há várias imagens do processo analítico. Uma que me vem é a formação de pérola.

Formação de pérola. A transformação de feridas em coisas preciosas. Ela é em muitos momentos, não em todos os momentos, mas a que predomina. O processo analítico trabalha em cima dos nós, das dificuldades, da dor, das feridas então acho que essa é bem aplicada.

- ***Cachoeira:*** *Seguir o fluxo da natureza.*

Me vem a imagem de uma paisagem, uma paisagem com uma cachoeira que verte muita água. Tem um patamar, que parece um lagozinho e depois mais um outro para onde essa cachoeira acaba indo. Então, um patamar, uma cachoeira, forma aqui um lagozinho, desce mais um pouquinho, mais um lagozinho, desce um pouquinho. Vejo o trabalho analítico como essa água, essa energia, essa cachoeira que vai fluindo, vai fluindo. Vejo o processo analítico como o fluxo dessa cachoeira, arquitetada pelas forças da vida, pela terra, pela mata, pela rocha, pela estrutura arquitetônica, essas são as forças da vida. Ai do analista que não as levar em conta. E o caminho da análise como essa cachoeira, como a água que vai penetrando todas as possibilidades e indo em diferentes patamares. Só que hoje eu não vejo só o processo descendente. Vejo água que desce e eu vejo a possibilidade de subida. E acho que isso ficou faltando um pouco na nossa formação. Eu acho que o processo analítico é um processo de sideralização também. Não desce só para o inconsciente. Ele sobe para as nuvens criando esse equilíbrio das forças da natureza.

- ***Detetive:*** *Buscar fielmente os sinais que indiquem o processo da pessoa.*

O processo terapêutico para mim é uma imagem de fidelidade a um chamado interno da pessoa. Sou uma pessoa que me referencio totalmente no processo da pessoa. Então, entro, penetro junto com ela, pego as referências e aí me guio por isso. Eu diria que esse processo de descoberta me traz a imagem de um detetive, na busca das pistas, na busca dos sinais que vão indicando. Então, muitas vezes eu me sinto assim, com uma lanterna na mão, junto com a pessoa, entrando naquele mundo muito escuro e “nossa, tem um sinal ali, vamos!”. E vamos. Vamos circulando dentro desse caminho, duas pessoas juntas, uma lanterna na mão, descobrindo pistas num mundo concreto.

- ***Convite para caminhar:*** *Buscar o sentido para as ocorrências da vida.*

Dois seres humanos, duas pessoas que se encontram e a pessoa que procura, o paciente, iria buscar um guia, que o ajudasse a descobrir a causa de seu sofrimento e a entrar em contato consigo mesmo. Nessa confusão, no caos, na nigredo que ela se sente, na sua dor achar uma luz e sair da dor. Eu acho que não mudou muito. Eu continuo vendo o paciente como outro igual a mim, só que ele está sofrendo e está procurando uma ajuda no sentido de qual é a luz, qual o significado da minha vida, o que eu também não sei. Então nós vamos tentar achar uma luz, achar algumas coisas juntos. Então é o caminhar, um convite para caminhar juntos por um período, um trecho, onde a gente se encontra, é um encontro de duas almas: uma está sofrendo, a outra de preferência não. O terapeuta pelo menos não, ele tem que estar muito bem para tentar entender o que está acontecendo com a pessoa e ver uma luz aí. Cada vez mais, eu vejo os pacientes como iguais a mim. Quando eu comecei achava que a diferença era muito grande. Hoje, vejo cada vez mais igual, mais humildemente procurando decifrar para o paciente o que está acontecendo com ele.

- ***Encontro:*** *Olhar junto com a outra pessoa aquilo que está em volta.*

Na maioria das vezes a minha imagem é de um encontro de duas pessoas sentadas na grama, olhando para as coisas que tem em volta e falando uma para a outra. É isso,

não é uma coisa de eu me sentir acima do outro, não é nada disso. É um encontro, nesse sentido, à vontade, sentados na grama, sem ameaça de nada.

3.4 Amplificando a discussão à luz dos indicadores

3.4.1 Primeira leitura

Na análise dos indicadores foi mantida a estrutura dos os seis eixos temáticos—conceito de imagem, processo de aprendizagem no trabalho com imagens, indicações para a formação do profissional, inserção das imagens na prática clínica, formulação teórica por imagens e imagens do processo analítico—, tendo em vista que as questões fundamentais deste estudo estão organizados em torno dos mesmos. Durante a discussão os indicadores de análise aparecem destacados em *itálico*.

A. Conceito de Imagem

A imagem é a matéria prima da psique, é a sua linguagem, é o concreto que se têm e o fenômeno com o qual se trabalha. A única forma de se conhecer a psique é por meio da imagem e dos pensamentos que dela derivam, portanto as imagens são a via régia para o inconsciente e para o mundo. Tudo o que é desconhecido torna-se cognoscível por meio da imagem.

Os teóricos da comunicação afirmam que primeiro vem a imagem e por último o verbo. Portanto mesmo o discurso descritivo-conceitual está construído em cima de imagens. Na formulação de um conceito faz-se uso de modelos e teorias, que por sua vez, são constituídos de imagens da natureza e da ciência.

O fluxo de pensamento imagético é a base natural para todo funcionamento psíquico e portanto, presente em todos os momentos do desenvolvimento da psique. Graças ao predomínio do pensamento positivista na cultura contemporânea observa-se uma progressiva desqualificação do fluxo de imagens psíquicas. Em busca de uma perspectiva focada em conceitos fixos, relega-se as imagens ao segundo plano e estas vão sendo cada vez mais, descritas em termos de patologias, de degeneração ou regressão.

Contrariamente às formulações de cunho positivista a imagem não é derivada de outras linguagens, seja pela transformação ou pela degeneração destas. *A imagem é uma forma de comunicação própria que tem valor em si*, não “representa” mas sim

“apresenta” algo para a consciência. Ela é uma unidade completa em si mesma que contém os seus próprios significados, de modo que é preciso permanecer na imagem para que ela se revele em toda a sua amplitude.

Permanecer na imagem significa presentificá-la, observá-la, circundá-la, incrementá-la em fim fazê-la reverberar cada vez mais forte na consciência. A imagem tem uma função em si mesma na medida que causa impacto, que altera a percepção, que provoca emoções, etc. Mesmo que não seja explorada em termos de seu significado, a imagem pode servir de parâmetro para uma extensa gama de experiências agregando-lhes sentido, forma, emoção, dinamismo e atemporalidade, uma vez ativada na consciência.

Em uma imagem não há aspectos mais ou menos importantes, tudo nela é igualmente importante e interdependente o que constitui sua sintaxe de unidade e sincronicidade. Tudo o que uma imagem tem a dizer está presente ao mesmo tempo e refletida em todas as suas partes. Portanto tentar conjugar a imagem por sintaxe que não lhe é própria pode destituí-la de sua funcionabilidade.

A imagem é um fenômeno da consciência e está tão profundamente ligada a ela que é difícil defini-la. Pode-se dizer que há dois tipos de imagem, aquela que é produzida pela incidência de luz na retina e aquela que surge espontaneamente na consciência. Porém a percepção não é um fenômeno meramente neurológico e sim determinado pela psique. Aquilo que é fisicamente percebido pelo olho necessita ser transformado pela psique em uma imagem que seja reconhecível pela consciência. Portanto toda percepção é, em último caso, um fenômeno subjetivo contaminado por projeções.

No sentido inverso, também não é possível afirmar que as imagens produzidas espontaneamente pela psique sejam puramente subjetivas uma vez que essas utilizam-se de formas registradas pela percepção para se apresentarem à consciência.

Na medida que há uma imagem presente em tudo o que é experienciado pela consciência pode-se dizer que *a imagem é um dos níveis de manifestação do real*. O homem toca a realidade com dois aparatos; o seu corpo e a sua psique, ambos interdependentes e interrelacionados. É possível conjecturar que em última instância a realidade objetiva só existe enquanto formulação subjetiva. Esta última é resultado

da absorção do mundo via percepção, que por sua vez é integrada à psique via imagens.

As imagens podem ser, pictóricas ou visuais, verbais ou auditivas, táteis ou kinestésicas, olfativas e gustativas. Todas estas formas de captação constituem realidades intermediárias nas quais ocorre a síntese entre o mundo externo e a psique, e que é geralmente experienciada como realidade psíquica. Em termos psíquicos só é real aquilo que é psiquicamente experienciado.

Apesar de ser um fenômeno da consciência *a imagem é um processo involuntário*, que escapa ao controle do ego. A produção contínua de imagens faz parte do funcionamento natural da psique. Assim como respiramos continuamente para viver a psique produz continuamente imagens para existir. As imagens estão sempre na base do funcionamento da psique, seja de modo mais presente ou predominante como nos casos patológicos ou de alteração da consciência, seja de modo quase imperceptível como em momentos de atividade reflexiva.

A produção de certas imagens psíquicas pode até ser provocada ou desencadeada, porém a forma como elas irão se plasmar e se desenvolver na consciência não pode ser controlada. A imagem é um processo em curso e não uma formulação fixa, portanto o que se entende por imagem psíquica não tem nenhuma semelhança com um quadro estático.

As imagens, ao contrário, parecem escapar a qualquer tentativa de aprisionamento e direcionamento desaparecendo como fumaça na consciência. Portanto, mesmo no caso da imaginação dirigida não se pode afirmar que a produção de imagens está sob controle do ego. Pode-se evocá-las, mas o modo como se configuram ou não na consciência independe da vontade.

Permitir que as imagens se desenvolvam livremente exige uma atitude consciente diferenciada caracterizada pela contemplação e pela total ausência de controle do ego. Esse estado de consciência ocorre naturalmente na atividade onírica ou de forma induzida na imaginação ativa, na qual as imagens se apresentam e se desenvolvem sem nenhuma ou quase nenhuma interferência da ego.

Devido a natureza inconstante, fluida e fugidia do fenômeno imagético, é necessário que ele seja apreendido na forma de um relato que lhe confira uma estrutura mínima

de comunicabilidade e relação. Desse modo pode-se afirmar que *a imagem está vinculada ao discurso e à palavra* na medida que esses são os “mensageiros” que possibilitam a sua configuração na consciência.

Porém não é todo tipo de discurso ou toda palavra que é portadora de uma imagem. Há certas formas de articulação da palavra que favorecem a evocação e a criação de imagens, entre elas a linguagem mítica, poética e metafórica. Por não estarem presas à função descritiva ou nominativa da linguagem, possibilitam que as imagens sejam trazidas para o plano consciente sem reduzi-las à explicações ou limitá-las aos conceitos.

O discurso mítico-poético é um discurso de imagens na medida que rompe com a fixidez funcional da palavra, permitindo que ela ressoe em outras tessituras gramaticais e em outras configurações de tempo e espaço. O mito possibilita a expressão do eterno, daquilo que sempre está presente na alma humana, como daquilo que ainda será, do vir-a-ser, do ainda em potencial.

Outro modo de articulação do discurso que favorece a configuração de imagens é o discurso associativo, que por meio de analogias tem o potencial de ampliar as imagens e de vinculá-las à consciência. Ao se distanciar da linguagem descritiva-conceitual cria-se uma abertura para que novos elementos se agreguem à imagem enriquecendo-lhe em forma e dinamismo. A associação pode levar o indivíduo para outras dimensões que não necessariamente as que se apresentam no fato concreto.

Uma vez configurada, a imagem parece aderir com mais persistência à consciência do que a descrição literal de fatos. Nesse caso pode-se afirmar que *a imagem está relacionada à memória*. Os fatos muitas vezes se perdem ou se diluem em fragmentos que irão constituir mais uma imagem que se tem de uma situação do que a descrição da situação em si. Essas imagens não são necessariamente comunicadas ou formuladas racionalmente, permanecendo como uma “impressão” que se tem do fato. Essa “impressão” é uma percepção, geralmente de natureza intuitiva, que tem um caráter difuso e emocional. Não são descrições fatuais, mas sim imagens subjetivas e imprecisas, que têm uma capacidade de aderência à consciência que pode perdurar por uma vida inteira. As imagens que são armazenadas como memória, estabelecem pontes entre o presente e o passado conectando o indivíduo à sua história. Exercem portanto uma função mnemônica.

A imagem é relação, é a interface na qual se dá o encontro e a síntese entre o corpo e a psique, entre o instintivo e o espiritual. Os fenômenos instintivos ou perceptivos são captados por imagens que possibilitam a sua apreensão consciente.

Portanto as imagens permeiam toda a atividade psíquica determinando o modo como o homem compreende o mundo, como se relaciona e reage a ele. A percepção daquilo que somos ou daquilo que são os outros é constituída primariamente por uma imagem que se tem de si ou dos outros. Estas imagens estão sempre presentes no modo como se explica ou se entende as pessoas e as situações. Muitas vezes elas se sobrepõe às situações atribuindo-lhes propriedades que não têm e nesse caso pode-se afirmar que a relação ocorre com a imagem que se tem e não com um fato objetivo. Na base de todo comportamento ou idéia humana há uma imagem, uma metáfora ou mito que lhe dá forma e significado e a partir do qual o indivíduo entra em contato com o meio externo e interno .

A psicoterapia precisa evidenciar e cultivar a esfera intermediária, a psique ou alma. Esta não pode ser reduzida a um conjunto de instintos inconscientes, nem tão pouco, a um conjunto de formulações racionais conscientes, uma vez que ela é o encontro e a relação dessas duas dimensões configuradas nas imagens psíquicas.

Devido a sua natureza catalisadora a imagem possibilita a conexão entre as várias polaridades da experiência humana e nesse sentido *a imagem tem um potencial curativo*. Um dos grandes males da nossa civilização é a cisão entre corpo e psique, entre instinto e espírito, entre o inconsciente e a consciência, que só pode ser curada com a integração consciente destas polaridades. A psique, em seu movimento natural autoregulador (função transcendente), busca realizar-se na totalidade e para tal necessita de uma consciência diferenciada capaz de abarcar paradoxos.

A constituição de uma consciência paradoxal, não polarizada, não é um simples mergulho no mundo das imagens. Isso seria sair de uma polaridade, a racionalidade lógica, e cair em outra, a fantasia pela fantasia. A imagem precisa ser conectada à consciência e à vivência empírica da pessoa, por meio da depuração gradual de seu sentido. Ou seja, a imagem é matéria prima que necessita ser trabalhada, cultivada, revisitada exaustivamente para que o seu potencial de conexão seja ativado e tornado consciente. Isso não significa que a imagem precise ser reduzida a um conceito ou

significado, mas sim que ela se torne tão presente a ponto de ser um campo vivencial que ofereça múltiplas possibilidades de ação e compreensão. Ficar na imagem pela imagem não produz conexão, portanto não promove cura.

A imagem apresenta sempre uma idéia conectada a uma emoção, as duas coisas vêm juntas, o que em si é um paradoxo carregado de tensão. Ao sustentar essa tensão, sem mergulhar nas emoções ou escapar via explicação racional, ocorre a expansão e o aprofundamento da consciência da alma e os fatos são transformados em experiências, em vivências psíquicas permeadas de emoção e entendimento. Cura-se a falta de conexão interna favorecendo o surgimento de um modo de reação ao mundo em sintonia com a razão e com o instinto.

Essa tensão possibilita também, o enraizamento psíquico e a cura de outro grande mal que assombra as sociedades contemporâneas: a superficialidade decorrente da massificação. Esta impossibilita uma relação consciente do homem com sua experiência interior, seus valores e sua alma. Portanto a psicologia tem o papel de recuperar essa experiência e restaurar a conexão do homem com sua interioridade, dando-lhe peso e profundidade.

A alma tem uma lógica própria, paradoxal, ambígua e imprecisa. Não está condicionada à necessidade de clareza e delimitação do ego. Para alimentá-la como perspectiva vivencial é preciso desenvolver uma modalidade de pensamento fluida, que possa abarcar a pluralidade de possibilidades existente nos fenômenos. Partir da realidade concreta e ir ampliando a percepção desta realidade por meio da atividade imagética possibilita uma outra articulação da consciência não condicionada aos conceitos de causalidade, de tempo e espaço.

Neste caso a *imagem é um meio ampliador da consciência imediata* constituindo uma modalidade aberta e polissêmica de expressão da mesma. Inversamente ao conceito, a imagem não busca a expressão de um sentido unívoco e fechado, estando sempre aberta a novas revelações, a novos significados e reelaborações. Ela é um organismo vivo que pulsa na consciência e se desvela em múltiplas formas e sentidos, libertando-a de seu literalismo, de sua ótica estreita e enrijecida.

A psique está sempre em busca de novas sínteses e de novas configurações da consciência em um eterno recriar-se, portanto tem uma natureza criativa. A

psicologia analítica enfatiza o movimento criativo da psique por meio do enfoque finalista e prospectivo que preconiza no trato do psíquico. Busca evidenciar no fenômeno psíquico o sentido e os direcionamentos que indicam as possibilidades de desenvolvimentos futuros.

A natureza criativa da psique está presente na linguagem própria da alma: a imagem. A imagem é a linguagem do vir ser, do não manifesto, do não delimitado e do não diferenciado; ela é preche de sentido e potencialidades que se apresentam de modo conciso e integrado e que pressionam a psique no sentido de sua realização.

Nesse sentido, *as imagens são indicadoras dos movimentos psíquicos e facilitam a captação de seu sentido prospectivo*. A melhor forma de observar este movimento é por intermédio das imagens que se apresentam no contexto terapêutico. Sejam as imagens trazidas pelo paciente, ou aquelas que vão sendo construídas na relação terapêutica, ou mesmo aquelas que o analista já traz consigo. As imagens oferecem indicadores de como o processo está e para onde está caminhando. O importante é detectar como a alma se desvela e se constitui por meio das imagens.

O fenômeno imagético está profundamente enraizado no corpo, portanto *a imagem tem, uma base corporal*. A produção de imagens nem sempre é resultante de funções psíquicas podendo ser desencadeada por reações orgânicas como em estados de intoxicação por alimentos, drogas ou álcool; em estados de exaustão física; em estados de profundo relaxamento; mediante estimulações táteis, etc. Nessas situações é necessário averiguar se as imagens podem ou não ser compreendidas sob a ótica da compensação ou da função transcendente, na medida que parecem ser mais consequência de uma alteração do funcionamento do organismo do que de uma função psíquica.

A relação que o homem tem com o seu corpo também é de caráter simbólico, pois este é percebido e vivenciado por intermédio da imagem que se tem dele. Entre o corpo e a consciência há uma imagem corporal preche de significados e emoções que determina grande parte da relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo. A identidade primária ego-corpo é dissolvida parcialmente ao longo do desenvolvimento da consciência, permanecendo grande parte da experiência humana no âmbito corporal e inconsciente.

A estimulação do corpo, nas mais diversas formas, pode desencadear imagens que favorecem a percepção e a relação com conteúdos e emoções que estão registrados na esfera corporal. Daí as abordagens terapêuticas de base corporal. No outro extremo pode-se produzir imagens que alterem fenômenos corporais como nas abordagens cognitivas atuais. Em ambos os casos busca-se uma interlocução entre corpo e psique via imagem.

B. O processo de aprendizagem com a imagem

Na formação acadêmica do profissional de psicologia percebe-se uma concentração nos aspectos conceituais e técnicos da prática clínica e um forte direcionamento para uma postura interpretativa. Poucas disciplinas favorecem a aproximação com a linguagem imagética e o acesso à intuição.

Esse eixo temático procura identificar como cada um dos entrevistados em sua trajetória profissional foi se aproximando, tanto do ponto de vista prático quanto teórico, da questão da imagem.

A aproximação do universo imagético exige uma atitude de consciência diferenciada que não é favorecida na educação formal. Durante todo o processo de educação aprende-se a criar um olhar objetivo e distanciado a respeito daquilo que é percebido e experienciado. Prevalece uma relação explicativa e interpretativa que faz uso dos conceitos e da lógica para compreender o mundo.

A linguagem das imagens é abandonada gradualmente ao longo do desenvolvimento psíquico do indivíduo, a ponto de ser considerada algo completamente sem sentido ou mesmo patológico. Depois de anos de inatividade, o canal de expressão dessa linguagem precisa ser reativado, ou melhor “desentupido”, para que a consciência volte a interagir e a se enriquecer com a perspectiva das imagens. Nesse caso é necessário um processo de reeducação e de resensibilização que crie uma abertura na consciência capaz de facilitar o acesso às percepções configuradas em imagens, transformando-as em perspectivas válidas de compreensão e relação com o mundo.

Devido à natureza ambígua, paradoxal, polissêmica, emocional e totalizante da imagem, esta não pode ser apreendida psiquicamente via conceito ou teoria, pois isso

levaria a uma visão teórica, interpretativa ou estética da imagem e portanto, carente de sentido psicológico. Para que ganhe realidade psíquica a imagem deve ser abordada pelo analista em formação em seu próprio universo fenomenológico *mediante o trabalho com as próprias imagens*.

No treinamento do analista a aproximação vivencial com o fenômeno psíquico tem sido uma premissa desde Freud e Jung. Eles enfatizaram a importância da análise pessoal como instrumento de aprendizagem uma vez que a teoria só é apreendida quando transformada em experiência psíquica ou quando vivenciada subjetivamente pelo indivíduo.

A capacidade do terapeuta de acessar as suas próprias imagens e operacionalizá-las como meio de captação de sua realidade e a do outro, é fundamental para que ela se torne uma linguagem funcionalmente ativa na relação terapêutica. O modo como o terapeuta entra em contato com as próprias imagens pode variar imensamente e parece estar associada às diversas possibilidades que se apresentam ao longo da vida. Além da análise pessoal, que oferece um espaço vivencial de aproximação ao universo das imagens psíquicas, há outras aberturas possíveis e válidas para a educação da sensibilidade necessária para a captação e a expressão de imagens. Entre essas, foram indicadas pelos entrevistados: a experiência artística, o trabalho com contos de fadas e as técnicas corporais de imaginação.

A expressão e a elaboração de imagens via linguagem artística como a dança, a pintura, o desenho, a música, o bordado, entre outras, favorece a aproximação e a educação da consciência na modalidade de pensamento de natureza imagética. Nesse caso aprende-se a articular o pensamento por meio da conjugação de imagens, sejam elas plásticas, sonoras, corporais ou poéticas.

No trabalho com contos de fadas e mitos a aproximação da imagem ocorre por intermédio da linguagem mítico-poética. Esta constitui um meio de expressão baseado em um discurso de imagens e metáforas que favorecem uma percepção e uma formulação da experiência humana altamente diferenciada. O trabalho com esse material, tanto do ponto de vista simbólico como do imagético, faz parte do programa oficial de várias instituições formadoras de analistas junguianos.

O enfoque simbólico dos contos busca a amplificação por meio de paralelos culturais, o que pode ativar a função amplificadora da imagem e torná-la operativa no contexto de aproximação com o imaginal. Esse enfoque oferece o perigo do

distanciamento excessivo da imagem e do seu campo vivencial, via intelectualização. Já o enfoque imagético usa os contos como base para o desencadeamento do fluxo de imagens. Lê-se o conto uma, duas, várias vezes até o momento em que as imagens e as associações comecem a aflorar, possibilitando um diálogo dinâmico com o mesmo. Nesse caso, o conto tem a função de facilitar a formação de imagens e de vinculá-las à consciência. O perigo desse enfoque é perder-se em devaneios estéreis. Por último, pode-se aproximar da imagem por meio de técnicas de imaginação de base corporal que ativam metáforas e despertam outras formas de percepção e relação do indivíduo com o seu corpo. O corpo perde seu literalismo e passa a ser portador de significados antes despercebidos e a imagem perde seu caráter etéreo adquirindo sustentação e concretude via experiência corporal. Essa possibilidade de aproximação da imagem ainda é pouco explorada nas sociedades junguianas, talvez por incorporar perspectivas teóricas distantes da escola clássica da psicologia analítica. Em São Paulo, porém, ela é o foco central no curso de especialização oferecido pelo Instituto Sedes Sapientiae que segue a abordagem corporal desenvolvida por Sándor.

A aprendizagem dos entrevistados sobre a questão da imagem *durante a formação acadêmica*, ocorre de forma tangencial e por meio de referenciais teóricos que abordam o imaginal sob a ótica do pensamento racional e dos processos perceptivos. Nesse contexto a imagem é vista em função de outros processos e não em função de si mesma e de sua própria ótica. Em parte esse fato parece ocorrer devido ao pouco espaço dado nos programas universitários à psicologia analítica e às outras abordagens teóricas como a fenomenologia e a gestalt.

Na graduação a primeira aproximação da imagem ocorre por intermédio da psicanálise e seus pressupostos teórico-práticos. Os processos imagéticos são vistos como centro do deslocamento e da deformação resultantes da censura, e só podem ser apreendidos pela consciência mediante a interpretação. Desse modo há o favorecimento de uma postura interpretativa na qual busca-se estabelecer relações entre as imagens e o sistema conceitual psicanalítico.

Durante a graduação a imagem também é abordada à luz da projeção, sobretudo no treinamento dos testes de caráter projetivo, Rorschach, TAT, CAT, entre outros. Nesse caso as imagens são entendidas como resultado da projeção enquanto

mecanismo de defesa e não no sentido junguiano de processo natural da psique de formulação ou captação de conteúdos inconscientes.

Outra tendência no meio acadêmico é reduzir as imagens aos processos perceptivos relacionando-as aos aspectos neurológicos da percepção. Perde-se a dimensão psíquica, de sentido, de campo vivencial, de linguagem, em função de uma explicação causal e neurofuncional.

Devido à ausência de oportunidades dentro do contexto acadêmico a aproximação da questão da imagem ocorreu *por meio de cursos ou experiências extra acadêmicas*. Entre essas foram citadas: os cursos de formação de analistas das sociedades junguianas, workshops de caráter predominantemente vivencial, cursos de extensão cultural, grupo de estudos sobre sonhos ou contos de fadas e pesquisa individual ou em grupo no campo das imagens.

No curso de formação das sociedades junguianas a aproximação das imagens ocorre com enfoque na amplificação e na leitura simbólica de casos clínicos e de eventos socio-culturais. Na época em que os entrevistados freqüentaram esses cursos não havia nas sociedades propostas de caráter vivencial ou que propiciassem a integração de outras experiências como a perspectiva corporal e a perspectiva artística. Essa situação parece estar mudando sobretudo nas sociedades junguianas americanas.

A abordagem vivencial da imagem via workshops pode ser uma alternativa eficaz para se alcançar uma aproximação fenomenológica do universo imagético. O trabalho com imagens associado a técnicas de relaxamento e massagem pode favorecer uma entrada na imagem enquanto um espaço vivencial integrado ao corpo. Em São Paulo essa é uma tendência resultante das propostas de Sandor.

Os workshops de sonhos tem sido cada vez mais freqüentes em encontros científicos ou em programas de extensão de entidades formadoras. Aborda-se os sonhos não de uma perspectiva teórica ou simbólica, mas sim por intermédio de exercícios que favorecem a recuperação do sonho e a exploração de suas imagens de modo vivencial. Essa modalidade de aproximação da imagem tem demonstrado sua eficácia enquanto recurso didático, na medida que possibilita uma experiência imediata de trabalho com o sonho e com a linguagem imagética. Indica também possibilidades clínicas alternativas ao setting individual, interpretativo ou amplificador.

Outro recurso utilizado pelos entrevistados para complementação de sua formação acadêmica foi a participação em cursos de extensão. Esses de caráter mais teórico parecem ter possibilitado uma aproximação da imagem via integração de outras linguagens que não fazem parte da formação tradicional do psicólogo. A linguagem corporal, a linguagem artística e a linguagem simbólica.

A linguagem corporal, constituída das imagens registradas no corpo, é de fundamental importância no trabalho clínico, uma vez que oferece indicadores sobre a realidade psíquica do indivíduo e uma visão mais integrada da mesma. A linguagem artística possibilita um refinamento da percepção da imagem e de suas qualidades. Por intermédio dela adquire-se noções de cor, forma, movimento, enquadre, som, perspectiva, textura, intensidade, entre outras, fundamentais no contato com a imagem. E a linguagem simbólica dos contos de fadas, mitos e sistemas religiosos ou filosóficos, oferece mapas que possibilitam a localização da experiência humana por meio de parâmetros universais (amplificação), como também favorece o desenvolvimento de uma modalidade de pensamento mais próximo ao fenômeno imagético (abordagem imagética).

Outra referência de aproximação com a questão da imagem é a pesquisa da imagem em seu próprio campo fenomenológico. Partindo de sonhos ou de outras imagens, observa-se o desenvolvimento do fluxo imagético por meio das associações, das analogias, das novas referências que surgem e se agregam à imagem, e por último discute-se esse processo procurando identificar as suas peculiaridades e os seus movimentos, sem a preocupação de interpretá-lo ou de atribuir-lhe um sentido.

Do contato com a psicologia analítica os entrevistados encontram referenciais que favorecem uma aproximação mais efetiva com a questão da imagem. Entre esses foi citado o conceito de arquétipo, que além de propiciar uma perspectiva de abordagem da imagem, propicia também uma perspectiva válida para a investigação em outros campos, como a arte e a arteterapia, a mitologia, estudo das religiões, ecologia, estudo dos contos de fadas, etc. A noção de arquétipo permite abordar os mais variados fenômenos ampliando-os para além do concreto, da descrição e da conceitualização, e dessa forma agrega a eles realidade psicológica.

Devido a sua natureza totalizante, o arquétipo integra à compreensão, o transcendente, o não delimitado e o emocional, abrindo caminho para a integração da

espiritualidade ao conhecimento. Os fenômenos não são meros fatos objetivos, sem alma; além de sua concretude eles têm uma expressão espiritual que pode ser captada via imagem. Por outro lado, a imagem arquetípica não pode ficar somente no plano espiritual, solta e desconectada da dimensão empírica. Ela necessita ser integrada à consciência e à realidade imediata via ego. Para que o seu sentido possa ser decantado e assimilado pelo ego, sem que este seja destruído pela invasão descontrolada de imagens, o arquétipo tem que adquirir forma, substância e concretude.

O processo de formação dos entrevistados ocorreu *com a contribuição de vários autores junguianos*. Além de Jung grande parte dos autores da primeira, segunda e terceira geração de autores junguianos refletiu sobre a questão da imagem. Percebe-se nestes autores enfoques diferenciados que estão diretamente associados aos desenvolvimentos ou escolas da psicologia analítica.

Os autores da primeira geração parecem estar mais próximos das idéias originais de Jung e seu método de abordagem do psíquico que enfatiza a amplificação e a perspectiva simbólica. Entre esses foi citada Marie Louise Von Franz, colaboradora imediata de Jung que escreveu vários estudos sobre contos de fadas, alquimia e mitos, sempre apoiada em amplificações culturais. Dotada de uma imensa capacidade associativa e de uma clareza de raciocínio impar, sua obra foi fundamental para a consolidação da psicologia analítica, contribuindo de forma expressiva para que as idéias e o método de Jung se tornassem mais acessíveis. Porém faz-se uma crítica a sua obra na medida que suas amplificações muitas vezes sugerem um sentido muito fechado para as imagens, beirando a interpretação psicológica, o que de fato chegou a ser defendido pela própria autora em um dos seus trabalhos (Von Franz, 1990)

Outro autor citado foi Fordham, analista inglês que fez grandes contribuições no campo da psicoterapia infantil. Esse autor e a escola inglesa da psicologia analítica incorporaram muitas idéias da escola inglesa de psicanálise (Klein e Winnicott) e se distanciaram de princípios fundamentais da psicologia analítica. Por isso são frequentemente acusados de tentarem desvirtuar a psicologia analítica em favor da psicanálise. No tocante às imagens também percebe-se essa influência, tanto no

modo de compreendê-la quanto de abordá-la, tendendo a uma abordagem interpretativa e reducionista da mesma.

Do universo de autores brasileiros foram citados Nise da Silveira e Carlos Byington, ambos profundamente influenciados pela abordagem simbólica da imagem, pelo método de amplificação cultural e pelo predomínio da noção de self no entendimento do funcionamento psíquico.

Além desses autores que estão mais alinhados com a escola junguiana clássica de tradição européia, James Hillman foi citado com unanimidade junto com outros autores da escola arquetípica, Thomas Moore, Henri Corbin e Patricia Berry. Nas entrevistas realizadas Hillman é referido como um marco, como um autor que mudou a perspectiva de abordagem da imagem, trazendo-a mais para o campo fenomenológico, operacional e não interpretativo.

Apesar da influência dos autores da escola clássica, percebe-se que as idéias de Hillman estão em evidência sobretudo no que diz respeito à prática clínica dos entrevistados. A tendência extremamente espiritualizante e muitas vezes interpretativa da escola clássica e desenvolvimentista é criticada e deixada em segundo plano em favor de uma abordagem fenomenológica e não interpretativa.

Dos autores da escola arquetípica acima citados é importante destacar as contribuições de Henri Corbin (1972), grande estudioso da cultura oriental que introduz a idéia de *mundus imaginalis* fundamental para essa escola. As valiosas contribuições de Patricia Berry (1974) sobre o trabalho com sonhos. E mais recentemente os estudos de Thomas Moore (1993) sobre a “re-animação” da consciência pela imagem.

Das quatro formas de aproximação da imagem citadas anteriormente, análise pessoal, experiência artística, estudo de simbologia e vivência corporais, somente esta última não aparece bem configurada nos autores citados. Apesar de Hillman abordar a experiência da imagem no corpo não é este o seu eixo central. Não foram citados autores que indiquem referências teóricas consolidadas sobre a experiência corporal da imagem, o que pode sugerir que esse tema é ainda muito recente e predominantemente empírico.

Em relação a influência de Sándor, essa parece ter ocorrido predominantemente no plano prático, pois ele não aparece entre os autores citados.

Em termos de reflexão teórica Jung ampliou de modo significativo a discussão sobre imagem e o símbolo, atribuindo-lhes papel fundamental na sua abordagem psicológica. Embora reconheçam a importância da noção de imagem na psicologia analítica, os entrevistados sugerem que a aproximação dessa questão ocorre também *com a contribuição de outros referenciais teóricos*. Todas as teorias psicológicas trabalham em níveis diferentes com a imagem; umas valorizam mais, outras menos, dependendo da perspectiva psicológica que propõem.

A fenomenologia oferece subsídios para uma abordagem imagética, ou seja, mais centrada no fenômeno do que no seu significado e mais pautada em uma atitude não-interpretativa do que na interpretação dos fenômenos. Na obra de Jung percebe-se a tentativa de uma aproximação fenomenológica do psíquico, embora muitas vezes ofuscada pelo uso intensivo da amplificação. É a psicologia arquetípica que irá consolidar essa tendência numa atitude clínica predominantemente voltada para a realidade fenomenológica dos eventos psíquicos.

Entre os autores da fenomenologia destaca-se o trabalho Medar Boss (1979) sobre os sonhos. Baseado na fenomenologia hermenêutica de Heidegger, afirma que o existir-humano (Dasein) revela-se tanto no estado de vigília quanto no estado de sonhar, sendo esses estados, formas de perceber e compreender a totalidade de tudo que existe no mundo.

A Gestalt também oferece contribuições para o estudo das imagens. Ao abordá-las como totalidades, como organismos integrados, busca explorar seus significados sem fazer uso da dissecação analítica. Explora a imagem em suas várias perspectivas procurando presentificá-la, vivenciá-la e torná-la mais nítida em seu próprio universo existencial. Várias práticas clínicas da gestalt terapia, especialmente com sonhos, parecem ter sido incorporadas por autores junguianos da nova geração como Johnson (1989) e Bosnak (1994).

Tanto a abordagem fenomenológica quanto a gestáltica encontram sua fundamentação em posições filosóficas que historicamente surgem como reações à visão positivista de homem. A fragmentação do pensamento analítico positivista distancia o homem da sua experiência imediata, destituindo-o da sua realidade existencial em favor dos entes da razão (teorias, conceitos). Ao buscar atingir os fenômenos em sua própria realidade existencial, essas correntes de pensamento abrem caminho para uma consciência totalizante, permeada por imagens.

Em relação às outras contribuições teóricas, destacou-se também a importância do estudo das teorias da percepção e da memória. Embora possam resultar em um reducionismo organicista essas possibilitam a integração dos aspectos orgânicos constitutivos dos processos da consciência.

Muitas vezes a aprendizagem do trabalho com imagens ocorre de forma empírica *em função de necessidades que se evidenciam na prática clínica*. Ao longo da trajetória profissional ocorrem situações que podem colocar em evidência aspectos que não fizeram parte da educação formal do terapeuta, exigindo respostas criativas ou redirecionamentos teóricos que possibilitem uma atuação clínica mais efetiva.

No âmbito da prática clínica percebe-se que o fenômeno imagético pode surgir como uma constatação empírica para a qual o terapeuta não se encontra instrumentalizado. Nesse caso, a busca de novos referenciais teóricos ou práticos pode ampliar o universo de respostas do terapeuta. Porém, não é sempre que as saídas para os impasses no campo da atuação clínica são encontrados em teorias pré-existentes, o que exige do terapeuta criatividade e disponibilidade para explorar outras formas de atuação. A experimentação clínica e a constatação de seus resultados pode aos poucos consolidar novas possibilidades de intervenção, que em si passam a constituir um novo referencial.

A necessidade de encontrar respostas para questões que se apresentam no âmbito clínico, não resulta somente em novas práticas, mas também em teorias que podem ser incorporadas como conhecimento científico, de modo que o aprendizado da imagem dá-se também no plano teórico *por intermédio da reflexão teórica sobre a imagem*.

Observa-se nessa esfera, tentativas de novas sínteses que ampliem a discussão sobre o fenômeno imagético dentro da psicologia analítica visando consolidar a sua fundamentação científica. Quatro aspectos teóricos foram referidos: a questão da imagem verbal, a questão da arte no contexto terapêutico, a questão da imagem vinculada a doenças orgânicas e a questão da imagem dentro da psicoterapia breve. Todas essas questões parecem indicar tentativas de preencher lacunas teóricas da psicologia analítica.

A discussão sobre as imagens verbais e a desliteralização do discurso, vêm sendo realizada pelos autores da escola arquetípica e parece ter avançado no plano teórico, com a ampliação das reflexões iniciais de Jung sobre a linguagem poética, como no âmbito da prática clínica, com a introdução dos recursos da abordagem imagética.

A reflexão sobre a inserção da arte como instrumento clínico tem buscado ampliar as idéias de Jung sobre o potencial terapêutico da expressão artística mediante a interlocução com teóricos da arteterapia. O resultado dessa discussão parece avançar no sentido de uma arteterapia de base junguiana.

Em relação a questão da imagem vinculada a doenças orgânicas, a discussão também parte de idéias lançadas por Jung, porém pouco desenvolvidas por ele e pelos autores da primeira e segunda geração, e se desenvolve na esfera teórica e prática. Nas últimas duas décadas observa-se a ampliação dessa discussão. Em São Paulo destaca-se o trabalho do Núcleo de Psicossomática de base junguiana da faculdade de psicologia da PUC, que tem desenvolvido estudos com pacientes portadores de problemas cardíacos (Ramos, 1995) e outras disfunções orgânicas.

Com a necessidade de novas modalidades de atendimento de caráter breve e institucional, a discussão sobre recursos facilitadores que ampliem e favoreçam a expressão dos pacientes vai tocar a questão da imagem. Essa discussão está ainda pouco sistematizada e que parece focar mais as técnicas clínicas que têm como base a produção de imagens, do que a reflexão sobre as potencialidades mobilizadoras e catalizadoras da imagem e sua importância para os processos clínicos de curta duração.

C. Indicações sobre a questão da imagem na formação do profissional

Nesse eixo procurou-se identificar situações educacionais que possibilitem o aprendizado no âmbito das imagens durante o processo de formação do psicólogo. Coerentemente com o processo de aprendizagem dos entrevistados observa-se indicações e sugestões que se aplicam ao meio acadêmico assim como também ao extra-acadêmico.

A formação acadêmica do psicólogo como está configurada nos currículos das faculdades de psicologia, prioriza a aquisição de conceitos fixos e a construção de uma persona profissional. O desenvolvimento e estruturação de uma identidade profissional passa por um processo análogo ao da formação da personalidade como um todo. Primeiro é preciso desenvolver as funções egóicas e adaptativas, para depois relativizá-las e ampliá-las com perspectivas mais criativas e individuais. Nesse sentido, pode-se pensar que a função da faculdade é desenvolver a capacidade de reflexão teórica do aluno, fornecendo-lhe instrumentos como os conceitos, a linguagem e um padrão de atitudes, que permitam a sua inserção em um campo do saber. Sem essa base comum não é possível construir um conhecimento que seja compartilhável e transmissível, que tenha validade para outras pessoas além do próprio sujeito.

Essa questão aumenta em importância quando se tem em vista a faixa etária dos estudantes universitários. Esses em sua grande maioria estão entre os 17 e 25 anos, momento em que a personalidade ainda não está completamente estruturada, e no qual o processo de formação profissional parece ser uma oportunidade oferecida pelo meio social para a auto afirmação do ego. A faculdade nesse caso funciona como um ritual de iniciação no mundo adulto e pressupõe uma certa dose de adaptação social. Abrir dentro do meio acadêmico espaço exagerado para experiências de caráter mais subjetivo pode prejudicar esse processo, levando a divagações muito personalísticas e a atitudes profissionais muito idiossincráticas e de pouco valor científico. Portanto priorizar uma introspecção intensa nesse momento da formação pode resultar em problemas adaptativos tanto do ponto de vista profissional como da personalidade como um todo.

Apesar dos riscos que oferecem as formas de aprendizado mais vivenciais, não é possível excluí-las por completo do processo de aprendizagem do psicólogo, pois elas fomentam uma aproximação mais efetiva com a realidade da psique. É preciso portanto, discutir formas seguras de inserção dessas modalidades de aprendizado no cursos acadêmicos ou extra-acadêmicos.

Uma perspectiva educativa de caráter vivencial pode ser hipotetizada, porém a estrutura de ensino-aprendizagem teria que possibilitar situações continentais para as vivências psíquicas. Seria possível aprender a lidar com as imagens psíquicas *por intermédio de um curso que priorizasse a experiência imediata*, desde que estas

fossem acompanhadas de perto por um instrutor, como na relação mestre-discípulo, de modo a garantir a integridade psíquica do aluno. A diferença entre esse contexto de aprendizagem e o modelo tradicional seria o mesmo que há entre um monastério, onde a experiência religiosa é imediata, e uma faculdade de teologia, onde ela ocorre por meio do estudo das escrituras.

Apesar das limitações e dos objetivos do curso de graduação pode-se pensar situações educacionais que facilitem a aproximação da questão da imagem. Entre outras possibilidades, o aluno de psicologia poderia desenvolver habilidades para trabalhar com imagens *cursando disciplinas específicas na própria universidade*. Para tal seria necessário incluir a questão da imagem nos programas das faculdades na forma de disciplinas como: mitologia, estudo dos contos de fadas, estudo da arte, arteterapia, estudo comparado das religiões, psicologia do sono e do sonho, estudo da comunicação extrasensorial, etc.

Além disso pode-se utilizar métodos de ensino que favoreçam a prática com imagens por meio da expressão artística. Na discussão de um tema além da reflexão teórica-conceitual pode-se estimular a reflexão via imagens. Este recurso pode facilitar a aprendizagem levando o aluno a expressar artisticamente sua percepção sobre determinado assunto e a estabelecer uma conexão imediata com o mesmo. A compreensão nesse caso ocorre em duas perspectivas, a objetiva (conceito) e subjetiva (vivência).

Observa-se na faculdade de psicologia a falta de atenção para aspectos fundamentais da formação do psicólogo como, a educação da sensibilidade e da percepção via intuição. A sensibilidade é um recurso essencial para qualquer trabalho que envolva o ser humano, que na sua ausência torna-se mecânico e portanto, desumano. A capacidade de se deixar tocar pela realidade do outro, de fazê-la reverberar em sua própria experiência precisa ser despertada e educada, para que possa ser potencializada clinicamente. Esse processo pode ocorrer *por meio de atividades que despertem a sensibilidade*, como a sensibilização do corpo, a experiência artística e os exercícios de imaginação ou meditação.

Por meio de atividades corporais pode-se tomar consciência de registros perceptivos que se configuram no corpo. Aprender a ouvir a voz do corpo e a seguir seus

indicadores pode ser um recurso precioso na captação de sentido e na intervenção terapêutica¹⁰. Porém, a experiência corporal ainda está ausente na formação acadêmica do psicólogo, o que é uma limitação da mesma. Incluir o corpo na compreensão do psíquico parece ser o grande desafio da nova geração de psicólogos. Na faculdade seria importante também ampliar o contato do aluno com a expressão artística, não só no sentido de possibilitar oportunidades de expressão via linguagem artística, mas de levar o aluno a buscar nas obras de arte referências que possam auxiliá-lo na compreensão da psique. Ao ler um romance, ao ver uma peça de teatro, ao ouvir uma música, ao ver um quadro, em fim ao entrar em contato como uma forma de manifestação artística, entra-se em contato com a experiência humana em toda a sua complexidade. Não trata-se de estimular interpretações psicológicas das obras de arte, pois isso resultaria em um empobrecimento das mesmas, mas sim de ativá-las como imagens que possam servir como indicadores no trato do psíquico. Outra forma de desenvolver a sensibilidade do aluno pode ser levá-lo a se exercitar em outras modalidades de percepção e de captação de sentido via imagens. Ao tocar a realidade por meio das imagens que se configuram na sua consciência o aluno pode estabelecer um contato afetivo e empático com a mesma, o que favorece uma compreensão que ocorre também no plano emocional. Esses exercícios podem ser desenvolvidos em disciplinas teóricas, mediante a prática da amplificação ou da pesquisa com imagens expressas; como também em disciplinas teórico-práticas ou na supervisão de casos clínicos, por meio de vivências com imagens.

O estudante de psicologia pode aprender a trabalhar com imagens *fazendo exercícios de amplificação*. Nos cursos de formação das sociedades junguianas a técnica de amplificação é amplamente desenvolvida; busca familiarizar o terapeuta com os referenciais culturais das imagens psíquicas. Esses referenciais são constituídos das várias expressões de uma mesma imagem em diversos contextos culturais e servem como mapas que ajudam o terapeuta a se situar frente ao material psíquico com o qual trabalha.

No meio acadêmico os exercícios de amplificação podem favorecer a ampliação do repertório de referenciais imagéticos e por conseguinte, das possibilidades de

¹⁰ Bosnak (1994), oferece uma elucidativa descrição desse processo no trabalho com sonhos.

entendimento e intervenção dos alunos. Esse método pode ser aplicado tanto na compreensão de situações psíquicas individuais como no estudo das manifestações psíquicas coletivas.

No sentido inverso ao da postura acadêmica tradicional, que estimula a interpretação dos fatos a partir das teorias, a amplificação leva o aluno a realizar uma leitura não-reducionista dos fenômenos. A amplificação presentifica, enriquece, amplia e explora as múltiplas perspectivas sem destituir o fenômeno de sua própria natureza, levando a uma atitude mais fenomenológica e menos interpretativa.

Pode-se aprender a trabalhar com imagens *fazendo pesquisa ou exercícios com imagens expressas*. Além da explicação teórica e conceitual sobre os eventos psíquicos, busca-se também uma aproximação fenomenológica dos mesmos levando o aluno a identificá-los em imagens expressas das mais diversas naturezas. O trabalho com filmes e imagens de revistas ou jornais é usado como ponte entre o conceito e as situações concretas e servem como ponto de partida para o desenvolvimento de uma perspectiva simbólica.

Ao buscar referenciais imagéticos para os conceitos como anima, animus e sombra nas situações cotidianas, estes passam a reverberar em situações reais e ganham vida. As situações cotidianas, por sua vez, perdem o seu literalismo e ganham uma perspectiva simbólica ou imagética. Essa perspectiva permite ampliar a percepção para além dos indicadores que se encontram manifestos.

Por outro lado, estimular o diálogo com a imagem antes de introduzir o conceito é uma possibilidade de aproximação que evidencia primeiro o contato direto e pessoal com o fenômeno para depois chegar ao seu entendimento e a sua conceitualização. Fazer o aluno permanecer com uma imagem e ir percebendo as suas qualidades, os seus movimentos, os seus indicadores, até que uma experiência ou um senso de orientação interna sejam ativados, para então formular uma explicação teórica, pode levá-lo a incorporar de modo mais efetivo e dinâmico conceitos abstratos abundantes no campo da psicologia.

O trabalho imaginativo com filmes além de estratégia didática tem se revelado um excelente instrumento clínico. No cinema, como em um sonho, as imagens são apresentadas dinamicamente dentro de uma estrutura dramática o que favorece a identificação projetiva. Por meio dos personagens ou das situações apresentadas em

um filme, é possível promover uma reflexão que inclui vivencialmente o sujeito levando-o a reconhecer e a elaborar a sua experiência.

Na faculdade é possível promover atividades vivenciais que levem a um contato mais próximo com a questão da imagem. Nesse caso os alunos podem aprender a trabalhar com imagens *trabalhando com as próprias imagens em grupos de vivências*. Nesses grupos os alunos partilham imagens de sonhos ou de outras fontes, desenvolvendo uma série de exercícios de reconstituição, aproximação e transformação da imagem. Acompanha-se vários processos de imagens e aprende-se, com a ajuda dos companheiros, sobre as próprias imagens e sobre as imagens dos outros, como também sobre o processo da imagem em si.

Porém, esse tipo de trabalho pode expor a intimidade do aluno trazendo a tona situações que ele não poderia ou não gostaria de partilhar com o grupo ou com certos elementos do mesmo. Nesse sentido é preciso garantir um grau de cumplicidade e confidencialidade entre os colegas que propicie uma situação grupal continente para tal exposição. Isso só pode ser obtido se o grupo for constituído por pessoas que se escolham mutuamente e não por imposição da faculdade ou do professor.

Outro aspecto delicado do trabalho com vivências de imagens é que ele pode desencadear um fluxo de fantasias nas quais as imagens ruem de qualquer jeito podendo levar a uma crise psicótica. A pessoa que conduz esse tipo de atividade tem que ter muita familiaridade com os processos imagéticos e ter capacidade de trazer a imagem para um contexto vivencial seguro. Caso contrário, pode-se mergulhar em divagações, em uma esfera inconsciente, em um esoterismo fácil e ficar encantado pelas imagens sem poder estabelecer uma conexão criativa com a dimensão consciente.

Apesar da riqueza de possibilidades que a vivência com imagens pode oferecer, ainda é preciso refletir melhor como viabilizá-la no contexto acadêmico. Uma alternativa seria oferecê-la como disciplina optativa ou extra curricular na qual o aluno se engajasse voluntariamente e com o grupo de sua escolha. Nesse caso, o professor responsável além de ter experiência clínica, não deveria pertencer ao quadro de professores da universidade, evitando assim a contaminação entre as situações vividas no grupo e as outras situações acadêmicas.

A supervisão de atendimentos clínicos é uma situação acadêmica na qual o aluno de psicologia pode aprender a trabalhar com imagens. Nesse caso, o professor deve levar o aluno a refletir não somente de uma perspectiva distanciada e teórica, mas também de uma perspectiva emocional e imagética, possibilitando o desenvolvimento de uma atitude clínica diferenciada, na qual a compreensão inclui instrumentalmente a experiência do próprio terapeuta.

Abandonar uma postura interpretativa que busca entender e explicar a situação de vida das pessoas à luz de uma teoria psicológica, pode favorecer a abertura necessária para uma intervenção terapêutica que ocorre na interseção, no encontro entre duas psiques, a do paciente e a do terapeuta. Para que esse encontro ocorra é preciso desenvolver a capacidade imaginativa do terapeuta, que irá habilitá-lo a reagir à realidade do outro a partir da sua própria psique e não dos conceitos teóricos aprendidos.

No estudo de casos clínicos em supervisão pode-se estimular o aluno a refletir a partir das imagens que ele tem sobre o paciente, ou mesmo das imagens que o supervisor ou os outros elementos do grupo vão formando do relato dos atendimentos. Essas imagens não têm a finalidade de explicar a situação, mas sim de oferecer outros parâmetros que possam amplificá-la e torná-la mais próxima da experiência do terapeuta. Após explorar a situação terapêutica em função das imagens que ela desperta pode-se chegar a uma explicação teórica sem que essa signifique um reducionismo ou um distanciamento da situação estudada, e sim uma perspectiva de aproximação do caso, entre outras.

Fazer o aluno falar sobre as imagens que tem do paciente, pode ajudá-lo a identificar melhor como foi tocado pela realidade psíquica do mesmo. Desse modo, leva-se o terapeuta em treinamento a reconhecer seus pontos de identificação e a instrumentalizá-los como potencialidades de relação com o paciente. Trabalhar conscientemente com esses aspectos diminui o perigo da contaminação psíquica e da atuação inconsciente dos mesmos e gera uma aproximação viva entre o aluno e o paciente, uma vez que na reflexão está incluída a relação.

Ao ser incluído na compreensão do caso o aluno tende a conservar uma atitude mais cautelosa em relação ao paciente; evita-se assim os perigos de uma atitude prepotente e distanciada. Na medida que as imagens que norteiam a discussão do caso são

produtos imediatos de sua percepção e não idéias de teóricos distantes, o aluno torna-se um co-autor, ativo e responsável desse processo.

Incluir a reflexão por imagens na discussão de casos clínicos apresenta também a vantagem de incluir na compreensão aspectos que foram captados via intuição. No treinamento do psicólogo pouco se fala sobre a intuição que é de extrema importância na captação da complexidade psíquica do paciente e no estabelecimento de uma relação terapêutica efetiva. Fazer o aluno reconhecer as imagens que vão se constelando no contato com o outro, pode ajudá-lo a desenvolver a sua percepção intuitiva e a instrumentalizá-la na situação clínica.

Outra maneira do aluno aprender a trabalhar com imagens no contexto acadêmico é *estudando os testes projetivos*, uma vez que esses possibilitam a avaliação da imagem visual de forma instrumental e objetiva. Por intermédio do HTP, do teste da árvore, do desenho da família, entre outros testes que trabalham com expressão gráfica do paciente, aprende-se a observar as imagens e a identificar o seu comportamento expressivo. Aprender a identificar a qualidade do traçado em termos de intensidade, continuidade, firmeza, cores, dinamismo, etc., e seu sentido, pode ser o primeiro passo para o trabalho com imagens.

Os testes que trabalham com pranchas projetivas como Rorschach, TAT e CAT também oferecem oportunidade de observação do processo imagético em um contexto sistematizado. Mesmo partindo de imagens prontas, o processo associativo que ocorre nesses testes desencadeia a produção de imagens que extrapolam a atividade descritiva. Ao falar sobre as pranchas o sujeito revela imagens que foram ativadas em sua psique que vão muito além do fato observado. Portanto, o treino nesses testes pode levar a um refinamento da escuta do terapeuta, capacitando-o a identificar as imagens que se interpõem entre a percepção e o relato do que foi percebido.

O estudante de psicologia pode aprender sobre a atividade imagética *lendo autores que escreveram sobre imagens*. Na literatura junguiana há muitos autores que escreveram estudos cuja reflexão ocorre por intermédio da análise de sonhos, de obras de arte, de contos de fadas ou mitos. Esses estudos são fontes preciosas de contato com as imagens na medida que introduzem o leitor em uma modalidade de

reflexão de caráter imagético. Entre esses autores encontram-se: Edinger, Von Franz, Neumann, Hilmann, Bosnak e Nise da Silveira.

Além da formação específica em psicologia o aluno pode ampliar as possibilidades de aproximação da questão da imagem *adquirindo uma formação cultural global*. Todo psicólogo deve ter em sua formação contato com a cultura geral da humanidade: a literatura, a mitologia, a história, a história da arte e das religiões. Uma vez que a psique se manifesta na arte, nas religiões, nos mitos e na história, a cultura do psicólogo permite que ele aborde melhor não só a imagem como a psique como um todo.

A perspectiva cultural dá profundidade e alma aos eventos, revelando sua rede de conexões e significados. Por meio das imagens presentes na cultura, as experiências mais comuns podem ganhar um outro contexto e uma outra forma de articulação na consciência. O que é aparentemente banal e sem valor quando contrastado com experiência humana ao longo da história, pode revelar-se original e cheio de valor.

A educação cultural não se adquire só no meio acadêmico, ela é fruto das experiências que vão da educação formal às várias possibilidades de contato com a cultura. Isso inclui, a leitura das mais diversas fontes literárias – poesia, mitos, contos de fada, textos religiosos, etc. – a convivência com obras de arte de todos os gêneros – pintura, escultura, teatro, cinema, dança, música, etc.– o contato com outras culturas e religiões, enfim todo tipo de experiência que amplie os referenciais sobre a natureza da humana.

Paralelamente à formação acadêmica, pode-se aprender a lidar com imagens *trabalhando com as próprias imagens em terapia*. A vivência direta com as imagens possibilita uma relação viva com as mesmas e leva o indivíduo a perceber o símbolo atuando na sua experiência imediata. Nesse caso o processo imagético vai sendo desvelado na experiência psíquica individual, na qual é possível identificar o seu desenvolvimento, o seu sentido prospectivo e sua atividade criativa.

No processo terapêutico de psicólogos, muitas vezes a passagem do teórico-conceitual para a imagem ocorre naturalmente. Na medida que o psicólogo vai experienciando sua psique por intermédio das imagens de sonhos ou fantasias, ou mesmo de uma imagem que está por trás de uma situação ou queixa, percebe que nas

imagens, há contemporaneamente indicadores que ampliam a sua auto percepção e algo que o toca e o faz vibrar emocionalmente. Nessa experiência pode ir transformando o seu conhecimento teórico em compreensão psíquica, na medida que seus conceitos vão sendo conectados com suas imagens internas.

O caráter hermético da relação psicoterápica parece oferecer um contexto mais seguro para esse tipo de aprendizagem. Quanto mais profunda e continente for essa relação, mais ela pode oferecer as condições necessárias para a transformação e enriquecimento da consciência pelo fluxo de imagens.

D. A inserção da imagem na prática clínica

Nesse eixo procurou-se investigar a operacionalização da questão da imagem no trabalho clínico dos entrevistados e identificar referenciais que contribuam para a instrumentalização da linguagem imagética na prática clínica, como para a reflexão no campo teórico.

Foram investigados alguns pontos de relevância para a situação clínica: aspectos da inserção da imagem no contexto psicoterápico, dificuldades dos pacientes no trabalho com imagens, a relação da imagem com a cura e a ampliação de consciência, a observação do fluxo de imagens enquanto referência do processo de individuação, o uso da amplificação, o uso da interpretação e da abordagem não-interpretativa, o uso da imaginação ativa, o trabalho com sonhos individual e em grupo, o uso de recursos facilitadores da formulação via imagens, a articulação imagética do discurso e por último, o papel das imagens na captação da transferência e contratransferência.

- A inserção da imagem no contexto psicoterápico

A maneira de trabalhar com imagens é resultado da experiência direta com imagens e não da aplicação de formulações teóricas. Não há regras nem procedimentos pré estabelecidos que possam direcionar ou determinar o trabalho clínico com imagens. O modo de trabalhar vai sendo construído na práxis terapêutica, no fazer analítico. Ao tomar como referência as suas imagens e o modo como as utiliza na captação de

sua experiência, o terapeuta vai encontrando possibilidades de abordagem das imagens e aos poucos constrói uma prática terapêutica que surge do próprio contexto psicoterápico.

Nesse sentido, o contato com a imagem na situação analítica leva a diferentes formas de intervenção que irão refletir a personalidade e as experiências do terapeuta. Não há uma técnica delimitada, mas sim uma abertura e um diálogo criativo com esse fenômeno na busca de caminhos que favoreçam a sua instrumentalização clínica.

O trabalho com as imagens exige uma atitude imaginativa caracterizada por um campo mental aberto que favoreça a insegurança e a instabilidade do processo associativo imagético. Para que se tenha acesso à outras formas de captação e relação com a psique, é preciso saber criar um estado de consciência que favoreça a intervenção do fluxo de imagens na percepção, mesmo que isso resulte em desorientação ou falta de controle momentâneos. O psicólogo que não for imaginativo e criativo terá dificuldade em permitir que a fluência da imagem ocorra. Contrariamente à abordagem interpretativa ou comportamental da imagem, na qual as formulações já estão prontas e servem como direcionamento técnico no trato da mesma, a abordagem imagética busca estabelecer um campo de consciência fluído, instável muito próximo do delírio e da loucura. Nesta abordagem é necessário aprender a lidar com o limite entre a loucura e a criatividade, mantendo a conexão com a realidade concreta. Portanto, o terapeuta tem que ter a capacidade de entrar e de sair da fantasia, sem a qual pode perder a sua função terapêutica e desencadear um processo desestruturante no paciente.

As imagens precisam ser conectadas com a realidade concreta para que seja efetivada uma conexão com a consciência. A pura observação do fluxo de imagens evolve um perigo podendo fomentar um estado de alienação. A imagem passa a ser uma função psíquica quando possibilita o relacionamento, a conexão e a ligação entre consciente e inconsciente, entre o sujeito e o mundo, entre o sentimento e a razão, entre o corpo e o espírito, enfim quando funciona como interface na qual se dá o encontro, a transformação e a síntese dessas polaridades e possibilita o desenvolvimento psíquico.

Permanecer somente no campo das imagens sem estabelecer conexões com a consciência e com a situação de vida concreta da pessoa pode levar a um estado de inflação, de auto-referência, de cisão e alienação. O uso intensivo da amplificação arquetípica ou da explicação intelectual paralisa a imagem em uma polaridade e não possibilita a transformação da situação psíquica em sua totalidade. O sujeito permanece com explicações maravilhosas, com reflexões teóricas brilhantes, mas perde o contato com a complexidade psíquica de sua experiência imediata.

Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos no sentido de favorecer a produção, a expressão, e a observação de imagens, porém é comum a ausência de um diálogo criativo com as mesmas que propicie a estruturação e o enriquecimento da consciência. Deposita-se no movimento auto regulador da psique todo potencial de cura e as imagens servem tão-somente, como referência desse processo. Nesse caso, a imagem não é potencializada como ponte entre o processo auto regulador e a consciência e o desenvolvimento psíquico parece ocorrer dissociado da mesma.

Observa-se com freqüência no tratamento de psicóticos o registro de imagens belíssimas que indicam potencialidades psíquicas fantásticas que permanecem em estado potencial no inconsciente, sem realização no plano consciente. Geralmente o que é relatado como melhora do estado clínico do paciente refere-se mais à diminuição da intensidade da atividade delirante e como consequência, o alívio do sofrimento, do que à estruturação da consciência e uma melhor adaptação do indivíduo à sua realidade imediata. Ocorre uma despontencialização da atividade inconsciente por meio da objetivação da imagem, porém a imagem pela imagem não é suficiente; falta uma tentativa de conexão com a mesma em busca da realização de seu potencial criativo e transformador.

É no confronto com a consciência que a imagem pode concretizar o seu potencial amplificador – enriquecendo a consciência com novos referenciais –, ou sua função estruturante – dando forma e sentido para os desdobramentos do processo de desenvolvimento psíquico. O potencial amplificador pode ser favorecido quando o indivíduo é levado a lidar com suas fantasias de modo construtivo e as imagens passam a ser usadas como referencial para a captação e o entendimento da experiência concreta. Busca-se uma conexão entre o concreto e o espiritual nas experiências do dia a dia que evidencie a noção do self na realidade concreta.

No caso da função estruturante, esta é ativada quando as imagens funcionam como possibilidades plasmadoras e estruturantes de conteúdos inconscientes. Por intermédio da imagem estes conteúdos recebem formas continentais que favorecem uma ponte de comunicação com o ego.

A imagem pode ser conectada à consciência via palavra, via corpo, via realidade concreta ou qualquer outro meio que possibilite verificar os seus indicadores, explorar o seu sentido prospectivo e estabelecer um diálogo ativo e construtivo com a mesma. Apesar de ser pela palavra que o significado é integrado à consciência, a compreensão não se restringe ao plano mental, necessitando traduzir-se também em uma atitude. A verdadeira compreensão é aquela que ocorre numa ação e o significado fica claro na medida que a execução de uma mudança é realizada. Depois da execução o significado pode ser nomeado.

As imagens que vêm por intermédio do corpo podem ser um meio de integração entre a dimensão corporal e espiritual possibilitando uma atuação que não reduza nem a um nem a outro. As imagens registradas no corpo são um importante recurso terapêutico uma vez que, graças a sua concretude, podem favorecer a conexão com a consciência e a realidade imediata.

Na história da psicologia percebe-se uma oscilação entre o orgânico e o puramente psíquico, mas falta ainda uma perspectiva integradora. A psicanálise começa com a neurologia e aos poucos se desencarna e a psicologia analítica, inversamente, reconhece cada vez mais que o símbolo é algo concreto. Busca-se uma psicologia que não reduza o psíquico ao orgânico nem o orgânico ao psíquico, postulando essas dimensões como polaridades da mesma realidade.

Na psicologia analítica observa-se dois movimentos que buscam integrar o fenômeno psíquico e o orgânico. O primeiro é aquele que vê nos eventos corporais expressões simbólicas que buscam uma conexão com a consciência, e o segundo é aquele que vê no corpo um meio de estimulação de processos psíquicos.

No primeiro caso o sintoma orgânico é visto como um símbolo que precisa ser integrado e não simplesmente eliminado. Por intermédio do sintoma é possível reconhecer no corpo a configuração de um processo que está polarizado na expressão corporal. Na medida que a imagem corporal é presentificada é possível iniciar um diálogo criativo entre a consciência e a mesma. Trabalhar esta configuração em um

outro plano, favorece a liberação dos aspectos corporais da expressão do símbolo e a redistribuição da energia psíquica.

No segundo caso inclui-se o corpo no contexto psicoterápico como um veículo ativador de imagens. Mediante atividades corporais—relaxamento, exercícios de respiração, calatonia, entre outros—, estimula-se a produção de imagens. Essas técnicas revelam tentativas de abordagens terapêuticas que incluam a relação corpo/psique, portanto não devem perder de vista a questão da “relação”. Desencadear o fluxo de imagens sem estabelecer conexão com a consciência pode ser perigoso. As imagens que afloraram da estimulação corporal, devem ser conectadas à realidade imediata e à consciência.

Apesar do crescente interesse que a questão da expressão corporal da imagem desperta, ela é ainda pouco discutida pela psicologia analítica. No Brasil, graças a abertura que se tem em relação ao corpo, essa questão parece encontrar grande receptividade e tem se configurado uma contribuição importante por parte de psicólogos brasileiros.

As imagens favorecem a potencialização de aspectos da personalidade da pessoa na medida que são trabalhadas no campo da consciência. Isso não significa interpretar imagens, mas buscar nelas referências imediatas sobre as múltiplas possibilidades inerentes às situações vividas pelo paciente. Partindo de uma imagem é possível trabalhar a situação de vida na qual essa imagem é dramatizada e verificar de que modo ela indica possibilidades de atuação ou de compreensão. Nas imagens configuram-se as múltiplas perspectivas da personalidade do indivíduo que ao serem confrontadas com o ego, podem ampliar o campo da consciência e de ação.

Correntes psicológicas mais diretivas também utilizam da imagem como ativadoras de potenciais psíquicos. Busca-se alterar o planejamento que a pessoa tem para ela mudando a sua auto-imagem. Nesse caso, porém, predominam as imagens produzidas pelo ego que tentam potencializar aspectos da personalidade que são percebidos como necessários em um dado momento. Esse tipo de abordagem pode ser útil sobretudo quando o objetivo terapêutico é a fortificação do ego.

O valor que a imagem adquire depende da forma como o terapeuta trabalha e da importância que dá a ela. Apesar do seu valor intrínseco a imagem só é

potencializada no contexto clínico se o terapeuta lhe conferir crédito, caso contrário o fenômeno imagético pode ficar à margem da situação terapêutica.

Muito do que se potencializa na imagem tem a ver com o enfoque dado pelo analista e com a relação que ele estabelece com a mesma. Se ele está preocupado com a função compensatória é esta função que será enfatizada, se está enfocando o processo de individuação é este processo que será evidenciado e se está preocupado com a questão da racionalidade é em relação a esta função que abordará a imagem. Mesmo sendo impossível uma abordagem totalmente isenta de projeções e direcionamentos, o terapeuta deve refletir sobre aquilo que procura, nas imagens como nos processos psíquicos em geral, para não correr o risco de cair em reducionismos ou numa visão unilateral.

Esse risco parece ser minimizado quando o trabalho com a imagem permanece no campo fenomenológico da imagem. Não procura-se nada, simplesmente cria-se um espaço para que as imagens se configurem e busca-se uma atitude de contemplação, um debruçar religioso sobre as mesmas, na tentativa de evidenciar a sua própria fala. Também nessa situação a atitude do terapeuta é fundamental, uma vez que é a sua maneira de ver o mundo que desperta no outro novas perspectivas. Se ele vê o mundo através de imagens, pode levar o outro a despertar as suas próprias imagens; se ele tem a capacidade de permanecer no campo das imagens pode levar o outro a fazê-lo. Ao fazer a imagem reverberar no outro e na relação analítica potencializa a imagem em si mesma sem reduzi-la a uma determinada perspectiva.

As imagens favorecem uma visão holística por isso é importante abordá-las em todos os seus aspectos para que se estabeleça contato com essa forma de comunicação. Permanecer no campo da imagem sem traduzi-la ou reduzi-la aos seus componentes, permite trazer à consciência uma outra modalidade de comunicação, de caráter totalizante, polissêmico e sincrônico.

A imagem é uma forma comunicativa em si própria e contém os seus próprios significados, portanto não precisa ser interpretada e sim conectada. Para isso é preciso explorar todas as várias maneiras de observar, de reagir, de vivenciar e de imaginar atuando na própria imagem e atribuir-lhes um papel de igualdade quanto ao seu valor e significado. Busca-se uma abordagem democrática, na qual todos os aspectos da imagem são igualmente importantes.

- Dificuldades dos pacientes no trabalho com imagens

As dificuldades no trabalho com imagens podem surgir em decorrência do tipo de personalidade da pessoa. Há pessoas que têm uma perspectiva mais racional, mais lógica e é mais difícil abordá-las por meio das imagens, na medida que elas têm necessidade de exercer certo controle via discurso. Há outras porém, que vêm o mundo por intermédio das imagens, nesse caso é possível começar por essa linguagem.

As pessoas que têm um mecanismo de defesa muito rígido e o ego estruturado por parâmetros muito cristalizados dificilmente possibilitam a expressão do fluxo imagético. Não lembram de sonhos, não conseguem fantasiar sobre as situações vividas e agarram-se a uma atitude explicativa, tentando explicar e justificar tudo que lhe ocorre. Nessas ocasiões tem-se a impressão de que o paciente espera do terapeuta uma reafirmação sobre aquilo que já sabe sobre si mesmo e não uma outra perspectiva.

Quando há muita resistência é preciso respeitá-la, pois ela pode estar exercendo a função de preservar a integridade psíquica do indivíduo. Nesse caso, forçar a entrada na esfera inconsciente pode desencadear um processo desestruturante ou patológico. Ao fazer o convite para entrar no campo das imagens deve-se considerar atentamente a capacidade da pessoa de fazê-lo. Se o resultado for negativo utiliza-se a imagem mais como uma referência para o terapeuta, que deve traduzi-las em outra linguagem até que possa trabalhar diretamente com as mesmas.

Apesar das dificuldades em relação ao universo imagético, é nele que se encontram as potencialidades criativas do indivíduo. Essas dificuldades, muitas vezes, são decorrente da falta de uma perspectiva interior; tudo o que o indivíduo vive é experienciado como algo externo, com valores e referenciais que vêm de fora. Já as pessoas que têm uma vida interior desenvolvida podem encontrar mais facilidade de entrar em contato com a dimensão criativa e ter acesso às respostas instintivas e individuais para os seus conflitos. Por meio das imagens que afloram na consciência integram novos referenciais que favorecem uma perspectiva consciente mais holística.

- Relação da imagem com a cura e a ampliação de consciência

O conceito de cura pode levar a uma atitude que está relacionada ao modelo médico no qual os fenômenos são entendidos como patologia. A noção de cura vem sempre associada à noção de doença, à disfunção ou à deformação. O que pode ser a expressão de um momento de vida é reduzido à doença, sendo que seus sintomas precisam ser eliminados ou corrigidos para o restabelecimento do equilíbrio original. Perde-se a imagem inerente à situação e em consequência seu potencial transformador.

O sintoma adquire uma perspectiva simbólica se visto como uma imagem portadora de sentido. Nesse contexto “cura” passa a ser integração e não eliminação do sintoma, e a doença indica um diálogo que tem que ser lembrado e estimulado. A função da terapia, é portanto, promover esse relacionamento.

As imagens podem conectar a pessoa à sua disfunção e às tendências curativas presentes na psique e favorecer uma relação consciente com as mesmas. Por meio da imagem inerente a uma doença é possível captar um sentido diagnóstico, como um sentido prognóstico. Mais do que a configuração de uma situação observa-se também o seu desenvolvimento e a sua tendência curativa.

Quanto melhor o indivíduo estabelecer uma conexão com o sintoma e saber ler os seus indicadores, mais próximo estará da cura. Portanto a cura é o diálogo que se constrói com a doença visando ampliar a consciência via sintoma. O sintoma visto como uma imagem é a porta de entrada para dimensões que precisam ser exploradas e integradas.

Entretanto a ampliação de consciência pode levar a insights que nem sempre estão associados à cura. A cura é polivalente, tem um sentido mais amplo e repercute além da consciência em todas as esferas da vida do indivíduo, na sua integração endo e ectopsíquica, no seu modo de agir e na sua forma de sentir.

A cura está vinculada à integração dos múltiplos aspectos do indivíduo e não somente à ampliação de sua consciência. Junto com o entendimento tem que vir a emoção. A cura está associada à ampliação de consciência somente quando esta não for reduzida ao plano mental. A consciência em seu sentido amplo e integral, tem

que ser considerada em todos seus aspectos, cognitivos, corporais, emocionais e ambientais, de modo integrado.

Amplia-se a consciência por meio da percepção daquilo que está inconsciente ou dissociado, mas a cura só ocorre quando esses fatores são integrados em sua totalidade, o que inclui a dimensão emocional, somática e comportamental dos mesmos.

A ampliação de consciência via imagem pode ser um método que possibilita uma percepção mais diferenciada, mas se não estiver conectada com a emoção não há cura. A mera observação estética ou intelectual do fluxo de imagens não produz integração e conexão emocional; nesse caso pode-se conhecer mais sem estar curado.

- Observação do fluxo de imagens enquanto referência do processo de individuação

As imagens podem indicar os desdobramentos do processo de individuação podendo auxiliar tanto o analista quanto o analisando a se localizar diante do mesmo. Ao se observar durante um determinado período as mudanças que ocorrem nas imagens de uma mesma categoria ou de um símbolo, é possível identificar o que está ocorrendo em relação ao desenvolvimento psíquico. O que primeiramente aparece de modo primitivo e indiferenciado pode evoluir para aspectos mais humanos e diferenciados, mas pode também permanecer inalterado ou mesmo regredir para condições ainda mais indiferenciadas. Em todos esses casos as mudanças na qualidade da imagem são indicadores que podem ser relacionados ao processo de individuação.

A observação do fluxo de imagens durante o processo psicoterápico oferece um panorama dinâmico do desenvolvimento psíquico do paciente e evidencia a sua lógica. O registro de imagens oferece ao terapeuta condições para analisar de que modo a energia psíquica se distribui em função da dinâmica compensatória e de que modo esta dinâmica repercute na vida da pessoa. Registrar sonhos, imagens de fantasias, desenhos e cenas de sandplay, é um instrumento clínico de grande importância, na medida que oferece ao terapeuta referenciais sobre o processo de desenvolvimento psíquico do paciente, como também, ajuda o paciente a se conectar conscientemente com esse processo.

As imagens universais do processo de individuação podem ser tomadas como referência na observação do fluxo das imagens presentes no processo de desenvolvimento psíquico de um indivíduo. Porém, imagens de desenvolvimento como: transformação do mineral para o vegetal, do vegetal para animal, do animal para o humano; imagens do processo alquímico ou da jornada heróica, são apenas referências que servem como indicadores e não como modelos fixos de desenvolvimento psíquico. Tomá-las como modelos universais inerentes a todo ser humano, pode resultar em reducionismo e no engessamento do processo de individuação.

- O uso da amplificação

Amplificar uma imagem é circular ao seu redor enriquecendo-a com associações pessoais ou culturais, tornando-a cada vez mais presente. No plano pessoal busca-se referências na experiência de vida do indivíduo e nas conexões que ele pode estabelecer diretamente com a imagem. O importante é clarificar e vivificar a imagem até que seja possível “entrar” nela e ir ampliando a sua presença na consciência.

A amplificação na esfera pessoal é suficiente para conectar o indivíduo ao sentido da imagem na maioria das situações clínicas. Porém, quando não é possível avançar nesse processo, pode-se buscar referenciais culturais que enriqueçam a imagem inicial até o momento em que o seu significado possa ser conectado à consciência. Nesse caso a imagem individual é revigorada e ampliada pelas imagens que o ser humano em geral tem sobre determinada situação.

Amplificar uma imagem é fazê-la ressoar em um plano mais amplo por intermédio de outros parâmetros. É uma atividade associativa que busca em paralelos da vida da pessoa ou em modelos de desenvolvimento arquetípicos, imagens que façam reverberar a imagem inicial, alterando, ampliando, reformulando e indicando outras perspectivas para a consciência. Portanto a visão unilateral do ego é perturbada e relativizada ao mesmo tempo que é enriquecida com outras possibilidades de entendimento e de ação.

Amplificar culturalmente uma imagem serve como referencial para o terapeuta se situar diante do processo do paciente, porém não deve ser usado diretamente com o mesmo pois pode favorecer um estado de inflação. No contexto clínico a amplificação é como um mapa que oferece as coordenadas de uma determinada situação, possibilitando que o terapeuta se situe mediante as referências coletivas sobre esta mesma situação. Assim como um mapa, os paralelos culturais são referências que servem para indicar o fenômeno não para substituí-lo, portanto não devem ser utilizados de forma interpretativa ou nominativa.

O grande perigo da amplificação na esfera coletiva é o da identificação e inflação do ego. Ao se deparar com as imagens universais que vibram em suas próprias imagens o indivíduo pode se identificar com elas, acreditando que o potencial que vê nessas imagens fazem parte de sua personalidade. Contaminado pela carga energética das imagens arquetípicas passa a acreditar que é uma pessoa muito especial se distanciando cada vez mais da sua realidade.

É preciso refletir se o processo de inflação não ocorre primeiro no terapeuta e depois no paciente. Ao se deparar com imagens profundas muito terapeutas não conseguem estabelecer uma conexão direta com as mesmas ou com a situação vivida pelo paciente e tentam preencher esse vazio com seu conhecimento de símbolos culturais. Dessa forma alimentam inconscientemente o sentimento de que são terapeutas especiais, dotados de grande cultura e que atraem pacientes com vivências psíquicas muito diferenciadas. Esse sentimento é passado do terapeuta ao paciente no modo como ele aborda o material psíquico deste, levando-o a compactuar com sua fantasia de superioridade.

A amplificação cultural deve ser utilizada com o paciente somente em situações muito especiais e com muita reserva. Pode-se oferecer algumas imagens universais que ajudem a desencadear as associações em momentos em que o processo associativo está bloqueado e a pessoa não consegue encontrar pistas em sua própria experiência. Porém assim que o fluxo imagético é estabelecido deve-se retornar à esfera pessoal em busca de conexões com a situação de vida imediata da pessoa.

Fora do contexto psicoterápico a amplificação cultural é um método válido na abordagem de fenômenos coletivos, na compreensão de fatos políticos, culturais, religiosos e sociais. Ao relacionar esses eventos com as imagens míticas que perpassam o desenvolvimento da humanidade, a amplificação cultural possibilita

uma visão, que além de profundidade histórica, adquire também profundidade psíquica.

Quando trabalhada em um contexto grupal a imagem pode ser amplificada pelo próprio grupo. Uma imagem compartilhada em um grupo pode ser trabalhada até que ela passe a reverberar na experiência de cada elemento do mesmo. O grupo funciona como amplificador da imagem, na medida que diferentes percepções e associações vão emergindo no grupo e oferecem novos referenciais para a mesma, enriquecendo-a e presentificando-a na consciência.

No trabalho com grupos, em um momento de fechamento pode-se oferecer referenciais culturais como possibilidade de verificação daquilo que foi realizado em termos de associação grupal, como também para conter essa experiência. Neste caso, um mito, um conto ou uma pintura serve como vaso que contém e concretiza o processo realizado pelo grupo.

- O uso da interpretação

Interpretar uma imagem é reduzi-la a algo que não lhe pertence: a teoria. É olhá-la com a visão de teórico, atribuir-lhe valores que não lhe são inerentes e restringi-la a explicações fixas e dissociadas da experiência imediata. A interpretação é uma espécie de ficção científica, que busca explicar o mundo pela ótica da ciência.

Interpretar uma imagem é tentar fazer uma ponte com algo conhecido ou com uma teoria, em busca de lógica ou de significado. Apesar de oferecer alívio pode distanciar o indivíduo da experiência imediata e mobilizadora da imagem. Interpretar é buscar uma lógica, um sentido que é mediado por uma teoria, idéia ou fatos da vida da pessoa. Busca-se estabelecer uma relação mediada entre os fatos e todo um outro tipo de conhecimento, que não necessariamente pertença ou imane do próprio fato, mas que sirva como parâmetro externo para o compreensão do mesmo. Todo ser humano interpreta na medida que ao relacionar-se com os fatos, sempre o faz de modo subjetivo atribuindo-lhes valores e significados pessoais. Porém, no contexto clínico pode-se fomentar uma atitude mais interpretativa ou menos interpretativa. No primeiro caso, ao atribuir um sentido fechado para as experiências

ou imagens psíquicas é possível aliviar a ansiedade e a insegurança, tanto do paciente quanto do terapeuta, mas há o risco de despotencializar o aspecto mobilizador da imagem. A pessoa que recebe um significado pronto tende a ficar com o significado e não com a imagem, perdendo assim a possibilidade de conexão com outras potencialidades inerentes à mesma. Já, em uma postura menos interpretativa o sentido é deixado em aberto para que o efeito perturbador da imagem possa perdurar por mais tempo, permanecendo ativas as suas funções criativa e amplificadora.

Interpretar uma imagem, às vezes é necessário para não deixar o indivíduo se distanciar demais da realidade. Quando o indivíduo divaga muito sobre uma imagem pode perder a conexão com a sua vida imediata. Dependendo da estrutura de personalidade que ele tem, esta é uma situação perigosa e pode levar a uma desestruturação ou alienação do ego. Nesse caso atribuir sentido às imagens por meio da interpretação, pode exercer um efeito continente e desmobilizador que dá base e estrutura para que as mesmas sejam conectadas à consciência construtivamente.

Uma boa interpretação tem que ser coerente com todos os aspectos da imagem e não excluir outras possibilidades de interpretá-la. Em uma imagem não há o mais importante nem o decorrente, tudo é parte integrante, tudo é igual e nada é absoluto. Portanto a interpretação tem que ser coerente com essa lógica interna da imagem, viabilizando a expressão de todos os aspectos da mesma até que se perceba a manifestação de uma ordem mais profunda. Esta ordem é a expressão direta do self e da sua função reguladora, que devem ser evidenciadas e não negligenciadas por uma leitura unívoca ou monológica da imagem.

Nesse sentido, uma boa interpretação deve sempre pressupor outras possibilidades de leitura e de atribuição de significado, permanecendo aberta a outros enfoques, outras perspectivas que permitam uma visão mais holística da imagem.

- A abordagem não-interpretativa

Trabalhar as imagens de modo não-interpretativo é favorecer a mobilização e a vivência direta em detrimento do entendimento. O terapeuta cria um setting que permite transpor a sua intervenção da compreensão para a atuação e a mobilização,

oferecendo recursos para o paciente estabelecer uma conexão direta e vivencial com as suas imagens. Não “fala sobre” a imagem em relação a outros referenciais, mas sim presentifica, expressa, dá forma, observa e dialoga com a própria imagem em seu campo fenomenológico.

Trabalhar as imagens de modo não-interpretativo é adotar uma atitude fenomenológica na qual o fenômeno é levado a falar por si só. A imagem é abordada direto no que ela oferece enquanto referencial e as associações não devem refletir tentativas de relacionar ou reduzir a qualquer outro fenômeno ou explicação que não lhe sejam próprios. Busca-se presentificar o fenômeno imagético naquilo que ele oferece até que ele possa manifestar a sua própria fala e revelar o seu significado.

A postura fenomenológica aproxima-se da atitude contemplativa na qual cria-se uma abertura na consciência para outra forma de percepção e captação da realidade. Uma modalidade de pensamento que participa do fenômeno no seu presentificar-se e dessa ocorrência, vai concebendo uma forma de compreendê-lo.

A falta de explicação muitas vezes gera angústica porque uma explicação é sempre esperada, mas por outro lado, não ter que explicar pode ser um alívio. Ao permanecer no fenômeno não há o distanciamento interpretativo e a dificuldade de dar uma resposta que seja ao mesmo tempo, efetiva para o paciente e coerente com os referenciais externos de uma teoria.

Trabalhar as imagens de modo não-interpretativo é não reduzi-las aos conceitos ou aos fatos concretos. O terapeuta deve deixar os fenômenos aparecerem tendo as teorias e os conceitos como mapas, mas em nenhum momento deve tentar justificar a realidade pelo mapa. Intervenções do tipo “isto é igual a aquilo” ou “isto está relacionado com aquilo” são reducionistas porque aprisionam a imagem em um conceito ou em uma ocorrência concreta. Isso empobrece e paralisa o potencial comunicativo da imagem. Por outro lado, ouvir a imagem dentro de seu próprio contexto permite o trabalho construtivo, no qual o conhecimento ocorre da ampliação da percepção e não do seu afunilamento.

Trabalhar as imagens de modo não-interpretativo favorece uma atitude mais criativa. A experiência direta com o símbolo ou com a imagem possibilita o

estabelecimento de uma forma de compreensão caracterizada pela constante reformulação e ousadia. Ao contrário da compreensão fundamentada em conceitos e teorias a compreensão simbólica ou imagética exige uma abertura para os movimentos que o processo indica. Caminha-se mais na incerteza dos desdobramentos do processo psíquico que demandam a cada passo, novas perspectivas e novas formulações, do que na segurança das explicações conceituais. Na postura não interpretativa convida-se o indivíduo a participar ativamente na construção de seu auto-conhecimento. Na medida que vai encontrando dentro de si mesmo outros referenciais, outras formas de agir e outras perspectivas de compreensão torna-se co-autor desse processo e tem a oportunidade de experimentar o seu potencial criativo. Para que isso ocorra o terapeuta tem que abdicar de parte de seu conhecimento teórico e criar um setting mais fluído e aberto para que as múltiplas potencialidades do indivíduo possam se manifestar e se desenvolver.

- O uso da imaginação ativa

Observar imagens pode ser comparado a certos modos de meditação. Na imaginação ativa cria-se um estado alterado de consciência similar ao que ocorre em certos tipos de meditação que neutralizam a atividade do ego visando a captação direta dos fenômenos. Busca-se atingir um estado de consciência paradoxal no qual o ego permaneça como um observador passivo do fluxo de imagens, como também possa estabelecer um diálogo ativo com as mesmas.

A imaginação ativa é favorecer que a imagem siga o seu fluxo dinâmico e possa estabelecer um diálogo direto e ativo com o ego, desentupindo os canais perceptivos sem perder o referencial da realidade. Inicialmente é preciso fazer uma distinção entre a fantasia ou devaneio e a imaginação ativa. Naquela há a produção de imagens sem que o ego participe ou interaja com elas. É como estar em um filme observando passivamente a seqüência de imagens. Já na imaginação ativa pressupõe-se um certo grau de interação com a imagem, mas não no sentido de controlá-la ou direcioná-la. Cria-se um diálogo ativo no qual a imagem pode expressar a sua própria perspectiva, mesmo que esta seja contrária a perspectiva do ego.

Devido a sua complexidade e dificuldade, a verdadeira imaginação ativa, como descrita por Jung, só pode ser realizada por um pequeno contingente de pessoas. É necessário que haja uma certa predisposição psíquica que possibilite o desenvolvimento das imagens até que elas se transformem em uma realidade tangível com a qual seja possível interagir em termos objetivos.

Inicia-se a imaginação ativa partindo de um estímulo: a imagem de um sonho, de uma fantasia, de um sentimento ou de qualquer outro fenômeno. Presentifica-se a imagem na consciência até o momento que ela começa a se movimentar, revelando seu fluxo dinâmico e expressando suas próprias idéias. Para que isso ocorra é necessário ir limpando o canal de percepção profunda que vem turvado pelas manifestações egóicas; empatias, antipatias, julgamentos, explicações e necessidade de controle. Observa-se nesse processo a transformação dos afetos em imagens e sua conexão com a consciência.

Além da dificuldade que o próprio método oferece é necessário ter muito cuidado e critério na sua aplicação. Para que se estabeleça um diálogo verdadeiro e construtivo entre o ego e as imagens psíquicas, o indivíduo deve ter um ego suficientemente estruturado que possibilite a interlocução e ao mesmo tempo, a manutenção do contato com a realidade. Caso contrário, no lugar do diálogo pode ocorrer a invasão ou a posse pela imagem, perdendo-se a possibilidade de conexão consciente.

Na imaginação ativa é preciso tomar cuidado para que o senso de limite do humano não seja perdido, o que pode desencadear um processo perigoso de inflação e desestruturação da personalidade. A função da imaginação ativa é favorecer a consciência e não destruí-la, nesse sentido o terapeuta deve garantir as referências para que o paciente volte sempre à realidade.

A imaginação ativa pode ser usada de forma mais pura, como descrita anteriormente, ou de forma composta, aliada a outras técnicas como sandplay, técnicas expressivas –desenho, escrita, etc.– e técnicas corporais que favoreçam a objetivação da imagem. Esse tipo de exercício de imaginação favorece o diálogo direto com a imagem desde que a imagem expressa não se torne fixa perdendo o seu dinamismo.

Há situações nas quais pode-se usar a imaginação ativa. Quando um sonho não tem um desfecho ou o desfecho dado não oferece saídas, entrar na imagem e deixá-la se desenvolver pode levar a uma solução para a situação apresentada no sonho. Em momentos nos quais há um conflito acentuado entre dois ou mais aspectos da

personalidade, é possível personificar esses aspectos e colocá-los em confronto direto até que um diálogo interno seja estabelecido e um consenso ou uma resolução para o conflito possa ser identificada. Também em situações nas quais há um bloqueio da criatividade a imaginação ativa pode reativar o processo criativo ao desencadear o fluxo de imagens.

A imaginação ativa pode ser realizada partindo de uma vivência corporal com imagens. Essa vivência é constituída de exercícios de imaginação que buscam integrar a dimensão corporal e são chamados de imaginação corpo-ativa. Nessa as imagens podem vir espontaneamente do corpo, serem estimuladas por meio do corpo ou reverberarem diretamente no corpo. Ao considerar a dimensão corporal da imagem é possível estabelecer uma ponte consciente e ativa entre a esfera psíquica e corporal. Nesse caso, previne-se que a imaginação ativa resulte na perda de conexão com a realidade e na polarização no plano mental.

- O trabalho individual com sonhos

Por meio das imagens dos sonhos é possível levar as pessoas, mesmo as que têm muita dificuldade, a desenvolver um trabalho imaginativo. O sonho pode ser utilizado como ponto de partida para o trabalho imaginativo. Por ser uma atividade psíquica que independe da vontade do sujeito e pelo fato de toda pessoa sonhar ou já ter tido a experiência de sonhar, o sonho pode servir como porta de entrada para o universo das imagens internas.

Até as pessoas que dão muito pouco valor aos sonhos ou às fantasias, podem ser levadas a enxergar nessa dimensão um sentido que não tenham tido oportunidade de reconhecer. No início, podem apresentar muita dificuldade em lembrar e relatar seus sonhos, mas na medida que vão trazendo trechos de sonhos ou mesmo sonhos antigos, parece que o canal de comunicação com o inconsciente vai sendo ativado e o fluxo de imagens oníricas começa a aparecer com mais intensidade.

Graças ao caráter involuntário das imagens oníricas elas são mais puras e mais livres da intencionalidade do ego. Isso lhes imprime uma certa autonomia e autoridade, que pode levar o indivíduo a perceber dentro de si uma outra ordem de fatores que ocorre independentemente da sua vontade e do seu controle. Portanto, por intermédio dos

sonhos é possível estabelecer um diálogo consciente com este outro “eu” que se realiza dia a dia na psique do indivíduo.

Apesar da importância dos sonhos no processo psicoterápico, deve-se respeitar as dificuldades do paciente em lembrá-los ou relatá-los. Quando não há sonhos ou quando há muita resistência em se falar sobre os mesmos, é necessário buscar os referenciais imagéticos em outro lugar. Insistir na investigação dos sonhos contra a disponibilidade da pessoa pode paralisar o processo terapêutico.

É importante registrar as imagens dos sonhos para poder avaliar o seu sentido prospectivo. Ao longo de um processo terapêutico os sonhos vão revelando as potencialidades inerentes à situação psíquica vivida no momento. Além das conexões que estabelece com fatos passados e presentes que estão intervindo em uma determinada situação, os sonhos também indicam um direcionamento e o potencial de desenvolvimento dessa situação.

Devido a falta de linearidade tempo-espacial característica da manifestação onírica, que aborda um tema ou situação de modo circular e polivalente, nem sempre fica evidente para o terapeuta qual é o sentido prospectivo presente nesse processo. De modo que é importante para o terapeuta ter o registro dos sonhos relatados pelos pacientes, para que esse possa ser retomado e analisado periodicamente com o objetivo de levantar e verificar hipóteses de desenvolvimento do processo psíquico em curso.

O registro dos sonhos além de oferecer um mapa do processo psíquico, pode também, ajudar o terapeuta a manter uma certa objetividade frente às imagens do paciente. Caso contrário pode esquecer ou alterar as imagens dos sonhos, acrescentando ou suprimindo elementos que muitas vezes são decorrência da sua projeção.

O contato com as imagens arquetípicas nos sonhos ou estados comatosos pode gerar uma ampliação da percepção consciente que vai além das questões cotidianas. Quando a dimensão arquetípica é ativada em situações de vida limítrofes como, em risco de vida eminente, na proximidade da morte ou mesmo em momentos de grandes transformações psíquicas ou corporais, as imagens parecem remeter o indivíduo para além de seu problema pessoal. Abre-se a percepção para uma

realidade que estrapola os limites do ego ampliando a capacidade de compreensão do mesmo. Os problemas da vida cotidiana passam a ser secundários e a pessoa parece procurar viver a vida com mais sentido, buscando explicações mais profundas sobre o sentido da vida e da morte, sobre a experiência religiosa e o que existe além da vida.

Quando jovens têm contato com as imagens arquetípicas parece ocorrer um amadurecimento psíquico acelerado e um direcionamento para questões que são muito profundas em relação a experiência de vida dos mesmos. Nessas situações espera-se que a constelação do arquétipo permaneça por algum tempo e depois seja seguida pelo redirecionamento da energia psíquica para questões mais cotidianas e pessoais.

Trabalhar com as imagens dos sonhos desde a primeira sessão pode levar o paciente a perceber que o verdadeiro foco da terapia é a sua experiência e não o que o cerca.

Um sonho pode ser uma boa introdução para a análise, uma vez que ele sempre revela algo sobre a alma da pessoa. Isso permite ao terapeuta manter a sua atenção nos processos anímicos como também, ajuda a criar uma imagem inicial da situação psíquica do paciente.

Trabalhar com sonhos desde o início da terapia pode levar a pessoa a perceber que na linguagem dos mesmos há um sentido que aos poucos se revela, algo que a toca movendo sua percepção para outros referenciais que incluem a sua subjetividade. Leva-se o paciente a reconhecer que não é na sua capacidade intelectual ou no conhecimento do terapeuta que encontram-se as repostas que busca e sim nas suas imagens internas. Ao transferir a atenção para os sonhos a relação terapêutica privilegia a realidade da alma e evidencia o processo psíquico em sua totalidade. Tanto o ego quanto o contexto externo da experiência do paciente são relativizados e reformulados mediante os parâmetros que são fornecidos pelas imagens oníricas.

- O trabalho com sonhos em grupo

O trabalho com imagens oníricas em grupo exige cumplicidade, confidencialidade e calor, para que os participantes possam expor a sua intimidade. Quando em um grupo de vivência de sonhos há pessoas que se relacionam fora desse contexto, é

preciso garantir que elas estejam dispostas a compartilhar a sua intimidade e a manter sigilo sobre o que acontece nos encontros. Se a relação entre as pessoas não pode ir além do âmbito da persona é indicado que fiquem em grupos diferentes nos quais possam se expor sem constrangimento, caso contrário o processo grupal pode ser prejudicado. Para que esse processo ocorra de modo produtivo é necessário um alto grau de confidencialidade que permita a troca calorosa entre os elementos do grupo. Quando essa situação não é atingida o trabalho com sonhos em grupos não pode ser realizado.

Nos grupos de sonho primeiro é necessário que o sonhador tenha uma resposta pessoal da sua imagem para depois poder amplificá-la no próprio grupo ou culturalmente. Ao compartilhar o sonho com o grupo a pessoa se beneficia da percepção dos outros elementos do mesmo, que a ajudam a adquirir uma experiência própria com a imagem.

Busca-se inicialmente presentificar e consolidar a imagem do sonho por intermédio das perguntas e comentários que vão sendo realizados pelos integrantes do grupo. Nesse momento o grupo funciona como um amplificador da imagem refletindo seus diferentes aspectos. Os vários enfoques colocados sobre a imagem lhe dão amplitude e substancialidade, o que favorece ao sonhador estabelecer uma relação direta com a mesma.

Atingida essa conexão, a imagem do sonho não é mais uma grande incógnita que deixa o sonhador a mercê das projeções do outro, uma vez que ele já tem uma resposta própria da imagem, uma referência da qual pode iniciar um diálogo com o sonho e com o grupo.

Após explorar todas as possibilidades de relações e ampliações das imagens dentro do grupo é possível buscar outros referenciais na cultura ou na teoria que complementem a compreensão sobre as mesmas. Porém isso só deve ocorrer no momento de fechamento, quando o sonhador já tiver uma resposta pessoal da imagem.

O trabalho com sonhos em grupo não tem técnicas pré-estabelecidas, de modo que é preciso saber discriminar da natureza do sonho e do sonhador qual é o melhor recurso. Não há ainda uma sistematização sobre esse tipo de intervenção que

possibilite afirmar quais as formas de abordar o sonho são mais ou menos indicadas para determinados tipos de sonhos ou pessoas. O que é realizado no grupo depende de vários fatores: da natureza do sonho que está sendo discutido, das reações do grupo a esse sonho, da abertura do sonhador para vivenciá-lo e da forma como o terapeuta capta e discrimina o processo grupal. É possível dizer que esse trabalho depende muito mais da intuição do terapeuta e da sua habilidade de instrumentalizá-la clinicamente, do que da aplicação de técnicas ou de fórmulas específicas.

O terapeuta tem que ter em mente a estrutura do processo, como vai começar, como vai desenvolver e como vai finalizar o trabalho, porém as várias técnicas de aproximação da imagem vão ser aplicadas ou criadas em função daquilo que emergir no grupo. As técnicas podem ser formas já conhecidas e experimentadas pelo terapeuta como também, as que surgem como resposta específica do grupo a um sonho ou mesmo do próprio sonho.

- O uso de recursos facilitadores para a formulação via imagens

Quando não há produção espontânea de imagens deve-se respeitar o movimento do paciente, pois suas defesas podem indicar uma situação crítica. Neste caso não é indicado usar recursos que estimulem a produção de imagens. O objetivo da terapia é lidar com indivíduos recebendo-os do modo como estão, respeitando o seu estilo e capacidade de expressão. Ter como objetivo terapêutico o desenvolvimento da fluência imagética é um erro, uma vez que fazer desenvolvimento pelo desenvolvimento é transgredir os referenciais que o paciente lhe oferece para trabalhar. Se ele é mais verbal, mais concreto, ou mais racional é nesse plano que o terapeuta tem desenvolver o trabalho, caso contrário corre-se o risco de romper o equilíbrio de uma defesa protetora.

No trabalho clínico as defesas devem ser respeitadas na medida que podem indicar uma área de fragilidade ou tensão que ainda não pode ser integrada ou transformada pela consciência. Quando as defesas se manifestam na resistência em trabalhar com imagens, o paciente não deve ser forçado a fazê-lo, pois isso poderia desencadear a invasão de imagens do inconsciente e a desestruturação da sua personalidade.

A relação analítica enquanto espaço de captação pode ser um recurso de produção de imagens. Na medida que o terapeuta capta uma situação por meio de uma imagem oferecendo-a como um indicador dessa situação para o paciente e este, consegue fazer conexões com essa situação e com outras imagens que lhe ocorrem, inicia-se um processo de compreensão permeado pela criação de imagens.

Nesse caso a própria atitude terapêutica instrumentaliza a produção de imagens sem a necessidade de técnicas ou recursos expressivos. Trabalha-se somente com o fato e com os referenciais e as imagens que ele oferece.

Oferecer recursos expressivos no contexto terapêutico pode favorecer a formulação via imagens, da situação vivida pelo paciente e de possíveis soluções para a mesma.

Quando o paciente encontra muita dificuldade em expressar verbalmente a sua experiência ou em relatar um sonho ou uma imagem que o perturba, é possível disponibilizar na sessão recursos facilitadores como: material para desenho, pintura e modelagem, sandplay (jogo de areia), livros com imagens de obras de arte, com contos e mitos, etc. Esse material tem como finalidade ser um meio facilitador da expressão e deve ser empregado com o consentimento e a participação voluntária do paciente.

O desenho, a pintura e a argila podem ajudar a pessoa a dar uma forma plástica a uma imagem interior, que uma vez concretizada serve como referência para o diálogo consciente com a mesma. A objetivação da imagem pode ter um grande efeito terapêutico na medida que promove a sua despontencialização em situações nas quais o inconsciente está muito ativado, exercendo uma pressão ameaçadora sobre a consciência. Na depressão, graças a intensa introversão da libido, o indivíduo encontra muita dificuldade para externalizar a sua experiência, o que muitas vezes o impede de redirecionar a sua energia para a realização dos potenciais ativados no inconsciente. As fantasias vão sendo alimentadas em detrimento da capacidade de agir. Ao dar forma plástica ou escrita a essas fantasias faz-se um esforço de concretização e a energia contida nas mesmas parece ser redirecionada para o objeto. O sandplay, traduzido como caixa de areia ou jogo de areia, é uma técnica expressiva não-verbal de grande aplicabilidade clínica, mas ainda muito pouco utilizada no Brasil. Consiste na construção de cenas com miniaturas em uma caixa com fundo azul contendo areia, seca ou molhada, até a metade. O armário cheio de miniaturas

costuma exercer um apelo imediato sobre as pessoas, que logo manifestam o desejo de utilizá-las. A grande vantagem desse recurso é que não exige habilidades específicas como saber desenhar ou pintar

O sandplay pode ser utilizado em conjunto com a terapia verbal o que em muitos casos contribui para que a superficialidade do discurso seja rompida e que conteúdos de camadas mais profundas da psique possam emergir no trabalho terapêutico.

Além da expressão de conteúdos essas técnicas favorecem também a elaboração de situações conflitivas por meio de imagens. Uma vez representado em um desenho, pintura ou cena, pode-se iniciar um diálogo ativo com o conflito fazendo alterações nas próprias imagens. Na medida que as imagens vão mudando as soluções para o conflito começam a surgir e a se clarificar na consciência.

Em casos nos quais o conflito inclui uma ocorrência orgânica, uma doença ou disfunção, é possível trabalhar essa situação partindo das imagens que os sintomas sugerem para o terapeuta ou para paciente. Busca-se a conexão entre as duas polaridades de expressão do conflito, a orgânica e a psíquica, visando alterar a situação em sua totalidade. Acredita-se que por meio da imagem pode-se chegar a uma alteração bioquímica.

Quando o paciente não consegue encontrar nas suas habilidades expressivas recursos para dar forma às suas experiências o terapeuta pode abastecê-lo com imagens provenientes de obras de arte, de mitos ou contos de fadas. Ao contemplar essas imagens, o paciente pode aos poucos conectar as próprias imagens e a situação psíquica que elas apresentam. Nesse caso as imagens externas servem como catalisadoras de experiências internas e como ponte entre essas experiências e a consciência.

- A articulação imagética do discurso

O discurso associativo permite a formação de imagens e metáforas que podem produzir insights. Ao abordar a realidade psíquica do paciente, a forma como o analista organiza o seu discurso pode desencadear ou não o processo de produção e captação via imagem. Se ele ficar somente numa leitura teórica ou conceitual, não sai desse plano, mas se entrar na atividade associativa alterando a sintaxe do discurso,

abre o campo para que o processo imagético ocorra. Nesse caso a palavra desperta imagens que funcionam como metáforas para as experiências de vida do indivíduo.

Conduzir o discurso para a fluência de imagens via livre-associação pode ser um recurso importante no tratamento de neuroses. Porém, é preciso tomar cuidado no caso de psicoses para não se ativar ainda mais a fluência de imagens em indivíduos que não têm estrutura egóica para absorvê-la. Nessa situação o discurso deve favorecer a estruturação do ego por intermédio da atividade construtiva, organizadora e delimitadora decorrentes da descrição, da denominação e da conceitualização.

- O papel das imagens na captação da transferência e contratransferência

A transferência e a contratransferência são imagens oníricas, corporais, mentais, grupais, etc., que permeiam a relação terapêutica e que não devem ser interpretadas, mas sim utilizadas como referências sobre a relação. Apesar de reconhecer que em toda relação ocorre o fenômeno transferencial, a psicologia analítica não trabalha no sentido de interpretá-lo ou de estimulá-lo na relação terapêutica, mas sim de usá-lo como referencial e como indicador desse processo.

Em todo relacionamento há uma imagem que permeia e lhe dá forma. No contexto clínico essas imagens determinam a atmosfera na qual o processo terapêutico ocorre e indicam o modo como a psique do terapeuta e a do paciente reagem uma a outra, qual a qualidade da relação terapêutica e quais os cuidados a serem observados.

O fenômeno transferencial é a mobilização e a captação do que está dissociado e inconsciente na relação. Na transferência há um pedido inconsciente está configurado na imagem que o paciente traz para a relação terapêutica. Esse pedido deve ser reconhecido e “servido” ao longo da terapia. “Servir” a transferência não significa estimulá-la ou alimentá-la, mas sim seguir os indicadores que ela oferece para a relação e para o processo terapêutico. Portanto, depende da posição do terapeuta para que a transferência não transborde. O terapeuta deve ter consciência dessas imagens para que não alimente inconscientemente a relação transferencial e contratransferencial, gerando dependência no paciente. Se ele manter o foco naquilo que o paciente traz ou produz enquanto referencial do processo terapêutico e não no papel do terapeuta nesse processo, evita que a terapia gire em torno da sua figura. Ao

se colocar como um “partejador” que está a serviço do desenvolvimento da pessoa o terapeuta evidencia o potencial terapêutico do paciente.

As imagens transferenciais podem aparecer das mais diversas formas: fantasias, sonhos, reações corporais, produção de imagens via expressão artística, reações grupais, entre outros. Graças ao grande interesse no trabalho com sonhos, é muito freqüente na terapia de orientação junguiana a ocorrência de imagens oníricas que fazem referência à situação terapêutica. Essas imagens podem oferecer indicações ou soluções compensatórias para os problemas presentes nessa relação ou sobre o modo como o paciente e terapeuta lidam com a terapia. Partilhar e discutir honestamente estas imagens pode levar a resolução de conflitos que paralisam e prejudicam o processo terapêutico.

Durante a sessão o terapeuta deve estar atendo às imagens que surgem em relação ao paciente para que essas não interfiram de forma compulsiva no seu modo de reagir ao mesmo. As vezes um mal estar com a pessoa, um sentimento de inferioridade, uma admiração profunda, uma fantasia de ameaça ou mesmo um cheiro ruim que aparece do nada, podem ser indicadores inconscientes sobre a relação terapêutica. Essas imagens, consideradas como referências, podem iluminar pontos que precisam ser esclarecidos ou transformados na situação terapêutica e não atuadas inconscientemente na relação com o paciente.

E. Formulação teórica por imagens

Não é possível fazer uma psicologia só baseada na imagem. Em algum momento é necessário fazer a conexão via palavra ou teoria. Como em toda ciência, a psicologia precisa de um código ou linguagem em comum que permita a sua comunicabilidade. Nesse sentido é preciso integrar as imagens em um todo coerente por meio de uma teoria que possa ser comunicada e ensinada aos outros.

Ao buscar entender os fenômenos psíquicos é necessário relacioná-los a outros referentes que permitam dar a eles uma lógica. Essa lógica vem da tentativa de encontrar uma coerência no fenômeno, que uma vez evidenciada, é traduzida na forma de padrões de desenvolvimento ou de conceitos.

A lógica de um fenômeno psíquico pode vir também por intermédio de imagens, como se faz na amplificação, mas na medida que se afirma algo sobre as imagens já está ocorrendo uma leitura e para tal, recorre-se às teorias. Na psicologia analítica há variações que vão de uma abordagem mais purista da imagem (Hillman) a uma postura mais interpretativa (Fordham). Na primeira o discurso é metaforizado em busca de uma aproximação fenomenológica da imagem que evoque e presentifique o fenômeno psíquico, em vez de falar sobre ele. Na segunda, busca-se a teorização sobre as ocorrências psíquicas. Entre esses extremos há os que procuram uma possibilidade de teorização que reflita a natureza paradoxal da alma sem engessá-la em conceitos muito fechados, garantido ao mesmo tempo, uma compreensão que possa ser compartilhada.

Se as imagens são a linguagem da psique pode-se esperar que um dia a ciência chegue a uma formulação da psique via imagem, mas seria necessário um novo paradigma. A lógica própria da psique e do inconsciente não se encaixa na lógica racional das teorias e dos conceitos. O modelo de ciência positivista pressupõe um distanciamento e uma objetivação do fenômeno psíquico por meio de sua delimitação racional, classificação e conceitualização. Entretanto a ciência moderna caminha para outras formas de apreensão e compreensão da realidade que relativiza a tão almejada objetividade científica. A separação entre o observador e seu objeto de estudo torna-se cada vez mais improvável, o que leva a relativização do conceito. Esse não é mais uma formulação fechada, mas sim um conjunto de probabilidades inserida em um campo relacional que são melhor descritas na forma de padrões ou imagens.

Jung tentou fazer sua teoria ressoar na psique por intermédio de imagens, mas como todo homem de ciência de sua época teve medo de não ser científico e se esforçou para apresentar suas idéias na forma de conceitos cientificamente válidos. Porém, nos trabalhos que escreveu no final de sua vida nota-se que ele se permite ficar mais no plano das imagens.

Entre os autores modernos, Hillmann se destaca na construção de uma psicologia via imagem. Ao flutuar em torno das idéias desperta as múltiplas imagens que elas evocam sem tentar sintetizá-las em formulações teóricas. Busca assim, evidenciar a lógica do fenômeno psíquico que é melhor traduzida quando o seu valor metafórico é

apreendido e mantido ativo por uma imagem e não reduzido ou paralisado por um conceito.

Ao contrário dos conceitos e teorias que são necessários como referências, as imagens devem ser abordadas em seu aspecto funcional, como veículo de aproximação ao psíquico. As várias teorias psicológicas nascem como referências ao psíquico e tentam abordá-lo pelas mais diversas óticas. Porém, na medida que permanecem na tangente tentando circunscrever a psique por meio de fenômenos parciais e de lógicas que não lhe pertencem acabam por não atingi-la em sua totalidade e complexidade. Para se alcançar uma melhor aproximação e uma visão mais integrada da psique é preciso que a psicologia seja depurada de teorias.

Abordar a imagem pela ótica teórica é fazer uma teoria da imagem o que representa transformá-la em mais uma das referências ao psíquico. Por outro lado, utilizar a imagem para descrever o psíquico muitas vezes pode resultar em uma formulação da imagem como alegoria ou representação, perdendo-se de vista a sua funcionalidade. O mais importante é trabalhar com a imagem do ponto de vista funcional e da sua utilidade no trato do psíquico.

Em seu aspecto funcional a imagem é vista como mediadora, mobilizadora ou potencializadora do processo psíquico e não como uma representação, descrição ou delimitação do mesmo.

Jung trabalha muito no plano das imagens, do símbolo vivo tentando fazer uma aproximação de linguagens. Permanece entre o fenômeno manifesto e sua abstração sem reduzir nem a um nem a outro. Utiliza a amplificação como método de aproximação do psíquico com crescente interesse a partir dos primeiros livros que marcam o rompimento com a psicanálise (Símbolos da Transformação). Na referência à imagem busca evidenciar a natureza da alma em sua amplitude e complexidade.

Mesmo quando Jung conceitualiza, o faz de modo que as idéias não fiquem fechadas. Procura estabelecer parâmetros ou campos de reflexão em torno dos quais a reflexão ocorre sempre com abertura para outras possibilidades que possam ser agregadas ou descartadas. Nesse sentido parece se aproximar mais da natureza do símbolo, que ao contrário do conceito, carece de precisão e delimitação.

É evidente na obra de Jung que ele procura se afastar gradativamente da visão de ciência positivista e racionalista. Os conceitos junguianos não são sinais que querem dizer algo, mas sim expressões de uma série de fatos e fatores, de realidades vivas que estão sempre em evolução e transformação. Jung se move no plano das imagens buscando se aproximar da realidade psíquica sem perder no campo das abstrações. Nas imagens busca uma aproximação tanto da realidade empírica da psique como da possibilidade de abstração e reflexão. Sua visão é integradora e simbólica, procurando não cair na polaridade comportamental nem na mental.

O conceito limpa a imagem de seu aspecto mítico, subjetivo e vivencial, tornando-a uma abstração mental, porém perde-se a realidade da alma. O conceito é uma abstração, o que o faz psiquicamente menos real. Ele resseca a experiência psíquica na medida que fala à mente racional e não à alma. É possível ler as idéias de Jung como conceitos ou como imagens, no primeiro caso elas perdem sua plasticidade e vitalidade, no segundo elas ganham profundidade e dinamismo psíquico.

F. Imagens do processo analítico

Pérola: transformação das feridas. O processo analítico pode ter muitas imagens, mas a imagem da formação da pérola parece ser bastante apropriada uma vez que a terapia trabalha em cima dos nós, das dificuldades, da dor e das feridas existenciais, tentando potencializá-las e transformá-las em recursos psíquicos. Assim como o pequeno grão de areia que provoca um desequilíbrio no organismo da ostra e desencadeia uma reação que irá resultar em algo valioso, o que de início é visto como patológico pode resultar no enriquecimento e desenvolvimento da personalidade.

Cachoeira: seguir o fluxo da natureza. O trabalho analítico é seguir o fluxo de ocorrências em desenvolvimento na psique de um indivíduo e ir penetrando nas várias possibilidades e patamares que esse processo indica. É saber observar como a energia psíquica flui e quais fatores internos e externos arquitetados pelas forças da vida, estão delimitando e direcionando o seu movimento. Há várias possibilidades de

movimento, o descendente em direção ao inconsciente, o ascendente em direção ao espírito e o que busca um equilíbrio entre os dois.

Detetive: buscar fielmente os sinais que indiquem o processo da pessoa. O trabalho analítico é servir com fidelidade ao chamado interno de uma pessoa, buscando no processo em andamento na sua psique as pistas e os referenciais necessários para a intervenção terapêutica. É como entrar num mundo desconhecido que ainda precisa ser explorado e permanecer na incerteza desse processo até que as indicações para onde ir sejam encontradas. Nesse sentido não há uma formulação apriorística sobre o que deve ou não ser explorado, desenvolvido ou alcançado, mas sim uma constante atitude de desvelamento do sentido da situação vivida pelo indivíduo.

Convite para caminhar: buscar o sentido para as ocorrências da vida. O processo analítico é um convite para caminhar junto por um determinado período, em busca de sentido para a dor e o sofrimento que o paciente traz. Nesse processo não há diferença entre o terapeuta e o paciente, exceto que o primeiro deve ter mais consciência e estar mais tranquilo em relação às suas próprias feridas, para que possa jogar luz no sofrimento do paciente. A relação terapêutica é o encontro de duas almas que buscam juntas o significado da vida e do sofrimento.

Encontro: olhar junto com a outra pessoa aquilo que está em volta. O processo analítico é estar junto com outra pessoa, no mesmo plano, sem estar acima ou abaixo do outro, observando e compartilhando aquilo que está ocorrendo. Para que isso aconteça é preciso um ambiente tranquilo, sem ameaças, no qual ambas as partes estejam à vontade para expor as ocorrências de suas vidas e buscar um sentido para as mesmas.

3.4.2. Síntese final

O material resultante das seis entrevistas realizadas foi extremamente rico e possibilitou a ampliação da discussão dos seis eixos temáticos selecionados: conceito de imagem, processo de aprendizagem no trabalho com imagens, indicações para a formação do profissional, inserção das imagens na prática clínica, formulação teórica por imagens e imagens do processo analítico.

Apesar das especificidades e da história profissional de cada entrevistado com a questão da imagem no contexto clínico junguiano, é possível observar pontos de convergência teóricos e práticos, bem como particularidades que revelam novas tendências de desenvolvimento ainda pouco discutidas na literatura da psicologia analítica.

A propósito do conceito de imagem, além de estarem em profunda sintonia com as idéias da psicologia analítica e seus desenvolvimentos, os entrevistados buscam também a ampliação desse conceito por intermédio da prática clínica e da interlocução com outras abordagens teóricas.

A propósito da psicologia analítica, prevalece a influência das idéias de Jung, sobretudo as que foram posteriormente ampliadas e operacionalizadas pela abordagem imagética de Hillman: a imagem como linguagem da alma e sua natureza paradoxal; o valor intrínseco do discurso imagético; a consciência da alma; a base imagética do discurso e do pensamento; e a imagem como dimensão da relação.

Embora as idéias da escola arquetípica não permeiem o currículo dos cursos de formação em psicologia analítica no Brasil, mesmo assim é possível perceber sua influência no que diz respeito ao conceito de imagem.

O aspecto simbólico da imagem, revelador da influência das escolas clássica e desenvolvimentista, foi outro ponto evidenciado pelos entrevistados.

Em relação às contribuições e ampliações observadas, é importante destacar a questão da integração psicofísica – a integração da dimensão corporal e concreta da imagem. Apesar das várias referências a esses aspectos nas entrevistas realizadas, encontram-se pouquíssimas alusões a eles na literatura estudada, sinal de que pode haver um direcionamento atual da discussão sobre a imagem ou mesmo uma compensação à tendência espiritualizante da psicologia analítica clássica.

Na tentativa de integrar a dimensão corporal, percebe-se a interlocução com outras abordagens teóricas: a psicossomática, a bioenergética e técnicas orientais de relaxamento e meditação. É importante ressaltar que a dimensão corporal é um ponto de destaque na formação de psicoterapeutas junguianos, que seguem a orientação de Sandor, o que indica uma tendência localizada dentro do panorama geral da psicologia analítica.

Relevantes também para os entrevistados são os aspectos funcionais da imagem – promover a relação inter e intrapsíquica, integrar polaridades, mobilizar e catalisar potencialidades, captar sentidos, ampliar a consciência, indicar processos, promover cura e favorecer a memória. Embora se encontrem mais referências sobre esses temas na literatura, eles vem ganhando projeção, mais especificamente no que diz respeito à sua operacionalização na prática clínica.

Em síntese, a análise do primeiro eixo temático, “conceito de imagem”, sugere que:

- a imagem é uma linguagem que:
 - é a expressão natural da psique;
 - é a base para todos os processos psíquicos;
 - tem coerência e validade em si mesma;
 - é fluida, ambígua e polissêmica;
- a imagem é um fenômeno da consciência de caráter:
 - involuntário;
 - paradoxal;
 - prospectivo;
 - perceptivo-intuitivo; e
 - ideativo-emocional;
- a imagem tem função de:
 - ampliar a consciência, oferecendo perspectivas emocionais e racionais complementares à do ego;
 - mobilizar e potencializar aspectos da personalidade ainda latentes;
 - captar sentido, favorecendo a elaboração consciente;
 - promover cura, integrando as polaridades da experiência psíquica;
 - indicar processos em desenvolvimento na psique;
 - favorecer os processos mnemônicos; e

- mediar a experiência inter e intrapsíquica, possibilitando a relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo; e
- a imagem é uma das fases de manifestação:
 - do real;
 - do corpo;
 - do discurso; e
 - do espírito.

No processo de aprendizagem de trabalho com imagens, além dos fundamentos teórico-práticos oferecidos pela psicologia analítica, os entrevistados revelaram afinidades com outras teorias, interlocução essa que parece ser decorrente de alguns fatores:

- lacunas existentes na psicologia analítica;
- desenvolvimento da própria psicologia analítica e de seus novos direcionamentos;
- questões manifestadas na prática clínica;
- questões manifestadas na pesquisa da imagem; e
- questões manifestadas na experiência com suas próprias imagens.

Essa interlocução pode indicar que há na psicologia analítica um processo de desenvolvimento fomentado pelo diálogo e pela integração de novos elementos que vêm imprimir-lhe dinamismo e criatividade.

Na formação acadêmica dos entrevistados predominam os enfoques psicanalítico, psicométrico e fisiológico da imagem, talvez pela proximidade que guardam com o modelo das ciências naturais. Nesse contexto, a aproximação da questão da imagem deveu-se a outros processos e por uma perspectiva interpretativa do universo imagético, em virtude, provavelmente, da ausência da psicologia analítica nos currículos universitários e ao pouco conhecimento da noção de arquétipo.

A aproximação da questão da imagem ocorreu predominantemente depois de terminada a graduação e fora do contexto acadêmico. As situações mais citadas foram a formação de analista das sociedades de psicologia analítica, curso de especialização com Sandor e análise pessoal.

Nesse processo percebem-se três tendências: a aprendizagem pelo caminho da experiência direta com a imagem; a reflexão teórica sobre a imagem; e a busca de soluções para questões que se manifestaram na prática clínica.

Em relação à aproximação vivencial da imagem destacam-se:

- a vivência de imagens no próprio processo analítico;
- a experiência com imagens em vivências, *workshops* e grupos de estudo;
- a exploração das próprias imagens mediante a expressão artística;
- exercícios de imaginação com base em vivências corporais; e
- exercícios de amplificação e leitura simbólica de mitos, contos de fada, etc.

Em relação à reflexão teórica sobre a imagem, ela ocorreu:

- nos cursos de extensão cultural, especialização e formação;
- a propósito da pesquisa teórica sobre outras linguagens – verbal, corporal, artística e simbólica;
- a propósito da teorização sobre o fenômeno imagético;
- a propósito da interlocução com outras vertentes teóricas; e
- com a influência de autores junguianos de todas as escolas – notadamente Hillman cujas idéias são apontadas como marco para uma nova perspectiva sobre a imagem.

Em relação à aproximação da imagem na prática clínica, ela ocorreu:

- com a integração de práticas advindas de outras abordagens – fenomenologia, gestalt, corporal e arteterapia e
- com a criação de novas modalidades de intervenção em função de situações específicas –psicossomática, trabalho em grupo com sonhos e contos de fadas.

As indicações dos entrevistados sobre as possibilidades de aprendizado do trabalho com imagens durante a formação do psicólogo refletem a trajetória de cada um deles sobretudo em relação à aproximação vivencial da imagem e à pesquisa no campo da imagem. Embora essa trajetória não tenha ocorrido no meio acadêmico, eles têm refletido sobre essa situação e buscado alternativas.

As possibilidades de aprendizado sugeridas podem ser agrupadas em dois grandes grupos: situações de aprendizagem dentro do contexto acadêmico e situações de aprendizagem paralelas ao contexto acadêmico.

No contexto acadêmico foram citadas atividades teóricas e teórico-práticas bem como atividades de caráter predominantemente vivencial que visam à experiência direta com o fenômeno imagético.

As indicações de atividades de caráter teórico e teórico-prático foram:

- disciplinas específicas na grade curricular que possibilitem a discussão e a aproximação da questão da imagem: mitologia, estudo dos contos de fada, história da arte, arteterapia, estudo da comunicação extra-sensorial, estudo comparado das religiões, entre outras;
- uso da técnica de amplificação no estudo de casos clínicos, de simbolismo, de produtos culturais ou de fatos sociais e cotidianos, visando enriquecer o repertório de referências culturais para melhor compreensão da psique;
- pesquisa com imagens expressas cuja aproximação e reflexão dos fenômenos partam de imagens de fotografias, pinturas, filmes, desenhos, etc., para posterior teorização;
- supervisão de casos clínicos cuja reflexão e compreensão partam de exercícios com imagens que ampliem os referenciais sobre a situação estudada e aproximem afetivamente o aluno-terapeuta do paciente;
- estudo dos testes projetivos que favoreçam a aproximação objetiva da imagem e o desenvolvimento de habilidades para a leitura dela; e
- leitura de teóricos da questão da imagem, com imagens e por meio de imagens.

As referências às atividades de caráter vivencial foram:

- curso de psicologia cujo método de ensino priorizasse a experiência psíquica imediata e não a formação teórica e cuja estrutura acadêmica propiciasse uma relação ensino-aprendizagem nos moldes de mestre-discípulo;
- grupos de vivências com imagens dos próprios alunos, que observariam, interagiriam e interviriam em processos imagéticos, desde que houvesse um espaço continente e seguro para que aspectos da vida íntima deles pudessem ser abordados; e
- atividades de desenvolvimento da expressão em linguagem artística, sensibilização do corpo e imaginação ou meditação, para que despertassem a sensibilidade e possibilitassem a conscientização e a educação de outras formas de captação, sobretudo a percepção intuitiva, para o que seria necessário um enquadre que possibilitasse a manutenção da integridade psíquica dos alunos, buscando conectar as imagens à realidade imediata deles.

Nas indicações sobre o aprendizado da imagem no contexto acadêmico, manifestam-se certas limitações, sobretudo as que dizem respeito às atividades de caráter vivencial. No âmbito da imagem, a aproximação vivencial é inevitável, uma vez que

“é impossível aprender a fazer pão sem pôr a mão na massa”¹¹. No entanto, essa aproximação tem de ser realizada com cuidado, levando em conta suas especificidades e seus riscos. Trata-se de uma experiência que precisa ser muito bem estruturada para garantir a integridade psíquica do aluno, cuidados nem sempre possíveis dentro do contexto acadêmico tradicional, seja pela limitação dos objetivos do curso de graduação, seja pelas limitações da própria estrutura acadêmica, que não garante o acompanhamento adequado desses processos.

Em função da faixa etária dos estudantes de psicologia é necessário privilegiar a função estruturante do curso universitário. Mesmo favorecendo a abertura para uma perspectiva mais fluida de pensamento, não se deve perder de vista a importância da aquisição de conceitos e da construção da *persona* profissional.

Embora seja uma proposta de extensa aplicabilidade e de fundamental importância para a ampliação da discussão do fenômeno imagético, a pesquisa da imagem em seu campo fenomenológico ainda é pouco explorada no meio acadêmico.

Em relação às formas de aproximação da imagem paralelas à formação acadêmica foram sugeridos:

- trabalho com as próprias imagens em terapia, com as quais o psicólogo em formação possa estabelecer contato vivo e dinâmico e adquirir compreensão psicológica sobre processos imagéticos; e
- formação cultural geral além da apreensão de conceitos e técnicas psicológicas, que abranja uma gama de experiências bastante vasta, do ambiente cultural em que se é educado às oportunidades de acesso a uma grande diversidade de referenciais culturais.

Se bem não seja possível obrigar os estudantes de psicologia a passar por um processo psicoterápico, que lhes garanta uma experiência direta e segura com o fenômeno psíquico, as faculdades de psicologia, além de estimular, deveriam facilitar o acesso desses estudantes a profissionais qualificados, por meio de convênios ou programas de orientação e apoio ao aluno. A experiência com a própria psique é fundamental para que o psicólogo possa instrumentalizar o que aprendeu na teoria e transformar os conceitos em realidade psicológica.

Em relação à formação cultural do aluno, as faculdades poderiam oferecer uma programação cultural bastante extensa que possibilitasse o contato dele com

¹¹ Fala de um entrevistado

expressões universais do pensamento e da arte. Por meio de exposições, apresentações de teatro e dança, sessões de cinema, palestras, é possível fomentar a articulação do pensamento em relação aos referenciais presentes na cultura.

Outro aspecto destacado foi a importância do desenvolvimento da intuição como instrumento clínico. A psicologia analítica afirma que a percepção vai além dos cinco sentidos e postula a existência de um órgão perceptivo de natureza psíquica, a intuição, que está ligada à captação de sentido do que é inerente e está em potencial nos fenômenos. Por intermédio da imagem, a intuição é estruturada perceptivamente. Por isso, durante a formação, o aprendizado de captação de sentido pelo caminho da imagem é fundamental para o desenvolvimento da intuição do psicólogo.

Nas indicações sobre as situações de aprendizagem, observou-se também que não foram citados os grupos de estudo, embora os entrevistados tenham feito referências a eles em seu processo pessoal de aproximação da imagem. Trata-se de uma omissão que parece não diminuir a importância deles, na medida em que esse tipo de estratégia continua sendo amplamente utilizado por profissionais de psicologia na complementação de sua formação.

Nas sugestões dos entrevistados sobre a inserção da imagem na prática clínica há idéias originais e o desenvolvimento de práticas e atitudes clínicas inovadoras, provavelmente resultado da reflexão e amadurecimento em relação a essa questão. O confronto com a realidade clínica demanda constantemente uma atitude de questionamento crítico, que favoreça uma prática criativa, atualizada e revigorada. Para que isso ocorra, é preciso ir além da aplicação mecânica de uma técnica ou teoria e levar em consideração a situação imediata com a qual se trabalha, em busca dos referenciais que permitam a construção de uma prática mais eficaz.

Na discussão sobre os aspectos relativos ao uso da imagem na prática clínica, há sugestões referentes à atitude do terapeuta, às técnicas utilizadas para trabalhar com imagens, à natureza da personalidade do paciente, às formas de abordagem da imagem e à função da imagem na psicoterapia.

Em relação à atitude do terapeuta, destacam-se as seguintes sugestões.

- O trabalho com imagens é fruto da sua atitude imaginativa, dependendo, portanto, da sua fluência imagética e da sua capacidade de caminhar na incerteza e na inconstância desse processo. Ao trazer para a discussão analítica as imagens, mediante as quais ele capta a realidade do paciente, o terapeuta abre um campo

para a compreensão pelo caminho da imagem. Mas se ele não detiver essa habilidade, o trabalho com imagens torna-se difícil.

- A atitude do terapeuta deve favorecer a criação de um *setting* analítico fluido, no qual a imagem possa se manifestar como campo de interação entre a sua própria realidade e a realidade do paciente; o foco não está na relação transferencial, mas no encontro e na relação entre duas psiques, e pode ser apreendido e mediado pelas imagens que afloram nesse contexto; na medida em que as imagens, do terapeuta e do paciente, manifestam-se, cria-se uma atmosfera psíquica favorável para o relacionamento terapêutico centrado no cultivo da alma.
- Se o terapeuta não está preocupado em fomentar a relação transferencial e toma os sintomas da transferência e contratransferência como imagens que servem de indicadores da relação terapêutica, não se estabelece uma relação de dependência na qual o paciente fica à mercê do saber do analista; ele aprende a considerar suas imagens internas como referenciais de seu processo.
- O que se manifesta na imagem está diretamente ligado à importância e ao enfoque que o terapeuta dá a ela. Se o terapeuta não vê nada na imagem, não pode levar o paciente a fazê-lo; se busca encaixar as imagens nos modelos de desenvolvimento imagético que conhece, vai reduzi-las a esses modelos; mas se ele enxerga na imagem um processo vivo em andamento, vai potencializar esse processo.
- Todo enfoque dado à imagem pelo terapeuta é, de certa forma, um tipo de interpretação. Entretanto, dependendo da situação, ele pode fomentar uma atitude mais, ou menos interpretativa. No primeiro caso, prioriza a compreensão e a atribuição de sentido a uma imagem, no segundo, prioriza a vivência e a ativação do potencial mobilizador e mediador da imagem.
- Se trabalhar com as imagens como forma de captação e elaboração da situação psíquica do paciente, a atitude do terapeuta deve ser pautada mais pela intuição do que pela técnica. A intuição é uma abertura para o que é percebido pelo caminho do inconsciente sem o controle e a lógica do ego. É uma forma de captação irracional que pode ser paralisada e ofuscada, na medida em que o terapeuta se apóia mais na técnica do que na observação de sua ocorrência.
- A formulação pelo caminho das imagens pode ser favorecida pelo modo como o terapeuta organiza seu discurso. Quando o discurso analítico, é apoiado na

atividade reflexiva e racional, buscando referências na teoria e na organização lógica dos fatos, a produção de imagens não é estimulada como possibilidade de compreensão. Se, no entanto, ele for permeado pela atividade associativa, criar metáforas que servem como indicadores e potencializadores de uma situação, a função mediadora das imagens é ativada e sua fluência, favorecida.

Em relação às técnicas utilizadas para trabalhar com imagens, os entrevistados fizeram referência à imaginação ativa, ao trabalho com sonhos, aos recursos expressivos, ao trabalho de base corporal, ao contato com imagens artísticas ou míticas e à própria relação terapêutica.

- A imaginação ativa pode ser utilizada de modo mais puro, como descrito por Jung, ou em conjunto com outras técnicas ou instrumentos. Destacou-se a dificuldade de realizá-la em sua forma original, uma vez que é muito reduzido o número de pessoas que consegue entrar na imaginação ativa. Por isso o recurso a ela na prática clínica é bastante limitado. Se, no entanto, ela for associada a outros recursos que facilitem a expressão e a objetivação da imagem, ela ganha crescente espaço na psicoterapia. Por intermédio da interação com desenhos, pinturas, escrita espontânea, jogo de areia e exercícios corporais de imaginação, é possível desenvolver um diálogo dinâmico com as imagens e ao mesmo tempo, observar o seu desenvolvimento. Uma contribuição original nessa área é o conceito de imaginação corpo-ativa (Gallbach, 1997), que consiste na realização da imaginação ativa integrada à experiência corporal.
- Uma vez comum à experiência de qualquer pessoa, o sonho é um fenômeno que pode se prestar a uma abertura para o trabalho com imagens. Por intermédio das imagens oníricas, é possível levar o indivíduo a estabelecer uma relação com processos em desenvolvimento na sua psique, bem como a manter o foco da terapia na esfera da alma. Tradicionalmente, a psicologia analítica trabalha com sonhos no contexto psicoterápico individual. Nos últimos vinte anos, sob influência de técnicas utilizadas por outras abordagens, como a gestalt, vêm se desenvolvendo trabalhos com sonhos em grupos. Trata-se de um trabalho predominantemente vivencial que busca a aproximação direta com o sonho, mediante a qual o grupo funciona como mediador e amplificador da imagem. Para que o sonho possa ser trabalhado em grupo, é necessário garantir um contexto grupal seguro, que possibilite intimidade, sigilo e calor humano entre

seus componentes. Destacou-se também a importância do registro dos relatos de sonhos para que o terapeuta tenha um referencial do processo do paciente.

- Recursos expressivos – desenho, pintura, escrita espontânea ou jogo de areia (*sandplay*) – podem ser utilizados dentro ou fora do *setting* analítico como catalisadores de imagens. Por intermédio desses recursos, é possível objetivar a imagem e dialogar com ela bem como despotencializá-la em momentos de intensa atividade psíquica. Frisou-se, no entanto, a importância de se estabelecer uma ponte entre o inconsciente e a consciência sem a qual esse trabalho perde sua eficácia terapêutica. Assim como no trabalho com sonhos, o registro das imagens também é importante para o terapeuta como referencial do processo do paciente.
- O trabalho de base corporal pode ser desenvolvido em dois sentidos: para identificar uma imagem no sintoma ou na manifestação orgânica de uma doença, que sirva como ponte para seus aspectos psíquicos; ou para estimular o fluxo de imagem por meio de técnicas corporais. Frisou-se a importância do terapeuta ter consciência do perigo que pode representar para o paciente a ativação do fluxo imagético pelo caminho do corpo. Se esse tipo de trabalho vier a romper as defesas profundas registradas no corpo, pode desencadear uma invasão do inconsciente e a desestruturação da personalidade. A abordagem corporal aparece como uma tendência marcante entre os terapeutas junguianos que receberam influência das idéias de Sandor.
- Oferecer imagens de obras-de-arte ou de mitos ao paciente pode servir para desencadear o processo associativo e o fluxo imagético bem como para dar forma e conter imagens que afloram de modo intenso e fragmentado na consciência. No primeiro caso, em que há um bloqueio que impede o sujeito de produzir imagens, entrar em contato com imagens externas pode favorecer conexões que estimulem o fluxo imagético; no segundo, as imagens universais dos mitos e da arte podem ajudar o indivíduo a dar forma e unidade para as imagens que se apresentam à consciência aparentemente sem nenhuma conexão ou sentido. Assim como o arqueólogo, que recorre à forma de um vaso buscando sentido e unidade para os fragmentos de um vaso real, o psicólogo pode recorrer às imagens universais como referência dos processos psíquicos.

- O trabalho com imagens é, sobretudo, uma construção dialética realizada no confronto direto com a imagem, razão pela qual ele não é delimitado por técnicas ou recursos preestabelecidos; seu recurso é a própria relação terapêutica, que pode favorecer ou não a captação pelo caminho das imagens.

Em relação à natureza da personalidade do paciente e suas implicações para o trabalho clínico com imagens os entrevistados fizeram as seguintes observações.

- No trabalho com imagens, deve-se respeitar a natureza do indivíduo e suas resistências em entrar no campo imagético. Os recursos utilizados nunca devem tentar romper essas defesas, uma vez que isso pode resultar em uma desestruturação do ego. Se as resistências forem muitas, cabe ao terapeuta manter as imagens como referências, mas não forçá-las na relação com o paciente.
- Em função da estrutura de ego do paciente, é possível adotar uma atitude mais, ou menos interpretativa. Se o ego é pouco estruturado, como é o caso de indivíduos com uma organização psicótica de personalidade, o trabalho deve favorecer uma estruturação do ego. Nesse caso, uma atitude mais interpretativa pode oferecer o senso de orientação necessário para a concretização desse processo. Se o ego se encontra enrijecido pela impermeabilidade da organização neurótica, uma postura mais fluida e menos interpretativa pode favorecer a flexibilização e o enriquecimento do ego, graças à integração de outras perspectivas provenientes do inconsciente.

Em relação às formas de abordar a imagem, os entrevistados fizeram referência à amplificação, à amplificação no grupo, à interpretação, à abordagem imagética e à abordagem simbólica.

- A amplificação é um recurso que torna presente e enriquece a imagem por meio do processo associativo e pode ocorrer em dois planos: na esfera pessoal e na esfera coletiva. Entretanto, no contexto clínico, a amplificação deve permanecer na esfera pessoal, pois desse modo é possível levar o paciente a estabelecer uma relação mais próxima com suas imagens. Na esfera coletiva, por sua vez, a amplificação pode levar à inflação do ego, o que é prejudicial e indesejável para a terapia, razão pela qual ela só deve ser usada em última hipótese e com o objetivo de desencadear o processo associativo. Um terapeuta que estimula frequentemente a amplificação arquetípica pode estar num estado de inflação, tentando, inconscientemente, passar uma imagem supervalorizada de si e do seu

papel na terapia. Resultado: ocorre um distanciamento da realidade psíquica do paciente e uma polarização do conhecimento do terapeuta. Fora da situação clínica, a amplificação pode ser um instrumento importante para o estudo de casos, na medida em que ele permite ao terapeuta encontrar referenciais sobre o material clínico e o desenvolvimento psíquico do paciente.

- A amplificação no contexto grupal ocorre quando a imagem é enriquecida pelos diversos enfoques que os diferentes elementos do grupo atribuem a uma imagem. Seja por meio de perguntas que visam recuperar a imagem e explorar as associações que o sujeito faz com elas, seja por meio da troca de impressões ou sobreposição de imagens, amplifica-se a imagem inicial até que se obtenha uma resposta pessoal em relação a ela.
- A interpretação é uma forma de aproximação da imagem mediada por uma teoria ou por uma referência externa à própria imagem. Sempre que se atribui sentido à imagem ocorre interpretação, porém é possível estabelecer relações mais ou menos abertas. A interpretação tende a reduzir a imagem a uma idéia, a um conceito, a um símbolo ou a uma ocorrência da vida da pessoa, o que pode despotencializar sua função mobilizadora e mediadora. Portanto, numa interpretação, é importante respeitar a natureza multifacetada e polissêmica da imagem, levando em consideração todos os seus aspectos.
- A abordagem imagética ou não-interpretativa é a aproximação direta da imagem e a ativação de sua função mediadora; ela vê na imagem uma forma de comunicação válida em si que precisa ser conectada e não traduzida ou interpretada. Nesse caso busca-se mobilizar a imagem no que ela oferece como referencial e não entendê-la por meio de elementos que não lhe pertencem. Uma vez ativada, a imagem serve como interface para as várias situações vividas pelo indivíduo, com as quais ele pode estabelecer relações mediante as diferentes perspectivas oferecidas.
- A abordagem simbólica evidencia os símbolos presentes nas imagens ou nas situações de vida do indivíduo e busca neles as referências que possibilitem a aproximação deles. Nesse caso, a relação com a imagem é mediada pelo símbolo, o que exige certo cuidado por parte do terapeuta, para que não ocorra uma redução da imagem ao símbolo.

Em relação à função da imagem no contexto clínico, os entrevistados fizeram referência à função curativa, ampliadora de consciência, indicadora de processo, mediadora, potencializadora e mobilizadora.

- No contexto clínico, a imagem pode promover cura, na medida em que oferece uma visão polivalente e integradora da experiência do indivíduo. Cura não é só consciência e compreensão, ela envolve também emoção e todos os aspectos da personalidade da pessoa. Nesse sentido, a imagem possibilita simultaneamente uma percepção cognitiva e emocional, integrando assim essas duas modalidades de captação da experiência.
- No contexto clínico, a imagem pode promover a ampliação da consciência, na medida em que amplia os referenciais do ego. Em função do caráter polissêmico e polivalente, que lhe é próprio, oferece múltiplas visões sobre as situações vividas pelo indivíduo e o leva a uma perspectiva consciente mais abrangente.
- No contexto clínico, a imagem oferece indicadores sobre o desenvolvimento do processo. A observação do fluxo imagético e de seus desdobramentos favorece ao terapeuta e ao paciente perceberem os movimentos realizados, os pontos de estagnação e os aspectos em potencial ao longo da psicoterapia.
- No contexto clínico, a imagem pode promover relação e diálogo entre as esferas consciente e inconsciente, entre mundo interior e mundo exterior, exercendo neles uma função mediadora.
- No contexto clínico, a imagem pode mobilizar e potencializar aspectos da personalidade do indivíduo, na medida em que possibilita à consciência ativar outros potenciais de ação e compreensão ainda latentes no inconsciente.

Na discussão sobre inserção da imagem na prática clínica, apesar de os entrevistados fazerem referências às formas clássicas de trabalho com imagens, ou seja, à amplificação, à imaginação ativa e ao trabalho com sonhos, apenas este último parece ser utilizado como mais frequência. A amplificação parece ser mais usada como referência ou como método de análise de estudo de casos e de fenômenos sócio-culturais. A imaginação ativa, na sua forma mais pura, é pouco empregada em razão do grau de dificuldade que apresenta. E o trabalho com sonhos, referido por todos os entrevistados parece manter-se como o eixo da atividade terapêutica de base junguiana. Nesse caso, foi observada uma ampliação desta prática com a proposta de trabalho com sonhos em grupos.

A forma de a imagem ser inserida na prática clínica parece estar mais ligada à situação específica com a qual o terapeuta se depara do que às técnicas ou posturas teóricas específicas. Nesse contexto, os conceitos e as técnicas servem como referência e não como norma da prática clínica. O enfoque dado à ação terapêutica passa, portanto, pela relação dialética entre terapeuta e paciente.

Embora tenham ocorrido várias referências à abordagem simbólica, é expressivo o movimento em direção a uma abordagem fenomenológica e não-interpretativa da imagem. É considerável a preocupação de encontrar outras formas que favoreçam o diálogo direto com imagens, dentre as quais, a proposta de imaginação corpo-ativa e o trabalho de imaginação por meio de recursos expressivos ou artísticos – contos de fadas e jogo de areia –, o que parece indicar uma tendência de incorporação da abordagem imagética proposta pela escola arquetípica de Hillman.

Outro ponto de destaque na discussão sobre a inserção da imagem na prática clínica é a unanimidade dos entrevistados em relação à necessidade de interação consciente com as imagens. Foram constantes e expressivas as críticas aos trabalhos que promovem a expressão ou o desenvolvimento da fluência imagética sem a preocupação de integrá-la à consciência. As imagens por si só, sem relação com a consciência e a vida imediata do indivíduo, não têm valor terapêutico. De modo que, para não correr o risco de perder a conexão com a realidade e favorecer um estado de alienação, é necessário fazer pontes com a situação consciente do indivíduo.

Ocorreram também críticas às leituras essencialmente simbólicas que polarizam o processo terapêutico numa esfera muito espiritualizada em detrimento da dimensão instintiva e da conexão com a experiência imediata do indivíduo. São sinais de um deslocamento da postura inicial da psicologia analítica em direção a uma atitude terapêutica que favoreça o cultivo da alma como campo intermediário entre espírito e instinto. Esse movimento sugere mais uma vez a influência da escola arquetípica.

As técnicas de base corporal apoiam-se amplamente nas idéias de Neumann, sobretudo na noção de consciência matriarcal, de caráter unitário e emocional, segundo a qual corpo e psique fazem parte de uma mesma unidade. O processo de conscientização e de cura inicia-se sempre nessa dimensão com a constelação do *self* evoluindo para a dimensão espiritual da consciência patriarcal.

Nas referências dos entrevistados, a noção de cura é redimensionada à luz da perspectiva holística e integradora e definida como o restabelecimento do equilíbrio e

a integração entre os múltiplos aspectos da experiência do indivíduo. Rejeita-se portanto, o modelo médico que dicotomiza a doença e a saúde.

A ampliação de consciência perde importância se ela representar uma ampliação unilateral do ego e não o estabelecimento de um diálogo ativo e criativo entre as várias esferas da psique. Destaca-se, portanto, como objetivo central da psicoterapia promover o relacionamento inter e intrapsíquico. As palavras mais usadas pelos entrevistados para descrever esse processo foram conexão, relação, relacionamento, ponte, integração, diálogo, comunicação, interação e mediação.

Na discussão sobre a construção de uma teoria psicológica pelo caminho das imagens, as opiniões dos entrevistados parecem refletir as tendências da psicologia analítica como um todo. Há preocupação com conceitos e teorias que possibilitem um intercâmbio mais preciso de idéias e há uma tentativa de se aproximar do fenômeno psíquico de modo não reducionista, buscando respeitar sua natureza emocional e paradoxal. Frisou-se o esforço de Jung na construção de uma psicologia coerente com a realidade da psique e as várias leituras que suas idéias possibilitam.

Nos desenvolvimentos da psicologia analítica, apontam-se esforços por mais precisão conceitual – Neumann, Fordham, Whitmont, entre outros – bem como por aproximação fenomenológica do psíquico por meio das imagens – Hillman, Corbin, Stein, Moore, entre outros. Essas tendências refletem sobre as idéias de Jung de pontos de vistas diferentes. A primeira vê nelas conceitos que precisam ser delimitados e apreendidos racionalmente; a segunda vê imagens que precisam ser evidenciadas e aproximadas vivencialmente. Há ainda uma outra tendência, a que destaca o papel simbólico das idéias de Jung.

Como toda ciência, a psicologia necessita de teorias e conceitos que delimitem seu objeto de estudo e permitam o intercâmbio de informações entre pesquisadores. O modelo de ciência positivista, no entanto, que estabelece um distanciamento entre sujeito e objeto e a compreensão dos fenômenos sob uma ótica fragmentadora e reducionista parece não refletir a natureza e a complexidade da alma. As diversas teorias psicológicas se originam de visões parciais e alheias ao psíquico, imprimindo-lhe uma série de propriedades que não lhe pertencem.

Mais do que construir um conhecimento sobre a psique, cabe à psicologia criar possibilidades de aproximação e relação com ela. Por isso, não pode permanecer somente no plano da reflexão teórica sobre o fenômeno psíquico, cabe-lhe também

ser capaz de tocá-lo e refleti-lo. E para isso, a psicologia necessita de paradigmas que favoreçam a aproximação efetiva da psique.

No panorama da ciência contemporânea, as questões levantadas pela física quântica parecem ser de extrema importância para a construção de uma ciência da psique impregnada de realidade psíquica. Na física moderna, a delimitação e a classificação dos fenômenos por meio de leis e conceitos fixos é substituída por uma visão mais fluida e dinâmica da realidade. Busca-se identificar as tendências ou as probabilidades dos fenômenos, que são mais bem descritas por intermédio de padrões ou imagens subjacentes às mesmas.

Apesar da grande dificuldade de romper com os parâmetros da ciência positivista eminentes na sua época, ao entrar em contato com as idéias da física quântica e com o pensamento oriental, Jung inicia um processo de formulação de uma nova perspectiva que vai se consolidando ao longo de sua obra.

A crítica da ciência tradicional à obra de Jung enfatiza a imprecisão e a subjetividade de seus conceitos, o que, à luz da nova ciência, parece não conotar negativamente. Os conceitos junguianos não são formulações fixas, mas tentativas sucessivas de descrição e de aproximação do psíquico. A falta de linearidade e clareza de raciocínio de Jung parece revelar uma tentativa constante de encontrar uma forma de falar sobre o psíquico preservando sua natureza ambígua e paradoxal.

Jung usa intensivamente a amplificação como instrumento para a discussão de suas idéias, método que possibilita à reflexão permanecer aberta e ser reformulada e enriquecida sempre que necessário. Não há a preocupação com a precisão dos conceitos, mas com a complexidade da alma, que parece revelar-se de modo mais amplo se abordada por intermédio da sobreposição de imagens.

Nesse método percebe-se o reflexo de uma das idéias principais de Jung, o conceito de arquétipo e sua natureza paradoxal. O arquétipo é idéia, abstração mental bem como emoção, comportamento ou instinto. Só há consciência psicológica, em seu sentido amplo, se ambas as dimensões se fizerem presentes, ou seja, se a idéia estiver integrada à emoção. Ao abordar os conceitos pelo caminho da amplificação, impregnando-os com a imprecisão e a fluidez características da alma, Jung parece buscar uma ponte entre a esfera mental e a emocional, conseqüentemente, uma aproximação mais integrada do fenômeno psíquico.

Sobre a possibilidade da construção de uma psicologia pautada por imagens, a dicotomia entre imagem e conceito parece resistir: simultaneamente à possibilidade de o conceito depurar a imagem psíquica de seu subjetivismo, ele distancia a reflexão e o entendimento da realidade psíquica, ressecando-o e desumanizando-o. Melhor do que construir uma teoria por imagens, os entrevistados sugerem explorar melhor a imagem em seus aspectos funcionais como mediadora, mobilizadora e potencializadora dos processos psíquicos.

As imagens do processo analítico oferecidas pelos entrevistados refletem aspectos e atitudes relevantes para a psicologia analítica. São imagens relacionadas à transformação, cura, relacionamento e desenvolvimento psíquico, que possibilitam amplificar a discussão sobre a função da imagem no contexto clínico.

- A imagem possibilita a transformação da energia psíquica, na medida em que apresenta à consciência conteúdos e percepções ainda inconscientes, que potencializa aspectos latentes e promove a reorganização da dinâmica psíquica como um todo. Por meio das imagens, é possível libertar a energia concentrada em certos complexos e promover a redistribuição dela para outros núcleos da psique.
- A imagem favorece o encontro e a relação inter e intrapsíquica, na medida em que intermedeia a relação entre a realidade psíquica do paciente, em suas várias dimensões, e a realidade do terapeuta. A função mediadora da imagem possibilita o estabelecimento de um plano comum no qual a relação terapêutica pode ocorrer. Em última instância, a terapia é o encontro de duas almas que buscam refletir, uma à outra, o sentido da vida.
- A imagem mantém o foco da relação terapêutica nos desdobramentos da psique do paciente bem como na do terapeuta. O processo ocorre paralelamente na psique de cada um deles e na relação entre os dois. Nesse caso, a capacidade do terapeuta de iluminar suas próprias feridas ajuda o paciente a encontrar sua própria luz.
- A imagem favorece uma atitude terapêutica mais fluida e mais referenciada no processo do indivíduo. Em vez de atitudes e técnicas terapêuticas preestabelecidas, buscam-se os referenciais no que é apresentado na situação clínica. O importante é chegar à conexão com o fenômeno, não à sua explicação.

- A imagem possibilita ver no sintoma potenciais de desenvolvimento e transformação. Aquilo que é considerado patológico adquire uma função se visto pelo prisma da totalidade da imagem. Desvelar a fala do sintoma e relacioná-la à consciência pode promover o restabelecimento do equilíbrio psíquico e a transformação ou remissão do próprio sintoma.
- As imagens expressam o movimento da natureza do indivíduo; cabe ao terapeuta a sensibilidade e cumplicidade correspondentes para ajudar o paciente a reconhecer esse movimento e a potencializá-lo na sua experiência de vida.
- As imagens possibilitam uma relação terapêutica num plano de igualdade. Se permanecer no plano das imagens, não é o conhecimento do terapeuta que está sendo evidenciado, mas sua capacidade de conexão com a realidade psíquica do outro, o que gera uma relação de igualdade, sem ameaças, na medida em que paciente e terapeuta estão apoiados sobre uma mesma experiência evocada pela imagem.

Há na imagem um potencial catalisador que favorece a conexão e a relação do homem com seu meio interior e exterior. A psicologia analítica busca desenvolver a capacidade de relacionamento do indivíduo consigo mesmo e com o outro mediante um instrumento central, no processo psicoterápico, que é o cultivo da relação terapêutica. Quando fala em relacionamento, a psicologia analítica pressupõe que o processo psíquico ocorre sempre no confronto de partes que buscam uma nova síntese. O estado ideal seria aquele em que o sujeito está sempre apto a se confrontar, se relacionar e gerar uma nova situação. Clinicamente, esse confronto é explorado nas suas mais amplas possibilidades: analista *versus* paciente, passado *versus* presente, sujeito *versus* meio, ego *versus* sombra, instinto *versus* espírito, etc. Busca-se sempre uma síntese, que nasce de um campo vivencial intermediário das múltiplas potencialidades do ser humano e seus paradoxos denominado alma – e a alma só é cultivada se houver relação, se houver encontro e síntese.

Para finalizar, é importante pontuar que, ao fazer um recorte da psicologia analítica por meio da análise do desenvolvimento do conceito de imagem, foi possível verificar o valor teórico-operacional desse conceito e sua relevância para todos os seus desenvolvimentos. A discussão que vem sendo realizada a respeito da imagem e

seu potencial clínico é extremamente dinâmica e reverbera na prática clínica e reflexiva dos psicoterapeutas da atualidade.

A interlocução com psicoterapeutas de orientação junguiana possibilitou amplificar, atualizar e enriquecer as questões teóricas levantadas neste estudo. À luz de sua experiência clínica, foram abordados aspectos relevantes para a inserção e a operacionalização clínica do conceito de imagem, bem como para a formação do psicoterapeuta e a sua capacitação para o trabalho clínico com recursos imagéticos. Igualmente importante foi a discussão sobre a construção de uma psicologia pautada por imagens, que sugere questões de interesse para futuros estudos.

Espera-se com este trabalho ampliar e enriquecer a discussão sobre as possibilidades clínicas da imagem; que decorram dele mais que respostas questões, “fermento” para outras reflexões.

4 ANEXOS

A. Roteiro de entrevista

1) Dados sobre o entrevistado

- a) nome
- b) idade
- c) sexo
- d) formação acadêmica (graduação, especialização e pós-graduação)
- e) instituição onde se formou
- f) formação em psicologia analítica
- g) tempo de atuação clínica
- h) outras atividades profissionais
- i) identifica-se a algum movimento ou escola dentro da Psicologia Analítica
- j) pertence a alguma sociedade ou instituição
- h) atualmente realiza alguma pesquisa na área da psicologia analítica?

2) Perguntas sobre imagem

- a) O que você entende por imagem?
- b) De que modo Jung e a psicologia analítica contribuiu para a sua visão de imagem?
- c) Na sua opinião quais foram os autores que mais contribuíram para esta questão dentro da psicologia analítica?
- d) Ao longo de sua formação acadêmica você teve oportunidade de se capacitar para trabalhar com imagens? Em caso positivo, como foi? Em caso negativo como você acredita que poderia ter sido (no contexto acadêmico)?
- e) Como você aprendeu a trabalhar com imagens? Na sua opinião qual seria a melhor forma de aprender a lidar com imagens fora do contexto acadêmico?
- f) De que modo as imagens se inserem em sua prática clínica? Como você as aborda?

- g) Com relação aos pacientes você percebe alguma dificuldade em aceitar um tipo de intervenção através de imagens? Há alguma característica de personalidade que facilita ou dificulta este tipo de trabalho?
- h) Você utiliza algum recurso que facilite a expressão de imagens? Em caso positivo descreva-o e explique seu objetivo terapêutico.
- i) Você acredita que as reações de contratransferência possam ser percebidas através de imagens? Explique.
- j) Você faz alguma distinção entre cura e ampliação de consciência? Você acha que as imagens favorecem mais um do que outro?
- k) Você acredita que a observação do fluxo e desenvolvimento das imagens é um modo de enfocar o processo de individuação? Por que?
- l) O que você entende por interpretação e como utiliza?
- m) O que você entende por amplificação e como utiliza?
- n) O que você entende por uma abordagem não interpretativa?
- o) O que você entende por imaginação ativa e como utiliza?
- p) Como você vê a relação do discurso e as imagens no contexto psicoterápico? Quando o discurso se apresenta enquanto imagem?
- q) Você acredita ser possível construir formulações teóricas sobre a psique a partir de imagens, imagens que substituam os conceitos, por que?
- r) Gostaria de fazer algum outro comentário sobre o tema?
- s) Para finalizar me dê uma imagem sobre a maneira como você vê o processo analítico.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, P. **Imagens de Natureza, Imagens de Ciência.** Campinas, Papirus, 1998.
- ANDRADE, L.Q. **Terapias Expressivas- Uma pesquisa de Referenciais teórico-práticos.** São Paulo, 1993. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia- Universidade de São Paulo.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa.** São Paulo, Pioneira, 1998.
- ARNOLD, W.; EYSENCK, H. J.; MEILI, R., coord. **Dicionário de Psicologia.** São Paulo, Loyola, 1982. V.2.
- AVENS, R. **Imaginação é Realidade.** Petrópolis, Vozes, 1993.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Edições 70, 1995.
- BERRY, P. An approach to dreams. **Spring.** New York, p.58-79, 1974.
- BOSNAK, R. **Breve Curso sobre Sonhos: técnica junguiana para trabalhar com os sonhos.** São Paulo, Paulus, 1994.
- BOSS, M. **Na noite passada sonhei.** 3.ed. São Paulo, Summus, 1979.
- BUZZI, A. R. **Introdução ao Pensar: A Linguagem, o Conhecimentos, o Ser.** 16.ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- CAMPOS, D.M.S. **Introdução à Pesquisa em Psicologia: Aspectos Metodológicos.** Petrópolis, Vozes, 1973.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação.** São Paulo, Cultrix, 1989.

- CASEY, E. S. Toward an archetypal imagination. **Spring**. New York, 1974.
- CORBIN, H. *Mundus Imaginalis* or the Imagery and the imaginal. **Spring**. New York, 1972, p.1-19.
- CUNHA, J.A. **Psicodiagnóstico-R**. 4.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- DESOILLE, R. **Le Rêve éveillé en psychothérapie**: Essaie sur la fonction de regulation de l'inconscient collectif. Paris, P.O..F., 1945.
- D'OLIVEIRA, M.M.H. **Ciência e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo, EPU, 1984.
- EDINGER, E.F. **Anatomia da Psique**: O simbolismo alquímico na terapia. São Paulo, Cultrix, 1990.
- GALLBACH, M.R. **Grupo de vivências de sonhos**: uma investigação sobre formas de trabalho com sonhos. São Paulo, 1997. 212 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- GIEGERICH, W. Ontogeny = Phylogeny?: A fundamental critique of Erich Neumann's analytical psychology. **Spring**. New York, 1975, p.110-129.
- HILLMAN, J. An Inquiry into Image. **Spring**. New York, 1977, p.62-88.
- _____. Further notes on image. **Spring**. New York, 1978, p.152-182.
- _____. **Estudos de Psicologia Arquetípica**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981.
- _____. **A Blue Fire**: Selected Writings. New York, Harper Perennial, 1989.

INSTITUTO JUNGUIANO DE SÃO PAULO. Instituto Junguiano de São Paulo. São Paulo, p.1, 2000. Texto disponível na Internet: <http://www.ajb.org.br/jung-sp/> [11/06/01]

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G.Jung.** São Paulo, Cultrix, 1986.

JAFFÉ, A. **O mito do significado na obra de Jung.** São Paulo, Cultrix, 1989.

JONHSON. R. A. **Sonhos, fantasia e imaginação ativa:** a chave do reino interior. São Paulo, Mercuryo, 1989.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da personalidade.** Petrópolis, Vozes, 1988.

_____ **Energia psíquica.** Petrópolis, Vozes, 1987

_____ **Memórias, sonhos e reflexões.** 11.ed. Nova Fronteira, 1989.

_____ **A natureza da psique.** Petrópolis, Vozes, 1986

_____ **A Prática da psicoterapia.** Petrópolis, Vozes, 1981

_____ **Psicogênese das doenças mentais.** Petrópolis, Vozes, 1986C.

_____ **Psicologia do inconsciente.** 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1980.

_____ **Psicologia e alquimia.** 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1994.

_____ **Símbolos da transformação.** Petrópolis, Vozes, 1986B

_____ **Tipos psicológicos.** Petrópolis, Vozes, 1991.

_____ **A vida simbólica.** Petrópolis, Vozes, 1998.

JUNGUIANA, REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA ANALÍTICA. São Paulo, n.1, 1983.

KAST,V. **A Imaginação como espaço de liberdade:** diálogos entre o ego e o inconsciente. São Paulo, Loyola, 1997.

LEUNER, H. **Lehrbuch des Katathymen Bilderlebens.** Huber, Bern, 1985.

Mc MAHON, C.E., SHEIKH, A.A., Imagination in Disease and Healing Processes: A Historical Perspective. IN: SHEIKH, A.A. ed. **Imagination and Healing.** Formingdale/New York, Baywood, 1984.

MOORE,T. **Cuide de sua alma.** São Paulo, Siciliano, 1993.

NEUMANN, E. **A criança:** Estrutura Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação. São Paulo, Cultrix, 1991.

_____ **História da origem da consciência.** São Paulo, Cultrix, 1995.

POPE, K. S.; SINGER, J, L. The use of Imagery and Fantasy Techniques in Psychotherapy. IN: JEROME,L.S; KENNETH, S.P. eds. **The power of human imagination: new methods in psychotherapy.** New York, London, Plenum Press, 1978.

RAMOS, D. G. **A psique do coração:** uma leitura analítica do seu simbolismo. São Paulo, Cultrix, 1995.

ROCHA JUNIOR, A. **Currículos de psicologia uma análise crítica.** São Paulo, 1996. 204.p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

RHYNE, J. **The gestalt art experience.** California, Wadsworth, 1973.

SANDOR, P. org. **Técnicas de relaxamento.** 4.ed. São Paulo, Vetor, 1982.

SAMUELS,A. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro, Imago,1989.

SAMUELS, M.; SAMUELS, N. **A cura pelas imagens mentais**: Tudo que as imagens, podem fazer por você. Rio de Janeiro, Xenon, 1993.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. 2.ed.Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.

_____ **Terapêutica ocupacional**: Teoria e Prática. (reprodução exclusiva para os alunos do curso “O Mundo das Imagens” na Universidade P. Mackenzie) Setembro/1997.

SCHWARTZ, G. Biofeedback as therapy: Some theoretical and practical issues. IN: **American psychologist**. 1973, 28, p. 666-673.

STEIN, R. **Incesto e Amor Humano, a Traição da Alma na Psicoterapia**. São Paulo, Símbolo, 1978.

VON FRANZ, M. L. **Psychotherapy**. Boston&London, Shambhala, 1993.

_____ **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo, Paulinas, 1990.

6 APÊNDICES

Apêndice 1: Transcrição das Entrevistas

Os entrevistados estão denominados como interlocutores (I) e o pesquisador como (P)

As entrevistas foram transcritas literalmente mediante o registro fonográfico, exceto a do entrevistado 3, cujo registro foi feito livremente após a entrevista a pedido do mesmo. As partes que não foram possíveis recuperar devido a falta de clareza da gravação estão indicadas por “ / “ e as interrupções do discurso por “...”.

1.1 Entrevistado 1

P: Primeiro, uma questão bem ampla. O que você entende por imagem?

I: É difícil. Não sei como te responder isso. Imagem vem para nós... porque ela faz tanto parte da nossa consciência que é impossível quase você defini-la. Eu tenho a imagem que cai sobre a retina... você pode dar uma definição muito psico-fisiológica. É a imagem que se forma através da incidência da luz solar, qualquer tipo de luz, na minha retina, ativando as cores e os bastonetes, vai para o meu sistema nervoso central e isso é uma imagem e decorre um pouco do fenômeno da projeção. E tem uma imagem que vêm para a minha consciência, que emerge, que aparece, vem, sei lá da onde vem. Eu chamo que vem do inconsciente e me aparece. Eu tenho essa imagem formada no meu cérebro. Então eu acho que a imagem é um fenômeno, que aparece na minha consciência. Ou ela vem do mundo externo ou pelo mundo interno, mas ela aparece na mente sem que eu tenha qualquer controle sobre o seu surgimento.

P: É um processo involuntário.

I: É um processo involuntário. Posso até provocá-lo voltar a mente. Mas acho que também em grande parte é involuntário.

P: E como a psicologia analítica contribuiu para essa concepção que você tem da imagem ou a visão que você tem de imagem?

I: Primeiro a percepção de que eu vivo em um mundo de projeções, eu vejo aquilo que eu tenho capacidade neurológica, fisiológica, psicológica para perceber eu vivo em um mundo de imagens. Enquanto a minha psique determina as imagens que eu vejo, determina a minha percepção. Quando eu falo, nos Estados Unidos, na minha faculdade, o lado forte dela na época era a teoria da percepção. Então eu fiz vários cursos de teoria da percepção. E eu fiquei fascinada por exemplo pela questão das ilusões visuais. Isso abriu um campo muito grande para mim porque eu percebi o quanto nós somos enganados pela nossa percepção que parece uma fonte de referência muito segura. Nós sofremos várias ilusões visuais. Uma delas que mais me fascinou foi a questão do tamanho do sol, do tamanho da lua que não muda, mas visualmente muda. Eu nunca consegui entender porque o tamanho do sol muda, porque que ele é maior no por do sol, menor ao meio-dia. Para mim, era uma ilusão visual. E a gente as vezes nem se dá conta, que faz tão parte de nosso cotidiano que você não percebe que o tamanho do sol visualmente muda. Então eu fui estudar isso. Eu descobri. Tem várias teorias, vários experimentos para explicar isso. Mas quanto nós somos sujeitos a ilusões / o que a gente percebe não é, não é o real. E eu tenho pensado, refletido muito sobre isso. Por outro lado, eu acho que a única forma da gente conhecer a nossa alma é através das imagens, dos pensamentos que emergem, que eu vou me conhecer. Então a imagem sem dúvida é a via régia como falava Freud, Jung depois falou isso. A via régia para o inconsciente é a imagem. Pro inconsciente e pro mundo... eu chamo inconsciente também o mundo externo. Tudo aquilo que eu desconheço vem através de imagens, através de pensamentos. Não vejo outra forma de conhecimento.

P: E essa concepção você acha que vem da psicologia analítica?

I: Não só.

P: Não só, teve outras contribuições...

I: Sim, a teoria da percepção..., eu acho que todas as correntes de psicologia de uma forma ou outra vão trabalhar a imagem. Uma valorizando mais, outras menos. Jung sem dúvida fez uma enorme contribuição. Ele ampliou a questão do estudo da imagem, do símbolo. O símbolo, a imagem Jung supervalorizou isso, dimensionou corretamente a questão do símbolo. Mas todas as correntes vão discutir sobre isto...

P: Mesmo as correntes cognitivas.

I: Mesmo as cognitivas.

P: Na sua opinião quais foram os autores dentro da psicologia analítica que contribuíram para essa questão da imagem, quais os autores que você acha que mais contribuíram?

I: Além do Jung, eu gosto muito do James Hillmann. Eu acho que o último livro dele que é... um que saiu... The Soul's Code. Não sei, esqueci o nome em português. O Código do Ser?

P: O Código do Ser.

I: O Código da Alma?

P: O Código do Ser.

I: O Código do Ser. Em inglês, O Código da Alma. Onde ele atribuiu um valor à imagem... acho que até mais preciso, mais definido do que Jung. Do ser vem com aquele código, com aquela estrutura, com aquela alma, que vai aparecer através dos seus comportamentos, através de tudo que ele vai ser na vida. Eu acho que o James Hillman trabalha ... eu acho que ele é mais purista com o valor da imagem e diminui muito o valor das influências ambientais sobre o ser. Ele quase que acaba com o mito da influência dos pais sobre a formação da personalidade. Ele fala que muito mais importante aquilo com que a alma vem. Agora o que que é que a alma vem? Você vai saber através do que vai ser, não é, de como a pessoa está se comportando no mundo, como ela está se expressando, as imagens que ela vai trazendo. Então esse in-printing que o ser traz, que forma uma imagem pra ela e pros outros, eu acho que o Hillmann trabalha muito bem com isso. Von Franz, sem dúvida, também quando ela trabalha com sonhos, não é, quando ela trabalha com imagens e alquimia...

P: Os contos de fada.

I: Os contos de fada. Sem dúvida. No Brasil, a Nise da Silveira, outra que trabalha brilhantemente com a questão da imagem. Agora, acho que o risco de se trabalhar só com imagem, como a Nise da Silveira mostra no trabalho dela, você tem aqueles psicóticos que trabalham com imagens belíssimas e continuam psicóticos. Então como ligar a consciência às imagens...

P: Fazer a ponte.

I: Fazer a ponte. Porque não adianta só a imagem.

P: É parece que fica...

I: É um show de imagens. E a pessoa continua tão psicótica quanto antes, tão doente quanto antes. Como transformar a imagem, como trabalhar com a imagem. Eu acho que... mesmo a corrente moderna, enfatizando muito o trabalho com a imagem moldar a sua personalidade. Você planeja através de imagem o que você vai ser. Então você pode mudar o seu planejamento pela imagem, se transformando como uma pessoa de sucesso, mais realizada, né? Muito importante a imagem que eu projeto para mim mesmo. E tem outros que usam os conceitos junguianos nesse sentido: os junguianos não estão usando a base junguiana

P: Você sabe de alguém?

I: Não, eu acho que esses que trabalham com termos bem populares, psicologia popular, pensamento positivo, estas linhas todas que fazem projeções, estão trabalhando com isso. Como ser um homem de sucesso, esses livros de auto-ajuda que funcionam, estão trabalhando com imagem, projetam imagens. O que você quer ser. E vai atrás e consegue. Acho que a pessoa que tem uma auto-imagem, é tudo um problema de auto-imagem, uma auto-imagem negativa, seja lá o que for... Tem uma turma que trabalha só com imagem. Não se importa como é que a pessoa formou a sua auto-imagem. E está funcionando. Consegue resultados interessantes. Terapia breve. Entre os junguianos, eu admiro muito o James Hillmann, Verena Kast também trabalha bem com imagens.

P: E ao longo de sua formação acadêmica, você teve oportunidade de se capacitar para trabalhar com imagens ou não? Você acha que /

I: Ah, sim, de uma forma ou de outra. Tudo o que eu aprendi como eu falei com a teoria da percepção, teorias sobre memórias, isso é importante, toda a psicologia profunda que eu aprendi tanto na formação da Sociedade e nos cursos que eu fiz por aí foram me habilitando. Eu tenho um livro sobre simbolismo do coração. Eu trabalho basicamente com o coração como um símbolo, associando como nós estamos morrendo do coração da cultura. Eu faço essa associação. Eu acho que o símbolo. Eu estou falando mais em símbolo do que imagem. O símbolo é o grande veículo de auto-conhecimento.

P: Na graduação, você teve este...

I: Na graduação, eu tive professores junguianos, e aí a Galiote foi uma das pioneiras na época. Começou a introduzir Jung na faculdade de psicologia. Depois outros se seguiram, é alguma coisa assim eu tive... tive grandes mestres.

P: Tenho uma preocupação grande nessa questão da formação acadêmica dentro da graduação. Eu queria saber se você vê dentro da formação do jeito que ela é hoje, você dá aulas, você sabe como funciona..., você acha que haveria maneiras ou haveria uma possibilidade de se aprofundar na questão da imagem, / além de trabalhar com conceitos, trabalhar com imagens?

I: A PUC é um lugar privilegiado. Somos uma equipe de sete professores de psicologia analítica. Eles tem um ano de psicologia analítica na graduação, no terceiro ano obrigatório para todos. E nós damos uma aula prática também, teórico-prática onde eles vão atrás de imagens, têm que trazer notícias

retiradas de revistas atuais, jornais, onde a imagem apareça que reflete simbolicamente um arquétipo. Então os alunos estão o tempo todo pesquisando imagens, símbolos atuais e vendo quais são as determinantes do inconsciente coletivo hoje, como as imagens estão influenciando, que imagens que emergem que estão refletindo o comportamento simbólico. Eles estão fazendo uma pesquisa constantemente.

P: Em cima da imagem.

I: Em cima da imagem.

P: Aplicação de uma possibilidade então de capacitação dos alunos.

I: Sim, eles têm que trabalhar com as próprias imagens, nós pedimos que eles lembrem de sonhos por exemplo, escrevam os seus sonhos e vão vendo como que as imagens que aparecem nos sonhos refletem uma problemática, um complexo, por exemplo, deles. E depois eles vão buscar isso no coletivo. Então nós analisamos por exemplo, foi brilhante o último semestre que tivemos uma aula muito rica em cima desse filme super moderno que é de computador, como é que chama? Que o cara entra dentro do computador, num jogo de computador...

P: É, eu já ouvi falar... mas eu não vi

I: Você ouviu?

P: Se perde na internet? É isso?

I: Ele se perde dentro de um jogo de computador. Mas é um jogo muito belíssimo. É uma linguagem super moderna, que ele tem que achar... é o resgate do mito do herói, com uma roupagem moderna, porque ele entra de um jogo e ele tem que salvar a humanidade.

P: Sei.

I: Porque a humanidade está sendo perdida pelos computadores que tomaram conta. Mas eles estão buscando o Salvador. Então estou mostrando como a imagem do Salvador existe, ainda pode até se falar nesse filme Guerra nas Estrelas, como o mito do herói está presente na cultura, como ele determina a cultura, vestido com roupagens super modernas, como internet, informática... Teve uma discussão de uma aula inteirinha em cima desse filme / Mas é um filme bárbaro. Você tem que ver.

P: Eu trabalho com filmes...

I: Nós trabalhamos muito com filmes.

P: /

I: Eles têm que trazer por exemplo quando se trabalha com animus e anima, eles têm que trazer imagens de animus da atualidade, imagens de anima da atualidade. Eles têm que recortar, trazer e fazer uma análise. Pesquisa bem assim.

P: Sei.

I: Simples, aparentemente simples. Mas que trabalha com imagem. Eu quero recortes, você traz recorte de revista. Ah, parece trabalho de criança. Parece. Mas traz que a gente... vamos ver o que as imagens estão trazendo, que estímulos eidéticos a gente está recebendo.

P: Sei.

I: Trabalho com isso...os alunos fazem...

P: Na sua prática clínica, ao longo de sua formação, da sua experiência... como que as imagens foram entrando na sua prática?

I: É, você vê. Duas coisas: como eu comecei a trabalhar com o corpo, eu era reichiana de princípio, ensinava técnicas de relaxamento do Reich, comecei a perceber que vinham imagens, quanto mais você mexe no corpo, mais imagens vê. E a técnica, a técnica reichiana clássica trabalhava, Reich trabalhava com imagens, mas os bioneréticos Alexandre Lowen, trabalhei com ele, realmente não se importavam o mínimo com as imagens que surgiam. Para mim surgiam muitas imagens e não onde trabalhar com isso. Por isso é que eu acabei indo para a linha mais junguiana, onde tinha um lugar para compreender e interpretar essas imagens. Então o que eu observei em mim mesma, eu observei muito com os meus pacientes. Fica muita conversa, muito blá-blá-blá, chega um hora que nem eu e nem o paciente sabemos mais e você fica no mundo do palavrório, da verborrêia, absolutamente perdido numa ilusão. Então eu trabalho com sandplay, a minha analista americana que era a Ester Weinrib foi que levou o sandplay da Dora Kalff de Zurique para os Estados Unidos. Escreveu um livro, "Imagens do Self", que trabalhava basicamente com imagens, você conhece... Então, eu comecei a trabalhar cada vez mais com imagens através do sandplay que eu acho que é riquíssimo e eu percebo nos meus pacientes principalmente aqueles muito intelectualizados que falam muito quando eles vão trabalhar com imagens você entra em uma outra dimensão muito mais profunda, mais rápida e mais eficiente. Então eu tenho estimulado muito, ou o desenho, ou o sandplay. A vantagem do sandplay sobre o desenho é que você não precisa habilidade para desenhar, você pode expressar dimensões que o desenho por falta de habilidade técnica ou tempo até, durante uma consulta, a pessoa

pode expressar. Então, o sandplay vai dando um diagnóstico através de imagens muito interessante. Eu fotografo as imagens que o paciente faz. Então eu tenho um roteiro ali de tudo o que ele fez.

P: E como que você aborda essas imagens dos pacientes?

I: A técnica do sandplay é não interpretativa. Você não pode interpretar. Então, o paciente depois que faz o seu cenário, ele conta uma estória e eu trabalho com símbolos que emergem como tal, dentro da estória. Eu posso no máximo perguntar pra ele, pedir mais explicação sobre a estória, mas eu não as interpreto. Então, o símbolo não é reduzido a nada.

P: Você faz uma ponte com a situação de vida da pessoa ou ... ?

I: Raramente, quando termina o sandplay, em outras sessões eu posso fazer referências ou o próprio paciente faz. Mas a gente tende a tomar todo o cuidado possível pra não fazer nenhuma ligação muito lógica, muito consciente. É um método construtivo aí, nada redutivo.

P: Certo. Você já falou um pouco dessa dificuldade de alguns pacientes de expressar verbalmente e você utiliza um recurso facilitador e ao contrário, há pessoas que têm dificuldades de lidar com imagens?

I: Tem. Não é dificuldade, é resistência. Eu tenho paciente por exemplo que fala: “Se eu for na areia, eu vou me sujar inteirinho”. Ele vem de branco, porque ele é médico, então ele não pode se sujar inteirinho. O que é impossível, você pode sujar quando muito um pouco as pontas dos dedos. Aliás, se você quiser, você nem põe a mão na areia, você põe as miniaturas na areia, nem põe a mão na areia. Então, o fato de ele achar por exemplo que ele vai se sujar inteirinho com areia, quer dizer, é um medo que o inconsciente invada para trabalhar com imagens. Então, tem outras pessoas que acham que é infantil, que é bobo, se recusam, são muito rígidos, “como é que eu vou brincar com isso, que bobagem, isso não serve pra nada”. Na verdade, há um medo de trabalhar com imagem e perder o controle da consciência que a palavra nos dá muito este controle. Então, eu tenho alguns pacientes que têm resistência e se recusam ...

P: E você acha que é algum tipo de personalidade específica que ...

I: Eu acho que a pessoa que... eu vejo como um mecanismo de defesa muito rígido, muito bloqueado. A pessoa está muito estruturada rigidamente, fazendo bloqueio, são pessoas que não lembram de sonhos, raramente trazem conteúdos do inconscientes, querem ficar falando, falando, falando... Se justificando, falando como elas estão certas e o mundo está errado, não é?

P: Querendo controlar...

I: Querendo controlar tudo e vêm só pra mostrar para mim como elas estão certas e são vítimas. Você tem que ir com muito cuidado, são pessoas que não dá ...

P: Nestes casos...

I: Eu faço o convite, mas você não pode forçar, a pessoa pode se desestruturar mesmo. É muito delicado, mas eu percebo aí... mas só a negativa é bom porque já mostra...

P: Já é um dado.

I: Já é um dado.

P: E você acredita que as reações de transferência e contratransferência podem vir através de imagens?

I: Pode. Claro. Pode vir num sonho. O paciente sonha comigo, por exemplo. Ai está claro, ou sonha com a sessão, que está sendo invadido, na sessão esse é um sonho muito comum, às vezes o paciente sente que chega na sessão e tem outra pessoa que está invadindo e não está sendo atendido. Ou que o paciente projeta sobre mim, porque você está bravo, porque você está triste, porque você está cansado, porque você está alegre, não é o que o paciente... Uma vez, por exemplo, eu fui segurar um espirro e o paciente uma vez falou: “Porque você está bocejando? Eu devo estar muito chato”. A imagem que ele projetou sobre mim é de alguém não agüentava mais. Na verdade, eu segurei um espirro. Então, essa questão de eu estar bocejando, etc. que o cliente achou é uma imagem, nós trabalhamos muito em cima disso imagem de rejeição.

P: E a da contratransferência, do analista? Às vezes, o analista também tem imagens.

I: Com certeza.

P: ...reações corporais.

I: Com certeza. O paciente traz o visual do paciente, a imagem dele, causa um impacto sobre mim. Você tem que estar muito consciente. Eu tive um paciente, por exemplo, super perfeccionista, um decorador famoso, e toda vez que ele chegava na sessão, eu me lembrava que a ponta da cortina tinha caído um pedacinho. Aquilo, eu esquecia completamente, que eu tinha que por uma escada, que tem um alto pé direito, pra por... sabe, quando cai... o finzinho da cortina cai? Esquecia daquilo completamente. Toda vez que ele chegava, eu lembrava que a ponta da cortina tinha caído. É uma contratransferência. Ele criava em mim, como podia criar em muitas pessoas, um sentimento de inferioridade quanto à estética, que ele era hiper-perfeccionista, chiquérrimo. Aí, eu começava a

lembrar dos defeitos da sala, que eu tinha que consertar não-sei-o-quê, não-sei-o-quê-lá. Ele gerava isso, imagens, que eu ficava absolutamente inconscien... , ele ia embora eu esquecia da cortina completamente. Ele voltava, “nossa, eu não consertei, não arrumei a cortina”.

P: E você faz uma distinção entre ampliação de consciência e cura? Se você faz qual é/

I: Eu acho que para haver cura, tem que haver ampliação da consciência. É uma pergunta meio complexa, por que o que é ampliação da consciência? Tem que vir com as emoções, ampliar a consciência não é só conhecer mais. Você pode se conhecer mais e não ter se curado. Eu vi isso, não aconteceu comigo, mas eu vejo uma pessoa, uma aluna, o filho dela de vinte poucos anos teve um câncer e fizeram de tudo, tudo o que era possível imaginar. São pessoas espíritas, pessoas muito desenvolvidas espiritualmente. E quando terminou tudo, o filho faleceu e ela falou assim para mim: “meu filho morreu, mas se curou”. “Como assim?” “Curou o espírito”. Ele estava muito perturbado, espiritualmente estava mesmo, perturbado psicologicamente, mas ela falou durante o processo dele, foi belíssimo ver que ele curou o espírito, embora não tivesse curado o corpo. Ele estava em paz. Então, o que que é cura? Não é? Então, para nós, psicólogos, é uma questão bastante complicada. Claro, você quer que a pessoa sare, o organismo sare completamente, mas houve uma ampliação da consciência no caso e... a família achou que ele se curou, que ele completou a tarefa. Então, prá gente que trabalha principalmente... eu tenho vários alunos que trabalham com pacientes terminais, pacientes com câncer... ou aidéticos, não é, o que que é cura? Eu já vi pessoas morrerem felizes, vamos dizer assim, jovens, não pessoas idosas, porque todo mundo vai morrer, mas que o processo de cura, do espírito que estava doente aconteceu. Então, a questão de cura, eu acho que é tão controversa, dá prá gente conversar muitas horas, não é? Sem dúvida, existe uma ampliação da consciência, mas consciência aqui junto com emoção. Emoção vai junto. Os complexos vão juntos. Ampliar a consciência não é ampliar o conhecimento intelectual. É ampliar o conhecimento sobre si mesmo, sobre a vida, sobre o que que a gente está fazendo nesse planeta, né?

P: Nesse processo de ampliação de consciência e cura, de que forma você acha que a imagem favorece ou não favorece...

I: A imagem é o veículo central, sem dúvida. Tem que ser ligada com a palavra, porque nós somos seres da palavra, não é? Mas a imagem vem vinculada à palavra junto, com a palavra dá, o significado. Eu tenho que ter a palavra para dar um significado à imagem, poder integrá-la na minha consciência. Só a imagem desvinculada do significado, eu acho que não promove a cura. A imagem... nós temos que dar um significado, uma palavra a ela para poder vinculá-la a nossa consciência, integrá-la e ter isso como conhecimento assegurado. Imagem por imagem só, ela fica solta no espaço, como os pacientes psicóticos que fazem imagens lindíssimas e não curam, não se curam, não há o desenvolvimento da consciência. Então, tem que integrá-las na minha consciência através da palavra. Se eu estou diferenciando imagem... eu não sei como você está usando a palavra imagem, imagem como não-verbal ou isso, ou imagem verbal, não sei se você está fazendo essa ligação.

P: É, aí teria... até em que momento, no momento analítico, né, ... há momentos em que a palavra se transforma em imagens...

I: Isso.

P: A palavra também pode ser um tipo de imagem ou um fluxo como dizem os...

I: Claro. Às vezes, uma palavra... ela funciona como uma imagem.

P: Sim, ela perde o seu sentido semântico e ela se transforma numa metáfora.

I: Uma metáfora, um símbolo que dá um grande insight pra pessoa. Você muitas e muitas vezes isso acontecer. A pessoa traz uma imagem e ela vai ver que essa imagem se repete e aí ela vai falando sobre, faz a ligação das duas imagens: “Isso aconteceu comigo, isso está acontecendo comigo isso, por isso que essa imagem ficou tão forte em mim”. Eu vejo um filme, uma imagem do filme causa um impacto. Aquilo fica reverberando dentro de mim, mas eu vou precisar da palavra para unir a imagem ao meu mundo interno, a outros elementos prá poder integrar essa imagem na minha consciência.

P: ...essa pergunta: na hora de falar sobre uma experiência, na hora que o paciente tenta decodificar essa experiência que ele tem, quanto mais essa experiência tem um caráter inconsciente você acha que o discurso dele é mais metafórico ou não muda? É que as vezes a gente vê as pessoas tentando.... a pessoa só tem o vivencial da experiência é uma coisa tão em formação e ela coloca isso num discurso diferenciado...

I: Ela coloca num discurso diferenciado, você falou?

P: É um discurso diferente de uma descrição, por exemplo, “Ah, eu fui à escola, aconteceu isso...”

I: É meio... não tem muito nexo... não tem muito sentido, é isso que você está falando?

P: Aparentemente, não teria sentido, né...

I: Mas tem tudo a ver.

P: Eu penso que na minha visão isso seria uma construção até meio poética ou metafórica ou uma construção de linguagem mais próxima daquilo ////

I: Não sei se é esse o exemplo. Por exemplo, eu tenho uma paciente, tive uma paciente que a grande... os filhos dela tinham dois filhos pequenos e ela estava sempre com a imagem que ela ia pegar uma faca e matar esses filhos, elas estavam na cozinha e os filhos começavam a amolar, pedir coisas, tal e ela tinha a imagem de que com a faca que ela estava cortando a cebola ela ia matar os dois filhos. Isso eram imagens que vinham constantemente na consciência dela. Então, através dessa imagem aparentemente sem nexos... a pessoa não era nenhuma psicótica, não é. Uma imagem que causava um grande impacto, uma grande angústia nela e a gente foi através dessa imagem entender o que que estava acontecendo. Uma imagem aparentemente desvinculada do dia-a-dia dela que era super-normal, tudo certinho...

P: Sei.

I: Não sei se era isso que você estava falando. Fica um núcleo aquela imagem que fica perturbando, gerando angústia, ansiedade. A gente vai ...

P: Você acredita, por exemplo, que observar o fluxo das imagens, isso favorece ao processo de individuação?

I: Ele vem, faz parte do processo de individuação, porque tem uma lógica, não é por acaso. A Estele Weinrib, essa analista de que eu te falei, e outros, por exemplo, foram ver o sandplay, que é um padrão comum a todos os pacientes no sandplay que começam com uma situação mais vegetativa, é comum as pessoas porem pedras e porem plantas e vão se desenvolvendo, depois até chegar nos heróis, nos seres humanos, até chegar mais consciente. Então é como, por exemplo, esse fluxo, essa sequência no sandplay para vários pacientes que fazem um trabalho. Há uma sequência de imagens.

P: E esse, e essa observação do fluxo facilitaria o contato com este processo?

I: Facilita o contato, facilita para o analista saber onde o paciente está dentro do processo, qual é a sequência, que momento que ele está, como que está o ego dele, há uma sequência, embora se você pegar um caderno de sonhos de um paciente... por isso eu anoto os sonhos dos meus pacientes, acho que é impossível a gente guardar tudo, e quando eu releio a sequência de sonhos dos meus pacientes, está lá. Quer dizer, há uma evolução, há uma lógica, embora a gente vai esquecendo se não toma nota. Então, às vezes, a gente pensa que não tem sequência, porque não toma nota. Se você observar, tem. Às vezes, você vê um pequeno símbolo que está lá, escondido no sandplay, isso vai reaparecer em vários sandplays e vai evoluindo. Agora você tem que ter registro disso, senão você não vai saber. E muitos sonhos, se você for ver, eles quase que estão mostrando o caminho que a pessoa vai desenvolver. Uma sequência, olha, é que a gente não sabe. Mas os sonhos quase que mostram o que vai acontecer com a pessoa. Porque ela está fazendo esse caminho, que logicamente vai redundar naquilo. Só que como a gente pega um sonho aqui, outro lá não percebe este aviso.

P: O sonho prospectivo...

I: Prospectivo, por isso é importantíssimo, fundamental o registro dos sonhos, o registro das imagens.

P: / o que você entende por interpretação e como você utiliza?

I: Interpretação é você traduzir, uma transdução, uso a palavra transdução, é traduzir, traduzir o que o paciente está falando numa teoria coerente que faça lógica para o terapeuta. Você tenta encaixar o que o paciente diz dentro de uma teoria e você faz uma leitura teórica daquilo que ele diz, dando uma coerência ao sentido, aquilo que ele fez. Depende. Eu uso pra eu ter uma lógica e compreender o que o paciente está dizendo e espero com isso também que ele compreenda o que está acontecendo com ele. É uma leitura do que o paciente passa, dando uma lógica, uma coerência. E é importante porque esse referencial para o paciente o situa porque dá impressão às vezes o paciente... "estou vendo um caos, estou na confusão, não entendo nada". Então quando você faz uma interpretação, você dá uma lógica, você dá uma luz: o que está acontecendo com você, acontece, está dentro de um contexto, é normal, tem um desenvolvimento, vai passar.

P: É uma referência.

I: É uma referência. Acho que a teoria ajuda a gente a aliviar a angústia também, do terapeuta.

P: O que é que você entende por amplificação e como você utiliza?

I: Amplificação é circundar ao redor. Circundar um símbolo. Você vai ver esse símbolo em diferentes culturas como é que ele vai aparecer. Então você tira do contexto pessoal e coloca no contexto mais cognitivo. Eu uso rarissimamente, quase nunca para o paciente, embora pra mim é um referencial constante, porque eu acho que você pode inflar o ego do paciente e ele perde mais o contato consigo mesmo do que ele... aí o cotidiano dele fica muito banal.

P: Perde o sentido.

I: Perde o sentido. Ele se acha muito importante e não ajuda em nada. Então a amplificação, eu acho que tem que ser usada na terapia em doses muito homeopáticas em situações muito especiais. Muitas

vezes, como eu disse, para contextualizar o paciente no processo que ele está. Mas eu uso muito mais para entender os fenômenos coletivos, quando eu vou interpretar uma situação política, cultural, fim de milênio. Hoje, por exemplo, dei uma reportagem ontem para a TV Record sobre hoje que é Sexta-feira 13. Então eu fiz uma amplificação da Sexta-feira 13, porque que nós vivemos... Sexta-feira 13 é agosto, né? Então seria o auge. Então contextualizo aí, faço uma amplificação para as pessoas entenderem porque o medo de Sexta-feira 13, o que é superstição, etc. Aí eu dou... Então amplificação é um método muito útil, principalmente para entender os fenômenos coletivos.

P: E para o analista também se localizar...

I: Se localizar em frente ao paciente... E a função dele no mundo também, que está mudando tanto. Eu acho que os terapeutas estão sofrendo enormemente com a sua função no mundo atualmente. Estão perdendo o seu papel e não acharam o novo ainda. Então a amplificação vai ter... a gente vai ter que fazer muita reflexão sobre isso agora para não perdermos o pé na história, para não ficarmos prá trás. Mudou, está mudando. Tem que se adaptar e dar a sua contribuição que não é mais o que era. E a gente está num momento difícilimo... os psicólogos... todas as profissões estão.

P: Mas acho que os psicólogos...

I: Psicólogos, eu acho que uma das que estão sofrendo muito. Estamos sofrendo muito, precisamos de um terapeuta para os psicólogos.

P: E o que é que você entende por uma abordagem não-interpretativa?

I: É a abordagem onde você vai pegar o símbolo, a imagem tal como ela é e brincar com ela. Deixar que as associações venham, sem tentar fazer qualquer redução a qualquer outro fenômeno, ficar com o símbolo como ele é, o que às vezes, gera uma angústia, outras vezes, gera um alívio. Angústia porque você quer logo dar uma explicação, alívio porque você não explicação e você pode usufruir do símbolo como ele é, ficar com ele consigo, com a emoção que ele traz, por si. Ponto. Sem explicar nada. É um alívio não se precisar explicar às vezes, não é?

P: E o que você entende por imaginação ativa e se você utiliza?

I: Imaginação ativa, eu acho que é um jogo, um brincar com imagens, deixar que elas façam o caminho delas, com a mínima intervenção possível do nosso ego, da nossa consciência. É como você entrar num filme onde eu deixo as personagens falarem por si mesmas, sem eu querer dirigir nada. Eu uso rarissimamente, porque eu acho que a pessoa tem que estar muito bem. A pessoa tem que estar com o ego bem estruturado, bem forte. Eu uso, às vezes, para dar um fim de um sonho, o paciente tem um sonho, não consegue terminar o sonho, peço para ele entrar no sonho e deixar que as imagens terminem o sonho. Na imaginação ativa, a pessoa nunca pode transcender os limites humanos, não pode sair voando, não pode fazer o que o ser humano não faça. É uma forma de segurar o ego. Eu acho que a imaginação ativa ajuda muito talvez na resolução de conflitos, quando a pessoa tem um ego bem estruturado, ajuda muito a criatividade quando está bloqueada. Eu trabalho às vezes com pessoas que têm bloqueio prá escrever teses, bloqueio na profissão... Então a imaginação ativa ajuda muito a desbloquear. Então é se deixar guiar pelas imagens, assim como elas emergem.

P: E você acha que seria possível construir uma teoria a partir de imagens ou imagens ou imagens que substituam conceitos, porque uma teoria se constitui por conceitos, você acha que a gente poderia caminhar para uma psicologia que prioriza as imagens?

I: Eu não sei se entendo a sua pergunta, porque quando Jung fez a teoria dele, ele foi em cima do símbolo, o símbolo da imagem como... o primeiro livro dele é Símbolos de Transformação, o primeiro livro de peso, onde ele trabalha só em cima da imagem. Ele pega a Ms Miller e vai vendo... que ele nem conhecia, e vai em cima das imagens da Ms Miller ele vai vendo todo caminho psicológico da Ms Miller, pega as imagens que ela trouxe. Como eu já disse, eu acho que o Hillman vai muito... trabalhando com a imagem... é um purista da imagem. A imagem pela imagem. Mas é impossível você fazer a ponte com a consciência a não ser pela palavra. Acho que você vai ter que falar, não tem como por isso eu não sei se eu entendi muito...

P: É mais ou menos por aí, a gente vê uma tendência da psicologia analítica cada vez mais em traduzir os fenômenos psíquicos em imagens, ou na linguagem poética, né? Há uma crítica à psicologia analítica / /// Por um lado tem pessoas que ///

I: Nós precisamos de teoria. Não tem como, pelo menos por enquanto. Não consigo imaginar... você tem uma sequência de imagens, mas é inevitável que você vá querer entender essa sequência de imagens. E a hora que você quer entender, você vai dar uma coerência a essas imagens, você quer ver um padrão, se existe um padrão de desenvolvimento nessas imagens. Aí você já está fazendo uma teoria, está dando uma lógica.

P: Mas essa lógica pode vir através de outras imagens.

I: Sim.

P: Como faz a amplificação. Eu coloco outras imagens em cima de outras imagens///

I: É, mas você vai dar palavras a essas imagens. Você vai falar sobre elas. Você vai tentar explicá-las pela consciência. Então aí... você pode pegar um paciente, fazer um estudo só através das imagens. Na hora que você vai... você vai estar fazendo uma leitura já sobre isso e você vai estar usando uma teoria. Mas agora mesmo dentro da psicologia junguiana, tem três ramos: um que é o purista da imagem, o outro extremo que foram os junguianos tipo Fordham e / que já são quase kleinianos, e tem a linha do meio. Então tem uma diversidade dentro de Jung. Mas eu acho impossível você não usar um referencial teórico. Você tem que ter um modelo teórico para você conversar com os outros. Senão, você é só artista. Artista é que trabalha imagem pela imagem e não explica coisa nenhuma. Mas se a gente está fazendo ciência, é impossível você não teorizar. Você precisa de uma teoria prá poder conversar com o outro e comparar fenômenos, não é?

P: /

I: Sim, sem um modelo teórico, eu não consigo conceber uma psicologia como ciência.

P: Você... falando dessas várias escolas aí, você se identifica com alguma delas?

I: Eu sou do caminho do meio, sigo Buda. Budista. O caminho do meio. Acho que a psicanálise tem coisas importantíssimas. Gosto muito do James Hillman, mas às vezes eu acho ele meio caótico. Então você tem que integrar as imagens num todo coerente, teórico, que você possa ensinar os outros tecnicamente.

P: Você falou um pouco da questão do corpo. Então essa última pergunta é se você gostaria de fazer algum outro comentário sobre esse tema que você ainda não tenha dito ou se tem alguma coisa da sua experiência...

I: Tem duas coisas importantes falando em símbolo que eu não falei. Uma, por exemplo, nós estamos soltando agora em setembro um livro, eu faço parte de uma equipe, nós somos sete analistas, comecei como professora, coordenando. Hoje, nós trabalhando todos iguais, que vai lançar um livro, *Os Animais e a Consciência – Um Estudo do Simbolismo da Vida Animal*. O primeiro volume sai agora em setembro pela Palas Atenas. São estudos sobre simbolismo de sete animais. A gente está vendo a importância do animal pro equilíbrio da vida psicológica do ser humano. Então é um estudo só das imagens dos animais, dos mitos, lendas, contos de fada, deuses, como os animais apareceram da pré-história até hoje, em diferentes culturas pro homem. Então a importância da... termos a imagem animal, portanto, termos o animal sobre o qual a gente pode projetar conteúdos psicológicos, preservar o nosso equilíbrio, o nosso / . Isso é uma pesquisa fascinante que a gente está fazendo há anos, mais de dez anos. Muito bom. Eu acho que é uma grande contribuição para a ecologia. Ecologia também no sentido psicológico. Os psicólogos contribuíram pouco ainda prá questão ecológica. O outro é que eu venho pesquisando na PUC, aqui no consultório, na clínica é a questão do corpo como símbolo. Nossa percepção do corpo é absolutamente simbólica, só percebo... o meu corpo só existe na medida que eu percebo, uma coisa acontece, não tenho consciência do meu corpo. Então nós estamos trabalhando a doença orgânica como um símbolo. Nós pedimos... faz parte da técnica, por exemplo, pedir para o paciente desenhar ou trazer uma imagem da sua doença. Nós trabalhamos com essa imagem, vendo o que que emerge, como o paciente vê a sua doença e modificando a imagem da doença. Nós estamos acreditando nessa nossa hipótese que a gente muda o funcionamento do organismo em termos biológicos mesmo, você muda o funcionamento do sistema vegetativo, do sistema imunológico, do sistema nervoso-central e daí o sistema imunológico e com isso há uma alteração bioquímica. Então através da imagem, nós queremos chegar a uma alteração bioquímica. Nós acreditamos que toda a imagem tem um substrato bioquímico. Se você muda um, muda o outro. Assim como se você tomar um remédio, você também tem uma imagem. Você tem uma alteração das imagens. O que você come, altera as imagens.

P: /

I: Tanto faz por onde você vai abordar. Você toma um calmante e muda a tua imagem. Você toma um excitante, você tem outra imagem. Você tem uma imagem que te excita, você pode provocar uma excitação orgânica. Então nessa interlocução, é que a gente está trabalhando a duras penas, é difícilíssimo, nós estamos trabalhando... Então é um trabalho que eu gosto muito, trabalho muito com a morte.

P: E para fechar a entrevista, eu gostaria que você me desse uma imagem do processo terapêutico. Qual é a tua imagem?

I: Eu vejo o paciente como... uma vez em um livro Paulo de Barros entrevistou vários analistas, pedindo também para cada um dar uma imagem. A imagem que eu dei na época, já faz dois anos, eram de dois seres humanos, duas pessoas que se encontram e a pessoa que procura, o paciente, iria prá ter um guia, que o ajudasse a descobrir a causa de seu sofrimento, entrasse em contato consigo mesmo. Nessa confusão, no caos, na nigredo que ele se sente, na sua dor que ele traz, achar uma luz e sair da dor. Eu acho que não mudou muito. Eu continuo vendo o paciente como outro igual a mim, só

que ele está sofrendo e está procurando uma ajuda no sentido de qual é a luz, qual o significado que ... qual o significado da minha vida, o que eu também não sei. Então nós vamos tentar achar uma luz, achar algumas coisas juntos. Então é o caminhar, eu vejo um convite para caminhar juntos num período, um trecho, onde a gente se encontra, é um encontro de duas almas: uma está sofrendo, a outra de preferência não. O terapeuta pelo menos não é. Tem que estar muito bem prá ele tentar entender o que está acontecendo com ele e ver uma luz aí. Cada vez mais, eu vejo os pacientes como iguais a mim. Antes, eu via como mais... quando eu comecei eu achava que a diferença era muito grande. Hoje, eu vejo cada vez mais igual.

P: Mais humilde.

I: Mais humilde, exato. Mais humilde e procurando decifrar para o paciente o que está acontecendo com ele. Na verdade, eu estou achando, cada vez mais eu sei menos, que os antigos falavam. Eu acho que é interessante isso. Cada vez fica mais difícil prum lado, é mais fácil, mas também cada vez mais complexo. Eu estou cada vez mais respeitosa, porque antes eu achava: vai por aqui que dá certo. Hoje eu acho que não é assim.

P: As dúvidas são maiores.

I: As dúvidas são maiores. Eu acho que os psicólogos estão passando por esse momento difícilíssimo. Até teoricamente. Antes era mais fácil. Acho que eu trabalhava mais fácil vinte anos atrás do que agora. Depois de vinte anos de experiência, eu trabalho, ao mesmo tempo, é muito gostoso. A mais gostoso no sentido que eu não tenho que curar o paciente, né? A cura não está comigo está num terceiro. A gente vai tentar fazer esta aproximação. É uma pergunta muito difícil que você fez. Eu estou sempre repensando. Não tenho a resposta final, não.

P: Eu agradeço pela entrevista.

I: Eu que agradeço, você me fez pensar uma série de coisas. Seu trabalho está muito bonito, Paulo.

P: Assim a idéia é essa interlocução. Você vê que eu vou perguntando, tem coisas que nem estavam aqui a idéia é poder construir um diálogo em cima...

I: Mas eu acho que a gente está entrando agora no próximo milênio... a psicologia está passando por uma grande revolução. Está indo cada vez mais para o campo da psiconeuroimunologia, novos campos estão se abrindo. E acho para o psicólogo, o caminho é realmente o trabalho com imagens, o trabalho com os símbolos, senão ele vai ficar secretário de médico. Então nós temos uma psicologia a ser feita para que não se reduza ao fenômeno orgânico de forma alguma e também não se reduza às velhas teorias psicanalíticas. Então, nós estamos num caminho novo aí que tem que ser melhor estruturado.

P: Mais encarnado.

I: Mais encarnado.

P: Acho que a psicanálise, a tradição psicanalítica é muito desencarnada...

I: Começou com a neurologia, se desencarnou e agora a gente... o símbolo é uma coisa muito concreta.

P: Sei.

I: A imagem é o concreto que a gente tem, que dá prá levar... é o fenômeno. O símbolo ou a imagem, é o fenômeno psíquico com o qual a gente vai trabalhar.

P: Obrigado.

I: Obrigado você.

1.2 Entrevistado 2

P: Então eram as perguntas sobre você, agora vou fazer as perguntas sobre a questão da imagem. Primeiro, o que você entende por imagem? Queria deixar bem aberto.

I: Eu acho que basicamente você... tudo que você vive, é a partir de uma imagem, você cria uma imagem. Se eu estou conversando com você, eu tenho uma imagem de você, eu vejo você... eu vejo você com que olhos? Com os olhos de quem já conhece bem você, de minha maneira de olhar você, que está tingido por imagens minhas de certas situações. Então, tudo, tudo, tudo é uma mistura de imagens e com isso que eu lido muito mais com a realidade... que eu não sei qual é a realidade. Objetivamente, eu não sei... que estou vivendo uma relação com você, mas isso é transformado em imagens. Eu me lembro de sonhos seus. Esses sonhos que estão na hora em que estou conversando com você. Eu não posso me desligar dessas imagens. Lhe definir, certamente eu não tenho. Eu não uma pessoa que define, sou uma pessoa que vive. Se você fosse falar com o L., ele iria lhe definir. Eu não sou ...eu vivo...

P: Prá você a imagem é uma coisa permeia essa percepção? Que está aí com você ...

I: Quando alguém me conta um sonho, vamos dizer, eu imediatamente tenho... faço umas imagens. Pode ser que não seja as imagens do sonho do outro, mas eu tenho essas imagens e guardo isso. Fica na memória extremamente forte, as palavras não. Isso se esquece, mas a imagem fica forte. Aquele sonho causou em mim uma imagem, isso pode permanecer trinta ou quarenta anos, inteiro. Por isso que está muito ligado à memória.

P: E de que forma a psicologia analítica contribuiu para essa sua visão que você tem sobre a imagem?

I: Ela contribuiu em primeiro lugar pelo fato que comecei a mexer com os meus sonhos, mexer com contos de fada, a desentupir meus canais próprios, porque na realidade isso não era uma coisa no qual eu me vivia muito. Quando era mais jovem, eu era / de escola de crianças problema, etc, eu contava contos de histórias, mas várias vezes me falavam assim... muito monótona, você tem dificuldade de por a sua fantasia prá fora. Então eu tinha canais entupidos. Com a terapia, com a minha própria terapia, eu trabalhava com contos, aquilo... puff! Soltou. E na idade, eu sou uma pessoa que cria imagem continuamente. Com tudo, tudo. Até imagens assim, imagens divertidas de uma, de qualquer coisa estapafúrdia. Tudo que tem assim uma imagem. E que então a psicologia analítica me ajudou.

P: Dentro da psicologia analítica, tem algum autor ou autores que você acha que contribui para a questão da imagem?

I: Para mim, Marie Von Franz foi a primeira. Frequentei aulas dela sobre os contos de fada e fiquei encantada do que ela podia ver nas imagens. No decorrer do tempo, descobri que ela interpreta. Então ela coloca um sentido as vezes que me incomoda, ela coloca a idéia dela nas imagens. Então o conto é um pretexto para ela expor as idéias dela. Ela às vezes foge da imagem que o conto simplesmente traz. Hillman depois me fez abrir a idéia de que todo sonho você puder explorar mais a imagem, o sentido, que cores estão lá, que cheiro você sente, como isso te toca os sentidos, ele me colocou e isso me ajudou a abrir. Depois eu mesma comecei a trabalhar nos contos de uma maneira muito mais fenomenológica. Simplesmente o que imagem tem. Por conjugar as imagens, eu percebi que de lá se tirava o sentido. Não precisava interpretar.

P: Então para você, Von Franz e Hillman...

I: A sim, sem dúvida.

P: Ao longo da sua formação acadêmica, em termos de faculdade de psicologia, você acha que você teve oportunidade de aprender a trabalhar com imagens nesse período?

I: Não.

P: Então como que você acha que dentro de um curso acadêmico poderia se favorecer os alunos de psicologia a aprender a trabalhar com imagens?

I: Bom, eu acho que está havendo muitos cursos onde já se trabalha com contos de fada, caixa de areia, sonhos, mas o curso acadêmico tem a pretensão de fazer com que o aluno pense, que o aluno tenha conceitos fixos. Talvez seja isso a proposta da faculdade. Não sei se a proposta da faculdade é também é de abrir... se não é contraditório porque deixar a imagem falar por si, você pode divagar longe e eu não sei se essa é a função da faculdade.

P: Você não acha que facilitaria ter pelo menos um contato com essa...

I: Eu não sei se... pode ser que facilitaria, ao mesmo tempo me dá um certo medo de abrir as comportas para a fantasia e aí as imagens ruem de qualquer jeito e aí entrar num esoterismo, numa coisa muito fácil, encanto, quer dizer, ficar encantado, enfeitado pelas imagens e não ter a capacidade de trazer a imagem para a realidade, senão... era a minha grande crítica a Sandor, que o Sandor levantava muitas imagens e não tinha capacidade de lidar quando eram imagens muito fortes. Criava às vezes crises psicóticas e as pessoas queriam ir embora completamente com as imagens e não sabia segurar.

P: relacionar...

I: Mexer com imagens não é brincadeira. É mexer com o mundo interior mais profundo da pessoa.

P: E você, assim, então você falou... no seu aprendizado acadêmico, você não teve essa oportunidade, então como você aprendeu a trabalhar, você já falou um pouco, né, como você aprendeu e qual que seria então, fora do contexto acadêmico, maneiras que você encontra que as pessoas pudessem começar a aprender a entrar em contato com imagens?

I: Eu fiz isso a partir dos grupos de estudo com contos de fada por que quem me encantou tanto Von Franz, eu fiz quatro meses de curso com eles, seminários, uma vez cada semana. Não era muito, então trabalhei muito. Comecei a ler contos, trabalhar com cada um, pegar cada símbolo, olhar nos dicionários de simbolismo qual é o sentido e tentar... eu dar um sentido, o que podia dentro dos meus limites. Com outras pessoas nos grupos, começou a favorecer, a interessar. Então você tem a Bete Midling, era uma dessas pessoas. Depois ela foi trabalhar isso com os índios, na antropologia.

P: Quem que era?

I: Bete Midling.

P: Midling? Depois você fala como escreve.

I: Você não conhece o livro “Moqueca de Marido” dela?

P: Não. Depois eu anoto.

I: Então tinha...uma que trabalhou com ... e isso lhe facilitou para trabalhar em ópera, ela era cantora, outras eram pintoras, outras eram psicólogas que começaram então a se interessar cada um do seu jeito.

P: /

I: Das imagens, é.

P: Você tem vários... você acompanha vários psicólogos. Nessa experiência que você tem com os psicólogos que saem de uma formação acadêmica e você percebe que talvez entrar em contato com essas imagens, como isso se dá, como você faz essa passagem? Porque a formação acadêmica entra essa coisa conceitual, teórica, então as pessoas fazerem essa passagem parece ser difícil...

I: Às vezes, é um clique.

P: Às vezes, é um clique.

I: Vem com o sonho na primeira sessão e você de repente tem a sorte de poder trabalhar durante uma hora com a pessoa com esse sonho, que ela percebe que, ufa!, na linguagem dos sonhos, tem uma coisa que realmente me toca. Eu tinha um enorme preconceito contra astrologia. L. me empurrou muito para fazer o tema astrológico de nosso filho e eu não queria. Então eu vou uma vez a madame Baume. Do jeito que ela trabalhou durante duas horas comigo, eu só pude dizer: Puxa, mas aqui tem uma coisa extremamente interessante. Ela acordou, me despertou. E aí, eu quis continuar. Eu acho que é a mesma coisa que estudar mitologia. De repente ele tem uma experiência e diz “ah tá, isso aqui é interessante, eu quero saber mais”. Eu acho que não é tão difícil.

P: Dentro de sua prática, nós já falamos um pouco, dentro da prática clínica, como que você introduz esse trabalho com imagem e como que você aborda isso?

I: Eu introduzo, porque na primeira sessão já peço um sonho. E aí o que eu falo que nós temos uma percepção consciente de nossos problemas, como é que nós vamos descobrir o que tem por trás? Parece que existe uma outra metade nossa, como uma moeda, tem uma parede, do outro lado a gente não enxerga mas ele não deixa de existir, então como é que a gente pode entrar em contato com isso? O sonho eu tenho descoberto que ele traz uma mensagem, só que a linguagem é complicada. Eu não entendo ainda, então é preciso aprender. Na primeira sessão já vou ver, o que diz o sonho? Para não ficarmos só apenas com o que você sabe já, o que você quer me transmitir. Não conheço as vezes... não sei se a pessoa é casada, se tem filhos, se tem pai e mãe, não sei, mas eu tenho um sonho. De repente eu me interesso realmente pela alma da pessoa, não me interesso tanto pelas circunstâncias exteriores. E é a melhor introdução. Eu acho que a pessoa percebe que o que interessa é ela, a vivência dela, não são os fatos, eu vou pouco a pouco perguntando. Mas eu falo. Eu falo para as pessoas, não estranhe, eu não vou perguntar, eu não anoto nada. Então é meu jeito. Você conhece o meu jeito...

P: Você tem algum tipo de paciente que tem mais dificuldade de lidar com uma proposta desta? Que tipo de...

I: Pessoas que não sonham, pessoas que prestam muito pouca atenção às fantasias, para os que dizem que não têm nem sonhos nem fantasias. Demora muito mais tempo para eles entrar em contato, mas não é tanto tempo, na realidade depois de um certo tempo: “você nunca teve um pesadelo, lá no passado?” E começa sair uma coisa, lembrança, parece que aí desencadeia. A semana que vem já tem uma série de lembranças de sonhos já sonhados na semana.

P: E quando há uma dificuldade maior ou assim, em algum momento você utiliza recursos que facilitem a produção de imagens?

I: Não. Se durante uma terapia, tem uma fase que não sonha, então... bom.

P: Você não usa por exemplo, contos de fada ou desenho.

I: Mas não para facilitar o sonho. Desenho eu uso em fase em que a pessoa parece que não consegue achar uma saída. Quando pinta, parece que no trabalho de pintar, a saída vai surgindo.

P: Mas é você que propõe ou é as pessoas que os desenhos prontos?

I: Não, até com uma certa insistência, porque quando uma pessoa por exemplo está muito deprimida, ela não tem vontade de fazer nada. Você tem que ser incisiva. Você tem que trabalhar consigo mesmo. Eu proponho isso. Às vezes, a pessoa prefere escrever. É quase uma tarefa.

P: E na relação com o paciente, com o cliente, você acha que a percepção da contratransferência pode vir a partir de uma imagem? Ou não?

I: Vem a partir de uma imagem, não? Mas você quer dizer uma imagem no sonho ou assim?

P: Não sei bem. Pode ser no sonho, pode ser uma fantasia que você tem do cliente ou uma imagem do corpo, ou...

I: Eu realmente trabalhei muito pouco com o conceito de transferência e contratransferência. Eu não sei se é justamente não é por isso que é mais fácil de acabar uma terapia porque não acho que isso é o caso principal. Eu sei que há ... de ambas as partes. Ficando nisso, não sei se ... Para mim, é uma coisa como, justaposta a uma teoria, justaposta, agora pode acontecer uma pessoa... acontece sempre, ter sonhos sobre o que se passa aqui, e às vezes acontece eu ter um sonho com uma pessoa, eu conto.

P: Você conta?

I: Eu conto. Porque eu acho que tem haver uma honestidade, uma troca. Então o terapeuta vê qual é a reação da outra pessoa, não?

P: Sei. E assim... você faz alguma distinção entre ampliação de consciência e cura e se você faz distinção ou não, de que forma as imagens favorecem mais um do que outro?

I: Você quer dizer que uma pessoa que está ampliando uma das imagens dela, ela estaria mais próxima da cura?

P: Pessoas que falam em terapia como uma possibilidade de ampliação da consciência e outras que falam como possibilidade de cura. Não sei se você faz esta diferença ou não?

I: Eu não falo em cura, porque eu não estou vendo a pessoa como um doente. Eu estou vendo uma pessoa que precisa de uma certa educação para entender o que se passa dentro dela. Eu não estou vendo uma pessoa com uma doença. Muito raro. Eu fico brava quando uma pessoa quer que eu veja ela como um doente. Eu digo: “ Não, você não está doente”. Está difícil, /, está difícil de sair do buraco.

P: /

I: Exatamente. Agora, posso dizer que quando uma pessoa começa a sentir, a ter sonhos com imagens mais arquetípicas, tenho uma sensação boa de como ela está se ampliando, que ela não está só voltada para uma problemática pessoal. Eu digo, puxa realmente há um desabrochar, há uma capacidade de estar atenta a muito mais coisas que seus problemas cotidianos. Isso me dá uma impressão de um desenvolvimento e que aí uma vez que a pessoa está um pouco mais habituada a isso, é só continuar a vida mesmo que pare a terapia.

P: E você acredita que esse... que você fala, de imagens arquetípicas, se dá em determinada idade ou não? Pode se dar vários momentos...

I: Tenho visto em jovens. Eu vou dizer jovens que tiveram um problemática muito severa. Esses, eu tenho visto que de repente eles... eu tenho a impressão de um amadurecimento muito grande, pode ser que cedo, não sei, jovens que tiveram perto da morte...assim... rapidamente entrar em contato com um mundo arquetípico, uma coisa mais árdua, porque passaram por isso.

P: Você acha que é uma resposta do inconsciente para essas pessoas poderem se adaptar ou sobreviver ou... sei lá, reagir a estas situações?

I: Sim uma resposta do inconsciente, pode ser, mas é que se uma pessoa passou por uma situação que está entre a vida e a morte, em coma, e intimamente diz não, eu quero viver, inconsciente, uma decisão parece do inconsciente, essa pessoa depois se questiona “mas qual é o sentido disso”, a problemática da vida quotidiana é absolutamente secundária na vida dessa pessoa, agora ela quer a vida com muito sentido. Eu não sei se é a resposta do inconsciente então rapidamente entrar em contato com experiências mais profundas, o que não quer dizer que depois ele não volte a uma coisa mais pessoal, complexos pessoais, mas em um tempo imediatamente depois estão muito em contato com... qual o sentido da vida, sentido da morte, o sentido... o que existe além disso, questionamento que muitos jovens... eles fazem, mas não é assim profundo.

P: Você acha que a observação dos fluxos das imagens, reflete melhor ou seria a melhor maneira de abordar ou focar o processo de individuação?

I: O que quer..., é uma coisa que eu tenho dificuldade de entrar nessa maneira junguiana de dizer ah! eu estou no meu processo de individuação, porque eu acho que uma pessoa que não faz terapia também, é um processo de individuação. E é um tipo de dizer que faz parte dos privilegiados, não? Eu diria / que olhar para você, olhar para o teu mundo interior, te amadurece e te faz crescer. Eu não sei se fosse nunca tivesse feito terapia, você não teria também.

P: O processo está lá.

I: Exatamente, não?

P: Mas com relação a relação terapêutica, quando você aborda a problemática na vida de uma pessoa, esse fluxo de imagens te ajuda a perceber os desdobramentos que outros chamam de processo de individuação? Não que ocorra só...

I: Não, não, não,

P: ... neste contexto enquanto terapeuta... abordando essas imagens que vão passando através dos sonhos... isso te ajuda a perceber o desenvolvimento...

I: Ajuda. Ajuda no sentido que se houvesse pego alguma problemática, costuma parecer primeiro como um bicho extremamente primitivo e depois você vai ver que ele vai se tornando mais um mamífero, mais próximo do ser humano, depois vira uma figura humana e até às vezes vira uma figura sábia dentro de você e aí você parece que...um dinamismo, uma parte do ser humano onde realmente vai amadurecendo. Através das imagens, dá para perceber.

P: O que você entende por interpretação? Se você utiliza ou não...

I: O que eu entendo por interpretação? Você quer saber como eu faço?

P: Em geral, o que você entende por esse termo e se você utiliza, se interpreta ou não, se você acha que você interpreta?

I: Primeiro lugar, eu acho que qualquer ser humano interpreta. É muito difícil de você sair disso, porque faz parte de você no fundo se sentir mais segura, se você pode dar um nome aos bichos, às coisas, dizer o que eles significam, isso te acalma.

P: Sim.

I: É como você ir ao médico e ele lhe dá um diagnóstico, diz isso e isso você tem, os sintomas querem dizer isso, isso, isso. Então por isso você fica mais calma. Então interpretação é uma maneira de você dar um significado ao comportamento, às imagens, às fantasias suas e da pessoa, mas inevitavelmente você coloca uma coisa subjetiva sua, você interpreta, isso fecha, você dá uma interpretação de um sonho, de uma realidade, você diz: “Bom, é isso que significa”, você fecha, você não dá possibilidade facilmente de outras maneiras de ver o mesmo assunto. Então eu tenho uma resistência à interpretar, porque eu acho que... bom, por exemplo, no consultório o cliente sai, já sei o que quer dizer, o que eu tenho e ele fica preguiçoso, dizendo que está tudo resolvido. E eu prefiro que ele saia perturbado e que ele saia... “bom, eu não sei o que quer dizer tudo isso”, mas que saia com um monte de imagens e que continue e que ele continue se questionando sobre ele mesmo, que ele está percebendo que ele está vivendo. Mobilizá-lo. Interpretação para mim é crítico de arte, crítico de música que finalmente faz com que você passe ao lado da experiência de ser emocionalmente mexido.

P: Agora o que você entende por amplificação? E como você utiliza?

I: Amplificação, eu entendo é que..., vamos dizer, surge uma imagem num sonho, um peixe voando. Então a pessoa geralmente fica estranha com isso. Então eu posso de repente dizer: “Mas olha, em tal lugar um peixe quer dizer isso, em outro lugar isso surge, olha na realidade um peixe voando seria um espetáculo incrível. Então você pode um pouco divagar sobre a imagem a partir de conhecimentos que você tem de história da religião, mitologia, de contos de fadas, enfim, tudo que você tem como lembrança. A pessoa também que quais são as lembranças que ela tem. Então a imagem não fica só a pequena imagem do sonho, mas está ligada a imagens que o ser humano teria a respeito do peixe. E eu espero também que seja um feito de que a pessoa continuar ela mesma ampliando. Não necessariamente com a sua cultura mitológica, histórica, mas inclusive com as vivências que teve na vida. Cada vez mais hoje eu prefiro ficar nesse nível de... o que que ela sentiu?, o que ela experienciou? O que a imagem que ela teve....como é que isso mexeu com ela? Então cada vez mais, eu acho que ampliar dentro da...

P: Esfera pessoal.

I: É, porque senão o terapeuta às vezes fica lá com um baita de um... ah, ele tem uma cultura fantástica, uma coisa assim muito metida, não? E que é que o cliente tem a ver com o significado de ritos em grego sobre o peixe, etc. Às vezes, eu acho que é um pouco... cair fora.

P: Você acha que o tipo de abordagem às vezes pode facilitar a inflação quando o terapeuta fica numa esfera muito...

I: Fácil? Eu diria que tem alguns clientes também que vão lá em casa olhar dicionário. Ontem mesmo, tinha uma pessoa que olhou um dicionário, todo o sentido, nem lembro o que era, mas é gozado porque entrou por aqui e saiu por aqui. E eu estava interessada onde é que, qual era experiência dela. Mas tudo bem, eu acho que tudo para a gente é interessante, mas não importa... mas não é necessário que você encontre nas amplificações nos dicionários o sentido de que a imagem quis dizer, não?

P: O que você chamaria, o que você entende por uma abordagem não-interpretativa?

I: Exatamente isso, de entrar mais em contato com a realidade da pessoa, como é que a pessoa realmente... o inconsciente dela produziu uma certa imagem, de chegar mais a estória da pessoa, das experiências porque muitas pessoas não tem lembranças de como eles mesmos construíram sua estória, com sua... qual educação, mas também a sua visão própria, cada um tem uma maneira própria de ver, acho que isso é que é interessante de entrar em contato. Então tem de buscar... como é que faz vibrar você, que cheiro você sente com essa imagem, que cores... Agora tem algumas pessoas que divagam tanto nas imagens que você aí precisa ser interpretativo. Você precisa de dar um chão, de estar na estrutura.

P: Senão fica...

I: É. Eu tenho algumas pessoas que aí gostam de voar e aí eu preciso trazer para a terra.

P: O que você entende por imaginação ativa? Se você utiliza ou não...

I: Eu uso pouco imaginação ativa. Quando eu fiz a minha terapia, eu tinha muita dificuldade. A minha terapeuta tinha grande dificuldade em fazer imaginação ativa. Ela sempre se culpabilizava de não conseguir. Agora hoje em dia, desde que eu enxergue que dentro da pessoa existe uma dicotomia, existe como um lado que puxa, vamos dizer, que gosta de ter dinheiro e um lado que está mais para o pobre, que desvaloriza, e eu aí eu tento de começar um diálogo entre as duas. Às vezes, eu sou um dos lados, e a outra pessoa é o outro, a gente deixa um pouco a fantasia correr. Às vezes, eu falo para as pessoas tentarem um diálogo, escrever uma estória.

P: Para entrar em contato com...

I: É para no fundo um lado poder aceitar o ponto de vista do outro. E quando a pessoa escreve, não sei, porque a dinâmica é dela, porque dentro dela, os dois lados tem uma resposta. Vivemos continuamente em tensão, não? Então a imaginação ativa ajuda muito a você dizer: “Bom, mas vou ter que criar um diálogo dentro de mim”, que é um tipo de imaginação ativa. Uma vez ou outra, eu digo, a pessoa me diz “estou assim, assim...não entendo nada...você pode me dar uma imagem disso?” E a partir dessa imagem a pessoa diz “como sair disso, como é que seria isso?” Há uma coisa muito tênue entre imaginação ativa e uma imaginação mais passiva.

P: É difícil...

I: É.

P: E você acha, por exemplo, você falou assim, você acha que às vezes na atitude terapêutica a gente incorpora um lado para facilitar o outro se expressar

I: Sim, incorpora.

P: Colocar questões que o outro lado faria?

I: Isso. Eu faço mais para demonstrar como é que seria. O que / por isso que eu digo que...

P: /

I: Eu acho que para alguns terapeutas que sabem muito bem lidar com isso funciona muito bem. Se para mim não é uma coisa... eu não vou me meter a fazer, porque eu não preciso também disso. Eu não sinto... como não preciso de recorrer a I- Ching, a Astrologia, esse tipo de coisa, porque eu tenho... eu sou muito afetiva. Então parece que não há necessidade, não?

P: E assim, na relação com o paciente, como que você acha que o discurso feito, verbal... se você acha que esse discurso pode se tornar uma imagem?

I: Na realidade, cada pessoa que entra eu sempre fico admirada de como eu posso mudar de uma hora para outra. Certamente que a pessoa que vem traz uma imagem. Agora se eu sinto que uma pessoa que é extremamente cerebral mas eu vejo uma imagem dessa pessoa cheia de sentimentos, o meu discurso se torna assim muito afetivo, sentimento, como para ajudar a outra pessoa a ter uma maneira de ser não tão cerebral, tão mental de abordar as coisas para facilitar, eu dizia, olha é possível um outro tipo de discurso. O meu discurso muda da imagem que eu tenho da pessoa.

P: A partir da sua imagem. Agora, você acha que às vezes no discurso a gente cria uma imagem um pouco, como uma metáfora, ou o paciente na hora de se colocar ele cria através do discurso uma imagem ou uma metáfora...

I: Nunca tinha pensado nisso, mas...

P: Porque a gente pensa... não sei, a gente pensa em imagem sempre como uma coisa visual tátil às vezes na maneira da gente relatar a estória ... você percebe que às vezes é possível a construção de uma imagem ou as a maneira da gente colocar ...a maneira que a gente coloca as palavras...

I: Eu acho que... agora me veio na cabeça, têm algumas pessoas que... o seu discurso delas, a preocupação delas... e me pedem para entrar numa visão mais religiosa da vida delas. Parece que a coisa transcorre, quer dizer, às vezes num confessional, às vezes dentro de uma igreja, às vezes na natureza numa dimensão maior. Essa imagem é um certo tipo de metáfora. Ela está por trás do relacionamento que a gente tem. Isso pode, mas geralmente não me atrapalha muito, mas poderia atrapalhar, se você não puder em outras horas estar no prostíbulo, não?

P: Por que?

I: Fazer isso, não posso. Não sei, eu tenho facilidade de mudar assim o meu registro para outro. Não me finge, mas é verdade que se eu tomo a dinâmica e vejo mais religiosa o meu linguajar, minha... vou pegar coisas do meu registro de experiência religiosa.

P: /

I: Sim, sim, têm pessoas que têm um anseio, um pedido para falar nesse... Ele me falam, podem falar...

P: Porque não?

I: Porque não.

P: Então entrando na outra pergunta era assim: você acha que a construção da teoria psicológica, você já ... ela poderia ser feita usando muito mais imagens ou metáforas do que idéias conceituais. Você acha que a psicologia se beneficiaria em realizar uma leitura ou uma construção de uma teoria a partir da imagem ou metáforas ou não?

I: A gente pode esperar que sim, porque a psicologia é o trato da psique. A linguagem da psique são as imagens. Então a gente poderia esperar que um dia se chegasse a usar a linguagem das imagens como ciência, mas estamos longe. Na realidade, estamos falando como pessoas de ciências, usando uma linguagem de fora que não é uma linguagem da psique. Por isso que eu acho que tem tantas teorias diferentes, por isso que eu acho que tem tantas coisas no fundo chutadas em todos os sentidos, vamos usar os testes, vamos fazer dinâmicas de grupo, fazer psicodrama e a gente vai tentando, engatinhando, mas parece que não se chega realmente a psique. Teoria, por exemplo, a teoria da psique, Jung tentou, Jung tentou, né? Se você vai a certos livros, ele vai e vai e tenta e ...

P: Está preso no labirinto.

I: Ele tem atrás um medo dos homens da ciência do seu tempo, de ele não ser um homem de Ciência e o tempo todo ele tem que dizer, mas eu tô, sou científico, que você até cansa, não?

P: Até desconfia.

I: Exatamente. E no final da vida, ele se permitiu um pouco mais, não? Eu acho que Hillman se permite mas às vezes quando ele é muito cerebral, às vezes, ele tem um lado assim que irrita, querer contestar o tempo todo, quando ele está solto, ele realmente parece que entra e te pega. Será que se pode fazer uma teoria, não sei... um método, teoria tem que ter conceitos têm que ter uma linha lógica. A lógica do inconsciente, da psique, não, não é lógica racional. Eu acho que tem lógica, não é a lógica racional.

P: Teria que ter um outro paradigma.

I: Tem que ter.

P: Você vê um paradigma surgindo ou...?

I: Não, também por... eu não sou pessoa de teoria, sou pessoa que está ligada a sensação, eu sou muito mais afetiva do que... você que sabe isso, não eu não sei....Teria que perguntar a L. ele é mais... é da natureza dele, ele está mais abstrato e aí que ele está, faz anos tentando, a procura...

P: Sobre esse tema tem mais alguma coisa que gostaria de falar?

I: Acho que não, você sabe, os contos de fadas ou os mitos... tem sido de uma riqueza inacreditável. É como se através da imagem, consegui juntar aquela coisa de ser uma borboleta, que você merece ter muitas coisas, às vezes é um incômodo, porque parece que nada você aprofunda através da imagem. Consegui juntar e aí deu uma sensação muito gostosa de um aprofundamento, de estar acertada... As coisas não são disparatadas. No nível... Assim como um quadro meio... Esses quadros modernos que parecem um monte de coisas, mas eles formam uma realidade. Isso eu acho que o trabalho com sonhos, muitas pessoas, você tinha muito desses sonhos, com um monte de coisas diferentes. É ver que tudo isso forma uma imagem geral e é uma coisa de você...foi muito rico. Não é disparate. Estou em tudo.

P: Você estava falando...dessa questão da imagem no meio acadêmico, você acha também que poderia haver disciplinas como história da arte, ou mesmo história das religiões, mitologia, conto de fadas seriam uma maneira pela qual o aluno de psicologia poderia entrar em contato com este tipo... de educar o sua sensibilidade para outro tipo de...

I: Sem dúvida. Eu acho que deveria fazer parte da bagagem cultural de qualquer psicólogo de ter esse tipo de... eu acho que é mais do que entender melhor a imagem, entender a psique, porque a psique se manifesta na arte, nas religiões, nos mitos, nos contos. Como também ela se manifesta na vida cotidiana andando nas ruas de São Paulo. Basta ter uma educação cultural e também poder enxergar que ela está na vida de todo dia. Essa é a que eu acho que é grande dificuldade, porque de repente, você parece que é eclético, exatamente a sensação que você tem, cheira um pouco de tudo, você não consegue trazer isso para a tua vida e aí tem que ser um bom professor para poder... um professor que tem mais experiência prá poder trazer isso para a vida das pessoas, não?

P: Se não fica estético também, né?

I: Lembro de uma vez que me pediram uma palestra sobre algo de valor ... não sei alguma coisa sobre solidariedade, uma coisa neste sentido, de fazer o bem do ser humano, eu vi, eu estava lá em cima no palco e uma enorme platéia... mas eu tenho primeiro fazer sentido prá eles. Aí eu comecei assim: "Olha, eu estou com uma vontade louca... se eu tivesse uma bola, eu jogaria prá vocês e vocês me jogariam de volta. A gente no fundo... vocês estão tão longe e eu tão longe... como é que a gente pode entrar em contato? Às vezes, com uma bola. Fazer sentir que não é uma coisa abstrata, que o ser humano deseja, deseja meio ter uma proximidade com o outro. Isso não se faz com palavras.

P: E a sensibilidade das pessoas, você acha que / se cultiva ou tem pessoas que sensibilidade e outras não?

I: Eu acho que é uma coisa que as pessoas têm, mas às vezes não sabem que têm e não usam. Então que se podem criar situações onde isso desperta. Eu estou vendo que tem tantas coisas de sensibilização no meu corpo, sensibilização disso e daquilo. Eu acho que tudo isso é válido. Eu acho que uma parte de minha sensibilidade acordou quando eu estava grávida. Eu fiz sensibilização do corpo para me preparar fisicamente para o parto. A pessoa que não é ao meu ver nada sensível despertou minha sensibilidade. Falava: como é que você vê o céu de sua boca, como é que é o interior de seu corpo... ela deu um clique e começou a vir um monte de imagens. Então, essa pessoa despertou e não sabia que ia despertar. Às vezes, você vai a um... e escuta um concerto no topo da montanha, aquilo lá é lindo, tem um por do sol, a sua sensibilidade é acordada. Os cursos universitários não.

P: Não completamente. Prá finalizar, eu gostaria que você me fizesse uma imagem, uma imagem que você tem do processo analítico.

I: Do processo da ?

P: A imagem que você tem de um ponto do processo analítico.

I: Eu diria na maioria das vezes a minha imagem de um encontro de duas pessoas sentadas na grama, olhando para as coisas que tem em volta e a gente falando um para o outro. É isso, não é uma coisa de eu me sentir acima do outro, não é nada disso. É muito um encontro. É muito nesse sentido... à vontade, sentados na grama.

P: No chão.

I: É. Sem ameaça de nada.

1.3 Entrevistado 3

P: O que você entende por imagem?

I: É tudo. Em tudo há imagem.

P: De que modo a psicologia analítica contribuiu para a sua visão de imagem?

I: Tenho a mesma visão de Jung sobre a realidade simbólica

P: Na sua opinião quais foram os autores que mais contribuíram para esta questão?

I: James Hillman, Henri Corbin, Thomas Moore

P: Ao longo de sua formação acadêmica você teve oportunidade de se capacitar para trabalhar com imagens? Em caso positivo, como foi? Em caso negativo como você acredita que poderia ter sido (no contexto acadêmico)?

I: Na faculdade não é o momento de se aprender a entrar no mundo das imagens. Lá é o momento do ego, dos conceitos. O contexto acadêmico é momento de formação da persona e do ego. É a mesma situação entre uma faculdade de teologia e um monastério. São duas possibilidades de aprendizado, uma prioriza o teórico a outra a experiência. Talvez pudesse se pensar uma faculdade que priorizasse a experiência imediata com o psíquico, onde se buscasse educar a sensibilidade através da prática com orientação de um mestre.

P: Como você aprendeu a trabalhar com imagens? Na sua opinião qual seria a melhor forma de aprender a lidar com imagens fora do contexto acadêmico?

I: Na minha análise pessoal. No contato com as imagens do meu inconsciente. Deixando as minhas imagens falar. Para se aprender a fazer pão é preciso por a mão na massa.

P: De que modo as imagens se inserem em sua prática clínica? Como você as aborda?

I: Favoreço ou crio espaço para a imagem. É a maneira como você vê o mundo que pode despertar no outro uma nova possibilidade. Se vejo o mundo através de imagens, ou a partir delas posso levar o outro a despertar suas próprias imagens. A filha do Jung sugeria que é bom se ter sempre uma imagem inicial que no caso dela vinha através da carta astrológica. Começar do nada é sempre muito difícil para o analista. É preciso fazer a imagem reverberar no outro e na relação analítica.

P: Com relação aos pacientes você percebe alguma dificuldade em aceitar um tipo de intervenção através de imagens? Há alguma característica de personalidade que facilita ou dificulta esse tipo de trabalho?

I: Há pessoas que não têm vida interior. Vivem tudo no externo, no concreto, com estas é mais difícil. Há outras que vivem dentro das imagens, vivem a partir de uma perspectiva interior. Neste caso é mais fácil.

P: Como você utiliza algum recurso que facilite a expressão de imagens? Em caso positivo descreva-o e explique seu objetivo terapêutico.

I: Não. O recurso é a relação

P: Você acredita que a contratransferência possa ser configurada através de imagens?

I: Não trabalho com este conceito

P: Você faz alguma distinção entre cura e ampliação de consciência? Você acha que as imagens favorecem mais um do que outro?

I: O conceito de cura é para médicos, eu não sou médico. A ampliação da consciência não significa maior equilíbrio psíquico ou resolução dos problemas e conflitos. Há pessoas com um enorme campo de consciência, mas que não se relacionam consigo mesmas e com os outros. Neste sentido a terapia deve promover relacionamento. Relação é a palavra chave. As imagens favorecem a relação, pois através delas posso me relacionar comigo e com o mundo.

P: Você acredita que a observação do fluxo e desenvolvimento das imagens enfoca melhor o processo de individuação? Por que?

I: As imagens favorecem a relação com este processo. Observar as imagens é um tipo de meditação. É estar diante de algo e se deixar levar pelo seu movimento e desenvolvimento.

P: O que você entende por interpretação e como utiliza?

I: Interpretação é ficção científica. É colocar algo que não está na imagem, que não lhe pertence. É falar sobre.

P: O que você entende por amplificação e como utiliza?

I: Amplificar é circular em volta da imagem. Penso mais em “entrar” na imagem, torná-la o mais real possível, viva. A amplificação arquetípica as vezes ajuda mas o mais importante é estar na imagem.

P: O que você entende por uma abordagem não interpretativa De que modo as imagens se inserem em sua prática clínica? Como você as aborda?

I: É poder vivenciar, experienciar a imagem. Não falar sobre. É claro que sempre interpretamos num certo sentido, na medida que atribuímos valores e sentido às imagens. Não interpretar seria priorizar a vivência das imagens.

P: O que você entende por imaginação ativa e como utiliza?

I: Imaginação ativa é o que o próprio termo diz, deixar a imagem falar, se manifestar, se deslocar, deixar seguir o seu fluxo. São poucas pessoas que conseguem ou podem realmente entrar na imaginação ativa. É preciso uma certa pré-disposição. Jung dizia que somente 5% das pessoas conseguiam.

P: Como você vê a relação do discurso e as imagens no contexto psicoterápico? Quando o discurso se apresenta enquanto imagem?

I: As imagens estão em tudo, em um concerto, em uma descrição ou teoria. Sempre há uma imagem. Os teóricos da comunicação dizem que o verbo vem por último, primeiro sempre surge uma imagem. Assim quando falamos, falamos a partir de imagens. Todos temos um mito a partir do qual nos relacionamos com o mundo. A linguagem poética ou metafórica favorece a imaginação, portanto está mais próxima da alma.

P: Você acredita ser possível construir formulações teóricas sobre a psique a partir de imagens? Imagens que substituam os conceitos? Por que?

I: Os conceitos e teorias são necessários como referência, não como veículo de aproximação com o psíquico. Falar através de imagens sem dúvida atinge mais o psíquico, é mais próximo de sua natureza. O problema é que sempre acabamos fechando em conceitos, a idéia é deixar aberto.

1.4 Entrevistado 4

P: E agora eu vou entrar nas questões mais específicas sobre imagens. Então primeiro uma pergunta bastante aberta. O que é que você entende por imagem?

I: Para mim, imagem é relação homem-meio. Não tem outra coisa.

P: Relação homem-meio. Você acha então que essa relação é permeada pela imagem?

I: Pela imagem. Imagem é isso.

P: E de que modo a teoria da psicologia analítica contribuiu para essa tua visão de imagem?

I: Bom, essa minha visão de imagem não veio da psicologia analítica. Essa visão de imagem veio de anos e anos e anos e anos de estudo de fenomenologia. Eu estudei profundamente o método fenomenológico. Começando desde o estruturalismo, depois para a fenomenologia, depois fenomenologia existencial e surgir dessa depuração. Agora, a psicologia analítica me permitiu trabalhar com a noção de arquétipo. E esse é o grande presente das minhas pesquisas. Eu trabalho há 13 anos pesquisando ecologia, arte, mitos, lendas, contos de fadas em arte terapia, usando a noção de arquétipo. Então o grande presente da psicologia analítica foi a noção de arquétipo. Sem dúvida.

P: E assim dentro da psicologia analítica existe algum um autor ou outros autores que você acha que contribuíram na sua visão?

I: Na psicologia analítica infantil o Fordhan que me ajudou a trabalhar com crianças muito, mas muito, muito, muito. Eu tinha uma noção de Melanie Klein. Eu tinha uma noção da Anna Freud, das defesas e tudo, mas esse tipo de trabalho era difícil para mim. E aí com a noção do Fordhan e com a noção da escola inglesa, eu me senti mais a vontade para trabalhar. Então eu trabalhei com criança carente, com criança deficiente mental, deficiente física, criança psicótica e sempre Fordhan com a questão do sonho do sonho na infância, com o conceito de deintegração, tudo isso foi me deixando um caminho um pouco mais fácil. Aí isto com a arte, com o desenvolvimento da arte na criança, foi possível criar um paradigma novo de trabalho.

P: Ao longo da sua formação acadêmica em termos de faculdade, você acha que você teve a oportunidade de aprender a lidar com imagens?

I: Olha, Paulo, essa pergunta é muito legal. Eu me emociono um pouco porque na verdade quando a gente é precursor de uma área, a gente é precursor porque doeu na hora que não tinha como fazer. Eu sou bailarina. Eu comecei com arte desde os 8 anos. E eu, prá eu resolver as minhas questões pessoais, eu entrava no quarto, desenhava, pintava, dançava e fazia esse tipo de coisa. Então quando eu entrei na faculdade, eu queria ir embora, queria embora, quer dizer, ver rato, ver aquelas coisas, eu dizia: “Isso prá mim é uma morte”. O que me fez ficar na faculdade foram os testes psicológicos, e um instrumento belíssimo o Roschart, é a imagem, e a noção de engrama do Roschart que é como entra toda a parte da neurologia, da fisiologia, na constituição da imagem. Era o meu encanto. Eu tinha 20 e poucos aninhos e já fui fazer Roschart. E eu fiquei com o Roschart até hoje. Então essa foi a contribuição da academia. Só que academia sozinha não resolvia. Eu tinha que fazer Sociedade Roschart. Eu tive que fazer um dispêndio grande de energia. E a parte da arte não tinha na faculdade. A gente não falava em arte. Então eu tinha um trabalho de arte educadora, de criatividade. Eu fiz o curso de arte educação fora da faculdade. E lutava muito, eu tinha mestres fora que iam me ensinando que era imagem. Eu aprendi imagem plástica, sonora, kinestésica, etc, com professores de imagem de arte. Então o Roschart novamente através da sociedade, mais essa questão das obras artísticas e o estudo da imagem na arte. Mas a questão do Jung com o imaginário, imagem e tudo isso, essa trilogia é que me base, mas saindo desse circuito, eu não tinha com quem falar de imagem. Não tinha na universidade outras fontes, outro espaço. Então o que eu fiz: fui estudar antroposofia prá aprender as imagens cosmogônicas. Então estudei, estudei, estudei cor, forma, movimento, som dentro de um enquadre mesmo físico, psicofísico, isso me ajudou muito. De volta à vida acadêmica, eu vi que o meu know-how não cabia. Então o que eu fiz na academia, respondendo a tua pergunta: eu aprofundi Jung e a fenomenologia, porque não tinha outro jeito de você, dentro dos nossos mestres, desenvolver. Até que em 1985 a universidade me chamou para os cursos de arte terapia. Eu podia inverter o processo. Aí eu levei para a universidade: “Olha, gente, existe estudo de imagem, existem esses estudos todos de compreensão estética através da leitura artística. E não só do Merleau Ponty, mas da arte em si. E aí foi um “tchan”, foi uma contribuição muito grande. É claro que o doutor Sandor sempre esteve por trás me incentivando que eu continuasse, porque eu tinha medo. Eu dizia: “Gente, eu não vou passar nesse negócio”. E como eu sou artista, eu sou bordadeira, recebi vários prêmios no exterior, exposições aqui, o doutor Sandor dizia: “Continue o teu trabalho”. Eu dizia: “O que que o bordado tem a ver com esse monte de coisas?” E aí houve as revelações, porque através do trabalho artístico pessoal, eu elaborei as minhas imagens pessoais. Então eu falava de boca cheia, porque eu sabia que era ter uma imagem, de vivência própria expressar através da arte e ver um produto que eu não sei se é arte. A Nise fala: “Expressão das imagens internas não é arte”. Só que a expressão das minhas imagens internas mais a elaboração estética que eu fiz nos bordados transformou aquilo numa arte. Então o que eu podia contribuir? As minhas vivências, o doutor Sandor tinha razão. Ele dizia: “Insista”. Eu dizia: “Eu não aguento”. Ele dizia: “Insista”. Eu chorava. Eu dizia: “Não dá”. Ele dizia: “Insista”. Essa questão dele forte por trás me ajudou muito. Ele devia ter vislumbrado algumas coisas que eu como mais jovem não tinha. Então, essa questão da academia, eu acho que foi muito legal.

P: E como que você acha que dentro de um curso acadêmico poderia se estimular ou sensibilizar o aluno numa perspectiva de aprender a lidar com imagens ou se aproximar de imagens? Ou você acha que isso não cabe no meio acadêmico.

I: Claro. Não, olha, já faz ... desde 85 até agora que eu levo para a academia os meus cursos onde a imagem é um tema, é um assunto, faz parte do programa. Dentro do meu programa, existem imagem, símbolo, sonhos, mitos, lendas e contos de fadas que é um programa já que o MEC autorizou e já faz parte do currículo da formação do arte terapeuta. Então é um trabalho... no começo, quase que insano,

de luta mesmo para a penetração desse conteúdo e eu ensino isso, fazendo eles terem a prática das imagens. Por exemplo: pintura e modelagem, som, dança são as diferentes imagens.

P: Seria através então de um curso, de uma disciplina que...

I: Claro. Já assim constituída e os alunos hoje não têm nada do que a gente tinha. Eles recebem isso com a maior simplicidade. Entendeu? Nós é que passamos por problemas para romper, entendeu? Hoje, eles assistem aulas e vão embora, tal, “ah, que legal, que legal!”

P: Você já falou um pouquinho sobre esse tema... Como é que você aprendeu? Você falou que na academia foi através do Roschart, mas que...

I: É muito difícil explicar prá você, mas eu vou tentar assim montar um esquema. Bom, eu vou lhe dar essa resposta prá você ajudar os nossos colegas, porque você vai publicar e às vezes as pessoas me perguntam assim: “Mas tem que saber Roschart prá lidar com imagem?” Não, não tem, eu vou contar como foi o processo e a partir disso os psicólogos vão ler esse processo e vão entender como que surgiu a questão da imagem. Bom, eu acho o seguinte: você tem que ser um psicólogo imaginativo prá lidar com imagem, senão você não consegue.

P: Então não é todo mundo?

I: Não é todo mundo. Isso tem um ponto negativo, porque o psicólogo imaginativo, ele tem dificuldade de lidar com as coisas práticas. Enquanto um teórico da comportamental ou da psicanálise até, já tem tudo pronto. Mas nós os imagéticos, nós deixamos a fluência da imagem acontecer. Então, se você não tiver isso, é muito difícil você trabalhar com imagem. Bom, isso em primeiro lugar. Você tem que ter uma indução, um campo mental aberto que lhe dá a insegurança e a instabilidade do processo associativo imagético. É um delírio que você faz, de olho aberto e com consciência. Está aí o teste das palavras, toda a associação livre que o Jung propõe. É uma ferramenta inicial importante. Bom, isso é uma coisa. Depois o desiderativo e outras técnicas que deixam a fluência da imagem. Isso é fundamental. O psicólogo que não for criativo, tem dificuldades, porque a fluência faz parte do processo da criação. Então você tem que ter um canal aberto para isso. E isso é muito próximo à loucura. O que que é a loucura? Loucura é quando você não controla mais o teu pensamento e as imagens tomam conta. Então tem que ser um psicólogo que saiba lidar com o limite da saúde e da loucura no mundo imagético. Eu nunca falo isso prá ninguém, porque é muito dramático tudo isso. Você tem que ter, tem que ter esse tecido interno. Essa tecitura. A segunda coisa que eu acho que um psicólogo pode chegar a captar o mundo das imagens é lendo Nise da Silveira que pesquisou a imagem plástica de uma forma belíssima. Eu acho que é um caminho aberto. O terceiro movimento eu acho que é através dos testes: do HTT, do testes da árvore, dos testes que incluem a avaliação da imagem visual de forma instrumental, objetiva. Então, o psicólogo ao estudar os testes gráficos e estudar o instrumento sonoro, a musicoterapia, os testes musicais. E ao entrar na questão da testificação, ele objetiva a imagem. Então nós psicólogos temos nos testes, na psicometria, um instrumental poderoso para se lidar com imagem. Sem dúvida. Isso é imperdível. Não precisa ser roschartista, não precisa ser psicometrista, mas nós temos anos da psicometria que surgiu basicamente pós-guerra e teve um desenvolvimento no pós-guerra, nós temos todos esses testes que permitem transformar o imagético em objetivação, quer dizer, aí um presente da psicometria. Bom, a análise de sonhos, análise dos mitos, das lendas, dos contos é uma fonte de estudo das imagens, voltando então com a contribuição dos junguianos e dos teóricos, do Edinger, todas as pessoas que trabalharam com imagem no contexto do imaginário pessoal e coletivo. É uma outra fonte. Agora, a minha fonte pessoal que é o que eu tenho prá oferecer prá um leitor ou prá um estudante é a arte. Então é a integração da imagem em si, dentro do contexto artístico.

P: O teu caminho foi através da arte?

I: É. O meu caminho foi todo esse que eu falei, porque eu tive, graças a Deus, uma base excelente, mas o que que eu fiz? A minha contribuição foi juntar a psicologia clássica prá todas essas preferências: junguianas, neo-freudianas, lacanianas, com a imagem verbal. Eu estudei muito Lacan com a análise de sonhos, a questão da imagem verbal, metáfora, metonímia, tudo isso, eu fui vendo como é que ele trabalhava essas imagens e criar um espaço, um espaço na psicologia, no qual a arte era, poderia ser encaixada também dentro do conhecimento científico prá que os alunos, prá que a universidade pudesse ter ciência, uma ciência do desenho, uma ciência da pintura, uma ciência da modelagem, uma ciência da dança, uma ciência das construções. Então o que que acontece? A gente acabou criando através de anos de observação escrita, observação escrita. Vem o método fenomenológico existencial. Não tinha como, né? Quem contribuiu: a Gestalt, Roger, todos os... o Medar Boss, todos os teóricos, Jenny Ryan, que é uma arte terapeuta americana gestáltica, toda esse pessoal preocupado em chegar a uma cientificação do uso das imagens. Quais? Corporais, kinestésicas, táteis, olfativas, enfim, plásticas. Tinha que ser formar uma resenha teórica. Que jeito? Observando. Observando e constatando. Observando e constatando. Tanto que a palavra imagem é

pouco usada. Se fala em produto artístico, eu acho que não. Eu, na minha opinião, desenvolvo a parte da imagem, porque é como eu lhe falei, é onde você capta a relação. Você não fica nem no sujeito e nem no objeto. E nós psicólogos temos a relação para trabalhar, se não for isso, não é o nosso campo. Então, essa interseção é onde então eu teorizei o que acontece em cada uma das linguagens. E essa é a contribuição de um novo campo que é a arte no contexto terapêutico tanto no diagnóstico quanto na psicoterapia. Bom, agora que mais? Deixa eu só lhe dá uma última dica que excede então um pouco a psicologia, mas que não dá mais para segurar: é a imagem cósmica. Antes o psicólogo tinha medo do que tinha fora, ficava só no psíquico. Hoje se o psicólogo não captar o mundo externo mesmo e colocá-lo nos materiais, na música, quer dizer, se não fizer ciência disso, ele vai ficar por fora. Steiner lançou a questão da cosmogonia. Se o psicólogo não aproveitar isso, ele vai dançar no ano 2000, porque o ano 2000 é a integração da materialidade na clínica. E aí surgem imagens cosmogônicas que não necessariamente são criações, mas são per si. E isso é o grande boom agora que a gente tem que voltar para a física, para a mecânica quântica, não dá mais...

P: Prá escapar...

I: Não dá. Então eu acho que é mais ou menos por aí que a gente está.

P: E saindo do campo teórico, como que você na prática clínica trabalha com imagem?

I: Já está tão automatizado que eu nem lembro mais como é que eu trabalho com imagem, porque no consultório a gente tem, como foi o cotidiano que é a primeira questão que a gente faz com o paciente: “Como foi a tua semana?” . Então o que é que vem: vêm as imagens do cotidiano. Estou acompanhando o desenvolvimento de uma sessão. Às vezes, é necessário um diagnóstico não só que fala mais de testes. Não você aplica as provas e vai ter as imagens de um Roschart ou de um HTP, enfim, são imagens gráficas ou mesmo projetivas, projetadas, um outro tipo de imagem. Bom, depois dos trabalhos dos testes e da avaliação do cotidiano, vamos chegar ao tema da semana: o que que hoje é mais importante. Na arte terapia, você tem uma mesa de trabalho onde você tem todos os instrumentos: você tem o lápis, a tinta, a borracha, o barro, a música, a sucata...

P: Isso está inserido no teu setting?

I: Isso já está, você vai ver daqui a pouquinho o consultório aqui. Então o paciente pega, se for o caso, ele pode começar então o que? Então aí entra o que lhe interessa: a expressão do mundo interno ou do sonho ou de uma fantasia ou de um desejo através de uma expressão plástica. Vou desenhar, vou modelar, vou cantar, vou dançar, vou fazer qualquer coisa de uma imagem interna. Ou não, ou ele está necessitando de uma outra colocação: ele necessita se abastecer de imagens. Então a gente apresenta uma imagem, a gente apresenta um mito, uma lenda, um conto, que é uma sucessão de imagens arquetípicas ou um livro de história da arte. Ele olha uma imagem que um artista fez e se reabastece das qualidades formais dessa imagem que dentro da arte terapia é como um medicamento, entendeu? Então a minha obra toda de 25 anos, digamos assim, está concentrada ali. O uso da imagem como um remédio, ou alopático ou homeopático, mas ele funciona. Ou na expressão do mundo interno, ou na captação de imagens que vão equilibrar. Isso é o que a gente faz.

P: Na tua experiência, você acha que tem algum tipo de pessoa que aceita mais facilmente ou reage mais facilmente a esse tipo de proposta com imagens do que outras?

I: Claro, são as pessoas imagéticas. Quer dizer, você... eu tenho uma paciente atual, ela é bem centrada. Ela teve síndrome do pânico. Então uma pessoa muito controlada. Prá ela desenhar, pintar, modelar foi muito difícil. E a gente respeita, a gente fica no nível verbal. Quando ela conseguiu um resgate orgânico é que ela devagarinho conseguiu uma expressão. Mas mesmo assim, ela é capricornio, ela é uma pessoa ligada à terra, ela não tem um fluxo imagético soltinho.

P: Então com essas pessoas que têm mais dificuldades, você utiliza algum tipo de recurso que estimule?

I: Não. Nunca.

P: Você respeita.

I: Nunca. Sabe por que? Por que a fluência imagética é parte de cada um de nós. E terapia não é para fazer isso. Isso a gente faz em aula de arte para tornar alguém mais criativo, alguém mais fluente. A terapia deve sempre receber o paciente como ele está dentro do estilo dele, dentro do tipo dele e equilibrá-lo. Mas não fazer desenvolvimento pelo desenvolvimento, porque é um crime. Então se é uma pessoa muito sisuda, muito ligada ao real, que não tem... muito racional, a gente pode desenvolver a fantasia dentro do trabalho. Agora, não fazer como uma aula de arte e usar técnicas de criatividade, de elaboração de fluência, etc., porque se você faz isso, você pode romper o equilíbrio e uma defesa protetora. Então é melhor ela não fazer terapia, é melhor ela fazer um grupo de criatividade ou de expansão de consciência ou de dramatização, entendeu? A terapia lida com o sujeito como um indivíduo. Então a gente tem que respeitar a tipologia. E se o terapeuta fizer gracinha, quiser cutucar onde não deve, o paciente se estiver saudável ele resiste...

I: Ele vai embora.

P: Ele diz não, isso não é o /

I: Você acha que a relação contra-transferencial às vezes se manifesta como uma imagem no terapeuta?

P: Claro. Aqui na arte terapia, a gente não lida muito com transferência e contra- transferência, porque a atividade absorve. Então Jung dizia: “trata-se apesar da transferência”. Na arte terapia, como o paciente é muito independente, ele constrói, ele faz as suas próprias imagens, ele muda, ele risca e ele acontece, o analista é um partejador, ele fica mais de lado. Depende da posição do analista prá que a transferência não transborde, entendeu? Então o que que o cara tem que fazer, o analista? Ele situa, ele fixa o trabalho nas imagens produzidas. Se dentro dessas imagens, houver uma relacionada à relação, ele brinca, ele pode se colocar, mas ele nunca cutuca para que isso aconteça. Então a relação transferencial, contratransferencial ocorre no trabalho artístico. Às vezes, eu, brinco. Eu faço um jogo que eu aprendi só com mais idade. Então é uma coisa assim que é até difícil. Como eu me coloco na citação? Às vezes, eu ficava muito chata, vendo o cara falar e lá eu rá, rá, sei, sei, sei. Então eu hoje conto vivências pessoais na terapia. E quando eu conto vivências pessoais, eu sempre me pergunto se eu estou fazendo um acting-out, se eu não estou em alguma atuação. Mas eu sempre uso uma vivência pessoal prá trazer o outro prá relação, porque às vezes o outro está tão embotado no problema dele que ele não percebe que nós estamos no mundo dos vivos. Outro dia uma moça...eu levei o maior fora do meu namorado, todos os meus amigos sabem que eu estou chorando e tal. Mas uma sessão é a sessão. Aí o criador me manda, quando eu estava na pior semana, uma moça que tinha levado um fora do namorado. Assim, exatamente do mesmo jeito que eu. Eu dei uma risada, fiz uma oração, agradei ao criador. Está me dando uma tarefa difícil, me curar e tratar o outro. Aí ela vinha, vinha, vinha, vinha e eu percebia que ela estava muito fora, sempre fora, fora, fora, fora. Eu deixei passar mais duas, três semanas e eu trabalhei com ela e eu via nela o meu problema, sem deixar que a transferência e a contratransferência ocorressem. Eu estava bem apontada, bem assim. Aí chegou uma hora, ela não melhorava. Estava lá se enrolando, se enrolando. E aí eu disse assim: “Você sabe que aconteceu um fato inédito?” “Que foi doutora Jóia?” “Você sabe que você e eu estamos passando a mesma problemática, só que você está nessa cadeira e eu estou nessa?” Ela disse: “Ah, a senhora também?” Eu digo: “Eu também”. E ela falou: “Como que a senhora está fazendo?” Eu falei: “estou fazendo todos os esforços, estou passando por todas as dores que você está passando”. A partir dessa sessão, a moça melhorou, quer dizer, no momento em que dentro da relação existencial, eu me coloquei como ser humano, padecendo de dores, ela saiu da posição da trágica paciente sofredora e eu saí da posição daquela que sabe tudo. E desse encontro existencial que eu propicieei, claro, depois de deixar acontecer minhas sessões e tudo, a gente pôde acontecer. Então o que que eu estou aprendendo? Que as relações miméticas, não transferenciais, as relações isomórficas podem dentro de um contexto fenomenológico existencial irmanarem o sujeito e o paciente. E aí termina a contratransferência porque mesmo que haja a contratransferência ou a transferência em nível consciente, o paciente fica mais forte quando você minimiza a ...

P: a transferência

I: Mas levei muito tempo. Perguntei muito se eu podia ou não fazer isso. Quando eu também coloco uma lenda ou um mito, eu faço a mesma pergunta: “Que direito eu tenho de colocar o imaginário coletivo na sala de sessões de uma pessoa que chegou pura aqui? Por que que eu vou contar os doze trabalhos de Hércules?” Sei lá. Por que Jung fez? Então cada vez mais, Paulo, eu sou muito purista na sessão. Eu não deixo que as minhas imagens invadam o contexto. Eu deixo as imagens dos pacientes fluírem bem respeitosamente, porque eu já sei que se permitir penetrar, cria confusão. Não tenho contado muitas histórias ultimamente, só mostro o livro de arte com as imagens quando o paciente sozinho não se resolve. A história da arte entra como uma muleta. Agora a última coisa que eu queria lhe contar em nível de imagem, é um processo que nós terapeutas passamos e que a universidade não cobre. Vários terapeutas têm imagem extra-sensorial, percepção extra-sensorial. Eu comecei a ter a partir dos 34 anos e fiquei com muito medo. O doutor Sandor era vivo. Eu fui lá e pedi pelo amor de Deus prá me ensinar o que que eu fazia com as minhas percepções extra-sensoriais. Então o que eu acho? Eu acho que a nossa universidade, que a vida acadêmica precisa também abrir esse espaço para o estudo da comunicação extra-sensorial, porque as imagens acontecem, as percepções acontecem, a gente tem captações de outras ondas que antes não se tinha, não se observava e nós ainda não temos na psicologia clínica uma metodologia ou mesmo conselhos ou mesmo orientações de como nós podemos lidar com isso. E eu acho que isso é possível, Jung falava. Mas o método prá gente entrar com essas percepções nas sessões, eu acho que exige mais estudo.

P: E você faz alguma distinção de cura e ampliação de consciência?

I: Claro. Total. Eu posso pegar qualquer cara e ampliar a consciência dele, ele se torna hiper-consciente. Não tem nada a ver com cura. Nada, nada, nada, nada. Eu trabalhei nos anos 75 a 78 com expansão de consciência. Gestalt, corpo, Gaiarça ... Isso não tem a ver com a cura, isso é um método ou um conjunto de técnicas que levam a um maior conhecimento de si mesmo. Agora, a cura, a cura é a integração de múltiplos fenômenos que fazem o sujeito resgatar o equilíbrio. Então ampliação de consciência é um método. Da ampliação de consciência com a constituição de um fluxo de imagens, nós podemos ter um pouco mais a noção de si mesmo, de auto-percepção, um monte de coisas, mas isso é uma estratégia. Isso é um método, uma técnica. A cura é muito mais.

P: Mais profundo.

I: Não, a cura é polivalente: o que você come, como você dorme, o que você fala, os ambientes que você frequenta, como você atua, a tua integração endopsíquica, a tua integração ectopsíquica, quer dizer, cura é muito mais. Agora, os insights podem ocorrer através da ampliação de consciência.

P: E você acha que observar as imagens favorece mais à identificação daquilo que a gente chama de processo de individuação, o desdobramento das imagens?

I: Depende. Se eu olho as imagens como um filme, besteira, mas se eu tenho com o meu paciente querido uma noção do que é o ser humano, do que é o processo de individuação e se eu explico a ele: “Você está tendo essa imagem, porque a tua fase de vida é essa e isto tem a ver com este processo”, eu clarifico o paciente, eu torno o paciente menos dependente e ele mesmo pode se auto-analisar...

P: Você faz a ponte.

I: Se auto-conhecer. Agora, a mera observação das imagens cria um perigo. Em vez de você assistir a televisão ou o video-game, você vira o olho prá dentro e fica num telão interno.

P: Sem estabelecer nenhum contato.

I: Cuidado. Cuidado, porque você pode estar indo numa pré-psicose. Você pode fomentar uma alienação. Então, a observação das imagens internas pode ajudar o processo de individuação se o analista, o terapeuta estiver claramente em si os passos do processo de individuação, de desenvolvimento humano e tomar para si a tarefa de clarificar isso para o cliente, senão cuidado.

P: Eu vou fazer umas perguntas curtinhas e a gente acaba. O que você entende por interpretação?

I: Interpretação é pegar a realidade com óculos de um teórico. Isso é interpretar.

P: Você faz interpretação no teu trabalho?

I: Não.

P: O que você entende por amplificação?

I: É você pegar um signo, um símbolo, um sinal e trazê-lo a consciência. Isso é amplificação.

P: E você utiliza isso no teu trabalho?

I: Muito.

P: O que você entende por uma abordagem não-interpretativa?

I: É aquela que tem as teorias... Então Jung, Freud, Gestalt, o Rogers, o holismo, etc, têm as teorias como mapas. Então eu entro na sessão, já aprendi. Eu tenho tantos anos de estudo. Uma abordagem não-interpretativa deixa que os mapas fiquem na cabeça e deixam o fenômeno aparecer. Em nenhum momento, o teórico não-interpretativo justifica a realidade como um mapa. Em todo momento, o teórico interpretativo tenta compreender o que acontece. Depois, para consumo interno, ele pode dizer: “Ah, isso aqui é o Totem do Freud”. Ou: “Isso aqui é o processo de deintegração do Fordham”. Ou: “Isso aqui é uma amplificação de consciência”. Mas em nenhum momento, ele devolve ao paciente através de fala, etc., o que ele aprendeu na escola. Eu acho que esse é o grande analista.

P: E você acha que em algum momento na terapia, o discurso se torna uma imagem?

I: O discurso sempre é uma imagem. O discurso é uma imagem verbal. Você ouve, a imagem sonora já é uma imagem. O que a gente tem que fazer, é ser preciso, para que o receptor capte as imagens com objetividade. Então você pode brincar na sessão, você pode ser carinhoso, você pode ter o teu estilo, mas medir palavras é nossa obrigação.

P: E você acha que tem algum tipo de discurso que favorece uma sintonia maior com a imagem interna?

I: O discurso associativo é o que permite a formação de imagens. Agora, na psicose não. Na psicose, a gente tem que tomar cuidado porque às vezes o psicótico nem condição de associar tem. Então a gente tem que ir muito devagarinho. Agora, numa neurose, nos casos do dia-a-dia, você permitir a livre associação é que permite a fluência imagética maior.

P: Você acredita que seria possível construir uma teoria psicológica, utilizando-se mais de imagens?

I: Eu acho que já existe. Eu acho que já existe. A gente que trabalha com imagem, do jeito que a gente trabalha, já constituiu uma teoria.

P: Mas você acha que essa teoria é menos conceitual, ela se utiliza mais de imagens ao trabalhar os fenômenos psíquicos ou ela também é um conceito sobre a arte ou sobre outra...

I: Eu acho que a gente tem que tomar cuidado, Paulo. Hoje em dia, todo mundo quer Ter uma teoria. Tem a teoria das multi-inteligências, a teoria de não-sei-o-quê, a teoria ..., né? Eu acho que tudo isso é interessante. O que eu vejo, e que a gente tem que limpar a psicologia. Tem que depurar, como Lacan fez com a psicanálise, a gente tem dar uma limpezinha, jogar fora o que não serve. O outro milênio já está aí, a gente já está num outro nível. Então, o que que eu vejo: eu vejo que melhor trabalhar com imagem do ponto de vista da utilidade que ela tem no tratamento. Funcional, entendeu?

P: Mas usar imagens prá descrever o psíquico, não.

I: Isso já é feito. Jung já fez, Freud já fez, a gente faz, isso já existe. Quer dizer, tornar visível, o invisível, já é uma coisa feita muitos anos. Agora, a limpeza tem que ser assim: tudo isso a gente já conhece, a gente já faz. Vamos limpar. Vamos limpar. Vamos ficar nas relações funcionais da imagem no tratamento. E aí eu acho que é um campo interessante.

P: Então, prá fechar, eu não sei se você gostaria de fazer algum outro comentário das coisas que a gente discutiu.

I: Quero ler a tua tese.

P: Eu também. Vamos ver se eu acabo.

I: Esse comentário. A única coisa que eu acho que o leitor tem que saber é que ele pode perder o medo do contato com as imagens quando ele estiver no processo arte-terapêutico.

P: Através...

I: Da arte-terapia. Eu acho que um treino bárbaro pro psicólogo prá ele que fez psicologia clássica prá entrar em contato com o mundo das imagens de uma forma bem estruturada. Isso é uma recomendação, quase pro leitor.

P: Eu queria que você me desse uma imagem do processo analítico. Qual é a tua imagem do processo analítico?

I: Bom, uma imagem do processo analítico...

P: Da psicoterapia

I: Me veio assim uma imagem agora de uma paisagem, uma paisagem com uma cachoeira, uma que verte muita água, que tem um patamar, que parece um lagozinho e depois mais um outro que essa cachoeira acaba indo. Então, um patamar, uma cachoeira, forma aqui um lagozinho, desce mais um pouquinho, mais um lagozinho, desce um pouquinho. Então eu vejo o trabalho analítico como essa água, essa energia, essa cachoeira que vai fluindo, vai fluindo. Eu vejo o processo analítico como esse fluxo dessa cachoeira que eu falei, arquitetada pelas forças da vida, pela terra, pela mata, pela rocha, pela estrutura arquitetônica, essas são as forças da vida. Ai do analista que não as levar em conta. E o caminho da análise como essa cachoeira, essa água que vai penetrando todas as possibilidades, como a água, né? E indo em diferentes patamares. Só que hoje eu não vejo só o processo descendente. Eu vejo água que desce e eu vejo possibilidade de subida. Eu acho que isso ficou um pouco faltando na nossa formação. Eu acho que o processo analítico é um processo de sideralização também. Não desce só pro inconsciente. Ele sobe para as nuvens. Ele cria esse equilíbrio das forças da natureza. Mais ou menos isso.

1.5 Entrevistado 5

P: E agora eu vou entrar nas perguntas sobre imagem. Eu começo com uma pergunta bem aberta. O que é que você entende sobre imagem?

I: Hoje em dia tenho pensado assim sobre imagem assim que é ... é como se a gente tivesse que pegar a realidade concreta e começar a divagar com ela. E aí junto com ela prá dimensões que não ficam presas, prá coisas que levam a gente prá mais amplo. Então imagem prá mim tem sempre... mundo imaginal tem sempre essa idéia: sair dos aprisionamentos, sair de uma perspectiva concreta, ir para um mundo que ultrapassa conceitos de causalidade, tempo, espaço então hoje tudo para mim que faça reflexões nesse nível eu chamaria de mundo imaginal, de mundo que vai para os padrões arquetípicos, por princípios cósmicos... aliás, são as áreas que hoje mais me interessam.

I: De que forma a psicologia analítica ou o próprio Jung contribuiu para essa tua visão de imagem?

P: O que eu mais encontro no Jung é essa... foi ... o que eu encontrei foi essa perspectiva assim de trabalhar simultaneamente em vários planos ao mesmo tempo. Eu sempre senti vontade de ter uma referência concreta, egóica, mas não ficar presa a uma referência. Então Jung trouxe uma conceituação que me permitia caminhar e longe, que depois assim uma visão espiritual que hoje eu carrego me trás toda essa possibilidade de um ponto de vista de ciência, objetivo, sem perder o pé dos comportamentos, da realidade concreta. Eu também tinha um pouco de receio dessa espiritualidade meio solta, meio transcendente demais.

P: Possibilitou você juntar essas coisas...

I: Ah, é. Isso é o que eu faço no meu dia a dia, no cotidiano.

P: E além de Jung, quais os autores que dentro da psicologia analítica contribuíram para essa tua visão de imagem.

I: Bom, o Hillman eu acho que é uma pessoa muito importante, o Byghton eu acho uma pessoa muito importante... Olha, os que escrevem sobre Jung eu acho todos interessantes, mas eu vou te falar que me moveu mesmo, acho que o Hillman foi a personagem mais interessante que eu acho.

P: Ao longo da tua formação acadêmica, graduação, pós, você teve oportunidade de aprender a trabalhar com imagem?

I: Nós fizemos um curso na USP, até com a Terezinha, nós tivemos um grupo onde tinha pessoas muito variadas assim desde de educador físico, psicólogo, médico... e nesse grupo, nós caminhávamos em imagens e trazíamos sonhos e trazíamos... e a gente ia pesquisando no próprio campo das imagens. Essa foi uma experiência muito rica durante a pós.

P: E durante a graduação?

I: Durante a graduação eu acho que foi mais conhecer, eu não conhecia Jung, então foi conhecer, foi entrar. Agora, sonhos para mim tanto na formação com a Ione como no Byghton, foi o meu maior treino, tanto que as minhas duas teses são em sonhos. Eu acho sonho um elemento assim muito interessante. Então a partir do trabalho com o sonhos, foi indo...

P: A partir do seu próprio trabalho, não no contexto acadêmico.

I: Não, no contexto acadêmico. É verdade. Contexto acadêmico, eu acho na graduação... foi mais nessas formações fora que eu tive que eu vejo mais...

P: Você acredita que... qual seria a melhor maneira que você teria de trabalhar com imagem? Você traz a experiência tua dentro da própria análise, você veria outras possibilidades?

I: Por exemplo, no acadêmico eu estou tentando fazer isso agora, umas pontes. Então por exemplo eu estou usando muito material de filmes, eu estou usando agora uns rituais na especialização. Eu gosto de fazer a partir da experiência concreta e saindo da experiência e transformando aquilo em uma possibilidade simbólica. Então, a tendência que eu tenho é não de ficar presa, por exemplo, a mitos, a lendas, esse pedaço, eu acho interessante conhecer tudo, mas eu não gosto do trabalho direto nisso. Eu jamais faria minha ponte por aí. Eu gosto de trabalhar imaginação, imaginar através da realidade concreta, nunca ficar na... sabe assim divagando, solto assim?

P: Fazer essa ponte com a realidade.

I: Com a realidade. Aliás, a minha grande busca é sempre a ponte, sempre... é esse concreto, é a vida espiritual no dia a dia, é a noção de self na realidade concreta, bem chão. Eu não gosto muito de trabalho só intelectual, de ficar desenvolvendo isso, sabendo da onde vem. Então, isso eu acho que já não é para mim. Tem outros fazendo, fazendo muito bem.

P: Na tua prática clínica, de que forma as imagens se inserem e como que você aborda as imagens?

I: Bom, eu trabalho muito assim tanto no concreto... não tem muita diferença do meu dia a dia, do meu trabalho clínico, eu tenho esse interesse de ensinar as pessoas com quem eu trabalho a lidarem com as suas próprias imagens, a lidarem com as suas fantasias. Então uma das pretensões que eu tenho é que as pessoas leiam e usem as suas imagens como referenciais. Então todo trabalho eu acho é dirigido a isso, quer dizer, vem dirigido a conexões. Eu gosto muito de fazer conexões, ligações. Eu gosto de ver um pouco além da realidade. Então eu não fico muito presa aos comportamentos. Eu gosto de caminhar assim o que que é..., qual é o indicador que essa imagem está lhe fornecendo como finalidade, pra onde ela está te conduzindo, o que que é o chamado do teu processo atualmente. Então, as imagens são sempre auxiliares nesse sentido.

P: Você utiliza mais algum tipo de imagem, assim, mais imagens oníricas ou você usa algum tipo de recurso que favoreça a produção de imagens?

I: Não, eu não uso. Por exemplo, imaginação ativa ou fazer alguns campos assim... de vez em quando, eu faço, mas eu não sou... por exemplo, eu não sou uma pessoa muito ligada às técnicas, então qualquer técnica ou caixa de areia ou... Isso tudo eu vejo assim: acho interessante tudo, mas não é uma coisa que eu lide. Eu gosto de lidar assim com fato e a partir do fato ir caminhando, ir descobrindo aonde que ele leva. Eu gosto... eu não tenho assim nenhum desses instrumentos. Eu acho todos muito interessantes, até supervisiono gente que trabalha. Mas eu gosto de tê-los assim como referências, mas depois... não ficar numa interpretação, numa leitura: então este é o lado seu da psique, animus, não sei o quê, isso aí eu detesto.

P: Não interpreta?

I: Não interpreto de jeito nenhum, aliás, eu evito na maior parte das vezes isso. Também não gosto dessas associações que se faz assim do conceito: então é a anima se rebelando... é uma coisa que eu não gosto. Realmente eu evito. Eu detesto. Eu gosto de trabalhar o símbolo assim, onde ele amplia,

onde ele leva coisas novas, onde ele diz assim: olha, vamos quebrar o teu... você está indo numa direção, agora vamos experimentar outra. Então, eu gosto da experiência com o símbolo, não assim de ficar lendo e interpretando. Eu gosto que ... tudo na minha vida tem que trabalhar com prática. É tudo voltado para fazer da vida uma coisa mais criativa, eu tenho bem esta perspectiva.

P: Na tua prática, você percebe que há algum tipo de paciente que tem mais facilidade de trabalhar e estabelecer contato com as imagens e outros não? O que é que você acha que...

I: Eu acho que tem pessoas que tem uma facilidade com o mundo das imagens muito alta. Então a gente fala disso, é uma linguagem comum. Tem outras pessoas mais lógicas, mais racionais que se fecham muito inicialmente. Então, aí eu uso mais a imagem como referência para eu dizer coisas à pessoa do que eu forço a entrada dela nesse mundo, por exemplo.

P: /

I: Isso. Eu trago mais para mim, uso e traduzo numa linguagem até que ela vá se acostumando sem trabalhar diretamente com elas / Agora, eu acho que tem variações bem grande.

P: / as pessoas que são mais racionais.

I: Ah, eu acho ... tem mais assim... prá acreditar... para se deixar entregar para umas perspectivas... então eu acho.

P: Mesmo com relação aos sonhos, ao relato dos sonhos?

I: Mesmo ao relato dos sonhos... relata... mas diz assim é uma bobagem, é o dia a dia, não vai acrescentar nada, mas se você quer saber; e neste “você quer saber”, eu pego, aí vou traduzindo numa linguagem para a pessoa e aí aos poucos a pessoa vai entrando. Agora, tem pessoas que são mais difíceis de a gente penetrar nesse sentido do que outras.

P: Do que outras. E mesmo neste caso, você não acredita que seria válido a utilização de algum recurso?

I: Não. Eu acho que o recurso é o encontro, é a relação analítica. Eu trabalho muito do ponto de vista relacional direto. É a captação, por exemplo, assim de você captar alguma imagem, dar um indicador e aí a pessoa ver acontecer na realidade e dizer: “Da onde você tirou isso?” e aí eu traduzo do meu sonho, aí eu traduzo do significado de uma situação. Eu prefiro esse caminho.

P: Você acredita que a relação contratransferencial possa ser percebida ou intuída através das imagens?

I: Ah, eu acho... muito. E é. Eu acho que é um grande facilitador, mesmo captações diretas, às vezes, você tem nos seus próprios sonhos. Eu uso tudo como referente, eu uso mesmo. E acho que tem sido bem rico, eu acho... nossa, eu acho que elas são... trazem muitas pistas da tua ocorrência, do que está se passando, dos cuidados com a situação. Então, para mim, por exemplo, isso me vem muito através de imagens de sonhos, por exemplo. Então, muitos processos me clareiam através das imagens de sonhos, como por exemplo, às vezes, escrever textos... escrever... eu escrevo muito e a tese que eu fiz é assim por meio de sonhos. Muitos trechos da tese são sonhos. Então, eu tenho, digamos, facilidade.

P: E você faz alguma distinção entre cura e ampliação de consciência?

I: Hoje, para mim, essa noção de cura ... eu acho assim que quanto melhor o indivíduo estabelecer uma relação com o seu próprio corpo e saber ler o que o indicador de um sintoma está dizendo, eu acho que ele está se curando. Eu não fico muito apegada assim “vai se salvar dessa doença”, por exemplo, eu não tenho essa preocupação nem comigo mesma. Com as pessoas, eu sou até mais cuidadosa... assim... eu jamais, eu lido menos com a minha própria experiência, por exemplo, em certo sentido. Então, se eu sinto alguma coisa, eu vou ao médico, mas as pessoas, as pessoas acreditam nisso. Então, eu não interfiro. Mas eu gosto mais da leitura simbólica. Assim, eu tenho um sintoma, eu já entro, já quero ver o sentido que ele traz e muitos sintomas se desfazem. Então agora eu acho que a cura para mim é este diálogo com o organismo, percebe? Eu acho que quanto mais o indivíduo for dialogando, mas ele entende porque aqui aquilo vem. Então, eu acho que eu trabalho por aí.

P: E a ampliação de consciência?

I: Então, para mim, a ampliação de consciência é você poder não ficar restrito aos parâmetros que você tem. Eu acho que o sintoma é nesse sentido... a cura seria mesmo a ampliação prá mim. Seria a hora em que o indivíduo não fica preso ao sintoma, mas que ele pega o sintoma como uma porta de entrada, e aí vai, e aí descobre um monte de coisas e desfaz o próprio sintoma. Eu vejo sempre assim

P: E você acha que a imagem favorece mais um do que o outro ou favorece os dois?

I: Não, eu acho que às vezes a imagem aponta algumas coisas que demorariam muito tempo prá gente captar se não tivesse uma imagem. Então, a imagem prá mim é sempre um facilitador. Ele é um caminho que reduz tempo. Sabe assim, ela é uma perspectiva que vai direto ao tema em questão. Então, como eu não interpreto, eu pego a imagem direto no que ela fornece de ... então... ela é para mim é uma abertura bem ampla assim nesse sentido.

P: Você acredita que a observação de imagens/ ele cria um modo mais adequado de se focar o processo de individuação? Ou você acha que há outras possibilidades/?

I: Não. Por exemplo, eu acho que a relação terapêutica prá mim é mais fundamental do que a ficar no fluxo de imagens, por exemplo, mas se eu alio as duas, eu acho que eu tenho uma abordagem bem global da pessoa, do processo, do que está ocorrendo entre a gente. Mas eu não focaria...por exemplo... eu não ficaria até como Hillman faz... vou dizer... mais no mundo interior.

P: Ficar só nos padrões arquetípicos.

I: Ah, é. Isso prá mim, eu acho um risco.

P: Falta ponte, né?

I: Falta ponte. Como eu sou muito do concreto, eu acho que mesmo essa espiritualidade que vai, que tira o indivíduo do mundo, da realidade física... eu acho arriscado. E já tenho visto muitas pessoas chegarem, depois de terem voado longe e aí a gente tem que começar um caminho e depois de um tempo, todo esse aprendizado vira uma coisa boa.

P: Sim.

I: Mas durante um período... Então, por exemplo, muitas vezes eu evito tocar muito em imagens em algumas pessoas, dependendo dos limites que uma realidade está. Eu não sou uma pessoa que vai entrando assim, eu sou muito cuidadosa com imagens. Sabe, eu acho que a imagem é interessante, é ponte, mas também ela pode te levar muito para fora.

P: Depende do ângulo.

I: Depende do ângulo.

P: /

I: É.

P: /

I: Exatamente. Prá ter um sentido atual. É, senão voa Aí eu acho super abstrato. A espiritualidade toda, eu acho assim.

P: qualquer experiência...

I: Leva você muito longe.

P: Eu vou fazer mais quatro perguntas. São curtas. O que você entende por interpretação e como você utiliza ou não?

I: É... interpretar é assim: “eu acho que...,eu penso que...”, por exemplo, eu não sou uma pessoa que fala: “eu acho que...”, eu digo o que eu vejo, a pessoa diz se concorda ou não e aí nós vamos trocando essa realidade. Eu pouco falo assim: “isso me parece que, a partir disso eu diria que”... essas coisas eu acho muito interpretativas prá minha cabeça.

P: O que você entende por amplificação e como utiliza?

I: Amplificação é você pegar uma situação e usar outros parâmetros mais amplos prá ler a mesma situação e ampliar a consciência nisso assim... você tem dez parâmetros, eu trago mais uns cinco que te desnorream e você começa a ver a realidade por outros pontos.

P: Sei.

I: Isso prá mim é ampliar.

P: Você utiliza isso?

I: Ah, todo o tempo.

P: O que você entende por uma abordagem não-interpretativa?

I: Uma abordagem que assim fica nos fatos, ouve a fala do fato, busca o significado no fato, os referenciais no momento presente, uma leitura que também assim pega uma situação atual e “nossa, você precisa ir por aqui”. Vai longe no futuro. Então, que diz assim: “o teu caminho agora mudou, não é mais este, então vamos por outra porta”. Então prá mim esse trabalho de amplificação e não interpretação é ver as aberturas que o processo te encaminha. E aí então, aí eu entro mesmo, arrisco. Eu gosto do trabalho assim que fica em constante ousadia. Vai indo. E aí quando a pessoa está instalada assim “não, agora mudou isso, mudou o ponto”. Aí já parte para outra. Então é assim que eu vivo e isso que às vezes dificulta, para as pessoas não é fácil. É assim que eu vivo, mas as pessoas...

P: Às vezes, não é fácil.

I: Não é fácil.

P: O que você entende por imaginação ativa e se você utiliza ou não, como você utiliza?

I: Eu acho que assim não perdendo o pé da consciência, penetrar numa imagem e explorá-la, ir adiante, fazer ela falar. Então eu acho que a mesma coisa que eu faço com os fatos.

P: Sei.

I: E aí é pegar a imagem. Fazer a pessoa dialogar com essa imagem, fazer a pessoa caminhar nesse mundo e ver o que ela descobre, mas com o cuidado de não perder o pé da realidade.

P: /

I: / E de voltar. Eu acho que por isso ela tem que ser cuidadosa no fazer, porque alguém que te garanta a referência, seria como um caminho via droga, só que situada aqui, com uma pessoa te ajudando prá você não ficar tomado ou ficar tomado dentro de uma dimensão que você possa compreender. Eu acho que o inconsciente é rico, mas ele tem que ficar ... a gente tem que ser cuidadoso com tudo isso.

P: /

I: /

P: E a teu ver, quando que um discurso se transforma em uma imagem?

I: Eu acho que o discurso prá mim é imagem. Ele... eu sempre pego... Ele é imagem assim quando ele aponta para dimensões que não são as que estão aqui. É imagem quando ele me faz ultrapassar o próprio fato, embora esteja falando do fato, de um concreto. Ele é imagem quando ele... quando eu sou capaz de através dele juntar passado, presente, futuro no mesmo instante. Ele é imagem quando ele me alerta sobre uma situação que ainda vai ocorrer. Então, nesse sentido, é adivinhação... então, o discurso é imagem...

P: E você acha que seria possível construir uma teoria mais fundamentada em imagens do que em conceitos?

I: Acho que é um desafio. Eu acho que ... Eu não ficaria presa em construir uma diferente/ porque eu acho que a gente transformaria imagem em um conceito numa hora, mas por exemplo um trabalho que eu gosto de fazer é assim pegar slides, ou pegar imagens e traduzir conceitualmente a partir do que eu vejo. Então, isso é um trabalho que eu estou desenvolvendo que eu acho que é interessante. Mas eu não faria uma psicologia via só imagens.

P: Sei.

I: Eu sempre gosto de ir juntando coisas. Eu não gosto de... Não, eu não iria via imagens, não. /

P: Certo. E assim sobre este tema imagens você teria alguma coisa para falar a mais?

I: Não. Eu acho que o que eu mais gostaria é o campo que a imagem abre prá gente descobrir assim a intuição, a percepção, eu acho sonhos interessantes, mas não só por eles mesmos, mas como desenvolvimento de algumas funções que naturalmente, sei lá, na escola na gente não desenvolve, na faculdade a gente não desenvolve. Então, por exemplo, eu adoraria que tivesse uma época que sonhos fossem trabalhados em escolas com as crianças, que elas pudessem desenvolver a intuição por aí. Eu já fiz alguns grupos de crianças onde a gente trabalhava assim. Eu acho isso uma utilização que eu gostaria de ver a imagem sendo... a serviço assim de um desenvolvimento de funções de captação direta.

P: Você / esse processo de formação de alunos na graduação, a gente percebe que tem uma concentração na questão teórica, cheio de conceitos. E como que você trabalha no sentido de desenvolver a sensibilidade / você acredita que dentro da graduação / preocupação, você visualiza alguma forma de fazer isto na graduação?

I: Olha, na PUC nós temos... por exemplo, eu agora na PUC na graduação, eu larguei um pouco essa parte. Exatamente o que você falou, é exatamente o que eu penso também. Nós estamos trabalhando em estágio, em supervisão e nós criamos uma coisa que eu chamo de reflexão. É um momento onde a gente pega situações e faz os alunos retomarem a sua própria vivência das situações. Esse é um trabalho que eu estou achando muito interessante, que eu tenho participado, então a gente tem feito e aí os alunos se desnorream, porque você pega os parâmetros da situação, caminha com aqueles parâmetros, tenta usar pouco essa parte de conceituação em si, a conceituação vem só como elaboração após a experiência após a vivência. Também no núcleo de diagnóstico, a gente tem trabalhado assim. Então, eu acho toda essa parte de estágio, a gente tem feito tentativas de ser um estágio... por exemplo, eu trabalho em supervisão não assim só olhando caso, mas a pessoa no caso. A vida dela como está sendo alterada por aquela fala, descobrindo, por exemplo, ela faz um relato e aí eu vou... “bom, mas isso na tua vida deve estar assim”. E aí a pessoa tem que ir a sua própria vida se quiser atender o caso. Então, essa ponte entre o caso e a vida do terapeuta, é uma coisa que tem me interessado bastante. E eu não acredito mais em supervisão que se foca no caso.

P: No caso.

I: Eu acho um desperdício de tempo.

P: E aí as imagens...

I: Nossa, e aí eu acho que assim tanto as imagens dos pacientes, a forma como você imaginou uma situação que o cliente contou, então, aí eu acho que a gente tem trabalhado em supervisão bastante.

P: E para finalizar a entrevista, eu estou pedindo para todos os entrevistados darem uma imagem, a imagem que você tem do processo analítico.

I: Nossa, eu vou te contar uma experiência assim como eu entrei na psicologia analítica que foi uma coisa que só muitos anos depois eu me dei conta. Quando eu era pequena, eu tinha um pai que me dizia assim; toda vez que ele tinha... ele foi um homem de negócios que foi se transformando e ele

sempre dizia quando tinha um momento de decisão: “Espera aí que eu preciso consultar a minha santa. Você me dá um tempo que eu preciso consultar a minha santa. Você me dá um tempo que eu...” E aquilo quando eu era pequena me chamava à atenção, porque ele pedia... ao mesmo tempo dizia: “não, tá bom, tá tudo problemático, vou dormir, vou conversar com a minha santa, amanhã eu respondo”. E foi o meu primeiro contato. Anos mais tarde, eu leio âni^{ma}, eu leio que a alma, e o meu pai tinha uma visão muito concreta assim. Então, ele não tomava nenhuma atitude, sem consultar. “E pai, quem era essa santa?” Aí ele dizia assim: “É uma santa com quem eu converso e que nunca me traiu, nunca me enganou, sempre...” E ele era muito fiel. Então, eu acho que prá mim, essa imagem, sabe assim... o processo terapêutico prá mim é uma imagem de fidelidade a um chamado interno da pessoa. Sou uma pessoa que me referencio totalmente pro processo da pessoa. Então, eu entro, penetro com ela, pego as referências e aí me guio por isso. Então, eu diria que esse processo assim de descoberta, prá mim a imagem que me vem é de um detetive, sabe assim, a gente vai na busca das pistas, na busca assim dos sinais que vão te indicando. Então, muitas vezes eu me sinto assim uma lanterna na mão, nós dois juntos, entrando naquele mundo muito escuro, “nossa, tem um sinal ali, vamos!”. E vamos. Vamos fazendo esse... circulando dentro desse caminho. Então me vem agora, me vem uma imagem assim... acho que seria assim, a gente... duas pessoas juntas, uma lanterna na mão, descobrindo pistas num mundo concreto. Eu acho que o trabalho analítico para mim hoje é... falando... é assim.

1.6 Entrevistado 6

P: Então agora eu vou começar com a questão da imagem. Primeiro, uma pergunta muito aberta: o que você entende por imagem?

I: Eu nunca me fiz esta pergunta. O que eu entendo por imagem? Acho que imagem é uma forma pictórica ... é uma manifestação pictórica, né, no plano das imagens. Ela pode ser verbal, pode ser concreta, corporal. Acho que ela é um dos níveis de manifestação real

P: Então para você imagem é uma manifestação pictórica?.

I: É.

P: Sobretudo pictórica?

I: É, curativa.

P: De que forma você acha que a psicologia analítica contribuiu com a tua visão do que é imagem?

I: Acho que toda a minha aproximação da imagem se deu dentro da psicologia analítica. Então eu acho que ela contribuiu em tudo. Não tem nem como destilar, porque não tenho outras referências nesse sentido. Quer dizer, o que você tem ,se tem por exemplo a imagem de Freud com relação a imagem de sonho, eu sou muito focada no sonho né. Ele vai pensar no sonho como aquilo que é reprimido, aquela noção do inconsciente do reprimido, e coisa e tal, e você vai na psicologia analítica você vai ter o aspecto criativo também, o aspecto prospectivo, o aspecto da linguagem própria da alma. Aí já entra um pouco essa coisa do Hillmann da imagem ser... Eu acho que é isso o que eu entendo na verdade, mas eu não tenho outra referência. Então, cooperou em tudo da minha visão.

P: Então, neste sentido a imagem tem um valor em si...

I: Com certeza.

P: ...a imagem não é uma coisa camuflada?

I: Não, esse sentido exatamente não. Acho que cooperou de que a imagem tem valor em si. Você conhece a Patrícia Barry?

P: Não.

I: Mulher do Hillman?

P: Não.

I: Não? Ela trabalha muito com imagens. Ela fala inclusive que a imagem é a unidade primeira, primária. E oneiros em grego significa imagem. Sabe? Então o sonhar é imagem, é a produção de imagem e a imagem, ela é um todo, ela é uma melhor forma, ela é uma expressão por si própria. Ela é completa. Completa, corporal. Ela não é imagem de outra coisa. Fazer essa distinção que o Jung também faz, da percepção, né. De estar significando outra coisa, ela é fechada em si mesma. É uma inscrição própria, válida, dessa forma específica no contínuo. É dessa forma que eu enxergo imagem.

P: Certo. Você fala da Patrícia Barry. Há outros autores assim na psicologia analítica que contribuem com relação a essa questão da imagem?

I: Acho que o Hillman.

P: Hillman.

I: A mulher dele, ela é muito influenciada por ele.

P: Sei. Na área específica de sonhos, há algum outro autor que você acha que contribuem para essa questão da imagem?

I: Na imagem, eu acho que é a Patrícia Barry.

P: Você tem o nome de algum livro dela?

I: Tenho um artigo dela chamado “Approach to Dreams”, “Uma Aproximação aos Sonhos”.

P: Sei. Ao longo da sua formação acadêmica, de universidade, você acha que você teve oportunidade para se capacitar para trabalhar com imagens? Se você teve, como foi? Se você não teve, como você acha que isso poderia acontecer dentro do contexto acadêmico?

I: Como poderia capacitar pessoas?

P: Primeiro, você teve ou não lá no teu curso acadêmico?

I: Acadêmico, faculdade você está falando?

P: Da faculdade, acadêmico, por enquanto.

I: Não, acadêmico não, de jeito nenhum. Lá você vai ter só a visão da imagem como centro do deslocamento, da deformação, noções mais freudianas... Você fez USP?

P: Não.

I: Formação não?

P: Não, fiz só o mestrado.

I: Onde você fez o curso?

P: Eu fiz em Mogi.

I: Não. Lá não tinha. Na USP, nada. Só uma visão mais psicanalítica. De deformação, de noção de censura, mais por aí, né? É só.

P: E essa visão você acha que favorece ao aluno a se aproximar do trabalho com imagem ou não?

I: Favorece a uma interpretação que eu coloco...eu vejo... que interpretação é uma palavra que tem muitos significados. Eu pego mais interpretação como você relacionar com o sistema conceitual. Entendeu? Daí relaciona com toda a teoria psicanalítica, com as questões de Édipo ...relações primárias.

P: Acaba favorecendo talvez uma atitude mais interpretativa.

I: Isso

P: E assim, como que você acha que dentro do modelo acadêmico de formação do aluno, ele poderia ter contato com a questão da imagem numa outra... numa outra perspectiva, ver a imagem enquanto um valor em si, quando ele aprender a lidar com imagem, no caso como...

I: De que forma?

P: Sim

I: Eu acho que você pode fazer através de vivências de imagens. Não é? Quer dizer, como instrumentalizar isso pra escola?

P: Isso, em uma universidade, numa faculdade...

I: Você pode trabalhar como se trabalha junguianamente, a imagem em termos de amplificação. De você pegar os paralelos mitológicos, literatura, você faz uma amplificação. Uma ampliação, uma amplificação, deixa ela ressonar, soar no contexto coletivo. Daí você percebe esse aspecto arquetípico da imagem. Mas também você pode pegar a imagem, como um momento subjetivo da pessoa. Eu acho que você pode na formação, tanto trabalhar essa questão de amplificação, você vai trabalhar com imagens culturais ...culturalmente, nessa condição, mas você está pensando mais em termos da pessoa trabalhar as próprias imagens...

I: Ou como que o meio acadêmico poderia favorecer a isso? Por exemplo, pode ter uma disciplina? Que tipo de situações poderia se criar dentro da formação do psicólogo pra que ele entrasse, aprendesse a lidar com imagens?

P: Eu acho que ele aprende a lidar muito com imagem na própria análise. Na própria análise, quando ele vai estar trabalhando as suas próprias /, as suas próprias imagens. Eu acho que a forma mais rica até é você trabalhar com as suas próprias imagens, você vai percebendo, o antes e o depois dessa relação prospectiva, este fator da criatividade atuando, você vai sentindo ela na pele. Eu acredito que essa seja a forma mais eficaz que a pessoa tenha uma relação viva com a imagem, perceber o símbolo vivo atuante, não simplesmente sair interpretando, sair projetando em cima das imagens dos outros.

I: Então você acha que é através da vivência das próprias imagens?

P: Eu acho que é através da vivência das próprias imagens. Eu até acho que dá pra fazer grupo de vivências de sonhos, mas aí todo mundo têm que estar disposto a estar compartilhando as suas imagens. O grupo de vivência de sonhos, de certa forma, trabalhar com sonhos, imagens... é que você acaba aprendendo sobre as tuas imagens, mas também sobre o processo de imagens em si, porque você acompanha um espectador, vários outros processos de imagens e o teu próprio várias pessoas vão ajudando a você acompanhar o teu próprio. Então eu acho que fica, na tese eu até coloco isso, como

um... eu acho que até que pode ser uma proposta de análise didática nesse sentido, como um instrumento eficaz para a pessoa estar aprendendo a trabalhar sonhos, imagens...

P: E você acha por exemplo que seria viável dentro duma universidade, montar grupos de sonhos, ou não?

I: Tem uma... aí que está, tem que pensar se dá para conjugar com a relação do colega, de colega de trabalho, porque através de um sonho, você pode ter, você tem um mapa inteiro de uma pessoa, tem questões mais essenciais nessa pessoa. Então, tem que pensar se dá para conjugar nessa outra relação, nesse outro contexto. Agora não necessariamente as pessoas têm que fazer isso em sala de aula, se você está participando com outras pessoas ou de outros grupos é possível que se tenha essa abertura. Não é?

I: Certo.

P: Isso faria realmente a turma se conhecer profundamente.

I: Sim.

P: Como uma terapia de grupo. Eu acho que a questão se coloca da mesma maneira. Vale a pena fazer uma terapia de grupo com pessoas que você conhece? Porque numa terapia de grupo as pessoas as vezes vêm de cada canto, e outros se conhecem. Outros se encontram fora e em outros fica preservado a divulgação daquilo que está acontecendo no grupo de terapia para a vida externa. Cada um mantém seu trabalho sua família, não se misturam.

P: Claro.

I: Eu acho que talvez fosse um pouquinho incestuoso...as pessoas iam entrar em um nível conhecimento um do outro que não necessariamente... talvez como optativa.

P: Talvez como uma disciplina optativa.

I: É. Elas vão entrar numa vivência que não necessariamente elas querem estar compartilhando com aquelas pessoas, com aquele chato da classe, você está compartilhando com essa, essa e essa, essa não. Obrigatório é a mesma coisa que você querer tirar a roupa de todo mundo em público.

P: Claro.

I: Eu tenho que ver prá quem eu quero tirar a roupa.

P: Claro.

I: É, talvez então se fosse uma disciplina optativa e que as pessoas escolhessem também os grupos. Né? Que os grupos sejam formados de acordo com a escolha. Eu tenho grupo de vivência de sonhos no consultório e muitas vezes tem pessoas que são amigas, pessoas que trazem mais uma amiga, e a primeira coisa que eu coloco: e aí tudo bem você estar falando de sua intimidade, em tal tipo de grupo, com tal pessoa? E dar uma sentida nisso. Eu vejo, têm gente que eles querem, tem gente... há não essa pessoa não. Põe ela em um outro grupo, não no meu.

P: Sei

I: É natural né? Tem certas pessoas frente as quais você não tem certos problemas, dificuldades, outras sim né? Outras você prefere ficar na persona e quando você está trabalhando sonhos, imagens, você está ..., você está com a alma exposta. Então tem que garantir uma confidência para que isso possa aparecer, senão fica frio, tem que garantir o calor.

P: Claro /

I: Isso. É importante que as pessoas queiram, que haja essa simpatia, essa comunhão..

P: E na tua trajetória profissional, como que você aprendeu a trabalhar com imagens? / Qual seria a maneira fora do meio acadêmico que as pessoas poderiam entrar, a penetrar nas imagens?

I: Acho que em toda formação junguiana, tem que estar constantemente trabalhando com imagem, né? Com amplificação, com alguma forma de leitura simbólica...existe, né... que eu até faço, até adoro fazer, é uma delícia...

P: Certo.

I: Mas não é por aí que eu faço o meu trabalho Eu acho que o terapeuta junguiano está direto trabalhando com imagens. Trabalha com os próprios sonhos, trabalha com as próprias imagens. Eu botei os grupos de sonhos sem ter participado, por que não existia. Fui bolando como uma forma, né. Então meio que pega aqui, pega ali, pega experiência própria, pega o que foi importante, fundamental e básico, não é tão referido em autores, mas também, não é uma coisa completamente própria. Mas são vários autores que trabalham, nos Estados Unidos, têm muita gente que trabalha com workshops de sonhos. Na Suíça, não tinha na época em que eu estava lá. Não tinha nada quase. Hoje em dia, já tem mais.

P: Na Suíça, na sua formação em Zurique, você acha que tinha algum tipo de situação que favorecia mais a vivência de imagens. Você disse workshop, mas talvez....

I: Não, tinha só mais a questão de você trabalhar com os moldes tradicionais, eminentemente interpretativos, no setting individual, com amplificação, isso teve demais lá, teve muito, agora...

P: Eles dão muito enfoque na questão da amplificação?

I: Isso... amplificação, agora no meu trabalho, eu fui para outro lado com a coisa de fazer grupos, com a coisa do enfoque não-interpretativo, com o foco de vivência de imagens, né, aí eu acho que eu me escorei muito mais com autores americanos do que propriamente europeus. Sei que quando eu fui, teve um congresso junguiano em 95 em Zurique, daí eu fui, daí eu vi, que mesmo no programa do Instituto Jung, essa questão já voltou, já entrou, entendeu, trabalho / , trabalho de... eu trabalho muito com o conceito de imaginação corpo-ativa. Vincular a imagem com a vivência corporal, então eu vi que isto estava começando lá e mesmo que tinham muitas coisas neste sentido. Realmente eu acho que era o momento que estava mais fechado, estava mais ortodoxo, e aí depois foi abrindo trabalho com corpo. Na minha época de formação no Instituto que foi de 78 a 81...

P: Nem se falava.

P: Não, trabalho de corpo tinha. Havia uma terapeuta corporal que fazia expressão corporal, na hora do almoço, que queria... na hora do almoço, levava o seu cobertorzinho e ia fazer. Fizeram uma coisa completamente separada. Tava lá, mas você vê... não era na grade de horário, era um horário extra, era uma pessoa de fora, especializada nisso, quer dizer, não era realmente uma integração. Acho que foi o começo de um cheirar, eu não sei como é que está lá agora. Você vê pelos títulos, depois com essa preocupação da integração. É geral essa preocupação com o integração psico-físico. É aí onde eu acho que os brasileiros têm muito a contribuir. É porque até através do Sandor que é um dos pioneiros aqui no Brasil, acho que os junguianos estão muito mais próximos desta questão corporal, menos desconectados, menos se refugiando em uma esfera mental. O Sandor contribuiu muito, senão diretamente através de cursos, através de quem fez cursos com ele o germen está aí, na comunidade junguiana brasileira. Essa coisa de estudar as técnicas expressivas, as pessoas estão muito mais preocupadas com a coisa da mobilização, da técnica expressiva, né. Uma visão do setting para mim seria de atuação, entendeu, onde o terapeuta tem uma atitude de fazer certo as mobilizações, proporcionar, propiciar alguma técnica expressiva, né... para falar que o terapeuta está, está saindo de sua atitude interpretativa. Então aqui tem mais abertura prá isso. O Sandor punha a mão no corpo!. As crias do Sandor por aí, muita gente então põe a mão, vivenciam, suscitam imagens através da calatonia, dá uma olhada na imagem. Não é? Não sei se você já passou por isso.

I: Não, ainda não vivenciei isso, mais eu estou vendo essa tendência. Você fez trabalho com o Sandor?

P: Eu fiz aquele curso de relaxamento que ele dava, de extensão cultural, com as várias técnicas de relaxamento, deu para sentir um pouco a questão do corpo. E eu fiz muito tempo de ..., na época da minha faculdade, eu fiz terapia muito tempo com uma pessoa que era cria direta dele, tinha feito análise com ele / gostava muito dele, passava muita coisa de corpo, relaxamento, massagem, trabalho mais integrado, a integração do corpo se dava.

I: Você acha que isso contribuiu para você chegar a essa sua concepção de imaginação corpo-ativa?

P: Tranqüilamente. Porque eu acho que todo processo só de leitura simbólica de amplificação, fica num plano muito mental e muito associativo e não integra. Você trabalha mais o corpo fica do mesmo jeito. Acho que uma transformação tem que ser concreta. Então ela tem que se manifestar também no concreto, na vida, noutra sensação, em outros sentimentos, senão fica aquela coisa muito desconectada que você vê muito análise, “ah! eu não entendi, agora o que eu faço com isso?” Bom então não entendeu, entendeu mas não compreendeu. Compreender é uma compreensão onde a mudança já ocorre, a coisa já é posta em prática, já é efetivada. Sei lá, o significado fica claro através da prática, através de uma execução de mudança. Depois, ele pode ser nomeado. Eu trabalho pelo outro lado, ou seja, com mais uma execução, para depois nomear. Não nomear para depois viver, o que eu vou me propor a fazer. Fica num plano muito mental.

P: Me fala um pouco dessa imaginação corpo-ativa prá eu ter uma idéia.

I: Prá você ter uma idéia de imaginação ativa... imaginação ativa onde o corpo esteja consciente e ativado, você está constantemente integrando a dimensão corporal, você não desconecta, você não fica no plano mental.

P: Seria através de imagens que vem do corpo, ou imagens que repercurtem no corpo

I: Por exemplo.

P: Ou estimular imagens através do corpo.

I: Também.

P: Também seria essa possibilidade.

I: Isso. Você poderia fazer essa ponte nos dois sentidos.

P: De que forma essa pessoa traria isso, pensando nesta ponte com a consciência. Ela veria como uma imagem no corpo ou ela veria a imagem de uma situação outra, seria amplificar as imagens?

I: Não, eu não amplifico, ou melhor amplifico no grupo, em um momento do grupo. Tem quatro momentos, o momento do relato, o momento de fazer os trabalhos e depois os momentos de

fechamento, de discussão, de fechamento, no último momento de fechamento...daí pode entrar a amplificação cultural, arquetípica, mítica, associação, mais isso quando a pessoa já teve uma resposta própria da imagem fazendo um trabalho de vivência. Entendeu?

P: Ela se aproximou de ...

I: Isso. De outra maneira. Já teve uma aproximação direta e depois... e assim é uma tentativa de utilizar todos os recursos. Por isso, eu não me filio a uma escola, eu acho que todos têm algo a contribuir. Então, você vê de um ângulo, você vê de outro ângulo, e você vai assim tentando compor várias maneiras de abordar. Não descarto uma leitura também. Não, isso em um segundo momento, ou melhor, num quarto momento.

P: Desta maneira de trabalhar com imagens, incluindo o corpo, você além do grupo você também adaptou a sua prática clínica?

I: Ah, eu estou sempre ligada nisso.

P: Você sempre está trabalhando tudo. Você usa algum outro recurso que favoreça as imagens?

I: Não, eu trabalho muito com o sonho. Eu pego como ponto de partida o sonho. Eu acho que é uma imagem mais pura. Eu acho que o trabalho é imaginativo, entendeu, mas a partir do estímulo inicial da imagem do sonho.

P: E como é que você trabalha isso, você pede pra pessoa relatar, trazer escrito, registrado, como você....

I: As pessoas relatam. Relatam suas histórias e agente vai abordando as várias....como eu pesquiso formas de trabalhar sonho, então a gente tem “n” abordagens, “n” discussões, “n” exercícios que a gente vai fazendo. Entendeu?

P: Sei.

I: Vai fazendo com aquela imagem, com aquele sonho. Essa é a minha pesquisa.

P: Sei.

I: Pra depois estar fechando o sonho. Estar tentando fechar o sonho, pegar enfim o sonho, né?

P: Você primeiro tem um momento exploratório e depois de fechar?

I: Quando eu digo fechar, é porque nesse quarto momento vale tudo: vale interpretação, vale associação livre do resto do grupo, entendeu? E isso é muito enriquecedor, você tem uma vivência própria com imagem, mas você não consegue ver as formas tem certas coisas que são os outros conseguem ver e conseguem te ajudar a perceber, mas no momento em que você está compartilhando, te ajudando, sei lá, se beneficiando da percepção do grupo, você já tem uma resposta própria, você já tem um referencial, você já não tem a imagem do sonho como um grande ponto de interrogação que te deixa completamente aberto a projeção do outro. Então você já pode, estar munido de certas vivências para poder estar estabelecendo um diálogo dentro do grupo, senão você fica muito a mercê, que é uma grande incógnita o sonho você fica muito a mercê da projeção dos outros.

P: Claro.

I: Através da primeira parte dos trabalhos, você já tem respostas para você realmente efetivamente estabelecer um diálogo com o outro e não ser um captador de projeção do outro a partir de seus próprios pontos cegos.

P: Na relação com os seus pacientes, você percebe que existe algum paciente ou pessoas que reagem mais facilmente a uma abordagem através das imagens do que outros pessoas?

I: Sim. Tranqüilamente.

P: Que tipo de pessoa ou personalidade que se adapta mais, se adapta menos, facilita ou não este tipo de trabalho?

I: Eu acho... que com esse meu trabalho e com várias técnicas, trabalho com sonhos, grupos de vivências, eu começo a discriminar certo tipo de sonho que seria mais facilmente abordado por certo tipo de técnica e outro, um certo tipo de pessoa que responde melhor a essa, você vai começando a discriminar isso, só que eu acho que pra mim ainda está mais no plano intuitivo isso, entendeu? Mais do que eu poder falar: tal personalidade tarará, tarará, porque eu percebo que certas incursões que algumas pessoas fazem naturalmente, porque é o natural delas e outras nem quando você dá instruções, elas não fazem, entendeu? É você propor uma imaginação corpo ativa e a pessoa continua mental do mesmo jeito, você propor uma abordagem interpretativa e a pessoa não consegue se desvincular dessa tendência interpretativa do ego dela, aquela coisa treinada. Ela nem consegue sair disso as vezes, Então eu não consigo colocar isso, tal personalidade... aí eu acho que eu funciono muito mais pela intuição, né? Que trabalho que eu vou propor, vai depender da rodada de sonhos que está rolando, que está rodando, então eu acho que mais isso ou mais aquilo, entendeu? Não tem uma sistematização, tal pessoa de tal tipologia, de tal tipo.

P: Em termo geral, também a mais pessoa mental, que reage mais racionalmente, teria mais dificuldade?

I: Ela pode ter uma dificuldade, mas por outro lado, é lá que vai se manifestar o mundo criativo, quando ela consegue sair dessa esfera e poder fazer uma integração mais holística né? Mais global né? Mais rica.

P: Sem dúvida.

I: Como, assim, como ela também pode se assustar um pouco, porque alguns aspectos são meio mobilizadores, também, né? Ela pode até refrear.

P: Você por exemplo teria alguma técnica, dentre estas técnicas que você poderia descrever, que ajudaria nestes casos?

I: Nesta perspectiva de imagem que eu acho importante, é que você realmente está pegando todos os aspectos / você pegar essa noção sincrônica da imagem, democrática da imagem, onde todos os aspectos são igualmente importantes, Você realmente pegar ela em todo o seu contexto físico, não só no contexto da existência em si, no sentido como é o tradicional, de você pegar o contexto de vida, o contexto de passagens de vida das pessoas, contexto cultural,...neste sentido você pega a imagem como uma forma comunicativa válida em si própria, que você permanecer mais tempo com a imagem, em toda a sua composição, em todos os seus detalhes é possível você sair interpretando, sair fazendo um vínculo com situações da tua vida, entendeu? Eu acho assim que aquela visão do Jung que a imagem é completa em si mesma e ela própria contém seus significados, eu acho que é o pressuposto válido, igualmente explorar de todas as maneiras, das várias maneiras possíveis de se observar, de se reagir, de viver, de vivenciar, de imaginar, atuando no seu sonho, a imagem no teu sonho, você então realmente se comunicar com essa alta forma de comunicação. Aí você vê, entra elementos de todo o mundo / “be friend”, se tornar amigo. Eu acho que entra tudo isso ao mesmo tempo, é preciso se conhecer bastante, se dar conta do que está lá, de todos os aspectos, revisar os aspectos / se você vai usar o pensamento causal umas são importantes e as outras são decorrentes. Não tem o importante, decorrente, tudo é parte, integrante, tudo é igual, então nada é absoluto, a minha tese é que para você realmente fazer uma interpretação, uma boa interpretação ela tem que ser coerente com todos os aspectos da imagem, você tem que respeitar essa coerência interna nos sonhos, e na verdade você só vai ter isso quando você entende os sonhos, na hora que você compreendeu, na hora que você perceber que tudo é importante significativo na composição do todo, aí você pode falar que captou, né? Mas desde que você percebe essa coerência que permeia, você tem ordenação mais profunda do self se manifestando. Aí você capta, daí também algo já se fez, algo já se transformou, já não é mais a mesma coisa, nem a imagem do sonho... já é outra coisa, daí você já entra um pouco na comunicação / Isso não exclui outras leituras, outras interpretações, não exclui porque é a noção do símbolo de Jung.. uma expressão. Então nunca ..., ele mesmo fala, se você exaure o símbolo, morreu, né? Matou o símbolo, né? Ele já não está mais prenhe de significado no limite da ação, na ação, não é mais / da psique, um instrumento de síntese, né, diante da vida da pessoa.

P: E você acha na relação paciente-analista, você acha que a questão contratransferencial pode vir através de uma imagem?

I: A contratransferência está sempre presente, tanto transferência quanto a contratransferência está sempre presente, o próprio Jung falava disso. Você tem o quaternio, um sistema de comunicação inconsciente...um dos capítulos da minha tese chama “Sincronicidade como fator de coesão grupal”, o que acontece de sincronicidade nos grupos é uma coisa muito grande, mesmo todo mundo sonhar com o mesmo tema de repente: sapato, com pé, ou está descalço, está com tênis o outro está com não sei o que, é muito comum. Mesmo um grupo que nunca se encontrou, todo mundo já vem através de uma entrevista prévia, seja pessoal ou por telefone, sabendo que vai discutir um sonho, todo mundo escolhe um sonho com a mesma temática... você percebe o símbolo grupal atuando. Eu acho que a transferência quanto a contratransferência está sempre atuante.

P: Você pode tomar consciência dela através de uma imagem.

I: Ah, tranquilo. De uma imagem, sentimento, emoção, sensação, através de tudo, idéia, tudo.

P: Sensação corporal.

I: Sensação corporal. Agora o problema que você não necessariamente ...eu não me preocupo em interpretar contratransferência em termos freudianos. Você entendeu? Eu vejo a contratransferência como a mobilização daquilo que está dissociado, daquilo que está inconsciente e que pode ser captado pelo outro. Mas isso não quer dizer... porque muitas vezes você fala de contratransferência, você já está pensando em todo um aparato, em toda uma explicação, em toda essa coisa que você está falando diretiva, de ver como... não precisa interpretar por aí, ela sempre lá, está ela está viva aqui agora em qualquer situação, está sempre... está tudo em mistura. Misturar-se, separar-se, né...fusão e discriminação, não é? Acho que ela sempre está aí.

P: Ela não é uma coisa única da terapia. Você faz alguma distinção entre cura e a amplificação da consciência?

I: Amplificação ou ampliação?

P: Ampliação, desculpe.

I: Ampliação, né? Acho que uma está a serviço da outra. Não acha? Uma a serviço da outra.

P: Ampliação da consciência /

I: De uma cura? Sim. Aí que está, depende o que você entende por consciência, que ampliação de consciência é essa? Se a gente ficar no plano mental já não acredito que ela esteja vinculada a cura, mas se você pegar a consciência como mais ampla, consciência integrada, integral, integrada, em toda a realidade, daí eu acho que ela está acoplada, associada com tudo...

P: Você acha que a imagem favorece mais a ampliação da consciência ou a cura? Ou os dois?

I: Ela por si ou o que você faz com ela?

P: Abordagem da imagem, o que você... trabalhar através das imagens você acha que favorece mais um do que outro?

I: Acho que aí de novo... depende do nível que você trabalha. Você pode... você tem a questão da cura, é o modelo médico, isso, de estar colocando a coisa assim, né. Você está operando com a polaridade doença-cura.

P: Eu queria saber se você está trabalhando nesse modelo, ou você trabalha em outro modelo? O processo terapêutico é uma ampliação... da consciência, do cultivo da alma alguma coisa / que se coloca...

I: Não são contraditórias quando você cura dissociação, ampliação da consciência, quando você cura a dissociação, você amplia a consciência quando você amplia a consciência através de você perceber o que está inconsciente, reprimido e dissociado, uma coisa dá mão prá outra. Entende? Mas aí você também não... Aí é que tá, eu não trabalho muito com o conceito de cura. Daí você está dentro de um modelo médico que fecha uma coisa com doença, talvez seja uma expressão de um momento de vida, não é? Eu acho que muda um pouco a perspectiva, sabe? O que é cura, doença... doença faz parte da vida. Quando você está nesse modelo médico, as vezes doença é um diálogo que tem que ser lembrado, não é?

P: Claro. E você acha que as imagens estão mais dentro desse modelo clínico ou mais em termos de ampliação de consciência / ?

I: Quando o que você está falando de cura clínica ou da cura da alma, “Os sonhos e a cura da alma”, tem um livro desse, não é?

P: Cada um vive a cura de uma forma, dentro desse modelo patologizante que há uma doença a ser curada, como que entra a imagem, em que plano... como fica a imagem?

I: É que quando você enfoca isso... você está colocando uma imagem que acompanha uma doença? Se você pode pegar uma imagem que acompanha uma doença.

P: Você pode tomar a imagem...

I: Você pode pegar só a doença, esse foco e realmente perceber tendências curativas ou perceber na imagem, tanto o diagnóstico, como o prognóstico, como o caminho da cura. Você pode pegar uma imagem que explique. Você está partindo de uma doença, ou você pode muitas vezes o que acontece no grupo muito, é que a pessoa não está nem sabendo, não está relacionando com o aspecto de alguma, de alguma disfunção. E a coisa está manifestando na imagem e através da imagem, ela chega a sua disfunção. Às vezes, até física, às vezes até corporal. A imagem é que está falando isso. Apesar da pessoa estar meio desconectada disso.

I: Viria através da imagem?

P: Viria através da imagem.

I: Ou a própria doença pode ser uma imagem, uma configuração desta...

P: Pode ser uma imagem. Isso.

I: ..o próprio processo da pessoa...

P: Isso. Quer dizer, se de repente você tem uma... se você consegue trabalhar num outro plano, essa configuração, possa talvez, essa configuração possa liberar um pouco os aspectos de expressão corporal, Não é? Isso que é ampliação da consciência e aí você pode dizer cura, não é? As coisas andam meio de mãos dadas assim...

I: Você acredita também que certos tipos de abordagens ... a imagem seria patologizada, as imagens seriam reduzidas a sintomas?

P: Sabe que os budistas dizem que quando você está já quase no nirvana, você não sonha mais? Ouviu isso?

I: Não.

P: Ou os espíritas, o espírita tem / entendeu? E aí eu acho que tem essa coisa melindrosa, de qual o valor que se dá prá imagem? Eu acho muito do que você faz com a imagem tem a ver com o valor você dá prá ela, por exemplo quem é racional, super racional, e acha que isso não está com nada... Eu

participei uma de um congresso de sonhos junto com um neurologista, meu, o cara não queria nem entrar... eu disse, eu não vou nem falar porque prá neurologistas as imagens são pedaços de memória ativada, sem sentido, é um roda-falso que acontece lá no cérebro, sem sentido nenhum.

P: Uma disfunção.

I: É. Mas eles também nunca se debruçaram e pararam para olhar. Agora quanto aquilo que você vê e trabalha através da imagem, aquilo que é ou aquilo que você falou / você nunca vai saber direito. Se você dá esse crédito a imagem, você já deu o crédito se a pessoa lhe dá um copo de leite para você beber e falar que esse leite é bárbaro e vai lhe ajudar a você sentir melhor, você vai ficar jóia com ele, as vitaminas vão entrenhar os teus ossos, o teu sangue, você vai ficar dez, quer dizer, é diferente de um copo de leite servido... toma aí, vai matar a tua sede rápido. Então é o debruçar religioso de religar-se a uma questão, né. Se eu falo que as imagens não estão com nada, ah, eu não trabalho com sonhos, então você não pode dizer nada. Eu acho que tem muito isso. Interação. Tem a ver com a interação que a gente tem com a imagem. A imagem em si pode ser tudo, pode ser nada. 90 % dos sonhos da gente a gente esquece, uma produção de imagens fantástica e vai tudo por água abaixo, né? Agora, ela tem um efeito por si mesmo que acaba contendo, pelo impacto. Tem uma função. Não é? Mesmo se você não interpretar, não trabalhar ou você pode potencializar como manifestação de um aspecto, mas você pode potencializar, trabalhar em cima e chegar mais longe ainda, que você poderia fazer também com outros conteúdos. Acho que você tendo a imagem, você vai ter... poder estar trabalhando com as situações de vida, aonde essas imagens são dramatizadas, como elas são configuradas na vida da pessoa. Eu acho quando a gente trabalha com imagens, a gente trabalha com o estrutural, trabalha com a essência e daí vai se revertendo as múltiplas manifestações no palco da vida. Você pega... você vê exatamente uma... a própria imagem já é um pouco esse movimento de cura, da alma, do corpo, do todo dessa pessoa. Então a imagem já ... mas isso é uma valorização que eu dou, entendeu? Eu acho que do mesmo jeito quando ele diz que não é nada, descarta pro lixo, entende? Mas o fato de você levar isso a sério se torna, se é, não sei, se torna... É a relação que se estabelece. Porque se a pessoa não dá bola nenhuma e julga tão descartável, vai realmente ser descartável, ela não vai fazer nada com aquilo, entendeu? Tanto que não lembra, as pessoas vêm pro grupo e falam: ah! Eu nem sei se posso participar porque eu não me lembro de sonhos. Eu digo: relaxa. E daqui a pouco... Em análise, é a mesma coisa. Você não dá bola e daí a medida em que isso é solicitado, é estimulado e a pessoa tem o que fazer com isso, tem prá que a coisa... é conferido o significado, a coisa começa a acontecer, a coisa começa a adquirir significado, mesmo a coisa que antes a vida toda nunca teve significado, é a mesma coisa que conferir, né? Eu acho que é outra relação que a gente estabelece. Não é?

P: Sem dúvida. E com relação a essa questão da observação do fluxo de imagens. Você acha que a partir da observação do fluxo de imagens, a gente pode ter uma visualização, uma aproximação do processo de individuação?

I: Sim. Com certeza. Novamente. Você confere isso na imagem ou não. Entendeu? É a relação que você estabelece, quer dizer, olha sobre este prisma, você vai ver os elementos, olha sobre o prisma dos elementos psíquicos você vai ver elementos psíquicos, olha sobre o prisma construtivo, você vai ver sobre este prisma. Se você olha com o prisma do sonhos, tanto do ponto de vista prospectivo, você vai conseguir ver. Olha sobre o ponto de vista da conjunção do princípio arquetípico, você vai ver isso. Se você olha como lixo você vai ver nada. Não é? É uma coisa assim: o que que a gente faz com isso. É o que eu acho, a minha visão sim, eu confio nesse significado da imagem. Uma atuação mínima com o processo de individuação.

P: Então através da imagem a gente poderia trabalhar neste processo?

I: Sim.

P: Deixa eu te perguntar... Agora são uma série de perguntinhas... primeiro: o que você entende por interpretação, você já falou um pouquinho no começo, e como você utiliza ou não utiliza?

I: Olha, eu entendo por interpretação, você fazer uma ponte..., quando você interpreta, você vai estar buscando um sentido mediado, não intermediado, não imediado, você intermedeia ou com um sistema teórico, ou com idéias ou com a vida da pessoa ou, sei lá, um sonho de realização do desejo ou sonho de compensação, então você vai estar fazendo essa ponte duma coisa que se... de um fato que se manifesta imediatamente com todo um outro conhecimento, com uma idéia. Então prá mim é isso que realmente tem importância. Isso não quer dizer que os teóricos acham, tem gente que diz que nem existe não-interpretação. Eu acho que realmente não existe não-interpretação da maneira como a gente relaciona é sempre interpretativa, é sempre pessoal, subjetiva ou ... , a gente sempre vê a interpretação dos fatos, não é? Mas você pode fomentar mais uma atitude interpretativa ou você pode fomentar menos uma atitude interpretativa. E eu tendo a trabalhar mais uma ... , principalmente nos grupos, uma abordagem não-interpretativa, você vai vivendo, o contato imediato, né? Não uma

interpretação via significado, você relacionar com o sistema de significados, né, você relaciona com o complexo de Édipo, né, você relaciona com algumas idéias, ou com um sistema ou outro...

P: Então prá você uma abordagem não-interpretativa seria mais vivencial, é isto? Uma aproximação direta?

I: No mesmo, no primeiro momento. Num quarto momento, eu acho que uma abordagem interpretativa cabe..

P: Uma primeira aproximação seria via não-interpretação e em determinados casos você ou em determinados momentos, você acha que caberia uma interpretação... Outra pergunta: O que você entende por amplificação e como você utiliza?

I: Olha amplificação em termos junguianos eu entendo exatamente você deixar ecoar uma imagem, você deixar ela ressoar num âmbito mais amplo, então você trás paralelo da onde que ela ecoa, paralelos mitológicos, dos contos de fada, ou de outras... de outros modelos de desenvolvimento arquetípico, né? Então isso seria uma amplificação que é também uma associação, de certa forma até uma associação, só que ao invés de você fazer uma associação no plano pessoal, você faz uma associação no plano coletivo da área mitológica, da área da história, da religião, com outras imagens, é uma coisa associativa também, né?

P: Em que momento você utilizaria a

I: Você pode amplificar a imagem no próprio grupo. O próprio grupo é um amplificador da imagem... a imagem ressoa e ecoa em todo mundo. Eu acho assim... eu acho que a coisa está indo bem, quando uma bate com a outra. Quando é uma amplificação pessoal e de grupo, inerente ao grupo, confere com a amplificação arquetípica, cultural. Eu acho que as coisas estão indo na direção correta, da compreensão daquele caso que aconteceu. Então eu acho que a amplificação cultural é pertinente, importantíssima, é uma ferramenta aberta e útil. Ela é ótima, num quarto momento ela é ótima.

P: Num quarto momento?

I: Mas o quarto, é um fechamento, é a totalidade. É fechar. É realmente tentar compor um todo. Não descarto interpretação, aliás, adoro interpretar, a coisa mais gostosa... masturbação mental então, é uma delícia, né? Só que aí a gente tem que ter mais um pouco de cuidado. Prá num forçar alguma coisa, ficar numa brincadeira mental.

P: Sim. E o que você entende por imaginação ativa, se você utiliza ou não e quando você utiliza?

I: Olha, a imaginação ativa... o que eu entendo, é um conceito junguiano de imaginação ativa, né, você... sei lá... uma produção de imagens a partir de um estímulo, seja uma sonho, seja alguma outra imagem, você ter uma produção de imagens, de afetos se transformando em imagens...dessa maneira você dá livre expressão para essa produção de imagens, né? É isso, eu utilizo num sentido assim, da forma mais pura, da forma mais composta, da forma da imaginação corpo ativa, entendeu? Eu acho que a imaginação ativa... ela é muito propiciadora da função transcendente, né?... Eu acho que eu uso muito, senão numa forma pura ou numa forma composta, um exercício de imaginação.

P: Como você vê, a relação do discurso com as imagens dentro do contexto da psicoterapia?

I: Como assim? Discurso analítico?

P: Discurso verbal, aquilo que se estrutura através do discurso e cria imagens.

I: Qual é a relação?

P: Dentro do contexto analítico como que se dá essa relação. A interpretação poderia ser uma relação. Você acha que ... a maneira que a pessoa constrói o discurso dela pode ser uma imagem ou não? Ou a maneira que a gente aborda através do discurso, pode ser também uma imagem que se transforma através do discurso.

I: Eu acho que só é outro plano de expressão, né?

P: O discurso?

I: Discurso é outro plano de expressão. A imagem é um plano de expressão, o discurso é outro plano de expressão.

P: Você acha que em alguns momentos do discurso se constitui em uma imagem?

I: Eu acho que é uma produção em outro plano. Eu acho que tudo que está no discurso, tem uma imagem, tem uma imagem subjacente, entendeu? Você pode estar expressando através da imagem ou você pode estar através do discurso, né? Não é tudo vinculado assim.

P: Quando eu construo uma representação verbal, eu perverso algo para expressar algo, você acha que favorece à construção da imagem?

I: Perverto, como assim?

P: Uma coisa é descrever: "aqui tem um vaso de flores rosas...." mas eu posso também reorganizar um vaso : "Flores, rosas, um vaso..." Um outro discurso, entendeu? Uma outra articulação do discurso, metafórica que pode configurar uma imagem.

I: A expressão da imagem adjacente, não é?

P: Isso. Você acha que isso ocorre numa terapia, tanto da parte do paciente quanto a ele construir a sua história, na hora que a gente vai trabalhar com imagem, trabalhar com o contexto de vida... Você acha que na nossa formulação esse tipo de construção favorece estabelecer um contato com isso ou não?

I: Sim, acho que sim. Se você usar uma coisa mais metafórica, você se pautando numa imagem prá estar inclusive fazendo uma interpretação, ou às vezes construir o teu próprio discurso enquanto analista. Não é isso?

P: Isso.

I: Sim. Eu acho que sim. Você começa a ter uma linguagem mais fantasiosa, né? Mais metafórica. Eu acho que sim.

P: Certo.

I: Eu acho que isso opera... Agora também acho que pode ser como você falou, perverter de repente. Pode... acho que a distinção que se pode fazer entre fantasia, fantasiar e imaginação ativa, já tentou fazer esta distinção? Você concorda, né? Numa você tem um processo passivo de expressão, fantasias e já na imaginação ativa, você já tem sempre essa coisa da relação confronto, né? Ou de você... enquanto a imaginação ativa está ou não está carregada de desejo, o quanto ela está / é que nem você falar em intuição, né. Tem-se falado muito em intuição, o que é intuição? / não tem nada de intuição, você sabe uma coisa que tem... limpando e destilando o canal de percepção, acho que a imaginação também tem isso, a imaginação ativa também tem isso, você realmente limpando um canal de comunicação profunda onde ele vem turvado, sabe... turvado pelas emoções, pelas empatias, pelas antipatias e daí a coisa fica mais como expressão desse emocional.

P: Você acredita que seria por exemplo possível construir formulações teóricas sobre a psique a partir de imagens? Imagens que possam substituir os conceitos...

I: Acho que você está trabalhando num plano mais vivo, mas ao mesmo tempo eu percebo as conceituações junguianas mais como símbolos do que como conceitos e isso acho que constitui uma super riqueza do Jung. Quando ele vai falar de anima, de animus, não é um conceito, é um símbolo, né? A melhor expressão de uma coisa que está além do mais em evolução, certo? Não é fechado. Não é sinal para alguma coisa assim, um sinal pra dizer alguma coisa. É uma denominação de uma série de fatos e fatores e de realidades vivas, na alma, na psique, na alma de uma mulher, do homem, que possa se expressar dessa maneira, daquela maneira, que sofre influência histórica, que está de certa forma em evolução, em transformação. Isso é anima. Isso é animus. Não é um conceito no sentido de ser uma denominação, que realmente, né... uma abstração. Quer dizer, prá mim, o Jung se move já no plano das imagens, já se move num plano mais próximo à realidade, não por meio de abstrações. Eu não sei se você sente desta maneira? Eu acho que Jung já faz isso. Ele trabalha através de imagens, não é? Uma aproximação de linguagens: linguagem abstrata com linguagem de imagens.

P: Que a imagem talvez seja uma recurso que dê mais conta da natureza desse símbolo do que o conceito.

I: Sim, com certeza. O conceito acho estaria tirando um pouco o aspecto do mito. Mas ao mesmo tempo o conceito é uma abstração pura que de certa forma limpa um pouco. Sei lá, ela é menos real, ela limpa um pouco das impurezas da imagem, da subjetividade da imagem, mas ao mesmo tempo ela marca, ela resseca, ela resseca, ela não fala com a alma, ela fala mental. Neste sentido a imagem está uma oitava a baixo, está num outro plano, fala mais próxima da alma, da realidade da alma, não é? Você está propondo fazer uma ciência no plano da imagem, eu acho que Jung já faz isso, você não acha? Eu acho que muita gente entende Jung como conceito. Muita gente entende o Jung mais no plano de imagens.

P: Eu acho que tem uma tentativa dele, muito mais no final da vida de se libertar um pouco...

I: Do racionalismo...

P: Teórico, ele tenta, ele vai escapando cada vez mais, ele vai saindo, para poder delimitar um pouco o que ele vai percebendo ele vai usando cada vez mais a amplificação, a referência à imagem. Eu acho que isso às vezes, é mal interpretado.

I: Por que?

P: Por uma ciência positivista, racionalista, que acaba não dando valor científico e se preza por não... a submissão ao que é a natureza da psique. Eu acho que o Jung respeita, tenta respeitar

I: Você acha que ele respeita, acho que ele não só respeita, mas ele consegue conceituar isso, consegue falar disso, tem uma passagem muito bonita quando ele fala dessa perda do símbolo, se você não tem essa relação com o símbolo, você perde o significado da vida, o sentido de vida, ele fala de uma maneira muito bonita, ele consegue fazer essa integração, ele consegue transitar nessas várias formas de expressão, para estar justificando a imagem, buscando a realidade em si, sem cair numa metade, numa coisa mais mental. E acho que aí Jung é um gênio, sabe, se colocar e não ficar viajando

na maionese, fazer constantemente essa ponte, estar explicando, raciocinando sobre isso refletindo sobre isso, não é, eu acho que isto ele faz de uma forma muito legal.

P: Você teria um outro comentário para fazer sobre o tema, alguma coisa que a gente não falou?

I: Não acho que não, já falamos muita coisa, né?

P: Então para finalizar eu gostaria que você me desse uma imagem, a imagem que você tem sobre o processo analítico.

I: Nossa! Eu tenho só que me ver agora por que nunca... Eu não sei se só tem uma imagem, sabe? Num processo analítico ele vai trabalhar com tantas situações em vida que eu acho que cada situação de vida, que cada momento dele, tem uma... várias imagens do processo analítico. Uma que me vem é a formação de pérola...

P: Formação de que?

I: Formação de pérola. A transformação de feridas em coisas preciosas, né / mas a ela não é em todos os momentos, entende? Mas ela é em muitos momentos. Acho que esta predomina. O processo analítico trabalha em cima dos nós, das dificuldades, da dor, das feridas então eu acho que essa é bem aplicada.

P: Sei.

I: Eu acho que se for prá ser só uma, eu acho que é essa.

P: Acho uma ótima imagem! Legal. Obrigado pela entrevista.

Apêndice 2: Recorte das entrevistas por eixo temático

As entrevistas foram recortadas e agrupadas por eixo temático. Foram adicionadas palavras necessárias para a compreensão dos trechos recortados que foram indicadas em colchetes. Em alguns casos manteve-se as intervenções do pesquisador com intuito de complementar uma idéia.

2.1 Entrevistado 1

2.1.1 Conceito de imagem:

...Imagem vem para nós... porque ela faz tanto parte da nossa consciência que é impossível quase você defini-la. Eu tenho a imagem que cai sobre a retina... você pode dar uma definição muito psicofisiológica. É a imagem que se forma através da incidência da luz solar, qualquer tipo de luz, na minha retina, ativando as cores e os bastonetes, vai para o meu sistema nervoso central e isso é uma imagem e decorre um pouco do fenômeno da projeção. E tem uma imagem que vêm para a minha consciência, que emerge, que aparece, vem, sei lá da onde vem. Eu chamo que vem do inconsciente e me aparece. Eu tenho essa imagem formada no meu cérebro. Então eu acho que a imagem é um fenômeno, que aparece na minha consciência. Ou ela vem do mundo externo ou pelo mundo interno, mas ela aparece na mente sem que eu tenha qualquer controle sobre o seu surgimento.

É um processo involuntário. Posso até provocá-lo voltar a mente. Mas acho que também em grande parte é involuntário.

Primeiro a percepção de que eu vivo em um mundo de projeções, eu vejo aquilo que eu tenho capacidade neurológica, fisiológica, psicológica para perceber eu vivo em um mundo de imagens. Enquanto a minha psique determina as imagens que eu vejo, determina a minha percepção.

...Nós sofremos várias ilusões visuais.

...a única forma da gente conhecer a nossa alma é através das imagens, dos pensamentos que emergem, que eu vou me conhecer. Então a imagem sem dúvida é a via régia como falava Freud, Jung depois falou isso. A via régia para o inconsciente é a imagem. Pro inconsciente e pro mundo... eu chamo inconsciente também o mundo externo. Tudo aquilo que eu desconheço vem através de imagens, através de pensamentos. Não vejo outra forma de conhecimento.

Ele [Hillman] fala que muito mais importante aquilo com que a alma vem. Agora o que que é que a alma vem? Você vai saber através do que vai ser, não é, de como a pessoa está se comportando no mundo, como ela está se expressando, as imagens que ela vai trazendo. Então esse in-printing que o ser traz, que forma uma imagem prá ela e pros outros, eu acho que o Hillman trabalha muito bem com isso.

Como ser um homem de sucesso, esses livros de auto-ajuda que funcionam, estão trabalhando com imagem, projetam imagens. O que você quer ser. E vai atrás e consegue. Acho que a pessoa que tem uma auto-imagem, é tudo um problema de auto-imagem, uma auto-imagem negativa, seja lá o que for... Tem uma turma que trabalha só com imagem Não se importa como é que a pessoa formou a sua auto-imagem. E está funcionando. Consegue resultados interessantes.

Eu acho que o símbolo. Eu estou falando mais em símbolo do que imagem. O símbolo é o grande veículo de auto-conhecimento.

Mas a imagem vem vinculada à palavra junto, com a palavra dá, o significado. Eu tenho que ter a palavra para dar um significado à imagem, poder integrá-la na minha consciência. Só a imagem desvinculada do significado, eu acho que não promove a cura. A imagem... nós temos que dar um significado, uma palavra a ela para poder vinculá-la a nossa consciência, integrá-la e ter isso como conhecimento assegurado. Imagem por imagem só, ela fica solta no espaço, como os pacientes psicóticos que fazem imagens lindíssimas e não curam, não se curam, não há o desenvolvimento da consciência. Então, tem que integrá-las na minha consciência através da palavra. Se eu estou diferenciando imagem... eu não sei como você está usando a palavra imagem, imagem como não-verbal ou isso, ou imagem verbal, não sei se você está fazendo essa ligação.

Às vezes, uma palavra... ela funciona como uma imagem... Uma metáfora, um símbolo que dá um grande insight pra pessoa.

...Eu vejo um filme, uma imagem do filme causa um impacto. Aquilo fica reverberando dentro de mim, mas eu vou precisar da palavra para unir a imagem ao meu mundo interno, a outros elementos prá poder integrar essa imagem na minha consciência.

Nossa percepção do corpo é absolutamente simbólica, só percebo... o meu corpo só existe na medida que eu percebo, uma coisa acontece, não tenho consciência do meu corpo. Então nós estamos trabalhando a doença orgânica como um símbolo... Nós acreditamos que toda a imagem tem um substrato bioquímico. Se você muda um, muda o outro. Assim como se você tomar um remédio, você também tem uma imagem. Você tem uma alteração das imagens. O que você come, altera as imagens... Tanto faz por onde você vai abordar. Você toma um calmante e muda a tua imagem. Você toma um excitante, você tem outra imagem. Você tem uma imagem que te excita, você pode provocar uma excitação orgânica. Então nessa interlocução, é que a gente está trabalhando a duras penas, é difícilíssimo

A imagem é o concreto que a gente tem, que dá prá levar... é o fenômeno. O símbolo ou a imagem, é o fenômeno psíquico com o qual a gente vai trabalhar.

2.1.2 Processo de aprendizagem de trabalho com imagem:

...junto com a minha formação acadêmica mais formal, teve muita... uma contribuição enorme do informal, dos workshops todos que eu fazia, uma ou duas vezes por ano, especialmente nos Estados Unidos que era a formação mais informal, mas era muito prática. Então eu me submetia aos técnicos, muitas técnicas através de imagens também em outras teorias e aprendendo como paciente.

No grupo de pesquisa que eu estou coordenando agora a gente está estudando a relação de doenças orgânicas, principalmente neoplasias e artirritmatóticos e esquizofrenia e vendo como as imagens das doenças aparecem nestes três tipos de pacientes. Então toda uma técnica que a gente está desenvolvendo para trabalhar em hospitais, técnica terapia breve trabalhando com imagens

... na minha faculdade, o lado forte dela na época era a teoria da percepção. Então eu fiz vários cursos de teoria da percepção. E eu fiquei fascinada por exemplo pela questão das ilusões visuais. Isso abriu um campo muito grande para mim porque eu percebi o quanto nós somos enganados pela nossa percepção que parece uma fonte de referência muito segura. Nós sofremos várias ilusões visuais.

[essa concepção vem da psicologia analítica?] Não só. [teve outras contribuições...] Sim, a teoria da percepção..., eu acho que todas as correntes de psicologia de uma forma ou outra vão trabalhar a imagem. Umas valorizando mais, outras menos. Jung sem dúvida fez uma enorme contribuição. Ele ampliou a questão do estudo da imagem, do símbolo. O símbolo, a imagem Jung supervalorizou isso, dimensionou corretamente a questão do símbolo. Mas todas as correntes vão discutir sobre isto... Mesmo as cognitivas.

Além do Jung, eu gosto muito do James Hillmann... ele atribuiu um valor à imagem... acho que até mais preciso, mais definido do que Jung... eu acho que ele é mais purista com o valor da imagem e diminui muito o valor das influências ambientais sobre o ser. Ele quase que acaba com o mito da influência dos pais sobre a formação da personalidade.

Von Franz, sem dúvida, também quando ela trabalha com sonhos, não é, quando ela trabalha com imagens e alquimia... Os contos de fada. Sem dúvida. No Brasil, a Nise da Silveira, outra que trabalha brilhantemente com a questão da imagem.

...Tudo o que eu aprendi como eu falei com a teoria da percepção, teorias sobre memórias, isso é importante, toda a psicologia profunda que eu aprendi tanto na formação da Sociedade e nos cursos que eu fiz por aí foram me habilitando.

...eu comecei a trabalhar com o corpo, eu era reichiana de princípio, ensinava técnicas de relaxamento Reich, comecei a perceber que vinham imagens, quanto mais você mexe no corpo, mais imagens vê. E a técnica, a técnica reichiana clássica trabalhava, Reich trabalhava com imagens, mas os bionergeticos Alexandre Lowen trabalhei com ele, realmente não se importavam o mínimo com as imagens que surgiam. Para mim surgiam muitas imagens e não onde trabalhar com isso. Por isso é que eu acabei indo para a linha mais junguiana, onde tinha um lugar para compreender e interpretar essas imagens.

2.1.3 Indicações sobre a questão da imagem na formação do profissional:

...nós damos uma aula prática também, teórico-prática onde eles vão atrás de imagens, têm que trazer notícias retiradas de revistas atuais, jornais, onde a imagem apareça que reflete simbolicamente um arquétipo. Então os alunos estão o tempo todo pesquisando imagens, símbolos atuais e vendo quais são as determinantes do inconsciente coletivo hoje, como as imagens estão influenciando, que imagens que emergem que estão refletindo o comportamento simbólico. Eles estão fazendo uma pesquisa constantemente... Em cima da imagem.

...eles têm que trabalhar com as próprias imagens, nós pedimos que eles lembrem de sonhos por exemplo, escrevam os seus sonhos e vão vendo como que as imagens que aparecem nos sonhos refletem uma problemática, um complexo, por exemplo, deles. E depois eles vão buscar isso no coletivo. Então nós analisamos por exemplo, foi brilhante o último semestre que tivemos uma aula muito rica em cima desse filme super moderno...

Nós trabalhamos muito com filmes.

Eles têm que trazer por exemplo quando se trabalha com animus e anima, eles têm que trazer imagens de animus da atualidade, imagens de anima da atualidade. Eles têm que recortar, trazer e fazer uma análise. Pesquisa bem assim... Simples, aparentemente simples. Mas que trabalha com imagem. Eu quero recortes, você traz recorte de revista. Ah, parece trabalho de criança. Parece. Mas traz que a gente... vamos ver o que as imagens estão trazendo, que estímulos eidéticos a gente está recebendo.

Eu acho que os terapeutas estão sofrendo enormemente com a sua função no mundo atualmente. Estão perdendo o seu papel e não acharam o novo ainda. Então a amplificação vai ter... a gente vai ter que

fazer muita reflexão sobre isso agora para não perdermos o pé na história, para não ficarmos prá trás. Mudou, está mudando. Tem que se adaptar e dar a sua contribuição que não é mais o que era. E a gente está num momento difícilimo... os psicólogos... todas as profissões estão.

E acho para o psicólogo, o caminho é realmente o trabalho com imagens, o trabalho com os símbolos, senão ele vai ficar secretário de médico. Então nós temos uma psicologia a ser feita para que não se reduza ao fenômeno orgânico de forma alguma e também não se reduza às velhas teorias psicanalíticas. Então, nós estamos num caminho novo aí que tem que ser melhor estruturado... Mais encarnado. [a psicanálise]... Começou com a neurologia, se desencarnou e agora a gente... o símbolo é uma coisa muito concreta.

2.1.4 A inserção da imagem na prática clínica:

...acho que o risco de se trabalhar só com imagem, como a Nise da Silveira mostra no trabalho dela, você tem aqueles psicóticos que trabalham com imagens belíssimas e continuam psicóticos. Então como ligar a consciência às imagens...Fazer a ponte. Porque não adianta só a imagem... É um show de imagens. E a pessoa continua tão psicótica quanto antes, tão doente quanto antes. Como transformar a imagem, como trabalhar com a imagem. Eu acho que... mesmo a corrente moderna, enfatizando muito o trabalho com a imagem moldar a sua personalidade. Você planeja através de imagem o que você vai ser. Então você pode mudar o seu planejamento pela imagem, se transformando como uma pessoa de sucesso, mais realizada, né? Muito importante a imagem que eu projeto para mim mesmo. E tem outros que usam os conceitos junguianos nesse sentido: os junguianos não estão usando a base junguiana

...eu observei muito com os meus pacientes. Fica muita conversa, muito blá-blá-blá, chega um hora que nem eu e nem o paciente sabemos mais e você fica no mundo do palavrório, da verborrêia, absolutamente perdido numa ilusão. Então eu trabalho com sandplay, a minha analista americana que era a Ester Weinrib foi que levou o sandplay da Dora Kauf de Zurique para os Estados Unidos... Então, eu comecei a trabalhar cada vez mais com imagens através do sandplay que eu acho que é riquíssimo e eu percebo nos meus pacientes principalmente aqueles muito intelectualizados que falam muito quando eles vão trabalhar com imagens você entra em uma outra dimensão muito mais profunda, mais rápida e mais eficiente. Então eu tenho estimulado muito, ou o desenho, ou o sandplay. A vantagem do sandplay sobre o desenho é que você não precisa habilidade para desenhar, você pode expressar dimensões que o desenho por falta de habilidade técnica ou tempo até, durante uma consulta, a pessoa pode expressar. Então, o sandplay vai dando um diagnóstico através de imagens muito interessante. Eu fotografo as imagens que o paciente faz. Então eu tenho um roteiro ali de tudo o que ele fez.

A técnica do sandplay é não interpretativa. Você não pode interpretar. Então, o paciente depois que faz o seu cenário, ele conta uma estória e eu trabalho com símbolos que emergem como tal, dentro da estória. Eu posso no máximo perguntar prá ele, pedir mais explicação sobre a estória, mas eu não as interpreto. Então, o símbolo não é reduzido a nada.

[Você faz uma ponte com a situação de vida?] Raramente, quando termina o sandplay, em outras sessões eu posso fazer referências ou o próprio paciente faz. Mas a gente tende a tomar todo o cuidado possível prá não fazer nenhuma ligação muito lógica, muito consciente. É um método construtivo aí, nada redutivo.

Tem. Não é dificuldade, é resistência. Eu tenho paciente por exemplo que fala: “Se eu for na areia, eu vou me sujar inteirinho”. Ele vem de branco, porque ele é médico, então ele não pode se sujar inteirinho. O que é impossível, você pode sujar quando muito um pouco as pontas dos dedos. Aliás, se você quiser, você nem põe a mão na areia, você põe as miniaturas na areia, nem põe a mão na areia. Então, o fato de ele achar por exemplo que ele vai se sujar inteirinho com areia, quer dizer, é um medo que o inconsciente invada para trabalhar com imagens. Então, tem outras pessoas que acham que é infantil, que é bobo, se recusam, são muito rígidos, “como é que eu vou brincar com isso, que bobagem, isso não serve prá nada”. Na verdade, há um medo de trabalhar com imagem e perder o controle da consciência que a palavra nos dá muito este controle. Então, eu tenho alguns pacientes que têm resistência e se recusam ...

...a pessoa que... eu vejo como um mecanismo de defesa muito rígido, muito bloqueado. A pessoa está muito estruturada rigidamente, fazendo bloqueio, são pessoas que não lembram de sonhos, raramente trazem conteúdos do inconscientes, querem ficar falando, falando, falando... Se justificando, falando como elas estão certas e o mundo está errado, não é?... Querendo controlar tudo e vêm só prá mostrar para mim como elas estão certas e são vítimas. Você têm que ir com muito cuidado, são pessoas que não dá ... Eu faço o convite, mas você não pode forçar, a pessoa pode se desestruturar mesmo. É muito delicado, mas eu percebo aí... mas só a negativa é bom porque já mostra... Já é um dado.

[reações de transferência e contratransferência] Pode. Claro. Pode vir num sonho. O paciente sonha comigo, por exemplo. Ai está claro, ou sonha com a sessão, que está sendo invadido, na sessão esse é um sonho muito comum, às vezes o paciente sente que chega na sessão e tem outra pessoa que está invadindo e não está sendo atendido. Ou que o paciente projeta sobre mim, porque você está bravo, porque você está triste, porque você está cansado, porque você está alegre, não é o que o paciente... A imagem que ele projetou sobre mim é de alguém não aguentava mais. Na verdade, eu segurei um espirro. Então, essa questão de eu estar bocejando, etc que o cliente achou é uma imagem, nós trabalhamos muito em cima disso imagem de rejeição.

Com certeza. O paciente traz o visual do paciente, a imagem dele, causa um impacto sobre mim. Você tem que estar muito consciente. Eu tive um paciente, por exemplo, super perfeccionista, um decorador famoso, e toda vez que ele chegava na sessão, eu me lembrava que a ponta da cortina tinha caído um pedacinho... Toda vez que ele chegava, eu lembrava que a ponta da cortina tinha caído. É uma contratransferência. Ele criava em mim, como podia criar em muitas pessoas, um sentimento de inferioridade quanto à estética, que ele era hiper-perfeccionista, chiquérrimo... Ele gerava isso, imagens, que eu ficava absolutamente inconscien... , ele ia embora eu esquecia da cortina completamente.

Eu acho que para haver cura, tem que haver ampliação da consciência. É uma pergunta meio complexa, por que o que é ampliação da consciência? Tem que vir com as emoções, ampliar a consciência não é só conhecer mais. Você pode se conhecer mais e não ter se curado.

...prá gente que trabalha principalmente... eu tenho vários alunos que trabalham com pacientes terminais, pacientes com câncer... ou aidéticos, não é, o que que é cura?... a questão de cura, eu acho que é tão controversa, dá prá gente conversar muitas horas, não é? Sem dúvida, existe uma ampliação da consciência, mas consciência aqui junto com emoção. Emoção vai junto. Os complexos vão juntos. Ampliar a consciência não é ampliar o conhecimento intelectual. É ampliar o conhecimento sobre si mesmo, sobre a vida, sobre o que que a gente está fazendo nesse planeta, né?

A imagem é o veículo central, sem dúvida. Tem que ser ligada com a palavra, porque nós somos seres da palavra, não é?

Uma metáfora, um símbolo que dá um grande insight pra pessoa. Você muitas e muitas vezes isso acontecer. A pessoa traz uma imagem e ela vai ver que essa imagem se repete e aí ela vai falando sobre, faz a ligação das duas imagens: “Isso aconteceu comigo, isso está acontecendo comigo isso, por isso que essa imagem ficou tão forte em mim”.

Uma imagem aparentemente desvinculada do dia-a-dia dela que era super-normal, tudo certinho...Não sei se era isso que você estava falando. Fica um núcleo aquela imagem que fica perturbando, gerando angústia, ansiedade. A gente vai ...

Ele vem, faz parte do processo de individuação, porque tem uma lógica, não é por acaso... é um padrão comum a todos os pacientes no sandplay que começam com uma situação mais vegetativa, é comum as pessoas porem pedras e porem plantas e vão se desenvolvendo, depois até chegar nos heróis, nos seres humanos, até chegar mais consciente. Então é como, por exemplo, esse fluxo, essa sequência no sandplay para vários pacientes que fazem um trabalho. Há uma sequência de imagens.

Facilita o contato, facilita para o analista saber onde o paciente está dentro do processo, qual é a sequência, que momento que ele está, como que está o ego dele, há uma sequência, embora se você pegar um caderno de sonhos de um paciente... por isso eu anoto os sonhos dos meus pacientes, acho

que é impossível a gente guardar tudo, e quando eu releio a sequência de sonhos dos meus pacientes, está lá. Quer dizer, há uma evolução, há uma lógica, embora a gente vai esquecendo se não toma nota. Então, às vezes, a gente pensa que não tem sequência, porque não toma nota. Se você observar, tem. Às vezes, você vê um pequeno símbolo que está lá, escondido no sandplay, isso vai reaparecer em vários sandplays e vai evoluindo. Agora você tem que ter registro disso, senão você não vai saber. E muitos sonhos, se você for ver, eles quase que estão mostrando o caminho que a pessoa vai desenvolver. Uma sequência, olha, é que a gente não sabe. Mas os sonhos quase que mostram o que vai acontecer com a pessoa. Porque ela está fazendo esse caminho, que logicamente vai redundar naquilo. Só que como a gente pega um sonho aqui, outro lá não percebe este aviso.

Prospectivo, por isso é importantíssimo, fundamental o registro dos sonhos, o registro das imagens.

Interpretação é você traduzir, uma transdução, uso a palavra transdução, é traduzir, transduzir o que o paciente está falando numa teoria coerente que faça lógica para o terapeuta. Você tenta encaixar o que o paciente diz dentro de uma teoria e você faz uma leitura teórica daquilo que ele diz, dando uma coerência ao sentido, aquilo que ele fez. Depende. Eu uso pra eu ter uma lógica e compreender o que o paciente está dizendo e espero com isso também que ele compreenda o que está acontecendo com ele. É uma leitura do que o paciente passa, dando uma lógica, uma coerência. E é importante porque esse referencial para o paciente o situa porque dá impressão às vezes o paciente... “estou vendo um caos, estou na confusão, não entendo nada”. Então quando você faz uma interpretação, você dá uma lógica, você dá uma luz: o que está acontecendo com você, acontece, está dentro de um contexto, é normal, tem um desenvolvimento, vai passar.

É uma referência. Acho que a teoria ajuda a gente a aliviar a angústia também, do terapeuta.

Amplificação é circuambular ao redor. Circuambular um símbolo. Você vai ver esse símbolo em diferentes culturas como é que ele vai aparecer. Então você tira do contexto pessoal e coloca no contexto mais cognitivo. Eu uso rarissimamente, quase nunca para o paciente, embora pra mim é um referencial constante, porque eu acho que você pode inflar o ego do paciente e ele perde mais o contato consigo mesmo do que ele... aí o cotidiano dele fica muito banal... Perde o sentido. Ele se acha muito importante e não ajuda em nada. Então a amplificação, eu acho que tem que ser usada na terapia em doses muito homeopáticas em situações muito especiais. Muitas vezes, como eu disse, para contextualizar o paciente no processo que ele está. Mas eu uso muito mais para entender os fenômenos coletivos, quando eu vou interpretar uma situação política, cultural, fim de milênio... Então amplificação é um método muito útil, principalmente para entender os fenômenos coletivos.

[para o analista] Se localizar em frente ao paciente... E a função dele no mundo também, que está mudando tanto.

[não interpretativa] É a abordagem onde você vai pegar o símbolo, a imagem tal como ela é e brincar com ela. Deixar que as associações venham, sem tentar fazer qualquer redução a qualquer outro fenômeno, ficar com o símbolo como ele é, o que às vezes, gera uma angústia, outras vezes, gera um alívio. Angústia porque você quer logo dar uma explicação, alívio porque você não explicação e você pode usufruir do símbolo como ele é, ficar com ele consigo, com a emoção que ele trás, por si. Ponto. Sem explicar nada. É um alívio não se precisar explicar às vezes, não é?

Imaginação ativa, eu acho que é um jogo, um brincar com imagens, deixar que elas façam o caminho delas, com a mínima intervenção possível do nosso ego, da nossa consciência. É como você entrar num filme onde eu deixo as personagens falarem por si mesmas, sem eu querer dirigir nada. Eu uso rarissimamente, porque eu acho que a pessoa tem que estar muito bem. A pessoa tem que estar com o ego bem estruturado, bem forte. Eu uso, às vezes, para dar um fim de um sonho, o paciente tem um sonho, não consegue terminar o sonho, peço para ele entrar no sonho e deixar que as imagens terminem o sonho. Na imaginação ativa, a pessoa nunca pode transcender os limites humanos, não pode sair voando, não pode fazer o que o ser humano não faça. É uma forma de segurar o ego. Eu acho que a imaginação ativa ajuda muito talvez na resolução de conflitos, quando a pessoa tem um ego bem estruturado, ajuda muito a criatividade quando está bloqueada. Eu trabalho às vezes com pessoas que têm bloqueio pra escrever teses, bloqueio na profissão... Então a imaginação ativa ajuda muito a desbloquear. Então é se deixar guiar pelas imagens, assim como elas emergem.

Nós pedimos... faz parte da técnica, por exemplo, pedir para o paciente desenhar ou trazer uma imagem da sua doença. Nós trabalhamos com essa imagem, vendo o que emerge, como o paciente vê a sua doença e modificando a imagem da doença. Nós estamos acreditando nessa nossa hipótese que a gente muda o funcionamento do organismo em termos biológicos mesmo, você muda o funcionamento do sistema vegetativo, do sistema imunológico, do sistema nervoso-central e daí o sistema imunológico e com isso há uma alteração bioquímica. Então através da imagem, nós queremos chegar a uma alteração bioquímica.

2.1.5 Formulação teórica por imagem:

quando Jung fez a teoria dele, ele foi em cima do símbolo, o símbolo da imagem como... o primeiro livro dele é Símbolos de Transformação, o primeiro livro de peso, onde ele trabalha só em cima da imagem. Ele pega a Ms Miller e vai vendo... que ele nem conhecia, e vai em cima das imagens da Ms Miller ele vai vendo todo caminho psicológico da Ms Miller, pega as imagens que ela trouxe. Como eu já disse, eu acho que o Hillman vai muito... trabalhando com a imagem... é um purista da imagem. A imagem pela imagem. Mas é impossível você fazer a ponte com a consciência a não ser pela palavra. Acho que você vai ter que falar, não tem como por isso eu não sei se eu entendi muito...

Nós precisamos de teoria. Não tem como, pelo menos por enquanto. Não consigo imaginar... você tem uma sequência de imagens, mas é inevitável que você vá querer entender essa sequência de imagens. E a hora que você quer entender, você vai dar uma coerência a essas imagens, você quer ver um padrão, se existe um padrão de desenvolvimento nessas imagens. Aí você já está fazendo uma teoria, está dando uma lógica.

[Mas essa lógica pode vir através de outras imagens? Sim. ... É, mas você vai dar palavras a essas imagens. Você vai falar sobre elas. Você vai tentar explicá-las pela consciência. Então aí... você pode pegar um paciente, fazer um estudo só através das imagens. Na hora que você vai... você vai estar fazendo uma leitura já sobre isso e você vai estar usando uma teoria. Mas agora mesmo dentro da psicologia junguiana, tem três ramos: um que é o purista da imagem, o outro extremo que foram os junguianos tipo Fordham e / que já são quase kleinianos, e tem a linha do meio. Então tem uma diversidade dentro de Jung. Mas eu acho impossível você não usar um referencial teórico. Você tem que ter um modelo teórico para você conversar com os outros. Senão, você é só artista. Artista é que trabalha imagem pela imagem e não explica coisa nenhuma. Mas se a gente está fazendo ciência, é impossível você não teorizar. Você precisa de uma teoria pra poder conversar com o outro e comparar fenômenos, não é?

Sim, sem um modelo teórico, eu não consigo conceber uma psicologia como ciência.

...Então você tem que integrar as imagens num todo coerente, teórico, que você possa ensinar os outros tecnicamente.

2.1.6 Imagens do processo analítico:

...dois seres humanos, duas pessoas que se encontram e a pessoa que procura, o paciente, iria pra ter um guia, que o ajudasse a descobrir a causa de seu sofrimento, entrasse em contato consigo mesmo. Nessa confusão, no caos, na nigredo que ele se sente, na sua dor que ele traz, achar uma luz e sair da dor. Eu acho que não mudou muito. Eu continuo vendo o paciente como outro igual a mim, só que ele está sofrendo e está procurando uma ajuda no sentido de qual é a luz, qual o significado que ... qual o significado da minha vida, o que eu também não sei. Então nós vamos tentar achar uma luz, achar algumas coisas juntos. Então é o caminhar, eu vejo um convite para caminhar juntos num período, um trecho, onde a gente se encontra, é um encontro de duas almas: uma está sofrendo, a outra de preferência não. O terapeuta pelo menos não é. Tem que estar muito bem pra ele tentar entender o que está acontecendo com ele e ver uma luz aí. Cada vez mais, eu vejo os pacientes como iguais a mim. Antes, eu via como mais... quando eu comecei eu achava que a diferença era muito grande. Hoje, eu vejo cada vez mais igual. ... Mais humilde, exato. Mais humilde e procurando decifrar para o paciente o que está acontecendo com ele.

2.2 Entrevistado 2

2.2.1 Conceito de imagem:

... tudo que você vive, é a partir de uma imagem, você cria uma imagem. Se eu estou conversando com você, eu tenho uma imagem de você, eu vejo você... eu vejo você com que olhos? Com os olhos de quem já conhece bem você, de minha maneira de olhar você, que está tingido por imagens minhas de certas situações. Então, tudo, tudo, tudo é uma mistura de imagens e com isso que eu lido muito mais com a realidade... que eu não sei qual é a realidade. Objetivamente, eu não sei... que estou vivendo uma relação com você, mas isso é transformado em imagens. Eu me lembro de sonhos seus. Esses sonhos que estão na hora em que estou conversando com você. Eu não posso me desligar dessas imagens. Lhe definir, certamente eu não tenho.

Quando alguém me conta um sonho, vamos dizer, eu imediatamente tenho... faço umas imagens. Pode ser que não seja as imagens do sonho do outro, mas eu tenho essas imagens e guardo isso. Fica na memória extremamente forte, as palavras não. Isso se esquece, mas a imagem fica forte. Aquele sonho causou em mim uma imagem, isso pode permanecer trinta ou quarenta anos, inteiro. Por isso que está muito ligado à memória.

...Essa imagem é um certo tipo de metáfora. Ela está por trás do relacionamento que a gente tem.

A linguagem da psique são as imagens.

Acho que não, você sabe, os contos de fadas ou os mitos... tem sido de uma riqueza inacreditável. É como se através da imagem, consegui juntar aquela coisa de ser uma borboleta, que você merece ter muitas coisas, às vezes é um incômodo, porque parece que nada você aprofunda através da imagem. Consegui juntar e aí deu uma sensação muito gostosa de um aprofundamento, de estar acertada... As coisas não são disparatadas. No nível... Assim como um quadro meio... Esses quadros modernos que parecem um monte de coisas, mas eles formam uma realidade. Isso eu acho que o trabalho com sonhos ... É ver que tudo isso forma uma imagem geral e é uma coisa de você...foi muito rico. Não é disparate. Estou em tudo.

2.2.2 Processo de aprendizagem de trabalho com imagem:

eu já trabalhava lá com terapia com crianças. Então eu inventei meu jeito de fazer terapia com crianças, porque não tinha tido formação. Só depois que eu fui para Londres conhecer o Fordham, falei do jeito que eu trabalhava, queria ver a opinião dele e fui para Zurique. E aí me incentivaram muito com palavras... puxa, é interessante o seu jeito de trabalhar com imagens, com desenhos, com... só me incentivaram, mas isso você tem que criar.

Ela [psicologia analítica] contribuiu em primeiro lugar pelo fato que comecei a mexer com os meus sonhos, mexer com contos de fada, a desentupir meus canais próprios, porque na realidade isso não era uma coisa no qual eu me vivia muito. Quando era mais jovem, eu era / de escola de crianças problema, etc, eu contava contos de histórias, mas várias vezes me falavam assim... muito monótona, você tem dificuldade de por a sua fantasia prá fora. Então eu tinha canais entupidos. Com a terapia, com a minha própria terapia, eu trabalhava com contos, aquilo... puff! Soltou. E na idade, eu sou uma pessoa que cria imagem continuamente. Com tudo, tudo. Até imagens assim, imagens divertidas de uma, de qualquer coisa estapafúrdia. Tudo que tem assim uma imagem. E que então a psicologia analítica me ajudou.

Para mim, Marie Von Franz foi a primeira. Frequentei aulas dela sobre os contos de fada e fiquei encantada do que ela podia ver nas imagens. No decorrer do tempo, descobri que ela interpreta. Então ela coloca um sentido as vezes que me incomoda, ela coloca a idéia dela nas imagens. Então o conto é um pretexto para ela expor as idéias dela. Ela às vezes foge da imagem que o conto simplesmente traz. Hillman depois me fez abrir a idéia de que todo sonho você puder explorar mais a imagem, o sentido, que cores estão lá, que cheiro você sente, como isso te toca, os sentidos ele me colocou e isso me ajudou a abrir. Depois eu mesma comecei a trabalhar nos contos de uma maneira muito mais

fenomenológica. Simplesmente o que imagem tem. Por conjugar as imagens, eu percebi que de lá se tirava o sentido. Não precisava interpretar.

Eu fiz isso a partir dos grupos de estudo com contos de fada por que quem me encantou tanto Von Franz, eu fiz quatro meses de curso com eles, seminários, uma vez cada semana. Não era muito, então trabalhei muito. Comecei a ler contos, trabalhar com cada um, pegar cada símbolo, olhar nos dicionários de simbolismo qual é o sentido e tentar... eu dar um sentido, o que podia dentro dos meus limites. Com outras pessoas nos grupos, começou a favorecer, a interessar.

Eu acho que é uma coisa que as pessoas têm, mas às vezes não sabem que têm e não usam. Então que se podem criar situações onde isso desperta. Eu estou vendo que tem tantas coisas de sensibilização no meu corpo, sensibilização disso e daquilo. Eu acho que tudo isso é válido. Eu acho que uma parte de minha sensibilidade acordou quando eu estava grávida. Eu fiz sensibilização do corpo para me preparar fisicamente para o parto. A pessoa que não é ao meu ver nada sensível despertou minha sensibilidade. Falava: como é que você vê o céu de sua boca, como é que é o interior de seu corpo... ela deu um clique e começou a vir um monte de imagens. Então, essa pessoa despertou e não sabia que ia despertar. Às vezes, você vai a um... e escuta um concerto no topo da montanha, aquilo lá é lindo, tem um por do sol, a sua sensibilidade é acordada. Os cursos universitários não.

2.2.3 Indicações sobre a questão da imagem na formação profissional:

...eu acho que está havendo muitos cursos onde já se trabalha com contos de fada, caixa de areia, sonhos, mas o curso acadêmico tem a pretensão de fazer com que o aluno pense, que o aluno tenha conceitos fixos. Talvez seja isso a proposta da faculdade. Não sei se a proposta da faculdade é também é de abrir... se não é contraditório porque deixar a imagem falar por si, você pode divagar longe e eu não sei se essa é a função da faculdade.

... pode ser que facilitaria, ao mesmo tempo me dá um certo medo de abrir as comportas para a fantasia e aí as imagens ruem de qualquer jeito e aí entrar num esoterismo, numa coisa muito fácil, encanto, quer dizer, ficar encantado, enfeitiçado pelas imagens e não ter a capacidade de trazer a imagem para a realidade, senão... era a minha grande crítica a Sandor, que o Sandor levantava muitas imagens e não tinha capacidade de lidar quando eram imagens muito fortes. Criava às vezes crises psicóticas e as pessoas queriam ir embora completamente com as imagens e não sabia segurar.

[entrar em contato com essas imagens, como isso se dá, como você faz essa passagem? Porque a formação acadêmica entra essa coisa conceitual, teórica, então as pessoas passar essa passagem parece ser difícil...]

Às vezes, é um clique.... Vem com o sonho na primeira sessão e você de repente tem a sorte de poder trabalhar durante uma hora com a pessoa com esse sonho, que ela percebe que, ufa !, na linguagem dos sonhos, tem uma coisa que realmente me toca.

Eu acho que é a mesma coisa que estudar mitologia. De repente ele tem uma experiência e diz “ah tá, isso aqui é interessante, eu quero saber mais”. Eu acho que não é tão difícil.

Sem dúvida. Eu acho que deveria fazer parte da bagagem cultural de qualquer psicólogo de ter esse tipo de... eu acho que é mais do que entender melhor a imagem, entender a psique, porque a psique se manifesta na arte, nas religiões, nos mitos, nos contos. Como também ela se manifesta na vida cotidiana andando nas ruas de São Paulo. Basta ter uma educação cultural e também poder enxergar que ela está na vida de todo dia. Essa é a que eu acho que é grande dificuldade, porque de repente, você parece que é eclético, exatamente a sensação que você tem, cheira um pouco de tudo, você não consegue trazer isso para a tua vida e aí tem que ser um bom professor para poder... um professor que tem mais experiência prá poder trazer isso para a vida das pessoas, não?

2.2.4 A inserção da imagem na prática clínica:

Eu não uma pessoa que define, sou uma pessoa que vive.

Mexer com imagens não é brincadeira. É mexer com o mundo interior mais profundo da pessoa.

Vem com o sonho na primeira sessão e você de repente tem a sorte de poder trabalhar durante uma hora com a pessoa com esse sonho, que ela percebe que, ufa !, na linguagem dos sonhos, tem uma coisa que realmente me toca.

Eu introduzo, porque na primeira sessão já peço um sonho. E aí o que eu falo que nós temos uma percepção consciente de nossos problemas, como é que nós vamos descobrir o que tem por trás? Parece que existe uma outra metade nossa, como uma moeda, tem uma parede, do outro lado a gente não enxerga mas ele não deixa de existir, então como é que a gente pode entrar em contato com isso? O sonho eu tenho descoberto que ele traz uma mensagem, só que a linguagem é complicada. Eu não entendo ainda, então é preciso aprender. Na primeira sessão já vou ver, o que que diz o sonho? Para não ficarmos só apenas com o que você sabe já, o que você quer me transmitir. Não conheço as vezes... não sei se a pessoa é casada, se tem filhos, se tem pai e mãe, não sei, mas eu tenho um sonho. De repente eu me interesso realmente pela alma da pessoa, não me interesso tanto pelas circunstâncias exteriores. E é a melhor introdução. Eu acho que a pessoa percebe que o que interessa é ela, a vivência dela, não são os fatos, eu vou pouco a pouco perguntando. Mas eu falo. Eu falo para as pessoas, não estranhe, eu não vou perguntar, eu não anoto nada. Então é meu jeito.

Pessoas que não sonham, pessoas que prestam muito pouca atenção às fantasias, para os que dizem que não têm nem sonhos nem fantasias. Demora muito mais tempo para eles entrar em contato, mas não é tanto tempo, na realidade depois de um certo tempo: “você nunca teve um pesadelo, lá no passado?” E começa sair uma coisa, lembrança, parece que aí desencadeia. A semana que vem já tem uma série de lembranças de sonhos já sonhados na semana.

Não. Se durante uma terapia, tem uma fase que não sonha, então... bom.

...Mas não para facilitar o sonho. Desenho eu uso em fase em que a pessoa parece que não consegue achar uma saída. Quando pinta, parece que no trabalho de pintar, a saída vai surgindo.

[propõe]..., até com uma certa insistência, porque quando uma pessoa por exemplo está muito deprimida, ela não tem vontade de fazer nada. Você tem que ser incisiva. Você tem que trabalhar consigo mesmo. Eu proponho isso. Às vezes, a pessoa prefere escrever. É quase uma tarefa.

Eu realmente trabalhei muito pouco com o conceito de transferência e contra-transferência. Eu não sei se é justamente não é por isso que é mais fácil de acabar uma terapia porque não acho que isso é o caso principal. Eu sei que há ... de ambas as partes. Ficando nisso, não sei se ... Para mim, é uma coisa como, justaposta a uma teoria, justaposta, agora pode acontecer uma pessoa... acontece sempre, ter sonhos sobre o que se passa aqui, e às vezes acontece eu ter um sonho com uma pessoa, eu conto.

Eu conto. Porque eu acho que tem haver uma honestidade, uma troca. Então o terapeuta vê qual é a reação da outra pessoa, não?

...posso dizer que quando uma pessoa começa a sentir, a ter sonhos com imagens mais arquetípicas, tenho uma sensação boa de como ela está se ampliando, que ela não está só voltada para uma problemática pessoal. Eu digo, puxa realmente há um desabrochar, há uma capacidade de estar atenta a muito mais coisas que seus problemas cotidianos. Isso me dá uma impressão de um desenvolvimento e que aí uma vez que a pessoa está um pouco mais habituada a isso, é só continuar a vida mesmo que pare a terapia.

Tenho visto em jovens. Eu vou dizer jovens que tiveram um problemática muito severa. Esses, eu tenho visto que de repente eles... eu tenho a impressão de um amadurecimento muito grande, pode ser que cedo, não sei, jovens que tiveram perto da morte...assim... rapidamente entrar em contato com um mundo arquetípico, uma coisa mais árdua, porque passaram por isso.

Sim uma resposta do inconsciente, pode ser, mas é que se uma pessoa passou por uma situação que está entre a vida e a morte, em coma, e intimamente diz não, eu quero viver, inconsciente, uma decisão parece do inconsciente, essa pessoa depois se questiona “mas qual é o sentido disso”, a problemática da vida cotidiana é absolutamente secundária na vida dessa pessoa, agora ela quer a

vida com muito sentido. Eu não sei se é a resposta do inconsciente então rapidamente entrar em contato com experiências mais profundas, o que não quer dizer que depois ele não volte a uma coisa mais pessoal, complexos pessoais, mas em um tempo imediatamente depois estão muito em contato com... qual o sentido da vida, sentido da morte, o sentido... o que existe além disso, questionamento que muitos jovens... eles fazem, mas não é assim profundo.

Ajuda no sentido que se houvesse pego alguma problemática, costuma parecer primeiro como um bicho extremamente primitivo e depois você vai ver que ele vai se tornando mais um mamífero, mais próximo do ser humano, depois vira uma figura humana e até às vezes vira uma figura sábia dentro de você e aí você parece que...um dinamismo, uma parte do ser humano onde realmente vai amadurecendo. Através das imagens, dá para perceber.

Primeiro lugar, eu acho que qualquer ser humano interpreta. É muito difícil de você sair disso, porque faz parte de você no fundo se sentir mais segura, se você pode dar um nome aos bichos, às coisas, dizer o que que eles significam, isso te acalma.

É como você ir ao médico e ele lhe dá um diagnóstico, diz isso e isso você tem, os sintomas querem dizer isso, isso, isso. Então por isso você fica mais calma. Então interpretação é uma maneira de você dar um significado ao comportamento, às imagens, às fantasias suas e da pessoa, mas inevitavelmente você coloca uma coisa subjetiva sua, você interpreta, isso fecha, você dá uma interpretação de um sonho, de uma realidade, você diz: “Bom, é isso que significa”, você fecha, você não dá possibilidade facilmente de outras maneiras de ver o mesmo assunto. Então eu tenho uma resistência à interpretar, porque eu acho que... bom, por exemplo, no consultório o cliente sai, já sei o que quer dizer, o que eu tenho e ele fica preguiçoso, dizendo que está tudo resolvido. E eu prefiro que ele saia perturbado e que ele saia... “bom, eu não sei o que quer dizer tudo isso”, mas que saia com um monte de imagens e que continue e que ele continue se questionando sobre ele mesmo, que ele está percebendo que ele está vivendo. Mobilizá-lo. Interpretação para mim é crítico de arte, crítico de música que finalmente faz com que você passe ao lado da experiência de ser emocionalmente mexido.

Amplificação, eu entendo é que..., Então você pode um pouco divagar sobre a imagem a partir de conhecimentos que você tem de história da religião, mitologia, de contos de fadas, enfim, tudo que você tem como lembrança. A pessoa também que quais são as lembranças que ela tem. Então a imagem não fica só a pequena imagem do sonho, mas está ligada a imagens que o ser humano teria a respeito do peixe. E eu espero também que seja um feito de que a pessoa continuar ela mesma ampliando. Não necessariamente com a sua cultura mitológica, histórica, mas inclusive com as vivências que teve na vida. Cada vez mais hoje eu prefiro ficar nesse nível de... o que que ela sentiu?, o que que ela experienciou? O que que a imagem que ela teve...como é que isso mexeu com ela? Então cada vez mais, eu acho que ampliar dentro da... [Esfera pessoal].

... E eu estava interessada onde é que, qual era experiência dela. Mas tudo bem, eu acho que tudo para a gente é interessante, mas não importa... mas não é necessário que você encontre nas amplificações nos dicionários o sentido de que a imagem quis dizer, não?

... entrar mais em contato com a realidade da pessoa, como é que a pessoa realmente... o inconsciente dela produziu uma certa imagem, de chegar mais a estória da pessoa, das experiências porque muitas pessoas não tem lembranças de como eles mesmos construíram sua estória, com sua... qual educação, mas também a sua visão própria, cada um tem uma maneira própria de ver, acho que isso é que é interessante de entrar em contato. Então tem de buscar... como é que faz vibrar você, que cheiro você sente com essa imagem, que cores... Agora tem algumas pessoas que divagam tanto nas imagens que você aí precisa ser interpretativo. Você precisa de dar um chão, de estar na estrutura.

É. Eu tenho algumas pessoas que aí gostam de voar e aí eu preciso trazer para a terra.

Eu uso pouco imaginação ativa... desde que eu enxergue que dentro da pessoa existe uma dicotomia, existe como um lado que puxa, vamos dizer, que gosta de ter dinheiro e um lado que está mais para o pobre, que desvaloriza, e eu aí eu tento de começar um diálogo entre as duas. Às vezes, eu sou um dos lados, e a outra pessoa é o outro, a gente deixa um pouco a fantasia correr. Às vezes, eu falo para as pessoas tentarem um diálogo, escrever uma estória.

É para no fundo um lado poder aceitar o ponto de vista do outro. E quando a pessoa escreve, não sei, porque a dinâmica é dela, porque dentro dela, os dois lados tem uma resposta. Vivemos continuamente em tensão, não? Então a imaginação ativa ajuda muito a você dizer: “Bom, mas vou ter que criar um diálogo dentro de mim”, que é um tipo de imaginação ativa. Uma vez ou outra, eu digo, a pessoa me diz “estou assim, assim..não entendo nada...você pode me dar uma imagem disso?” E a partir dessa imagem a pessoa diz “como sair disso, como é que seria isso?” Há uma coisa muito tênue entre imaginação ativa e uma imaginação mais passiva.

Na realidade, cada pessoa que entra eu sempre fico admirada de como eu posso mudar de uma hora para outra. Certamente que a pessoa que vem traz uma imagem. Agora se eu sinto que uma pessoa que é extremamente cerebral mas eu vejo uma imagem dessa pessoa cheia de sentimentos, o meu discurso se torna assim muito afetivo, sentimento, como para ajudar a outra pessoa a ter uma maneira de ser não tão cerebral, tão mental de abordar as coisas para facilitar, eu dizia, olha é possível um outro tipo de discurso. O meu discurso muda da imagem que eu tenho da pessoa.

... têm algumas pessoas que... o seu discurso delas, a preocupação delas... e me pedem para entrar numa visão mais religiosa da vida delas. Parece que a coisa transcorre, quer dizer, às vezes num confessional, às vezes dentro de uma igreja, às vezes na natureza numa dimensão maior. Essa imagem é um certo tipo de metáfora. Ela está por trás do relacionamento que a gente tem. Isso pode, mas geralmente não me atrapalha muito, mas poderia atrapalhar, se você não puder em outras horas estar no prostíbulo, não?

...Fazer sentir que não é uma coisa abstrata, que o ser humano deseja, deseja meio ter uma proximidade com o outro. Isso não se faz com palavras.

2.2.5 Formulação teórica por imagens:

A gente pode esperar que sim, porque a psicologia é o trato da psique. A linguagem da psique são as imagens. Então a gente poderia esperar que um dia se chegasse a usar a linguagem das imagens como ciência, mas estamos longe. Na realidade, estamos falando como pessoas de ciências, usando uma linguagem de fora que não é uma linguagem da psique. Por isso que eu acho que tem tantas teorias diferentes, por isso que eu acho que tem tantas coisas no fundo chutadas em todos os sentidos, vamos usar os testes, vamos fazer dinâmicas de grupo, fazer psicodrama e a gente vai tentando, engatinhando, mas parece que não se chega realmente a psique. Teoria, por exemplo, a teoria da psique, Jung tentou, Jung tentou, né? Se você vai a certos livros, ele vai e vai e tenta e ...Ele tem atrás um medo dos homens da ciência do seu tempo, de ele não ser um homem de Ciência e o tempo todo ele tem que dizer, mas eu tô , sou científico, que você até cansa, não?

...E no final da vida, ele se permitiu um pouco mais, não? Eu acho que Hillman se permite mas às vezes quando ele é muito cerebral, às vezes, ele tem um lado assim que irrita, querer contestar o tempo todo, quando ele está solto, ele realmente parece que entra e te pega. Será que se pode fazer uma teoria, não sei... um método, teoria tem que ter conceitos têm que ter uma linha lógica. A lógica do inconsciente, da psique, não, não é lógica racional. Eu acho que tem lógica, não é a lógica racional.

[Teria que ter um outro paradigma] Tem que ter.

2.2.6 Imagens do processo analítico:

Eu diria na maioria das vezes a minha imagem de um encontro de duas pessoas sentadas na grama, olhando para as coisas que tem em volta e a gente falando um para o outro. É isso, não é uma coisa de eu me sentir acima do outro, não é nada disso. É muito um encontro. É muito nesse sentido... à vontade, sentados na grama.

[No chão]....É. Sem ameaça de nada.

2.3 Entrevistado 3:

2.3.1 Conceito de imagem:

É tudo. Em tudo há imagem.

Tenho a mesma visão de Jung sobre a realidade simbólica

Relação é a palavra chave. As imagens favorecem a relação, pois através delas posso me relacionar comigo e com o mundo.

As imagens estão em tudo, em um concerto, em uma descrição ou teoria. Sempre há uma imagem. Os teóricos da comunicação dizem que o verbo vem por último, primeiro sempre surge uma imagem. Assim quando falamos, falamos a partir de imagens. Todos temos um mito a partir do qual nos relacionamos com o mundo. A linguagem poética ou metafórica favorece a imaginação, portanto está mais próxima da alma.

2.3.2 Processo de aprendizagem do trabalho com imagens:

Os autores que mais contribuíram para esta questão foram Hillman, Henri Corbin, Thomas Moore

Na minha análise pessoal. No contato com as imagens do meu inconsciente. Deixando as minhas imagens falar. Para se aprender a fazer pão é preciso por a mão na massa.

2.3.3 Indicações sobre a questão da imagem na formação do profissional

Na faculdade não é o momento de se aprender a entrar no mundo das imagens. Lá é o momento do ego, dos conceitos. O contexto acadêmico é momento de formação da persona e do ego. É a mesma situação entre uma faculdade de teologia e um monastério. São duas possibilidades de aprendizado, uma prioriza o teórico a outra a experiência. Talvez pudesse se pensar uma faculdade que priorizasse a experiência imediata com o psíquico, onde se buscasse educar a sensibilidade através da prática com orientação de um mestre.

2.3.4 A inserção da imagem na prática clínica:

Favoreço ou crio espaço para a imagem. É a maneira como você vê o mundo que pode despertar no outro uma nova possibilidade. Se vejo o mundo através de imagens, ou a partir delas posso levar o outro a despertar suas próprias imagens. A filha do Jung sugeria que é bom se ter sempre uma imagem inicial que no caso dela vinha através da carta astrológica. Começar do nada é sempre muito difícil para o analista. É preciso fazer a imagem reverberar no outro e na relação analítica.

Há pessoas que não têm vida interior. Vivem tudo no externo, no concreto, com estas é mais difícil. Há outras que vivem dentro das imagens, vivem a partir de uma perspectiva interior. Neste caso é mais fácil.

Não utilizo recursos que facilitem a expressão de imagens. O recurso é a relação.

Não trabalho com a transferência e contratransferência e sim com a relação. Em toda relação há uma imagem que permeia o relacionamento

O conceito de cura é para médicos, eu não sou médico. A ampliação da consciência não significa maior equilíbrio psíquico ou resolução dos problemas e conflitos. Há pessoas com um enorme campo de consciência, mas que não se relacionam consigo mesmas e com os outros. Neste sentido a terapia deve promover relacionamento.

As imagens favorecem a relação com este processo [individuação].

Observar as imagens é uma tipo de meditação. É estar diante de algo e se deixar levar pelo seu movimento e desenvolvimento.

Interpretação é ficção científica. É colocar algo que não está na imagem, que não lhe pertence. É falar sobre.

Amplificar é circular em volta da imagem. Penso mais em “entrar” na imagem, torná-la o mais real possível, viva. A amplificação arquetípica as vezes ajuda mas o mais importante é estar na imagem.

É poder vivenciar, experienciar a imagem. Não falar sobre. É claro que sempre interpretamos num certo sentido, na medida que atribuímos valores e sentido às imagens. Não interpretar seria priorizar a vivência das imagens.

Imaginação ativa é o que o próprio termo diz, deixar a imagem falar, se manifestar, se deslocar, deixar seguir o seu fluxo. São poucas pessoas que conseguem ou podem realmente entrar na imaginação ativa. É preciso uma certa pré-disposição. Jung dizia que somente 5% das pessoas conseguiam.

2.3.5 Formulação teórica por imagens:

Os conceitos e teorias são necessários como referência, não como veículo de aproximação com o psíquico. Falar através de imagens sem dúvida atinge mais o psíquico, é mais próximo de sua natureza. O problema é que sempre acabamos fechando em conceitos, a idéia é deixar aberto.

2.3.6 Imagens do processo analítico:

Sem dados

2.4 Entrevistado 4

2.4.1 Conceito de imagem;

Para mim, imagem é relação homem-meio. Não tem outra coisa.

[é permeada pela imagem?].... Pela imagem. Imagem é isso.

...É um delírio que você faz, de olho aberto e com consciência...

Tanto que a palavra imagem é pouco usada. Se fala em produto artístico, eu acho que não. Eu, na minha opinião, desenvolvo a parte da imagem, porque é como eu lhe falei, é onde você capta a relação. Você não fica nem no sujeito e nem no objeto. E nós psicólogos temos a relação para trabalhar, se não for isso, não é o nosso campo.

é a imagem cósmica. Antes o psicólogo tinha medo do que tinha fora, ficava só no psíquico. Hoje se o psicólogo não captar o mundo externo mesmo e colocá-lo nos materiais, na música, quer dizer, se não fizer ciência disso, ele vai ficar por fora. Steiner lançou a questão da cosmogonia. Se o psicólogo não aproveitar isso, ele vai dançar no ano 2000, porque o ano 2000 é a integração da materialidade na clínica. E aí surgem imagens cosmogônicas que não necessariamente são criações, mas são per si. E isso é o grande boom agora que a gente tem que voltar para a física, para a mecânica quântica, não dá mais...

O uso da imagem como um remédio, ou alopático ou homeopático, mas ele funciona. Ou na expressão do mundo interno, ou na captação de imagens que vão equilibrar.

O discurso sempre é uma imagem. O discurso é uma imagem verbal. Você ouve, a imagem sonora já é uma imagem.

O discurso associativo é o que permite a formação de imagens.

2.4.2 Processo de aprendizagem do trabalho com imagens:

Bom, essa minha visão de imagem não veio da psicologia analítica. Essa visão de imagem veio de anos e anos e anos e anos de estudo de fenomenologia. Eu estudei profundamente o método fenomenológico. Começando desde o estruturalismo, depois para a fenomenologia, depois fenomenologia existencial e surgir dessa depuração. Agora, a psicologia analítica me permitiu trabalhar com a noção de arquétipo. E esse é o grande presente das minhas pesquisas. Eu trabalho há 13 anos pesquisando ecologia, arte, mitos, lendas, contos de fadas em arte terapia, usando a noção de arquétipo. Então o grande presente da psicologia analítica foi a noção de arquétipo. Sem dúvida.

Eu tinha uma noção de Melanie Klein. Eu tinha uma noção da Anna Freud, das defesas e tudo, mas esse tipo de trabalho era difícil para mim. E aí com a noção do Fordhan e com a noção da escola inglesa, eu me senti mais a vontade para trabalhar. Então eu trabalhei com criança carente, com criança deficiente mental, deficiente física, criança psicótica e sempre Fordham com a questão do sonho do sonho na infância, com o conceito de deintegração, tudo isso foi me deixando um caminho um pouco mais fácil. Aí isto com a arte, com o desenvolvimento da arte na criança, foi possível criar um paradigma novo de trabalho.

Eu sou bailarina. Eu comecei com arte desde os 8 anos. E eu, prá eu resolver as minhas questões pessoais, eu entrava no quarto, desenhava, pintava, dançava e fazia esse tipo de coisa. Então quando eu entrei na faculdade, eu queria ir embora, queria embora, quer dizer, ver rato, ver aquelas coisas, eu dizia: “Isso prá mim é uma morte”. O que me fez ficar na faculdade foram os testes psicológicos, e um instrumento belíssimo o Roschart, é a imagem, e a noção de engrama do Rochart que é como entra toda a parte da neurologia, da fisiologia, na constituição da imagem... Então essa foi a contribuição da academia.

...Só que academia sozinha não resolvia. Eu tinha que fazer Sociedade Roschart. Eu tive que fazer um dispêndio grande de energia. E a parte da arte não tinha na faculdade. A gente não falava em arte. Então eu tinha um trabalho de arte educadora, de criatividade. Eu fiz o curso de arte educação fora da faculdade. E lutava muito, eu tinha mestres fora que iam me ensinando que era imagem. Eu aprendi imagem plástica, sonora, kinestésica, etc, com professores de imagem de arte. Então o Roschart novamente através da sociedade, mais essa questão das obras artísticas e o estudo da imagem na arte. Mas a questão do Jung com o imaginário, imagem e tudo isso, essa trilogia é que meu base, mas saindo desse circuito, eu não tinha com quem falar de imagem. Não tinha na universidade outras fontes, outro espaço. Então o que eu fiz: fui estudar antroposofia prá aprender as imagens cosmogônicas. Então estudei, estudei, estudei cor, forma, movimento, som dentro de um enquadre mesmo físico, psicofísico, isso me ajudou muito. De volta à vida acadêmica, eu vi que o meu know-how não cabia. Então o que eu fiz na academia, respondendo a tua pergunta: eu aprofundi Jung e a fenomenologia, porque não tinha outro jeito de você, dentro dos nossos mestres, desenvolver.

...eu tinha medo. Eu dizia: “Gente, eu não vou passar nesse negócio”. E como eu sou artista, eu sou bordadeira, recebi vários prêmios no exterior, exposições aqui, o doutor Sandor dizia: “Continue o teu trabalho”. Eu dizia: “O que que o bordado tem a ver com esse monte de coisas?” E aí houve as revelações, porque através do trabalho artístico pessoal, eu elaborei as minhas imagens pessoais. Então eu falava de boca cheia, porque eu sabia que era ter uma imagem, de vivência própria expressar através da arte e ver um produto que eu não sei se é arte.

A minha contribuição foi juntar a psicologia clássica prá todas essas preferências: junguianas, neo-freudianas, lacanianas, com a imagem verbal. Eu estudei muito Lacan com a análise de sonhos, a questão da imagem verbal, metáfora, metonímia, tudo isso, eu fui vendo como é que ele trabalhava essas imagens e criar um espaço, um espaço na psicologia, no qual a arte era, poderia ser encaixada

também dentro do conhecimento científico prá que os alunos, prá que a universidade pudesse ter ciência, uma ciência do desenho, uma ciência da pintura, uma ciência da modelagem, uma ciência da dança, uma ciência das construções.

Quem contribuiu: a Gestalt, Roger, todos os... o Medar Boss, todos os teóricos, Jenny Ryan, que é uma arte terapeuta americana gestáltica, toda esse pessoal preocupado em chegar a uma cientificação do uso das imagens. Quais? Corporais, kinestésicas, táteis, olfativas, enfim, plásticas. Tinha que ser formar uma resenha teórica. Que jeito? Observando. Observando e constatando. Observando e constatando.

Então, essa interseção é onde então eu teorizei o que acontece em cada uma das linguagens. E essa é a contribuição de um novo campo que é a arte no contexto terapêutico tanto no diagnóstico quanto na psicoterapia.

2.4.3 Indicações sobre a questão da imagem na formação profissional:

eu levo para a academia os meus cursos onde a imagem é um tema, é um assunto, faz parte do programa. Dentro do meu programa, existem imagem, símbolo, sonhos, mitos, lendas e contos de fadas que é um programa já que o MEC autorizou e já faz parte do currículo da formação do arte terapeuta. Então é um trabalho... no começo, quase que insano, de luta mesmo para a penetração desse conteúdo e eu ensino isso, fazendo eles terem a prática das imagens. Por exemplo: pintura e modelagem, som, dança são as diferentes imagens.

... os alunos hoje não têm nada do que a gente tinha. Eles recebem isso com a maior simplicidade. Entendeu? Nós é que passamos por problemas para romper, entendeu? Hoje, eles assistem aulas e vão embora, tal, “ah, que legal, que legal!”

Agora a última coisa que eu queria lhe contar em nível de imagem, é um processo que nós terapeutas passamos e que a universidade não cobre. Vários terapeutas têm imagem extra-sensorial, percepção extra-sensorial. Eu comecei a ter a partir dos 34 anos e fiquei com muito medo. O doutor Sandor era vivo. Eu fui lá e pedi pelo amor de Deus prá me ensinar o que que eu fazia com as minhas percepções extra-sensoriais. Então o que eu acho? Eu acho que a nossa universidade, que a vida acadêmica precisa também abrir esse espaço para o estudo da comunicação extra-sensorial, porque as imagens acontecem, as percepções acontecem, a gente tem captações de outras ondas que antes não se tinha, não se observava e nós ainda não temos na psicologia clínica uma metodologia ou mesmo conselhos ou mesmo orientações de como nós podemos lidar com isso. E eu acho que isso é possível, Jung falava. Mas o método prá gente entrar com essas percepções nas sessões, eu acho que exige mais estudo.

Da arte-terapia. Eu acho que um treino bárbaro pro psicólogo prá ele que fez psicologia clássica prá entrar em contato com o mundo das imagens de uma forma bem estruturada.

A segunda coisa que eu acho que um psicólogo pode chegar a captar o mundo das imagens é lendo Nise da Silveira que pesquisou a imagem plástica de uma forma belíssima. Eu acho que é um caminho aberto. O terceiro movimento eu acho que é através dos testes: do HTT, do testes da árvore, dos testes que incluem a avaliação da imagem visual de forma instrumental, objetiva. Então, o psicólogo ao estudar os testes gráficos e estudar o instrumento sonoro, a musicoterapia, os testes musicais. E ao entrar na questão da testificação, ele objetiva a imagem. Então nós psicólogos temos nos testes, na psicometria, um instrumental poderoso para se lidar com imagem. ... nós temos todos esses testes que permitem transformar o imagético em objetivação, quer dizer, aí um presente da psicometria.

...a análise de sonhos, análise dos mitos, das lendas, dos contos é uma fonte de estudo das imagens, voltando então com a contribuição dos junguianos e dos teóricos, do Edinger, todas as pessoas que trabalharam com imagem no contexto do imaginário pessoal e coletivo. É uma outra fonte. Agora, a minha fonte pessoal que é o que eu tenho prá oferecer prá um leitor ou prá um estudante é a arte. Então é a integração da imagem em si, dentro do contexto artístico.

2.4.4 A inserção da imagem na prática clínica:

...você tem que ser um psicólogo imaginativo prá lidar com imagem, senão você não consegue.

Não é todo mundo. Isso tem um ponto negativo, porque o psicólogo imaginativo, ele tem dificuldade de lidar com as coisas práticas. Enquanto um teórico da comportamental ou da psicanálise até, já tem tudo pronto. Mas nós os imagéticos, nós deixamos a fluência da imagem acontecer. Então, se você não tiver isso, é muito difícil você trabalhar com imagem. Bom, isso em primeiro lugar. Você tem que ter uma indução, um campo mental aberto que lhe dá a insegurança e a instabilidade do processo associativo imagético. É um delírio que você faz, de olho aberto e com consciência. Está aí o teste das palavras, toda a associação livre que o Jung propõe. É uma ferramenta inicial importante. Bom, isso é uma coisa. Depois o desiderativo e outras técnicas que deixam a fluência da imagem. Isso é fundamental. O psicólogo que não for criativo, tem dificuldades, porque fluência faz parte do processo da criação. Então você tem que ter um canal aberto para isso. E isso é muito próximo à loucura. O que que é a loucura? Loucura é quando você não controla mais o teu pensamento e as imagens tomam conta. Então tem que ser um psicólogo que saiba lidar com o limite da saúde e da loucura no mundo imagético... Você tem que ter, tem que ter esse tecido interno. Essa tecitura.

Já está tão automatizado que eu nem lembro mais como é que eu trabalho com imagem, porque no consultório a gente tem, como foi o cotidiano que é a primeira questão que a gente faz com o paciente: “Como foi a tua semana?” . Então o que é que vem: vêm as imagens do cotidiano. Estou acompanhando o desenvolvimento de uma sessão. Às vezes, é necessário um diagnóstico não só que fala mais de testes. Não você aplica as provas e vai ter as imagens de um Roschart ou de um HTP, enfim, são imagens gráficas ou mesmo projetivas, projetadas, um outro tipo de imagem. Bom, depois dos trabalhos dos testes e da avaliação do cotidiano, vamos chegar ao tema da semana: o que que hoje é mais importante. Na arte terapia, você tem uma mesa de trabalho onde você tem todos os instrumentos: você tem o lápis, a tinta, a borracha, o barro, a música, a sucata...

Então o paciente pega, se for o caso, ele pode começar então o que? Então aí entra o que lhe interessa: a expressão do mundo interno ou do sonho ou de uma fantasia ou de um desejo através de uma expressão plástica. Vou desenhar, vou modelar, vou cantar, vou dançar, vou fazer qualquer coisa de uma imagem interna. Ou não, ou ele está necessitando de uma outra colocação: ele necessita se abastecer de imagens. Então a gente apresenta uma imagem, a gente apresenta um mito, uma lenda, um conto, que é uma sucessão de imagens arquetípicas ou um livro de história da arte. Ele olha uma imagem que um artista fez e se reabastece das qualidades formais dessa imagem que dentro da arte terapia é como um medicamento, entendeu?

...pessoas imagéticas. Quer dizer, você... eu tenho uma paciente atual, ela é bem centrada. Ela teve síndrome do pânico. Então uma pessoa muito controlada. Prá ela desenhar, pintar, modelar foi muito difícil. E a gente respeita, a gente fica no nível verbal. Quando ela conseguiu um resgate orgânico é que ela devagarinho conseguiu uma expressão.

[utiliza algum tipo de recurso que estimule?] Não... Nunca. Sabe por que? Por que a fluência imagética é parte de cada um de nós. E terapia não é para fazer isso. Isso a gente faz em aula de arte para tornar alguém mais criativo, alguém mais fluente. A terapia deve sempre receber o paciente como ele está dentro do estilo dele, dentro do tipo dele e equilibrá-lo. Mas não fazer desenvolvimento pelo desenvolvimento, porque é um crime. Então se é uma pessoa muito sisuda, muito ligada ao real, que não tem... muito racional, a gente pode desenvolver a fantasia dentro do trabalho. Agora, não fazer como uma aula de arte e usar técnicas de criatividade, de elaboração de fluência, etc, porque se você faz isso, você pode romper o equilíbrio e uma defesa protetora. Então é melhor ela não fazer terapia, é melhor ela fazer um grupo de criatividade ou de expansão de consciência ou de dramatização, entendeu? A terapia lida com o sujeito como um indivíduo. Então a gente tem que respeitar a tipologia. E se o terapeuta fizer gracinha, quiser cutucar onde não deve, o paciente se estiver saudável ele resiste...

Claro. Aqui na arte terapia, a gente não lida muito com transferência e contra- transferência, porque a atividade absorve. Então Jung dizia: “trata-se apesar da transferência”. Na arte terapia, como o paciente é muito independente, ele constrói, ele faz as suas próprias imagens, ele muda, ele risca e ele acontece, o analista é um partejador, ele fica mais de lado. Depende da posição do analista prá que a

transferência não transborde, entendeu? Então o que que o cara tem que fazer, o analista? Ele situa, ele fixa o trabalho nas imagens produzidas. Se dentro dessas imagens, houver uma relacionada à relação, ele brinca, ele pode se colocar, mas ele nunca cutuca para que isso aconteça. Então a relação transferencial, contra-transferencial ocorre no trabalho artístico. Às vezes, eu, Jóia, brinco. Eu faço um jogo que eu aprendi só com mais idade. Então é uma coisa assim que é até difícil. Como eu me coloco na citação? Às vezes, eu ficava muito chata, vendo o cara falar e lá eu rá, rá, sei, sei, sei. Então eu hoje conto vivências pessoais na terapia. E quando eu conto vivências pessoais, eu sempre me pergunto se eu estou fazendo um acting-out, se eu não estou em alguma atuação. Mas eu sempre uso uma vivência pessoal pra trazer o outro pra relação, porque às vezes o outro está tão embotado no problema dele que ele não percebe que nós estamos no mundo dos vivos.

Quando eu também coloco uma lenda ou um mito, eu faço a mesma pergunta: “Que direito eu tenho de colocar o imaginário coletivo na sala de sessões de uma pessoa que chegou pura aqui? Por que que eu vou contar os doze trabalhos de Hércules?” Sei lá. Por que Jung fez? Então cada vez mais, Paulo, eu sou muito purista na sessão. Eu não deixo que as minhas imagens invadam o contexto. Eu deixo as imagens dos pacientes fluírem bem respeitosamente, porque eu já sei que se permitir penetrar, cria confusão. Não tenho contado muitas histórias ultimamente, só mostro o livro de arte com as imagens quando o paciente sozinho não se resolve. A história da arte entra como uma muleta.

Eu posso pegar qualquer cara e ampliar a consciência dele, ele se torna hiper-consciente. Não tem nada a ver com cura. Nada, nada, nada, nada. Eu trabalhei nos anos 75 a 78 com expansão de consciência. Gestalt, corpo, Gaiarça ... Isso não tem a ver com a cura, isso é um método ou um conjunto de técnicas que levam a um maior conhecimento de si mesmo. Agora, a cura, a cura é a integração de múltiplos fenômenos que fazem o sujeito resgatar o equilíbrio. Então ampliação de consciência é um método. Da ampliação de consciência com a constituição de um fluxo de imagens, nós podemos ter um pouco mais a noção de si mesmo, de auto-percepção, um monte de coisas, mas isso é uma estratégia. Isso é um método, uma técnica. A cura é muito mais.

...a cura é polivalente: o que você come, como você dorme, o que você fala, os ambientes que você frequenta, como você atua, a tua integração endopsíquica, a tua integração ectopsíquica, quer dizer, cura é muito mais. Agora, os insights podem ocorrer através da ampliação de consciência.

Depende. Se eu olho as imagens como um filme, besteira, mas se eu tenho com o meu paciente querido uma noção do que é o ser humano, do que é o processo de individuação e se eu explico a ele: “Você está tendo essa imagem, porque a tua fase de vida é essa e isto tem a ver com este processo”, eu clarifico o paciente, eu torno o paciente menos dependente e ele mesmo pode se auto-analisar...Se auto-conhecer. Agora, a mera observação das imagens cria um perigo. Em vez de você assistir a televisão ou o video-game, você vira o olho pra dentro e fica num telão interno.

Cuidado. Cuidado, porque você pode estar indo numa pré-psicose. Você pode fomentar uma alienação. Então, a observação das imagens internas pode ajudar o processo de individuação se o analista, o terapeuta estiver claramente em si os passos do processo de individuação, de desenvolvimento humano e tomar para si a tarefa de clarificar isso para o cliente, senão cuidado.

Interpretação é pegar a realidade com óculos de um teórico. Isso é interpretar.

E: Você faz interpretação no teu trabalho?

P: Não.

É você pegar um signo, um símbolo, um sinal e trazê-lo a consciência. Isso é amplificação.

E: E você utiliza isso no teu trabalho?

P: Muito.

É aquela que tem as teorias... Então Jung, Freud, Gestalt, o Rogers, o holismo, etc, têm as teorias como mapas. Então eu entro na sessão, já aprendi. Eu tenho tantos anos de estudo. Uma abordagem não-interpretativa deixa que os mapas fiquem na cabeça e deixam o fenômeno aparecer. Em nenhum momento, o teórico não-interpretativo justifica a realidade como um mapa. Em todo momento, o teórico interpretativo tenta compreender o que acontece. Depois, para consumo interno, ele pode dizer: “Ah, isso aqui é o Totem do Freud”. Ou: “Isso aqui é o processo de deintegração do Fordham”.

Ou: “Isso aqui é uma amplificação de consciência”. Mas em nenhum momento, ele devolve ao paciente através de fala, etc, o que ele aprendeu na escola. Eu acho que esse é o grande analista.

O que a gente tem que fazer, é ser preciso, para que o receptor capte as imagens com objetividade. Então você pode brincar na sessão, você pode ser carinhoso, você pode ter o teu estilo, mas medir palavras é nossa obrigação.

O discurso associativo é o que permite a formação de imagens. Agora, na psicose não. Na psicose, a gente tem que tomar cuidado porque às vezes o psicótico nem condição de associar tem. Então a gente tem que ir muito devagarinho. Agora, numa neurose, nos casos do dia-a-dia, você permitir a livre-associação é que permite a fluência imagética maior.

2.4.5 Formulação teórica por imagens:

Eu acho que já existe. Eu acho que já existe. A gente que trabalha com imagem, do jeito que a gente trabalha, já constituiu uma teoria.

Eu acho que a gente tem que tomar cuidado, Paulo. Hoje em dia, todo mundo quer Ter uma teoria. Tem a teoria das multi-inteligências, a teoria de não-sei-o-quê, a teoria ..., né? Eu acho que tudo isso é interessante. O que eu vejo, é que a gente tem que limpar a psicologia. Tem que depurar, como Lacan fez com a psicanálise, a gente tem dar uma limpezinha, jogar fora o que não serve. O outro milênio já está aí, a gente já está num outro nível. Então, o que que eu vejo: eu vejo que melhor trabalhar com imagem do ponto de vista da utilidade que ela tem no tratamento. Funcional, entendeu?

[utilizar imagens para descrever o psíquico] Isso já é feito. Jung já fez, Freud já fez, a gente faz, isso já existe. Quer dizer, tornar visível, o invisível, já é uma coisa feita muitos anos. Agora, a limpeza tem que ser assim: tudo isso a gente já conhece, a gente já faz. Vamos limpar. Vamos limpar. Vamos ficar nas relações funcionais da imagem no tratamento. E aí eu acho que é um campo interessante.

2.4.6 Imagens do processo analítico:

Me veio assim uma imagem agora de uma paisagem, uma paisagem com uma cachoeira, uma que verte muita água, que tem um patamar, que parece um lagozinho e depois mais um outro que essa cachoeira acaba indo. Então, um patamar, uma cachoeira, forma aqui um lagozinho, desce mais um pouquinho, mais um lagozinho, desce um pouquinho. Então eu vejo o trabalho analítico como essa água, essa energia, essa cachoeira que vai fluindo, vai fluindo. Eu vejo o processo analítico como esse fluxo dessa cachoeira que eu falei, arquitetada pelas forças da vida, pela terra, pela mata, pela rocha, pela estrutura arquitetônica, essas são as forças da vida. Ai do analista que não as levar em conta. E o caminho da análise como essa cachoeira, essa água que vai penetrando todas as possibilidades, como a água, né? E indo em diferentes patamares. Só que hoje eu não vejo só o processo descendente. Eu vejo água que desce e eu vejo possibilidade de subida. Eu acho que isso ficou um pouco faltando na nossa formação. Eu acho que o processo analítico é um processo de sideralização também. Não desce só pro inconsciente. Ele sobe para as nuvens. Ele cria esse equilíbrio das forças da natureza. Mais ou menos isso.

2.5 Entrevistado 5

2.5.1 Conceito de imagem

imagem assim que é ... é como se a gente tivesse que pegar a realidade concreta e começar a divagar com ela. E aí junto com ela prá dimensões que não ficam presas, prá coisas que levam a gente prá mais amplo...

o mundo imaginal tem sempre essa idéia: sair dos aprisionamentos, sair de uma perspectiva concreta, ir para um mundo que ultrapassa conceitos de causalidade, tempo, espaço então hoje tudo para mim

que faça reflexões nesse nível eu chamaria de mundo imaginal, de mundo que vai para os padrões arquetípicos, por princípios cósmicos...

eu encontrei foi essa perspectiva assim de trabalhar simultaneamente em vários planos ao mesmo tempo. Eu sempre senti vontade de ter uma referência concreta, egóica, mas não ficar presa a uma referência. Então Jung trouxe uma conceituação que me permitia caminhar e longe, que depois assim uma visão espiritual que hoje eu carrego me trás toda essa possibilidade de um ponto de vista de ciência, objetivo, sem perder o pé dos comportamentos, da realidade concreta. Eu também tinha um pouco de receio dessa espiritualidade meio solta, meio transcendente demais.

...qual é o indicador que essa imagem está lhe fornecendo como finalidade, prá onde ela está te conduzindo, o que que é o chamado do teu processo atualmente. Então, as imagens são sempre auxiliares nesse sentido.

...eu acho que às vezes a imagem aponta algumas coisas que demorariam muito tempo prá gente captar se não tivesse uma imagem. Então, a imagem prá mim é sempre um facilitador. Ele é um caminho que reduz tempo. Sabe assim, ela é uma perspectiva que vai direto ao tema em questão. Então, como eu não interpreto, eu pego a imagem direto no que ela fornece de ... então... ela é para mim é uma abertura bem ampla assim nesse sentido.

o discurso prá mim é imagem... Ele é imagem assim quando ele aponta para dimensões que não são as que estão aqui. É imagem quando ele me faz ultrapassar o próprio fato, embora esteja falando do fato, de um concreto. Ele é imagem quando ele... quando eu sou capaz de através dele juntar passado, presente, futuro no mesmo instante. Ele é imagem quando ele me alerta sobre uma situação que ainda vai ocorrer. Então, nesse sentido, é adivinhação... então, o discurso é imagem...

2.5.2 Processo de aprendizagem de trabalho com imagem

Hillman eu acho que é uma pessoa muito importante, o Bygton eu acho uma pessoa muito importante... Olha, os que escrevem sobre Jung eu acho todos interessantes, mas eu vou te falar que me moveu mesmo, acho que o Hillman foi a personagem mais interessante que eu acho.

Nós fizemos um curso na USP, até com a Terezinha, nós tivemos um grupo onde tinha pessoas muito variadas assim desde educador físico, psicólogo, médico... e nesse grupo, nós caminhávamos em imagens e trazíamos sonhos e trazíamos... e a gente ia pesquisando no próprio campo das imagens. Essa foi uma experiência muito rica durante a pós.

Durante a graduação eu acho que foi mais conhecer, eu não conhecia Jung, então foi conhecer, foi entrar.

sonhos para mim tanto na formação com a Ione como no Bygton, foi o meu maior treino, tanto que as minhas duas teses são em sonhos. Eu acho sonho um elemento assim muito interessante. Então a partir do trabalho com o sonhos, foi indo...

Não, no contexto acadêmico. É verdade. Contexto acadêmico, eu acho na graduação... foi mais nessas formações fora que eu tive que eu vejo mais...

2.5.3 Indicações sobre a questão da imagem na formação profissional

...no acadêmico eu estou tentando fazer isso agora, umas pontes. Então por exemplo eu estou usando muito material de filmes, eu estou usando agora uns rituais na especialização. Eu gosto de fazer a partir da experiência concreta e saindo da experiência e transformando aquilo em uma possibilidade simbólica. Então, a tendência que eu tenho é não de ficar presa, por exemplo, a mitos, a lendas, esse pedaço, eu acho interessante conhecer tudo, mas eu não gosto do trabalho direto nisso. Eu jamais faria minha ponte por aí.

...a imagem abre prá gente descobrir assim a intuição, a percepção, eu acho sonhos interessantes, mas não só por eles mesmos, mas como desenvolvimento de algumas funções que naturalmente, sei lá, na escola na gente não desenvolve, na faculdade a gente não desenvolve. Então, por exemplo, eu adoraria que tivesse uma época que sonhos fossem trabalhados em escolas com as crianças, que elas pudessem desenvolver a intuição por aí. Eu já fiz alguns grupos de crianças onde a gente trabalhava assim.

...uma utilização que eu gostaria de ver a imagem sendo... a serviço assim de um desenvolvimento de funções de captação direta.

Nós estamos trabalhando em estágio, em supervisão e nós criamos uma coisa que eu chamo de reflexão. É um momento onde a gente pega situações e faz os alunos retomarem a sua própria vivência das situações... aí os alunos se desnorteiam, porque você pega os parâmetros da situação, caminha com aqueles parâmetros, tenta usar pouco essa parte de conceituação em si, a conceituação vem só como elaboração após a experiência após a vivência.

no núcleo de diagnóstico, a gente tem trabalhado assim. Então, eu acho toda essa parte de estágio, a gente tem feito tentativas de ser um estágio... por exemplo, eu trabalho em supervisão não assim só olhando caso, mas a pessoa no caso. A vida dela como está sendo alterada por aquela fala, descobrindo, por exemplo, ela faz um relato e aí eu vou... “bom, mas isso na tua vida deve estar assim”. E aí a pessoa tem que ir a sua própria vida se quiser atender o caso. Então, essa ponte entre o caso e a vida do terapeuta, é uma coisa que tem me interessado bastante. E eu não acredito mais em supervisão que se foca no caso.

...tanto as imagens dos pacientes, a forma como você imaginou uma situação que o cliente contou, então, aí eu acho que a gente tem trabalhado em supervisão bastante.

2.5.4.A inserção da imagem na prática clínica:

...Eu gosto de trabalhar imaginação, imaginar através da realidade concreta, nunca ficar na... sabe assim divagando, solto assim?

[E: Fazer essa ponte com a realidade]. Com a realidade. Aliás, a minha grande busca é sempre a ponte, sempre... é esse concreto, é a vida espiritual no dia a dia, é a noção de self na realidade concreta, bem chão. Eu não gosto muito de trabalho só intelectual, de ficar desenvolvendo isso, sabendo da onde vem.

...eu trabalho muito assim tanto no concreto... não tem muita diferença do meu dia a dia, do meu trabalho clínico, eu tenho esse interesse de ensinar as pessoas com quem eu trabalho a lidarem com as suas próprias imagens, a lidarem com as suas fantasias. Então uma das pretensões que eu tenho é que as pessoas leiam e usem as suas imagens como referenciais. Então todo trabalho eu acho é dirigido a isso, quer dizer, vem dirigido à conexões. Eu gosto muito de fazer conexões, ligações. Eu gosto de ver um pouco além da realidade. Então eu não fico muito presa aos comportamentos. Eu gosto de caminhar assim o que que é ... qual é o indicador que essa imagem está lhe fornecendo como finalidade, prá onde ela está te conduzindo, o que que é o chamado do teu processo atualmente. Então, as imagens são sempre auxiliares nesse sentido.

Não, eu não uso [recursos].

...imaginação ativa ou fazer alguns campos assim... de vez em quando, eu faço, mas eu não sou... por exemplo, eu não sou uma pessoa muito ligada às técnicas, então qualquer técnica ou caixa de areia ou... Isso tudo eu vejo assim: acho interessante tudo, mas não é uma coisa que eu lide.

Eu gosto de lidar assim com fato e a partir do fato ir caminhando, ir descobrindo aonde que ele leva. Eu gosto... eu não tenho assim nenhum desses instrumentos. Eu acho todos muito interessantes, até supervisiono gente que trabalha. Mas eu gosto de tê-los assim como referências

... não ficar numa interpretação, numa leitura: “então este é o lado seu da psique, animus”, não sei o quê, isso aí eu detesto.

Não interpreto de jeito nenhum, aliás, eu evito na maior parte das vezes isso. Também não gosto dessas associações que se faz assim do conceito: então é a alma se rebelando... Realmente eu evito.

Eu gosto de trabalhar o símbolo assim, onde ele amplia, onde ele leva coisas novas, onde ele diz assim: olha, vamos quebrar o teu... você está indo numa direção, agora vamos experimentar outra. Então, eu gosto da experiência com o símbolo, não assim de ficar lendo e interpretando.

É tudo voltado para fazer da vida uma coisa mais criativa, eu tenho bem esta perspectiva.

Eu acho que tem pessoas que tem uma facilidade com o mundo das imagens muito alta. Então a gente fala disso, é uma linguagem comum. Tem outras pessoas mais lógicas, mais racionais que se fecham muito inicialmente. Então, aí eu uso mais a imagem como referência para eu dizer coisas à pessoa do que eu forço a entrada dela nesse mundo, por exemplo.

Eu trago mais para mim, uso e traduzo numa linguagem até que ela vá se acostumando sem trabalhar diretamente com elas...

Mesmo ao relato dos sonhos... relata... mas diz assim “é uma bobagem, é o dia a dia, não vai acrescentar nada, mas se você quer saber...”; e neste “você quer saber”, eu pego, aí vou traduzindo numa linguagem para a pessoa e aí aos poucos a pessoa vai entrando. Agora, tem pessoas que são mais difíceis de a gente penetrar nesse sentido do que outras.

Eu acho que o recurso é o encontro, é a relação analítica. Eu trabalho muito do ponto de vista relacional direto. É a captação, por exemplo, assim de você captar alguma imagem, dar um indicador e aí a pessoa ver acontecer na realidade e dizer: “Da onde você tirou isso?” e aí eu traduzo do meu sonho, aí eu traduzo do significado de uma situação.

Eu acho que é um grande facilitador, mesmo captações diretas, às vezes, você tem nos seus próprios sonhos. Eu uso tudo como referente, eu uso mesmo... eu acho que elas [imagens] são... trazem muitas pistas da tua ocorrência, do que está se passando, dos cuidados com a situação.

...para mim, por exemplo, isso me vem muito através de imagens de sonhos, por exemplo. Então, muitos processos me clareiam através das imagens de sonhos, como por exemplo, às vezes, escrever textos...

...essa noção de cura ... eu acho assim que quanto melhor o indivíduo estabelecer uma relação com o seu próprio corpo e saber ler o que o indicador de um sintoma está dizendo, eu acho que ele está se curando.

...eu gosto mais da leitura simbólica. Assim, eu tenho um sintoma, eu já entro, já quero ver o sentido que ele traz e muitos sintomas se desfazem. Então agora eu acho que a cura para mim é este diálogo com o organismo, percebe? Eu acho que quanto mais o indivíduo for dialogando, mas ele entende porque aqui aquilo vem. Então, eu acho que eu trabalho por aí.

...a ampliação de consciência é você poder não ficar restrito aos parâmetros que você tem.

... a cura seria mesmo a ampliação prá mim. Seria a hora em que o indivíduo não fica preso ao sintoma, mas que ele pega o sintoma como uma porta de entrada, e aí vai, e aí descobre um monte de coisas e desfaz o próprio sintoma.

...como eu não interpreto, eu pego a imagem direto no que ela fornece de ... então... ela é para mim é uma abertura bem ampla assim nesse sentido.

...eu acho que a relação terapêutica prá mim é mais fundamental do que a ficar no fluxo de imagens, por exemplo, mas se eu alio as duas, eu acho que eu tenho uma abordagem bem global da pessoa, do processo, do que está ocorrendo entre a gente.

...eu não focaria...por exemplo... eu não ficaria até como Hillman faz... vou dizer... mais no mundo interior.

[Ficar só nos padrões arquetípicos.] ... Isso prá mim, eu acho um risco.

Falta ponte. Como eu sou muito do concreto, eu acho que mesmo essa espiritualidade que vai, que tira o indivíduo do mundo, da realidade física... eu acho arriscado.

...tenho visto muitas pessoas chegarem, depois de terem voado longe e aí a gente tem que começar um caminho e depois de um tempo, todo esse aprendizado vira uma coisa boa.

...durante um período... muitas vezes eu evito tocar muito em imagens em algumas pessoas, dependendo dos limites que uma realidade está. Eu não sou uma pessoa que vai entrando assim, eu sou muito cuidadosa com imagens.

eu acho que a imagem é interessante, é ponte, mas também ela pode te levar muito para fora.

Depende do ângulo... Exatamente. Prá ter um sentido atual. É, senão voa aí eu acho super abstrato. A espiritualidade toda, eu acho assim.

... interpretar é assim: “eu acho que...,eu penso que...”, por exemplo, eu não sou uma pessoa que fala: “eu acho que...”, eu digo o que eu vejo, a pessoa diz se concorda ou não e aí nós vamos trocando essa realidade. Eu pouco falo assim: “isso me parece que, a partir disso eu diria que”... essas coisas eu acho muito interpretativas prá minha cabeça.

Amplificação é você pegar uma situação e usar outros parâmetros mais amplos prá ler a mesma situação e ampliar a consciência nisso assim... você tem dez parâmetros, eu trago mais uns cinco que te desnorream e você começa a ver a realidade por outros pontos.

[abordagem não-interpretativa] Uma abordagem que assim fica nos fatos, ouve a fala do fato, busca o significado no fato, os referenciais no momento presente, uma leitura que também assim pega uma situação atual e “nossa, você precisa ir por aqui”. Vai longe no futuro.

...prá mim esse trabalho de amplificação e não interpretação é ver as aberturas que o processo te encaminha. E aí então, aí eu entro mesmo, arrisco. Eu gosto do trabalho assim que fica em constante ousadia. Vai indo. E aí quando a pessoa está instalada assim “não, agora mudou isso, mudou o ponto”. Aí já parte para outra.

[imaginação ativa] ...não perdendo o pé da consciência, penetrar numa imagem e explorá-la, ir adiante, fazer ela falar. Então eu acho que a mesma coisa que eu faço com os fatos...é pegar a imagem. Fazer a pessoa dialogar com essa imagem, fazer a pessoa caminhar nesse mundo e ver o que ela descobre, mas com o cuidado de não perder o pé da realidade.

E de voltar. Eu acho que por isso ela tem que ser cuidadosa no fazer, porque alguém que te garanta a referência, seria como um caminho via droga, só que situada aqui, com uma pessoa te ajudando prá você não ficar tomado ou ficar tomado dentro de uma dimensão que você possa compreender. Eu acho que o inconsciente é rico, mas ele tem que ficar ... a gente tem que ser cuidadoso com tudo isso.

E você acha que seria possível construir uma teoria mais fundamentada em imagens do que em conceitos?

2.5.5 Formulação teórica por imagens:

escrever... eu escrevo muito e a tese que eu fiz é assim por meio de sonhos. Muitos trechos da tese são sonhos.

Acho que é um desafio... Eu não ficaria presa em construir uma diferente/ porque eu acho que a gente transformaria imagem em um conceito numa hora, mas por exemplo um trabalho que eu gosto de fazer é assim pegar slides, ou pegar imagens e traduzir conceitualmente a partir do que eu vejo.

Mas eu não faria uma psicologia via só imagens.

Eu sempre gosto de ir juntando coisas.

...eu não iria via imagens, não

2.5.6 Imagens do processo analítico:

... o processo terapêutico pra mim é uma imagem de fidelidade a um chamado interno da pessoa.

Sou uma pessoa que me referencio totalmente pro processo da pessoa. Então, eu entro, penetro com ela, pego as referências e aí me guio por isso.

...eu diria que esse processo assim de descoberta, pra mim a imagem que me vem é de um detetive, sabe assim, a gente vai na busca das pistas, na busca assim dos sinais que vão te indicando. Então, muitas vezes eu me sinto assim uma lanterna na mão, nós dois juntos, entrando naquele mundo muito escuro, “nossa, tem um sinal ali, vamos!”. E vamos. Vamos fazendo esse... circulando dentro desse caminho.

...me vem uma imagem assim... acho que seria assim, a gente... duas pessoas juntas, uma lanterna na mão, descobrindo pistas num mundo concreto.

2.6 Entrevistado 6

2.6.1 Conceito de imagem:

Acho que imagem é uma forma pictórica ... é uma manifestação pictórica, né, no plano das imagens. Ela pode ser verbal, pode ser concreta, corporal. Acho que ela é um dos níveis de manifestação real

É, curativa.

Quer dizer, o que você tem ,se tem por exemplo a imagem de Freud com relação a imagem de sonho, eu sou muito focada no sonho né. Ele vai pensar no sonho como aquilo que é reprimido, aquela noção do inconsciente do reprimido, e coisa e tal, e você vai na psicologia analítica você vai ter o aspecto criativo também, o aspecto prospectivo, o aspecto da linguagem própria da alma. Aí já entra um pouco essa coisa do Hillmann da imagem ser... Eu acho que é isso o que eu entendo na verdade, mas eu não tenho outra

a imagem tem valor em si.

a imagem é a unidade primeira, primária. E oneiros em grego significa imagem. Sabe? Então o sonhar é imagem, é a produção de imagem e a imagem, ela é um todo, ela é uma melhor forma, ela é uma expressão por si própria. Ela é completa. Completa, corporal. Ela não é imagem de outra coisa. Fazer essa distinção que o Jung também faz, da percepção, né. De estar significando outra coisa, ela é fechada em si mesma. É uma inscrição própria, válida, dessa forma específica no contínuo. É dessa forma que eu enxergo imagem.

...noção sincrônica da imagem, democrática da imagem, onde todos os aspectos são igualmente importantes...

...a imagem como uma forma comunicativa válida em si própria, que você permanecer mais tempo com a imagem, em toda a sua composição, em todos os seus detalhes...

...Eu acho assim que aquela visão do Jung que a imagem é completa em si mesma e ela própria contém seus significados, eu acho que é o pressuposto válido, igualmente explorar de todas as maneiras, das várias maneiras possíveis de se observar, de se reagir, de viver, de vivenciar, de imaginar, atuando no seu sonho, a imagem no teu sonho, você então realmente se comunicar com essa alta forma de comunicação.

A imagem em si pode ser tudo, pode ser nada . 90 % dos sonhos da gente a gente esquece, uma produção de imagens fantástica e vai tudo por água abaixo, né? Agora, ela tem um efeito por si mesmo que a acaba contendo, pelo impacto. Tem uma função. Não é?

Eu acho quando a gente trabalha com imagens, a gente trabalha com o estrutural, trabalha com a essência e daí vai se revertendo as múltiplas manifestações no palco da vida. Você pega... você vê exatamente uma... a própria imagem já é um pouco esse movimento de cura, da alma, do corpo, do todo dessa pessoa.

...confio nesse significado da imagem. Uma atuação mínima com o processo de individuação.

Discurso é outro plano de expressão. A imagem é um plano de expressão, o discurso é outro plano de expressão... Eu acho que é uma produção em outro plano. Eu acho que tudo que está no discurso, tem uma imagem, tem uma imagem subjacente, entendeu? Você pode estar expressando através da imagem ou você pode estar através do discurso, né?

2.6.2 Processo de aprendizagem de trabalho com imagem:

Acho que toda a minha aproximação da imagem se deu dentro da psicologia analítica. Então eu acho que ela contribuiu em tudo. Não tem nem como destilar, porque não tenho outras referências nesse sentido.

Não, acadêmico não, de jeito nenhum. Lá você vai ter só a visão da imagem como centro do deslocamento, da deformação, noções mais freudianas...

Não. Lá não tinha. Na USP, nada. Só uma visão mais psicanalítica. De deformação, de noção de censura, mais por aí ...Favorece a uma interpretação que eu coloco...eu vejo... que interpretação é uma palavra que tem muitos significados. Eu pego mais interpretação como você relacionar com o sistema conceitual. Entendeu? Daí relaciona com toda a teoria psicanalítica, com as questões de Édipo ...relações primárias.

...em toda formação junguiana, tem que estar constantemente trabalhando com imagem, né? Com amplificação , com alguma forma de leitura simbólica...

Mas são vários autores que trabalham, nos Estados Unidos, têm muita gente que trabalha com workshops de sonhos. Na Suíça, não tinha na época em que eu estava lá. Não tinha nada quase. Hoje em dia, já tem mais... tinha só mais a questão de você trabalhar com os moldes tradicionais, eminentemente interpretativos, no setting individual, com amplificação, isso teve demais lá, teve muito...

...amplificação, agora no meu trabalho, eu fui para outro lado com a coisa de fazer grupos, com a coisa do enfoque não-interpretativo, com o foco de vivência de imagens, né, aí eu acho que eu me escorei muito mais com autores americanos do que propriamente europeus. Sei que quando eu fui, teve um congresso junguiano em 95 em Zurique, daí eu fui, daí eu vi, que mesmo no programa do Instituto Jung, essa questão já voltou, já entrou... eu trabalho muito com o conceito de imaginação corpo-ativa. Vincular a imagem com a vivência corporal, então eu vi que isto estava começando lá e mesmo que tinham muitas coisas neste sentido. Realmente eu acho que era o momento que estava mais fechado,

estava mais ortodoxo, e aí depois foi abrindo trabalho com corpo. Na minha época de formação no Instituto que foi de 78 a 81...

Eu fiz aquele curso de relaxamento que ele [Sandor] dava, de extensão cultural, com as várias técnicas de relaxamento, deu para sentir um pouco a questão do corpo. E eu fiz muito tempo de ..., na época da minha faculdade, eu fiz terapia muito tempo com uma pessoa que era cria direta dele, tinha feito análise com ele / gostava muito dele, passava muita coisa de corpo, relaxamento, massagem, trabalho mais integrado, a integração do corpo se dava.

2.6.3 Indicações sobre a questão da imagem na formação profissional:

Eu acho que você pode fazer através de vivências de imagens. Não é? Quer dizer, como instrumentalizar isso pra escola?

Você pode trabalhar como se trabalha junguianamente, a imagem em termos de amplificação. De você pegar os paralelos mitológicos, literatura, você faz uma amplificação. Uma ampliação, uma amplificação, deixa ela ressonar, soar no contexto coletivo. Daí você percebe esse aspecto arquetípico da imagem. Mas também você pode pegar a imagem, como um momento subjetivo da pessoa. Eu acho que você pode na formação, tanto trabalhar essa questão de amplificação, você vai trabalhar com imagens culturais ...culturalmente, nessa condição, mas você está pensando mais em termos da pessoa trabalhar as próprias imagens...

Eu acho que ele aprende a lidar muito com imagem na própria análise. Na própria análise, quando ele vai estar trabalhando as suas próprias /, as suas próprias imagens. Eu acho que a forma mais rica até é você trabalhar com as suas próprias imagens, você vai percebendo, o antes e o depois dessa relação prospectiva, este fator da criatividade atuando, você vai sentindo ela na pele. Eu acredito que essa seja a forma mais eficaz que a pessoa tenha uma relação viva com a imagem, perceber o símbolo vivo atuante, não simplesmente sair interpretando, sair projetando em cima das imagens dos outros.

Eu acho que é através da vivência das próprias imagens. Eu até acho que dá pra fazer grupo de vivências de sonhos, mas aí todo mundo têm que estar disposto a estar compartilhando as suas imagens. O grupo de vivência de sonhos, de certa forma, trabalhar com sonhos, imagens... é que você acaba aprendendo sobre as tuas imagens, mas também sobre o processo de imagens em si, porque você acompanha um espectador, vários outros processos de imagens e o teu próprio várias pessoas vão ajudando a você acompanhar o teu próprio. Então eu acho que fica, na tese eu até coloco isso, como um... eu acho que até que pode ser uma proposta de análise didática nesse sentido, como um instrumento eficaz para a pessoa estar aprendendo a trabalhar sonhos, imagens...

...tem que pensar se dá para conjugar com a relação do colega, de colega de trabalho, porque através de um sonho, você pode ter, você tem um mapa inteiro de uma pessoa, tem questões mais essenciais nessa pessoa. Então, tem que pensar se dá para conjugar nessa outra relação, nesse outro contexto. Agora não necessariamente as pessoas têm que fazer isso em sala de aula, se você está participando com outras pessoas ou de outros grupos é possível que se tenha essa abertura. Não é? ... Isso faria realmente a turma se conhecer profundamente.

Como uma terapia de grupo. Eu acho que a questão se coloca da mesma maneira. ...Eu acho que talvez fosse um pouquinho incestuoso...as pessoas iam entrar em um nível conhecimento um do outro que não necessariamente... talvez como optativa. ...Elas vão entrar numa vivência que não necessariamente elas querem estar compartilhando com aquelas pessoas, com aquele chato da classe, você está compartilhando com essa, essa e essa, essa não. Obrigatório é a mesma coisa que você querer tirar a roupa de todo mundo em público.

É, talvez então se fosse uma disciplina optativa e que as pessoas escolhessem também os grupos. Né? Que os grupos sejam formados de acordo com a escolha.

Tem certas pessoas frente as quais você não tem certos problemas, dificuldades, outras sim né? Outras você prefere ficar na persona e quando você está trabalhando sonhos, imagens, você está ..., você está

com a alma exposta. Então tem que garantir uma confiança para que isso possa aparecer, senão fica frio, tem que garantir o calor.

Você vê pelos títulos, depois com essa preocupação da integração. É geral essa preocupação com o integração psicofísico. É aí onde eu acho que os brasileiros têm muito a contribuir. É porque até através do Sandor que é um dos pioneiros aqui no Brasil, acho que os junguianos estão muito mais próximos desta questão corporal, menos desconectados, menos se refugiando em uma esfera mental. O Sandor contribuiu muito, senão diretamente através de cursos, através de quem fez cursos com ele o gérmen está aí, na comunidade junguiana brasileira. Essa coisa de estudar as técnicas expressivas, as pessoas estão muito mais preocupadas com a coisa da mobilização, da técnica expressiva, né... O Sandor punha a mão no corpo!. As crias do Sandor por aí, muita gente então põe a mão, vivenciam, suscitam imagens através da calatonia, dá uma olhada na imagem. Não é? Não sei se você já passou por isso.

2.6.4 A inserção da imagem na prática clínica:

Eu tenho grupo de vivência de sonhos no consultório e muitas vezes tem pessoas que são amigas, pessoas que trazem mais uma amiga, e a primeira coisa que eu coloco: e aí tudo bem você estar falando de sua intimidade, em tal tipo de grupo, com tal pessoa? E dar uma sentida nisso. Eu vejo, têm gente que eles querem, tem gente... há não essa pessoa não. Põe ela em um outro grupo, não no meu.

Tem certas pessoas frente as quais você não tem certos problemas, dificuldades, outras sim né? Outras você prefere ficar na persona e quando você está trabalhando sonhos, imagens, você está ..., você está com a alma exposta. Então tem que garantir uma confiança para que isso possa aparecer, senão fica frio, tem que garantir o calor.

É importante que as pessoas queiram, que haja essa simpatia, essa comunhão..

Com amplificação, com alguma forma de leitura simbólica...mas não é por aí que eu faço o meu trabalho. Eu acho que o terapeuta junguiano está direto trabalhando com imagens. Trabalha com os próprios sonhos, trabalha com as próprias imagens. Eu bolei os grupos de sonhos sem ter participado, por que não existia. Fui bolando como uma forma, né. Então meio que pega aqui, pega ali, pega experiência própria, pega o que foi importante, fundamental e básico, não é tão referido em autores, mas também, não é uma coisa completamente própria.

...eu trabalho muito com o conceito de imaginação corpo-ativa. Vincular a imagem com a vivência corporal...

Uma visão do setting para mim seria de atuação, entendeu, onde o terapeuta tem uma atitude de fazer certo as mobilizações, proporcionar, propiciar alguma técnica expressiva, né... para falar que o terapeuta está, está saindo de sua atitude interpretativa.

...todo processo só de leitura simbólica de amplificação, fica num plano muito mental e muito associativo e não integra. Você trabalha mais o corpo fica do mesmo jeito. Acho que uma transformação tem que ser concreta. Então ela tem que se manifestar também no concreto, na vida, noutra sensação, em outros sentimentos, senão fica aquela coisa muito desconectada que você vê muito análise, “ah! eu não entendi, agora o que eu faço com isso?” Bom então não entendeu, entendeu mas não compreendeu. Compreender é uma compreensão onde a mudança já ocorre, a coisa já é posta em prática, já é efetivada. Sei lá, o significado fica claro através da prática, através de uma execução de mudança. Depois, ele pode ser nomeado. Eu trabalho pelo outro lado, ou seja, com mais uma execução, para depois nomear. Não nomear para depois viver, o que eu vou me propor a fazer. Fica num plano muito mental.

... uma idéia de corpo-imaginação ativa... imaginação ativa onde o corpo esteja consciente e ativado, você está constantemente integrando a dimensão corporal, você não desconecta, você não fica no plano mental.

P: Seria através de imagens que vem do corpo, ou imagens que repercurtem no corpo

I: Por exemplo.

P: Ou estimular imagens através do corpo.

I: Também... Você poderia fazer essa ponte nos dois sentidos.

... eu não amplifico, ou melhor amplifico no grupo, em um momento do grupo. Tem quatro momentos, o momento do relato, o momento de fazer os trabalhos e depois os momentos de fechamento, de discussão, de fechamento, no último momento de fechamento...daí pode entrar a amplificação cultural, arquetípica, mítica, associação, mais isso quando a pessoa já teve uma resposta própria da imagem fazendo um trabalho de vivência. Entendeu?

... Já teve uma aproximação direta e depois... e assim é uma tentativa de utilizar todos os recursos. Por isso, eu não me filio a uma escola, eu acho que todos têm algo a contribuir. Então, você vê de um ângulo, você vê de outro ângulo, e você vai assim tentando compor várias maneiras de abordar. Não descarto uma leitura também. Não, isso em um segundo momento, ou melhor, num quarto momento.

...eu trabalho muito com o sonho. Eu pego como ponto de partida o sonho. Eu acho que é uma imagem mais pura. Eu acho que o trabalho é imaginativo, entendeu, mas a partir do estímulo inicial da imagem do sonho.

As pessoas relatam. Relatam suas histórias e agente vai abordando as várias....como eu pesquiso formas de trabalhar sonho, então a gente tem “n” abordagens, “n” discussões, “n” exercícios que a gente vai fazendo. Entendeu?

Estar tentando fechar o sonho, pegar enfim o sonho, né? ... Quando eu digo fechar, é porque nesse quarto momento vale tudo: vale interpretação, vale associação livre do resto do grupo, entendeu? E isso é muito enriquecedor, você tem uma vivência própria com imagem, mas você não consegue ver as formas tem certas coisas que são os outros conseguem ver e conseguem te ajudar a perceber, mas no momento em que você está compartilhando, te ajudando, sei lá, se beneficiando da percepção do grupo, você já tem uma resposta própria, você já tem um referencial, você já não tem a imagem do sonho como um grande ponto de interrogação que te deixa completamente aberto a projeção do outro. Então você já pode, estar munido de certas vivências para poder estar estabelecendo um diálogo dentro do grupo, senão você fica muito a mercê, que é uma grande incógnita o sonho você fica muito a mercê da projeção dos outros.

Através da primeira parte dos trabalhos, você já tem respostas para você realmente efetivamente estabelecer um diálogo com o outro e não ser um captador de projeção do outro a partir de seus próprios pontos cegos.

Eu acho... que com esse meu trabalho e com várias técnicas, trabalho com sonhos, grupos de vivências, eu começo a discriminar certo tipo de sonho que seria mais facilmente abordado por certo tipo de técnica e outro, um certo tipo de pessoa que responde melhor a essa, você vai começando a discriminar isso, só que eu acho que prá mim ainda está mais no plano intuitivo isso, entendeu? Mais do que eu poder falar: tal personalidade tarará, tarará, porque eu percebo que certas incursões que algumas pessoas fazem naturalmente, porque é o natural delas e outras nem quando você dá instruções, elas não fazem, entendeu? É você propor uma imaginação corpo ativa e a pessoa continua mental do mesmo jeito, você propor uma abordagem interpretativa e a pessoa não consegue se desvincular dessa tendência interpretativa do ego dela, aquela coisa treinada. Ela nem consegue sair disso as vezes, Então eu não consigo colocar isso, tal personalidade... aí eu acho que eu funciono muito mais pela intuição, né? Que trabalho que eu vou propor, vai depender da rodada de sonhos que está rolando, que está rolando, então eu acho que mais isso ou mais aquilo, entendeu? Não tem uma sistematização, tal pessoa de tal tipologia, de tal tipo.

Ela pode ter uma dificuldade, mas por outro lado, é lá que vai se manifestar o mundo criativo, quando ela consegue sair dessa esfera e poder fazer uma integração mais holística né? Mais global né? Mais rica.

... como ela também pode se assustar um pouco, porque alguns aspectos são meio mobilizadores, também, né? Ela pode até refrear.

Nesta perspectiva de imagem que eu acho importante, é que você realmente está pegando todos os aspectos / você pegar essa noção sincrônica da imagem, democrática da imagem, onde todos os aspectos são igualmente importantes, Você realmente pegar ela em todo o seu contexto físico, não só no contexto da existência em si, no sentido como é o tradicional, de você pegar o contexto de vida, o contexto de passagens de vida das pessoas, contexto cultural,...neste sentido você pega a imagem como uma forma comunicativa válida em si própria, que você permanecer mais tempo com a imagem, em toda a sua composição, em todos os seus detalhes é possível você sair interpretando, sair fazendo um vínculo com situações da tua vida, entendeu? Eu acho assim que aquela visão do Jung que a imagem é completa em si mesma e ela própria contém seus significados, eu acho que é o pressuposto válido, igualmente explorar de todas as maneiras, das várias maneiras possíveis de se observar, de se reagir, de viver, de vivenciar, de imaginar, atuando no seu sonho, a imagem no teu sonho, você então realmente se comunicar com essa alta forma de comunicação. Aí você vê, entra elementos de todo o mundo / “be friend”, se tornar amigo.

Não tem o importante, decorrente, tudo é parte, integrante, tudo é igual, então nada é absoluto, a minha tese é que para você realmente fazer uma interpretação, uma boa interpretação ela tem que ser coerente com todos os aspectos da imagem, você tem que respeitar essa coerência interna nos sonhos, e na verdade você só vai ter isso quando você entende os sonhos, na hora que você compreendeu, na hora que você perceber que tudo é importante significativo na composição do todo, aí você pode falar que captou, né? Mas desde que você percebe essa coerência que permeia, você tem ordenação mais profunda do self se manifestando. Aí você capta, daí também algo já se fez, algo já se transformou, já não é mais a mesma coisa, nem a imagem do sonho... já é outra coisa, daí você já entra um pouco na comunicação / Isso não exclui outras leituras, outras interpretações, não exclui porque é a noção do símbolo de Jung.. uma expressão. Então nunca ..., ele mesmo fala, se você exaure o símbolo, morreu, né? Matou o símbolo, né? Ele já não está mais prenhe de significado no limite da ação, na ação, não é mais / da psique, um instrumento de síntese, né, diante da vida da pessoa.

A contratransferência está sempre presente, tanto transferência quanto a contratransferência está sempre presente, o próprio Jung falava disso. Você tem o quatérnio, um sistema de comunicação inconsciente...um dos capítulos da minha tese chama “Sincronicidade como fator de coesão grupal”, o que acontece de sincronicidade nos grupos é uma coisa muito grande, mesmo todo mundo sonhar com o mesmo tema de repente... Mesmo um grupo que nunca se encontrou, todo mundo já vem através de uma entrevista prévia, seja pessoal ou por telefone, sabendo que vai discutir um sonho, todo mundo escolhe um sonho com a mesma temática... você percebe o símbolo grupal atuando. Eu acho que a transferência quanto a contratransferência está sempre atuante.

[Você pode tomar consciência dela através de uma imagem?]

Ah, tranquilo. De uma imagem, sentimento, emoção, sensação, através de tudo, idéia, tudo.

... Sensação corporal. Agora o problema que você não necessariamente ...eu não me preocupo em interpretar contratransferência em termos freudianos. Você entendeu? Eu vejo a contratransferência como a mobilização daquilo que está dissociado, daquilo que está inconsciente e que pode ser captado pelo outro. Mas isso não quer dizer... porque muitas vezes você fala de contratransferência, você já está pensando em todo um aparato, em toda uma explicação, em toda essa coisa que você está falando diretiva, de ver como... não precisa interpretar por aí, ela sempre lá, está ela está viva aqui agora em qualquer situação, está sempre... está tudo em mistura.

Ampliação [da consciência], né? Acho que uma está a serviço da outra. Não acha? Uma a serviço da outra.

...depende o que você entende por consciência, que ampliação de consciência é essa? Se a gente ficar no plano mental já não acredito que ela esteja vinculada a cura, mas se você pegar a consciência como mais ampla, consciência integrada, integral, integrada, em toda a realidade, daí eu acho que ela está acoplada, associada com tudo...

...quando você cura a dissociação, você amplia a consciência quando você amplia a consciência através de você perceber o que está inconsciente, reprimido e dissociado, uma coisa dá mão pra outra. Entende? ... eu não trabalho muito com o conceito de cura. Daí você está dentro de um modelo médico que fecha uma coisa com doença, talvez seja uma expressão de um momento de vida, não é? Eu acho

que muda um pouco a perspectiva, sabe? O que é cura, doença... doença faz parte da vida. Quando você está nesse modelo médico, as vezes doença é um diálogo que tem que ser lembrado, não é?

Se você pode pegar uma imagem que acompanha uma doença... Você pode pegar só a doença, esse foco e realmente perceber tendências curativas ou perceber na imagem, tanto o diagnóstico, como o prognóstico, como o caminho da cura. Você pode pegar uma imagem que explique. Você está partindo de uma doença, ou você pode muitas vezes o que acontece no grupo muito, é que a pessoa não está nem sabendo, não está relacionando com o aspecto de alguma, de alguma disfunção. E a coisa está manifestando na imagem e através da imagem, ela chega a sua disfunção. Às vezes, até física, às vezes até corporal. A imagem é que está falando isso. Apesar da pessoa estar meio desconectada disso.

P: Viria através da imagem?

I: Viria através da imagem.

P: Ou a própria doença pode ser uma imagem, uma configuração desta...

I: Pode ser uma imagem. Isso.

P: ..o próprio processo da pessoa...

se você consegue trabalhar num outro plano, essa configuração, possa talvez, essa configuração possa liberar um pouco os aspectos de expressão corporal, Não é? Isso que é ampliação da consciência e aí você pode dizer cura, não é? As coisas andam meio de mãos dadas assim...

eu acho que tem essa coisa melindrosa, de qual o valor que se dá pra imagem? Eu acho muito do que você faz com a imagem tem a ver com o valor você dá pra ela, por exemplo quem é racional, super racional, e acha que isso não está com nada...

Agora quanto aquilo que você vê e trabalha através da imagem, aquilo que é ou aquilo que você falou / você nunca vai saber direito. Se você dá esse crédito a imagem, você já deu o crédito se a pessoa lhe dá um copo de leite para você beber e falar que esse leite é bárbaro e vai lhe ajudar a você sentir melhor, você vai ficar jóia com ele, as vitaminas vão entrenhar os teus ossos, o teu sangue, você vai ficar dez, quer dizer, é diferente de um copo de leite servido... toma aí, vai matar a tua sede rápido. Então é o debruçar religioso de religar-se a uma questão, né. Se eu falo que as imagens não estão com nada, ah, eu não trabalho com sonhos, então você não pode dizer nada. Eu acho que tem muito isso. Interação. Tem a ver com a interação que a gente tem com a imagem.

Mesmo se você não interpretar, não trabalhar ou você pode potencializar como manifestação de um aspecto, mas você pode potencializar, trabalhar em cima e chegar mais longe ainda, que você poderia fazer também com outros conteúdos. Acho que você tendo a imagem, você vai ter... poder estar trabalhando com as situações de vida, aonde essas imagens são dramatizadas, como elas são configuradas na vida da pessoa.

Mas o fato de você levar isso a sério se torna, se é, não sei, se torna... É a relação que se estabelece. Porque se a pessoa não dá bola nenhuma e julga tão descartável, vai realmente ser descartável, ela não vai fazer nada com aquilo, entendeu? ...Em análise, é a mesma coisa. Você não dá bola e daí a medida em que isso é solicitado, é estimulado e a pessoa tem o que fazer com isso, tem pra que a coisa... é conferido o significado, a coisa começa a acontecer, a coisa começa a adquirir significado, mesmo a coisa que antes a vida toda nunca teve significado, é a mesma coisa que conferir, né? Eu acho que é outra relação que a gente estabelece.

[processo de individuação?]

Você confere isso na imagem ou não. Entendeu? É a relação que você estabelece, quer dizer, olha sobre este prisma, você vai ver os elementos, olha sobre o prisma dos elementos psíquicos você vai ver elementos psíquicos, olha sobre o prisma construtivo, você vai ver sobre este prisma. Se você olha com o prisma do sonhos, tanto do ponto de vista prospectivo, você vai conseguir ver. Olha sobre o ponto de vista da conjunção do princípio arquetípico, você vai ver isso. Se você olha como lixo você vai ver nada.

...eu entendo por interpretação, você fazer uma ponte..., quando você interpreta, você vai estar buscando um sentido mediado, não intermediado, não imediado, você intermedeia ou com um sistema teórico, ou com idéias ou com a vida da pessoa ou, sei lá, um sonho de realização do desejo ou sonho

de compensação, então você vai estar fazendo essa ponte numa coisa que se... de um fato que se manifesta imediatamente com todo um outro conhecimento, com uma idéia. Então pra mim é isso que realmente tem importância. Isso não quer dizer que os teóricos acham, tem gente que diz que nem existe não-interpretação. Eu acho que realmente não existe não-interpretação da maneira como a gente relaciona é sempre interpretativa, é sempre pessoal, subjetiva ou ... , a gente sempre vê a interpretação dos fatos, não é? Mas você pode fomentar mais uma atitude interpretativa ou você pode fomentar menos uma atitude interpretativa. E eu tendo a trabalhar mais uma ... , principalmente nos grupos, uma abordagem não-interpretativa, você vai vivendo, o contato imediato, né? Não uma interpretação via significado, você relacionar com o sistema de significados, né, você relaciona com o complexo de Édipo, né, você relaciona com algumas idéias, ou com um sistema ou outro...

Olha amplificação em termos junguianos eu entendo exatamente você deixar ecoar uma imagem, você deixar ela ressoar num âmbito mais amplo, então você trás paralelo da onde que ela ecoa, paralelos mitológicos, dos contos de fada, ou de outras... de outros modelos de desenvolvimento arquetípico, né? Então isso seria uma amplificação que é também uma associação, de certa forma até uma associação, só que ao invés de você fazer uma associação no plano pessoal, você faz uma associação no plano coletivo da área mitológica, da área da história, da religião, com outras imagens, é uma coisa associativa também, né?

Você pode amplificar a imagem no próprio grupo. O próprio grupo é um amplificador da imagem... a imagem ressoa e ecoa em todo mundo. Eu acho assim... eu acho que a coisa está indo bem, quando uma bate com a outra. Quando é uma amplificação pessoal e de grupo, inerente ao grupo, confere com a amplificação arquetípica, cultural. Eu acho que as coisas estão indo na direção correta, da compreensão daquele caso que aconteceu. Então eu acho que a amplificação cultural é pertinente, importantíssima, é uma ferramenta aberta e útil. Ela é ótima, num quarto momento ela é ótima.

Mas o quarto, é um fechamento, é a totalidade. É fechar. É realmente tentar compor um todo. Não descarto interpretação, aliás, adoro interpretar, a coisa mais gostosa... masturbação mental então, é uma delícia, né? Só que aí a gente tem que ter mais um pouco de cuidado. Pra num forçar alguma coisa, ficar numa brincadeira mental.

...a imaginação ativa... o que eu entendo, é um conceito junguiano de imaginação ativa, né, você... sei lá... uma produção de imagens a partir de um estímulo, seja uma sonho, seja alguma outra imagem, você ter uma produção de imagens, de afetos se transformando em imagens... dessa maneira você dá livre expressão para essa produção de imagens, né? É isso, eu utilizo num sentido assim, da forma mais pura, da forma mais composta, da forma da imaginação corpo ativa, entendeu? Eu acho que a imaginação ativa... ela é muito propiciadora da função transcendente, né?... Eu acho que eu uso muito, senão numa forma pura ou numa forma composta, um exercício de imaginação.

Se você usar uma coisa mais metafórica, você se pautando numa imagem pra estar inclusive fazendo uma interpretação, ou às vezes construir o teu próprio discurso enquanto analista... Você começa a ter uma linguagem mais fantasiosa, né? Mais metafórica. Eu acho que sim.

acho que a distinção que se pode fazer entre fantasia, fantasiar e imaginação ativa, já tentou fazer esta distinção? Você concorda, né? Numa você tem um processo passivo de expressão, fantasias e já na imaginação ativa, você já tem sempre essa coisa da relação confronto, né? Ou de você... enquanto a imaginação ativa está ou não está carregada de desejo, o quanto ela está / é que nem você falar em intuição, né. Tem-se falado muito em intuição, o que é intuição? / não tem nada de intuição, você sabe uma coisa que tem... limpando e destilando o canal de percepção, acho que a imaginação também tem isso, a imaginação ativa também tem isso, você realmente limpando um canal de comunicação profunda onde ele vem turvado, sabe... turvado pelas emoções, pelas empatias, pelas antipatias e daí a coisa fica mais como expressão desse emocional.

2.6.5 Formulação teórica por imagens:

Acho que você está trabalhando num plano mais vivo, mas ao mesmo tempo eu percebo as conceituações junguianas mais como símbolos do que como conceitos e isso acho que constitui uma super riqueza do Jung. Quando ele vai falar de anima, de animus, não é um conceito, é um símbolo,

né? A melhor expressão de uma coisa que está além do mais em evolução, certo? Não é fechado. Não é sinal para alguma coisa assim, um sinal pra dizer alguma coisa. É uma denominação de uma série de fatos e fatores e de realidades vivas, na alma, na psique, na alma de uma mulher, do homem, que possa se expressar dessa maneira, daquela maneira, que sofre influência histórica, que está de certa forma em evolução, em transformação. Isso é anima. Isso é animus. Não é um conceito no sentido de ser uma denominação, que realmente, né... uma abstração. Quer dizer, prá mim, o Jung se move já no plano das imagens, já se move num plano mais próximo à realidade, não por meio de abstrações. Eu não sei se você sente desta maneira? Eu acho que Jung já faz isso. Ele trabalha através de imagens, não é? Uma aproximação de linguagens: linguagem abstrata com linguagem de imagens.

O conceito acho estaria tirando um pouco o aspecto do mito. Mas ao mesmo tempo o conceito é uma abstração pura que de certa forma limpa um pouco. Sei lá, ela é menos real, ela limpa um pouco das impurezas da imagem, da subjetividade da imagem, mas ao mesmo tempo ela marca, ela resseca, ela resseca, ela não fala com a alma, ela fala mental. Neste sentido a imagem está uma oitava a baixo, está num outro plano, fala mais próxima da alma, da realidade da alma, não é? Você está propondo fazer uma ciência no plano da imagem, eu acho que Jung já faz isso, você não acha? Eu acho que muita gente entende Jung como conceito. Muita gente entende o Jung mais no plano de imagens.

ele vai escapando cada vez mais, ele vai saindo, para poder delimitar um pouco o que ele vai percebendo ele vai usando cada vez mais a amplificação, a referência à imagem. Eu acho que isso às vezes, é mal interpretado... Por uma ciência positivista, racionalista, que acaba não dando valor científico e se preza por não... a submissão ao que é a natureza da psique. Eu acho que o Jung respeita, tenta respeitar

Você acha que ele respeita, acho que ele não só respeita, mas ele consegue conceituar isso, consegue falar disso, tem uma passagem muito bonita quando ele fala dessa perda do símbolo, se você não tem essa relação com o símbolo, você perde o significado da vida, o sentido de vida, ele fala de uma maneira muito bonita, ele consegue fazer essa integração, ele consegue transitar nessas várias formas de expressão, para estar justificando a imagem, buscando a realidade em si, sem cair numa metade, numa coisa mais mental. E acho que aí Jung é um gênio, sabe, se colocar e não ficar viajando na maionese, fazer constantemente essa ponte, estar explicando, raciocinando sobre isso refletindo sobre isso, não é, eu acho que isto ele faz de uma forma muito legal.

2.6.6 Imagens do processo analítico:

Num processo analítico ele vai trabalhar com tantas situações em vida que eu acho que cada situação de vida, que cada momento dele, tem uma... várias imagens do processo analítico. Uma que me vem é a formação de pérola...

Formação de pérola. A transformação de feridas em coisas preciosas, né / mas a ela não é em todos os momentos, entende? Mas ela é em muitos momentos. Acho que esta predomina. O processo analítico trabalha em cima dos nós, das dificuldades, da dor, das feridas então eu acho que essa é bem aplicada.